JERUSALÉM

Um Cálice de Tontear

As Profecias Sobre a Cidade Santa

Dave Hunt

A paginação original foi respeitada, assim como todas as demais informações do livro, a fim de que o leitor/estudante possa utilizar este trabalho como uma referência segura.

Para melhor manuseio da obra, as referências bibliográficas foram colocadas nos rodapés das próprias páginas a que pertencem em vez de permanecerem no final de cada capítulo como na estrutura original.

O livro segue na íntegra, com as propagandas e páginas em branco, para a apreciação de todos e todas.

Boa leitura!

jocabilis@yahoo.com.br

JERUSALÉM

Um Cálice de Tontear

As Profecias Sobre a Cidade Santa

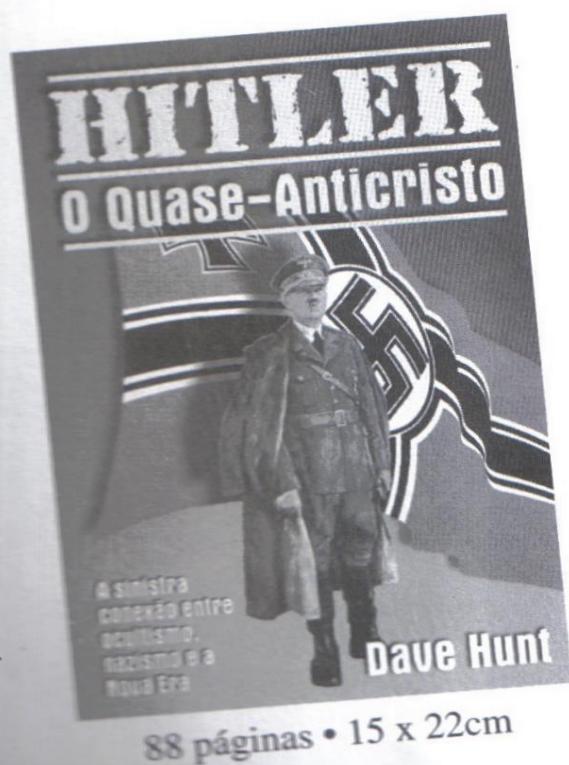
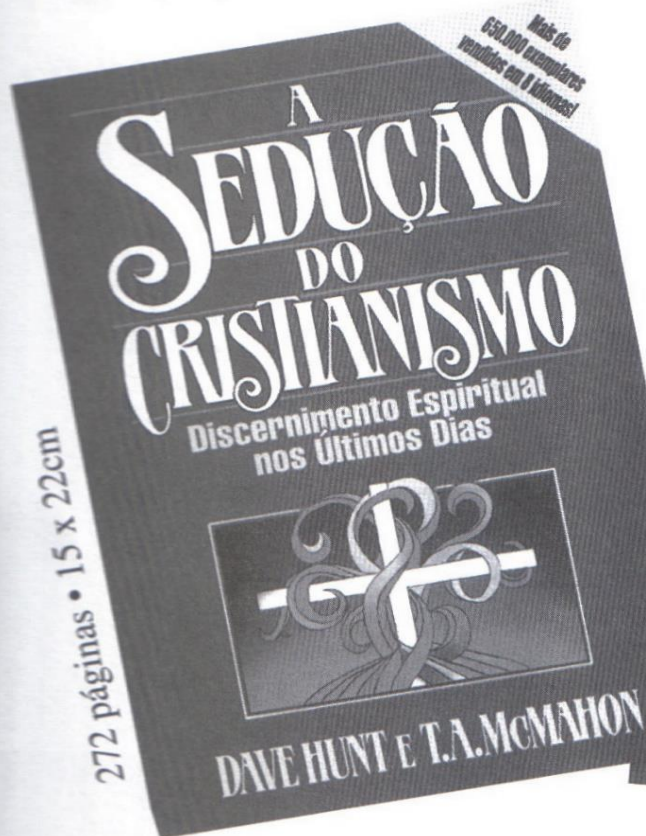
Dave Hunt

Conheça outros livros de Dave Hunt

272 páginas • 15 x 22cm

308 páginas • 15 x 22cm

88 páginas • 15 x 22cm

320 páginas • 15 x 22cm

JERUSALÉM

Um Cálice de Tontear

As Profecias Sobre a Cidade Santa

Dave Hunt

ACTUAL EDIÇÕES
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • mail@chamada.com.br
Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL

Traduzido do original em inglês:
"A Cup of Trembling"

Publicado por Harvest House Publishers
Eugene, Oregon 97402
EUA

Tradução: Carlos Osvaldo Pinto
Revisão: Ingo Haake
Joyce de Lima Silva
Capa: Émerson Hoffmann
Layout: Ricardo M. Rempel

R. Erechim, 978 – B. Nonoai
90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fones: (51) 3241-5050 – FAX: (51) 3249-7385
www.chamada.com.br – mail@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

H939j

Hunt, Dave, 1926-
Jerusalém : um cálice de tontear / Dave Hunt ; [tradução: Carlos Osvaldo Pinto]. - Porto Alegre : Actual , 1999.
440p. ; 15x22cm.

ISBN 85-87278-07-X
Tradução de: A cup of trembling

1. Bíblia - Profecias - Jerusalém. 2. Jerusalém na Bíblia. 3. Jerusalém - Miscelânea. I. Título.

CDD-220.15

Índice

1. Jerusalém, Cidade do Nosso Deus 7
2. Terra da Promessa 21
3. A Cidade de Davi 39
4. A Terra Santa 53
5. Conflito e Amargura 73
6. Profecia se Torna História 91
7. A Luta Para Sobreviver 109
8. Um Povo *Escolhido*? 127
9. O Mistério do Anti-Semitismo 139
10. A "Solução Final" 161
11. O Islã e o Terrorismo 183
12. A Bíblia ou o Corão? 207
13. Alá ou Yahweh? 223
14. Altares, Templos e Uma Cruz 241
15. Paz, Paz... 265
16. Um Cálice de Tontear 283
17. Cristãos a Favor – e Contra – Israel 305
18. O Anticristo e o Templo Reconstruído 323
19. Onde Estão os Alienígenas? 347
20. Traição e Armagedom! 365
21. "Todo o Israel Será Salvo" 383
22. A Nova Jerusalém 401
Notas 423

Mas escolhi Jerusalém para que ali seja estabelecido o meu nome... Porque escolhi e santifiquei esta casa [o Templo], para que nela esteja o meu nome perpetuamente... Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, porei o meu nome para sempre.

— 2 Crônicas 6.6; 7.16; 33.7

Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado na cidade do nosso Deus... Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra; o monte Sião... a cidade do grande Rei... Deus a estabelece para sempre.

— Salmo 48.1-2,8

O Senhor te repreende, ó Satanás; sim, o Senhor que escolheu Jerusalém te repreende; não é este um tição tirado do fogo?

— Zacarias 3.2

Pois o Senhor escolheu a Sião, preferiu-a por sua morada.

— Salmo 132.13

Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita.

— Salmo 137.5

1

Jerusalém, Cidade do Nosso Deus

Há cidades no mundo atual que são reconhecidas por sua localização estratégica, seu grande tamanho, seu clima e recursos naturais, ou seu potencial e sua capacidade industrial e manufatureira. Jerusalém não tem nenhuma dessas vantagens para recomendá-la. Mas não existe outra cidade no mundo que seja mais conhecida e mais amada por tantas pessoas de nacionalidades e crenças diversas. E, certamente, não existe outra cidade de maior importância para a paz mundial.

Não é necessário discutir que a paz do mundo depende da paz de Jerusalém. Esse incrível fato é reconhecido pelas Nações Unidas, pois o maior esforço é feito por seus membros para encontrar alguma maneira de alcançar uma paz justa e duradoura entre árabes e judeus na Palestina - e um progresso significativo foi aparentemente feito. Até hoje, no entanto, a questão de Jerusalém ainda pende na balança e será o fator decisivo. Jerusalém é, na realidade, única entre as cidades mundiais tanto em

relação à sua história como ao seu impacto presente e futuro no resto do mundo.

Única? Sim, sem dúvida essa cidade desgastada pelo tempo se mantém solitária, numa categoria própria. Ao contrário de qualquer outro lugar na terra, Jerusalém sozinha é isolada e seu papel notável no destino mundial (muito evidente hoje) está expresso claramente através da Bíblia tanto nos registros históricos como nas afirmações proféticas. As citações proféticas no início deste capítulo são poucas entre as 811 vezes que Jerusalém é mencionada nas Escrituras.

Uma Explicação Absurda?

Essa miríade de referências oferece uma explicação aparentemente absurda para a posição surpreendente de Jerusalém no cenário mundial de hoje, uma posição que jamais poderia ser de qualquer outra cidade e que até a maioria dos atuais habitantes de Jerusalém não acredita pertencer a ela. Como é que aquela que deveria ser apenas mais uma cidade aparentemente comum (ou até mesmo obscura) do Oriente Médio poderia alcançar tal posição? Se palavras têm algum significado, os profetas bíblicos declaram inequivocamente e com voz ressoante, século após século, que Jerusalém é "a cidade de nosso Deus", escolhida por Ele para desempenhar um papel especial no destino humano. Desafiamos o leitor a encontrar qualquer outra justificativa para a singularidade de Jerusalém.

Tal afirmação é geralmente rejeitada de modo sumário hoje em dia, e por várias razões. Existem aqueles que desconsideram qualquer crença em Deus e que ridicularizam a Bíblia como sendo uma coleção de mitos. Quão irônico que uma alta porcentagem dos habitantes daquela que a Bíblia designa como "a cidade do nosso Deus" aleguem ser ateus! Como tais, porém, eles não podem negar o papel extraordinário de Jerusalém nos assuntos mundiais nem podem apresentar uma teoria para explicá-la.

Outras pessoas, enquanto alegam algum interesse religioso e tolerância, são todavia cautelosas em levar a Bíblia "muito ao pé da letra". E até mesmo os literalistas, às vezes, discordam entre si a respeito do que as passagens proféticas da Bíblia realmente significam. Para aumentar a confusão, um grande número de evangélicos está aceitando a antiga opinião católica de que a Igreja substi-

tuiu os judeus como povo de Deus. O Estado de Israel é, portanto, visto por muitos como uma criação ilegítima de um sionismo mal direcionado e irritantemente zeloso que teve sorte no momento exato na história.

A maioria dos judeus de hoje considera a existência de Israel como resultado de sorte fortuita combinada com sangue, suor, e lágrimas ao invés do cumprimento de profecia (na qual quase ninguém mais acredita). Para os árabes, é claro, a sugestão de que Deus prometera a Palestina aos judeus e está agora cumprindo essa promessa é absurda. Para os muçulmanos fundamentalistas isso é blasfêmia. Apesar das palavras Palestina e Canaã não aparecerem no Corão, o Islã ensina que essa terra não pertence aos judeus, mas aos árabes. Por isso a própria existência de Israel e, acima de tudo, o seu controle sobre Jerusalém são insultos intoleráveis ao Islã. Somente com a expulsão dos judeus da Palestina é que a honra árabe pode ser restaurada.

Porém, apesar dos árduos esforços militares dos árabes, utilizando a superioridade numérica impressionante de força humana e de máquinas, e contando com o apoio da ex-União Soviética, a pequena nação de Israel não só sobreviveu, mas na verdade tem se tornado cada vez mais forte. A superioridade da máquina bélica israelita é um fato fascinante e bem estabelecido que acabou forçando os árabes a negociar. E não importa a objeção que os céticos façam, o fato de que (precisamente como a Bíblia previu) a paz do mundo inteiro está ligada ao futuro de Jerusalém não pode ser negado. Tampouco existe uma explicação razoável ou uma refutação lógica dessa situação realmente inconcebível.

Um Racionalismo Religioso?

Alguns céticos têm proposto, como uma justificação puramente racional, a atração espiritual irresistível que essa "Cidade Santa" exerce sobre metade da população mundial. Ela é venerada por cerca de 1 bilhão de muçulmanos, 1 bilhão de católicos romanos, 400 milhões de devotos ortodoxos, e 400 milhões de protestantes. Mas o fato em si apenas cria mais dúvidas e aprofunda o mistério do caráter surpreendente de Jerusalém.

Por exemplo, Jerusalém não é mencionada sequer uma vez no Corão - uma omissão um tanto gritante se ela é mesmo tão sagrada

para o Islã como os muçulmanos de hoje creem. Houve até mesmo uma tentativa frustrada no início do Islã (por razões comerciais) de fazê-la o centro da adoração muçulmana, mas essa tentativa foi rapidamente rejeitada pelo mundo muçulmano. O historiador Will Durant escreve:

> Em 684, quando o rebelde Abdullah ibn Zobeir controlou Meca e recebeu os impostos de seus peregrinos, Abd-al-Malik, ansioso por atrair um pouco dessa renda sagrada, decretou que a partir de então essa rocha [onde Abraão havia oferecido Isaque e o templo havia se situado em Jerusalém] deveria substituir a Caaba [em Meca] como o objeto da peregrinação sagrada. Sobre aquela rocha histórica seus artesãos ergueram [em 691] no estilo sírio-bizantino o famoso "Domo da Rocha", que logo passou a ocupar o terceiro lugar entre as "quatro maravilhas do mundo muçulmano..."
>
> O plano de Abd-al-Malik de fazer esse monumento substituir a Caaba fracassou; se tivesse tido sucesso, Jerusalém teria sido o centro de todas as três religiões que competiram pela alma do homem medieval. Mas Jerusalém não era nem a capital da província da Palestina [sob os árabes]...[1]

Durante os séculos em que Jerusalém esteve sob completo controle árabe, nenhum governador árabe ou líder islâmico jamais a fez o objeto da peregrinação religiosa - novamente uma estranha indiferença pela cidade que agora é considerada o terceiro local religioso mais sagrado no Islã, depois de Meca e Medina. Nós somos confrontados com uma questão óbvia: como e por que o status de Jerusalém mudou tão dramaticamente nos tempos modernos? O fato da enorme rocha achatada dentro do Domo ter sido o local do sacrifício de Isaque por Abraão e também do Templo não foi o suficiente para mover a alma muçulmana. Ela tinha que ser o cenário de um mito associado com Maomé para estimular tal sentimento.

Uma Incoerência Muçulmana

A importância de Jerusalém na concepção popular dos muçulmanos de hoje é derivada da crença de que dentro do Domo na Rocha fica o local sagrado de onde Maomé supostamente subiu ao céu. Essa tradição, no entanto, apesar de agora estar firmemente es-

[1] Will Durant, The Story of Civilization: The Age of Faith (Simon and Schuster, 1950), Vol. IV, p. 229.

tabelecida na mente muçulmana, é de origem recente. Ela é, na verdade, uma fantasia inventada pelo tio de Yasser Arafat, Haj Amin el-Husseini, antigo Grão-Mufti de Jerusalém. Ele promoveu esse mito nas décadas de 1920 e 1930 para incitar o sentimento árabe contra a crescente presença judaica em Jerusalém e para justificar a localização do Domo da Rocha no local do Templo.

É evidente que tal ideia não era a verdadeira razão para a construção desse monumento ao Islã por Abd-al-Malik em 691, pelo fato de que o único verso do Corão (Sura 17:1) que faz alusão a esse suposto evento, como é afirmado agora, não é encontrado entre os versos do Corão que estão inscritos dentro do Domo. A ausência dessa passagem-chave do Corão explica tudo. Obviamente a interpretação agora dada a esse verso era desconhecida antigamente, e com boa razão. O fato é que qualquer leitura normal do verso, utilizando o significado normal das palavras, é incapaz de sugerir a tradição de Maomé ter visitado aquele local e de lá ter sido levado para o céu. O Corão não diz nada disso, mas sua simples afirmação foi distorcida e se tornou uma tradição islâmica atualmente aceita. Aqui está o verso:

> Glorificado seja Ele que carregou Seu servo à noite do Inviolável Lugar de Adoração para o Lugar Distante [al-Aqsa] de Adoração, cuja vizinhança Nós abençoamos, para que Nós apresentemos a ele Nossas ofertas! Eis que Ele, e só Ele, é Quem ouve, e Quem vê.

O comentário que o acompanha diz que o "Inviolável Lugar de Adoração" é Meca e que o "Lugar Distante de Adoração" é Jerusalém. O primeiro é, com certeza, verdade, porque Meca desfrutou dessa posição desde o princípio. O outro, porém, não tem fundamento porque Jerusalém nunca havia sido cenário de adoração islâmica até essa época, nem o seria pelos próximos séculos. Como já notamos, Jerusalém não é mencionada pelo nome no Corão, nem nesse verso nem em qualquer outro lugar. Então, como poderia ser um lugar de oração para o muçulmano que nunca foi direcionado a ela?

Obviamente, o magnífico Domo na Rocha foi erguido naquele local em particular não somente numa tentativa de Abd-al-Malik de obter recursos potencialmente vastos dos peregrinos, mas também para impedir que os judeus algum dia reconstruíssem o Templo. Sem dúvida pensou-se que, sem aquela estrutura sagrada, os

judeus não teriam razão para se reunirem novamente em Jerusalém. Assim, há mais de um milênio, estava pronto o cenário para um conflito futuro que hoje ameaça a todos nós com uma Terceira Guerra Mundial - uma guerra por causa de Jerusalém, uma guerra da qual a Terra provavelmente jamais se recuperará. Teremos muito mais a dizer sobre esse assunto em capítulos subsequentes.

Internacionalização de Jerusalém

O fato de Jerusalém ser singular é atestado ainda mais porque a maioria das nações do mundo de hoje quer que ela esteja sob controle internacional. O Vaticano até exigiu a internacionalização de Jerusalém durante o debate da ONU em 1947 a respeito da divisão da Palestina. Nenhum desejo semelhante é expresso ou sequer faz sentido para outras cidades, então por que seria imposto a Jerusalém? Isso não é razoável e não tem precedente. No entanto, até agora as nações do mundo concordam entre si que Jerusalém não pode ser a capital de Israel, apesar de Israel ter designado e situado seu Knesset (Parlamento) ali em 1980. O resto do mundo já ditou a uma nação onde ela poderia ou não estabelecer sua capital? Então, por que o fazem a Israel? Certamente governos seculares não creem no que a Bíblia diz sobre Jerusalém, então porque eles consideram essa pequena e isolada cidade do Oriente Médio tão especial?

Para termos uma comparação, considere o caso da Alemanha Oriental. Quando aquele país derrotado, desafiando o acordo de Potsdam, designou Berlim Oriental como sua capital, as nações consentiram imediatamente sem qualquer murmúrio de protesto. Não com Jerusalém. Não há nenhum acordo internacional que dê a outras nações qualquer controle de Jerusalém. Porém ela é tratada como se pertencesse não a Israel, mas ao resto do mundo.

Na verdade, as maiores potências do mundo, no que aparentemente é um acordo não-escrito entre elas, determinaram que um dia Jerusalém será um centro mundial de "paz" sob controle internacional. Não é coincidência que o Vaticano teve um papel principal nesse programa e recentemente alcançou o favor de Israel para buscar esse estranho propósito. O fato de Jerusalém ser a chave da paz mundial é óbvio demais para ser discutido. Mas o fato de que Jerusalém, dentre todas as cidades do mundo, desempenhe tal papel não faz sentido, a não ser que se aceite o que a Bíblia diz sobre ela.

Como outras nações, os Estados Unidos, apesar de terem apoiado Israel, no entanto colocaram sua embaixada não em Jerusalém mas em Tel Aviv, ao contrário dos desejos de Israel. Até a mídia mundial acompanha essa negação aberta a Israel de dirigir seus próprios assuntos. Por exemplo, de maneira arbitrária e desafiando a lógica, a BBC e outras emissoras europeias de rádio e televisão habitualmente se referem a Tel Aviv como a capital de Israel, uma distorção inexplicável dos fatos que persiste como uma espécie de conspiração mundial gigante. Num recente programa de perguntas na televisão alemã, Tel Aviv foi considerada a resposta correta para a pergunta sobre a localização da capital de Israel. Quão frustrante para Israel que a capital que escolheu não seja considerada como tal pelo resto do mundo!

Só se pode perguntar novamente: "Por que esse tratamento sem precedentes para Jerusalém?" O que a faz tão especial? Por que ela tem tanta importância para todas as nações? Só a Bíblia oferece uma explicação razoável. Se a resposta bíblica para essa questão é rejeitada, então nenhuma outra resposta racional pode ser encontrada. Sua significância religiosa, como já vimos, não é suficiente para explicar completamente a singularidade de Jerusalém, uma singularidade que tem significância totalmente irracional para as potências seculares mundiais. Por que um mundo que não crê nas promessas da Bíblia a respeito de Jerusalém, mesmo assim trata essa cidade como se o que a Bíblia diz é verdade?

Uma Traição nos Bastidores?

Surpreendentemente, os líderes de Israel estavam envolvidos numa considerável intriga de bastidores para concretizar o controle internacional - negociações que equivaliam a uma traição à sua nação. De acordo com o boletim de inteligência *Inside Israel*, o ex-ministro do Exterior, Shimon Peres, enviou uma carta para Yasser Arafat em outubro de 1993, "comprometendo Israel a respeitar instituições governamentais da OLP em Jerusalém." Após Peres ter negado a existência da carta, finalmente foi admitido que ela fora enviada. Essa confissão relutante foi seguida por uma revelação ainda mais perturbadora. Mark Halter, um amigo chegado de Peres, "disse ao semanário israelense *Shishi* que em maio [de 1994] ele entregou uma carta de Peres ao papa que descrevia os planos do

então ministro do Exterior em relação a Jerusalém. De acordo com Halter, 'Peres ofereceu entregar o governo da Cidade Antiga de Jerusalém ao Vaticano'."

De acordo com o plano secreto (e para a maioria dos israelenses, inimaginável), a cidade teria tanto um prefeito israelense como um palestino, ambos sob a autoridade do Vaticano. O Vaticano deixou claro que considera os locais religiosos em Jerusalém sagrados demais para estarem sob o controle de autoridades locais. Ele quer carregar sobre seus próprios ombros essa responsabilidade e, aparentemente, Peres estava disposto a permitir isso. Num acordo aparente com o Vaticano, os "líderes da comunidade cristã" em Jerusalém entregaram ao governo israelense no final de 1994 um documento não-publicado que também aclamava a internacionalização de Jerusalém.[2] Numa tentativa aparente de assegurar a todos os lados que trataria do assunto imparcialmente, o Papa João Paulo II declarou numa entrevista exclusiva para a revista Parade no começo de 1994:

> Nós acreditamos que, com a aproximação do ano 2000, Jerusalém se tornará a cidade de paz para todo o mundo e que todas as pessoas poderão se reunir ali, principalmente os fiéis das religiões que encontram sua herança na fé de Abraão [obviamente incluindo os muçulmanos].[3]

Outras revelações confidenciais indicam que Jerusalém deveria tornar-se o "segundo Vaticano do mundo", com todas as três religiões principais operando ali, como o Papa insinuou, sob a autoridade de Roma. Um Estado palestino surgiria em aliança com a Jordânia, com sua capital religiosa em Jerusalém, mas tendo sua capital administrativa em outro lugar, possivelmente Nablus. O Ministério de Relações Exteriores de Israel justificou essa aparente traição prometendo que os novos laços de Israel com o mundo católico iriam levar ao comércio, turismo, e prosperidade e que um governo católico de Jerusalém daria uma mão forte para a rápida solução de futuras disputas entre judeus e árabes. Um pronunciamento vindo da Jordânia no final de 1994 pareceu confirmar o que foi declarado acima:

> A Jordânia renunciou na semana passada às suas ligações religiosas com a Judéia, Samaria e Gaza, mas reteve suas reivindicações

[2] The Jerusalem Post Internacional Edition, semana terminada em 31 de dezembro, 1994, p. 6.
[3] Parade, 3 de abril, 1994, primeira capa.

> religiosas com respeito a Jerusalém... Relações entre a Jordânia e a Autoridade Nacional Palestina (AP) se desgastaram após a assinatura de uma declaração jordaniano-israelense em 25 de julho, na qual Israel reconhecia um papel especial da Jordânia quanto aos locais muçulmanos de Jerusalém...
>
> Em Jericó, o ministro de Relações Islâmicas da AP recebeu com prazer a decisão da Jordânia de cortar suas relações religiosas com os territórios.[4]

Na Conferência de Cúpula de Washington que se seguiu, o [entrementes falecido] rei Hussein da Jordânia, esperando defender o seu direito ao controle jordaniano dos locais sagrados de Jerusalém, declarou que "só Deus tem o direito de decidir quem será dono do Monte do Templo e de Jerusalém." Como um comentarista judeu afirmou, no entanto, "Ele está certo, é claro. Mas a questão então se torna, Deus de quem? Pois... o Alá de Hussein não menciona Jerusalém nem uma vez no Corão, enquanto a Bíblia hebraica e o Novo Testamento se referem ambos à cidade mais de 800 vezes. O Deus de Israel já exerceu Seu direito de decidir. E Ele deu Jerusalém aos judeus como sua herança eterna... [um fato que] desafia a insidiosa teologia 'interconfessional' que iguala Deus ao Alá do Islã."[5]

O mesmo escritor, ao comentar um livro recente de Eliyahu Tal intitulado *Whose Jerusalém?* (Jerusalém de Quem?), acusa os "possíveis redivididores" de Jerusalém de terem "a intenção de arrancar o próprio coração da alma judia." Sua resenha apresenta a essência de um livro convincente:

> "Tal fala sem rodeios. E para aqueles que ainda escolhem legitimidade histórica ao invés das reivindicações dos xiitas iranianos, árabes palestinos, hachemitas, marroquinos e árabes sauditas, inspiradas pelo Islã, e 'lubrificadas' com petróleo, a informação reunida em *Whose Jerusalém?* oferece uma base sólida com a qual rebater os apelos cada vez maiores para a redivisão de Jerusalém, ou sua rejeição como a capital exclusiva do Estado judeu...
>
> Apenas os judeus viveram e morreram por séculos na esperança de serem fisicamente restaurados a esta cidade. Só quando um rei judeu reinava aqui é que a *Shechinah* (glória de Deus) brilhava visivelmente em Jerusalém, e, portanto, foi somente para os judeus que a própria cidade tem sido santa por todos esses anos."[6]

---

[4] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada em 8 de outubro, 1994, p. 2.
[5] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada em 1 de outubro, 1994, p. 8B.
[6] Ibid.

A Sinceridade Ameaçadora de Arafat

Jerusalém parece ter uma importância singular, também, no programa de Deus dos eventos dos últimos dias. Jesus declarou: "Até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles" (Lucas 21.24). Será que a tomada de Jerusalém pelos judeus em 1967 marcou o fim da era gentílica e trouxe Israel de volta ao centro do palco no programa de Deus? Se assim for, Jerusalém deve continuar em mãos judias até Armagedom. Isso não significa, porém, que a batalha pelo controle de Jerusalém terminou. Na verdade, sem dúvida, ela se intensificará à medida que a revelação do Anticristo se aproxima.

Essa batalha certamente já está esquentando. No começo de 1994, num discurso numa mesquita de Johannesburgo, Yasser Arafat pediu a *Jihad* (guerra santa) contínua por parte dos árabes para retomar Jerusalém. Quando o conteúdo de seu discurso, obviamente direcionado apenas aos ouvidos árabes, tornou-se de conhecimento público, criou um distúrbio compreensível no ambiente governamental israelense. Arafat tentou disfarçar sua afirmação dizendo que *Jihad* também significa um confronto pacífico.

Não existe, no entanto, tal conceito no Corão; e "confronto pacífico" certamente não foi nem ensinado nem praticado por Maomé. Na verdade, outra afirmação naquele discurso de Arafat não deixa nenhuma dúvida da sua intenção: "Esse acordo [entre a OLP e Israel], eu não o considero mais que o acordo que foi assinado entre nosso Profeta Maomé e os Quraish." Essa referência foi ameaçadora.

Os Quraish, a própria tribo de Maomé, controlava Meca mas não com poder suficiente para aguentar a crescente força militar de Maomé. Então seu povo assinou um tratado de paz com Maomé, que, por pretexto, o Profeta quebrou dois anos mais tarde, matando os líderes dos Quraish e conquistando Meca. Assim, Arafat estava dizendo que o acordo da OLP com Israel é apenas um passo na declarada conquista de Israel, a ser quebrado bem facilmente e, com a consciência bem tranquila, na medida em que o próprio Maomé deu o exemplo de traição justificável. O analista israelense Moshe Zak escreveu:

> Não foram mentiras ou estupidez que caracterizaram as afirmações de Arafat em Johannesburgo, mas uma estupenda sinceridade. Suas declarações diretas e claras lembravam *Mein Kampf* (Minha Lu-

> ta), no qual o autor [Hitler] foi direto a respeito de seus planos, de tal forma que seus adversários não o levaram a sério. Todos nós sabemos agora que ao se tornar realidade o programa satânico de Hitler já era muito tarde para pará-lo.
>
> Arafat não deixou escapar segredos em Johannesburgo: ele aproveitou sua convocação para uma *Jihad* e citou o acordo de Maomé com a tribo Quraish para testar a sua tese de que Israel iria engolir isso também.
>
> O líder da OLP tinha certeza de que os protestos israelenses fortaleceriam sua posição entre seu próprio povo - pois ele jamais poderá dar a impressão de estar cooperando com Israel contra o Hamas e o *Jihad* Islâmico [dois importantes grupos terroristas]. Sua retórica sobre uma guerra santa para libertar Jerusalém foi criada para remover toda suspeita de tal cooperação...
>
> Seja qual for a interpretação das afirmações de Arafat, uma coisa é certa: as massas palestinas entendem sua mensagem sobre uma guerra santa para libertar Jerusalém.[7]

Não se engane: O mundo terá guerra ou paz dependendo do que acontecer na "cidade de nosso Deus." Na verdade, nós sabemos o que acontecerá ali porque a Bíblia profetizou isso com muitos detalhes. Vamos nos referir a essas profecias nas próximas páginas.

Gostando ou Não

Será mera coincidência que Jerusalém, a chave atual da paz mundial, foi originalmente chamada Salem, que significa "paz"? Ela foi governada naqueles antigos dias por uma das figuras mais enigmáticas na história: Melquisedeque, rei de Salem. Ele aparece subitamente do nada nas páginas das Escrituras, depois desaparece. Esse era território pagão, mas Melquisedeque era "o [não um] sacerdote do Deus Altíssimo" (Gênesis 14.18; cf. Hebreus 7.1). Abraão, conhecido como "o amigo de Deus", admirava Melquisedeque como alguém maior que ele mesmo, honrou-o com uma oferta, e aceitou sua bênção (Gênesis 14.19,20; Hebreus 7.1,2).

Conversando com Deus, Salomão chamou Jerusalém de "a cidade que tu escolheste..." (1 Reis 8.44). Jerusalém, com o seu destino profético pronto para atingir força total, apresenta uma mensagem clara para o mundo: a humanidade não é o produto do acaso e de

[7] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada em 27 de maio, 1994.

forças evolucionárias cegas. Nada no universo, nem a própria energia nem as miríades de formas em que se manifesta, pode ser explicado pelo acaso. Claramente as leis da física e química não iniciaram seu controle organizado sobre a matéria mas foram criadas por um Legislador; e tão obviamente quanto isso, o átomo e a célula viva, com sua organização e função incompreensíveis, só poderiam ter sido criados e concretizados por um Criador infinito. Em concordância com o universo que a cerca, Jerusalém declara ao mundo que a humanidade tem um lugar especial na criação de Deus e que um destino glorioso espera aqueles que reconhecerem e obedecerem ao Deus de Israel que escolheu Jerusalém como Sua cidade.

Se alguém gosta das implicações ou não, permanece o fato de que o papel, racionalmente inexplicável, desempenhado por Jerusalém foi profetizado na Bíblia milhares de anos atrás. E se alguém gosta das implicações ou não, permanece também o fato de que essas profecias bíblicas oferecem a única explicação racional para o lugar singular de Jerusalém no cenário mundial de hoje. Os fatos permanecem por si sós, e não podem ser refutados apesar de muitos israelenses e sionistas rejeitarem seu sabor milagroso. Nos capítulos seguintes documentaremos essas profecias e o seu incrível cumprimento.

Sem a Bíblia não é possível fazer sentido da história humana. Nós nos deparamos com apenas duas escolhas: ou a humanidade é simplesmente um acidente, que aconteceu em um dos bilhões de planetas (e se aqui, talvez em outros espalhados pelo cosmo), ou fomos criados por Deus para Seus próprios propósitos. É só o Deus da Bíblia que dá propósito e significado à Sua criação, e Ele decretou que Israel terá um papel importante em Seu plano.

Jerusalém! Ela é diferente de qualquer outra cidade na terra. Ela fica no centro da história e no próprio coração dos propósitos de Deus para este planeta e todos os seus habitantes. Essa é a "Cidade de Deus", onde Deus escolheu colocar Seu nome e para a qual Ele dará a última palavra. Quer goste ou não, o mundo inteiro não pode escapar das implicações dessa escolha.

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra... e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e... abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem...

— Gênesis 12.1-3

Naquele mesmo dia fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates... eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre.

Apareceu-lhe [a Isaque] o Senhor, e disse... a ti e a tua descendência darei todas estas terras, e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai... Perto dele estava o Senhor, e lhe disse [a Jacó]: Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti, e à tua descendência.

— Gênesis 15.18; 13.15; 26.2-3; 28.13

E vos levarei à terra, acerca da qual jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei como possessão: Eu sou o Senhor.

— Êxodo 6.8

Em herança possuireis a sua terra, e eu vo-la darei para a possuirdes, terra que mana leite e mel.

— Levítico 20.24

Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre.

— Jeremias 7.7

2

Terra da Promessa

Os versículos anteriores deixam claro que Deus deu a Israel uma terra para possuir para sempre. Essa promessa não dizia que os judeus sempre teriam alguma terra em algum lugar do mundo, mas que eles possuiriam uma terra específica como herança que Deus lhes tinha prometido. Tal promessa nunca foi feita a qualquer outra nação ou povo. Só esse fato faz tanto o povo judeu quanto a terra de Israel absolutamente singulares. E até que esse fato seja reconhecido por Israel e todas as outras nações, este mundo jamais conhecerá a paz.

Como veremos mais tarde, e como os profetas os preveniram, os israelitas foram lançados fora da terra por causa de sua desobediência ao Deus que a havia dado a eles. Com o passar dos séculos, os judeus, agora espalhados pelo mundo, perderam a convicção de que a terra de Israel lhes pertencia. Ao mesmo tempo, a perseguição e o massacre que eles sofreram nas suas comunidades nas mãos dos gentios à sua volta fizeram com que ansiassem por uma terra própria. Eles eram um povo sem país que chamassem de lar; e o desejo por uma pátria nacional judia começou a criar raízes enquanto o antissemitismo aumentava, principalmente na Rússia e Europa no fim do século passado. Desse desejo brotou o movimento sionista.

O Sionismo e a Terra Prometida

O primeiro Congresso Sionista aconteceu em Basiléia, Suíça, em 1897, inspirado pela publicação em 1896 de O Estado Judeu de Theodor Herzl. Deve-se entender que a motivação de Herzl não foi primeiramente inspirada pela fé no Deus de Israel e Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó. Sua intenção não era necessariamente um retorno à terra que Deus havia prometido ao Seu povo escolhido. É questionável quantos dos primeiros sionistas realmente acreditavam que Deus existia e havia feito tal promessa. A motivação de Herzl era puramente política e econômica, atiçada pela onda do antissemitismo que varria a Europa logo após a controvérsia que cercara o Caso Dreyfus (a falsa acusação de traição e condenação errônea de Alfred Dreyfus, um jovem capitão judeu do exército francês). Ficou tão óbvio que os judeus precisavam de um refúgio seguro em algum lugar no mundo, que somente um Estado Judeu poderia oferecer.

Muitos, se não a maioria dos primeiros sionistas, não se importavam qual terra eles receberiam, contanto que pertencesse a eles somente. Ela não precisava necessariamente ser a antiga terra de Israel. Alguns estavam até dispostos a aceitar um território na África. O próprio Theodor Herzl fez negociações tendo em vista terras no Protetorado Britânico que não ficava na Terra Santa, mas adjacente a ela. Quando lhe ofereceram ao invés delas uma área de 10.000 quilômetros quadrados na África Oriental, o movimento sionista dividiu-se entre aqueles que queriam aceitar essa oferta e aqueles que insistiam que o Estado Judeu devia ser na Palestina. Essa amarga controvérsia ainda não havia sido resolvida quando Herzl morreu no dia 3 de julho de 1904. No entanto, para honrar o papel vital que Herzl exercera, seu corpo foi levado a Israel em 1949 para novo sepultamento ali.

Assim o próprio movimento sionista dividiu-se nas duas posições opostas que se podem tomar em relação a Jerusalém e Israel. Como vimos no primeiro capítulo, ou a Bíblia é verdadeira e uma terra específica foi dada por Deus aos judeus para ser sua para sempre, ou então não existe Deus e a ideia de que a terra de Israel foi prometida aos judeus é um mito. Se a primeira alternativa é verdadeira, então Israel não pode se atrever a trocar nada de sua terra pela "paz".

Uma Proposta Radical (mas Bíblica)

Além disso, se Deus existe e a Bíblia é verdadeira, então ao invés de tentarem tomar a terra dos judeus, seus vizinhos árabes deveriam estar devolvendo ao controle judeu todo o território que Deus prometeu a eles, e as Nações Unidas deveriam estar se alinhando com esse entendimento. Essa é uma conclusão radical do ponto de vista tanto de Israel, dos árabes e do resto do mundo. Porém, tal ação segue logicamente o que a Bíblia declara repetidamente e na linguagem mais simples.

O retorno de toda a Terra Prometida ao controle de Israel não envolveria, é claro, a expulsão de seus habitantes presentes. Iria, no entanto, dar ao governo israelense autoridade sobre aquele território. Não há dúvidas de que tal mudança na administração iria beneficiar todo o Oriente Médio. Para reconhecer a verdade dessa afirmação, é preciso apenas fazer uma comparação da prosperidade da terra de Israel com a carência dessa terra antes do controle judeu e com a pobreza atual de seus vizinhos árabes, como qualquer visitante dessa área do mundo sabe. Apenas como um exemplo, considere a seguinte comparação de algumas estatísticas:

> A população de Israel é de aproximadamente 5,4 milhões, seu produto interno bruto é de US$ 61,5 bilhões, e então sua renda per capita é de aproximadamente US$ 11.600,00 por ano. A Jordânia, vizinha do lado de Israel, tem uma população comparável de 4,5 milhões de pessoas. Sua renda per capita, no entanto, é menos de 1/10 da de Israel, ou cerca de US$ 1.100,00 por ano. Os 5,4 milhões de pessoas de Israel exportam cerca de US$ 15 bilhões em produtos cada ano comparados com US$ 1,25 bilhão para os 4,5 milhões de habitantes da Jordânia.
>
> Na verdade, é a economia israelense que segura a dos palestinos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia.[1]

Por outro lado, se a primeira alternativa for verdadeira (nenhum Deus e nenhuma terra prometida para Israel), então o simples fato do Estado de Israel surgir no Oriente Médio em 1948 e ter sobrevivido até hoje é o resultado de pura sorte e não tem nenhum outro significado. Nesse caso, sem Deus como o Criador da humanidade, não há propósito nem significado para qualquer existência humana.

[1] Uma coletânea de estatísticas de várias fontes.

Os esforços de indivíduos e nações pela sobrevivência, possessões e segurança são simplesmente os instintos selvagens de criaturas às quais a evolução deu a capacidade de desenvolver métodos mais sofisticados e cruéis de agressão egoísta. A história da humanidade é então uma continuação desprovida de sentido num nível mais destrutivo da luta pela sobrevivência em que seus ancestrais animais lutaram com garras e dentes e na qual o mundo animal continua até hoje. Sem um Criador inteligente e munido de propósito, a paz é uma fantasia, o progresso é insanidade, a história não está indo a lugar nenhum, e o universo inteiro é uma piada macabra.

A Destruição Ecumênica da Verdade

É claro que as opiniões variam entre cristãos, muçulmanos e judeus, e mesmo entre aqueles que afirmam crer em Deus e na Bíblia mas que, apesar disso, discordam quando o assunto é Israel. Mas não pode haver a mínima dúvida quanto ao que a Bíblia ensina: a Palestina e muito mais - mesmo até o rio Eufrates - é a "Terra Prometida" dada por Deus aos judeus para sempre. E nenhuma pessoa honesta pode negar a existência desse Deus ou a validade de Suas promessas a Israel. Pois como veremos, os profetas hebreus que afirmaram ser inspirados pelo Criador do universo escreveram centenas de profecias a respeito de Israel que se realizaram centenas e até milhares de anos depois de serem feitas. Os cumprimentos são tão numerosos e tão precisos que o acaso é desconsiderado pela probabilidade matemática. Qualquer observador sincero fica com apenas uma escolha: aceitar a existência de Deus e o que Ele decretou, e admitir que somente através dEle haverá uma paz justa, significante, e duradoura entre todas as nações.

Tal ponto de vista, porém, é relegado ao ramo da superstição religiosa em nossos dias e, com exceção de alguns regimes islâmicos, a "separação entre igreja e Estado" é a regra. Como consequência, Deus, mesmo se Ele existir, não tem permissão de interferir na "vida real". Uma razão principal dessa opinião prevalecente é, com certeza, o fato de haver tantos conceitos diferentes sobre Deus e tantas religiões diferentes. Somente quando todos concordarem é que igreja e Estado podem se unir; e, talvez, somente então haverá paz. Tal é a esperança do ecumenismo.

Infelizmente, o movimento ecumênico procura resolver diferenças de crenças simplesmente abandonando-as, para chegar ao mínimo denominador comum aceitável a todos. Tal desenvolvimento não seria progresso mas tolice, pois ele é em si uma negação da verdade e uma rejeição da importância de qualquer crença sobre a qual há diferenças de opinião. A unidade ecumênica é, então, alcançada às custas da convicção e do raciocínio, e assim, em vez de ser um passo em direção a um acordo significativo, é um afastamento dele.

Outra maneira pela qual a verdade é negada em nossos dias é pela regra do consenso. Qualquer coisa que não seja palpável ou positiva é rejeitada simplesmente com base nisso. A verdade é geralmente desconfortável e, por isso, não é popular. O que a Bíblia ensina certamente não é sempre palpável, seja sobre Israel ou sobre a responsabilidade moral do homem para com Deus. O que nós temos visto da Bíblia com relação à "Terra Prometida" parece uma proposição absurda para a grande maioria da humanidade. Ninguém pode negar, porém, que a Bíblia declara isso vez após vez em termos claros. Nós não podemos simplesmente ignorar esse fato. Se as promessas de Deus a Abraão, Isaque e Jacó com respeito à *terra* não são verdadeiras, então a Bíblia não é verdadeira em nada mais que fala. Deve-se aceitar ou rejeitar o pacote inteiro.

Duas Alternativas com Consequências Sérias

Também não é possível escapar das consequências lógicas e práticas para Israel, dependendo do ponto de vista que se escolher. Eu me lembro de estar num grupo que estava conhecendo um *kibbutz* na Galiléia com um de seus líderes. Ele fazia questão de se gabar de ter um *kibbutz* ateu e de que a maioria dos outros 300 em Israel também eram ateus. Inclusive, a maioria foi fundada nos princípios marxistas. Eu fiz a ele uma pergunta simples: "Se não existe um Deus, então essa terra não foi, como a Bíblia diz que foi, dada por Ele aos judeus. Se esse é o caso, como seu povo tem mais direito a essa terra que os árabes?"

Foi uma questão para a qual ele não tinha resposta. Logicamente, se essa não é a terra da promessa dada por Deus aos judeus, então eles podem reivindicar exclusivamente a pequena parte de terra que lhes foi atribuída pelas Nações Unidas em 1947. Eles têm a obrigação de devolver toda outra terra que conquistaram desde em-

tão, o que inclui Jerusalém. Israel não tem direito à "Terra Prometida", se seu povo não crê no Deus que a prometeu. Um atleta de 23 anos que recentemente imigrou de Antuérpia para Israel reclamou: "Se há alguma coisa que me irrita em Israel, é a [falta de] ligação com a herança judaica."[2]

Se a Bíblia é simplesmente um registro humano dos antigos hebreus apresentando suas tradições, então as Escrituras hebraicas não são melhores que as tradições de qualquer outro grupo de pessoas na terra. Certamente não há fundamento para dar direito aos judeus a uma terra hoje só porque eles a ocuparam há mais de 2.500 anos. Seria mais ou menos equivalente a tentar arrumar a atual posse de propriedades na Europa estabelecendo quem eram os seus habitantes "originais", procurando encontrar seus descendentes, e dando cada terreno de volta a eles apesar dos direitos dos ocupantes atuais.

Por outro lado, se Deus existe e realmente deu aos judeus a terra de Israel da maneira em que suas fronteiras estão delimitadas na Bíblia, então devemos honrar a Sua decisão. A tradição vem do passado sem qualquer justificação ou compulsão para honrá-la no presente. Tradições variam entre povos, então quem pode garantir qual tradição é a melhor ou explicar porque deveria ser mantida, muito menos esperar que outras pessoas de tradições diferentes honrem aquelas que entram em conflito com as suas próprias? Honrar tradições antigas não é o caminho que leva à paz.

Se Deus existe, entretanto, O mesmo que nomeou Israel como o Seu povo escolhido ainda é Deus hoje. Logo, as Suas promessas continuam sendo válidas, e Ele tem o poder de cumpri-las no presente. Aqueles que negam a Sua existência e rejeitam as Suas promessas se encontrarão lutando contra Deus para sua própria tristeza e perda.

Com Deus não há Favoritismo

O próprio fato da Bíblia chamar os judeus de "povo escolhido" de Deus e afirmar que Ele lhes deu a Terra Prometida causa fúria e indignação imediatas. "Por que Deus tem que favorecer a eles?!", é a reclamação comum. Não há razão, no entanto, para indignação contra Deus ou contra os judeus, pois a Bíblia deixa claro que Ele não deu a terra de Canaã a Israel por mero favoritismo.

Na época em que Ele prometeu aquela terra a Abraão e sua descendência, Deus declarou que ela não poderia ser deles até que a

[2] The Jerusalem Post International, Semana terminada em 31 de dezembro, 1994, p. 15.

iniquidade de seus então habitantes chegasse ao ponto em que Deus estaria justificado em lançá-los fora ou até destruí-los: **"Na quarta geração tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus" (Gênesis 15.16)**. Deus novamente deixou isso claro a Israel através de Moisés:

"Quando, pois, o Senhor teu Deus os tiver lançado fora de diante de ti, não digas no teu coração: Por causa da minha justiça é que o Senhor me trouxe a esta terra para a possuir, porque pela maldade destas gerações é que o Senhor as lança fora diante de ti... e para confirmar a palavra que o Senhor teu Deus jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó" (Deuteronômio 9.4-5).

A Bíblia afirma repetidas vezes e claramente que o direito à terra de Israel foi dado por Deus à descendência de Abraão, Isaque e Jacó para ocupar o lugar de nações que haviam sido lançadas fora da terra por causa de sua iniquidade - e que ela foi dada a Israel para sempre. Seja qual for o preconceito ou crença de alguém, o que a Bíblia diz não pode ser negado. A promessa da terra não foi feita uma ou duas vezes mas dúzias de vezes e é repetida em quase todos os livros do Antigo Testamento. Logo, apesar dos árabes afirmarem ser descendentes de Ismael (o que não podem provar), isso não é o suficiente. Eles definitivamente não são a descendência de Isaque e Jacó, a quem a terra foi dada. Os árabes provam isso pelo ódio e perseguição aos judeus até hoje.

Foi Deus quem prometeu essa terra àquelas pessoas. Portanto, qualquer um que tentar impedi-las de tomar posse e desfrutar totalmente de sua terra está se rebelando contra Deus e se põe debaixo da maldição que Ele estabeleceu: **"abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem..." (Gênesis 12.3)**. Se cremos absolutamente na Bíblia, temos que admitir que a "Terra Prometida" pertence àqueles a quem Deus a prometeu. Se esse é o caso, nós devemos fazer tudo que podemos para capacitá-los a possuir essa terra. Isso não é uma questão de concordância ou discordância humanas, mas de concordância com o próprio Deus.

Essa é a Terra de Deus

Três coisas devem ser lembradas sobre a promessa divina da terra a Israel: 1) a promessa não foi feita para judeus do presente (que podem parecer indignos por seu comportamento), mas para

Abraão, Isaque e Jacó, logo, ela é incondicional com relação ao direito de seus descendentes à terra, uma terra que pertence exclusivamente a eles; 2) a posse contínua da terra é condicionada de acordo com a obediência a Deus, e os desobedientes, mesmo sendo descendentes genuínos de Jacó, serão lançados fora se não se arrependerem e voltarem a Deus; e 3) a promessa não foi por um tempo limitado que já passou, mas é para todo o sempre e, portanto, continua verdadeira hoje. Esses três pontos são repetidos várias vezes e na linguagem mais clara por toda a Bíblia. Os seguintes são apenas alguns entre muitos exemplos que poderiam ser dados:

"Porém Moisés suplicou ao Senhor seu Deus, e disse... Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel, teus servos, aos quais por ti mesmo tens jurado... toda esta terra de que tenho falado, dá-la-ei à vossa descendência, para que a possuam por herança eternamente" (Êxodo 32.11,13).

"Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha..." (Levítico 25.23)

"Também, começando de madrugada, vos enviou o Senhor todos os seus servos, os profetas... diziam: Convertei- vos agora cada um do seu mau caminho, e da maldade das suas ações e habitai na terra que o Senhor vos deu e a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre" (Jeremias 25.4-5)

"Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre..." (Ezequiel 37.25).

As palavras dos profetas não poderiam ser mais claras na medida em que eles repetidamente renovam a promessa de Deus, uma promessa que deu a terra perpetuamente a Israel. A opinião de alguém sobre esse assunto importante e controvertido não é uma questão de ser "pró-Israel" ou "pró- árabe" ou "*anti*" um desses povos, mas de reconhecer a vontade de Deus no assunto. O simples fato é que ao tentar retomar terras de Israel, as nações árabes estão se opondo a Deus e rejeitando Suas promessas claras na Bíblia, e estão assim perdendo a bênção que Deus prometeu àqueles que abençoassem Israel. O mesmo é verdadeiro a respeito dos palestinos que exigem controle autônomo sobre partes daquela terra que foi prometida a Israel.

Como é que os muçulmanos podem justificar sua oposição violenta a Israel? Afinal, eles afirmam acreditar no Deus da Bíblia.

Vamos entrar mais a fundo nessa questão mais tarde, mas é suficiente dizer aqui que Maomé se apegou a outro deus, que não é o Deus da Bíblia. Alá claramente não é o Deus de Abraão, Isaque, e Jacó. Os árabes provam que eles seguem outro deus ao amaldiçoar aqueles a quem Deus abençoou. Além disso, o Corão, depois de aceitar a Bíblia em suas primeiras páginas, nega-se mais tarde contradizendo a Bíblia de várias maneiras. O Islã também contradiz a Bíblia, por exemplo, em sua afirmação de que a Terra Prometida foi dada aos árabes e não aos judeus.

A Atitude Católica Romana

Os árabes não são os únicos que condenam a posse da Terra Prometida pelos judeus. Durante séculos, desenvolveu- se no Catolicismo Romano a ideia de que, pelo fato de terem crucificado a Cristo, os judeus deviam ser perseguidos e até mortos. Certamente eles já não tinham qualquer direito à Terra Prometida, que agora pertencia à Igreja (Católica Romana). As Cruzadas procuraram recuperar essa terra para preservar seus "lugares santos" na memória cristã. Na verdade, a Igreja Católica Romana se considera o novo Israel de Deus.

Consequentemente, o Vaticano não tem sido favorável a Israel. Passaram-se 47 anos até a Igreja Católica reconhecer a legitimidade do Estado de Israel - e ela o fez tão somente por motivos egoístas, como veremos. Após a violentação do Kuwait por Saddam Hussein, o patriarca católico de Jerusalém, Michel Sabbah, elogiou Saddam por "realmente carregar em seu coração a causa palestina." Ele se recusou a admitir que Saddam era "mais perigoso" que o presidente Bush.

O maior líder católico do Iraque, o Patriarca Raphael Bidawid, defendeu a invasão e anexação do Kuwait por Saddam Hussein e até os ataques de mísseis sobre civis israelenses. "Toda essa guerra foi planejada por Israel", disse Bidawid em Roma, onde estava em conferência sobre a "paz" no Oriente Médio com o Papa e outros funcionários do Vaticano. Suas afirmações, que se pareceram espantosamente com as de Hitler, jamais foram desaprovadas pelo Vaticano. Só se pode concluir, assim, que ele estava apresentando a opinião oficial. A Igreja Católica Romana continua a se opor ao controle judeu sobre Jerusalém.

A aceitação do que a Bíblia diz sobre a "Terra Prometida" pertencer a Israel fica ainda mais difícil pela extensão do território tal como o Antigo Testamento o descreve. O consenso mundial atual é que Israel já possui muita terra, mas ele ocupa apenas uma pequena fração do território que a Bíblia diz pertencer a ele. Assim, está fora de cogitação, pela sabedoria humana, sequer consultar a Bíblia para uma solução para a crise do Oriente Médio.

O Tamanho Surpreendente da Terra Prometida

Os limites da Terra Prometida nos são dados em Gênesis 15.18-21. Ela compreende todo o Líbano e boa parte da Jordânia, incluindo sua capital, Amã. As duas tribos e meia de Rúben, Gade, e a metade de Manassés tinham suas posses no lado leste do Jordão. A tribo de Dã possuía o que são agora as Colinas de Golã e território adicional do que é hoje a Síria. Na verdade, a maior parte da Síria atual, incluindo sua capital, Damasco, e até o Eufrates, estava dentro dos limites da terra que Deus deu a Abraão, Isaque e Jacó:

"Naquele mesmo dia fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates: o queneu, o quenezeu, o cadmoneu, o heteu, o ferezeu, os refains, o amorreu, o cananeu, o girgaseu e o jebuseu" (Gênesis 15.18-21).

Israel jamais possuiu todo o território que lhe pertenceu. No entanto, grande parte do atual Líbano, da Síria, e da Jordânia estiveram sob o controle de Davi e também de seu filho Salomão durante seu próprio reinado. Por exemplo, somos informados que **"Também Hadadezer, filho de Reobe, rei de Zobá, foi derrotado por Davi, quando aquele foi restabelecer o seu domínio sobre o rio Eufrates" (2 Samuel 8.3)**. Já que o Eufrates era a fronteira da Terra Prometida, aparentemente Davi já havia tomado grande parte da Síria, até o Eufrates, e o Rei Hadadezer veio retomá-la. O relato continua:

"Vieram os siros de Damasco a socorrer Hadadezer, rei de Zobá; porém Davi matou dos siros vinte e dois mil homens. Davi pôs guarnições na Síria de Damasco, e os siros ficaram por servos de Davi, e lhe pagavam tributo... Tomou Davi escudos de ouro que havia com os oficiais de Hadadezer, e os trouxe a Jerusalém... os quais também o rei Davi consagrou ao Senhor, juntamente com a prata e o ouro que já havia consagrado de

todas as nações que sujeitara: da Síria, de Moabe, dos filhos de Amom, dos filisteus, e de Amaleque, e... Pôs guarnições em Edom... e todos os edomitas ficaram por servos de Davi; e o Senhor dava vitória a Davi por onde quer que ia. Reinou, pois, Davi sobre todo o Israel..." (2 Samuel 8.5-15).

Céticos têm tentado desesperadamente criar dúvidas sobre a Bíblia, mas arqueólogos têm trabalhado em silêncio pelos últimos 150 anos, e tudo que descobriram só prova a precisão das Escrituras. Hoje estudantes judeus estudam sua incrível história a partir do Antigo Testamento, enquanto arqueólogos usam seus registros para encontrar locais de antigas ruínas e geólogos seguem suas descrições para localizar água e óleo e antigas minas e minerais. Existe toda razão para aceitar o registro bíblico. Que transformação seria feita no Oriente Médio se as nações do mundo governassem seus negócios nessa base!

Despertando a Consciência Judaica

É incrível ver que, mesmo após o Holocausto, tantos judeus, ao invés de emigrar para a Terra Prometida, estão retornando à cena do massacre de seus ancestrais na Europa. A revista *Time* reportou recentemente: "Em Budapeste, Praga, Varsóvia, Moscou, Bratislava, Berlim, em centenas de cidades e vilas, do Mar Báltico até o Mar Negro, comunidades judaicas estão reemergindo e se juntando num tipo de *minyan* continental, o número mínimo de membros exigidos para a realização dos cultos religiosos. Sinagogas e escolas estão aparecendo novamente, algumas sobre os alicerces de instituições judaicas que datam da Idade Média. Judeus, uma vez mais, estão orgulhosamente se chamando de judeus, reavivando tradições e culturas há muito enterradas nas cinzas das fornalhas de Hitler. 'O fato de haver a possibilidade de ser um judeu agora é algo místico', diz Igor Czernikow, de 18 anos, um dos fundadores de um clube de jovens judeus em Wroclaw na Silésia, região da Polônia. 'É uma mudança histórica, na história de nossa nação e na história do indivíduo'."[3]

Restaram apenas 2 milhões de judeus na Europa depois da guerra. A maioria deles não tinha o desejo de passar a residir em Israel. E a maioria deles não sentia seu judaísmo, que "parecia consistir em pouco mais do que sobrenomes distintos e memórias distantes.

[3] Time, 6 de fevereiro, 1995, pp. 36-40.

Mas, desde que a Cortina de Ferro foi levantada e o comunismo expulso do bloco soviético, as gerações perdidas estão sendo encontradas. O interesse renovado pelo judaísmo é parte de uma grande busca pela espiritualidade que surgiu no deserto criado pela eliminação de uma ideologia desacreditada. 'Pessoas estão saindo da toca e anunciando que são judeus', diz David Lerner, um educador britânico que ajudou a fundar uma escola judaica em Minsk. 'Há seis anos, judeus ainda estavam apanhando em Minsk. Agora existem três congregações religiosas, a escola de sábado, um movimento jovem e uma organização de apoio voluntária.'

São principalmente os jovens que estão descobrindo seu judaísmo. 'No mesmo lugar em que os nazistas criaram Auschwitz, temos jovens judeus tentando retomar sua herança', disse o Rabino Michael Schudrich da Fundação American Lauder, quando abriu o mais recente centro jovem... em Cracóvia, Polônia. 'Muitos nem sabiam, há cinco anos atrás, que eram judeus'. Em Budapeste, o Seminário Rabínico, fundado há 118 anos, o único no Leste Europeu, está treinando uma nova geração de líderes religiosos para a Hungria...

Agora alguns dos judeus mais jovens estão atraindo os mais velhos de volta à fé... Jan Rott, 73, um arquiteto e escritor de Praga, está impressionado com o reavivamento. 'Por 50 anos, apenas algumas circuncisões foram feitas aqui', ele diz. 'Era difícil reunir os 10 homens necessários para ter orações no sábado'. Agora a Altneu Schul de Praga, a principal sinagoga, tem cultos diariamente, e três grupos de estudo se reúnem semanalmente para explorar a religião e cultura judaicas... A necessidade de reintroduzir crianças à sua cultura é especialmente urgente na Rússia, onde 70 anos de repressão e assimilação suprimiram a consciência judaica..."[4]

"Muitos dos judeus da Rússia estão indo aos bandos para Berlim e Hamburgo, onde antes havia comunidades judaicas, buscando oportunidades... No começo de 1992, a contagem oficial da comunidade judaica na Alemanha era de aproximadamente 34.000. Desde então, 20.000 chegaram do Leste, e espera-se mais 10.000 por ano durante o futuro previsível... e isso é incômodo para aqueles que acreditam que os judeus que deixam a Rússia deveriam estar indo para Israel, até mesmo para os Estados Unidos, mas jamais para a Alemanha. 'Eles estão indo de um inferno para outro', diz Dov Shilansky, um membro do parlamento israelense, filiado ao

[4] Ibid.

grupo de direita Likud. 'Eles estão morando do lado de pessoas que assassinaram seus irmãos'."

Mas outros discordam dessa atitude. '"Se todos nós fugíssemos da Alemanha', diz Shlomit Tulgan, uma estudante em Berlim, 'Hitler teria conseguido seu desejo de deixar a Alemanha livre dos judeus. Não podemos deixar isso acontecer'. Serge Klarsfeld, o francês caçador de nazistas, acredita que os judeus devem ficar no Leste europeu apesar do Holocausto. 'Viver em Cracóvia, em Praga ou em Budapeste não é viver com assassinos. É viver com a memória da vida judaica que outrora floresceu ali'."[5]

A Tradição ou a Bíblia?

Notável por sua ausência na crescente e geralmente ardente discussão sobre onde os judeus devem viver é qualquer referência ao fato da Bíblia dizer que os judeus devam estar na Terra Prometida, que lhes foi dada por Deus.
É impressionante que com todo o entusiasmo de uma consciência avivada do judaísmo não há quase nenhum reconhecimento do que significa, de acordo com a Bíblia, ser um judeu.

O judaísmo de milhões de judeus vivendo no mundo hoje encontra seu significado na tradição mas não na Bíblia. Ou se na Bíblia até certo ponto, esse Livro Sagrado não é considerado como tendo mais autoridade que a tradição. Jesus é visto pelos judeus hoje como um rebelde do judaísmo. Mas ninguém pode discutir a veracidade de Sua acusação aos rabinos da Sua época, uma acusação que se aplica da mesma maneira em nossos dias:

"E assim invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. Hipócritas! bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (Mateus 15.6-9).

O rabino Shlomo Riskin, que tem uma coluna regular na edição internacional do *Jerusalem Post*, usa esse meio para chamar judeus de volta às suas tradições e raízes. Ele escreve: "Nossa habilidade de permanecer em solo israelense - e não sermos exilados - depende da nossa fidelidade ao ensino tradicional judaico, à continuidade da nossa conduta ética, moral e ritual que nos liga a nosso glorioso passado." Ele continua argumentando:

[5] Ibid. Ver também The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada em 1 de outubro, 1994, pp. 12-15.

> Somente aqueles judeus que retornam a Israel porque esta foi a terra de seus ancestrais, almejada por seus avós, podem dotar novamente a nação de Israel de sua santidade original. E somente aqueles judeus que valorizam sua história, e cujos preceitos éticos, morais e tradicionais estão ligados à grande corrente do ser judeu, terão a permissão de manter essa terra e seus direitos de viver nela.[6]

Pode-se questionar "quem" ou "qual" é o poder que decide os "preceitos morais e tradicionais" e remove da Terra Prometida aqueles que não alcançam a estatura esperada. Será que é "a grande corrente do ser judeu" que, de alguma maneira, tem o poder misterioso de determinar o que judaísmo significa e de purificar Israel daqueles que não atingirem seus padrões místicos? Embora o rabino também mencione Deus e "a vontade divina", não se tem certeza do que ele quer dizer. De qualquer maneira, certamente não é o Deus pessoal de Abraão ou Davi que determina o destino de Israel, mas a própria "tradição" judaica.

Topol, em *Um Violinista no Telhado*, parecia concordar que a "tradição" havia se tornado o mais importante. Mas tradição realmente não é nada se não concorda com as leis e os propósitos imutáveis de Deus. Na realidade, como Jesus disse, tal tradição contradiz e anula o propósito de Deus para Israel e para toda a humanidade. Quão impressionante é que, apesar do Holocausto e apesar do julgamento de Deus - e também diante do cumprimento incontestável e misericordioso das promessas de Deus a Abraão, Isaque e Jacó ao trazer seus descendentes de volta à sua terra - a grande maioria dos judeus não acredite nessas promessas hoje.

Talvez o que a Bíblia diz seja demais para acreditarem, pois, como já vimos, a "Terra Prometida" dada por Deus se estende além daquele pequeno território agora conhecido como Israel. Será que essa descrença explica porque os líderes de Israel estão negociando parte daquele território extremamente pequeno pela promessa sedutora de "paz" com seus vizinhos?

No começo de fevereiro de 1995, numa curta cerimônia militar, Israel devolveu à Jordânia 340 quilômetros quadrados de terra. A Rádio Jordânia anunciou triunfante: "A Jordânia conseguiu plena soberania sobre as terras que Israel havia ocupado."[7] Com tais ações Israel está repudiando as próprias promessas de Deus que são seu único direito àquela terra. Ao invés disso, ele precisa

---

[6] The Jerusalem International Edition, Semana terminada em 8 de outubro, 1994, p. 23.

[7] The Jerusalem International Edition, Semana terminada em 11 de fevereiro, 1995.

desesperadamente segurar o pouco que tem e confiar em Deus para dar-lhe o resto.

Com mais judeus voltando para casa de todo o mundo, especialmente da antiga União Soviética, até o espaço necessário para sepultamentos é inadequado. "Especialistas preveem que dentro de dois anos, três no máximo, não haverá mais espaço para sepultamento em cemitérios de Haifa a Jerusalém. A única solução será enterrar pessoas bem fundo em camadas, uma proposta que está sendo cuidadosamente considerada."[8] Onde, então, viverão todos os judeus que ainda voltarão àquela terra?

O Islã ou a Bíblia?

Se fossem apenas os árabes como seres racionais que estivessem negociando com Israel, a razão poderia prevalecer com relação ao que seria melhor para aquela região do mundo. Existe, é claro, o orgulho humano natural que infesta não só os árabes mas toda a humanidade (inclusive judeus) e que bloqueia o caminho. O principal obstáculo, porém, é o Islã. Essa religião é a força motivadora por trás da maior parte do terrorismo, não só naquela região mas por todo o mundo atual. E muito do terrorismo, não importa onde seja encontrado, está arraigado na determinação islâmica de aniquilar Israel. Como um observador do Oriente Médio explica:

> De repente, em 1948, não distante de Meca, o próprio coração do Islã, um Estado judeu emergiu com seu próprio presidente, parlamento, governo, primeiro-ministro, e exército; tinha tudo que distingue uma comunidade nacional genuína. Uma nova nação havia nascido, e esta era uma clara demonstração do cumprimento do que fora escrito pelos profetas:
>
> **"Mudarei a sorte do meu povo Israel: reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão... Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor teu Deus" (Amós 9.14a-15).**
>
> O renascimento do Estado judeu bem no centro dos países árabes é uma contradição direta do ensinamento islâmico. Alá não acabou com o povo judeu? E se Alá predeterminou todas as coisas, como é possível que um Estado judeu surgiu novamente?

[8] The Jerusalem International Edition, Semana terminada em 26 de novembro, 1994, p. 12A.

> Para os muçulmanos, a maior humilhação é que esse Estado judeu tenha Jerusalém como sua capital. No dia 30 de julho de 1980, o Knesset (o Parlamento israelense) aprovou uma lei que declara a Cidade de Jerusalém como sendo "eterna e indivisível".
>
> Jerusalém... depois de Meca e Medina, é o terceiro lugar mais sagrado no Islã... E essa mesma Jerusalém é agora a capital de um Estado judeu que, aos olhos muçulmanos, jamais deveria ter surgido![9]

Apesar de talvez soarmos repetitivos, nunca poderemos enfatizar suficientemente o fato de que tanto o povo quanto a terra de Israel são singulares. Essa é a terra de Deus, o lugar onde Ele escolheu colocar Seu nome, a herança que Ele deu a Seu povo. Seu destino está em Suas mãos.

[9] Elishua Davidson, Islam, Israel and the Last Days (Harvest House Publishers, 1991), pp. 92-94.

Não puderam, porém, os filhos de Judá expulsar os jebuseus que habitavam em Jerusalém...

— Josué 15.63

Disse Josué aos filhos de Israel: Até quando sereis remissos em passardes para possuir a terra que o Senhor Deus de vossos pais vos deu?

— Josué 18.3

Porém os filhos de Benjamim não expulsaram os jebuseus que habitavam em Jerusalém: antes os jebuseus habitam com os filhos de Benjamim em Jerusalém, até o dia de hoje.

— Juízes 1.21

Porém Davi tomou a fortaleza de Sião: esta é a cidade de Davi.

— 2 Samuel 5.7

Eu [Deus] ...farei levantar depois de ti o teu descendente...
e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino... teu trono será estabelecido para sempre.

— 2 Samuel 7.12-16

Uma vez jurei por minha santidade... a Davi: A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como o sol perante mim.

— Salmos 89.35-36

Davi descansou com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi.

— 1 Reis 2.10

...para que Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada diante de mim em Jerusalém, a cidade que escolhi para pôr ali o meu nome.

— 1 Reis 11.36

3

A Cidade de Davi

Finalmente livres da escravidão no Egito, os israelitas logo se tornaram rebeldes, ingratos, e desobedientes mesmo a caminho da Terra Prometida. A disciplina de Deus foi mantê-los por 40 anos no deserto do Sinai até que morresse toda aquela geração de rebeldes. A próxima geração foi trazida à terra, mas eles mostraram que não eram melhores que seus pais. Dentro da terra, com o cumprimento das promessas de Deus esperando apenas sua cooperação e seu zelo, eles não conseguiram conquistar e tomar posse do que Deus havia dado tão graciosamente a eles.

Uma dessas áreas foi Jerusalém, que permaneceu sob controle jebuseu. Esses pagãos cheios de recursos estavam estabelecidos numa fortaleza invencível no pico rochoso do Monte Sião e não podiam ser desalojados de lá. Os israelitas finalmente desistiram de tentar. Aqui estava o local que Deus havia escolhido para o Seu templo, mas ele continuou em mãos pagãs no próprio coração da Terra Prometida.

Davi e o Messias

Quando, porém, Davi se tornou rei, uns 400 anos depois, ele liderou seus homens num ataque contra os jebuseus e os conquistou. Agora, toda Jerusalém finalmente estava sob controle judeu. Davi a fez capital de Israel e a chamou de "a cidade de Davi", um título dado a Jerusalém mais de quarenta vezes na Bíblia. Na verdade, Jerusalém

será sempre conhecida tanto como "a cidade de Deus" como "a cidade de Davi". Ali Davi estabeleceu seu trono e reinou sobre Israel.

O nome de Davi será perpetuamente ligado a Jerusalém não somente porque ele foi seu conquistador, mas porque Deus prometeu estabelecer o trono de Davi ali para sempre. "**Mas escolhi Jerusalém para que ali seja estabelecido o meu nome, e escolhi a Davi para chefe do meu povo de Israel... Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre" (2 Crônicas 6.6; 2 Samuel 7.16)**.

Obviamente tais promessas significavam que o Messias, cujo reino seria eterno, seria descendente de Davi e reinaria sobre Israel e o mundo a partir do trono de Davi em Jerusalém: "**Fiz aliança com o meu escolhido, e jurei a Davi, meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade, e firmarei o teu trono de geração em geração... Encontrei Davi, meu servo; com o meu santo óleo o ungi. A minha mão será firme com ele, o meu braço o fortalecerá... Farei durar para sempre a sua descendência, e o seu trono como os dias do céu. Se os seus filhos desprezarem a minha lei, e não andarem nos meus juízos, se violarem os meus preceitos, e não guardarem os meus mandamentos, então punirei com vara as suas transgressões, e com açoites, a sua iniquidade. Mas jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade. Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como o sol perante mim" (Salmo 89.3-4,20-21,29-36).**

Arrependimento e Graça

O próprio Davi apresenta uma figura impressionante da graça de Deus em ação. Longe de ser perfeito, ele pecou lamentavelmente ao cometer adultério com Bate Seba e mandar seu marido, Urias, o heteu (um dos seus melhores guerreiros e mais fiéis servos), ser morto na batalha, para dar a impressão de ter sido só mais uma vítima da guerra. Ao contrário de Saul, porém, que havia sido o rei anterior a ele e só arranjava desculpas para seus pecados, Davi ficou quebrantado quando Natã, o profeta, o confrontou com o grande pecado que havia cometido, e Davi se arrependeu completamente.

O fato de Deus ter poupado sua vida foi um ato de graça. No entanto, Davi suportou severas disciplinas de Deus na destruição punidora de sua própria família. O Salmo 51, que Davi escrevera por ocasião de seu pecado, com amargo remorso, tem sido inspiração para muitos outros que se encontraram derrotados pela tentação à qual se entregaram e caíram em pecado: "**Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz, o que é mal perante os teus olhos... Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve... Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação... Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus.**"

Fora esse hediondo lapso de obediência, Davi viveu uma vida exemplar - tanto que Deus disse a seu respeito: "**Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade" (Atos 13.22)**. Esse relacionamento com Deus não veio de repente, mas foi desenvolvido ao longo de vários anos de busca fiel a Deus e Sua vontade. Quão trágico é que os líderes israelitas de hoje não tenham essa paixão!

Revisão da História de Israel

Foi por causa da sua fé em Deus que Davi foi capaz de conquistar não só Jerusalém mas o resto do território que Deus havia dado a Seu povo escolhido, mesmo até o rio Eufrates. Em comparação, o Israel de hoje, apesar de só possuir uma pequena fração do domínio que Deus lhe prometeu, está dando terras de volta a seus inimigos em troca da promessa de uma falsa "paz". O ex-ministro israelense de Relações Exteriores, Shimon Peres, justificou um tratado pouco-Davídico ao sugerir que as vitórias militares de Davi não eram "aceitáveis para o judaísmo ou para mim".[1]

Peres foi desafiado pelos membros do Knesset no dia 14 de dezembro de 1994, por ter aceito, juntamente com o então primeiro-

[1] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 7 de janeiro, 1995, Moshe Kohn, "Which David?", p. 13.

ministro Rabin, o Prêmio Nobel da Paz de braços dados com aquele terrorista e assassino de israelenses de longa data, Yasser Arafat. Que "paz" é essa? Ao apresentar uma impressionante opinião revisionista das Escrituras hebraicas, Peres defendeu "acordos de paz" recentes com a afirmação de que o judaísmo jamais apoiou conquista ou domínio militar sobre não-judeus.

Aparentemente, no Antigo Testamento revisado de Peres, os antigos israelitas não lutaram nenhuma batalha. Ao contrário, as nações, que ocupavam a terra de Canaã, graciosamente entregaram tudo de presente a Josué e foram embora em exílio voluntário! Na verdade, as Escrituras repetidamente declaram o que Davi sempre reconheceu: que toda vitória que conquistou foi só por causa da mão de Deus, que o guiou e protegeu na conquista militar da terra e dos inimigos do Senhor.

Infelizmente, o que é politicamente correto e vantajoso dita a política israelense agora. Quão trágico é que os líderes de hoje não tenham a mesma fé em Deus e aquele mesmo relacionamento íntimo que Davi desfrutava com o Senhor e era o segredo do seu sucesso!

Humildade e Exaltação

Uma das qualidades marcantes de Davi era uma humildade profunda e sincera em reconhecimento do fato de que ele era totalmente dependente de Deus. Apesar de seus grandes talentos e habilidades incomuns, ele estava disposto a fazer as tarefas mais simples dadas a ele. Foi essa mesma humildade que fez com que seu pai e seus irmãos ignorassem seu incrível potencial e o desprezassem.

Deus revelou ao profeta Samuel que o homem que Ele havia escolhido para substituir o ímpio rei Saul era um dos filhos de Jessé, que ele devia ungir com o óleo especial (reservado para profetas, sacerdotes, e reis) como rei de Israel. Samuel, desse modo, veio a Belém e convidou Jessé e seus filhos para um banquete. Então Jessé apresentou cada um dos seus filhos ao profeta. Eles eram um grupo de homens belos e viris, cada um aparentemente capacitado a ser rei. Samuel então ficou confuso quando Deus lhe disse que nenhum dos homens diante dele era o que Ele havia escolhido para governar Israel.

Havia apenas uma possibilidade: Jessé devia ter outro filho que não estava presente, embora Samuel tenha dito especificamente

que ele trouxesse todos. Quando Samuel perguntou se esse era o caso, Jessé pareceu envergonhado, como se houvesse esquecido o caçula ou o considerado indigno de participar de um evento tão importante: "**Perguntou Samuel a Jessé: Acabaram-se os teus filhos? Ele respondeu: Ainda falta o mais moço, que está apascentando as ovelhas. Disse pois Samuel a Jessé: Manda chamá-lo, pois não nos assentaremos à mesa sem que ele venha. Então mandou chamá-lo, e fê-lo entrar... Disse o Senhor: Levanta-te, e unge-o, pois este é ele. Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio de seus irmãos; e daquele dia em diante o Espírito do Senhor se apossou de Davi**" **(1 Samuel 16.11-13)**.

Porque o Messias Seria Desprezado

Davi apresenta uma figura marcante do Messias, uma figura que oferece percepção de uma passagem das Escrituras que deve ter sido difícil para Israel compreender: "**... olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso**" **(Isaías 53.2-3)**. Como tal descrição poderia caber a um Messias? Será que o Messias seria repulsivo fisicamente? Certamente não! Realmente, Ele teria que ser o máximo da Humanidade, o homem perfeito, tudo que Deus pretendia que o homem fosse! Então, por que Israel não veria nenhuma beleza nEle e até O desprezaria?

Nós encontramos em Davi a resposta perceptiva a esse enigma. Ele era tão humilde que ninguém reconhecera as suas grandes qualidades e capacidades. Na verdade, essa própria humildade, tão contrária à natureza humana, inconscientemente condenou o orgulho de outros e os cegou com seus próprios ressentimentos contra ele. Davi era o maior harpista e compositor em Israel, mas ninguém sabia. Ele estava satisfeito em cantar somente a Deus, só com um rebanho de ovelhas como testemunhas. Em resposta à sinceridade e humildade do seu coração, Deus presenteou Davi com talentos que o fizeram o maior salmista de todos os tempos. E por causa da sua disposição em cuidar fielmente de um pequeno rebanho de ovelhas, apesar das habilidades que o capacitavam para tarefas maiores, Deus o promoveu a ser o rei-pastor sobre Israel.

O Messias seria desprezado e rejeitado porque Ele era desajeitado e repulsivo? Obviamente, não. Davi foi desprezado e rejeitado, mas ele fora o guerreiro e administrador mais belo, sábio e capaz de Israel. Depois de ser levado ao palácio, seus talentos musicais agradaram muito ao rei. Mas quando começou a guerra com os filisteus, Davi foi mandado de volta para cuidar de ovelhas (1 Samuel 17.1,15) porque ninguém achava que ele seria útil na batalha. Imagine tratar o maior guerreiro de Israel daquela maneira, logo quando ele mais era necessário! Tal cegueira nos ensina muito!

Havia um conselheiro do rei, porém, cujos olhos foram abertos por Deus para ver em Davi o verdadeiro homem que mais ninguém reconheceu. Esse servo anônimo é uma figura daqueles cujos corações têm sido abertos para ver o Messias como Ele realmente é -"totalmente desejável" (Cantares de Salomão 5.16) - apesar do resto da humanidade achá-lo repulsivo. Aqui está a descrição de Davi ao rei feita por esse homem: **"Então respondeu um dos moços, e disse: Conheço um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar, e é forte e valente, homem de guerra, sisudo em palavras, e de boa aparência; e o Senhor é com ele" (1 Samuel 16.18)**.

Nenhum elogio maior poderia ser feito! Mas Davi foi desprezado mesmo por sua própria família por causa de sua discreta humildade. Em Davi, seu maior rei, Israel recebeu a ilustração que explicava porque o Messias seria tão repulsivo exceto para aqueles poucos que O vissem com os olhos de Deus ao invés dos olhos dos homens. De fato, o Messias seria o Homem perfeito como Deus pretendia que todos os homens fossem, sem as violências do pecado no espírito, alma e corpo. Suas perfeições, no entanto, sendo aquelas que agradavam a Deus, seriam desprezadas por pessoas egocêntricas e pecadoras que viviam em rebelião contra Deus e pretendiam se tornar pequenos deuses.

O Salvador Irreconhecido

Seu pai, Jessé, enviou Davi para levar alguns bolos caseiros para seus irmãos mais velhos, no lugar em que o exército de Israel estava em posição confrontando os filisteus. Ao chegar numa missão tão humilde, Davi ficou surpreso de ver os guerreiros mais valentes de Israel tremerem de medo quando o gigante, Golias, apareceu para provocá-los. Quando ele desafiou alguém do exército de Israel

para lutar contra ele, Davi não conseguia entender porque ninguém se voluntariava imediatamente.

Por não ser parte do exército, Davi não estava a par da situação. Então ele começou a questionar aqueles à sua volta, tentando entender o que estava acontecendo. Quando os irmãos de Davi souberam de suas interrogações, eles o repreenderam duramente. Foi o tratamento que recebera em toda a sua vida. A cegueira dos seus irmãos às suas capacidades era impressionante e a injustiça das más intenções que atribuíam a ele deve ter sido irritante, mas Davi permaneceu calmo: "**Ouvindo-o Eliabe, seu irmão mais velho... acendeu-se-lhe a ira contra Davi, e disse: Por que desceste aqui? E a quem deixaste aquelas poucas ovelhas no deserto? Bem conheço a tua presunção, e a tua maldade: desceste apenas para ver a peleja. Respondeu Davi: Que fiz eu agora? Fiz somente uma pergunta. Desviou-se dele para outro...**" **(1 Samuel 17.28-30)**.

A humildade falsamente acusada de orgulho; a honestidade e sinceridade injustamente acusadas de intenções egoístas. Que incrível! Que ilustração da cegueira do coração humano, e que prova da pureza de Davi diante do único Deus a quem servia, sem a preocupação pelo que outros pudessem pensar dele. E que exemplo convincente de fé completa em Deus que Davi apresentava ao exército temeroso de Israel: "**Davi disse a Saul: Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele; teu servo irá, e pelejará contra o filisteu**" **(1 Samuel 17.32)**.

Davi não tinha absolutamente nenhum medo porque confiava em Deus. Essa confiança diante de situações impossíveis (que se tornaram parte do dia-a-dia de Davi) não era conhecida por Saul e seus homens. A bravura de Davi parecia ser para eles, que continuaram cegos ao Davi de verdade, o entusiasmo insensato da juventude. Assim, quando Davi se ofereceu para enfrentar Golias e derrotá-lo, o rei estava certo de que ele seria uma presa fácil para o gigante. Mais uma vez vemos como a humildade messiânica de Davi fez o impossível para que aqueles guerreiros machões reconhecessem ser ele o seu herói: "**Porém Saul disse a Davi: Contra o filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu és ainda moço, e ele guerreiro desde a sua mocidade. Respondeu Davi a Saul: Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; quando veio um leão, ou um urso, e tomou um cordeiro do rebanho, eu saí**

após ele, e o feri, e livrei o cordeiro da sua boca; levantando-se ele contra mim, agarrei-o pela barba, e o feri, e o matei. O teu servo matou, assim o leão como o urso... O Senhor me livrou das garras do leão, e das do urso; ele me livrará da mão deste filisteu" (1 Samuel 17.33-37).

Uma Vitória Surpreendente Pela Fé

Por ser incapaz de persuadir Davi a não enfrentar o gigante, Saul ofereceu-lhe a sua armadura. Foi uma tentativa de ajudar bem-intencionada, mas completamente errada. Lembre-se que Saul **"desde os ombros para cima sobressaía a todo o povo" (1 Samuel 9.2)**. Essa era a situação antes de Davi ter nascido. Obviamente Davi não era o adolescente miúdo, geralmente representado nos materiais da escola dominical. Ele deveria ser alto e forte como Saul ou o rei não teria colocado a sua armadura nele. Davi a recusou, não porque ela não servia, mas porque ele tinha outra maneira de lutar contra o gigante. Davi tinha apenas uma arma, a funda, com que ele podia atirar uma pedra com velocidade fatal e atingir o menor alvo. Sem dúvida ele havia praticado muitas horas por dia durante aqueles anos solitários vigiando as ovelhas. Sua confiança, porém, não estava na sua precisão bem praticada, mas em Deus somente, uma confiança que o exército israelense hoje não possui: "[Davi] **tomou o seu cajado na mão, escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro [o gigante tinha quatro irmãos]... e, lançando mão da sua funda, foi- se chegando ao filisteu... Disse o filisteu a Davi: Sou eu algum cão, para vires a mim com paus? E, pelos seus deuses, amaldiçoou o filisteu a Davi... Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão... e toda terra saberá que há Deus em Israel. Saberá toda essa multidão que o Senhor salva, não com espada, nem com lança, porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos... Apressou-se e... correu de encontro ao filisteu... e com a funda lha atirou [uma pedra], e feriu o filisteu... a pedra encravou-se-lhe na testa, e ele caiu com o rosto em terra... porém não havia espada na mão de Davi. Pelo que correu Davi, e, lançando-se sobre o filisteu, tomou-lhe a espada... e o matou, cortando-lhe com ela a cabeça. Vendo os filisteus que era morto o seu herói, fugiram" (1 Samuel 17.40-51)**.

Um único tiro da sua funda, bem dirigido, e um toque da espada do próprio gigante nas mãos de Davi inspiraram o exército de Israel a uma grande vitória, que projetou Davi a uma posição de honra. Saul sabiamente o fez comandante do exército, mas sua inveja de Davi logo o levou a tentar seu assassinato. O resto dessa notável história do pastor que se tornou o maior rei de Israel é bem conhecida e não precisa ser repetida aqui.

Davi é, com certeza, lembrado e grandemente honrado até hoje em Israel. O Deus de Davi, porém - o Deus de Abraão, Isaque, e Israel - é desonrado e até difamado por Seu próprio povo. Ao invés de confiarem nEle, os líderes militares modernos de Israel confiam em si mesmos. Esse mesmo erro se tornou a loucura de Israel após a morte de Davi e seu filho, o rei Salomão. O orgulho e o abandono de Deus foram a ruína do Israel antigo. A rebelião de Jerusalém trouxe o julgamento justo e muito adiado de Deus sobre Seu povo escolhido.

Uma Cidade Dada à Destruição

Jerusalém, a Cidade de Deus e a Cidade de Davi, e o Templo onde Deus havia se revelado na glória da Shekinah que "enchera a casa do Senhor" (1 Reis 8.11), foi entregue à destruição de exércitos invasores. Ao invés de proteger Jerusalém, Deus a puniu por seus pecados deixando com que seus inimigos fizessem o pior. A história de Jerusalém se tornou uma história de terror, de sítio e fome, de repetidos massacres e devastações. Essa história fica como testemunha eloquente da precisão dos profetas que, em nome do Deus de Abraão, Isaque e Israel, avisaram o povo de Israel para se arrepender do seu pecado e lhe falaram do julgamento que iria se seguir se não o fizesse.

Desde o tempo de sua destruição por Nabucodonosor como instrumento da retribuição de Deus em 587 a.C., Jerusalém, a cidade de paz onde Deus havia colocado Seu nome, nunca mais conheceu a paz. Sua história tem sido uma sucessão infindável de guerras, revolta contra seus conquistadores, violação do Templo, e o massacre, a escravidão e a dispersão de seu povo.

As muralhas de Jerusalém haviam ficado em ruínas por mais de 140 anos quando foram reconstruídas sob a liderança de Neemias por volta de 445-440 a.C.. A cidade nunca mais reconquistaria sua

glória anterior, mas ela seria sempre o alvo contínuo de exércitos invasores, sempre uma ruína no doloroso processo de reconstrução. Em 320 a.C., quando Ptolomeu Soter atacou Jerusalém, os judeus se recusaram a lutar no sábado. A cidade foi tomada e grande parte do seu povo foi aprisionado, alguns até a África, onde foram vendidos como escravos.

Mais uma vez, em cerca de 167 a.C., Antíoco Epifânio violou o Templo e massacrou os judeus de Jerusalém aos milhares. Ele queimou a Cidade Santa e derrubou seus muros. Novamente, muitos daqueles que não foram mortos foram vendidos como escravos. Povos estrangeiros foram trazidos para reabitar o que foi deixado no local. Uma nova fortaleza foi construída no Monte Sião, e uma guarnição de tropas foi deixada ali para governar a cidade em nome de Antíoco Epifânio. Às vezes, ao que parece, Antíoco pensou em estabelecer e exigir a adoração de si mesmo como um deus - o mesmo que o Anticristo, de quem Antíoco é uma figura clara, irá finalmente fazer (2 Tessalonicenses 2.4; Apocalipse 13.8,15).

Dois anos mais tarde Judas Macabeu liderou um exército judeu em uma grande vitória sobre Antíoco. Nenhum invasor estrangeiro conquistou a cidade pelos próximos cem anos. Mas durante esse tempo de "paz", o confronto interno entre facções políticas e religiosas causou pelo menos 50.000 mortes, com mais multidões de aleijados e feridos. Em 63 a.C., após um cerco e muita destruição, a cidade foi capturada novamente, dessa vez por Pompeu. Seis anos depois a cidade foi conquistada mais uma vez, nessa trágica ocasião pelo exército romano liderado por Herodes, o Grande.

Por volta de 4 a.C. os judeus se revoltaram contra o sucessor de Herodes, o Grande, Arquelau, cujas tropas mataram cerca de 3.000 rebeldes. Na festa de Pentecostes seguinte, houve outra revolta obstinada e "grande massacre; as câmaras do templo foram totalmente queimadas, os tesouros do santuário foram saqueados pelas legiões, e muitos judeus se suicidaram em desespero... Varus, governador da Síria, entrou na Palestina com 20.000 homens, destruiu centenas de cidades, crucificou 2.000 rebeldes, e vendeu 30.000 judeus como escravos."[2]

A Diáspora Final

E assim tem sido através dos tristes séculos para a Cidade de Jerusalém. Repetidamente, a Cidade da Paz conheceu somente guer-

[2] Will Durant, The Story of Civilization (Simon and Schuster, 1950), Vol.III, p. 543.

ra. Não é de se admirar que Deus nos incentivou: "**Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam**" **(Salmo 122.6)**. Depois de pesquisar e escrever a história inteira da civilização, Will Durant declarou:

> Nenhum povo na história lutou tão tenazmente pela liberdade como os judeus, e nenhum povo contra tamanha oposição. De Judas Macabeu a Simão Bar Cochba, e mesmo em nossa época, a luta dos judeus para reconquistar sua liberdade muitas vezes os dizimou, mas jamais dobrou seu espírito e sua esperança.[3]

A última grande destruição de Jerusalém veio em 70 d.C. nas mãos de Tito e suas legiões romanas, que saquearam a cidade e destruíram o Templo. Flávio Josefo acompanhou Tito no cerco de Jerusalém e foi uma testemunha de sua terrível destruição. Das linhas romanas ele suplicava para que seus conterrâneos se rendessem, mas eles lutaram até o fim. Centenas de milhares morreram no cerco. Dos que foram capturados vivos, milhares foram crucificados - tantos que Josefo relata: "Faltava espaço para as cruzes, e faltavam cruzes para os corpos." Durant nos diz que "nos últimos estágios do cerco de cinco meses as ruas estavam entupidas de corpos... 116.000 corpos foram jogados por cima do muro..."

Após tomar metade da cidade, Tito ofereceu o que ele pensava serem termos brandos aos rebeldes: eles os rejeitaram... os romanos incendiaram o Templo, e o grande edifício, quase todo de madeira, foi rapidamente consumido... Os vencedores não deram qualquer trégua, mas mataram todos os judeus em que conseguiam pôr as mãos; 97.000 fugitivos foram capturados e vendidos como escravos; muitos morreram como gladiadores involuntários nos jogos triunfais... Josefo enumerou em 1.197.000 os judeus mortos nesse cerco e suas repercussões... os judeus foram quase exterminados da Judéia e aqueles que sobreviveram estavam à beira da morte por inanição..."[4]

A fuga ou escravidão de um milhão de judeus acelerou tanto sua dispersão pelo Mediterrâneo que seus eruditos chegaram a datar a Diáspora a partir da destruição do Templo de Herodes. Já vimos que a Dispersão profetizada começou seis séculos antes no cativeiro babilônico, e foi renovada no assentamento dos judeus em Alexandria. Já que a fertilidade era mandatória e o infanticídio estritamente

[3] Ibid., p. 542.
[4] Ibid., pp. 542-45.

proibido pela piedade e lei judaicas, a expansão dos judeus deu-se por razões biológicas assim como econômicas; os hebreus ainda representavam um papel bem pequeno no comércio do mundo."[5]

Profecia Cumprida

Israel estava ceifando o que havia plantado por séculos. Ninguém podia duvidar que as muitas profecias do julgamento de Deus - das quais as seguintes são uma pequena amostra - estavam se cumprindo: **"Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, não cuidando em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno... O Senhor mandará sobre ti a maldição, a confusão e a ameaça... até que sejas destruído... por causa da maldade das tuas obras, com que me abandonaste... O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos;... e por sete caminhos fugirás diante deles" (Deuteronômio 28.15,20,25).**

"Disse o Senhor a Moisés: Eis que estás para dormir com teus pais: e este povo se levantará, e se prostituirá indo após deuses estranhos na terra... e me deixará, e anulará a aliança que fiz com ele. Nesse dia a minha ira se acenderá contra eles; desampará-los-ei, e deles esconderei o meu rosto, para que sejam devorados; e tantos males e angústias os alcançarão, que dirão naquele dia: Não nos alcançaram estes males por não estar o nosso Deus no meio de nós?" (Deuteronômio 31.16-17).

Mais surpreendente é o aviso frequente, ao qual já nos referimos, de que os judeus seriam dispersos para toda nação e todo canto da terra. Will Durant faz este comentário significativo:

> Cinquenta anos antes da queda de Jerusalém, Strabo, com exagero antissemítico, relatou que "é difícil encontrar um só lugar na terra habitável que não tenha admitido essa tribo de homens, e que não seja possuído por eles." Filo, vinte anos antes da Dispersão, descreveu "os continentes... cheios de colônias judaicas, e da mesma forma... as ilhas, e quase toda a Babilônia."
>
> Até 70 d.C. havia milhares de judeus em Selêucia no Tigre, e em outras cidades dos partos; eles eram numerosos na Arábia, e passaram dela para a Etiópia; eles abundavam na Síria e Fenícia; eles tinham grandes colônias em Tarso, Antioquia, Mileto, Éfeso, Sardes,

[5] Ibid., pp. 545-46.

> Esmirna; eles só eram menos numerosos em Delos, Corinto, Atenas, Filipos, Patra, e Tessalônica.
>
> No Ocidente havia colônias judaicas em Cartago, Siracusa, Putéoli, Capua, Pompéia, Roma, até em Venusia, terra natal de Horácio. No total; podemos calcular 7.000.000 de judeus no Império - uns sete por cento da população, o dobro da sua proporção nos Estados Unidos da América hoje.[6]

Mesmo assim, aqueles judeus que permaneceram em Jerusalém e suas redondezas, cegos à razão dos seus problemas, continuaram seus esforços para livrar-se dos seus opressores. Ao invés de arrependimento e um retorno a Deus, havia mais rebelião. "Sob a liderança de Simão Bar Cochba, que afirmava ser o Messias, os judeus fizeram sua última tentativa, na Antiguidade, de recuperar sua pátria e sua liberdade (132 d.C.). O rabino Akiba ben Joseph, que durante toda sua vida pregou a paz, deu sua bênção à revolução ao aceitar Bar Cochba como o Salvador prometido. Durante três anos os rebeldes lutaram valentemente contra as legiões; finalmente eles foram derrotados por falta de comida e suprimentos.

"Os romanos destruíram 985 cidades na Palestina, e mataram 580.000 homens; um número ainda maior, somos informados, morreu de fome, doenças, e por fogo; quase toda a Judéia foi desolada. O próprio Bar Cochba caiu defendendo Betar. Tantos judeus foram vendidos como escravos que seu preço caiu ao nível do de um cavalo. Milhares preferiram se esconder em túneis subterrâneos a ser capturados; encurralados pelos romanos, eles morreram um por um de fome, enquanto os vivos comiam os corpos dos mortos."[7]

Assim terminou a última tentativa organizada dos judeus, cada vez mais espalhados, de recuperar sua pátria até que em 1897, mais de 17 séculos depois, o primeiro Congresso Sionista foi realizado em Basiléia, Suíça. No entanto, quando Israel veio a se tornar novamente uma nação na sua própria terra, não foi pelos esforços dos sionistas, mas por um ato soberano de Deus.

Após 2500 anos de exílio, de contínuo massacre de judeus e repetidas destruições de Jerusalém, a Cidade de Davi, uma nova fase na sua história foi obviamente alcançada. Como veremos, os profetas não nos deixaram na ignorância a respeito do que ainda acontecerá.

---

[6] Ibid.

[7] Ibid., p. 548.

Então o Senhor herdará a Judá como sua porção na terra santa, e de novo escolherá a Jerusalém.

— Zacarias 2.12

Os que andavam perdidos pela terra da Assíria, e os que forem desterrados para a terra do Egito tornarão a vir, e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém.

— Isaías 27.13

O que confia em mim herdará a terra, e possuirá o meu santo monte.

— Isaías 57.13

Porque no meu santo monte, no monte alto de Israel, diz o Senhor Deus, ali toda a casa de Israel me servirá, toda naquela terra; ali me agradarei deles.

— Ezequiel 20.40

4
A Terra Santa

Quando Deus prometeu a terra de Canaã a Abraão e a seus descendentes, essa não foi uma decisão puramente arbitrária, mas determinada pela Sua justiça. Os habitantes dessa terra estavam tão atolados no mal (idolatria, sacrifícios de crianças, homossexualidade, espiritismo e necromancia) que chegaria o dia em que a paciência e misericórdia de Deus se esgotariam e Ele seria impelido a remover esse povo da terra. Nessa época Ele usaria Israel como instrumento de Seu julgamento. Só então, a terra seria dada aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Na época em que lhe prometeu a terra, Deus disse a Abraão: "Não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus" (Gênesis 15.16). Até que chegasse o dia quando essas nações deveriam ser destruídas, os descendentes de Abraão seriam escravizados numa terra estranha durante 400 anos. Depois disso, Deus os libertaria e os traria à Terra Prometida.

A escravidão de Israel no Egito e sua libertação posterior cumpriram essa profecia a Abraão. Somente nesse momento determinado, os descendentes do patriarca finalmente receberam sua terra. E Israel deveria lembrar-se desse fato; ele jamais deveria se permitir o pensamento vaidoso de que Deus o favorecera porque era melhor que outras nações:

"Não vos teve o Senhor afeição, nem vos escolheu, por- que fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o Senhor vos ama-

va, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais..." (Deuteronômio 7.7-8).

"Quando, pois, o Senhor teu Deus os tiver lançado fora de diante de ti, não digas no teu coração: Por causa da minha justiça é que o Senhor me trouxe a esta terra para a possuir... Não é por causa da tua justiça, nem pela retitude do teu coração que entras a possuir a sua terra, mas pela maldade destas nações o Senhor teu Deus as lança fora, de diante de ti; e para confirmar a palavra que o Senhor teu Deus jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó. Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o Senhor teu Deus te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo de dura cerviz... Desde o dia que saístes do Egito, até que chegastes a esse lugar, rebeldes fostes contra o Senhor" (Deuteronômio 9.4-7).

O Chamado à Santidade

O que Moisés transmitiu de Deus para o povo de Israel dificilmente foi um discurso lisonjeiro, destinado a elevar a sua auto-estima. Pelo contrário, Deus na Sua sabedoria e graça estava dizendo aos israelitas a verdade sobre eles mesmos. Ele os estava advertindo, antes mesmo de levá-los para a terra, a não continuarem na rebelião, do contrário Ele os lançaria fora como havia feito com os habitantes anteriores. Porém, eles não seriam substituídos por mais ninguém. A terra seria abandonada e se tornaria um deserto antes que Ele os trouxesse de volta nos últimos dias antes do retorno do Messias para governar o mundo de Jerusalém.

Em contraste com aquelas nações que desapossou, Israel deveria exemplificar ao mundo a retidão que Deus desejava que todas as nações e indivíduos praticassem. A terra que havia sido tão pecaminosa deveria tornar-se a Terra Santa por causa da santidade dos israelitas que vieram a possuí-la e a santidade do Deus que a havia dado a eles. "Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo" era Seu desafio sempre repetido a Israel (Levítico 11.44-45; 19.2; 20.7; etc.):

"Mas a vós outros vos tenho dito: Em herança possuireis a sua terra, e eu vo-la darei para a possuirdes, terra que mana leite e mel: Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos separei dos povos... Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos, para serdes meus" (Levítico 20.24,26).

"Porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra" (Deuteronômio 7.6; cf. 14.2).

Que privilégio - sim, e que responsabilidade - Deus estava dando aos filhos de Israel! Nós citamos apenas algumas das muitas declarações no Antigo Testamento de que Deus escolhera Israel para ser o Seu povo especial e que, como tal, eles deviam viver vidas de santa obediência a Ele. Se eles vivessem ou não de acordo com o seu alto chamado determinaria o fato deles prosperarem na terra ou serem lançados fora dela, como foi o destino das nações que habitavam nela antes deles.

Quem é um Judeu de Verdade?

A Bíblia deixa bem claro que simplesmente ser um judeu de nascença não dá a alguém direito automático à Terra Prometida ou à bênção de Deus. A terra é apenas para aqueles que têm fé em Deus e que gozam do mesmo relacionamento com Ele que Abraão gozava. É verdade que a terra foi prometida aos descendentes de Abraão. Uma mera descendência física de Abraão, no entanto, não é suficiente.

Um verdadeiro judeu deve ser um descendente espiritual assim como físico de Abraão, uma pessoa cuja vida reflita a mesma fé e obediência para com Deus que caracterizou o progenitor da sua raça. Se os judeus quisessem continuar na sua terra, eles teriam que agir como descendentes espirituais de Abraão, verdadeiramente amando e obedecendo a Deus e confiando nEle para orientação e proteção. Os seguintes são só alguns dos muitos lembretes:

"Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, não cuidando em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão todas estas maldições sobre ti... sereis desarraigados da terra a qual passais a possuir" (Deuteronômio 28.15,63; etc..).

"Tende cuidado, porém, de guardar com diligência o mandamento e a lei que Moisés, servo do Senhor, vos ordenou: que ameis ao Senhor vosso Deus, andeis em todos os seus caminhos, guardeis os seus mandamentos, e vos achegueis a ele, e o sirvais de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma" (Josué 22.5).

A terra deveria ser santa porque Deus chamou seus novos habitantes, os judeus a quem Ele a tinha dado, para serem diante do

mundo exemplo de um povo santo que vivia uma vida pura em sujeição a Ele. Não só os sacerdotes deveriam ser santos, mas todo cidadão deveria ser um sacerdote diante de Deus: **"Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa..." (Êxodo 19.6).**

Fracasso e Tragédia

Tragicamente, Israel deixou de obedecer a Deus e de viver de acordo com o padrão que Ele lhe propusera. Ao invés de exemplificar santidade, Israel se tornou ainda mais pecaminoso que o povo que Deus lançara fora a fim de lhe dar a terra. Parece inacreditável, mas é uma triste verdade, que apesar dos avisos de julgamento próximo feitos pelos profetas que Deus enviou, Israel aumentou seu pecado até que literalmente ultrapassou a infâmia das nações pagãs à sua volta! As seguintes acusações feitas contra Israel pelos profetas que Deus enviou para avisá-lo são apenas uma pequena amostra do grande número que poderíamos citar:

"Manassés fez errar a Judá e os moradores de Jerusalém, de maneira que fizeram pior do que as nações que o Senhor tinha destruído de diante dos filhos de Israel" (2 Crônicas 33.9).

"Vos enviou o Senhor todos os seus servos, os profetas, mas vós não os escutastes... quando diziam: Convertei-vos agora cada um do seu mau caminho, e da maldade das suas ações, e habitai na terra que o Senhor vos deu e a vossos pais desde os tempos antigos e para sempre. Não andeis após outros deuses para os servirdes, e para os adorardes... Todavia não me destes ouvidos, diz o Senhor, mas me provocastes à ira com as obras de vossas mãos, para o vosso próprio mal" (Jeremias 25.4-7).

"Portanto assim diz o Senhor: Eis que entrego esta cidade nas mãos dos caldeus... [eles] entrarão nela, porão fogo a esta cidade, e queimarão as casas sobre cujos terraços queimaram incenso a Baal e ofereceram libações a outros deuses, para me provocarem à ira. Porque os filhos de Israel e os filhos de Judá não fizeram senão mal perante mim, desde a sua mocidade... Porque para minha ira e para meu furor me tem sido esta cidade, desde o dia em que a edificaram, e até o dia de hoje... eles não deram ouvidos, para receberem a advertência. Antes puseram as suas abominações na casa que se chama pelo meu nome, para a profanarem. Edificaram os altos de Baal..." (Jeremias 32.28-35).

"Assim diz o Senhor Deus: Esta é Jerusalém," pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela. Ela, porém, se rebelou contra os meus juízos, praticando o mal mais do que as nações, e transgredindo os meus estatutos mais do que as terras que estão ao redor dela: porque rejeitaram os meus juízos, e não andaram nos meus estatutos" (Ezequiel 5.5-6).

"Assim diz o Senhor Deus a Jerusalém... Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não fez Sodoma, tua irmã, ela e suas filhas, como tu fizeste e também tuas filhas... Também Samaria não cometeu metade de teus pecados; pois tu multiplicaste as tuas abominações mais do que elas... Mas eu me lembrarei da minha aliança, feita contigo... e saberás que eu sou o Senhor" (de Ezequiel 16).

É difícil imaginar que os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó (Israel) conscientemente abririam mão da Terra Prometida por causa da sua rebelião. Depois de terem visto o milagre do Mar Vermelho se abrir diante deles, o maná que caía toda manhã para alimentá-los, e a água jorrando da rocha, depois de terem ouvido a voz de Deus falando com eles do Monte Sinai e visto a coluna-guia de nuvem durante dia e de fogo à noite, e depois de serem levados à terra que Deus prometeu a eles, parece impossível que poderiam ainda rebelar-se contra Deus tão flagrantemente, que teriam que ser expulsos daquela terra santa! Mas foi exatamente isso que aconteceu.

Deus foi extremamente paciente com Seu povo escolhido. Ele lhes deu muitos avisos, mas eles não deram ouvidos aos Seus profetas. Finalmente, por causa da grande maldade que continuavam a cometer, Deus permitiu que exércitos invasores destruíssem Jerusalém e o Templo e levassem seus habitantes para o cativeiro:

"Tornou-me o Senhor: Apregoa todas estas palavras nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, dizendo... deveras ad- verti a vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito, até no dia de hoje, testemunhando desde cedo, cada dia, dizendo: Dai ouvidos à minha voz. Mas não atenderam nem inclinaram os seus ouvidos, antes andaram cada um segundo a dureza do seu coração maligno; pelo que fiz cair sobre eles todas as ameaças desta aliança... Tornaram às maldades de seus primeiros pais, que recusaram ouvir as minhas palavras; andaram eles após outros deuses para os servir... Portanto assim diz o Se-

nhor: Eis que trarei mal sobre eles, de que não poderão escapar..." **(Jeremias 11.6-8,10-11).**

Assim como os profetas previram, os judeus foram espalhados por todos os cantos da terra, onde sofreram exatamente perseguição e morte, como os profetas advertiram que lhes sucederia. Conhecendo toda essa história, é ainda mais surpreendente que hoje, depois de serem levados de volta à sua terra após 2.500 anos de peregrinação sem pátria, os judeus pareçam não ter aprendido nada do passado. Israel parece determinado a provocar Deus a derramar Sua ira e julgamento sobre ele novamente. Que trágico!

A Repetição da Maldade Hoje

É realmente irônico que a maioria dos israelenses e judeus de hoje ao redor do mundo não se preocupem com aquela santidade que Deus claramente disse ser sua responsabilidade como atalaias da Terra Santa. Na verdade, muito poucos judeus, tanto em Israel como em qualquer outro lugar, realmente acreditam que Israel é a terra de Deus, o lugar onde Ele colocou Seu nome para sempre e à qual Ele trouxe Seu povo escolhido. Tragicamente, poucos acreditam no Deus que deu, durante sua própria história como nação, a evidência indiscutível de Sua existência!

Ao invés de ser um exemplo de santidade, Israel cai presa dos mesmos problemas morais que infestam o resto do mundo. O espancamento de esposas, tão comum entre árabes porque é tolerado no Islã, está aumentando em Israel, com números cada vez maiores de mulheres espancadas ao ponto de falecerem. Mesmo assim, os tribunais israelenses são criminalmente brandos com tais assassinos. Psicólogos israelenses estão pedindo "tratamento" ou "educação" para os assassinos, dando a impressão de que assassinar sua esposa não é realmente um crime, mas uma "fraqueza", cuja culpa se pode atribuir à infância do assassino.[1]

Pecados que eram desconhecidos nos dias de Isaías e Jeremias estão em escalada. O vício das drogas está aumentando. Existem agora 200.000 israelenses usuários de drogas. O Ministro da Polícia disse: "A cada sete segundos um carro é arrombado... [geralmente] o equipamento de som é roubado e vendido para obter dinheiro para consumo de drogas."[2] Essa é a "Terra Santa"?

[1] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 21 de janeiro de 1995, "Por que mimamos assassinos de mulheres?", p. 7.

[2] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 5.

A televisão pode ser tão viciante quanto as drogas. Ela representa a influência mais penetrante e persuasiva na sociedade moderna e está corrompendo a juventude tanto em Israel como em outros lugares. Até os secularistas estão lamentando o fato. Como resultado de uma pesquisa recente que fez em Israel, o Dr. Raphael Schneller da Universidade BarIlan comentou:

> A crescente dependência da televisão tem implicações sérias na saúde, educação, desenvolvimento social e cultura da juventude. Eles são isolados da realidade e não conhecem o mundo real. Tudo é imaginário... Termos normais de referência não existem para eles. Eles não conhecem personagens da vida real e não conseguem ter uma conversa normal...[3]

O pior de tudo é o desprezo por Deus e por Sua lei que é projetado na TV. Seus espectadores sofrem lavagem cerebral para aceitar os estilos de vida pervertidos apresentados como "normais" para hoje. Certamente a ética bíblica, longe de ser retratada favoravelmente na TV, é desprezada e há muito foi abandonada pela sociedade em geral. Um professor israelense, preocupado com o problema, escreve:

> A coabitação antes do casamento, ou em seu lugar, tornou-se a norma. O número de divórcios está crescendo... A homossexualidade é praticada mais abertamente.
>
> O Rabino-Mor Britânico, Jonathan Sacks, delineou de maneira precisa essa transformação social. O pecado se torna imoralidade, a imoralidade se torna um desvio, o desvio se torna escolha, e toda escolha se torna legítima.[4]

A Rejeição de Deus pela Liderança

Infelizmente, o governo tomou a iniciativa em legitimizar e promover a depravação não só nos Estados Unidos, mas também em Israel. Em dezembro de 1994, por exemplo, a Suprema Corte israelense aprovou uma decisão concedendo status legal para casais homossexuais ou lésbicas.[5] Imagine o mais alto tribunal na Terra Santa aprovando o pecado pelo qual Deus destruiu Sodoma e Gomorra!

[3] Israel My Glory, Dezembro de 1994/Janeiro de 1995, p. 19.
[4] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 24 de dezembro, 1994, p. 6.
[5] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 7 de janeiro de 1995, p. 16A.

Ariel Rosen-Zvi, deão da Faculdade de Direito da Universidade de Tel-Aviv, está preocupado porque "a constituição se tornou uma arena da disputa em torno da natureza judaica de Israel" e está levando a "uma crescente polarização entre judeus religiosos e seculares..."[6] Até mesmo de um ponto de vista puramente lógico e secular, a decisão da Corte é irresponsável e não faz sentido, como um preletor no centro de Estudos Judaicos Avançados para Mulheres de Jerusalém demonstrou tão claramente:

> O impulso fundamental de uma sociedade saudável é perpetuar-se. No caso do povo judeu, isso tem sido uma obsessão milenar diante da constante opressão. O Estado de Israel é uma expressão da vontade coletiva do povo judeu de continuar, mesmo depois do Holocausto... Quando escolhemos um estilo de vida que não inclui dar à luz e criar crianças judias, nós falhamos como cidadãos do povo judeu...
>
> Ao endossar parcerias homossexuais, a Corte enviou uma mensagem a todos os judeus, tirando deles a responsabilidade de considerar o futuro do nosso povo... A testemunha principal... o núcleo familiar, entrou na Corte, saturada de declínio. Ela emergiu ignorada e abatida, e encontrou entre os adversários uma cena de júbilo.[7]

Essa é apenas uma das várias maneiras em que o Israel moderno continua no caminho descendente dos seus ancestrais, violando a lei divina. O julgamento de Deus virá, ou Ele terá que se desculpar para com aqueles que julgou no passado pelos mesmos pecados. Podemos ter certeza de que esse Israel moderno sentirá o gosto da ira de Deus tal como o Israel antigo - e ainda pior - porque os próprios profetas hebreus declararam isso. Jeremias falou desse julgamento vindouro como o **"tempo de angústia para Jacó" (Jeremias 30.7).**

O governo e o exército israelenses claramente não têm conhecimento do seu papel dado por Deus na Terra Santa, nem tampouco consideração pelo mandamento de Deus de serem santos como Ele é santo. O fato é evidente de várias maneiras. Como exemplo, considere a nova norma de conduta lançada pelo exército israelense no começo de 1995. Não é de se espantar que o documento, chamado "O Espírito das Forças Israelenses de Defesa - Valores e Regras Básicas", ignora os Dez Mandamentos que Deus deu a Israel através de Moisés e tem pouco a ver com moral. Seus "11 valores bási-

---

[6] Ibid.

[7] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 24 de dezembro, 1994, p. 6.

cos" são: "persistência de operação, responsabilidade, confiabilidade, exemplo pessoal, vida humana, pureza de armas, profissionalismo, disciplina, lealdade, apresentação e camaradagem."[8]

O Exemplo do Rei Davi

Que contraste gritante com a atitude do rei Davi, o maior guerreiro e líder militar na história de Israel! Poderia-se imaginar que os líderes militares de hoje admirassem muito a Davi e prestassem muita atenção ao que ele dizia ser o segredo de seu sucesso fenomenal. Ao invés disso, eles parecem decididos a desprezar o próprio Deus que Davi disse ser sua espada e escudo na batalha.

Os salmos de Davi são testemunhos clássicos da sua fé em Deus, uma fé que o governo secular do Israel de hoje acha obsoleta ou pelo menos desnecessária. Uma das jóias mais conhecidas e valorizadas da literatura no mundo é o Salmo 23. Nesse clássico, o rei Davi declara ser como uma ovelha e Deus é o Pastor que cuida do seu sustento e da sua proteção a todo momento de cada dia. O Salmo termina com a certeza confiante de Davi na proteção de Deus nesta vida e da alegria eterna na presença de Deus quando seu tempo aqui na terra terminar: "**Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.**"

A paixão de Davi era honrar e obedecer ao Deus de Israel, que trouxe Seu povo à Terra Santa e a quem Davi conhecia intimamente e amava de todo seu coração. Esse fato é aparente à medida em que alguém segue seus passos e é confrontado pela realidade indubitável da orientação e proteção de Deus durante toda a carreira brilhante de Davi. E o que esse extraordinário pastor, que se tornara rei, escreve, obviamente, não é fantasia, não são sonhos otimistas de sua própria ambição, mas verdade e realidade demonstradas em brilhantes aventuras e uma vida triunfante. Sua devoção claramente procede de um coração que estava em comunhão contínua e profundamente pessoal com o Deus do universo, e como resultado disso chegou a um entendimento profundo do propósito da vida:

"Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! pois expuseste nos céus a tua majestade... Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres?" (Salmo 8.1,3-4).

[8] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 7 de janeiro de 1995, p. 24.

"O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?... Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração..." (Salmo 27.1,14).

"Bem-aventurado o homem que põe no Senhor a sua con- fiança... São muitas, Senhor Deus meu, as maravilhas que tens operado, e também os teus desígnios para conosco... Agrada- me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei... Folguem e em ti se rejubilem todos os que te buscam; os que amam a tua salvação digam sempre: O Senhor seja magnificado!" (Salmo 40.4-5,8,16).

"Louvar-te-ei, Senhor, de todo o meu coração; contarei todas as tuas maravilhas. Alegrar-me-ei e exultarei em ti; ao teu nome, o Altíssimo, eu cantarei louvores" (Salmo 9.1-2).

"Ó Deus tu és o meu Deus forte, eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, numa terra árida, exausta, sem água... para ver a tua força e a tua glória. Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam. Assim cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver... No meu leito, quando de ti me recordo, e em ti medito, durante a vigília da noite. Porque tu me tens sido auxílio; à sombra das tuas asas eu canto jubiloso. A minha alma apega-se a ti: a tua destra me ampara" (Salmo 63.1-4,6-8).

Que contraste entre o rei Davi e a liderança secular de Israel hoje! E quão completamente Davi prova o engano da demanda popular de "separação entre a igreja e o Estado." Ao invés de Deus ser barrado dos assuntos públicos, sob a liderança de Davi, Israel procurava Deus por Seu conselho sábio e proteção em toda situação. O segredo do sucesso extraordinário de Davi estava na Sua fé em Deus, uma fé que cresceu do seu amor pelo Seu Criador e Salvador e sua comunhão contínua com Ele. Os salmos de Davi inspiraram milhões com o desejo de conhecer, confiar e obedecer ao seu Deus:

"Uma cousa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor, e meditar no seu templo" (Salmo 27.4).

"Tributai ao Senhor, filhos de Deus, tributai ao Senhor glória e força. Tributai ao Senhor a glória devida a seu nome, adorai ao Senhor na beleza da santidade" (Salmo 29.1-2).

"Exultai, ó justos, no Senhor! Aos retos fica bem louvá-lo. Celebrai o Senhor com harpa, louvai-o com cânticos no saltério de dez cordas. Entoai-lhe novo cântico, tangei com arte e com júbilo. Porque a palavra do Senhor é reta e todo o seu proceder é fiel" (Salmo 33.1-4).

A Repreensão do Rei Davi

Ninguém enfrentou maiores dificuldades, venceu mais desvantagens intransponíveis, ou se elevou de uma posição mais baixa para subir a um trono tão glorioso do que Davi. E nenhum outro rei de Israel, antes ou depois dele, obteve maiores vitórias militares e políticas. Entretanto, Davi não busca crédito por nada disso, mas dá toda a glória a Deus. Os salmos de Davi transbordam de louvor e gratidão Àquele que guiou os seus passos, o protegeu no perigo, o salvou de seus inimigos, e fez dele o maior guerreiro e líder militar na história de Israel, e talvez de qualquer nação. Considere os seguintes resumos do Salmo 18 e note que Davi dá a Deus toda a glória:

"Eu te amo, ó Senhor, força minha. O Senhor é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte. Invoco o Senhor, digno de ser louvado, e serei salvo dos meus inimigos... O Deus que me revestiu de força, e aperfeiçoou o meu caminho, ele deu a meus pés a ligeireza das corças... Ele adestrou as minhas mãos para o com- bate, de sorte que os meus braços vergaram um arco de bronze... Pois de força me cingiste para o combate, e me submeteste os que se levantaram contra mim. Também puseste em fuga os meus inimigos... Glorificar-te-ei, pois, entre os gentios, ó Senhor, e cantarei louvores ao teu nome. É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei e usa de benignidade para com seu ungido, com Davi e sua posteridade para sempre."

Que apropriadas seriam as palavras de Davi hoje como repreensão aos secularistas que presentemente ocupam a Terra Santa e aqueles que imaginam que a engenhosidade, diligência, tecnologia e o poder militar de Israel são suficientes! Além de chamar seu povo para adorar o Senhor, Davi usou palavras duras para os ateus, dos quais Israel hoje tem um suprimento abundante:

"Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem. Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam: não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Salmo 14.1-3).

"Feliz a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo que ele escolheu para a sua herança... Não há rei que se salve com o poder dos seus exércitos; nem por sua muita força se livra o valente... Eis que os olhos do Senhor estão sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua misericórdia... Nossa alma espera no Senhor, nosso auxílio e escudo" (Salmo 33.12-20).

Rivais Pela Posse da Terra Santa

Apesar do seu povo e líderes não reconhecerem os propósitos de Deus para Israel, milhões de outros consideram santa a sua terra, entre eles católicos e muçulmanos. Mas não se pode evitar a ironia de Israel ser chamado de "Terra Santa" por muçulmanos e católicos quando se considera a intensidade com que ambos os grupos têm procurado expulsar dessa terra o próprio povo a quem Deus a deu como possessão para sempre (Gênesis 13.15; Êxodo 32.13; Josué 14.9; etc.).

O propósito da OLP expresso em sua constituição - exterminar toda a nação de Israel - nunca foi [realmente] renegado e jamais o será enquanto o Islã continuar a ensinar que "a Terra Santa" foi dada por Deus não aos judeus, mas aos árabes. A incapacidade de Yasser Arafat de renunciar ao terrorismo que tem aumentado contra Israel desde seu acordo com a OLP[9] foi justificado por um assessor como sendo causado pela dificuldade de se expressar em inglês. Ele certamente não expressou nenhum arrependimento pelo terrorismo em árabe, no qual é fluente! "Ele [Arafat] não é um orador público muito bom", disse o porta-voz da OLP, "mas no seu coração e na sua mente, ele está absolutamente determinado em seu propósito [de eventualmente denunciar o terrorismo?]."[10]

Quanto ao Catolicismo Romano, ele afirma ser o novo Israel e ensina que os judeus não são mais o povo escolhido de Deus. O Concilio Vaticano II tenta esconder esse fato com conversas ambíguas e enganadoras, mas seu significado é, a despeito disso, bem claro:

---

[9] Herb Keinon, "Mortes de terrorismo aumentam muito desde acordo em Oslo", no The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 24 de setembro de 1994, p. 24.

[10] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 4.

> Ele [Deus], portanto, escolheu a raça israelita para ser seu próprio povo e estabelecer uma aliança com ela. Ele gradualmente instruiu esse povo... e o fez santo diante de si...
>
> Cristo instituiu essa nova aliança... em seu sangue; ele chamou uma raça composta por judeus e gentios... [para] ser o novo Povo de Deus.[11]
>
> Na medida em que o Israel que peregrinou pelo deserto conforme a carne já era chamado de Igreja de Cristo, assim também, o novo Israel [a Igreja Católica Romana], que avança nesta presente era em busca de uma cidade permanente, também é chamado de a Igreja de Cristo.[12]
>
> Essa é a única Igreja de Cristo, que no Credo nós professamos ser uma, santa, católica e apostólica, a qual nosso Salvador, após sua ressurreição, confiou ao cuidado pastoral de Pedro...[13]

A Substituição de Israel

Assim, embora a Igreja Católica Romana reconheça que os judeus já foram o povo de Deus, essa mesma igreja afirma que eles não têm mais esse papel nacional, mas devem unir-se individualmente ao "*novo* povo de Deus", a Igreja Católica Romana. A "igreja" que foi certa vez Israel não existe mais, e em seu lugar agora está a "única, santa, católica e apostólica" igreja com base em Roma, uma igreja à qual toda a humanidade, judeus e gentios, deve se unir e a cuja liderança eles devem se submeter para serem salvos da ira de Deus. Então Israel, como povo de Deus, está acabado. Os judeus não têm mais direito à terra da Palestina do que os árabes, e é claro que o Vaticano favorece os últimos.

Isso lembra que as Cruzadas Católicas lutaram para tomar de volta o que eles chamavam de "A Terra Santa" não só dos turcos, mas dos judeus a quem Deus a deu. Ao chegar a Jerusalém, os cavaleiros da Primeira Cruzada juntaram os judeus numa sinagoga e a incendiaram. Obviamente, a "santidade" que os católicos vieram a reconhecer em relação àquela terra era porque ela agora pertencia à Igreja.

Embora evangélicos não atribuam santidade a objetos inanimados tais como terras, Israel é santo para eles porque Deus declarou isso. E essa terra é de interesse profundo para os evangélicos, porque Cristo viveu lá e porque Jerusalém é onde Ele morreu pelos pecados do mundo e o lugar para onde Ele voltará em poder e glória. Os evangélicos jamais lutaram por essa terra, nem qualquer cristão genuíno o fez. Aqueles que lutaram para tomá-la dos judeus e foram

[11] Austin Flannery, O. P., Gen. Ed., Vatican Council II, The Conciliar and Post Conciliar Documents (Costello Publishing Company, 1988 Revised Edition), Vol. 1,p. 359.
[12] Ibid., p. 360.
[13] Ibid., p. 357.

chamados "cristãos" eram, na realidade, católicos romanos. Documentação para essa afirmação pode ser encontrada em meu livro *A Woman Rides the Beast* (a ser publicado em português).

Consistentemente, nos últimos 1.500 anos, a Igreja Católica baniu (quando tinha poder para isso) ou favoreceu banir todos os judeus de Jerusalém como parte da punição que mereciam por "assassinar Jesus Cristo". Em 1904, o Papa Pio X disse a Theodor Herzl, fundador do movimento sionista: "Os hebreus jamais reconheceram Nosso Senhor. Por isso, não podemos reconhecer o povo hebreu."[14] Com uma história de séculos de perseguição aos judeus manchando as mãos da Igreja Católica, é incompreensível que Israel venha agora a aceitar o Vaticano como um parceiro nos seus assuntos e a considerar colocar Jerusalém sob seu controle!

Catolicismo e Islã

Os muçulmanos consideram a terra da Palestina "santa" porque eles creem que ela foi dada aos árabes por Abraão. Assim, qualquer árabe que aceite os ensinamentos do Islã deve considerar seu dever expulsar os judeus daquela "Terra Santa" como as Cruzadas Católicas fizeram uma vez. Tal paixão é mantida pela maioria do mundo árabe hoje, e é expressa em ações ao invés de meras palavras por alguns. Como que cega aos verdadeiros fatos, até mesmo a mídia israelense fala desses poucos como muçulmanos "radicais" ou "extremistas", e essa é a imagem evocada pelo termo "fundamentalista islâmico". Porém esses terroristas não são realmente fanáticos religiosos, pois estão simplesmente praticando fundamentalmente o que o Corão ensina, como veremos.

Coerente com seu passado, a Igreja Católica Romana tem ficado do lado dos palestinos contra os judeus desde o princípio. O papa João Paulo II começou um relacionamento próximo com Yasser Arafat quando ele ainda era considerado por muitos do mundo secular como o terrorista que tão habilmente demonstrou ser. O Concilio Vaticano II até faz esta surpreendente afirmação:

> Mas o plano de salvação também inclui aqueles que reconhecem o Criador, em primeiro lugar entre os quais estão os muçulmanos: estes professam ter a fé de Abraão, e juntamente conosco eles adoram o único, misericordioso Deus, juiz da humanidade no último dia.[15]

[14] Inside the Vatican, Abril de 1994, p. 24.
[15] Flannery, op. cit, Vol. 1, p.367.

Aqui encontramos um reflexo do antissemitismo que tem caracterizado Roma desde a Idade Média. Como pode a Igreja Católica fingir que muçulmanos "têm a fé de Abraão"? É evidente que eles não a têm, pelo fato de odiarem os judeus, os verdadeiros filhos de Abraão através de Isaque e Jacó. Os muçulmanos também não "adoram o único, misericordioso Deus..." em quem os cristãos acreditam. O Deus de Israel, Yahweh, certamente não é o mesmo ser que Alá, senão os muçulmanos amariam aqueles a quem Deus deu a Terra Prometida ao invés de fazer tudo que podem para expulsá-los de lá.

A Igreja Católica Romana acredita num Deus triuno que é três pessoas (Pai, Filho, Espírito Santo), mas um só Deus. Em comparação, Alá, de acordo com o Corão, é singular ao invés de um ser triuno, não é um pai, não tem um filho, e ama somente os justos, não os pecadores. O próprio fato do Islã rejeitar o conceito trinitariano de Pai, Filho, e Espírito Santo é o suficiente para provar que Alá não é o Deus da Bíblia, como o catolicismo romano professa. Mas o Vaticano II continua dizendo:

> Durante os séculos muitas discussões e divergências foram levantadas entre cristãos e muçulmanos. O Conselho sagrado agora apela a todos que esqueçam o passado, e insiste que um esforço sincero seja feito para alcançar entendimento mútuo; tendo em vista o benefício de todos os homens, que todos juntos preservem e promovam a paz, liberdade, justiça social e valores morais.[16]

E a Verdade?

Não pode haver nenhum "entendimento mútuo" quando as partes discordantes não falam a mesma língua. É uma fraude fingir unanimidade quando cada lado do "acordo" dá um significado diferente às palavras nele usadas. Quanto mais é impossível alcançar um "entendimento mútuo" sobre adorar a Deus e sobre Seus propósitos para a humanidade quando cada um dos lados acredita num Deus diferente! O Vaticano tem seu próprio significado e seu próprio propósito, do qual nunca se afastou. O Islã, também, tem um plano semelhante: conquistar o mundo para Alá e fazê-lo pela espada, se necessário. Será que Israel poderia ser tão enganado por palavras delicadas a ponto de entregar a um inimigo mortal uma

[16] Ibid., p. 740.

base para o terrorismo e a conquista dentro de suas próprias fronteiras? Será que a verdade não importa mais?

Que loucura é para Israel entrar em acordo com o Vaticano e confiar nas palavras que diz hoje quando elas contradizem 1.500 anos de história, uma história que sempre provou que as palavras de hoje significam justamente o contrário! Nem precisamos recuar muito longe nos acontecimentos para ver esse fenômeno. Como os rabinos Meir Zlotowitz e Nosson Scherman nos lembram em *Shoah*:

> Mesmo quando a Igreja [católica romana] realizava atividades de resgate isoladas [durante o Holocausto], os motivos parecem ter sido trazer os judeus resgatados para o cristianismo [catolicismo]. Milhares de crianças judias foram levadas para mosteiros, e depois da guerra muitas não retornaram para seu povo e sua fé mesmo quando os parentes suplicarem pela sua libertação.[17]

Ações atuais também confirmam o passado. Numa cerimônia no dia 6 de julho de 1994 em Viena, o Vaticano presenteou o então presidente austríaco Kurt Waldheim com um título de cavaleiro papal por "preservar os direitos humanos" durante seu mandato como Secretário-Geral da ONU de 1972 a 1981. Mas Waldheim, um oficial da inteligência militar alemã durante a Segunda Guerra Mundial, foi acusado de crimes de guerra contra judeus. O *Washington Post* relatou:

> O condecorado papal é o mesmo homem que, de acordo com um relatório do governo austríaco preparado por uma banca independente de historiadores, tinha conhecimento e não fez nada para parar as atrocidades contra judeus. Ele é o mesmo homem que o Secretário da Justiça americano proibiu de entrar nos Estados Unidos por causa de provas de que ele deu apoio e informações que capacitaram outros a matar, torturar e deportar pessoas para campos de trabalho forçado.[18]

O Vaticano fez concessões a regimes que apoiam o terrorismo, como o Irã e a Líbia, para conseguir seu apoio contra o aborto na Conferência do Cairo sobre controle populacional, e pediu à ONU que aliviasse o embargo sobre o Iraque. Sua abertura com relação a

[17] Rabino Meir Zlotowitz e Rabino Nosson Scherman,gen. eds., SHOAH, A Jewish Perspective or Tragedy in the Context of the Holocaust (Mesorah Publications, Ltd., 1990), p. 161.
[18] Washington Post, 9 de agosto de 1994.

Israel aconteceu por razões igualmente egoístas: ele quer ter voz no "processo de paz" para o Oriente Médio.

Os fatos não importam mais, contanto que os sorrisos iluminem o ambiente. Se as promessas são agradáveis, não estrague a parceria sugerindo que as palavras poderiam não ser sinceras. Com profunda preocupação, o rabino israelense Neveh Tzuf escreveu:

> A imagem na TV mostrando Achinoam Nini cantando sua "Ave Maria" no sábado na Praça de São Pedro em Roma para uma audiência que incluía o Papa e Madre Teresa, indica a direção em que a sociedade israelense está indo...
>
> O fato dos judeus, no decorrer dos séculos, preferirem morrer queimados ao invés de reconhecer qualquer ícone do catolicismo, aparentemente, não é mais que um distante episódio histórico para Nini.
>
> Nini não está sozinha na sua indiferença. O descaso audacioso do [ex-] Ministro de Relações Exteriores Shimon Peres pela história é quase sufocante... ele pediu ao [então] chanceler alemão Helmut Kohl... enviar tropas alemãs para participarem de uma força para manter a paz no Golã. Kohl, ciente do atrito que poderia resultar entre militares alemães e israelenses, e não tão seguro quanto Peres de que o mundo já tenha esquecido o último confronto, recusou terminantemente...
>
> Nini preferiu ignorar o martírio de milhares de judeus que foram perseguidos pela igreja que patrocinou sua apresentação. Peres, não menos ansioso na sua missão por horizontes amplos, ficou satisfeito em esquecer os assassinatos de centenas de civis judeus pelas mãos de seus parceiros [o Vaticano e a OLP] no processo de paz. Afinal, a memória pode limitar as opções. E a liberdade é o mais importante...
>
> O judaísmo e seus deveres, a história e a religião judaicas, passaram a ser vistos como um peso, como algo de que é preciso se desvencilhar, para dar aos israelenses uma medida total de liberdade em sua vida política e cultural.
>
> Mas o resultado natural disso seria o desaparecimento do Estado judeu na homogeneidade do materialismo ocidental.[19]

A Loucura Moderna

Infelizmente, o "Estado judeu", que deveria ser um exemplo de santidade na Terra Santa, já está envolvido no "materialismo oci-

[19] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 29 de outubro de 1994, p. 6.

dental" e em coisas piores. Ele está se comportando de maneira consistente com seu passado. Pelos primeiros 490 anos de sua existência, o Estado judeu, escolhido para ser "uma nação santa", estava desonrando tanto a Deus que Ele usou Nabucodonosor para destruí-lo em 587 a.C.. Desde então, embora a reconstrução tenha sido tentada várias vezes, Israel também não chegou perto do que Deus pretendia para ele originalmente. O Estado judeu hoje, como já vimos, sequer pretende ser um exemplo de santidade para o mundo.

Ao invés de buscar a Deus, Israel está buscando "paz" nas parcerias mais ingênuas com seus dois inimigos mais implacáveis na história, o Vaticano e o Islã. Porém, Israel permanece cego à verdade. Até mesmo rabinos israelenses veem rosas onde Tzuf vê espinhos. O rabino Jacobovits, antigo Rabino-Mor da Inglaterra e da Comunidade Britânica, disse entusiasmado:

> As possibilidades de paz devem incentivar novas visões do cumprimento do destino judeu e da restauração do propósito nacional judaico. Enquanto Israel tinha que devotar seus recursos para lutar pela sobrevivência física, o teste espiritual de procurar se tornar uma luz para as nações não podia começar.
>
> Esperamos que esta seja a hora de nutrir pelo menos o anseio pela realização desse objetivo profético. Nossa liderança religiosa deve inspirar uma busca renovada pelo pioneirismo espiritual e moral, cumprindo a promessa a Abraão - "através de ti serão benditas todas as famílias da terra."[20]

Pioneirismo moral e espiritual? Que loucura moderna é essa? A moral ou é absoluta e imutável, estabelecida por Deus, ou não é nada. Os padrões de santidade de Deus não mudaram. Ou Deus deu a terra santa a Israel ou não a deu. Se Ele a deu, somente ao retornar à santidade que Ele exige é que Israel encontrará a paz duradoura. Sugerir pioneirismo de novos padrões éticos e morais é negar que sequer existam padrões. Quanto a todas as nações serem abençoadas através de Israel, isso foi claramente uma promessa a ser cumprida apenas através do Messias. Somente o maior judeu de todos os tempos poderia trazer bênção a todo o mundo.

Para qualquer um disposto a encarar os fatos, é evidente que, como resultado de críticas crescentes e sob a ameaça de boicote e isolamento, Israel será forçado a fazer concessões cada vez maiores – conces-

[20] Spotlight on Israel, citado em UPLOOK, novembro de 1994, p. 11.

sões que não seriam necessárias se ele estivesse vivendo em santidade naquela terra santa e confiando em Deus para Sua proteção.

O que acontecerá com Israel, e quando? Não precisamos especular sobre o futuro. Os profetas que Deus enviou a Israel há mais de 2.000 anos atrás predisseram tudo.

Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; tendo, porém, uma serva egípcia, por nome Hagar, disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos: toma pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela. E Abrão anuiu ao conselho de Sarai.

— Gênesis 16.1-2

Concebeste, [Hagar,] e darás à luz um filho, a quem chamarás Ismael... Ele será, entre os homens, como um jumento selvagem; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele... Hagar deu à luz um filho a Abrão; e Abrão, a seu filho que lhe dera Hagar, chamou-lhe Ismael.

— Gênesis 16.11-12,15

Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque: estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência.

— Gênesis 17.19

Vendo Sara que o filho e Hagar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque, disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho.

— Gênesis 21.9-10

5
Conflito e Amargura

O atual conflito amargo entre árabes e judeus teve sua origem no passado distante. Por mais de mil anos o Oriente Médio tem sido um campo de batalha entre judeus, cristãos, e muçulmanos. Essa rivalidade aparentemente sem solução pela terra de Israel continua até hoje e ameaça a paz do mundo inteiro. Se quisermos entender esse conflito e nos atrevermos a ter esperança de uma solução, então devemos investigar suas profundas raízes. É claro que uma grande parte da discordância entre árabes e judeus que ameaça nos sugar para uma Terceira Guerra Mundial envolve uma disputa de herança. Ambos os grupos afirmam ser os descendentes e herdeiros de Abraão e, logo, têm o direito à terra de Israel, que Deus prometeu a Abraão e seus descendentes como "possessão perpétua" (Gênesis 17.8; 48.4; etc.).

A controvérsia, porém, obviamente envolve algo mais que mero território. Israel é minúsculo em comparação ao tamanho de seus vizinhos, ocupando 1/6 de 1% das terras que os árabes possuem. Um especialista em Oriente Médio afirmou:

> Essa contenda também não pode ser atribuída às forças econômicas... é incrível que as nações ao redor de Israel, com seus vastos ter-

> ritórios, iriam querer tomar esse pequeno pedaço de terra, que é como um selo postal em comparação aos países árabes.
>
> Israel não tem grandes rios. Comparado com o Nilo, o Tigre e o Eufrates, o Jordão é apenas um riacho. O conflito não é por causa de água. Além disso, Israel não tem petróleo ou gás, e nenhum carvão, diamantes, ou ouro. Claramente não pode haver uma causa econômica para o problema do Oriente Médio. Deve haver uma razão mais profunda...
>
> O conflito é sobre religião. A batalha não é entre o poder do Islã e do Judaísmo, nem mesmo entre o Islamismo e o Sionismo. Israel está situado no coração de um confronto violento entre as forças espirituais do Islã e da Palavra de Deus (Daniel 10.13; Efésios 6.12).
>
> O Islamismo é extremamente confiante. Ele ensina que tem a revelação final da Palavra de Deus e que representa o cumprimento da obra de Deus entre as nações do mundo... Maomé proclama que o Islamismo substituiu o Judaísmo e o Cristianismo.[1]

Nos primeiros séculos do Islamismo suas forças quase conquistaram a Europa pela espada. Deve-se entender que a guerra não foi um zelo mal direcionado nem uma santa determinação aplicável somente ao passado, mas é o próprio coração do islamismo como Maomé ensinou e praticou, e como continua hoje. A conquista do mundo é exigida pelo Islamismo como seu objetivo imutável.

Fundamentalistas islâmicos estão desempenhando seu papel especial na conquista através do terrorismo. Ao mesmo tempo, a propagação de mesquitas islâmicas pelo mundo ocidental segue em ritmo acelerado, mesmo enquanto o Islamismo nega a mesma liberdade para outras religiões nos territórios que controla. Essa intransigência está levando o mundo ao cumprimento do objetivo maior do Islamismo. Estima-se que um total de um terço da população mundial terá abraçado essa religião (a que cresce mais rápido no mundo) até o fim deste século. O Islamismo marcha em frente!

Uma Herança Disputada: Ismael ou Isaque?

Os árabes dizem ter direito à Palestina como supostos descendentes de Abraão através de Ismael, o seu filho bastardo nascido de Hagar, a serva de Sara. Do ponto de vista lógico, é inconcebível que um filho ilegítimo tivesse preferência sobre um filho verdadei-

[1] Lance Lambert, "Israel e as Nações," uma palestra dada em Jerusalém em 1986.

ro. Além disso, a Bíblia deixa claro que Ismael, o filho ilegítimo, não era o herdeiro da promessa da terra de Canaã, que Abraão recebeu de Deus. Essa bênção específica pertencia a Isaque, que é claramente designado tanto na Torá como no Novo Testamento - e também no Corão - como o herdeiro legítimo.

Os judeus são, sem dúvida, os descendentes de Abraão através de seu filho Isaque, nascido da sua mulher Sara. O fato pode ser substanciado tanto pelo Antigo quanto pelo Novo Testamento, e também pela história. O direito dos árabes, porém, não pode ser verificado em nenhum dos casos. É interessante o fato da primeira parte do Corão honrar a Torá como verdadeira (Sura 3.3,48,65,93; 5.43ss.,66,68; 61.6; etc.). O próprio Corão testifica que os judeus, os descendentes de Israel, e não os árabes, são os herdeiros legítimos da terra prometida. Em "A Mesa Servida", por exemplo, Maomé escreve:

> E [lembrem-se] quando Moisés disse a seu povo [os israelitas]: O meu povo! Lembrem-se do favor de Alá a vós, como Ele colocou entre vós profetas, e Ele vos fez reis, e vos deu aquilo [que] Ele não deu a mais nenhuma [outra] de Suas criaturas.
>
> Ó meu povo! Ide à terra santa que Alá ordenou para vós (Sura 5.20-21).

Como então os árabes sustentam suas reivindicações? Depois de elogiar as Escrituras judaicas, o Corão passa a contradizê-las - e, é claro, desse modo contradiz a si mesmo. Isso provavelmente não foi intencional da parte de Maomé, mas foi devido à sua ignorância da Bíblia. Estudiosos islâmicos hoje, porém, tentam desculpar essa óbvia incoerência afirmando que, depois do Corão tê-la elogiado, a Bíblia foi pervertida. É por isso que o Corão mais tarde, supostamente, corrige os erros que foram insinuados na Bíblia. Essa alegação é falsa, como veremos. Tais passagens no Corão, como a que está citada acima, e que concordam com a Bíblia, não podem ser modificadas.

Fica claro pelas passagens bíblicas que Ismael não era o herdeiro legítimo de Abraão. Além disso, mesmo se Ismael fosse o filho da promessa, isso não ajudaria a causa árabe. Por quê? Porque nem eles nem ninguém pode traçar sua linha genealógica até Ismael. Os árabes na realidade descenderam de várias tribos nômades de origem desconhecida. Um pesquisador argumenta logicamente:

> Se todos os árabes do Oriente Médio são descendentes de Abraão, o que será que aconteceu com os acádicos, sumérios, assírios, babilônios, persas, egípcios, heteus, etc.. que viveram antes, durante, e depois de Abraão? O que será que aconteceu com todos os milhões de pessoas que não eram descendentes de Abraão? Para onde foram?[2]

Não há indicação de que os descendentes de Ismael tentaram evitar casamentos com outros povos à sua volta, da mesma maneira como sabemos que os israelitas fizeram em obediência ao mandamento específico de Deus para eles. Não havia tal mandamento para os outros descendentes de Abraão.

Uma Genealogia Impossível

Ninguém discute o fato de Ismael ser filho de Abraão, mas o mesmo se pode dizer de muitas outras pessoas cujos descendentes se tornaram muitas nações diferentes. Ismael e Isaque não foram os únicos filhos de Abraão, pois após a morte de Sara ele se casou com Quetura, de quem teve mais seis filhos (Gênesis 25.1-4). Isaque também teve dois filhos, Esaú e Jacó. O primeiro desprezou a sua herança e a vendeu para Jacó que mais tarde recebeu de Deus um novo nome, Israel (Gênesis 32.28). Foi aos seus descendentes que Deus trouxe à terra que assim ficou conhecida como a terra de Israel.

Não há mais justificativa para sugerir que a terra de Israel pertence aos numerosos descendentes por parte de Quetura (que é impossível identificar hoje), do que para dizer que a terra pertence aos descendentes de Esaú ou Ismael, que também não são identificáveis. A questão da herança também não é encerrada na Bíblia ao designar-se Isaque e seus herdeiros somente. Vamos esclarecer ainda mais.

A Bíblia declara repetidas vezes e na linguagem mais simples possível que foi aos descendentes de Abraão, Isaque, e *Jacó* que a terra de Israel foi prometida por Deus.[3] Realmente, o Deus de ambos, judeus e cristãos, é repetidamente chamado, tanto no Velho como no Novo Testamento, "o Deus de Abraão, Isaque, e Jacó."[4] Ele não é chamado *nenhuma* vez de "o Deus de Ismael" ou "de Esaú" ou de qualquer outro filho de Abraão. Infelizmente, os descendentes de Ismael e todos os outros filhos de Abraão adotaram

---

[2] Robert Morey, The Islamic Invasion (Harvest House, 1992), p. 24.

[3] Ver Gênesis 50.24; Êxodo 2.24; 6.8; 33.1; Levítico 26.42; Números 32.4; Deuteronômio 1.8; 6.10; 9.5,27; 30.20; 34.4; 2 Reis 13.23; etc.

[4] Ver Êxodo 3.6,15-16; 4.5; Deuteronômio 29.13; Mateus 22.32; Marcos 12.26; Lucas 20.37; Atos 3.13; 7.32; etc.

uma variedade de divindades pagãs para adorar e então caíram na mesma idolatria que Deus condenou.

Existe, dessa forma, um problema intransponível impedindo os árabes de tomar posse da Terra Prometida: eles não conseguem traçar sua linhagem até Ismael. Felizmente, Ismael não era o verdadeiro herdeiro; se fosse, seria impossível determinar a quem a "terra da promessa" pertence hoje. Consequentemente, a promessa de Deus de que a descendência de Abraão a possuiria "para sempre" não poderia se cumprir e Deus seria acusado de mentiroso.

Os descendentes de Ismael sem dúvida se casaram com os povos ao seu redor e não podem ser identificados. Só esse fato é prova suficiente de que Ismael não era o verdadeiro herdeiro. Deus não faz promessas e depois deixa de cuidar para que sejam cumpridas.

Já na próxima geração, por causa de casamentos mistos com os seus vizinhos, os descendentes de Ismael foram descritos como doze nações (Gênesis 25.12-18). O fato de casamentos mistos também terem ocorrido entre os descendentes de Ismael e Esaú (Gênesis 28.9), de quem também vieram muitas nações, é claro. Sem dúvida os descendentes de Esaú e Ismael também casaram-se com os descendentes dos outros filhos de Abraão com Quetura. Não haveria razão para não o fazerem.

A nação midianita foi um resultado do casamento de Abraão com Quetura. Esses parentes distantes se tornaram inimigos implacáveis de Israel. Por incrível que pareça, eles aparentemente ficaram tão misturados com os descendentes de Ismael que também eram chamados de ismaelitas (Juízes 8.1,24). Tal era a prática de casamentos mistos entre tribos aparentadas, que continuou nos séculos que se seguiram. Consequentemente, não existe um povo determinado hoje que reteve a identidade específica de ser descendentes de Abraão exceto os judeus. Só esses podem provar sua descendência desde Abraão através de Isaque, o filho da promessa, e seu filho Jacó, conhecido como Israel.

Preservação da Identidade Judaica

O fato dos descendentes de Isaque, o filho da promessa, através de seu filho Jacó (Israel) terem retido sua identidade através dos séculos apesar de estarem espalhados por todo o mundo é novamente prova adicional que Isaque era, como a Bíblia repetidamente

declara, o verdadeiro herdeiro da terra. O cumprimento das muitas outras profecias a respeito desse povo, os judeus, é evidência adicional irrefutável, na verdade, de que eles são os herdeiros a quem a Terra Prometida pertence hoje. Essa retenção de identidade foi tão marcante quanto essencial para as promessas de Deus serem cumpridas. E a esses herdeiros identificáveis tudo foi dado:

"**Abraão deu tudo o que possuía a Isaque** [não a Ismael]**. Porém, aos filhos das concubinas** [i.e., Hagar e Quetura] **que tinha, deu ele presentes e, ainda em vida, os separou de seu filho Isaque...**" **(Gênesis 25.5-6).**

Os judeus são, inegavelmente, os descendentes de Israel. Além disso, ao contrário dos descendentes de Abraão através de Ismael, de Esaú, e dos filhos de Quetura, os judeus podem traçar nas suas Escrituras (o Antigo Testamento) sua história desde o Egito, seu livramento de lá, e sua subsequente jornada tortuosa e longa à terra de Canaã que fora prometida a Abraão. Essa história prova seu direito à Terra Prometida da Palestina. Os fatos são inquestionáveis. O próprio Corão adverte os muçulmanos a obedecerem a Torá e abençoar os judeus:

> Uma vez mais, Nós demos a Escritura a Moisés, completa para aquele que deseja fazer o bem, uma explicação de todas as coisas, uma orientação e um ato de misericórdia...
>
> E essa é uma Escritura bendita que revelamos. Segue-a, então, e evita [o mal] para que encontres misericórdia (Sura 6.155-156).

O Corão também não oferece aos árabes qualquer ajuda a esse respeito. Ao contrário, as próprias Escrituras do Islamismo claramente designam os filhos de Israel como o "povo do Livro" a quem Moisés originalmente levou até a Terra Prometida e que têm, pois, maior direito à terra hoje (Suras 2.63; 5.19-24; 44.30 ss; etc.). Considere passagens tais como as seguintes:

> Dizei: Ó Povo do Livro! Vós não tendes (direção) enquanto não observardes a Torá e o Evangelho e aquilo que vos foi revelado pelo vosso Deus... Nós fizemos uma aliança no passado com os Filhos de Israel... (Sura 5.68, 70)
>
> E nós trouxemos os Filhos de Israel [não Ismael!] através do mar [Vermelho], e Faraó com seus exércitos os perseguiu em rebelião...

até que, quando o [destino do] afogamento o alcançou, ele exclamou: Eu creio que não há Deus exceto Aquele em quem os Filhos de Israel crêem...

E nós verdadeiramente atribuímos aos Filhos de Israel um lar fixo, e realmente demos coisas boas a eles... (Sura 10.90,94).

Violência, ódio, e terrorismo não podem mudar os fatos, mas apenas desacreditar ainda mais aqueles que tentam intimidar com tais táticas. Aqueles que se opõem ao direito dos judeus à Terra Prometida não estão realmente lutando apenas contra Israel, mas contra o Deus de Israel, que não será frustrado em Seu propósito. Até mesmo o Corão diz isso.

A "Terra Prometida" na Arábia?

Como já vimos e veremos em maiores detalhes mais tarde, o Corão, embora endosse a Bíblia nas primeiras suras, contradiz isso mais adiante, e assim se contradiz. A Torá é bem clara ao afirmar que Abraão (quando ele ainda era conhecido como Abrão) foi chamado por Deus **"de Ur dos Caldeus, para ir à terra de Canaã" (Gênesis 11.31)**, não à Arábia. Da mesma forma está claro que **"Partiram para a terra de Canaã; chegaram... Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra. Apareceu o Senhor a Abrão, e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra. Ali edificou Abrão um altar ao Senhor..." (Gênesis 12.5-7)**. A "terra de Canaã" não fica na Arábia Saudita, mas a cerca de mil milhas ao norte de Meca; ela incluía toda a Palestina a oeste do rio Jordão.

Além disso, o registro bíblico relata que além de uma breve incursão ao Egito durante um lapso de fé (Gênesis 12.10-20), Abraão permaneceu na terra de Canaã, ou Palestina, até a sua morte. Ele retornou do Egito diretamente à área da cidade de Sodoma ao lado do Mar Morto e permaneceu na Terra Prometida dali em diante (Gênesis 13ss). Durante esse tempo Deus renovou Sua promessa, daquela terra específica, a Abraão. Deus deixou claro que a mesma terra em que Abraão continuou a apascentar seus rebanhos era a terra da promessa: **"Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus" (Gênesis 17.8).**

A Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, declara clara e repetidamente que Abraão viveu como um peregrino na Terra Prometida, que era a terra de Canaã, ou Palestina, não na Arábia. Porém o Corão coloca Abraão e seus descendentes vivendo na Arábia, a quase mil milhas ao sul da Palestina, em Meca! Não existe absolutamente nenhuma evidência, nem bíblica, nem histórica, ou arqueológica para tal ideia. Só essa alegação já cria nuvens de dúvidas sobre o Corão inteiro, pois se ele não é preciso nesse aspecto também pode conter outros erros. E na verdade contém, como veremos.

Se a Arábia, e não Israel, é a Terra Prometida, por que Moisés conduziu os israelitas à Palestina? E qual é a disputa sobre Israel hoje se, afinal, essa não é a Terra Prometida, mas a área ao redor de Meca? E se a Palestina é a Terra Prometida, por que Abraão estava morando a mil milhas de distância, em Meca? Até mesmo imaginar que Abraão viveu em Meca é negar tanto a história quanto a Bíblia e rejeitar toda razão. E se ele não viveu lá, como toda evidência indica, então o Corão se demonstra falso mais uma vez.

As Escrituras nos informam, como vimos antes, que já nos dias de Gideão não havia uma raça pura descendente de Ismael, porque os ismaelitas haviam casado pelo menos com os midianitas e sem dúvida com outros também. Certamente, então, não pode haver nenhum descendente puro de Ismael hoje, como os árabes afirmam ser. Como já vimos, os árabes são descendentes de uma variedade de povos nômades. Como uma enciclopédia sobre religião afirma:

> Mas a ideia dos árabes do sul serem descendentes de Ismael não tem nenhum fundamento, e parece ter-se originado na tradição inventada pela vaidade árabe de que eles, assim como os judeus, são a descendência de Abraão - uma vaidade que, além de desfigurar e falsificar toda a história do patriarca e de seu filho Ismael, transferiu o cenário de sua vida da Palestina para Meca.[5]

Este último é um ponto óbvio e fundamental, e foi exatamente isso que a falsa história no Corão fez. Ele coloca Abraão vivendo, como já vimos, a quase mil milhas da Terra Prometida, onde a Bíblia diz que ele passou seus dias e anos depois de deixar Ur dos Caldeus. Já que a tribo Quraish de Maomé evidentemente se desen-

[5] John Mcclintock e James Strong, Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature (Baker Book House, 1981), I:339.

volveu como um povo na Arábia, o Corão tenta localizar Abraão ali para estabelecer uma conexão que nunca existiu.

Prova Vinda de uma Caverna

A Caverna dos Patriarcas em Hebrom, conhecida como a Caverna de Macpela, é um dos locais mais sagrados tanto para judeus quanto muçulmanos. Ambas as religiões acreditam que esse é o lugar ao qual a Bíblia se refere: "**Sepultaram-no Isaque e Ismael, seus filhos, na caverna de Macpela**" **(Gênesis 25.9)**. Já que os árabes afirmam ser descendentes de Ismael, é reverenciado por eles.

Ismael, no entanto, não foi sepultado naquele mesmo lugar, nem foi sepultado em qualquer lugar da terra de Israel. Seu local de sepultamento foi em algum lugar descrito como "**desde Havilá até Sur, que olha para o Egito, como quem vai para a Assíria**" **(Gênesis 25.18)**. Esse fato novamente nos diz que Ismael não era considerado como sendo um membro verdadeiro da família de Abraão ou ele teria sido sepultado com eles.

Mesmo os árabes e muçulmanos admitem que Abraão, Sara, sua esposa, e seus filhos, Isaque e Jacó, foram sepultados na Caverna de Macpela em Israel, agora reconhecida como um dos locais mais sagrados do Islamismo. Inclusive, os filhos de Jacó levaram seu corpo desde o Egito até a caverna de Macpela para ser sepultado (Gênesis 50.13-14). Por quê? Porque aquela sepultura havia sido comprada por Abraão na Terra Prometida.

Se Abraão morou na Arábia Saudita, como diz o Corão, então aquela deveria ser a Terra Prometida. Por que, pois, Abraão compraria um local de sepultamento a mil milhas em Canaã? E por que ele faria uma jornada incrivelmente longa de Meca a Israel para enterrar Sara, e depois voltar para Meca? Para que se importar em sepultá-la na Palestina longínqua se a Arábia era a Terra Prometida e Abraão vivia no seu coração, em Meca? E por que Isaque faria a incrível jornada de quase 2.000 milhas ao todo através do deserto para sepultar Abraão na caverna de Macpela em Israel... e o próprio Isaque foi sepultado ali, e assim por diante, indo e vindo entre Meca e Israel? Isso não faz sentido nem se encaixa com os fatos.

A caverna de Macpela também é o local onde a esposa de Isaque, Rebeca, foi sepultada assim como a esposa de Jacó, Lia (Gê-

nesis 49.31), e também o próprio Jacó. Já que os judeus são descendentes não só de Abraão mas também de Isaque e Jacó, eles certamente têm um direito muito maior a essa antiga sepultura do que os árabes e muçulmanos. Porém os últimos, que não podem provar sua descendência de Ismael, muito menos de Abraão, não querem compartilhá-la com os judeus, que são verdadeiramente descendentes daqueles sepultados ali. Os muçulmanos construíram uma mesquita no local (como fizeram no Monte do Templo) para impedir tanto cristãos quanto judeus de orar ou adorar ali.

Uma Distinção Lógica

Essa mesquita foi palco de um trágico massacre de 29 adoradores muçulmanos por um desvairado colono israelense, Baruch Goldstein, no começo de 1994. Demonstrações violentas de árabes expressaram sua indignação após os assassinatos na mesquita. A ânsia pela vingança entre os árabes foi tão incontrolável que a mesquita foi fechada por 8 meses e meio antes de ser reaberta - e então apenas sob guarda fortemente armada. A chacina na mesquita foi um crime horrendo e todo o Israel o condenou como tal. No entanto, ele não justifica os motins e a violência iniciados pelos árabes nem a condenação mundial a Israel que se seguiu. Mas o que os árabes devem pensar quando o governo israelense "não fez nada para impedir que os defensores da colonização construíssem uma capela e honrassem publicamente o nome de Goldstein" um ano depois?[6]

É preciso lembrar que o massacre em Macpela não foi um ato cuidadosamente planejado por um grupo terrorista israelense. Foi o ato de uma pessoa louca e por isso deve ser diferenciado do terrorismo contínuo planejado e executado a sangue frio ano após ano por organizações muçulmanas com a aparente aprovação da maioria da população árabe. Por que os árabes ou palestinos nunca fizeram demonstrações em protesto contra os assassinatos de civis israelenses cuidadosamente planejados e repetidamente executados por terroristas muçulmanos? Por que a diferença? Que incrível é que ataques armados contra civis israelenses, nos quais muitos foram mortos ou aleijados, não sejam condenados pelas nações ou povos árabes ou mesmo pelas Nações Unidas!

Inclusive, tais ataques são geralmente exaltados como justificados pela simples presença dos judeus em Israel. Mas basta um is-

---

[6] Jon Immanuel, "Alimentando os cães da guerra," The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 25 de fevereiro de 1995, p. 9.

raelense mentalmente desequilibrado fazer uma loucura, e o mundo condena Israel como se a nação houvesse planejado o crime. Atos terroristas contra palestinos e israelenses têm aumentado muito desde que a OLP assumiu a administração e o policiamento da Cisjordânia, mas o mundo não condenou a OLP com base nisso. Existe um padrão duplo óbvio e injusto!

Quando o local da Caverna dos Patriarcas foi reaberto no dia 7 de novembro de 1994, houve uma discussão amarga entre árabes e judeus, que lançaram insultos e ameaças uns contra os outros. Minwar Ahmed Jabir expressou o sentimento dos muçulmanos quando disse:

> Nunca haverá paz enquanto os judeus tiverem permissão para orar aqui. Entrar na mesquita com eles é como entrar com um cachorro - isso irá profanar a mesquita. Nossa religião nos proíbe de orar enquanto eles estão lá dentro. Nós podemos deixar judeus e cristãos visitarem o local, mas não para orar.[7]

Que tipo de "coexistência pacífica" é essa? Já vimos que o direito israelense à caverna de Macpela é muito mais substancial que o dos árabes. Muitos dos mais importantes ancestrais dos judeus estão enterrados ali, mas nenhum dos ancestrais dos árabes. E nem assim os judeus têm a permissão de orar ali? Só é possível concluir que a intenção do Islamismo ao construir uma mesquita no local demonstra um propósito semelhante para a construção do Domo na Rocha no Monte do Templo.

Um Erro Gritante

Para ampliar seus erros, e contradizer ainda mais a história e a Bíblia que elogiara anteriormente, o Corão descreve Abraão e Ismael reconstruindo a Caaba[8], que era um templo que guardava vários ídolos adorados ali. Que insulto a Abraão, cuja vida prova que ele jamais seria culpado de construir um templo idólatra ou de adorar dentro dele!

A Bíblia deixa bem claro que adorar ídolos é uma abominação ao único Deus verdadeiro, a quem Abraão adorava. Os comentários de Will Durant na sua monumental A História da Civilização são interessantes:

[7] Toronto Star, 8 de novembro de 1994.
[8] O Corão, Suras 125-27.

> O árabe do deserto... temia e adorava divindades incalculáveis nas estrelas e na lua... confuso por causa da multidão de espíritos (djinn) à sua volta... De vez em quando ele oferecia sacrifícios humanos; e... adorava rochas sagradas. O centro desse culto a rochas era Meca. Essa cidade santa... [era] um ponto de parada conveniente para as longuíssimas caravanas... que carregavam mercadorias comerciais entre o sul da Arábia (e, portanto, Índia e África Central) e o Egito, a Palestina, e a Síria. Os comerciantes que controlavam esse comércio... administravam um ritual religioso lucrativo centralizado na Caaba e em sua Rocha Negra sagrada.
>
> Na crença dos muçulmanos ortodoxos, a Caaba foi construída e reconstruída dez vezes. A primeira foi edificada no início da história por anjos do céu; a segunda por Adão; a terceira por seu filho Sete; a quarta por Abraão e seu filho Ismael (com Hagar)... a nona e décima por líderes muçulmanos em 681 e 696; a décima é substancialmente a Caaba de hoje...
>
> No seu canto sudeste, a um metro e meio do chão, em posição para ser beijada, está fixada a Rocha Negra... Muitos de seus adoradores crêem que essa pedra foi enviada do céu... [e] faz parte da Caaba desde Abraão. Estudiosos muçulmanos a interpretam como símbolo da parte da descendência de Abraão (Ismael e sua descendência) que, rejeitada por Israel, se tornou, acreditam eles, a fundadora da tribo Quraish...
>
> Dentro da Caaba, na época pré-muçulmana, havia vários ídolos... Um era chamado Alá, e era provavelmente o deus tribal da tribo Quraish... [que] como supostos descendentes de Abraão e Ismael, escolhiam os sacerdotes e guardiões do santuário, e administravam seus lucros.[9]

A confusão de Maomé está refletida no fato do Corão descrever Abraão praticando a mesma idolatria que a Bíblia condena! É claro, a religião do povo de Maomé, os Quraish, era assim. Por gerações antes de Maomé nascer, seus ancestrais adoravam Alá, o ídolo principal na Caaba, e também sua rocha negra como o deus das rochas. Diz-se que ela desceu do céu como presente do anjo Gabriel a Abraão. A pedra era adorada com um beijo, porque acreditava-se que tinha o poder de absorver pecados quando reverenciada dessa maneira.

O fato de Abraão adorar uma pedra ou imaginar que ela absorveria o pecado é absolutamente contrário à Bíblia, ao Deus da Bí-

[9] Will Durant, op. cit, Vol. IV, pp. 160-61. 10. Ibid., p. 170.

blia, e aos meios de purificação do pecado ensinados na Bíblia desde os dias de Abraão até Cristo. Abraão sabia muito bem que sangue tinha que ser derramado para a remissão de pecados, um ato que ele praticava através do sacrifício de animais em obediência às instruções específicas de Deus. Ele sabia, também, que o sangue de animais era somente provisório, e ansiava pelo Cordeiro de Deus cuja morte seria o único meio de remir o pecado. No entanto, esse elemento antibíblico blasfemo de chamar Alá de Deus verdadeiro e de beijar a rocha negra tem sido guardado até hoje na religião fundada por Maomé.

Maomé, os Judeus, e Revelação Progressiva

Quando começou a praticar a religião que viria a se tornar o Islamismo, Maomé tratou bem os judeus, porque eles eram, na sua percepção na época, o povo escolhido de Deus. E em resposta, os judeus em Medina, para onde Maomé fugiu de Meca, foram, a princípio, favoráveis ao profeta. Ele permitiu que continuassem a praticar a sua própria religião e viver em paz e gozar dos mesmos direitos que seus seguidores. Nesse princípio, Maomé aprovava as Escrituras judaicas e até fez seus seguidores orarem voltados para Jerusalém, apesar da cidade não ser mencionada no Corão.

Não demorou muito, porém, para os judeus começarem a se sentir pouco à vontade com as tendências bélicas de Maomé. E eles não podiam levar a sério sua afirmação de que era o Messias prometido pelas suas Escrituras, porque ele não satisfazia nenhuma das qualificações identificadoras necessárias. Ainda mais óbvio, ele não era descendente de Davi. Irritado com sua rejeição, o profeta se voltou maldosamente contra os judeus.

O Islamismo ainda estava no processo de desenvolvimento. Parte desse desenvolvimento era definir a reação oficial em relação aos "infiéis" que não aceitassem a nova religião. Assim que surgia uma necessidade, ela era suprida por nova revelação. Boa parte do Corão veio como revelações progressivas de Alá para cuidar de problemas que ocorriam à medida que o profeta estabelecia seu poder e autoridade. Como era de se esperar, essas revelações utilitárias apenas serviram para desacreditar ainda mais o profeta aos olhos de céticos como os judeus.

Por exemplo, Maomé se apaixonou desesperadamente pela jovem e linda esposa de seu filho adotivo, Zaid. Ele então pediu a Zaid para divorciar-se dela e dá-la a ele como sua esposa. Quando Zaid e sua esposa recusaram, Maomé por coincidência recebeu uma nova "revelação" que adicionou ao sempre crescente Corão. Nela Alá coincidentemente ordenou que Zaid desse sua esposa ao profeta (Sura 33.35-39).

Uma revelação igualmente oportuna veio quando seus seguidores, durante o período da residência do profeta em Medina, se recusaram a atacar e roubar as caravanas de seus compatriotas de Meca. Maomé recebeu esta palavra de Alá que se tornou mais uma parte do Corão em desenvolvimento:

> A *jihad* foi ordenada a vós e vós não gostastes dela, e poderá acontecer que vós não gostais de algo que é bom para vós e que gosteis de algo que é mau para vós. Alá sabe mas vós não sabeis (Sura 2.216).

Não foi, então, nem um pouco surpreendente que, quando os judeus rejeitaram Alá como um deus pagão, resgatado da Caaba, Maomé recebeu mais uma revelação oportuna de Alá. Ela acusava os judeus de terem corrompido as Escrituras, de terem matado os profetas, e de terem rejeitado o Messias. Nessa época Maomé mudou abruptamente o *qibla* (o ponto para onde os muçulmanos de- vem se voltar em oração), de Jerusalém para Meca e a Caaba - um costume que havia sido parte da adoração pagã de seus ancestrais durante séculos.

Uma Religião Cruel de Conquista

Os judeus então acusaram Maomé de voltar à idolatria. Assim começou a inimizade entre muçulmanos e judeus que continua até nossos dias. Por exemplo, os judeus de Banu-Kuraiza deram ajuda material aos inimigos de Maomé, Abu Sufyan e a tribo Quraish. Como vingança, Maomé os forçou a se renderem ao seu enorme exército de 3.000 guerreiros e deu-lhes a escolha de se converterem ao Islamismo ou morrer. Eles escolheram a última crueldade. Seus 600 homens guerreiros foram mortos e enterrados no mercado de Medina; suas mulheres e filhos foram vendidos como escravos.[10]

[10] Ibid., p. 170.

(O Catolicismo também difundiria o "cristianismo" pela espada de Carlos Magno e outros, mas não era o cristianismo de Cristo.)

Quando as forças de Maomé estavam fortes o suficiente, ele marchou contra Meca com 10.000 guerreiros. Incapazes diante de um poder tão surpreendente, os líderes de Meca permitiram que ele entrasse na cidade pacificamente. Ele destruiu os ídolos dentro e ao redor da Caaba mas, talvez para não deixar o povo sem ligações à sua antiga religião, deixou a rocha negra no seu lugar e aprovou sua adoração, uma prática seguida por muçulmanos devotos até hoje.

Ao mesmo tempo, Maomé proclamou Meca a Cidade Santa do Islamismo e decretou que nenhum descrente teria permissão de pisar no seu solo sagrado. Somente séculos mais tarde, o Monte do Templo de Jerusalém também seria declarado um local sagrado islâmico. Essa foi uma decisão que Maomé jamais contemplou. Ela é obviamente incoerente com sua rejeição dos judeus e de Jerusalém.

Infelizmente, essa nova revelação pós-Maomé deixou o mundo com o problema insolúvel de Jerusalém. Eis uma Cidade Santa que três religiões, inclusive o catolicismo romano, disputam há sucessivos séculos. Por incrível que pareça, nesta época de ciência e ceticismo, quando se imaginaria que a religião já não exerceria, e muito menos promoveria, tamanho poder supersticioso e fanático sobre o homem moderno, a disputa por causa de Jerusalém poderá agora levar o mundo inteiro à guerra.

Uma grande parte do problema é o fato de que, desde seu início, o Islamismo foi uma religião de conquista. O próprio Maomé liderou 27 invasões de cidades vizinhas, e durante sua vida seus seguidores fizeram aproximadamente mais 50. Os povos conquistados tinham a escolha de se converterem ao Islamismo ou morrer. Às vezes, uma terceira alternativa era dada: o pagamento de tributo muito alto. Com essas táticas, e de um começo tão pequeno em Medina, o Islamismo converteu, pela conquista, a vasta região que agora domina e na qual proíbe (sempre sob pena de morte) a conversão de um muçulmano a outra religião. E o Islamismo afirma que Israel é sua possessão exclusiva.

A "Solução Final" do Islamismo

As Nações Unidas estão tentando desesperadamente efetivar uma solução pacífica para o enigma de Jerusalém. A Igreja Católi-

ca Romana se envolveu e os líderes de Israel estavam aparentemente dispostos a entregar Jerusalém ao controle administrativo do Vaticano e até mesmo de dar à Jordânia maior poder sobre locais religiosos islâmicos. Jerusalém também está aberta para mais negociações em busca de uma paz em todo o Oriente Médio com os palestinos. No entanto, mesmo se a paz pudesse ser alcançada para a cidade de Jerusalém, isso não seria o suficiente.

Ainda resta um empecilho: o próprio Israel, que considera Jerusalém sua capital. Aquele pequeno país, em comparação aos golias à sua volta, é como um mosquito nas costas de um elefante. Como ele pode ser tão perturbador? Mas, após inúmeros ataques pelas forças combinadas de nações árabes vizinhas, e com a ajuda sem restrições da potência militar que foi a União Soviética, Israel continua vitorioso e mais forte do que nunca.

Derrotar militarmente esse pequeno Davi vindo de fora é obviamente uma esperança vã para os golias árabes que já tentaram e fracassaram repetidas vezes. Ele deve ser destruído de dentro para fora. Uma batalha ideológica está, portanto, ocorrendo, e no coração dela está uma "ofensiva de paz". A estratégia árabe é clara: fazer aberturas de paz, assinar acordos de paz e, por qualquer subterfúgio que funcione, conseguir um espaço dentro das fronteiras de Israel, de onde possa lançar o ataque final que trará a sua destruição completa.

Por que Israel deve ser destruído? Por que não deixá-lo onde está e até mesmo forçar os judeus desprezados a se retirarem do resto do mundo e se instalarem ali? Por que não simplesmente isolá-lo e reduzi-lo à pobreza com boicotes econômicos? Isso não seria o suficiente, porque deixaria os judeus com a posse de parte da terra à qual os árabes dizem ter direito. A mera existência de Israel é como uma contestação das declarações do profeta Maomé, do Corão, e da tradição islâmica que afirma que a terra da Palestina pertence somente aos árabes.

O Estado judeu de Israel deve ser destruído! De outro modo fica provado que o Islamismo é uma religião falsa. Essa é a questão. Claramente, apesar dos volumes de retórica e montanhas de acordos de paz, o conflito do Oriente Médio não pode ser resolvido de outra maneira a não ser pela aniquilação de Israel. Pensar o contrário ou que os árabes têm outra intenção é estar irremediavelmente enganado.

Se transgredirdes, eu vos espalharei por entre os povos... pelas extremas dos céus, de lá os ajuntarei e os trarei para o lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome.

— Neemias 1.8-9

Rejeitarei esta cidade de Jerusalém que escolhi, e a casa da qual eu dissera: Estará ali o meu nome.

— 2 Reis 23.27

Porque eis que darei ordens, e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações...

— Amós 9.9

O Senhor vos espalhará entre os povos... entre todos os povos, de uma até à outra extremidade da terra...

— Deuteronômio 4.27;28.64

Não temas, pois, porque sou contigo, trarei a tua descendência desde o oriente, e a ajuntarei desde o ocidente. Direi ao Norte: Entrega; e ao Sul: Não retenhas; trazei meus filhos de longe, e minhas filhas das extremidades da terra...

— Isaías 43.5-6

Por isso darei cabo de todas as nações entre as quais te espalhei; de ti, porém, não darei cabo, mas castigarte-ei... e de todo não te inocentarei.

— Jeremias 30.11

Eis que os trarei da terra do Norte, e os congregarei das extremidades da terra... Ouvi a palavra do Senhor, ó nações... Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor ao seu rebanho.

— Jeremias 31.8,10

6
Profecia se Torna História

Não se pode começar a compreender o enigma da surpreendente importância de Jerusalém, essa cidade aparentemente insignificante, no mundo de hoje, a não ser pelo estudo cuidadoso de sua história e das profecias bíblicas específicas cumpridas. Mais uma vez sua singularidade se torna óbvia. Não há profecias na Bíblia sobre cidades como Paris, Washington, Moscou, Londres, ou Nova Iorque, cidades tão grandes e de tamanha importância política e comercial agora e na História. Em contraste, há centenas de profecias sobre Jerusalém, a terra e o povo de Israel.

Essas profecias foram anunciadas milhares de anos atrás por homens que afirmavam que Deus falava por meio deles. Seu cumprimento detalhado séculos mais tarde dá prova irrefutável de que Deus existe, que os judeus são Seu povo escolhido, e que Ele realmente nos falou sobre eventos importantes afetando Israel séculos e em certos casos milhares de anos - antes de acontecerem. Não existe outra explicação.

É extremamente significante que o Deus da Bíblia (ao contrário de Alá) identifique-se como Aquele que prediz precisamente o futuro e certifique-se de que este se cumpra como Ele tinha dito que seria. Ao contrário da Bíblia, que é quase 30 por cento profe-

cia (e a maioria já cumprida), não há nenhuma profecia confirmável no Corão, nos Vedas hindus, ou nas escrituras sagradas de qualquer outra religião. O Deus da Bíblia, porém, aponta para a profecia como evidência irrefutável de Sua existência e a autenticidade de Sua palavra.

Deus Prova Sua Existência Pela Profecia

Como já vimos em outros livros, existem dois temas principais de profecia na Bíblia: Israel e o Messias que vem para Israel e, por meio de Israel, ao mundo. Qualquer outro assunto de profecia, seja o Anticristo, a segunda vinda de Cristo, Armagedom, ou o que for, está focalizado na relação entre esses dois temas. Há tanta profecia que já foi cumprida nos menores detalhes, que podemos ter confiança absoluta que aquelas profecias que ainda se referem ao futuro também serão cumpridas da mesma maneira.

"Vós sois as minhas testemunhas", diz Deus a Israel, "para que o saibais e me creiais" (Isaías 43.10). Vocês são a prova irrefutável para vocês mesmos e para o mundo inteiro de que Eu sou Deus e não há outro. Israel (a terra e o povo) é o sinal que Deus deu ao mundo inteiro para todas as gerações.

Deus fala de "Israel, a minha glória" [não os árabes, alemães, franceses, americanos, etc.] (Isaías 46.13) e refere-Se a ele somente como aquele "por quem hei de ser glorificado" (Isaías 49.3). Ao falar no resgate de Israel em Armagedom, o assunto de muitas profecias do Velho Testamento, Deus declara: **"Assim eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor" (Ezequiel 38.23).**

Deus diz que, ao contrário dos deuses falsos das muitas religiões do mundo, Ele é o Deus da profecia, Ele diz o que acontecerá antes de acontecer e cuida da história para certificar-Se de que acontecerá. As profecias que Ele deu a respeito de Israel e o cumprimento delas dão a evidência irrefutável de Sua existência e do fato dEle ter um propósito para a humanidade (Isaías 46.9-10). A história não é simples acaso; ela está caminhando para um fim definido. Há um plano, o plano de Deus. E a profecia revela esse plano antecipadamente. No coração do plano a Bíblia coloca Israel como o Seu grande sinal ao mundo, e nos deixa conhecer os detalhes do que será a sua história.

O Testemunho Especial de Israel

Se bem que muito do que os profetas previram a respeito de Israel ainda esteja no futuro, dez grandes profecias envolvendo detalhes específicos e historicamente verificáveis já foram cumpridas enquanto os séculos se desenrolavam. (1) Como já vimos, Deus prometeu uma terra de fronteiras claramente definidas (Gênesis 15.18-21) a Abraão (Gênesis 12.1-3; 13.15; 15.7; etc.). Ele renovou a Sua promessa ao filho de Abraão, Isaque (Gênesis 26.3-5), a seu neto Jacó (Gênesis 28.13), e a seus descendentes para sempre (Levítico 25.46; Josué 14.9; etc.). (2) É um fato histórico que Deus trouxe este "povo escolhido" (Êxodo 6.7-8; Deuteronômio 7.6; 14.2; etc..) à "Terra Prometida", uma incrível história de milagres. (3) Quando o povo judeu entrou na Terra Prometida, Deus os avisou: se praticassem a idolatria e imoralidade dos habitantes anteriores da terra, pelas quais Ele os destruíra (Deuteronômio 9.4), Ele os lançaria fora também (Deuteronômio 28.63; 1 Reis 9.7; 2 Crônicas 7.20; etc.). Que tudo isso aconteceu exatamente como previsto é, novamente, um fato histórico irrefutável.

Até agora a história é pouco impressionante. Outros povos acreditavam que uma certa área geográfica era sua "terra prometida" e, depois de entrar nela foram expulsos pelos seus inimigos. As próximas sete profecias, porém, e seus cumprimentos, são absolutamente peculiares dos judeus. A ocorrência desses eventos, exatamente como profetizados, jamais poderia ter acontecido por acaso e, portanto, provam a existência de Deus, provam que a Bíblia é a Palavra de Deus, e provam que os judeus são o povo especial de Deus. (4) Deus declarou que Seu povo seria espalhado "entre todos os povos, de uma até à outra extremidade da terra" (Deuteronômio 28.64; cf. 1 Reis 9.7; Neemias 1.8; Amós 9.9; Zacarias 7.14; etc.). E assim aconteceu como a nenhum outro povo na história. O "judeu errante" é encontrado literalmente em todo lugar.

A precisão com que as profecias bíblicas se encaixam exclusivamente aos judeus torna-se cada vez mais impressionante à medida que um cumprimento de profecia segue a outro cumprimento, até que a realidade da existência de Deus demonstrada por meio das Suas relações com o Seu povo escolhido não pode mais ser posta em dúvida. (5) Deus avisou que em qualquer lugar em que os judeus vagassem, seriam objeto de "pasmo, provérbio e motejo... as-

sobio e opróbio" (Deuteronômio 28.37; 2 Crônicas 7.20; Jeremias 29.18; 44.8; etc.). Por incrível que pareça, isso tem sido verdade sobre os judeus durante toda a história, como até mesmo a geração atual sabe muito bem. A difamação, as maledicências e piadas, o puro ódio conhecido como antissemitismo, não só entre muçulmanos mas mesmo entre aqueles que se chamam cristãos, é um fato singular e persistente da história peculiar do povo judeu. Mesmo hoje, como iremos documentar, apesar da memória assombrosa do Holocausto de Hitler que chocou e humilhou o mundo, e desafiando a lógica e consciência, o antissemitismo ainda está vivo e está aumentando mais uma vez mundialmente.

Além disso, os profetas declararam que esse povo espalhado não seria apenas difamado, diminuído e discriminado, mas (6) que os judeus seriam perseguidos e mortos como nenhum outro povo na face da terra jamais iria ou virá a ser. A História oferece prova eloquente do fato que isso é, precisamente, o que aconteceu com os judeus século após século em qualquer lugar em que se encontrassem. Nenhum registro histórico de qualquer outro grupo étnico ou nacional contém algo que sequer chegue perto do pesadelo de terror, humilhação e destruição que os judeus sofreram através da história nas mãos dos povos entre os quais se encontraram nas suas peregrinações profetizadas.

Os papas da Igreja Católica foram os primeiros a desenvolver o antissemitismo como uma ciência. Hitler, que permaneceu católico até o fim, afirmaria que só estava seguindo o exemplo tanto de católicos quanto de luteranos, terminando o que a igreja começara.[1] O antissemitismo era uma parte do catolicismo de Martim Lutero da qual ele jamais se libertou. Ele defendeu incendiar as casas dos judeus e dar a eles a escolha entre a conversão ou ter suas línguas arrancadas.[2] Quando, em 1870, o exército italiano libertou os judeus de Roma do gueto em que os papas os forçavam a viver, a sua liberdade finalmente encerrou quase 1500 anos de humilhação e degradação inimaginável nas mãos daqueles que afirmavam ser cristãos liderados pelo Vigário de Cristo.

A Preservação Milagrosa dos Judeus

Mesmo assim, Deus declarou que apesar de tal perseguição e massacres periódicos de judeus em massa, (7) Ele não deixaria Seu

[1] Guenter Lewy, The Catholic Church and Nazi Germany (Mc Graw-Hill, 1964) p. 274.
[2] Will Durant, The Story of Civilization, The Reformation (Simon and Schuser, 1950), Vol. IV, p. 727.

povo escolhido ser destruído, mas os preservaria como um grupo étnico e nacional reconhecível (Jeremias 30.11; 31.35-37; etc.). Os judeus tinham toda razão para casamentos inter-raciais, para mudar os seus nomes e esconder a sua identidade desprezada de qualquer maneira possível a fim de escapar da perseguição. Para que preservar sua genealogia se eles não tinham sua própria pátria, se a maioria deles não levava a Bíblia a sério, e se a identificação racial impunha somente as desvantagens mais cruéis?

Abster-se de casamentos inter-raciais não fazia sentido. A absorção por aqueles entre os quais se encontravam pareceria inevitável, de maneira que poucos vestígios dos judeus como povo distinto deveriam permanecer hoje, tal como não há nenhum vestígio dos descendentes de Ismael. Afinal, esses exilados desprezados foram espalhados por todos os cantos do mundo durante 2500 anos, desde a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor em 587 a.C. Será que a "tradição" poderia ser tão forte sem fé real em Deus? Ou a preservação será algo que Deus mesmo realizou para os Seus próprios propósitos apesar da falta de fé dos judeus?

Contra todas as probabilidades e o bom senso, os judeus continuam sendo um povo identificável depois de todos esses séculos. Esse fato é um fenômeno impressionante e sem igual na história e absolutamente peculiar a esse extraordinário povo "escolhido". Para a maioria dos judeus que vivem na Europa, a lei da igreja tornou impossível o casamento inter-racial sem a conversão ao catolicismo romano. Novamente a Igreja Católica Romana fez um papel infame. Durante séculos, sob a autoridade papal, o casamento entre um judeu e um cristão era um crime capital, impedindo o casamento inter-racial mesmo entre aqueles que o desejavam.

A Bíblia afirma que Deus determinou manter Seu povo escolhido separado para Si (Êxodo 33.16; Levítico 20.26; etc..) porque (8) Ele os traria de volta à sua terra nos últimos dias (Jeremias 30.10; 31.8-12; Ezequiel 36.24,35-38; etc..) antes da segunda vinda do Messias. Essa profecia e promessa, tão esperada, foi cumprida no renascimento de Israel na sua Terra Prometida em 1948, quase 1900 anos depois da Diáspora final na destruição de Jerusalém em 70 d.C. pelos exércitos romanos de Tito. Essa restauração de uma nação após 25 séculos é totalmente impressionante, um fenômeno sem igual na história de qualquer outro povo e inexplicável por qualquer meio natural, muito menos pela sorte.

Ainda mais impressionante, (9) Deus declarou que nos últimos dias antes da segunda vinda do Messias, Jerusalém se tornaria "**um cálice de tontear... uma pedra pesada para todos os povos**" **(Zacarias 12.2-3)**; e (10), que os judeus seriam "**como um braseiro ardente debaixo da lenha... devorarão... a todos os povos em redor...**" **(Zacarias 12.6)**. Vamos lidar com essas duas últimas profecias detalhadamente num capítulo seguinte.

Um Povo Incrivelmente Rebelde

Quase tão brilhante quanto as próprias profecias e seu cumprimento detalhado tem sido a resistência de Israel às súplicas e advertências de Deus no decorrer da história. Numerosas profecias previram as múltiplas destruições de Jerusalém e a dispersão dos judeus aos quatro ventos por causa da sua desobediência persistente às leis de Deus. Geração após geração, Deus enviou profetas para avisar Israel do julgamento próximo e para rogar que Seu povo se arrependesse, mas eles não o faziam. Deus jamais lidou assim com qualquer outra cidade ou povo.

Infelizmente, Israel e os orgulhosos habitantes de Jerusalém só endureceram seus corações. Algumas das advertências mais sérias e das passagens mais tristes nas Escrituras relatam o julgamento que Deus avisou que cairia sobre Jerusalém e o povo de Israel. Certamente elas oferecem lições valiosas para nós hoje. Aqui estão apenas alguns exemplos:

"Porém, se vós vos desviardes, e deixardes os meus estatutos e os meus mandamentos... então vos arrancarei da minha terra que vos dei, e esta casa [templo], que santifiquei ao meu nome, lançarei longe da minha presença e a tornarei em provérbio e motejo entre todos os povos" (2 Crônicas 7.19-20).

"Porque deixaram a minha lei, que pus perante eles, e não deram ouvidos ao que eu disse, nem andaram nela. Antes andaram na dureza do seu coração, e seguiram os baalins [ídolos obscenos]... Espalhá-los-ei entre nações..." (Jeremias 9.13,16).

"Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Vistes todo o mal que fiz cair sobre Jerusalém, e sobre todas as cidades de Judá; e eis que hoje são elas uma desolação... por causa da maldade que fizeram, para me irarem, indo queimar incenso, e servir a outros deuses... Todavia, começando eu de madrugada,

lhes tenho enviado os meus servos, os profetas para lhes dizer: Não façais esta cousa abominável que aborreço... Então responderam a Jeremias todos os homens que sabiam que suas mulheres queimavam incenso a outros deuses... dizendo... não te obedeceremos a ti; antes certamente... queimaremos incenso à rainha dos céus, e lhe ofereceremos libações, como nós, nossos pais, nossos reis, nossos príncipes temos feito, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém; tínhamos fartura de pão, prosperávamos, e não víamos mal algum" (Jeremias 44.2-4,15-17).

Por Que 70 Anos de Cativeiro na Babilônia?

Que insulto a Deus foi Seu povo escolhido dar crédito aos ídolos pelas bênçãos que Ele havia derramado sobre eles!
E idolatria explícita não era o único pecado de Israel. Ganância e egoísmo também tiveram seu papel em levar Israel a desobedecer intencionalmente aos mandamentos específicos que Deus lhe dera na época que o trouxe para a terra da promessa. Esses mandamentos envolviam seu tratamento da terra e uns dos outros. Aqui está o que Deus havia dito:

"Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando entrardes na terra, que vos dou, então a terra guardará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos. Porém no sétimo ano haverá sábado de descanso solene para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha" (Levítico 25.2-4).

"Ao fim de cada sete anos farás remissão. Este, pois, é o modo da remissão: todo credor, que emprestou ao seu próximo alguma coisa, remitirá o que havia emprestado; não o exigirá do seu próximo ou do seu irmão, pois a remissão do Senhor é proclamada... Quando um de teus irmãos, hebreu ou hebréia, te for vendido, seis anos servir-te-á, mas no sétimo o despedirás forro" (Deuteronômio 15.1,2,12).

É impressionante que Israel não tenha obedecido aos mandamentos acima nem ao menos uma vez! Durante 490 anos esse "povo escolhido", mesmo sendo tão abençoado por Deus, recusou-se egoisticamente a obedecer-Lhe na observância do repouso da terra no sétimo ano, como Ele havia ordenado. Por essa razão, Deus enviou Israel ao cativeiro na Babilônia por 70 anos, deixando o solo

sem cultivo pela mesma quantidade de sábados que a terra havia perdido. Como castigo por se terem recusado a perdoar as dívidas contraídas com eles por seus irmãos, Deus tomou todas as posses de Seu povo. E porque eles se recusaram durante 490 anos a libertar a cada sétimo ano seus irmãos hebreus escravizados, Deus permitiu que a Babilônia os escravizasse durante 70 anos.

Durante quase cinco séculos Deus pediu pacientemente através de seus profetas, exortando Seu povo a se arrepender, mas eles não deram ouvidos a Seus avisos: "**Vos enviou o Senhor todos os seus servos, os profetas mas vós não os escutastes...** [portanto] **Toda esta terra virá a ser um deserto... estas nações** [as 12 tribos de Israel] **servirão ao rei da Babilônia setenta anos" (Jeremias 25.4,11)**. Apesar de Deus ser paciente e estar disposto a perdoar, a desobediência proposital e a recusa de se arrepender trouxeram, enfim, um terrível julgamento.

O Retorno Profetizado dos "Últimos Dias"

Julgamento, porém, não foi tudo que os profetas previram para esse povo desobediente. Apesar de sua rebelião contra Ele, Deus declarou que nos "últimos dias" logo antes do retorno do Messias, Ele os traria de volta a sua própria terra de onde haviam sido espalhados por todo o mundo. E Ele faria isso não por causa do seu arrependi- mento ou bondade ou qualquer outro mérito, pois eles continuariam na rebelião e na descrença até o fim. Deus os traria de volta à terra somente para honrar Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó:

"Tão certo como eu vivo, diz o Senhor... [eu] vos congregarei das terras nas quais andais espalhados, com mão forte, com braço estendido e derramado furor... Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado... separarei dentre vós os rebeldes e os que transgrediram contra mim... mas não entrarão na terra de Israel; e sabereis que eu sou o Senhor" (Ezequiel 20.33-38).

"Naquele dia o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o restante do seu povo... ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra" (Isaías 11.11-12).

"Mas vós, ó montes de Israel, vós produzireis os vossos ramos, e dareis o vosso fruto para o meu povo de Israel, o qual está prestes a vir. Porque eis que... Multiplicarei homens sobre

vós, a toda a casa de Israel... e as cidades serão habitadas... Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações, que profanastes entre as nações para onde fostes... Tomar-vos-ei... e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra" (Ezequiel 36.8-10,22,24).

Essas promessas e profecias, é claro, não poderiam ser cumpridas a não ser que sobrasse um remanescente judeu que fosse étnica e nacionalmente identificável e assim pudesse ser trazido de volta para sua terra nos últimos dias. O fato de que após 2500 anos de dispersão por todos os cantos do mundo (desde a destruição de Jerusalém e seu cativeiro babilônico), os judeus tenham permanecido um povo reconhecível é uma incrível ocorrência sem igual na história de qualquer outro povo. E para ter certeza dessa identificação, Israel tem hoje regulamentos específicos para determinar se seus cidadãos realmente são ou não judeus.

Um dos cumprimentos mais incríveis da profecia é o retorno a Israel de judeus da antiga União Soviética. Aquele regime brutal havia, durante anos, reduzido quase totalmente as emigrações para Israel. Porém, desde a separação da URSS em repúblicas independentes, imigrantes têm chegado a Israel às dezenas de milhares da antiga União Soviética. Quem pode negar que essa incrível mudança é cumprimento direto das profecias bíblicas? Considere essas palavras, por exemplo:

"Direi ao Norte: Entrega; e ao Sul: Não retenhas; trazei meus filhos de longe, e minhas filhas das extremidades da terra" (Isaías 43.6).

"Eis que os trarei da terra do Norte, e os congregarei das extremidades da terra" (Jeremias 31.8).

Nossa geração teve o privilégio de testemunhar essa saga se desenrolar enquanto as profecias da Bíblia a respeito do renascimento de Israel como uma nação continuam a ser cumpridas nos nossos dias. De acordo com uma pesquisa recente: "A população judia da antiga União Soviética está morrendo. De uma população judia total de 1,3 milhões, existem apenas 115.000 crianças... Especialistas preveem que até o ano 2000 apenas 500.000 judeus permanecerão na CEI... Desde que a antiga URSS reabriu suas portas, cerca de 800.000 judeus partiram; 538.400 deles vieram para Israel." Espe-

ra-se que mais 500.000 emigrem nos próximos cinco anos, cerca de 300.000 para Israel e 200.000 para outros lugares do Ocidente.[3]

Libertando-se da Rússia

Na época da publicação deste livro, "mais de 100.000 judeus russos têm vistos de saída e imigrariam para Israel imediatamente se tivessem recursos para isso, de acordo com "Asas de Águia", um ministério da Fraternidade Internacional de Cristãos e Judeus... O ministério focaliza a República do Uzbequistão, onde fundamentalistas islâmicos criam uma situação insustentável para os 12.000 judeus que esperam para partir."[4]

Aquelas raras criaturas conhecidas como "refuseniks"*, que arriscaram sua liberdade e suas próprias vidas para protestar contra o aprisionamento de judeus pelos soviéticos, merecem muito do crédito pela reabertura final da antiga União Soviética à emigração. Um dos mais conhecidos entre os "refuseniks" foi Natan Sharansky. É interessante que ele, por sua vez, dá muito do crédito por sua sobrevivência e libertação final a um senador americano já falecido, Henry "Scoop" Jackson. No auge da "Guerra Fria", ele foi um dos co-autores da Emenda Jackson-Vanik, que tornava a atribuição do status de nação comercialmente favorecida à então União Soviética condicionado à concessão do direito de emigração aos seus cidadãos.

No começo de janeiro de 1995, ex-"refuseniks" organizaram uma conferência internacional em Jerusalém no vigésimo aniversário da Emenda Jackson-Vanik para honrar a memória do senador falecido. Numa entrevista por ocasião daquele evento, Sharansky disse:

> Ouvi sobre a emenda Jackson quando me envolvi ativamente no movimento dissidente em 1973. Só mais tarde fiquei sabendo que havia uma pessoa chamada Jackson.
>
> Há três pontos cruciais em minha vida antes de sair da União Soviética: a guerra do Yom Kippur, a operação de Entebbe, e a minha prisão. No meio de tudo isso, porém, houve a Emenda Jackson...
>
> De repente, nós refuseniks compreendemos que tínhamos um aliado real. Como sionistas nós tínhamos uma arma espiritual: nossa he-

---

[3] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 7 de janeiro, 1995, p.24.
[4] National & International Religion Report, 26 de dezembro de 1994, p. 2.
* Esse nome é uma combinação do verbo refuse, "rejeitar" e o sufixo niks, e se refere aos que protestavam contra o governo soviético e eram rejeitados pela sociedade. (N.T.).

rança judaica. Agora, porém, tínhamos uma arma histórica e prática: a Emenda Jackson.

As autoridades soviéticas começaram imediatamente a nos chantagear. A KGB começou a nos deter, dizendo que as coisas iriam ficar piores para nós... Enviei centenas de cartas de refuseniks e de outros dissidentes, inclusive [Andrei] Sakharov, a Jackson [por meio de turistas], animando-o a continuar com sua luta... Ele era nosso símbolo de esperança...

A Emenda Jackson foi a virada da maré não apenas no êxodo dos judeus, mas na vitória definitiva do Ocidente sobre a União Soviética na Guerra Fria.[5]

Quão Poucos Acreditaram!

O desejo de retornar a Israel nem sempre foi tão intenso para os judeus ao redor do mundo quanto foi para Sharansky e seus compatriotas judeus na União Soviética. Durante os muitos séculos de sua dispersão longe da terra de Israel, como os profetas haviam predito, a consciência judaica reteve apenas uma vaga lembrança da Terra Prometida. Somente para uma pequena minoria de judeus devotos, o voto do salmista: **"Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita" (Salmo 137.5)**, continuou a ser parte vital das orações diárias.

No entanto, uns poucos indivíduos que podiam arcar com as despesas faziam visitas periódicas a Jerusalém. Ainda assim, o que havia por parte da maioria dos judeus na dispersão, era pouquíssima fé em que Deus levaria Seu povo escolhido de volta à sua terra. Na verdade, poucos sequer tinham esse desejo. Por que o fariam, desde que estivessem à vontade e prósperos em algum outro lugar?

No passado distante houve ondas ocasionais de refugiados judeus entrando na Palestina ao fugirem de alguma perseguição. Uma dessas ondas ocorreu em 1492, quando os judeus da Espanha foram confrontados com a conversão ao Catolicismo Romano ou a expulsão. Outras emigrações posteriores dos judeus que fugiam de perseguições impostas pelos czares russos ou pelos príncipes poloneses acabaram por produzir uma presença crescente de judeus em Safed, Jerusalém, Hebrom e Tiberíades. Apesar das tentativas judaicas de conquistar a simpatia de líderes como o Kaiser Guilherme II e o Sultão Abdul-Hamid II, não houve qualquer reconheci-

[5] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 14 de janeiro, 1995, p. 12.

mento por parte de qualquer poder político de que os judeus tivessem algum direito sobre o que, por séculos, tinha sido sua terra, a Terra Prometida dada por Deus a Seu povo escolhido.

Tragicamente, a maioria dos judeus em Israel e ao redor do mundo, hoje em dia, permanecem tão surdos e cegos à Palavra de Deus quanto nos dias de Jeremias e dos outros profetas antigos que os advertiam sobre o juízo iminente. Como já observamos, 30% dos atuais israelenses alegam ser ateus e muito poucos dos outros 70% realmente creem que Deus os tenha trazido até sua terra depois de 2500 anos de dispersão por todo o mundo. Deus declarou que cegaria o entendimento de Seu povo rebelde e os traria, ainda em incredulidade, de volta à terra prometida. Como a cegueira enfraquece a compreensão deles, pois se Deus não lhes tivesse dado a terra de Israel, não teriam mais direitos a ela do que os árabes!

Mesmo tão recentemente quanto os primeiros anos de nosso século não parecia haver esperança de recuperação para a nação israelita. O movimento sionista estava fazendo pouco progresso e, até mesmo, muitos judeus zombavam dele como um sonho impossível. Raro era o judeu que acreditava de fato nas promessas da Torá, muito menos em que Deus lhes daria cumprimento literal. Tal era o clima de desesperança quando alguns acontecimentos começaram a transpirar que acabariam por possibilitar o cumprimento da profecia.

Uma Súbita Reviravolta nos Acontecimentos

Em 22 de janeiro de 1917, o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, apresentou as condições de paz que os Estados Unidos aceitariam para o fim da Primeira Guerra Mundial. Um requisito era o estabelecimento de uma organização internacional composta das principais nações do mundo, com a finalidade de garantir segurança para todos os Estados independentes e impedir futuras guerras. Os sionistas começaram a renovar suas esperanças de que uma pátria nacional para os judeus poderia ser estabelecida e que ficaria então sob tal proteção.

Assim, aparentemente sem qualquer motivo, surgiu uma declaração inesperada e controvertida de Arthur James Balfour, o Secretário de Relações Exteriores da Inglaterra. A 2 de novembro de 1917, ele expressou a aprovação inglesa ao estabelecimento, por meios

não revelados, de uma pátria para os judeus na Palestina. Mais uma astuta manobra política do que um reflexo de consciência, a declaração chegou durante um instante crítico na Primeira Guerra Mundial, antes que o General Edmund Allenby capturasse Jerusalém. A Inglaterra esperava, com isso, ganhar o apoio judeu para seu esforço bélico e pacificar os sionistas. Conhecida desde então como a Declaração Balfour, ela afirmava:

> O Governo de Sua Majestade vê com bons olhos o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu na Palestina e usará de seus melhores esforços para facilitar a consecução desse objetivo... fica claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas existentes na Palestina, ou os direitos e condições políticas desfrutadas pelos judeus em qualquer outro país.[6]

Em 25 de abril de 1920, o Conselho Supremo dos Poderes Aliados e Associados deu à Inglaterra o mandato à Palestina, para que os britânicos implementassem as provisões da Declaração Balfour. Sir Herbert Samuel, um judeu britânico, foi nomeado governador da Palestina, e a imigração judaica passou a ser ativamente estimulada. Em 1922 havia cerca de 650.000 árabes e 85.000 judeus vivendo ali. Em 1935 o número de judeus havia aumentado para cerca de 250.000.

A maioria dos imigrantes judeus era altamente educada e treinada. Esse fato, juntamente com o apoio que receberam de financiamentos judeus vindos de todo o mundo, deu ao segmento judaico da população da Palestina uma considerável vantagem tecnológica, financeira e comercial sobre os árabes. Incapazes de competir de muitas maneiras, a população árabe foi perdendo terreno economicamente. O ressentimento contra os imigrantes explodiu, por fim, numa série de ataques árabes contra os judeus entre 1936 e 1939. Finalmente, em maio de 1939, a Inglaterra cedeu à pressão árabe e expediu o "Livro Branco", que limitava a imigração de judeus, nos cinco anos seguintes, a um total de 75.000, depois dos quais nenhum outro judeu seria admitido na Palestina.

Os sionistas tinham entendido a Declaração Balfour como uma garantia do estabelecimento de um Estado judeu independente, mas o "Livro Branco" negava que a Inglaterra tivesse tido tal inten-

---

[6] Time, 4 de abril, 1988, p. 46.

ção. Pelo contrário, prometia o desenvolvimento de um Estado palestino independente, que seria governado por judeus e árabes ao mesmo tempo, ficaria intimamente ligado à Grã-Bretanha, e fechado à imigração de judeus. Nem os judeus nem os árabes ficaram satisfeitos com tal proposta. Os judeus se sentiram traídos: a Inglaterra tinha negado a sua promessa anterior. Os árabes, é claro, queriam somente para si o controle da Palestina.

O Papel do Holocausto

A essa altura surgiu a Segunda Guerra Mundial, com o massacre de 6 milhões de judeus promovido por Hitler. Surpreendentemente, a revelação dos horríveis detalhes do Holocausto não provocou suficientemente a consciência mundial para que se pusesse fim a tais crimes. O Holocausto continuou depois da guerra com o assassinato de muitos judeus quando estes tentaram voltar aos seus lares de antes da guerra. Em Kelsa, na Polônia, por exemplo, 200 sobreviventes da antiga comunidade judaica, que tinha 25.000 pessoas, foram atacados - e 76 deles foram mortos - pelo povo da cidade que se recusou a lhes devolver as casas que possuíam antes de serem criminosamente despachados para os campos de extermínio.

Que incrível maldade reside no coração humano! Os judeus que sobreviveram à máquina de destruição de Hitler estavam desesperados para encontrar um refúgio onde estivessem a salvo do ódio satânico que perseguia sua raça. Onde quer que se voltassem no mundo, ali havia pouquíssima compreensão e empatia genuínas.

Em abril de 1946, um Comitê Anglo-Americano de Investigação recomendou a admissão na Palestina de outros 100.000 refugiados judeus da Europa. Embora isso fosse apenas uma gota no oceano comparado à necessidade desesperadora, a Inglaterra recusou-se a aceitar a recomendação e continuou a admitir refugiados judeus à taxa cruelmente inadequada de 1.500 por mês. Ultrajados com a impiedosa falta de empatia para com seu sofrimento, os judeus, desesperados, começaram a organizar tentativas de infiltrar ilegalmente refugiados judeus na Palestina.

A Inglaterra retaliou bloqueando a costa de Israel e confinando em campos de concentração em Chipre os que tentavam entrar. Os

detidos atingiram um número de mais de 55.000. Apesar disso, por volta de 1947, a infiltração de sobreviventes do Holocausto na Palestina por meios ilegais, mas humanitários, havia elevado a população judaica para cerca de 600.000.

Por fim, a Inglaterra compreendeu que a controvérsia estava além de sua capacidade de resolver ou controlar. A administração dessa terra tão intensamente disputada havia se transformado num fardo que os ingleses já não queriam mais carregar sozinhos. Consequentemente, em fevereiro de 1947, o governo britânico pediu ajuda e conselho às Nações Unidas. Esse pedido foi acompanhado pelo anúncio inesperado que a Inglaterra daria por encerrado o seu mandato em 15 de maio de 1948, e retiraria suas tropas da Palestina. O cenário estava pronto, finalmente, para o cumprimento de uma das profecias mais notáveis das Escrituras.

Volumes já foram escritos tentando explicar como um Deus amoroso poderia ter permitido o Holocausto. Não faremos tal tentativa. Uma coisa é certa, porém. Sem aquele massacre, o Estado de Israel não existiria hoje. O Holocausto foi o catalisador que moveu os complacentes judeus ao desespero e momentaneamente despertou a consciência mundial. O Holocausto e o triste espetáculo de seus sobreviventes apátridas provocou suficiente vergonha e empatia coletivas para que os poderes mundiais tomassem a ação necessária, e longamente adiada, de prover uma pátria para o povo judeu. Tal ação não poderia ter sido levada a efeito em qualquer outro tempo da história, até então ou desde então.

Em abril de 1947, a Inglaterra, a fim de entregar seu mandato com algum sentido de responsabilidade, pediu às Nações Unidas que convocasse uma sessão especial para determinar um curso de ação. Movida pelo sofrimento de centenas de milhares de judeus sobreviventes do Holocausto que não tinham onde se estabelecer, a ONU realizou longos debates sobre o problema. Seis meses depois, em novembro de 1947, por um voto de 33 a 13, com 10 abstenções, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou um plano de partilha da Palestina a oeste do rio Jordão. Cerca de 18 por cento da terra seria reservada para uma pátria judia, e os 82 por cento restantes para os árabes palestinos, com Jerusalém permanecendo sob administração internacional. Os sionistas ficaram em êxtase.

O Contexto de Um Milagre

Os palestinos, todavia, não estavam dispostos a permitir que os judeus possuíssem qualquer porção da Terra Prometida. Já explicamos o porquê. Como bom muçulmano, o rei Farouk, do Egito, declarou: "Não posso e não irei tolerar um Estado sionista no Oriente Médio!".

Greves violentas, demonstrações e levantes contra os judeus nas nações árabes e na Liga Árabe ameaçaram desfazer qualquer iniciativa que visasse a partilha. O que os árabes não levaram em conta, todavia, e nem mesmo muitos judeus acreditavam, é que finalmente havia chegado o tempo do cumprimento das profecias específicas sobre o renascimento de Israel. Nada poderia evitar que esse evento glorioso acontecesse.

Esperava-se que a Inglaterra supervisionasse com suas tropas uma transição organizada para a partilha, mas o Comissariado das Nações Unidas para a Palestina reportou a incapacidade britânica de satisfazer tais expectativas e advertiu que o cenário estava pronto para a guerra. Na verdade, Haj Amin el-Husseini, o ex-mufti de Jerusalém, que havia apoiado o Holocausto nazista, o Alto Comitê Árabe, e a Liga Árabe convocaram uma guerra para exterminar os judeus e advertiram que os voluntários da ONU arriscariam suas vidas se entrassem na Palestina.

Num ataque súbito e não provocado, os exércitos regulares da Síria, Líbano, Egito, Iraque e Transjordânia (mais tarde conhecida como Jordânia), mais forças voluntárias da Arábia Saudita, convergiram sobre a Palestina. Assim começou um impiedoso e cruel ataque contra povoações judias e transportes judeus, com pouca ou sem qualquer interferência militar britânica. Em 9 de março de 1948, a Haganá, a força clandestina de defesa israelense, ordenou a mobilização de todos os judeus fisicamente capazes entre as idades de 17 e 45 anos. Os 100.000 soldados, policiais e civis ingleses residentes na Palestina começaram a ser evacuados. A 13 de maio, o bloqueio naval inglês foi suspenso, permitindo que armas e judeus detidos em Chipre entrassem.

No dia 14 de maio de 1948, em Tel Aviv, David Ben-Gurion, como seu primeiro premiê, proclamou o nascimento do Estado soberano de Israel. Para qualquer observador inteligente era óbvio que os árabes destruiriam rapidamente os judeus, que tinham muito

menos soldados e equipamentos. Seria necessário um milagre para que Israel sobrevivesse.

O fato de que essa nação conseguiu muito mais que sobreviver faz parte da história. Mas o fato de que os problemas de Israel só aumentaram com cada guerra que venceu e com o território a mais que conquistou também é história, e uma dura realidade hoje em dia. Tantas profecias cumpridas, e ainda assim tantos problemas! Será que uma razão é que na proclamação do renascimento de Israel nenhuma menção se fez ao Deus que lhe dera aquela terra e cujos profetas haviam predito o grande acontecimento?

Porque assim diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo procurarei as minha ovelhas, e as buscarei... Tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos diversos países e as introduzirei na sua terra; apascentá-las-ei nos montes de Israel... Já não servirão de rapina aos gentios... e habitarão seguramente, e ninguém haverá que as espante... Saberão, porém, que eu, o Senhor seu Deus, estou com elas, e que elas são o meu povo, a casa de Israel, diz o Senhor Deus.

— Ezequiel 34.11,13,28,30

Multiplicarei homens sobre vós, a toda a casa de Israel... as cidades serão habitadas, e os lugares devastados serão edificados... e vos tratarei melhor do que outrora; e sabereis que eu sou o Senhor.

— Ezequiel 36.10-11

Mudarei a sorte do meu povo Israel: reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão... Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor teu Deus.

— Amós 9.14-15

7
A Luta Para Sobreviver

O histórico é incontestável. Nós já documentamos o cumprimento preciso de numerosas profecias específicas referentes ao povo e à terra de Israel. Essas profecias não poderiam se cumprir por acaso. Ninguém pode negar a existência do Deus de Abraão, Isaque e Jacó, nem que os judeus são Seu povo escolhido. É verdade que o mundo ainda não reconhece os fatos e, tragicamente, nem a grande maioria dos judeus, dentro ou fora de Israel. Essa falta de fé em Deus e Sua Palavra é o coração do problema.

As Escrituras deixam claro que o renascimento de Israel ocorreu no tempo de Deus e para Seus propósitos últimos. Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó estão sendo lentas, mas certamente cumpridas. Então, por que o processo é acompanhado de tanta dor e às custas de tantas vidas? Simplesmente pelo fato de Israel ainda não ter se arrependido e voltado a Deus de todo o seu coração. Na verdade, ele O deixou fora de seus planos. Deus usará Israel para punir as nações que o maltrataram, mas Ele também usará as nações para corrigir Israel até Seu povo clamar a Ele:

"**Porque eu sou contigo, diz o Senhor, para salvar-te; por isso darei cabo de todas as nações entre as quais te espalhei; de ti;**

porém, não darei cabo, mas castigar-te-ei em justa medida, e de todo não te inocentarei" (Jeremias 30.11).

O retorno de Israel a sua terra foi efetuado por Deus, mas por causa da descrença do povo, isso foi destinado a ser um processo agonizante. Em resposta à fundação do Estado de Israel, a Alta Comissão Árabe e a Liga Árabe renovaram seu agudo grito em favor de uma guerra de extermínio contra os judeus. Operações militares foram aceleradas, o suprimento de alimentos de 90.000 judeus que moravam em Jerusalém foi cortado, e Jerusalém foi completamente isolada dos outros assentamentos judaicos. O Haganah, o exército de resistência de Israel, lutou valentemente, contra todas as probabilidades, para manter contato com os judeus de Jerusalém e para suprir as suas necessidades.

Uma Mentalidade Terrível

Tenta-se evitar o fato inacreditável e repugnante de que a mentalidade árabe, à própria sombra do Holocausto, era uma reflexão da mente nazista e fora inspirada pela mesma fonte maligna. Mas esse era o caso, e em grande parte ele continua o mesmo hoje. No começo da Segunda Guerra Mundial, o tio de Yasser Arafat, Haj Amin el-Husseini, era o Grão-Mufti de Jerusalém. Um grande admirador de Hitler, Haj Amin abertamente e desembaraçadamente declarou que os árabes apoiavam as Forças do Eixo na guerra, porque elas prometiam uma "solução final ao problema judeu". O líder da S.S., Heinrich Himmler, explicou essa "solução": "A raça judaica está no processo de ser exterminada... esse é o nosso programa... uma esplêndida página em nossa história".

Himmler mandou um telegrama para seu amigo Haj Amin com as boas notícias: "O Partido Nacional Socialista inscreveu na sua bandeira 'a exterminação do judaísmo mundial.' Nosso partido simpatiza com a luta dos árabes... contra o invasor judeu". Haj Amin foi para a Alemanha. Na Rádio Berlim, no dia 1 de março de 1944, ele fez a seguinte conclamação:

> Árabes, levantem-se como um só homem e lutem por seus sagrados direitos. Matem os judeus onde quer que os encontrem. Isso agrada a Deus [Alá] e à religião [e] salva sua honra. Deus está com vocês.

Apenas no contexto de tais convocações de líderes islâmicos, apoiados pelo Corão e pelo exemplo de Maomé é que se pode compreender o zelo religioso com o qual os árabes atacaram os judeus em 1947-48. E como é confuso perceber que os muçulmanos estavam dispostos a morrer na causa santa, de expulsar os judeus da própria terra que o Corão declara ter sido dada por Deus aos judeus!

Com memórias do Holocausto ainda frescas, o mundo ficava de lado enquanto a mídia árabe cuspia ódio igual ao de Hitler, e exércitos árabes atacavam colônias judaicas sem parar. Naqueles dias, antes da atual ofensiva desonesta de paz, não havia tentativa de esconder o objetivo inalterável dos árabes de extermínio de todos os judeus palestinos. Era uma nova edição do Holocausto e o mundo ainda tapava os seus olhos. Hoje a percepção geral no Ocidente é que a culpa era dos próprios judeus.

Havia algo mais que hipocrisia, algo traiçoeiramente maligno, sobre o papel da União Soviética. Ela mudou momentaneamente de atitude ao dar o voto decisivo na ONU em favor da partilha humanitária da Palestina para dar uma pátria aos sobreviventes do Holocausto. No entanto, praticamente em sua próxima atitude, a URSS estava apoiando os árabes com meios militares para exterminar os habitantes da mesma terra que as Nações Unidas haviam dado a eles. Ela continuou com essa atitude abertamente até sua dissolução sob Gorbachev, e o mesmo fazem hoje as repúblicas independentes sobreviventes.

Refugiados e Responsabilidade

Além das muitas mortes de ambos os lados, uma das maiores tragédias da guerra de independência de 1948 foi o deslocamento de cerca de 800.000 árabes palestinos, cuja maioria jamais retornou a seus lares. Alguns deles viviam na parte da Palestina dada pela divisão a Israel, enquanto outros fugiram da área adicional que Israel capturou enquanto se defendia do extermínio ameaçador. A culpa pelo deslocamento desses refugiados infelizes foi lançada sobre ambos os lados do conflito. Um autor escreve:

> Israel defendia, ao longo dos anos, que o êxodo [dos palestinos] aconteceu porque líderes árabes, tanto fora quanto dentro da Palestina, mandaram as massas saírem do caminho dos exércitos invasores.

> Os árabes argumentam que a saída resultou de uma campanha de expulsão militar judaica cuidadosamente orquestrada que despovoou 250 vilas e várias cidades importantes. Um relatório secreto preparado pelas Forças de Defesa Israelenses em 1948 e publicado somente em 1986 apoia, pelo menos em parte, a posição árabe. Ele diz que mais de 70 por cento dos palestinos fugiram por causa da ação militar dos judeus ou por causa dos fatores psicológicos relacionados a ela...
>
> A verdade provavelmente se encontra no centro das alegações de ambos os lados e o êxodo foi o resultado tanto da militância judaica quanto da mentira árabe.[1]

O bom senso reconheceria que os judeus, prestes a serem aniquilados e numa luta desesperada pela sua própria sobrevivência, teriam pouco tempo para pensar em proteger os direitos dos árabes palestinos. Além disso, seria muito difícil e perigoso tentar fazer amigos entre aqueles que falassem árabe e se vestissem e parecessem exatamente como o inimigo que jurou sua exterminação. Embora, dificilmente, se possa dizer que todo soldado judeu sempre agiu com a máxima justiça e preocupação pelos civis árabes, as simpatias devem pender para os atacados e não para os atacantes.

Ao lembrar o passado, em 1988, a revista Time apontou o óbvio: "Se o Egito, a Síria e as outras nações árabes tivessem aceitado o direito de Israel de existir em 1947, os palestinos poderiam ter vivido em sua própria pátria pelos últimos 40 anos".[2] Afinal, os judeus estavam satisfeitos com a partilha da terra feita pela ONU. Não foram eles que atacaram os árabes em primeiro lugar, mas os árabes os atacaram.

Além disso, muitos judeus tentaram persuadir os seus vizinhos árabes fugitivos a ficarem. Pelo menos foi essa a opinião emitida no local do conflito pelo chefe da polícia britânica em Haifa, A. J. Bridmead. Em abril de 1948, ele relatou: "Todo esforço está sendo feito pelos judeus para persuadir a população árabe a ficar". Da mesma maneira, um visitante estrangeiro observou: "Em Tiberíades eu vi uma placa fixada numa mesquita selada que dizia:

> Nós não os desapropriamos... [e] chegará o dia quando os árabes voltarão às suas casas e propriedades nessa cidade. Enquanto isso, nenhum cidadão deve tocar suas propriedades. Assinado, *Conselho de Cidadãos Judeus de Tiberíades*.

---

[1] David Lamb, The Arabs (Vintage Books, 1987), p. 212.
[2] Time, 4 de abril, 1988, p. 47.

Coerente com os relatos de testemunhas oculares acima, o honrado e supostamente imparcial *London Economist* relatou: "As autoridades israelenses incentivaram todos os árabes a ficarem... [mas] o pronunciamento feito no rádio pelo Alto Executivo Árabe incentivando todos os árabes a partir... [porque] com a saída final dos britânicos, os exércitos combinados dos Estados árabes invadiriam a Palestina e lançariam os judeus no mar".[3]

Mais uma vez em aparente corroboração, e dessa vez de uma fonte árabe, o jornal diário jordaniano *Al Difaa* reclamou: "Os governos árabes nos disseram: 'Saiam para que possamos entrar.' Então nós saímos, mas eles não entraram".[4]

A Expansão das Fronteiras de Israel

Pela graça de Deus, os israelenses, menos numerosos e menos armados, foram vitoriosos de modo geral em 1948. Acordos de trégua separados foram negociados com cada exército árabe derrotado entre fevereiro e julho de 1949. Como sempre tem sido, Israel estava disposto a devolver um pouco da terra que fora forçado a tomar em auto-defesa em troca de reconhecimento de seu direito de existir. As fronteiras finais seriam estabelecidas nos tratados de paz que nasciam dos acordos de trégua. Porém, os tratados prometidos jamais se materializaram, pois as nações árabes se recusavam a reconhecer o direito de Israel a existir - até mesmo que existia - e rejeitaram a oportunidade de negociar tais acordos. Levou 45 anos para os árabes finalmente admitirem que essa negociação era sua única esperança.

No processo de defender sua existência contra o extermínio pretendido pelos seus vizinhos muçulmanos, o pequeno Israel expandiu suas fronteiras até posições mais facilmente defensáveis. Agora era senhor da maior parte da Palestina, deixando os árabes com a terra a leste de Jerusalém até o rio Jordão, conhecida como Cisjordânia, e a Faixa de Gaza à margem do Mediterrâneo. A Cisjordânia ficou sob controle jordaniano e Gaza sob controle egípcio. Naqueles dias ninguém, inclusive os próprios palestinos, jamais havia imaginado um Estado palestino autônomo.

A divisão de 1947 tinha dado a Israel uma faixa de terra tão estreita ao longo da costa que era indefensável. Ninguém, portanto, poderia condenar os judeus por manterem para si pelo menos algu-

[3] London Economist, 2 de outubro de 1948.
[4] Al Difaa, 6 de setembro de 1948.

mas posições importantes que conquistaram, enquanto empurravam seus possíveis aniquiladores para trás numa vitória que parecia impossível. As fronteiras do pequeno Israel tinham que ser aumentadas se ele quisesse sobreviver aos inevitáveis ataques seguintes de um inimigo que diariamente jurava seu ódio e anunciava sem qualquer constrangimento sua contínua determinação de destruí-lo. E hoje, 47 anos mais tarde, a paixão por destruir Israel ainda obceca seus vizinhos árabes que são fiéis ao islamismo, mesmo apesar de agora falarem de "paz" numa nova estratégia de destruição.

Como a Time mostrou, se o Estado de Israel fosse deixado em paz, ele jamais teria aumentado suas fronteiras. A extensão das fronteiras de Israel só aconteceu como resultado de guerras em que foi forçado a lutar contra aqueles que pretendiam aniquilá-lo. Que outra nação não faria o mesmo se estivesse cercada por inimigos que eram 50 vezes mais numerosos e continuavam a clamar por *Jihad* (guerra santa islâmica) contra ela?

A Questão Palestina

Os problemas de Israel, no entanto, aumentavam com cada vitória e cada pedaço novo de terra que anexava. Os habitantes árabes desses territórios representavam um problema insolúvel para Israel. Como resultado de sua fuga, os árabes começaram a assumir a imagem de perdedores oprimidos aos olhos do mundo. Israel sofreu críticas internacionais crescentes pelo seu tratamento a esses conquistados ingovernáveis.

Os árabes que moram nesses territórios reclamam que não recebem nacionalidade israelense e por isso não possuem direitos básicos. Israel responde que gostaria de tê-los como cidadãos, mas somente se jurarem fidelidade ao Estado de Israel. Os Estados Unidos ou qualquer outra nação dariam cidadania àqueles que se recusassem a jurar sua fidelidade a ele e que estivessem determinados a destruí-lo quando a oportunidade surgisse?

Como justificativa do seu ódio, os palestinos veem os israelenses como seus conquistadores e opressores, então por que não estariam determinados a lançar fora o jugo israelense? É um impasse onde nenhum dos lados quer dar o braço a torcer. Então, paradoxalmente, cada "vitória" apenas aumentava a probabilidade da derrota de Israel nas mãos vingativas daqueles que conquistava.

Yehoshafat Harkabi, antigo chefe da inteligência militar de Israel, expressou bem o dilema:

> Nossa escolha não é entre bom e mau. Isso é fácil. Nossa escolha é entre o ruim e o pior. Israel não pode se defender se metade da sua população é o inimigo. Os árabes entendem que se não houver acordo, então haverá um inferno, para eles e para nós...
>
> Nós devemos aprender a pensar internacionalmente, a distinguir entre um grande projeto e política. O grande projeto dos árabes talvez, ainda, seja destruir Israel, mas sua política é diferente. Nós devemos lidar não com os sonhos maldosos dos árabes, mas com sua política... Nós precisamos de um sionismo de qualidade, não de tamanho.[5]

Após suas repetidas derrotas, as nações árabes ao redor de Israel recusaram-se firmemente a admitir que ele até mesmo existisse. Pelos últimos 47 anos a mera menção de Israel num país árabe causava olhares frios, repreensão dura, ou pior. Ninguém com um carimbo de entrada israelense no seu passaporte podia entrar num país árabe. Por esse motivo, Israel dava seus vistos num papel separado para que nenhum carimbo israelense tivesse que ser colocado no passaporte de alguém. De acordo com *The Jerusalem Report*, Israel ainda não estava incluído em mapas da região distribuídos por uma agência oficial egípcia na conferência econômica em Casablanca.[6]

Que tragédia para ambos os lados. O que poderia ser feito para alcançar um acordo amigável? E com quem Israel negociaria? A Jordânia e o Egito não tinham mais direito de administrar esses territórios do que Israel; e os palestinos jamais foram unidos num Estado próprio ou mesmo sonharam com tal possibilidade, e por isso não tinham representantes eleitos. Isso deixava a Organização de Liberação Palestina (OLP) como a única opção viável, uma opção que Israel recusou-se a aceitar por muitos anos.

Na verdade, a OLP não foi fundada por uma votação dos palestinos que ela afirma representar, mas foi criada pelo presidente Nasser do Egito, que escolheu seu primeiro líder. Os israelenses estavam relutantes em negociar com ela por essa razão e também pelo fato de ser uma organização terrorista cujo documento de fundação clamava pelo extermínio de Israel. Mas hoje essas duas partes estão apertando as mãos, sorrindo, posando para fotos, e

---

[5] Time, 4 de abril de 1988, p. 50.

[6] The Jerusalem Report, 15 de dezembro de 1994, p. 8.

assinando acordos mútuos - até mesmo receberam o Prêmio Nobel da Paz juntas!

O atual líder da OLP, Yasser Arafat, foi, há muito tempo, "eleito" presidente do futuro Estado palestino a ser efetivado quando puder ser formado. Porém, ele não foi eleito para essa posição pelos palestinos a quem iria presidir, mas pela Comissão Central da OLP. Como Israel poderia ter certeza de que os próprios palestinos realmente queriam que a OLP os representasse? Mesmo assim, Israel finalmente percebeu que se uma solução viesse a ser encontrada, os palestinos deviam ter voz nos seus próprios negócios, e a OLP parecia ser a única voz disponível.

Pondo a Culpa

Em todas as acusações contra Israel por causa dos territórios que capturou em guerras defensivas, o grande roubo de terra pela Jordânia nunca é mencionado. Na verdade, a Jordânia anexou uma grande área do território remanescente que fora destinado pela ONU aos árabes palestinos, terra que Israel não capturou, inclusive aquela porção da margem ocidental do Rio Jordão conhecida desde então como Cisjordânia. Além, disso, ao invés de integrar os palestinos desabrigados à sua sociedade, a Jordânia e outros países árabes os mantiveram na sujeira dos campos de refugiados. Assim eles conseguiram hipocritamente manter o mundo focalizado no problema dos "refugiados palestinos", mesmo enquanto o lamentaram.

A mídia internacional oferece sua simpatia a toda demonstração de palestinos contra o que eles consideram ser os "ocupantes" israelenses de sua terra. Alguns desses protestos, tais como a intifada (levante), foram extremamente violentos e custaram muitas vidas. Não importa com que restrição Israel reaja, ele é acusado de opressão e assassinato. Nenhuma compaixão jamais é expressa em favor dos israelenses mortos nesses incidentes. A compaixão é reservada exclusivamente aos árabes, apesar de talvez terem sido mortos ou capturados no próprio ato de tentar balear ou explodir israelenses. Inclusive, mais palestinos (que eram suspeitos de não se oporem a Israel com força suficiente) que israelenses foram mortos por terroristas palestinos.

Não estamos sugerindo que Israel não tenha interesses egoístas ou que sempre aja com prudência e justiça. Mesmo os judeus ame-

ricanos muitas vezes levantaram suas vozes contra o tratamento dado por Israel aos árabes que estavam protestando, às vezes violentamente, contra sua falta de direitos básicos civis e militares nos territórios ocupados. O Congresso Judeu-Americano chamou os espancamentos de manifestantes árabes "chocante e repugnante". O seguinte telegrama foi enviado pelo rabino Alexander Schindler, presidente da União Americana de Congregações Hebraicas, ao então presidente israelense Chaim Herzog:

> O espancamento indiscriminado de árabes, enunciado e estabelecido como a política de Israel para abafar as demonstrações na Judéia, Samaria, e Gaza, é uma ofensa ao espírito judeu. Isso viola todo princípio da decência humana. E trai o sonho sionista.[7]

No entanto, o registro é bem mais favorável a Israel do que a seus vizinhos árabes no que diz respeito a lidar com manifestantes palestinos. Somente em uma manifestação contra a Jordânia em 1970, muito mais palestinos foram mortos pelo exército e pela polícia jordanianos do que por Israel em toda a sua história ao tentar se proteger dos ataques terroristas. A mídia, no entanto, continuamente apresenta uma imagem parcial e anti-israelita. Afinal, Israel foi o conquistador por mais de 40 anos numa série de guerras iniciadas pelos seus vizinhos árabes.

A Guerra dos Seis Dias

Em 1967, Israel foi forçado mais uma vez a lutar pela sua sobrevivência contra probabilidades mínimas. No processo, por razões essencialmente táticas, tomou a Cisjordânia, o Sinai, Golã e Gaza. Justamente deve-se reconhecer que, como sempre, Israel ofereceu dar a terra de volta - se os árabes reconhecessem seu direito de existir. Inclusive, David Ben-Gurion, aposentado, incentivou Israel a devolver "todos os territórios capturados rapidamente" e avisou que "mantê-los sob seu controle distorceria, e poderia eventualmente destruir, o Estado judeu".[8]

Israel ofereceu tratados de paz ao Egito e à Síria baseados nas fronteiras internacionais (já garantidas pelos Estados Unidos e outras potências ocidentais) e a iniciação de diálogos com a Jordânia para explorar a possibilidade de trocar terras pela paz. A Liga Ára-

---

[7] Time, 4 de abril de 1988, p. 40.

[8] Time, 4 de abril de 1944, p. 46.

be, em reunião em Khartoum, reagiu "com quatro negativas implacáveis: nenhuma paz, nenhum acordo, nenhum reconhecimento [de Israel] e nenhuma negociação". A reação de Abba Eban foi sua famosa sátira: "Nossos vizinhos árabes jamais desperdiçaram a chance de perder uma oportunidade".[9] Ele sugeriu que, se eles tivessem aceitado a oferta, ficariam surpresos com a generosidade israelense.

Somente anos mais tarde, em 1979, o presidente egípcio, Anwar Sadat, e o primeiro-ministro israelense, Menahem Begin, com o incentivo do presidente Jimmy Carter, assinariam um tratado de paz formal em Camp David. Em troca do reconhecimento de seu direito de existir (o primeiro de uma nação árabe), Israel devolveu ao Egito todo o Sinai, que capturara em 1967. Por ter ido contra o ensinamento do islamismo ao reconhecer Israel, Sadat pagou com a sua vida nas mãos de fundamentalistas islâmicos, que o assassinaram enquanto ele assistia a um desfile de tropas.

Reescrevendo a História

Um dos exemplos mais gritantes da história reescrita, um livro atual muito usado em faculdades americanas, *Politics in the Middle East (Política no Oriente Médio)*, faz a absurda afirmação de que os árabes palestinos de hoje "têm muito mais 'sangue' dos antigos hebreus que os judeus atuais". Ele até acusa os líderes israelenses de ter rejeitado numerosas propostas de paz dos Estados árabes, e acusa os colonos judeus de terem lançado em 1948 uma guerra- surpresa de conquista sem terem sido provocados pelos seus vizinhos árabes. A verdade é exatamente o oposto.

Politics in the Middle East faz apenas uma breve menção do fato de que, em tempos antigos, os ancestrais dos judeus que agora vivem em Israel ocuparam o mesmo território. (Na verdade, eles ocuparam um território muito maior do que Israel ocupa hoje.) Ao continuar sua enganação, o livro reescreve também as outras guerras de Israel:

> A rivalidade egípcio-síria e tentativas por ambas as partes de superar o radicalismo do outro, apesar de nunca terem a intenção de guerrearem, abriu caminho para o ataque israelense em junho de 1967.

Eu estive no Egito, Líbano e Síria logo antes da Guerra dos Seis Dias de 1967. Sugerir que essas nações árabes não tinham a inten-

[9] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 26 de novembro de 1994, p. 7.

ção de guerrear contra Israel é promover uma mentira das mais monstruosas. Na verdade, os líderes árabes deixaram bem claro que iriam finalmente alcançar seu objetivo de aniquilar Israel. A ameaça de extermínio abertamente repetida não causou nem embaraço da parte dos árabes nem trouxe repercussão do resto do mundo. Aparentemente, os israelenses mereciam isso por se defende- rem tão bem em guerras anteriores.

Esclarecendo as Dúvidas

Nós estávamos no Egito em maio de 1967, quando o presidente Nasser retornou de Moscou, onde, com muita fanfarra e retórica pretensiosa da parte dos soviéticos sobre sua promoção de paz no Oriente Médio, ele foi honrado com o Prêmio Soviético da Paz. Logo que ele desembarcou do avião no Cairo, foi cercado por repórteres que perguntavam o que iria acontecer com Israel. Sua resposta brusca foi que Israel deveria ser empurrado para o Mediterrâneo.

Em discussões com funcionários civis e militares, enquanto andávamos de automóvel pelo Egito naquela época, sempre ouvíamos uma frase que no começo nos intrigou: "a guerra de 19 anos". O que significava isso? Qual guerra durou 19 anos? Foi só através de investigações cuidadosas que finalmente entendemos que nas mentes das nações árabes a guerra iniciada pelo seu ataque sobre o novo Estado de Israel em 1948 não havia terminado. O que Israel pensava serem períodos de paz entre guerras tinham sido para os árabes uma preparação contínua para terminar o que tentaram fazer mas não conseguiram em 1948. E depois de passar os 19 anos, de 1948 a 1967, nessa preparação, eles agora estavam confiantes de que, com os suprimentos e a perícia militares dos soviéticos (pagos com dinheiro suprido pelos Estados árabes ricos em petróleo), o Egito, a Jordânia, e a Síria finalmente estavam totalmente preparados para esmagar a máquina militar israelense. Mais uma vez, porém, essa ambição se demonstrou vã.

Eu sentei com árabes entusiasmados no longo saguão de um navio cargueiro de Alexandria, no Egito, a caminho de Beirute, Líbano, assistindo televisão. Vez após vez assistimos cenas de Nasser examinando suas tropas, seus tanques e sua força aérea e gabando-se do massacre iminente das forças israelenses. O fato de que os árabes atacariam em breve ficou claro. E não havia a menor suges-

tão de qualquer perigo de que Israel pudesse, como finalmente aconteceu, fazer um ataque primeiro. A impressão foi dada de que os israelenses estavam tremendo de medo, sabendo que seriam surpreendidos pela força superior. No dia antes da guerra começar, a revista Newsweek expressou o que os israelenses sabiam:

> Nasser mergulhou muito fundo nesse caso para voltar atrás agora, sem sofrer séria humilhação diante de seus irmãos árabes.[10]

O artigo subsequente da Newsweek, que analisou a impressionante vitória israelense no que passou a ser conhecida a Guerra dos Seis Dias, foi intitulado "Terrível Espada Veloz". Os israelenses surpreenderam de tal maneira as forças árabes que poderiam ter tomado Damasco, Beirute, e o Cairo se não fossem restritos pelos Estados Unidos, receosos de uma intervenção soviética.

Os estudantes universitários de hoje nem haviam nascido quando esses eventos aconteceram, e por isso não tiveram a oportunidade de seguir as notícias à medida que se desenvolviam. Mesmo se estivessem vivos naquela ocasião, mas não presentes no Oriente Médio na época, eles provavelmente receberiam uma mensagem adulterada da mídia. Esse é certamente o caso hoje. Assim, eles são facilmente enganados pelas mentiras nos seus livros, ao acompanhar as palestras parciais e os relatos distorcidos que recebemos nos noticiários diários.

A revista *Politics* teve a audácia de declarar que "a guerra de outubro de 1973 foi iniciada pelo Egito e a Síria para o propósito limitado de alterar o contexto para a diplomacia direcionada à recuperação do Sinai e de Golã e possivelmente da Cisjordânia e de Gaza". Aqui está outra peça de propaganda política falsa tão descarada que é até embaraçosa de ler. Na verdade, milhares de tanques espalhados pelo Golã e pelo Sinai em direção a Israel pegaram o exército israelense dormindo num ataque-surpresa que deveria cobrir o país inteiro antes que a resistência pudesse ser organizada - e quase o fez. Foi, novamente, a graça de Deus que manteve Israel vivo apesar de sua contínua negação de que precisa de tal graça.

E as Possibilidades de Paz Hoje?

Quando a Guerra do Golfo terminou no começo de 1991, este autor escreveu o seguinte em nosso boletim mensal: "A guerra

[10] Newsweek, 5 de junho de 1967, p. 48.

no Golfo terminou como era de se esperar. Felizmente, o fim chegou rapidamente, limitando a perda de vidas de ambos os lados. A região do Golfo e todo o mundo árabe jamais serão os mesmos. O doloroso processo trará nova estabilidade e esperanças de paz - passos gigantes em direção à Nova Ordem Mundial. A pressão aumentará sobre Israel para dar independência aos palestinos, falsificando uma nova 'paz' no Oriente Médio que eventualmente será garantida pelo Anticristo, que Israel irá abraçar como seu Messias".

A "paz" que agora está sendo negociada no Oriente Médio é discutida profeticamente tanto no Antigo como no Novo Testamento. Ambos concordam que ela finalmente será administrada pelo Anticristo. O profeta Daniel declarou que "pela paz" o Anticristo "destruirá a muitos" (Daniel 8.25). Paulo avisou que quando o mundo dissesse: **"paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição... e de nenhum modo escaparão" (1 Tessalonicenses 5.3).**

Obviamente, portanto, chegará a hora quando o mundo imaginará que alcançou "paz e segurança", mas essa condição não durará. Na verdade, ela provará ser um passo gigante em direção à Batalha de Armagedom e destruição horrível tanto em Israel como no resto do mundo. É o que diz a Bíblia; e em vista do cumprimento preciso da profecia bíblica que já documentamos, o mundo faria bem em dar ouvidos a essa advertência.

A partir da evidência que já demos, não é preciso muita inteligência para perceber a verdade acima. Isso fica evidente pelo fato de que o islamismo requer a destruição de Israel. Os atuais juramentos de paz por parte dos seus vizinhos árabes também devem ser entendidos no contexto do exemplo que o próprio profeta Maomé deixou para seus seguidores: prometer "paz" apenas para voltar e destruir aqueles que baixaram suas armas na confiança em suas promessas. Qualquer meio é moral, contanto que promova o triunfo final do islamismo em todo o mundo.

Os próprios árabes deixaram claro que tal traição espera Israel na hora certa. Por exemplo, o "Plano Introdutório" do Conselho Nacional Palestino envolve quatro estágios: 1) A rejeição do direito de Israel à existência; 2) o estabelecimento de um Estado palestino agressivo em qualquer território que obtenha [dentro de Israel]; 3) o uso de seu território para continuar a guerra contra Israel para a

"liberação" de mais partes da Palestina; e 4) o emprego de estados de confronto para ajudar na destruição final de Israel.

Arafat declarou repetidas vezes no passado: "O objetivo de nosso esforço é o fim de Israel e não pode haver nenhuma concessão". Enquanto sua nova estratégia é negociar com Israel pela "paz", ele jamais renegou declarações passadas que exigiam sua destruição. Mas Israel foi condenado durante anos pela sua indisposição de negociar com a OLP a respeito do estabelecimento de um Estado palestino. Fazer isso é loucura; porém Israel não tem outra escolha.

O extermínio de Israel ainda é o chamado das rádios e alto-falantes que berram pelas ruas dos países árabes. Isso ainda é ensinado nas mesquitas islâmicas em todo o mundo. O espírito satânico que inspirou o Holocausto de Hitler continua a clamar por "paz" e exige o mesmo preço. Não se engane: Yasser Arafat continua a ver o extermínio dos judeus como o sagrado dever islâmico da OLP, mesmo depois da assinatura do acordo de paz.

Os "Territórios Ocupados"

A luta pela sobrevivência de Israel passou de verdadeira guerra a uma batalha de palavras, complexidades legais, e negociações internacionalmente supervisionadas por pedaços de terra onde pessoas vivem e morrem. A competição pela terra na realidade esquentou com o processo de paz. No passado Israel resistiu à frase "territórios ocupados". De acordo com as promessas que Deus fez a Abraão, Isaque e Jacó, são os árabes que estão ocupando a terra dos judeus, e não o contrário. Entretanto, é comum aceitar a terminologia para falar das partes de Israel como "territórios ocupados" significando que os judeus ocuparam a terra que pertence aos palestinos e que está no processo de ser devolvida a seu controle.

Essa mudança de atitude está afetando até mesmo colônias israelenses que no passado pareciam inquestionavelmente legítimas. Um exemplo é o Bloco Etzion, que inclui Efrat, visto no passado como parte da Grande Jerusalém. Um morador desiludido de Efrat expressou a frustração agora sentida por muitos de seus vizinhos:

> Desde nossa decisão de comprar uma casa em Efrat, e em menos de quatro meses vivendo ali, eu só raramente encontrei a rea-

ção negativa vivida pelos residentes de muitas comunidades na Judéia e Samaria. "Vocês não são realmente colonos", é o que me asseguraram mais de uma vez. "Afinal, todo mundo sabe a história do Bloco Etzion"...

Na semana passada... duras notícias... me disseram que muitas das minhas suposições eram, na verdade, ilusões. [desde então, a experiência] realçou meu crescente sentimento de traição por um governo cujas promessas, e mesmo decisões judiciais, são insignificantes. Eu sinto que fui explorado por aqueles que desejam se afirmar politicamente às custas de seres humanos.

Embora a luta pela Terra de Israel não deva ser somente uma luta por lares e jardins e "qualidade de vida", tememos que, no mínimo, o crescimento de Efrat cessará para sempre, e que nosso lar ficará no extremo norte da cidade. No máximo, como ouvi um residente dizer, "Camelot logo chegará ao fim". Eu espero que ele tenha exagerado.

Mesmo se a concessão sugerida seja concretizada, a decisão do gabinete desmascarou um governo que perdeu todo senso de proporção. Ele perdeu a capacidade de estabelecer ou manter limites, e está pronto a abandonar mesmo os direitos mais legítimos e invioláveis que nós, como judeus, podemos ter na Terra de Israel.

Se não temos nem direito a um morro deserto no Bloco Etzion, então não temos direito a qualquer outro lugar entre o rio e o mar.[11]

A disputa por quem tem o direito a partes específicas da terra de Israel continua a complicar o mecanismo do processo de paz. Os planos israelenses de expandir a colônia de Efrat na Cisjordânia foram parados por manifestações de residentes da cidade palestina vizinha de Al Khader, que bloquearam construções. Colonos israelenses ameaçaram fazer suas próprias demonstrações se as construções não fossem reiniciadas.

"Para pacificar os colonos, Israel disse que a construção seria permitida num outro monte, mais perto da colônia e mais longe da cidade árabe. Mas essa tentativa de acordo não satisfez quase ninguém... Colonos acusaram [o então primeiro-ministro] Rabin de ceder às ameaças palestinas... [enquanto] oficiais da Autoridade Palestina disseram que um monte era igual ao outro. Em qualquer local, eles disseram, a construção de colônias é inaceitável e uma ameaça às conversações de paz".[12]

[11] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995.
[12] The Orange County Register, 4 de janeiro de 1995, NEWS 3.

A Influência do Islamismo

O processo de paz também foi dificultado ainda mais pela mesquinha atitude exibida pelo mundo árabe contra Israel por causa de sua óbvia superioridade não só militar, mas também na agricultura e indústria. Os israelenses tomaram um território árido de rochas, terra seca e pântanos que durante séculos produziu pouquíssimo para seus ocupantes árabes, e o transformaram novamente na terra que Deus deu no começo aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó: **"terra que mana leite e mel" (Levítico 20.24)**. E com a terra frutífera cresceram cidades modernas. Os árabes invejam o sucesso de Israel e tentam destruir o fruto dos judeus e assim a própria terra que esperam recuperar.

Os israelenses plantaram milhões de árvores, e os novos bosques melhoraram o clima de Israel ao atrair mais chuvas. Os habitantes árabes se beneficiam tanto quanto os judeus. Porém os árabes periodicamente tentam incendiar esses belos e benéficos bosques. Uma carta recebida de um amigo judeu em Jerusalém relata tristemente:

Nós estávamos plantando milhares de árvores em Efrat na semana passada - só para ouvir que os árabes arrancaram todas no dia seguinte.

Mais uma vez vemos a influência do islamismo. Isso lembra o antigo grito de guerra do profeta Maomé: "Morte significa paraíso, vitória significa saque - e derrota significa apenas a chance de tentar de novo". Por trás do interesse próprio em negociar um "acordo pacífico" continua o zelo religioso que levou o primeiro-ministro argelino Houari Boumedienne a declarar desafiadoramente, logo após a retumbante vitória de Israel em 1967:

> Os árabes perderam a primeira batalha. Mas nós não perdemos a guerra. Nós jamais aceitaremos a ocupação de terras [árabes] pelos sionistas!

A luta pela sobrevivência chegou a um impasse, por causa da intransigência e interesses conflitantes de ambos os lados. Ela será aparentemente resolvida, mas não como a Bíblia afirma nem mesmo como o Corão concorda (onde realmente concorda). Finalmen-

te, porém, Deus irá se impor e as profecias a respeito de Israel serão totalmente cumpridas. Isso não pode acontecer, no entanto, sem que Sua vontade seja efetivada, não meramente com relação à terra mas nos corações dos povos, tanto judeus quanto árabes, que a ocupam. Tristemente, isso não acontecerá sem maior dor e destruição de ambos os lados.

O falecido Yitzhak Rabin, Major-General e Chefe do Estado-Maior de Israel na época da vitória arrasadora de 1967, vangloriou-se dizendo: "Tudo isso foi feito só pelas forças de defesa israelenses, com o que temos, sem mais nada ou mais ninguém".[13] Quão diferente foi a atitude de Davi, que conquistou vitórias ainda maiores e deu todo o reconhecimento a Deus! E quanto sofrimento ainda está por vir para o moderno Israel até que aprenda a colocar sua confiança nEle e perceba quão desesperadamente precisa do Deus de Davi!

[13] Newsweek, 19 de junho de 1967, p. 29.

Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e... Tomar-vos-ei por meu povo... e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus...
— Êxodo 6.6-7

Porque sois povo santo ao Senhor vosso Deus, e o Senhor vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes seu povo próprio.
— Deuteronômio 14.2

Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos, para serdes meus.
— Levítico 20.26

Vós, descendentes de Abraão... vós, filhos de Jacó, seus escolhidos. Ele é o Senhor nosso Deus...
— Salmo 105.6-7

Pois o Senhor escolheu para si a Jacó, e a Israel para sua possessão.
— Salmo 135.4

Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo.
— Isaías 41.8

Agora, pois, ouve, ó Jacó, servo meu, ó Israel, a quem escolhi... eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome. Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido... Eu sou o Senhor... além de mim não há Deus...
— Isaías 44.1; 45.3-5

8
Um Povo Escolhido?

O que a Bíblia afirma claramente sobre o povo judeu e a terra de Israel pode ser, é preciso admitir, muito incômodo para os árabes e especialmente para os palestinos. Porém, os versículos citados na página oposta (representando um grande número de outros que poderiam ser citados) não deixam dúvida de seu significado. O nome Israel, referente ao povo ou à terra, é encontrado mais de 2.500 vezes na Bíblia, e referências aos judeus, ou apelos semelhantes, mais de mil vezes. Obviamente, esse é um assunto importante das Escrituras.
Os profetas do Antigo Testamento declaram a uma só voz que os judeus são um povo escolhido e que Deus tem um destino para eles e para a terra que lhes deu. O Novo Testamento, também, faz a mesma declaração divina. Em seu segundo sermão, poucos dias depois de Pentecostes, Pedro se referiu aos judeus como "**os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vosso pai... Abraão**" **(Atos 3.25)**. Paulo falou sobre os "israelitas", seus "**compatriotas, segundo a carne**", como aqueles a quem "**pertence-lhes a adoção, e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas**" **(Romanos 9.3-4).**

Tudo depende da nossa atitude em relação às Escrituras. O fato da Bíblia ser a infalível Palavra de Deus pode ser provado sem dei-

xar um vestígio de dúvida. Se alguém acredita que a Bíblia é verdadeira ou falsa, essa crença determina a maneira que vive sua vida, seus relacionamentos com outros, e sua esperança para o futuro.
E especialmente, se essa pessoa é um judeu ou um gentio, israelense ou palestino, sua opinião sobre a Bíblia determina a sua opinião sobre a nação de Israel e o povo judeu, quer no próprio país ou espalhado pelo mundo.

Tragédia Humana

A necessidade de uma opinião objetiva tal como a dada pela Bíblia é vista nos sentimentos profundos e divididos com relação a Jerusalém que motivam judeus de um lado e árabes e palestinos do outro. Somos confrontados com a crise do Oriente Médio que ameaça sugar o mundo inteiro na mais devastadora guerra de toda a história da humanidade. Falsas informações abundam, e em grande parte determinam os preconceitos profundos que inflamam com raiva e ódio a ambas as partes.

Existem palestinos e árabes aos milhares que foram convencidos pela surpreendente mentira (ensinada desde a infância) de que foi a flagrante agressão dos judeus, não o ataque aos judeus por cinco nações árabes, que iniciou a Guerra de Independência em 1948. Para a maioria dos palestinos e árabes hoje, terroristas (que assassinam israelenses e pessoas do seu próprio povo que cooperam com os israelenses) não são realmente terroristas, mas patriotas heróicos agindo em auto-defesa. Até grande parte da geração mais jovem de israelenses abraçou o mesmo revisionismo da história através do seu entusiasmo pelo "movimento de paz".

Como exemplo, considere o livro de um autor judeu, Penny Rosenwasser, *Voices from a 'Promised Land' (Vozes de uma 'Terra Prometida')*. Nas suas páginas lê-se com profunda compaixão os testemunhos comoventes de palestinos: da falta de perspectiva e do desespero de milhares de pessoas desapropriadas, presas sem trabalho nos territórios ocupados; das condições de sujeira, extrema miséria e superlotação nos acampamentos tais como Jabalia na Faixa de Gaza; das buscas nas casas no meio da noite por soldados israelenses brutos sem mandados de busca; de espancamentos, aprisionamentos, matanças, deportações, e explosões de casas.

Ao chegar na metade de *Voices*, entretanto, tem-se a sensação de estar ouvindo apenas um lado de uma história trágica - e, talvez, nem estar ouvindo esse lado com precisão. Totalmente ausente está qualquer vestígio de que os israelenses poderiam ter pelo menos algumas justificativas para suas ações. Nem há qualquer sugestão de que a OLP e muitas outras organizações terroristas tenham feito alguma coisa errada.

Existe Um Outro Lado?

Lembre-se de que, a OLP, o Hamas, o Jihad Islâmico, e outras organizações semelhantes existem apenas para destruir Israel. Eles têm sustentado uma guerra de terror inexorável contra civis israelenses, matando mulheres e crianças a esmo, mas não se percebe esse fato ao ler *Voices*. Não se admite qualquer atividade terrorista contra Israel nem as múltiplas mortes de israelenses que dela resultaram. Alya Shawa, por exemplo, dona de um hotel na Faixa de Gaza e uma líder do movimento de paz feminino na área de Gaza, testifica, com aparente sinceridade:

> Eu só gostaria que o mundo lá fora visse que não somos terroristas, e visse quem são os verdadeiros terroristas [os soldados israelenses], que há três anos estão matando meninos e espancando mulheres e crianças. Eles são os terroristas. Não somos nós.[1]

Vez após vez, as acusações parciais são repetidas em *Voices*. O testemunho seguinte é típico de uma palestina que relatou em árabe, numa Conferência de "Mulheres Em Busca da Paz" em Jerusalém, "como seu marido foi deportado logo antes de seu bebê nascer, [que] autoridades israelenses estão negando seu visto de saída para visitá-lo... uma tática de assédio comum usada pelo governo israelense para dividir famílias palestinas."[2] Não há nenhuma documentação ou explicação da *razão* pela qual os israelenses decidiram ser necessário deportar seu marido ou qualquer evidência que mostre que eles agiram injustamente. É simplesmente sugerido que tudo que o governo e os soldados israelenses fazem é errado, porque são sionistas maldosos que roubaram a terra dos palestinos. E estes são vítimas oprimidas, completamente inocentes, que nunca fizeram nada para merecer a reação israelense.

---

[1] Penny Rosenwater, Vozes de Uma "Terra Prometida": Ativistas Palestinos e Israelenses da Paz Falam do Coração (Curbstone Press, 1992), p. 100.
[2] Ibid., p. 73.

Considere o testemunho de Rehab Essawi, que veio à Califórnia como parte da delegação palestina para uma conferência chamada "Além da Guerra". Ela é uma professora de Educação na Universidade de Hebrom na Cisjordânia. Sua história de opressão e injustiça evoca grande compaixão por aqueles que sofreram tanto. Uma vez mais, porém, é tão parcial que cria dúvidas a respeito de sua credibilidade:

Meu pai tornou-se ativo na revolução em 1936. Quase no final, ele era um refugiado político no Iraque, e foi sentenciado à morte [in absentia] pelos ingleses três vezes. Em 1970, meu irmão foi preso e passou doze anos na cadeia. Eu tenho outro irmão que foi assassinado em 1982 durante a invasão do Líbano, e durante a intifada outros irmãos foram presos, assim como sobrinhos. E eu fui presa três vezes.[3]

Ela dá a entender claramente que nem ela, nem a família dela, nem qualquer outro palestino jamais fizeram nada para merecer a prisão ou punição de qualquer tipo. Os ingleses não tiveram razões para sentenciar seu pai à morte. Eles fizeram isso três vezes sem motivo! Não foram os israelenses, lembre-se, mas os ingleses - os mesmos que favoreceram os árabes. Será que realmente teria acontecido uma injustiça tão profunda toda vez que ela ou qualquer membro de sua família (ou qualquer outro palestino) era preso? Essa é a sugestão óbvia! O irmão que passou 12 anos na prisão aparentemente foi preso sem motivo nenhum. E assim, isso deve ter acontecido com os outros irmãos e sobrinhos que foram presos durante a *intifada*. Após ouvir dezenas de histórias como essa, começa-se a duvidar.

Até o leitor chegar à última página, *Voices* (que a princípio causa uma ira santa contra Israel pelo seu tratamento dado aos palestinos e uma profunda compaixão pelos povos oprimidos), passa a ter o efeito oposto. Com certeza, algum fato é omitido na narrativa do livro. A simpatia é gradualmente voltada para os israelenses.

Nenhuma situação pode ser tão branca por um lado e tão preta do outro. O leitor pensante conclui que não deve estar sendo contada toda a verdade. E esse fato leva a desconfiar daqueles que testificam e, finalmente, compaixão por aqueles a quem culpam e acusam.

[3] Ibid., p. 217.

Um Ponto de Vista Distorcido

Até Saddam Hussein fica isento de repreensão em *Voices*. Que qualidade redentora pode ser encontrada nesse assassino de multidões exceto que ele jurou destruir Israel? Esse fato é, aparentemente, o bastante para perdoar seus múltiplos crimes contra a humanidade. Apesar de sua violentação do Kuwait e de ter massacrado milhares de seu próprio povo, assim como kuwaitianos, Saddam é um herói brilhante porque ameaça Israel com o extermínio e promete devolver toda a sua terra aos palestinos.

As pessoas entrevistadas em *Voices* expressam grande ressentimento contra os Estados Unidos pela intervenção na Guerra do Golfo, embora tal intervenção tenha impedido o massacre de milhares de árabes. Elas parecem pensar que a Guerra do Golfo atrapalhou a paz. Saddam trouxe "paz" à região? Não se explica como é que a invasão do Kuwait (que teria continuado até a Arábia Saudita e outros países do Golfo sem a intervenção americana) pode ser interpretada como "paz".

Zakaria Khoury, guia palestino para a turnê da Brigada da Paz das Mulheres Americanas em 1990, expressou sua consternação pelo fato de palestinos terem sido deportados do Kuwait e da Arábia Saudita durante a guerra, apesar de seu líder, Yasser Arafat, ter manifestado seu apoio irrestrito a Saddam. Khoury acha incompreensível que tal ação fosse tomada "contra nosso povo como punição pela posição tomada pela OLP com relação à crise do Golfo..."[4]

Aparentemente, não havia nada errado com a agressão brutal de Saddam contra os vizinhos do Iraque, ou com o lançamento de mísseis *Scud* sobre Israel, ou com suas repetidas ameaças de destruir Israel. Surpreendentemente, essas maldades óbvias são os próprios fatores que fazem Saddam ser tão admirado pelo povo palestino e a razão porque a OLP se mostrou tão entusiasmada em seus elogios a esse Hitler árabe. Os palestinos apoiaram Saddam na sua campanha maldosa contra o Kuwait e a Arábia Saudita. Mas eles reclamaram quando esses países declararam que seus trabalhadores palestinos eram um risco de segurança e os mandaram de volta à Cisjordânia ou à Faixa de Gaza.

E Israel? Durante décadas, tem mantido dentro de suas fronteiras milhares de árabes que juraram exterminá-lo e que conduzem uma campanha terrorista de mutilação e morte para conseguir esse obje-

[4] Ibid., p. 204.

tivo. Nenhum risco de segurança pior poderia ser imaginado. Mas quando Israel acha necessário, por motivos de segurança, deportar uma pequena porcentagem de palestinos (aqueles que estavam trabalhando ativamente em prol da sua destruição), ao invés de exilar todos os palestinos como o Kuwait e a Arábia Saudita fizeram, há um protesto do mundo inteiro, inclusive do Kuwait e dos sauditas.

Desespera-se quem tenta alcançar uma solução equitativa entre árabes e israelenses diante de preconceitos tão profundamente arraigados e pontos de vista tão distorcidos. O que é necessário é uma autoridade maior, que ambos os lados respeitem e estejam dispostos a obedecer. Pode-se dizer que os católicos na Irlanda do Sul e os protestantes no Norte, afirmam ambos acreditar no mesmo Deus e em Jesus Cristo, mas ainda não conseguiram viver em paz. O mesmo pode ser dito dos ortodoxos sérvios e dos católicos croatas, que se mataram na Iugoslávia. Há uma diferença, porém, cujo reconhecimento é vital: a Bíblia não diz nada sobre a Bósnia ou a Irlanda, mas tem muito a dizer sobre a terra de Israel.

Deus Falou

É somente a obediência à Palavra de Deus que nos capacita a deixar de lado todos os preconceitos, seja entre franceses e alemães, entre nortistas e sulistas, entre americanos e mexicanos, entre pais e filhos, ou entre árabes e judeus. Nós não podemos permitir que sejamos influenciados pela hostilidade aparentemente justificada por parte de israelenses e palestinos pelos erros que acham que sofreram nas mãos uns dos outros. A única esperança de entendimento, perdão e paz é que toda a humanidade se submeta a Deus. E Deus tem algo bem definitivo a dizer não só sobre o céu e o inferno, mas também sobre a terra de Israel.

Já citamos algumas das profecias sobre Israel, cujo cumprimento, centenas e até milhares de anos mais tarde, prova sem sombra de dúvida que o Deus da Bíblia, Criador do universo, existe. Ele demonstrou esse fato ao contar o que aconteceria a esse povo singular, os judeus, séculos antes de acontecer. O fato de que aquilo que Deus inspirou os seus profetas a declarar com antecedência a respeito de Israel ocorreu precisamente como previsto não pode ser explicado como uma mera série de coincidências. Esses cumprimentos não podiam ter acontecido por acaso. A probabilidade dis-

so acontecer é uma impossibilidade matemática. Nenhuma pessoa honesta pode disputar os fatos ou rejeitar a conclusão a que apontam tão claramente.

Não se pode deixar que os sentimentos, preferências, esperanças, ou sonhos determinem a opinião sobre Israel, sobre os árabes, e a Terra Prometida. Não é uma questão de ser pró-árabe ou pró-israelense, mas de submeter-se à Palavra e à vontade de Deus. O que a Bíblia afirma não poderia ser mais claro: que os judeus são o "povo escolhido" de Deus e que a terra de Israel foi dada por Deus a eles há mais de 4000 anos atrás para ser sua *para sempre*. A própria singularidade desse povo, que nós já documentamos, continua sendo verdadeira até hoje e não pode ser explicada racionalmente sem base no que a Bíblia diz.

A própria importância de Jerusalém e o fato de ter um papel-chave na paz mundial declaram novamente que Deus tem Sua mão sobre os judeus e sua terra. Esse é o povo que Deus espalhou por todo o mundo por causa de sua terrível desobediência e idolatria. E agora, 2500 anos após o cativeiro babilônico, Ele os reuniu de volta em sua terra conforme prometera através de Seus profetas que faria nos "últimos dias". Deus fez um milagre às vistas do mundo inteiro nessa época específica da História para cumprir Sua Palavra e para demonstrar que Ele é Deus e que esse é o Seu povo. Tragicamente, apesar dessa evidência tão surpreendente, a grande maioria dos judeus permanece descrente a respeito de Suas promessas e advertências.

Pode-se tentar negar a verdade do que a Bíblia diz por causa de uma falta de disposição de crer em Deus e milagres, e na vã esperança de escapar à prestação de contas a Ele. O fato de que a Bíblia nomeia os judeus como o povo escolhido de Deus, porém, e que suas profecias a respeito deles se realizaram, não pode ser negado.

Um Milagre Em Meio à Descrença

O milagre do Israel moderno se torna ainda mais impressionante quando se considera que a maioria do povo judeu em todo o mundo não crê na interpretação literal da Bíblia. Seu senso de tradição pode ser forte, mas não há uma fé em Deus e na Sua Palavra que o acompanhe. Essa situação inexplicável existe apesar de tudo o que Deus fez para se manifestar a eles.

Assim, a moderna nação de Israel foi criada apesar dos judeus, não primariamente por causa deles. Foi necessário um holocausto para expulsá-los da Europa e despertar um desejo apaixonado por uma terra própria. Hoje sua disposição de abrir mão de partes de Israel, a terra que Deus lhes prometeu, em troca de uma paz frágil com aqueles que juraram sua destruição, é prova suficiente de que eles não consideram a terra de Israel como sua herança divina, como é descrita na Bíblia.

Quando se leva em consideração a tendência entre judeus em todo o mundo de casarem com gentios e assim perderem sua identidade dada por Deus, fica claro que o Estado de Israel foi fundado na hora certa. A velocidade de assimilação por identidades não-judaicas está aumentando à medida em que o Holocausto desaparece no passado distante e o sonho sionista se torna menos real. Considere, por exemplo, o que vem acontecendo na antiga União Soviética. Em 1988, "73,2% dos homens judeus eram casados fora da fé e 62,8% das mulheres judias se casaram com gentios... e a porcentagem de casamentos mistos está aumentando rapidamente, enquanto a porcentagem de nascimentos está caindo." Nos próximos cinco anos na antiga União Soviética, por causa de "assimilação e do crescimento populacional negativo, estima-se que o judaísmo sofra uma perda de cerca de 500.000 adeptos."[5]

Além disso, há fortes vozes na sociedade israelense hoje argumentando contra qualquer repetição de outro ajuntamento de judeus de volta a Israel vindos de outras partes do mundo. A visão de uma terra especial e um destino especial está obviamente perdida. Os argumentos práticos em favor dessa opinião, e a rejeição de que a diáspora e o retorno a Israel tenham qualquer conotação "religiosa", foram apresentados persuasivamente num recente editorial do *Jerusalem Post* intitulado "A Era Pós-Sionista Chegou":

> A visão do Ajuntamento dos Exilados sustentou a nação ao longo das eras, e a imigração deu a força que capacitou a sobrevivência do Israel moderno.
>
> Mas há razões para questionar se a missão contínua de Israel realmente é reunir os exilados, e se o destino da Diáspora é ser ajuntada.
>
> À parte de seu papel central de refúgio para judeus em sofrimento, Israel promoveu a imigração para se fortalecer face a face com os

[5] The Jerusalem Post Internaitonal Edition, Semana terminada no dia 7 de janeiro de 1995, p. 24.

árabes. Os extremos a que chegou para garantir que imigrantes da antiga União Soviética viessem a Israel ao invés de irem para os Estados Unidos refletem o instinto de sobrevivência saudável de uma nação guerreira. Mas se o interesse nacional é o critério, então a imigração deve ser examinada nesse aspecto, e não como uma ordem aparentemente religiosa.

Em 1948, imigrantes foram empurrados diretamente dos navios para o campo de batalha de Latrun, onde muitos encontraram a morte. Mas Israel não precisa mais de imigração para rechear seu exército, que já tem dificuldades para lidar com números crescentes de recrutas a cada ano.

A imigração impulsiona a economia, mas seu impacto na densidade populacional ainda precisa ser discutido. Na área ao norte de Beersheva, onde vivem 93 por cento da população, a densidade já é maior que em qualquer outro país desenvolvido, inclusive o Japão.

O país está se urbanizando tão rapidamente que alguns planejadores preveem que Israel alcançará os parâmetros de uma cidade-estado como Singapura em 25 anos. Será que é do interesse nacional acelerar esse processo procurando imigrantes em todo o mundo?...

O direito de qualquer judeu de se instalar aqui por conta própria deve continuar inviolado e, da mesma forma, o papel de Israel como refúgio para judeus em perigo. Mas promover a imigração é outro assunto...

Será que não devemos, talvez, declarar oficialmente uma vitória sionista após uma luta de cem anos, e começar a pensar sobre a era pós-sionista? Essas são perguntas que merecem debate público. Assim acontece com a lei do retorno, que dá direito automático à imigração a qualquer um que tenha pelo menos um avô judeu...

Os israelenses percebem a Diáspora como um purgatório... onde exilados choram por Sião às margens dos rios da Babilônia. Na verdade... tradições cultivadas na Diáspora ao longo de mais de 2500 anos são um tesouro imenso, inigualáveis em qualquer outra nação... [e manter] a Diáspora está claramente dentro do interesse nacional de Israel...

A conexão entre Israel e a Diáspora é o tema principal de nossa época. Mas a noção politicamente correta de que Israel é onde os judeus deveriam desejar chegar já ultrapassou sua utilidade.[6]

[6] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 5 de novembro de 1994, p. 7.

Outro Argumento Convincente

Há outras razões que os próprios judeus encontram para rejeitar a crença em Deus e para negar o seu status de "povo escolhido" ou qualquer significado religioso no retorno à sua terra. A mais convincente é o Holocausto. Elie Wiesel conta como veio a rejeitar o Deus de Israel. Na Festa de Rosh Hashanah, 10.000 prisioneiros judeus estavam presentes na reunião solene dentro do campo de extermínio de Buna. "Milhares de vozes repetiam a bênção, milhares de homens se prostravam como árvores diante de uma tempestade. 'Bendito seja o nome do Eterno!' Por que, mas por que eu deveria bendizê-LO?' pensou Wiesel:

> Por que Ele permitiu que milhares de crianças fossem queimadas nos Seus fornos? Por que Ele deixou seis crematórios funcionando dia e noite, nos domingos e dias de festas? Por que com Seu grande poder Ele criou Auschwitz, Birkenau, Buna, e tantas fábricas de morte? Como posso dizer a Ele: "Bendito és, Eterno, Mestre do Universo, Que nos escolheste dentre as raças para sermos torturados dia e noite, para vermos nossos pais, nossas mães, nossos irmãos, acabarem no crematório? Louvado seja Seu Santo Nome, Aquele que nos escolheu para sermos abatidos no Seu altar"?... Com todo o meu ser eu me rebelei.[7]

Nem mesmo o horror e a tragédia do Holocausto, porém, pior que qualquer outra maldade que caiu sobre qualquer outro povo na terra, podem mudar as profecias que já existem em preto e branco na Bíblia por milhares de anos, ou o fato de que elas, contra todas as probabilidades matemáticas, foram cumpridas ao pé da letra. O Holocausto pode levar os judeus a questionar se Deus é amoroso ou misericordioso, mas não pode criar nenhuma dúvida legítima quanto à Sua existência e identidade. Essa questão foi resolvida pelas profecias referentes ao "povo do Livro".

Até mesmo o Holocausto foi previsto pelos profetas - não em detalhes, mas certamente em princípio. Além disso, no próprio Holocausto, e em sua violação repulsiva de tudo o que é decente e humano, temos prova de tudo que viemos tentando dizer sobre a singularidade dos judeus e sua Terra Prometida.

[7] Elie Wiesel, Night (Bantam Books, 1986), p. 64.

Em ti serão benditas todas as famílias da terra.
— A promessa a Abraão em Gênesis 12.3

Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra.
— A promessa a Jacó em Gênesis 28.14

Virás a ser pasmo, provérbio e motejo entre os povos a que o Senhor te levará.
— Deuteronômio 28.37

Fá-los-ei um espetáculo horrendo para todos os reinos da terra, e os porei por objeto de espanto, de assobio e opróbrio entre todas as nações, para onde os tiver arrojado... Por que me irritais... queimando incenso a outros deuses ...que vos torneis objeto de desprezo e de opróbrio entre todas as nações da terra.
— Jeremias 29.18; 44.8

Seu número, suas vestes, sua dieta, circuncisão, pobreza, ambição, prosperidade, exclusividade, inteligência, aversão a imagens e observação de um sábado inconveniente despertaram um antissemitismo que variava de piadas no teatro e difamações em ***Juvenal e Tácito*** *a assassinatos na rua e massacres em massa.*
— Will Durant, *The History of Civilization*[1]

[1] Will Durant, The History of Civilization: Part III, Caesar and Christ (Simon and Schuster, 1944), p. 546.

9
O Mistério do Antissemitismo

É indiscutível que o ódio e a perseguição, conhecidos universalmente como antissemitismo, vão além da brutalização e dos maus-tratos (na sua intensidade, duração e universalidade) sofridos por qualquer outra raça ou grupo étnico. Mais uma vez encontramos evidência adicional de que os judeus são absolutamente singulares. E aqui também surge a pergunta óbvia da razão disso acontecer assim.

Por que os judeus, ao contrário de todos os outros povos, são perseguidos com um ódio tão contínuo onde quer que vão à procura de um lar seguro? Há algo realmente misterioso sobre esse hediondo fenômeno! Mas isso não pode ficar sem uma explicação.

O povo judeu é, afinal, o povo mais irritante, maldoso, odiado na face da terra? Os judeus, em cada geração e em todo lugar, provocaram o antissemitismo? Será que eles, até o último membro de sua raça, realmente merecem tal tratamento? Alguns antissemitas podem dizer isso, mas esse certamente não é o consenso de pessoas racionais no mundo todo.

Qual será, então, a explicação para esse mal universal conhecido como antissemitismo? Por que os judeus, de todas as raças e durante todas as eras da terra, são objetos de ridículo e desprezo e ódio

descarado, até mesmo de tentativas de extermínio como um grupo étnico? E como será nascer com tal destino!

A Injustiça Enlouquecedora

Existem muitos grupos étnicos e até religiosos bem maiores que os 14 milhões de judeus no mundo, e alguns deles são bem agressivos e abertos sobre a sua determinação de conquistar o mundo. O número total de judeus nesse planeta é tão pequeno que é ridículo acusá-los de uma "conspiração sionista internacional" para conquistar o mundo. Mas essa acusação tem sido feita a eles por séculos. Por que será? Os membros dessa minoria odiada, perseguida e massacrada devem ter se questionado a respeito disso um milhão de vezes. Por que seriam os judeus o foco perpétuo de uma acusação tão obviamente falsa?

Sim, as Escrituras judaicas, das quais a maioria dos judeus só tem conhecimento superficial, declaram que, um dia, o Messias judeu governará o mundo a partir de Jerusalém. Mas não há nenhuma ameaça ao mundo nessas profecias. Ao contrário, elas oferecem a única esperança de paz duradoura. Os profetas hebreus não falam de nenhuma cruzada dos judeus para conquistar o mundo. Não há sugestão de exércitos judeus assolando o mundo e sujeitando nações pela força de suas armas. Ao invés disso, o Messias vem reinar sobre a pequena terra de Israel, e todas as nações são atraídas para adorá-LO em Jerusalém, porque Ele é perfeitamente santo e justo, e porque o Deus do universo deu a Ele essa posição e esse poder.

Por outro lado, os muçulmanos, que se fizeram os piores inimigos do povo de Deus, falam abertamente em exterminar os judeus em Israel e fazer o mundo inteiro se submeter a Alá - e pela violência, se necessário. Mas os muçulmanos, por incrível que pareça, jamais foram acusados de querer conquistar o mundo. Até as suas ameaças de exterminar Israel de alguma maneira são justificadas ou desculpadas. Os árabes são 100 vezes mais numerosos que a pequena comunidade judaica internacional, porém o mundo vê os judeus como a ameaça à paz mundial. Os judeus não ameaçaram ninguém; eles desejam apenas ser deixados em paz, enquanto os árabes e especialmente os muçulmanos ameaçam e atacam os judeus continuamente. Por que essa terrível injustiça é promovida e aceita pelo mundo?

Que judeu hoje pode responder essa pergunta tanto para sua própria satisfação como para o bem de seus filhos, que compartilharão o mesmo destino à medida que crescem? Esse é um destino do qual os pais gostariam de livrar seus filhos, mas que exigiria o repúdio de seu judaísmo. Sob pressão crescente, esse repúdio é exatamente o que um número crescente de judeus está fazendo hoje em dia.

Uma Identidade Convincente

Enquanto muitos milhares de judeus sem nenhuma preocupação pela herança judaica de seus filhos estão se casando com gentios, algo inexplicável continua fazendo com que milhões de outros se agarrem a essa herança universalmente desprezada com um orgulho feroz. Será que é respeito pela tradição? Será que um senso de tradição pode ser tão forte ao ponto de sobrepor o medo de perseguição e até do martírio? A razão certamente não é a fé no Deus de Abraão, já que tão poucos professam essa fé.

Por que a grande maioria dos judeus se apegou a seu judaísmo, mesmo apesar de significar perseguição e até mesmo a morte? Aqui, nós ainda encaramos outro mistério. A única resposta parece ser que o Deus de Abraão, Isaque e Israel disse que Ele preservaria esse povo especial como um grupo étnico identificável para que, nos últimos dias, Ele os trouxesse de volta à sua terra.

A pressão de perseguição e acusações falsas pode levar a dois extremos. Enquanto ela leva alguns judeus a tentar mudar sua identidade, ela faz com que muitos outros reconheçam sua identidade com um certo senso de resignação. Depois de uma certa quantidade do tratamento que sofreram por tanto tempo, o auto-desprezo pode até dominar a mente. Como é que tantas pessoas poderiam estar erradas? Rozsa Berend, diretora do Colégio Anne Frank em Budapeste (Hungria), explica: "Se eles cospem em você por certo tempo, você sente que realmente deve ser culpada de algo. A maioria dos judeus da minha geração passou por esse tormento psicológico."

Aqueles que tentam negar o seu judaísmo, geralmente, carregam um senso de culpa por sua traição. Um membro da atual Assembléia Nacional Húngara, Matyas Eorsi, lembra-se de como seu pai, para ajudar seus filhos a escaparem de futura vergonha, mudou seu nome do exageradamente judeu *Schleiffer* para o indeterminado

Eorsi. Anos mais tarde, quando seu pai estava nos últimos estágios do mal de Alzheimer, um dia seu filho o encontrou chorando e ouviu as primeiras palavras coerentes de seu pai durante meses: "Eu sou judeu!" Que incrível que esse era o fato ao qual sua mente arrasada ainda se apegava com convicção![2]

Um Breve Exame da História Antiga

Antissemitismo não é, com certeza, nada novo. Ele pode ser identificado já nas primeiras eras da antiguidade. Os judeus têm sido objeto de perseguição e extermínio premeditado pelo menos desde a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, que os espalhou por toda parte há 2500 anos atrás. O que aconteceu sob Antíoco Epifânio 400 anos depois é apenas um exemplo do que os judeus sofreram repetidamente. Josefo nos informa:

> **Antíoco não estava satisfeito nem com uma tomada inesperada da cidade [Jerusalém, c. 167 a.C.], nem com seu saque, nem com o grande massacre que fizera ali; mas sendo controlado por suas paixões violentas, e lembrando-se do que sofrera durante o cerco, ele tentou convencer os judeus a dissolverem as leis de seu país, e deixar de circuncidar seus bebês, e sacrificarem carne de porco sobre o altar; contra isso, todos eles se opuseram, e os mais destacados dentre eles foram executados.[3]**

Quanto mais aprendemos sobre a História, mais espantados ficamos com esse fato inexplicável: não há nenhuma razão comum para o destino surpreendente que os judeus sofreram durante milhares de anos. E que esse destino foi implementado firmemente por todo o mundo e tantas vezes na História nas mãos de tamanha variedade de opressores, só aumenta a tragédia e o mistério. Will Durant dá o seu ponto de vista a respeito de Antíoco, que revela um ódio do judaísmo, digno de qualquer Hitler, mas que aconteceu mais de 2100 anos antes:

> Antíoco... marchou até Jerusalém, massacrou judeus de ambos os sexos aos milhares, profanou e saqueou o Templo, apropriou-se de seu altar de ouro, seus vasos e seus tesouros para os cofres reais... e deu ordens para a helenização compulsória de todos os judeus. Ele

[2] Time, 6 de fevereiro de 1995, p. 40.

[3] William Whiston, tradutor, The Life and Works of Flavius Josephus (The John C. Winston Company, 1957) p. 607.

ordenou que o Templo fosse reerguido como um templo a Zeus, que um altar grego fosse construído no lugar do antigo, e que os sacrifícios normais fossem substituídos por um sacrifício de porco. Ele proibiu que guardassem o sábado ou as festas judaicas, e fez da circuncisão um crime passível de pena de morte. Por toda a Judéia a antiga religião e seus ritos foram interditados, e o ritual grego foi feito compulsório sob pena máxima. Todo judeu que se recusasse a comer porco, ou que fosse encontrado com o Livro da Lei em sua posse, deveria ser aprisionado ou morto, e o Livro onde quer que fosse encontrado, deveria ser queimado.

Os agentes de Antíoco, depois de acabar com toda expressão visível de judaísmo em Jerusalém, passaram como um fogo penetrante nas cidades e vilas. Por toda parte ele deu ao povo a escolha entre a morte e a participação na adoração helênica, que incluía comer o porco sacrificado. Todas as sinagogas e escolas judaicas foram fechadas. Aqueles que se recusavam a trabalhar no sábado eram incriminados como rebeldes. No dia da Bacanália, os judeus foram forçados a se vestirem com hera como os gregos, para tomar parte nas procissões, e cantar músicas frenéticas em honra a Dionísio. Muitos judeus se conformaram às exigências, esperando a tempestade passar. Muitos outros fugiram para as cavernas ou refúgios nas montanhas, vivendo de coletas clandestinas das plantações, e continuavam cumprindo resolutamente as ordenanças da vida judaica... Mulheres que circuncidavam seus recém-nascidos eram jogadas com seus bebês do alto das muralhas da cidade para morrer.

Os gregos ficaram surpresos ao ver a força da antiga fé; por séculos não haviam visto tamanha lealdade a uma ideia. As histórias de martírio passavam de boca em boca, encheram livros como Primeiro e Segundo Macabeus ... o judaísmo, que esteve perto da assimilação, tornou-se mais intenso em consciência religiosa e nacional, e se recolheu num isolamento protetor.[4]

O Triunfo da Coragem

É de se admirar que o judaísmo tenha podido sequer sobreviver, e no entanto sobreviveu, contra todas as probabilidades. Apesar da perseguição diabólica - ou talvez por causa dela - os judeus, com pouca fé real na validade de Suas Escrituras, agarraram-se, pelo menos, às formas externas da sua religião. E fizeram isso apesar de

[4] Will Durant, The Story of Civilization: Part II, The Life of Greece (Simon and Schuster, 1966), pp. 582-83.

sua religião não parecer salvá-los de seus inimigos, pela qual os seus ancestrais oraram tanto.

Apesar da perseguição e da falta de fé por parte da maioria, houve épocas de grande avivamento do judaísmo durante a História. Um dos mais surpreendentes ocorreu sob a espetacular liderança de Judas Macabeu, um sacerdote e guerreiro "cuja coragem se igualava a sua devoção; antes de cada batalha ele orava como um santo, mas na hora da batalha 'ele era com um leão na sua ira'."[5] Will Durant continua:

> O pequeno exército "vivia nas montanhas como animais, alimentando-se de ervas". De vez em quando eles desciam sobre uma vila vizinha, matavam traidores, derrubavam altares pagãos, e "quaisquer crianças que encontravam não-circuncidadas, eles as circuncidavam valentemente".
>
> Quando essas coisas foram relatadas a Antíoco [Epifânio], ele enviou um exército de gregos sírios para destruir a força macabeana. Judas os encontrou na passagem de Emaús; e apesar dos gregos serem mercenários treinados, fortemente armados, e o bando de Judas estar pobremente armado e vestido, os judeus obtiveram uma vitória completa (aproximadamente em 166 a.C.).
>
> Antíoco enviou um exército maior, cujo general estava tão confiante que trouxe mercadores de escravos consigo para comprar os judeus que esperava capturar, e anunciou nas cidades os preços que cobraria. Judas derrotou essas tropas em Mizpah, e tão definitivamente que Jerusalém caiu em suas mãos sem resistência. Ele removeu todos os altares e ornamentos pagãos do Templo, limpou-o e rededicou-o, e restaurou o culto antigo no meio das saudações dos judeus ortodoxos que estavam retornando (aproximadamente em 164 a.C.) [desde então essa ocasião é celebrada como Hanucá (a palavra hebraica hanukkah significa "dedicação", e essa festa é celebrada no mês de quisleu (novembro-dezembro), em memória da reconquista de Jerusalém e da purificação do Templo por Judas Macabeu)]...
>
> Intoxicados com o poder, os macabeus agora começaram a perseguição, vingando-se da facção helenista, não só em Jerusalém mas até nas cidades próximas da fronteira.[6]

Com suas tropas tremendamente desfalcadas, Judas finalmente foi morto (aproximadamente em 161 a.C.) na batalha. Seu irmão

[5] Ibid., p. 584.
[6] Ibid.

Jônatas o sucedeu, mas ele também foi morto na batalha 18 anos mais tarde. O único irmão sobrevivente, Simão, continuou a liderança e, com o apoio de uma aliança com Roma, conquistou a independência judaica. "Por decisão popular Simão foi escolhido como sumo sacerdote e general: e como esses cargos foram tornados hereditários na sua família, ele tornou-se o fundador da dinastia dos hasmoneus. O primeiro ano de seu reinado foi contado como o começo de uma nova era, e uma cunhagem de moedas proclamou o renascimento heróico do Estado judeu."[7]

A Diáspora Final

Após a destruição de Jerusalém e do templo em 70 d.C. pelos exércitos de Tito, "até o judeu mais pobre agora tinha que pagar a um templo pagão em Roma o meio siclo que os hebreus piedosos antigamente pagavam cada ano para a manutenção de Templo em Jerusalém. O sumo sacerdote e o sinédrio foram abolidos. O judaísmo tomou a forma que mantém até os nossos dias: uma religião sem templo central, sem um sacerdócio dominante, sem um culto sacrifical. Os saduceus desapareceram, enquanto os fariseus e rabinos se tornaram os líderes de um povo desabrigado que não tinha nada além de suas sinagogas e sua esperança."[8]

Como testemunho adicional à persistência do antissemitismo e do milagre do judaísmo sobrevivente, vamos seguir a História por mais alguns anos. Em 130 d.C. o imperador romano Adriano declarou sua intenção de erguer um templo a Júpiter no local onde o templo estava anteriormente. No ano seguinte, ele "editou um decreto proibindo a circuncisão e instrução pública da lei judaica... Decidido a destruir o vigor restaurador do judaísmo, Adriano proibiu... a observância do sábado ou qualquer festa judaica, e a demonstração pública de qualquer ritual hebreu. Um imposto novo e mais pesado foi exigido de todos os judeus. Eles tinham permissão de ir a Jerusalém apenas num dia determinado cada ano, quando podiam vir e chorar diante das ruínas de seu templo. A cidade pagã de Ália Capitolina surgiu no lugar de Jerusalém, com templo a Júpiter e Vênus, e com arenas, teatros e banhos. O concílio em Jamnia foi dissolvido e proibido; um concílio pequeno e inexpressivo foi permitido em Lídia, mas a instrução pública da Lei foi proibida sob pena de morte. Vários rabinos foram executados por desobedecerem a esse mandamento...

[7] Ibid.

[8] Ibid., Vol. III, pp. 542-45.

"Nenhum outro povo jamais sofreu um exílio tão longo, ou um destino tão duro. Obrigados a permanecer fora de sua Cidade Santa, os judeus foram obrigados a entregá-la primeiro ao paganismo, depois ao cristianismo [catolicismo romano]. Espalhados por todas as províncias e além, condenados à humilhação e à pobreza, detestados até pelos filósofos e santos, eles se retraíram dos assuntos públicos para o estudo e adoração particulares, preservando com paixão as palavras dos seus estudiosos, e preparando-se para escrevê-las finalmente nos Talmudes da Babilônia e Palestina. O judaísmo se escondeu no medo e na obscuridade enquanto seu rebento, o cristianismo, saiu para conquistar o mundo."[9]

Um Mal-Entendido Trágico

Desde muito pequenos os judeus aprendem o papel dos cristãos na sua perseguição e nos massacres. Mas a grande maioria dos judeus realmente não sabe o que significa ser um cristão. Essa confusão levou os judeus a culpar Jesus e o cristianismo pelo antissemitismo quando, na verdade, nenhum verdadeiro cristão jamais teria tais sentimentos contra o povo escolhido de Deus. Aqui temos um mal- entendido trágico que persiste até hoje.

Por ignorância, os judeus igualam o cristianismo ao catolicismo romano, sem saber que a Igreja Católica Romana, apesar de afirmar ser cristã, matou bem mais cristãos do que judeus. Por exemplo, numa campanha o exército do Papa Inocêncio III, no que ele chamou de "a conquista coroadora de seu papado", matou 60.000 cristãos albigenses quando aniquilou a cidade inteira de Beziers, na França. No século seguinte os albigenses, que chegaram a incluir a maioria da população do sul da França, foram quase exterminados por essa igreja perseguidora. O mesmo destino foi dado aos cristãos valdenses, bem como a outros seguidores de Cristo, tais como os huguenotes, dos quais várias centenas de milhares foram mortos, 70.000 só no infame Massacre de São Bartolomeu em 1572.

A verdadeira Igreja cristã jamais deu sua fidelidade ao Papa nem foi parte da Igreja Católica Romana. Por recusarem essa lealdade, verdadeiros cristãos, que sempre existiram em grande número, independentemente de Roma, foram massacrados aos milhões pela Igreja Católica Romana.[10] O texto seguinte, que foi extraído do "Decreto dos Imperadores Graciano, Valentino II, e Teodósio I" do dia 27 de fevereiro de

[9] Ibid., Vol. III, pp. 548-49.
[10] Ver Dave Hunt, A Woman Rides the Beast (Harvest House, 1994), pp. 243-62.

380 d.C., refere-se ao estabelecimento do catolicismo romano como a religião do Estado e a proibição de qualquer outra forma de adoração:

> Nós ordenamos que aqueles que creem nessa doutrina [de Roma] devem receber o título de cristãos católicos, mas os outros, nós os julgamos serem loucos e delirantes e dignos da desgraça resultante do ensinamento herético, e as suas assembleias não são dignas de receber o nome de igrejas. Eles devem ser punidos não só pela vingança divina mas também pelas nossas próprias medidas, que decidimos de acordo com a inspiração divina.[11]

Muitos outros exemplos da história poderiam ser dados de como essa perseguição e massacre dos verdadeiros cristãos aconteceu nas mãos da Igreja Católica Romana, mas temos que nos limitar a uns poucos. Considere a carta do Papa Martinho V (1417-31) ordenando ao rei da Polônia exterminar os hussitas (aqueles que tinham a mesma fé que o mártir Jan Hus). Isso oferece uma percepção das razões pelas quais os papas odiavam ainda mais os verdadeiros cristãos do que os judeus:

> Saiba que os interesses do Santo Governo [Roma papal], e daqueles de sua coroa, consideram o seu dever exterminar os hussitas. Lembre-se de que essas pessoas ímpias se atrevem a proclamar princípios de igualdade; eles afirmam que todos os cristãos são irmãos... que Cristo veio à terra para abolir a escravidão; eles chamam as pessoas à liberdade, isto é à aniquilação de reis e bispos.
>
> Enquanto ainda há tempo, pois, levante suas forças contra a Boêmia; queime, massacre, faça desertos por toda parte, porque nada poderia ser mais agradável a Deus, ou mais útil para a causa dos reis, do que o extermínio dos hussitas.[12]

Para um judeu, Hitler e Mussolini eram cristãos. Na verdade, eles eram católicos romanos de nascença, e apesar de seus crimes horrendos contra a humanidade, eles jamais foram excomungados de sua igreja. O mesmo se repetiu a respeito de Himmler e muitos outros na hierarquia nazista. Realmente, a Igreja Católica Romana tem uma longa história de perseguição, expulsão e massacre de judeus, à qual Hitler se referiu ao justificar o Holocausto. Até mesmo o grande historiador Will Durant foi vítima desse mal-entendido que torna as pessoas incapazes de distinguir entre católi-

[11] Sidney Z. Ehler e John B. Morrall, tradutores e editores desses documentos antigos, Church and State Through the Centuries (Londres, 1954), p.7.

[12] R.W. Thompson, The Papacy and the Civil Power (New York, 1876), p. 553.

cos romanos e os verdadeiros crentes que jamais juraram fidelidade a Roma. Ele escreve:

> [Durante a Idade Média] em toda Semana Santa, a amarga história da Paixão era relatada de milhares de púlpitos; ressentimentos inflamavam os corações cristãos [católicos romanos], e nesses dias os israelitas se trancavam no seu próprio gueto... com medo que as paixões de almas simples pudessem ser excitadas a ponto de realizarem um massacre...
>
> Os romanos acusaram cristãos de matarem crianças pagãs para oferecerem seu sangue num sacrifício secreto ao Deus cristão; cristãos [católicos romanos] do século doze acusaram os judeus de raptarem crianças cristãs para sacrificá-las a Jahveh, para usar seu sangue como remédio ou na preparação dos pães asmos para a festa da páscoa. Os judeus foram acusados de envenenar poços... e de roubar as hóstias consagradas para perfurá-las e retirar delas o sangue de Cristo... [e] de drenar a fortuna do cristianismo para mãos judias... Houve alguns intervalos lúcidos nessa loucura... [e papas e católicos de altos cargos que, às vezes, tentavam resgatar os judeus].
>
> Quando em 1095 o papa Urbano II proclamou a Primeira Cruzada, alguns cristãos [católicos] acharam desejável matar os judeus na Europa antes de partir para tão longe a fim de lutar contra os turcos em Jerusalém. Godofredo de Bouillon, após aceitar a liderança da cruzada, anunciou que vingaria o sangue de Jesus nos judeus... sem deixar nenhum sobrevivente; e seus companheiros proclamaram suas intenções de matar todos os judeus que não aceitassem o cristianismo [catolicismo romano].[13]

Judeus foram massacrados aos milhares em toda a Europa enquanto o exército da cruzada católica se encaminhava à "Terra Santa" para recuperá-la de turcos e de judeus para a Igreja Católica Romana, o novo povo de Deus que substituíra os judeus como povo escolhido de Deus. Durant nos lembra que a Segunda Cruzada (1147 d.C.) "pretendia ser um exemplo melhor que a primeira". Apesar de bispos católicos, por iniciativa própria, terem salvado judeus em muitos lugares, só se pode culpar a igreja pelas atrocidades. Os concílios e alguns papas isolaram os judeus em guetos, fizeram com que usassem uma cor identificável ou crachá colorido (Hitler diria mais tarde que aprendera essas táticas com a igreja) e,

[13] Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 385-389.

de muitas outras maneiras, os isolaram e provocaram ressentimentos contra eles por parte dos católicos simples que viram a necessidade de "vingar o sangue de Cristo" matando Seus assassinos.

Um Fator Comum

O fanatismo que levou os católicos ao assassinato era geralmente associado com a Eucaristia e a hóstia, que, de acordo com a igreja, tornavam-se literalmente o corpo e sangue de Cristo na missa, através do suposto milagre da "transubstanciação". Cristãos verdadeiros, independentes de Roma, não aceitavam essa doutrina. A Bíblia claramente ensina que Cristo morreu uma vez pelos pecados do mundo, ressuscitou fisicamente, e agora está vivo à mão direita do Pai num corpo glorificado, e nunca mais morrerá. Então, nenhuma hóstia poderia se tornar literalmente o corpo de Cristo e ser oferecida repetidamente nos altares católicos numa suposta repetição de Seu sacrifício na cruz.

Pela rejeição da doutrina da transubstanciação, centenas de milhares de cristãos foram queimados na fogueira pelos católicos romanos. O historiador da igreja R. Tudor Jones escreve que "a maioria dos mártires eram pessoas comuns, inclusive muitas mulheres... Os longos interrogatórios de um grande número dessas pessoas ainda existem e eles se concentram em assuntos tais como suas crenças sobre a Bíblia [Roma afirmou ser a única que podia interpretá-la] e sua autoridade [que Roma afirmou residir na igreja ao invés de na Escritura], transubstanciação" e outras doutrinas católicas inaceitáveis a cristãos.[14]

John Foxe foi uma testemunha e um historiador meticuloso da forte perseguição na Inglaterra nessa época. Seu *Book of Martirs (Livro dos Mártires)* contém registros detalhados de muitos julgamentos e muitas execuções públicas daqueles que a Igreja Católica Romana julgava hereges dignos de morte. Suas descrições de cristãos sendo queimados na fogueira falam da sua coragem diante de uma morte tão terrível e da determinação do catolicismo romano de exterminar em todo lugar os verdadeiros cristãos que se opusessem a ele.

Ficaram registros semelhantes dos massacres dos judeus nas mãos da Igreja Católica. Geralmente suas mortes, como as dos mártires cristãos, resultaram da crença católica romana de que a hóstia tornava-se literalmente o corpo de Cristo. Em 1243, "toda a popula-

[14] R. Tudor Jones, The Great Reformation (InterVarsity Press), p. 164.

ção judaica de Belitz, perto de Berlim, foi queimada viva pela acusação de alguns deles terem violado a hóstia consagrada". Em 1298, "todos os judeus em Rottingen foram queimados vivos, acusados de desecrar uma hóstia sacramentada".[15] Em Deggendorf toda a comunidade judaica foi massacrada por supostamente roubar e "torturar" uma hóstia consagrada. Quem esqueceria a inscrição na igreja católica naquela pacata cidade que durante séculos, sob uma pintura comemorativa do massacre dos judeus, proclamava em triunfo "cristão": "Deus permita que a nossa pátria seja para sempre livre dessa escória infernal"![16] E quem pode negar que séculos de tal fanatismo preparariam a Alemanha para a "solução final" de Hitler?

Rindfleisch, um barão católico devoto, "organizou e armou um bando de cristãos [católicos romanos] jurados a matar todos os judeus; eles exterminaram completamente a comunidade judaica de Wurzburg, e assassinaram 698 judeus em Nuremberg. A perseguição se espalhou e, em meio ano, 140 congregações judaicas foram destruídas." Em 1236, soldados da cruzada "invadiram as colônias judaicas de Anjou e Poitou... e ordenaram que todos os judeus fossem batizados; quando os judeus se recusaram, os soldados pisotearam 300 deles sob os cascos de seus cavalos."[17] Com esse histórico, o tratamento de Hitler aos judeus não é tanto um caso isolado quanto uma continuação do que estava acontecendo há séculos.

Uma Nova Onda

O antissemitismo, mesmo depois do Holocausto chocar o mundo, continuou sem diminuição até nossa época. Anteriormente citamos o tio de Arafat, o Grão-Mufti de Jerusalém, na Rádio Berlim no dia 1 de março de 1944, incentivando todos os árabes a "matar os judeus onde quer que os achem! Isso agrada a Deus [Alá] e à religião [e] salva sua honra. Deus está convosco!" Slogans semelhantes, incentivando o extermínio de judeus, ignorados pelo mundo agora como os de Hitler naquela época, ainda estão sendo proclamados com determinação por líderes muçulmanos em mesquitas por toda parte. O espírito satânico que inspirou o Holocausto de Hitler continua a chamar a "paz" de o primeiro passo em direção à destruição judaica. Apesar de sua nova postura de "paz", Yasser Arafat jamais renunciou ao seu compromisso, sempre repetido, de extermínio dos judeus como dever islâmico sagrado da OLP.

[15] Durant, op. cit., Vol. IV, p. 391.
[16] Guenter Lewy, The Catholic Church and Nazi Germany (McGraw-Hill, 1964), pp. 272-273.
[17] Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 391,393-94.

O antissemitismo está mais uma vez crescendo por toda a Europa. Yaron Svoray, 40 anos, nascido num kibutz, um ex-paraquedista e antigo detetive do Distrito de Polícia de Tel Aviv, passou vários meses (setembro de 1992 a fevereiro de 1993) infiltrando-se em organizações de extrema- direita na Europa, inclusive em grupos neonazistas na Alemanha. Nesse processo ele descobriu uma quantidade as- sustadora de antissemitismo ressurgente, que ele relata em seu livro *In Hitler's Shadow: An Israeli's Amazing Journey Inside Germany's Neo-Nazi Movement (Na Sombra de Hitler: A Incrível Jornada de Um Israelense Dentro do Movimento Neonazista Alemão).* O Centro Simon Wiesenthal em Los Angeles ajudou a financiar essa investigação e "revelou a história numa entrevista coletiva em Nova Iorque no dia 19 de abril de 1993". Esse evento levou ao testemunho diante de uma comissão do Congresso e por fim ao reconhecimento pelo governo alemão de que "o terrorismo da direita é, no mínimo, um problema tão grave quanto o terrorismo da esquerda".[18]

Dos judeus na Polônia em 1940, cerca de 3 milhões morreram no Holocausto e apenas 369.000 sobreviveram. Hoje cerca de 4.000 poloneses se classificam como judeus, embora as estimativas do número de judeus, em Varsóvia apenas, cheguem a 10.000 e haja um renascimento da cultura judaica por toda a Polônia. Ali naquela terra, onde os poloneses tomaram as casas dos judeus que foram enviados aos campos, depois se recusavam a devolvê-las a seus legítimos donos que foram libertados pelas tropas dos Aliados - e onde os poloneses inclusive amaldiçoavam os judeus que estavam sendo libertados de Auschwitz e até mataram alguns deles - o antissemitismo está vivo e prosperando.

Recentemente em Cracóvia, na Polônia, foi pichado um outdoor bastante visível exigindo: "Judeus fora!" Antes disso, alguém pichou com letras grandes na Casa de Ópera Judaica Nacional de Varsóvia: "Forno para os Judeus!" O Ministério de Turismo polonês está tentando atrair israelenses ao que chamam de "a nova Polônia", mas, até agora, as dezenas de milhares de turistas israelenses vêm apenas para visitar os antigos campos de concentração onde seus parentes morreram, mas não passam disso. Os poloneses reclamam que os israelenses vêm à Polônia para chorar, depois vão à Alemanha para se divertirem apesar do fato de ter sido a Alemanha a principal instigadora do Holocausto. Aparentemente a Alemanha foi perdoada, enquanto a Polônia não foi. Essa anomalia po-

[18] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 10 de dezembro de 1994, p. 16.

de ser explicada, ao menos parcialmente, pelo fato de que a onda renovada de antissemitismo que está varrendo o mundo parece mais aberta na Polônia do que em qualquer outro lugar.

Na Polônia, cemitérios judeus estão novamente sendo profanados com suásticas. Essa situação tensa está sendo inflamada pela retórica antissemítica nos mais altos níveis. Lech Walesa, um católico romano devoto, declarou na TV: "Uma gangue de judeus tomou conta dos nossos recursos e explorou nossa terra, e seu objetivo é nos destruir." Hitler fez as mesmas acusações para preparar a Alemanha para sua "solução final". Não é de se admirar que Jacek Kuron, antigo ministro do governo de Walesa, confessou que "antissemitismo é uma doença polonesa".[19]

Um Medo Crescente

Dos 2.000.000 de sobreviventes judeus ainda vivos na Europa no fim da Segunda Guerra Mundial, muitos "chegaram a uma terrível conclusão: fosse qual fosse o regime, era melhor nem ser judeu". Hoje esse medo está despertando novamente. Rozsa Berend menciona nuances antissemíticas nas recentes campanhas eleitorais húngaras: "Tudo parece estar bom agora, mas ninguém sabe o que acontecerá se a economia continuar caindo e as pessoas começarem a clamar por um líder. Os judeus ainda podem acabar pagando um alto preço."[20]

Logo abaixo da superfície do otimismo do recente renascimento do judaísmo na Europa mencionado em um capítulo anterior, um medo opressivo espreita. Um membro do Parlamento russo, Alla Gerber, admite: "Ainda é possível ficar com medo. Existe um sentimento de que somos visitantes que devem partir na hora." O medo está crescendo. Israel está considerando a evacuação dos sobreviventes do Holocausto polonês (estimados em quase 7.000), remanescentes dos 3,4 milhões que lá viveram, porque a Polônia está se tornando perigosa para judeus.

The Peppermint Train: Journey to a German-Jewish Childhood (O Trem de Hortelã: Jornada a uma Infância Judaico-Alemã), de Edgar E. Stern, conta como, aos nove anos, o autor fugiu de sua cidade natal alemã de Speyer para a América, e depois retornou recentemente para visitar a Speyer de hoje e buscar suas raízes. De volta ao local de sua infância, agora tão mudado, ele é perturbado por um espectro que suspeita se esconder logo abaixo da fachada

[19] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 26 de novembro, 1994, p. 16A.
[20] Time, 6 de fevereiro de 1995, p. 40.

idílica da cidade. Será que alguns daqueles que roubaram e assassinaram seus vizinhos judeus ainda estão vivos? Que memórias eles têm? O que contaram a seus filhos e netos?

É óbvio que a cultura judaica, que era uma grande parte da época anterior à Segunda Guerra Mundial, jamais será revivida. "Não é possível reavivar a cultura judaica aqui... é algo que se acabou", diz Gerber. Além disso, a geração mais velha teme que o entusiasmo reavivado pelo judaísmo entre os jovens tenha pouca profundidade. "Muitos deles querem ser judeus sem a religião", reclama o rabino Jozsef Schweitzer, presidente do Seminário Rabínico de Budapeste. Ele quer "judeus de sinagoga, não judeus de clube".[21] Será que essa exigência é razoável, considerando-se que 30 por cento dos judeus em Israel, hoje, afirmam ser ateus?

Arrependimento, Enfim?

Num desenvolvimento raro, no dia 15 de novembro de 1994, o presidente austríaco, Thomas Klestil, pediu desculpas pela atuação de seu país no Holocausto nazista e reconheceu que "muitos dos piores carrascos da ditadura nazista foram os austríacos". Ele fez o discurso diante do Parlamento israelense durante uma visita de três dias a Israel, a primeira de um chefe de Estado austríaco. "Nenhuma palavra de desculpas jamais poderá apagar a agonia do Holocausto", disse Klestil. "Em nome da República da Áustria, eu curvo minha cabeça com profundo respeito e profunda emoção diante das vítimas." Cerca de 15.000 judeus moram na Áustria de hoje, comparados com 180.000 em 1938. Cerca de 70.000 austríacos judeus morreram no Holocausto.[22]

A Igreja Católica Romana afirma hoje jamais ter nutrido o antissemitismo. Houve conversas do atual papa sobre algum tipo de confissão de erros passados. Sempre, no entanto, ele declara que o mal foi feito por "filhos e filhas da Igreja", deixando a própria Igreja e seus líderes inocentes. Esses últimos são supostamente infalíveis e, logo, não poderiam admitir erros sem destruir a credibilidade da própria Igreja Católica. O Vaticano II faz a seguinte declaração enganosa a respeito dos judeus:

> É verdade que a Igreja é o novo povo de Deus, mas os judeus não deveriam ser classificados como rejeitados ou amaldiçoados, como

[21] Ibid.
[22] Da Associated Press, conforme relatado em This Week In Bible Prophecy, janeiro de 1995, p. 13.

> se isso fosse interpretado das Santas Escrituras... Na verdade, a Igreja condena toda forma de perseguição contra qualquer pessoa. Lembrando-se, então, da sua herança comum com os judeus e movida não por qualquer consideração política, mas apenas pela motivação religiosa de amor cristão, ela deplora todos os ódios, as perseguições, as demonstrações de antissemitismo direcionadas em qualquer época ou de qualquer fonte aos judeus.[23]

Nada poderia ser mais hipócrita do que essa afirmação. A igreja firmemente condena "ódios, perseguições... antissemitismo", mas só de outros, não de si própria. Nenhuma menção é feita ao fato de que durante os muitos séculos em que a Igreja Católica Romana controlava a sociedade, governando até reis e imperadores, *ela* foi a inspiradora e realizadora de um preconceito anti-judaico tão terrível quanto qualquer um que o mundo já tenha visto. O Concílio Vaticano II faz parecer que a Igreja sempre se opôs ao antissemitismo, quando, na realidade, aconteceu exatamente o contrário.

Ao mesmo tempo que o papa parece condenar o antissemitismo passado, elementos poderosos dentro da Igreja estão denunciando tal mudança de atitude em relação aos judeus. Considere-se a seguinte declaração que exala seu odor antissemítico:

> Hoje a Igreja Católica Romana está gemendo sob o peso de seus inimigos... que trabalham dia e noite para destruí- la... Esse inimigo causou as perseguições, guerras, violências, revoluções, aberrações intelectuais e a decadência geral da sociedade humana. Essa peste na Igreja Católica e essa aflição de toda a humanidade... [é] o sionista, que está esperando o futuro Rei de Israel... [ele] é o eterno inimigo de todo o cristianismo. Esses são assassinos de Cristo mesmo em tempos modernos...
>
> Nós devemos expressar nosso completo desacordo com a Declaração do Vaticano II sobre os judeus... [nós] somos obrigados a rejeitá-la como insulto aos seguintes papas que decretaram Encíclicas, afirmações, e avisos contra os judeus: Honório III, Gregório IX, Inocêncio IV, Clemente IV, Gregório X, Nicolau III, Nicolau IV, João XXII, Urbano V, Martinho V, Eugênio IV, Calixto III, Paulo III, Júlio III, Paulo IV, Pio IV, Pio V, Gregório XIII, Sixto V, Clemente VIII, Paulo V, Urbano VIII, Alexandre VII, Alexandre

[23] Flannery, op. cit., Vol.1, p. 741.

VIII, Inocêncio XII, Clemente XI, Inocêncio XIII, Benedito XIII, Benedito XIV, Clemente XII, Clemente XIII, Pio VIII, Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, Pio X, Pio XI.

...aqueles poucos judeus poderosos conseguiram subverter nossa Instituição Divina para servir seus próprios fins... Por que eles não cessam de blasfemar o nome de Jesus?... Eles não mencionam como instigaram as perseguições romanas; e o assassinato de milhões e milhões de cristãos nos países comunistas. Eles não mencionam suas terríveis profanações dos locais santos na Palestina...

O plano judeu contra nossa Santa Madre Igreja está chegando ao seu clímax pela sua penetração e influência entre o alto clero católico e dentro do Vaticano.[24]

A Forma Mais Sutil e Persuasiva

O antissemitismo toma várias formas. Uma das mais sutis é a falsificação da história na mídia e mesmo em livros escolares. Um dos livros universitários mais usados na América sobre o assunto do Oriente Médio, *Politics in the Middle East (Política no Oriente Médio)* (ao qual nos referimos anteriormente), oferece um exemplo chocante. Como um crítico disse: "Sua descrição de Israel se assemelha muito àquela encontrada nas propagandas mais explícitas da OLP"[25] Porém Politics é aceito como autoridade por milhões de alunos universitários.

A Liga Anti-Difamação, recentemente, relatou "um número recorde de atos de violência antissemíticos... um pulo de mais de 10 por cento durante 1994 [2066, comparados com 1867 em 1993] nos atos de violência, nas ameaças ou nos assédios contra judeus ou instituições judaicas nos Estados Unidos."[26] Ao mesmo tempo houve um aumento de acusações criminosas contra os judeus do ponto de vista histórico. Vindo em sua defesa, a Associação Histórica Americana (AHA) condenou as recentes alegações falsas de que judeus tiveram um papel desproporcional no mercado de escravos africanos. Só duas vezes na sua história de 111 anos, o grupo com sede em Washington tomou tal posição pública num assunto histórico. Ambas as vezes ele se sentiu obrigado a vir em defesa do povo judeu.

A AHA representa 18.000 historiadores e grupos envolvidos em documentar eventos históricos. Em 1991, ela condenou como fal-

[24] St. Michael's News, A Publication of St. Michael's Legion, março de 1968, pp. 1-2.

[25] John C. Landau, "Textbook case of propaganda", em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 5 de novembro de 1994, p. 13.

[26] Religion News Service, conforme relatado em The Christian News, 20 de fevereiro de 1995, p. 18.

sas as afirmações de que o Holocausto jamais aconteceu ou que foi muito exagerado. A última resolução declarava que afirmações que acusavam judeus de um envolvimento importante no comércio de escravos africanos:

> ... representam tão mal o registro histórico... que nós cremos que só podem ser parte de uma longa tradição antissemítica que apresenta judeus como atores centrais negativos na história humana...
>
> Infelizmente, a mídia deu extensa cobertura às recentes acusações, ao mesmo tempo deixando de desmenti-las como falsas. Como historiadores profissionais, que já examinaram profundamente e avaliaram a evidência empírica, não podemos continuar em silêncio enquanto o registro histórico é violado tão grosseiramente.[27]

A Recompensa de Deus a Seus Escolhidos?

Então o antissemitismo não só persiste, mas surpreendentemente ele até cresce num mundo onde a igualdade dos sexos e das raças é promovida e a discriminação na base da raça ou cor está supostamente extinta. Será que a impressionante perseguição que os judeus continuam a sofrer é sua recompensa por serem o "povo escolhido" de Deus? De certa forma, é.

Como povo especial de Deus, tão próximo de Seu coração, os judeus poderiam esperar que Ele protegesse os Seus. E Ele o faz. Mas Ele também disciplina aqueles a quem ama até que se arrependam, algo que os judeus como um todo ainda não aprenderam a fazer. Eles têm experimentado o castigo de Deus por 2500 anos, porém continuam a se rebelar contra Ele.

Isso significa que os judeus são moralmente mais culpados que os alemães ou portugueses ou suecos ou chineses ou outro povo? Não. Por que, então, eles devem sofrer, como nenhum outro, o castigo de Deus?

Temos que repetir: o fato do sofrimento judeu em si prova, mais uma vez, a veracidade da Bíblia no que ela diz sobre a singularidade desse povo. Eles são o "povo escolhido" de Deus, e como tal não foram ao mundo o exemplo da santidade para a qual Deus os escolhera. Eles deixaram de amar e servir a Deus com todo o seu ser, como Deus ordenara, e estão sendo castigados para o seu próprio bem e para a iluminação do mundo.

[27] Ibid.

A Única Explicação Racional

Além disso, somada ao castigo de Deus, há uma outra explicação para o antissemitismo: eliminar os judeus para que o Messias, que os profetas disseram que seria um judeu, não pudesse vir ao mundo a fim de resgatar a humanidade e derrotar Satanás. Deus permite o antissemitismo porque, até certo ponto, ele se encaixa nos Seus propósitos para o Seu povo. Satanás é o instigador do antissemitismo porque ele espera que isso resulte no extermínio dos judeus.

Deus prometeu a Abraão e Jacó que através de sua "descendência" uma bênção viria a "todas as famílias da terra". Aqui estava uma confirmação daquela maravilhosa promessa divina dada a Adão e Eva de que um dia o Messias, nascido de uma virgem (o descendente da mulher), viria a este mundo para trazer a humanidade de volta a Deus:

"**Porei inimizade entre ti** [Satanás] **e a mulher, entre a tua descendência** [aqueles que seguem Satanás] **e o seu descendente** [o Messias]. Este [o descendente da mulher, i.e. o Messias] **te ferirá a cabeça** [i.e., um ferimento letal destruirá Satanás], **e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gênesis 3.15).** Finalmente descobrimos a explicação mais convincente para o antissemitismo: o próprio Satanás é o autor desse terrível fervor genocida. Ele precisa destruir os judeus através dos quais o Messias virá ou sua causa estará perdida. Além disso, mesmo se o Messias viesse, ao destruir os judeus em qualquer época depois disso, Satanás poderia impedir que Deus cumprisse as muitas profecias bíblicas que declaram que o Messias irá um dia governar sobre os descendentes de Abraão, Isaque e Israel no trono de Seu pai Davi em Jerusalém. Obviamente, se Hitler tivesse sucesso na sua "solução final do problema judeu" ou se Satanás, mesmo hoje, conseguisse aniquilar os judeus, ele teria provado que Deus mentiu ao fazer promessas como a seguinte:

"Jurei a Davi, meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade, e firmarei o teu trono de geração em geração... E serei eu falso a Davi? A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como o sol perante mim" (Salmo 89.3-4,35-36).

O antissemitismo também é, claramente, muito universal e duradouro por toda a História para ter a sua fonte em qualquer agente

humano. O esforço para destruir os descendentes de Isaque e Jacó foi coerentemente seguido por milhares de anos. Esse período de tempo é tão maior em relação a expectativa de vida de qualquer ser humano que nenhum mortal poderia estar atrás dele. Ao confrontar esse mal, é necessário perceber que essa inspiração e força se originam no próprio ser que se fez inimigo do bem e de Deus.

Aqueles que se opõem a Israel e seu povo estão do lado de Satanás contra Deus, sabendo disso ou não. Essa afirmação não é feita por um preconceito favorável aos judeus. Nós mostramos que a Bíblia deixa claro que Deus não os escolheu por causa de favoritismo.

Jerusalém permanece como sinal para toda a humanidade. Aqueles que a amam e oram por sua paz estão do lado de Deus. Aqueles que tentam tirar Jerusalém das mãos de Israel estão do lado de Satanás. E a maldição de Deus está sobre aqueles que tentam impedir os judeus de possuírem toda a terra que foi prometida a eles. Assim diz a Bíblia numa linguagem que não pode ser confundida. Por isso, aqueles que discordam dessa visão de Israel tem uma disputa com Deus e Sua Palavra, não com os próprios judeus.

Tal é a importância de Jerusalém, como veremos, que ela ocupa o próprio centro do conflito entre Deus e Satanás pelo controle de todo o universo. O antissemitismo não é política, nem é religião. Embora afete a ambas, ele é muito mais que qualquer uma delas. Ele é uma poderosa arma satânica na batalha entre o bem e o mal. Enquanto o antissemitismo está apontado diretamente aos judeus, ele foi criado para perverter o caráter moral daqueles que se tornam seus praticantes - e finalmente para influenciar o destino eterno da humanidade.

Se essa explicação do mistério do antissemitismo parece melodramática, nós desafiamos o leitor a oferecer alguma outra explicação racional. Lembre-se, o antissemitismo é apenas parte de um pacote que inclui a diáspora dos judeus por todo o mundo, a sua preservação como um povo identificável apesar das repetidas tentativas de seu extermínio, o seu retorno à terra prometida após 2500 anos de dispersão, e a importância de Jerusalém para a paz mundial apesar da sua desproporção com o tamanho minúsculo da terra da qual é a disputada capital. Não há uma explicação central para esses fenômenos a não ser o fato impopular que a Bíblia apresenta.

O mundo teve que ouvir uma história que preferia não ter ouvido - a história de como um povo culto se voltou ao genocídio, e como o resto do mundo, também composto de pessoas cultas, permaneceu silencioso... Nós preferíamos não acreditar, tratá-la como se fosse um produto de uma mente doentia, talvez. E existem aqueles hoje que - alimentando-se desse desejo, e do antissemitismo que espreita próximo da superfície das vidas até de pessoas cultas - estão tentando persuadir o mundo de que a história não é verdade, incentivando-nos a tratá-la como se realmente fosse o produto de mentes doentias.

Robert McAfee Brown[1]

Jamais me esquecerei daquela noite, a primeira noite no campo de concentração, que transformou minha vida numa única longa noite... Jamais me esquecerei das pequenas faces das crianças, cujos corpos eu vi transformarem-se em rolos de fumaça sob um céu azul silencioso. Jamais me esquecerei daquelas chamas que consumiram [minha mãe e minha irmãzinha e] minha Fé para sempre. Jamais me esquecerei daquele silêncio noturno que me privou, por toda a eternidade, do desejo de viver. Jamais me esquecerei daqueles momentos que assassinaram Deus e minha alma e transformaram meus sonhos em pó. Jamais me esquecerei dessas coisas... O estudante do Talmude, a criança que eu era, foi consumida em chamas. Ali ficou apenas uma forma que se parecia comigo. Uma escura chama entrou na minha alma e a devorou.

Elie Wiesel[2]

[1] Elie Wiesel, Night (Bantam Books, 1986), do Prefácio para edição do Vigésimo-quinto Aniversário, escrito por Robert McAfee Brown, p. v.
[2] Ibid., pp.32, 34.

10

A “Solução Final”

A imensidão do horror do Holocausto não pode ser comunicada através de meras estatísticas, por mais chocantes que sejam. Sim, o incrível fato de que cerca de 6 milhões dos aproximadamente 8 milhões de judeus na Europa em 1941 foram sistematicamente assassinados é horripilante o suficiente. O fato desse supremo ato de genocídio na história humana resultar da execução eficiente de um plano cuidadosamente elaborado por aquela que era talvez a civilização mais bem-educada e mais culturalmente avançada que o mundo já havia visto até então, eleva o nível de repugnância além da capacidade dos sentimentos. Mas para obter um entendimento mais claro do que foi chamado de o maior dos crimes na história humana, é preciso olhar por trás das rígidas estatísticas e da gélida eficiência com que ele foi planejado e executado por relativamente poucos líderes nazistas.

Só dentro do contexto do antissemitismo geral que vinha sendo praticado há séculos (ao qual nos referimos rapidamente em capítulos anteriores) e do consentimento (às vezes silencioso, às vezes entusiasmado) de uma multidão de respeitáveis cidadãos alemães, é que se começa a compreender o mal residente que achou expressão total através de Adolf Hitler. O extermínio metódico de uma raça é

muito mais horrível quando é visto como um ato de uma sociedade europeia culta ao invés da obsessão de um louco.
E esse, realmente, foi o caso, apesar da ideia errada, popularmente aceita, de que Hitler e seu bando foram os únicos instigadores e executores.

A Proposta Cuidadosa

Na realidade, Hitler "procedeu bem cuidadosamente, como testando se a sua paixão pela perseguição dos judeus encontraria qualquer represália significativa em seu país e no estrangeiro. Ele disse isso numa reunião de líderes de células do partido no dia 29 de abril de 1937, quando explicou que estava apostando seu tempo na questão judaica até que pudesse resolvê-la sem correr muitos riscos próprios:

> O objetivo final da nossa política está bem claro a todos nós. Tudo que me preocupa é jamais dar um passo do qual eu, talvez mais tarde, tenha que voltar atrás, e jamais dar um passo que possa nos prejudicar de qualquer maneira.
>
> Vocês devem entender que eu sempre vou o mais longe que me atrevo e nunca mais que isso. É vital ter um sexto sentido que lhe diga, amplamente, o que você pode fazer e o que não pode.[3]

Harriet Chamberlain ajudou Lucille Eichengreen (nascida Cecília Landau em Hamburgo, em 1925) a escrever sua história, *From Ashes to Life: My Memories of the Holocaust (Das Cinzas à Vida: Minhas Memórias do Holocausto).* Foi uma experiência transformadora. Chamberlain agora admite: "Antes de pesquisar e trabalhar com as realidades doloridas, mas inspiradoras da vida de Cecília, eu conseguia ver o Holocausto como uma anomalia, um engano, uma erupção irracional de ódio coletivo. Agora eu entendo que o Holocausto é o resultado de políticas governamentais determinadas nacionalmente, executadas racionalmente por indivíduos comuns."

O gênio organizacional do Estado nazista alcançava todo o espectro da vida. Havia a Associação Estudantil Nacional Socialista, que pôs alunos universitários em uniformes marrons e os fez cantar slogans vulgares do partido. Considere essas letras absurdas: "Afiem os facões na calçada... quando a hora de retribuir chegar,

[3] Frederic V. Grunfeld, The Hitler File: A Social History of Germany and the Nazis, 1918-45 (Bonanza Books, 1979), p. 308.

nós estaremos prontos para todo tipo de massacre!"Exigia-se que os professores pertencessem a uma organização Nacional Socialista, assim como advogados, médicos e jornalistas também tinham que ser filiados a seus grupos apropriados. Havia também, é claro, as reuniões das massas organizadas para capturar as emoções de toda uma nação numa histeria irracional.

Os cartazes estavam por toda parte, mostrando as belas feições de jovens arianos loiros de olhos azuis e louvando o estilo de vida saudável da nova ordem. Em contraste com esses rostos bem-formados apareciam as imagens de caricaturas dos judeus detestados - rostos escuros, testas franzidas, moralmente depravados, engana- dores, calculistas. Livros escolares nacionais começavam desde os primeiros anos a ensinar aos alunos a atitude certa para com um judeu. Uma página típica de um livro da escola primária comparava o ariano loiro, orgulhoso, ali desenhado "que pode trabalhar e lutar", com um judeu feio, escuro, descrito como "o maior salafrário em todo o Reich". A ordem às jovens mentes era: "Nunca confie numa raposa e num judeu!".

O Renascimento de Antigos Ódios

Deve-se enfatizar novamente, porém, que tais ideias não eram novas. O regime nazista estava apenas reforçando de maneira mais sistemática e geral o antissemitismo que estava fermentando nas mentes europeias havia séculos. A única diferença era que esse ódio nascente ao "judeu parasita" receberia uma expressão mais ousada sob um líder que era praticamente idolatrado. Hitler, que lideraria os arianos à libertação da Alemanha do "jugo judeu", foi elevado ao nível de um deus. Considere a seguinte tarefa de ditado de uma escola primária de Munique em 1934:

> Assim como Jesus salvou o povo do pecado e do inferno, Hitler salva o "Volk" (povo) alemão da ruína. Jesus e Hitler foram perseguidos, mas enquanto Jesus foi crucificado, Hitler foi elevado a chanceler. Enquanto os discípulos de Jesus negaram o seu mestre e O abandonaram, os dezesseis camaradas de Hitler morreram por seu líder. Os apóstolos completaram o trabalho de seu senhor. Nós esperamos que Hitler seja capaz de completar a sua própria tarefa. Jesus edificou para o céu; Hitler, para a terra alemã.[4]

[4] Ibid., p. 165.

Os alemães não precisavam aceitar a Hitler como um deus, mas eles o faziam, porque isso os ajudava a suprir uma necessidade interior de transcendência depois da vergonha de Versalhes. Adorar a Hitler elevava seus seguidores à superioridade ariana que ele prometia ser deles. Essa superioridade encontraria sua expressão justificável ao demonstrar ao mundo inteiro a inferioridade do judeu. Mais uma vez, porém, tal pensamento não poderia ter tomado a Alemanha com sua força sem séculos de preparação. E grande parte dessa preparação veio através da educação religiosa que uma grande porcentagem do povo alemão tinha em comum. O mesmo era verdade no resto da Europa. Cinquenta anos antes de Hitler chegar ao poder, *La Croix (A Cruz)* gabava-se de ser "o jornal católico mais anti-judeu na França" e condenou "o inimigo judeu que trai a França".[5] Com esse ambiente tão bem-estabelecido e de tal duração, será que não haveria grande demonstração de gratidão entre os franceses pelo extermínio de seus 80.000 judeus?

Longe de se levantar contra o mal de Hitler, a Igreja Católica Romana, a força espiritual dominante na Alemanha na época, o apoiou. O prelado Roth, que se tornou um oficial no Ministério Nazista de Assuntos Eclesiásticos, chamou os judeus de "uma raça moralmente inferior que deveria ser eliminada da vida pública". O Dr. Haeuser, num livro com o *imprimatur* da diocese de Regensburg, chamou os judeus de "a cruz da Alemanha, um povo desonrado por Deus e sob sua própria maldição [que] leva grande parte da culpa pela Alemanha ter perdido a [Primeira] Guerra [Mundial]". Um pregador popular, padre Senn, chamou Hitler de "instrumento de Deus, chamado para superar o judaísmo". O nazismo, ele disse, proporcionou "a última grande oportunidade para lançar fora o jugo judeu".[6] Outro clérigo influente, padre Franjo Kralik, afirmou entusiasticamente num jornal católico de Zagreb em 1941:

> O movimento [nazista] para libertar o mundo dos judeus é um movimento para o renascimento da dignidade humana. O Deus Onisciente e Todo-Poderoso está por trás desse movimento.[7]

Com tal ponto de vista apresentado pelos seus líderes religiosos, havia uma boa razão para o alemão comum participar voluntariamente quando Hitler começou seus ataques contra os judeus. Para muitos alemães, a consciência se manteve mais forte que o condi-

[5] National Catholic Reporter, 29 de julho de 1994, p. 13.
[6] Lewy, op. cit., pp. 272, 279.
[7] Ibid., p. 16.

cionamento; mas para a grande maioria era muito fácil ignorar a voz interior, especialmente quando recebiam o incentivo para fazê-lo, que vinha não só dos líderes religiosos, mas também dos civis. Afinal, os judeus vinham sendo difamados e maltratados há séculos em toda a Europa.

O Envolvimento do Público em Geral

Enquanto o Holocausto for visto como um ato isolado e doentio de Adolf Hitler e seus poucos seguidores, seu ódio não será completamente percebido. Ele também não pode ser entendido em termos do gosto alemão por seguir ordens, nem desculpado pela necessidade de fazer isso durante a guerra. É preciso avaliar a extensão da cooperação voluntária e até mesmo entusiasmada do cidadão comum alemão, polonês, húngaro, e de outros países que tinham uma população judaica significativa. Longe de pegar a Europa de surpresa, o Holocausto foi, na verdade, a culminação de séculos de antissemitismo sem os quais essa "Solução Final" não seria possível.

Tentativas têm sido feitas para desculpar os cidadãos desses países onde o Holocausto aconteceu, baseadas no fato de que eles não estavam cientes do que estava acontecendo. Se nós estamos falando só da realidade do tipo de morte nos vagões de gado que transportavam os judeus aos campos, ou nos próprios campos de extermínio, então é verdade que havia muita ignorância. É claro, o cheiro inconfundível de carne queimada era levado pelo vento aos que moravam por perto, e rumores do que realmente estava acontecendo se espalharam rapidamente. Não era preciso pensar muito para fazer a conexão entre aquelas chaminés esfumaçantes e os judeus que estavam sendo reunidos e "transferidos".

Rudolph Hoess, o comandante de Auschwitz, deveria saber. Ele escreveu em sua autobiografia: "Quando um vento forte estava soprando, o fedor da carne queimada era levado por muitas milhas e fazia toda a vizinhança falar sobre a cremação dos judeus".[8] No entanto, para aqueles que não estavam perto dos campos, o conhecimento indireto sempre podia ser descartado por originar-se de "rumores incertos". Não há desculpa, porém, para o envolvimento direto incontestável por parte da grande maioria do povo alemão e de outros países nos passos vitais que levaram à destruição final de 6 milhões de judeus.

[8] Peter Vierick, Meta-Politics: The Roots of the Nazi Mind (Alfred A. Knopf, Inc., 1941, 1961, edition), p. 319.

Lembre-se, Hitler não tirou os judeus de suas casas e os empurrou para dentro de fornos num movimento repentino. A participação de cidadãos comuns foi necessária durante anos de preparação, enquanto as novas leis anti-judaicas eram estabelecidas e gradualmente apertavam o laço em volta dos pescoços das respectivas vítimas. Nesse caso, novamente, havia justificativas inegáveis na forma de ordens civis que os cidadãos devem obedecer e que a polícia e os mais altos tribunais aprovavam. Quem iria se opor, a não ser os poucos que, por causa de uma consciência sensível, estavam dispostos a compartilhar do destino judeu ao invés de participar de sua destruição? A grande maioria das boas pessoas alemãs comportou-se obedientemente para a satisfação de Hitler. Pelo comportamento antissemita brutal de milhões de alemães, Hitler recebeu toda a ajuda de que precisava para levar seu plano a sua conclusão bem- sucedida.

Perseguições Passadas

Desde a Rússia até a Espanha e Portugal, desde a Escandinávia até o dedão da bota da Itália, a Europa não desconhecia o antissemitismo. Martim Lutero declarou que as sinagogas dos judeus deviam ser queimadas e suas casas destruídas, e que os próprios judeus deviam ser empregados em trabalhos mais baixos, privados de sua propriedade, e, se fosse necessário, expulsos do país.[9] Muitos papas trataram os judeus da mesma maneira: confiscaram suas propriedades, inclusive as suas Escrituras, fecharam suas sinagogas, isolaram-nos em guetos, e fizeram com que usassem um crachá de identificação.

Como já vimos, a Igreja Católica Romana esteve intermitentemente envolvida com o genocídio de judeus por vários séculos. Como a Igreja dominou a Europa por 1500 anos, uma mentalidade antissemita foi espalhada entre a população. Um autor eminente, Martim Gilbert, nos lembra em seu trabalho monumental sobre o pano de fundo histórico que tornou possível o Holocausto:

> Mesmo [no século dezenove] quando os judeus tiveram permissão de participar na vida nacional, nenhuma década passou sem que eles, em um Estado europeu ou outro, fossem acusados de matar crianças cristãs, para usar seu sangue a fim de assar o pão da páscoa. A "difamação do sangue", vinda como veio com explosões de violência popular contra os judeus, refletia profundos preconceitos

[9] Durant, op. cit., Vol. IV, p. 727; ver também Martim Lutero, Von den Juden und ihren Lügen ("Sobre os Judeus e suas Mentiras"), Wittenberg, 1543.

que nenhuma quantidade de modernismo ou educação liberal pareceram capazes de ultrapassar. Ódio pelos judeus, com sua história de dois mil anos, poderia surgir tanto como uma explosão espontânea de instintos populares, como um instrumento propositalmente direcionado de política de bode expiatório...

Mesmo enquanto a Primeira Guerra Mundial terminava na frente ocidental, mais de Cinquenta judeus foram mortos por ucranianos locais na cidade de Lvov no leste da Polônia. Na então independente cidade ucraniana de Proskurov, mil e setecentos judeus foram assassinados no dia 15 de fevereiro de 1919 por seguidores do líder nacionalista ucraniano, Simon Petlura, e até o fim do ano, as gangues de Petlura haviam matado pelo menos sessenta mil judeus.

Esses judeus eram vítimas dos ódios locais remanescentes dos dias dos czares, mas numa escala inexistente no século anterior. Na cidade de Vilna, a "Jerusalém da Lituânia", oitenta judeus foram assassinados durante abril de 1919; na Galícia, quinhentos morreram.

"Notícias terríveis estão chegando até nós da Polônia", escreveu o líder sionista Chaim Weizmann a um amigo no dia 29 de novembro de 1918. "Os poloneses recentemente libertados estavam tentando se livrar dos judeus pelo antigo e familiar método que eles aprenderam dos russos [i.e. assassinato]. Gritos que cortam o coração estão chegando a nós. Estamos fazendo tudo que podemos, mas somos tão fracos!"[10]

Exemplos incontáveis de perseguição e assassinatos de judeus por toda a Europa, tais como os massacres na Ucrânia em 1918 e 1919, provaram que Hitler não foi nem o inventor do antissemitismo nem o primeiro a se dedicar ao extermínio do povo escolhido de Deus. A única diferença foi que através das conquistas do exército alemão, Hitler ganhou o controle sobre a maior parte da Europa e mesmo Rússia adentro. Assim ele foi capaz de levantar, organizar e pôr em funcionamento um antissemitismo universal e inato e então efetuar em grande escala o que há tanto tempo tinha ficado confinado a explosões isoladas em locais distantes uns dos outros. Hitler simplesmente pretendia terminar o serviço de acabar com os judeus sistemática e eficientemente, um trabalho em que os cidadãos da Europa se envolveram esporadicamente durante séculos sem determinação e coordenação suficientes para levá-lo a uma conclusão.

Além disso, por essa tarefa monumental, Hitler esperava a gratidão da Europa. Gerações se lembrariam dele como o gê-

[10] Martim Gilbert, The Holocaust: A History of the Jews of Europe During the Second World War (Henry Holt and Company, Inc. 1985), pp. 19-22.

nio que efetuou uma "Solução Final do Problema Judeu". Como Gilbert demonstrou:

> As preparações para assassinato em massa foram possíveis pelas vitórias militares da Alemanha nos meses que seguiram a invasão da Polônia em 1939. Mas desde o momento que Adolf Hitler chegou ao poder em 1933, o processo devastador já tinha começado. Esse foi um processo que dependia da excitação de ódios históricos e preconceitos antigos..."[11]

A Europa estava madura para essa nova aventura, pronta para se livrar do peso judeu de uma vez por todas. Hitler provou esse fato ao envolver cidadãos comuns, passo a passo, na crescente perseguição e, finalmente, na eliminação de todos os judeus em toda parte nos países sob o seu controle. Foi uma exploração perspicaz desse ódio universal pelos judeus que ele sabia que residia à flor da pele de quase todas as pessoas.

Conhecimento e Cooperação Públicos

O primeiro pequeno passo começou já em 1920 com a publicação do programa embriônico de 25 pontos do Partido Nazista. Ele tinha várias cláusulas antissemitas, entre elas a exigência de que todos os judeus que tivessem chegado à Alemanha desde 1914 fossem embora. Os discursos de Hitler sempre enfatizavam a necessidade de livrar-se do poder dos judeus. Essas acusações eram recheadas de slogans tais como "Antissemitas do mundo, unam-se! Povos da Europa, libertem-se!" Tais discursos encontraram uma audiência pronta.

Mein Kampf (Minha Luta), o manifesto de Hitler publicado em 1925, estava cheio de retórica anti-judaica e não deixava dúvidas na mente de ninguém a respeito de seus planos quando ele chegasse ao poder. Longe de esconder suas intenções, ele as declarava abertamente para todo mundo ler. Mas não havia nenhum protesto de cidadãos alemães decentes de que tal ódio, humilhação e maus tratos a qualquer raça ou indivíduo não eram característicos de pessoas civilizadas. Nem havia muito protesto de outras nações "civilizadas".

Ao chegar ao poder, Hitler se moveu rapidamente para pôr seu plano em ação e envolver o povo alemão na sua execução. No dia 7

[11] Ibid., p. 18.

de abril de 1933, veio a "aposentadoria" forçada de todos os não-arianos. Alguns alemães ficaram chocados, mas não houve nenhum clamor geral de oposição. Quase ninguém veio em defesa dos amigos e vizinhos judeus. A maioria dos alemães parecia contente em ser identificada como "arianos" da linhagem superior e em assumir cargos importantes deixados por judeus. Na verdade, "cidades alemãs competiam na busca zelosa do novo ideal 'ariano'.

Em Frankfurt, no dia desta primeira 'lei ariana', professores judeu-alemães foram proibidos de ensinar nas universidades, atores judeu-alemães de atuar no palco, e músicos judeu-alemães de tocar em concertos... No dia 13 de abril... na Universidade de Berlim, cartazes apareceram... 'Nosso inimigo mais perigoso é o judeu...' A expulsão dos judeus das universidades foi rápida e total [inclusive os ganhadores de prêmios Nobel]. Albert Einstein foi forçado ao exílio".[12] A Alemanha respondera positivamente ao primeiro passo e o plano diabólico de Hitler tinha garantia de sucesso.

Os campos de concentração foram montados para aqueles que deixassem de cumprir com as novas ordens. Havia relativamente poucos alemães, no entanto, que se opunham ao antissemitismo agora oficial. Os judeus estavam sendo surrados, mutilados, e mesmo mortos por toda a Alemanha. Cartazes começavam a aparecer "em milhares de cafés, estádios de esportes, lojas, e estradas que levavam a cidades e vilas: 'Judeus não são aceitos'."[13] Nenhum tribunal alemão desaprovava as leis nem achava que eram uma violação da decência básica que se deve a todo ser humano.

O Aperto do Nó

A fase seguinte foi uma humilhação mais geral através de espancamentos públicos e destruição de propriedades. Por toda parte casas, negócios e sinagogas judaicas eram arrombadas e a mobília e os objetos valiosos eram jogados na rua e destruídos. Dessa maneira sistemática os judeus foram aberta e brutalmente expulsos de vila após vila, criando o que ficou conhecido como cidades "livres de judeus". O que acontecera por toda a história em vilas isoladas, agora era buscado com deliberação voluntária por toda parte. Alguns alemães estavam chocados, mas a maioria percebeu os benefícios para si mesma e se envolveu no que se tornou um fervor nacional. Até o mito medieval de judeus chupando o sangue das

[12] Ibid., pp. 36-37.
[13] Ibid., p. 41.

crianças cristãs [católico romanas] e seu sacrifício ritual foi reavivado em toda a Alemanha.

Muitos judeus fugiram para a Palestina para começar uma nova vida na terra de seus ancestrais e entre vizinhos árabes. As transmissões de rádio da Alemanha perseguiram os refugiados até ali. Transmitidas até o Oriente Médio, as vozes frenéticas incitaram os árabes a fazerem demonstrações contra os judeus e a seguirem o exemplo da Alemanha, criando uma Palestina "livre de judeus" mais uma vez.

No dia 15 de setembro de 1935, Hitler assinou as "Leis de Nuremberg". O antissemitismo agora era o estilo de vida oficial por toda a Alemanha. Os judeus não podiam mais ser cidadãos e foram proibidos de hastear a bandeira alemã. Casamentos de judeus com arianos foram proibidos. A Alemanha estava sendo purificada de todos os judeus e da influência judaica. Um médico judeu que deu uma transfusão de seu próprio sangue para salvar a vida de um paciente foi condenado ao campo de concentração por "poluição racial". Demonstrações anti-judaicas agora estavam surgindo por toda a Alemanha e se espalhando por países vizinhos. Em desespero, judeus começaram a se suicidar em números crescentes, enquanto dezenas de milhares fugiram para outros países, muitos para a Polônia e Hungria. O refúgio que encontraram seria temporário. Agora só era uma questão de tempo até que o fim dos judeus europeus (exceto por uns poucos milhares de sobreviventes) fosse um fato consumado.

Culpa Mundial

Os eventos na Alemanha não estavam escondidos do resto do mundo. Relatos de testemunhas do horror crescente causado aos judeus por toda a Alemanha, assim como o crescente número de demonstrações contra eles em países vizinhos foram veiculados na mídia mundial. Em julho de 1938, uma conferência internacional foi sediada em Evian, França, para discutir os problemas impostos pelo número crescente de judeus que tentavam desesperadamente escapar da Alemanha. Mesmo diante de uma necessidade humilhante e crescente, o nível de empatia internacional estava diminuindo. O mundo todo teria que carregar um pouco da culpa pelo Holocausto. A falta de compaixão dos outros países diante de um

extermínio iminente dos judeus europeus é imperdoável. Aqui está a explicação de um oficial australiano para a rejeição de seu país aos refugiados judeus:

> Sem dúvida será compreendido que, por não termos problemas raciais, não temos o desejo de importar um.[14]

À medida em que crescia o número de judeus que queriam emigrar da Alemanha, "as restrições contra eles também cresceram: a Inglaterra, a Palestina e os Estados Unidos restringiram suas regras de admissão. Quatro países sul-americanos, Argentina, Chile, Uruguai, e México, adotaram leis que restringiam severamente o número de judeus que podiam entrar, no caso do México o máximo foi de cem por ano".[15] Restrições de entrada foram apertadas na Austrália e na Escandinávia. Refugiados eram cruelmente enviados de volta à destruição certa, mesmo na fronteira da Suíça, base da Cruz Vermelha Internacional. Aqueles que conseguiam escapar para tais países eram pegos pela polícia suiça, holandesa ou francesa, presos, e enviados de volta pela fronteira até a Alemanha para serem consumidos pela eficiente máquina mortífera de Hitler.

Os poucos milhares de judeus alemães afortunados que conseguiram emigrar antes dos regulamentos apertarem, passaram seus ansiosos primeiros meses e anos de liberdade nos Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, México e outros países, tentando desesperadamente obter vistos para seus parentes que ainda estavam na Alemanha. Eles se achavam lutando contra uma barreira cada vez maior de regras e restrições irracionais criadas propositalmente para impossibilitar a emigração de mais judeus. O fluxo de refugiados foi reduzido a um filete, deixando centenas de milhares que estavam tentando escapar de serem mandados para o leste e, finalmente, eliminados.

O mundo compartilha a culpa da Alemanha no Holocausto não apenas na questão dos meios sutis de regulamentos ocultos. Houve tantos incidentes, bem divulgados na época, de envio deliberado de refugiados de volta à destruição, que fingir inocência é um crime em si mesmo. Quem pode se esquecer do navio St. Louis? Seus 1.128 refugiados judeu-alemães partiram com esperanças de encontrar refúgio em vários países. Ao invés disso, eles foram rejeitados, porto após porto, nas Américas do Norte, Central e do Sul e

[14] Ibid., p. 64.
[15] Ibid.

forçados a atravessar o Atlântico de volta! Sim, os Estados Unidos e seu presidente, Franklin D. Roosevelt, recusaram-se a recebê-los, apesar de 700 deles terem papéis válidos para entrar nos E.U.A., mas num futuro próximo. Além dos 288 aceitos pela Inglaterra, poucos dos remanescentes escaparam das fornalhas de Hitler.

Em múltiplos incidentes semelhantes, pais, mães, filhos, maridos e esposas esperavam, choravam, suplicavam, e morreram sem motivo. Um incidente típico dessas inumeráveis tragédias foi o seguinte:

> No dia 17 de agosto [1938], Cinquenta e três judeus austríacos chegaram a Helsinqui pelo mar. Foi-lhes negada permissão para desembarcar, e o barco que os trouxera foi forçado [a voltar] para a Alemanha. Vários passageiros tinham os documentos necessários para entrar nos Estados Unidos, e queriam apenas direitos de transitar pela Finlândia. Mas nenhuma exceção foi feita à nova regra.
>
> Uma judia grávida, que estava prestes a dar à luz, teve permissão de sair do navio e ir a um hospital, mas depois do nascimento, a mãe e o bebê tiveram que reunir-se aos outros passageiros. No caminho de volta à Alemanha... três dos refugiados rejeitados se jogaram ao mar e se afogaram.[16]

A Aceleração do Envolvimento Público

A noite de 9 a 10 de novembro de 1938, lembrada desde então como *Kristallnacht* ou a "Noite dos Cristais", marcou uma intensificação aterrorizante do *pogrom** de Hitler no caminho para o extermínio planejado dos judeus. Na Alemanha, Áustria e na região dos montes Sudetos, cerca de 1.300 sinagogas foram vandalizadas (das quais cerca de 270 foram incendiadas ou demolidas), e cerca de 10.000 casas, negócios e escritórios pertencentes a judeus foram roubados e destruídos. Mais de 90 judeus foram assassinados a sangue frio, cerca de 30.000 foram presos só por sua raça e religião, e milhares desses últimos morreram mais tarde nos campos de extermínio.

Um relatório secreto do magistrado supremo do Partido Nazista, Walther Buch, explicava que aqueles que assassinaram judeus não podiam ser punidos porque eles simplesmente estavam seguindo ordens. Aqueles que estupravam judias, no entanto, eram "expulsos

[16] Dos arquivos do Yad Vashem, conforme citado em Gilbert, op. cit., p. 65.

* Ataque organizado contra uma minoria étnica, especialmente judeus. (N.T.)

do partido e entregues aos tribunais civis" - não pelo estupro, mas por terem "violado as leis raciais de Nuremberg, que proibiam relações sexuais entre gentios e judeus".[17]

O assassinato de judeus e o saque de seus bens não podiam mais ser atribuídos a uns poucos Camisas Marrons violentos. Agora todo o mundo tinha visto o horror de um *pogrom* planejado e direcionado pelos próprios governos. Foi, como Hitler planejou e agora sabemos, apenas o começo de uma sistemática "solução final do problema judeu" que finalmente levaria ao assassinato de mais de 6.000.000 de judeus.

Aqueles que tinham consciência apelaram à única autoridade que achavam que pudesse interferir. Em *Min Hameitzar*, o rabino Weissmandl conta como o governo civil da Eslováquia apelou ao Vaticano para que fizesse parar o envio de judeus aos campos de extermínio. O Vaticano respondeu que os judeus que se convertessem ao cristianismo (catolicismo) não deviam ser enviados, mas quanto ao resto, as famílias não deviam ser separadas nos carregamentos. Em outras palavras, mande-os a não ser que se convertam ao catolicismo, mas mande famílias inteiras juntas!

Não é preciso repetir aqui que a Igreja Católica, do Vaticano para baixo, sabia o que estava acontecendo; isso está documentado em vários lugares. Quando os judeus ainda pensavam que a expulsão significava apenas transferência, um arcebispo eslovaco retrucou: "Isso não é só expulsão... eles vão massacrar todos vocês juntos... e esse é o castigo que merecem pela morte de nosso Redentor. Vocês têm apenas uma única esperança: Convertam-se à nossa religião, e assim agirei para cancelar o decreto". Weissmandl dá mais um exemplo horripilante de um apelo ao núncio apostólico na Eslováquia para impedir o massacre de vidas judias inocentes. O embaixador retrucou: "Não existe tal coisa como o sangue de crianças judias inocentes! Todo sangue judeu é culpado, e eles devem morrer. Esse é o castigo que os espera por aquele pecado."[18]

Uma Verdade Horrível Demais para Encarar

O primeiro passo dos nazistas para exterminar os judeus na Hungria veio quando eles expulsaram todos os judeus estrangeiros. O instrutor de cabala de Elie Wiesel, conhecido como "Moisés, o Bedel", era estrangeiro e estava entre aqueles que deixaram a vila

[17] William L. Shirer, The Rise and Fall of the Third Reich (Fawcett Publications, Inc., 1959), pp. 580-87.
[18] Citado por Rabino Yoel Schwartz e Rabino Yitzschak Goldstein, SHOAH: A Jewish Perspective on tragedy in the context of the Holocaust (Mesorah Publications, Ltd., 1990), p. 161.

de Sighet, espremidos em vagões de gado. Todo mundo queria acreditar que os deportados simplesmente foram mandados a outra área para realizar trabalhos auxiliares ao esforço de guerra. Com essa pressuposição reconfortante, eles foram rapidamente esquecidos - até que um dia, Moshe voltou. Ele tinha uma ferida de bala na sua perna e contou uma história louca de que os deportados foram obrigados a cavar suas próprias valas na floresta da Galícia, perto de Kolomaye, de bebês serem jogados ao ar como alvos de tiro e serem metralhados, e de todo o restante ser fuzilado e jogado em valas comuns. Ele foi o único sobrevivente por uma fuga miraculosa. Ninguém queria acreditar na verdade. Elie Wiesel escreve:

> Durante longos dias e longas noites, ele foi de uma casa judia a outra contando a história de Malka, a pequena menina que levou três dias para morrer, e de Tobias, o alfaiate, que suplicou para morrer antes de seus filhos...
>
> Moshe havia mudado. Não havia mais nenhuma alegria nos seus olhos. Ele não cantava mais, não me falava mais sobre Deus e sobre a cabala, mas apenas do que tinha visto. As pessoas se recusavam não só a acreditar, mas até a ouvir suas histórias.
>
> "Ele só está tentando fazer com que tenhamos compaixão dele. Que imaginação tem ele!" diziam eles. Ou até: "Pobre rapaz. Ele ficou louco".
>
> Quanto a Moisés, ele chorava.
>
> "Judeus, ouçam-me. É só isso que peço a vocês. Eu não quero dinheiro ou compaixão. Apenas ouçam-me", ele chorava entre as orações ao amanhecer e ao anoitecer.
>
> Nem eu acreditava nele...
>
> Isso foi no fim de 1942... Nessa época ainda era possível obter permissões de emigração para a Palestina. Eu havia pedido para meu pai vender tudo, liquidar seu negócio, e partir.
>
> "Estou muito velho, meu filho", ele respondeu. "Eu estou muito velho para começar uma vida nova... do nada, mais uma vez, num país tão distante..."[19]

Para alguns é igualmente difícil encarar a verdade mesmo em nossos dias. Livretes tais como *The Truth of Auschwitz (A Verdade de Auschwitz)* tentam negar o Holocausto. Seu autor, Thies Christophersen, alega ter sido um soldado alemão a serviço em Aus-

[19] Wiesel, op. cit., pp. 4-6.

chwitz durante todo o ano de 1944 e escreve: "Após a guerra eu ouvi falar do suposto massacre dos judeus... eu sei que tais atrocidades nunca foram cometidas."[20] Outro livro, *The Auschwitz Myth (O Mito de Auschwitz)*, é de Wilhelm Staglich, um Doutor em Direito, que depois da guerra serviu durante 20 anos como juiz em Hamburgo. Ele afirma ter sido um oficial da 12a Bateria Anti-Aérea de Pára-Quedistas "localizada na vizinhança de Auschwitz [em 1944] para a proteção dos complexos industriais que empregavam prisioneiros do campo." Ele fez várias visitas ao campo e também afirma não ter visto nenhuma indicação de que os prisioneiros esti- vessem amedrontados ou fossem maltratados e nega a presença de qualquer câmara de gás ou forno crematório.[21]

Fato ou Fábula?

The Christian News, um jornal evangélico luterano, publicou, várias vezes, relatos que tentam provar que o Holocausto foi um mito. O jornal pediu (ainda em janeiro de 1995) uma resposta de qualquer pessoa que pudesse desacreditar os relatórios como os de Christophersen e Staglich, e afirma não ter recebido nenhuma refutação.[22] Talvez aqueles que têm tal evidência acham fútil oferecê-la a pessoas cujas mentes devem estar fechadas, já que mantêm tal postura diante das montanhas de evidências disponíveis. Uma visita ao *Yad Vashem* (nome hebraico do memorial ao Holocausto), em Jerusalém ou ao mais novo Museu do Holocausto em Washington, deve satisfazer qualquer pessoa honesta que procure os fatos. Existe ainda um grande número de livros, tais como *The Holocaust (O Holocausto)*, de Martim Gilbert, cujas 828 páginas de testemunhos são apoiadas por outras 66 páginas de "Anotações e Fontes". Um dos livros mais recentes, escrito desde que a abertura do Leste Europeu colocou à disposição arquivos para estudo previamente secretos, é intitulado *Anatomy of the Auschwitz Death Camp (Anatomia do Campo da Morte de Auschwitz)* e contém a documentação de vários pesquisadores.[23]

É claro que houve milhares de sobreviventes do Holocausto cujos testemunhos contam a história. Infelizmente, essas testemunhas estão morrendo aos poucos e logo não sobrará nenhuma delas para nos relembrar. Em junho de 1981, mais de 6.000 sobreviventes do

[20] The Christian News, 30 de janeiro de 1995, p. 16.
[21] Ibid., p. 17.
[22] Ibid., pp. 16-17; ver também o mesmo jornal, 6 de fevereiro de 1995, pp. 9-11.
[23] The *Jerusalem Post* International Edition, semana terminada no dia 28 de janeiro de 1995, p. 11.

Holocausto de todo o mundo se reuniram em Jerusalém "para procurar amigos perdidos, e fazer uma última busca desesperada por parentes que possivelmente tivessem sobrevivido".[24] Mais de 3.000 sobreviventes só de Auschwitz se reuniram no dia 22 de janeiro de 1995, nas cerimônias que comemoraram o cinquentenário de sua libertação.[25] A maioria deles não se conhecia antes, mas seus testemunhos independentes contam a mesma história.

Se for necessário, no entanto, existem muitas testemunhas não-judias do Holocausto. O erro de Christophersen e Staglich é aparentemente sincero e facilmente explicado. Durante a época em que estavam lá, nenhuma câmara de gás e nenhum forno crematório existia em Auschwitz propriamente dito, mas no campo próximo, em Birkenau. Considere o testemunho (centenas de outros poderiam ser citados) registrado no diário de outro alemão, Dr. Johan Kremer, trazido a Auschwitz como médico: "Estive presente pela primeira vez numa ação especial às três da madrugada. Em comparação, o inferno de Dante parece quase uma comédia. Auschwitz é chamado de campo de extermínio com justiça!" Questionado depois da guerra, o Dr. Kremer testificou:

> Esses assassinatos em massa [em 1942] aconteciam em pequenas cabanas fora do campo de Birkenau numa floresta. Essas cabanas eram chamadas de "bunkers" na gíria dos homens da S.S. Todos os médicos da S.S., a serviço no campo, se alternavam para participar das operações nas câmaras de gás, que eram chamadas de Sonderaction, "ação especial". Minha parte como médico nessas operações consistia em ficar de prontidão perto do bunker... caso qualquer um [dos homens da S.S.] desmaiasse por causa dos vapores venenosos.
>
> Quando o transporte com pessoas que eram destinadas à câmara de gás chegava à rampa ferroviária, os oficiais da S.S. selecionavam, entre os recém-chegados, pessoas capazes de trabalhar, enquanto todo o resto - idosos, todas as crianças, mulheres com filhos nos seus braços e outras pessoas que não eram consideradas capazes de trabalhar - embarcava à força nos caminhões e era conduzido às câmaras de gás.
>
> Eu costumava seguir o transporte até chegarmos ao bunker. Ali as pessoas primeiro eram conduzidas aos barracões onde as vítimas se despiam e entravam nuas nas câmaras de gás... os homens

[24] Gilbert, op. cit., pp. 821-22.

[25] The *Jerusalem Post* International Edition, semana terminada no dia 28 de janeiro de 1995, p. 5.

da S.S. mantinham as pessoas quietas, dizendo que iriam tomar banho e tirar os piolhos.[26]

Encarando a Terrível Verdade Hoje

Não é só o passado, no entanto, que muitos acham difícil de encarar, mas o presente também. Esse fato está claro nas numerosas afirmações de líderes da Igreja Católica e funcionários governamentais de todo o mundo denunciando hipocritamente o Holocausto no passado, enquanto, ao mesmo tempo, fecham os olhos ao mesmo antissemitismo no mundo hoje. Ao observar o cinquentenário da libertação de Auschwitz-Birkenau, onde entre 1,1 e 1,5 milhões de prisioneiros morreram, 90 por cento deles judeus, o papa João Paulo II declarou:

> Antissemitismo nunca mais. Nunca mais a arrogância do nacionalismo. Genocídio nunca mais. [O Holocausto] foi uma das horas mais escuras e trágicas de nossa história... um escurecimento da razão, da consciência, do coração [especialmente para] o povo judeu, para o qual o regime nazista planejou um extermínio sistemático...[27]

Essas são belas palavras, mas são vazias sem o reconhecimento necessário do antissemitismo de sua Igreja, seu massacre dos judeus através dos séculos, e o papel de apoio que realizou no Holocausto. Há também uma negação da realidade presente nessas palavras. O mesmo espírito que levou Hitler ao genocídio está vivo hoje e é representado em documentos tais como a Carta da OLP, que continua a clamar pelo extermínio de Israel. O papa, no entanto, recebe Arafat no Vaticano como um chefe de Estado. Quando Kaddafi berra: "A batalha com Israel deve ser tal que depois dela Israel não exista mais!", ele não pode ser descartado como um fanático isolado. Tais ameaças hitlerianas são ouvidas continuamente das bocas de religiosos e líderes políticos muçulmanos nos rádios e alto-falantes e na TV em todos os países árabes. Elas são ensinadas nas mesquitas e são a base da religião do Islã.

Se o papa realmente quer dizer "nunca mais", por que ele não condena esse antissemitismo tão óbvio ao invés de encorajá-lo através da amizade do Vaticano com Arafat? O Holocausto não é um evento do passado distante para nos lembrar de uma mentalidade

---

[26] Gilbert, op. cit., pp. 437-48.
[27] Bend Bulletin, 30 de janeiro de 1995.

que já superamos. Esse espírito maligno está vivo e ativo hoje, e no entanto, como na época de Hitler, bem poucas pessoas estão dispostas a encarar os fatos.

Se a Alemanha hoje fizesse as afirmações sobre extermínio dos judeus que os árabes fazem frequentemente, o mundo se levantaria em condenação. Mas o veneno da aniquilação direcionado continuamente a Israel pelos árabes é aceitável por causa da afirmação aparentemente correta de que Israel foi o agressor em seus conflitos com seus vizinhos. Um refúgio seguro contra o crescente antissemitismo mundial é tão necessário hoje quanto na época de Hitler; e como outrora, também agora, esse refúgio seguro está sendo negado aos judeus que dele precisam. O mundo todo está exigindo o fim da construção de casas judaicas no que chamam de "os territórios ocupados". Então, onde é que os refugiados judeus vão morar? Não é motivo de preocupação que Vladimir Zhirinovsky, que abertamente declara: "Eu agirei como Hitler agiu", tenha recebido 25 por cento dos votos russos?

A História Está se Repetindo

Na Eslováquia, o semanário popular *Zmena* declara que "os judeus manipularam a mentira do Holocausto para conseguir seu próprio Estado, Israel, e que o cronista do Holocausto, Elie Wiesel, recebeu o prêmio Nobel pela 'maior mentira do século'", e culpa os judeus pelo comunismo. Uma pesquisa recente na Eslováquia mostrou que o antissemitismo é mais forte entre os católicos, que constituem 65 por cento da população. Uma campanha está sendo levantada por seus admiradores assumidos para reabilitar o padre católico Frei Josef Tiso, títere do regime nazista de 1939-45, que enviou a pequena população judaica de 70.000 aos campos de extermínio da Polônia. Com a violação dos cemitérios judeus e o ressurgimento do passado fascista, a perspectiva dos 3.000 judeus da Eslováquia não é muito boa.[28] Será que Israel deve estar fechado a eles?

As ameaças de Saddam Hussein contra Israel não são menos direcionadas aos judeus do que as de Hitler. Porém ele é o grande herói das massas muçulmanas por causa de sua promessa de "destruir Israel" e "libertar a Palestina". Mesmo *depois* da violentação do Kuwait, o rei Hussein da Jordânia disse que "para a maioria do mundo árabe [Saddam] é um homem patriota que... [trata] os ou-

[28] National Catholic Reporter, 29 de julho de 1994, p. 12.

tros na base do respeito mútuo". O mal se torna bem quando dedicado à "justa causa' do extermínio judeu! Assim foi na época de Hitler e assim é hoje, e o mundo permanece tão desinteressado dos problemas atuais como naquela época. Um comentarista do *Jerusalem Post* escreve com uma percepção bem acurada:

> Não é necessário dizer que a empatia com atraso de 50 anos para com as vítimas do Holocausto não se estende aos judeus de hoje, principalmente quando são israelenses.
>
> O massacre mais recente foi um exemplo disso. Expressando pouquíssima empatia por Israel, a maioria dos editoriais dos jornais se dedicaram a discursos pretensiosamente santos sobre as razões para que "a pressão pela paz precisa ser mantida e não reduzida", como declarou o *The Guardian*, que dita as tendências dos politicamente corretos, no dia 23 de janeiro [1995]... deixa[ndo] claro porque o massacre [de Beit Lid] foi parcialmente desaprovado: tais ataques terroristas "dificultam ainda mais alcançar as genuínas expectativas palestinas, sem as quais o processo está condenado".
>
> Um editorial ainda mais ofensivo apareceu no The Washington Post no mesmo dia [culpando] a atividade colonial israelense... |pelo ataque]...[29]

Mais uma vez o judeu é o bode expiatório, culpado pelos problemas mundiais. É a intransigência de Israel que está impedindo o processo de paz no Oriente Médio. É o seu desejo de mais territórios do que merece que bloqueia o caminho da paz. A necessidade dessa terra é esquecida, a mesma necessidade da época de Hitler, de proporcionar um refúgio seguro para os judeus escaparem do crescente antissemitismo em todo o mundo. Mas essa necessidade desesperada é declarada como ilegítima e, como no passado, um limite está sendo imposto sobre o número de imigrantes admitidos em Israel.

É incrível que o mundo ainda se confronte com a necessidade de uma solução final para o problema judeu! Estão sendo tentadas várias alternativas. Não temos dúvida de que uma "paz" temporária será atingida, porque é isso que a Bíblia declara, como veremos. Finalmente, porém, sob o Anticristo, aparentemente não haverá nenhuma outra alternativa senão a que Hitler escolheu. Esse tipo de "solução final" será efetivado numa ação desesperada de alcançar uma paz mundial duradoura.

[29] Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 13.

O que estamos dizendo não é sensacionalismo; nós só estamos repetindo o que a Bíblia diz. Os mesmos profetas que declararam com 100 por cento de precisão o que aconteceria a Israel até este ponto na história, são os que nos dizem o que ainda vai acontecer. Ou o mundo acredita na palavra deles, que é a Palavra de Deus, e age de acordo, ou sofrerá as terríveis consequências. Israel, também, precisa dar ouvidos a seus profetas.

A mesquita é, com frequência, o ponto de partida das demonstrações e da revolução política, e o sermão de sexta-feira não é apenas uma prática religiosa, mas frequentemente conclama com fervor os fiéis a assumirem a militância política em nome de Alá.

— Abd-al-Masih, erudito islâmico[1]

...Matai os idólatras [os que não adoram a Alá] onde quer que os encontreis, e capturai-os e cercai-os e usai de emboscadas contra eles. Se se arrependerem e recitarem a oração [i.e., converterem-se ao Islã], e pagarem o tributo, então libertai-os. Alá é perdoador e misericordioso [para com os muçulmanos].

— Sura 9.5

E combatei pela causa de Alá os que vos combatem. Mas não sejais os primeiros a agredir. Deus não ama os agressores. E matai-os onde quer que os encontreis. E expulsai-os de onde vos expulsaram... Se desistirem, lembrai-vos de que Alá é clemente e misericordioso.

— Sura 2.190-92

Dos adeptos do Livro, combatei os que não crêem em Alá nem no último dia... Marchai para o combate a pé ou montados e empenhai as vossas posses e vossa vida pela causa de Alá!

— Sura 9.29,41

Os crentes combatem na senda de Alá; os descrentes na senda do ídolo Tagut. Combatei, pois, os aliados do demônio.

— Sura 4.76

[1] Abd-al-Masih, Wer Ist Allah im Islam? (Villach), p. 32, conforme citado por Elishua Davidson em Islam, Israel and the Last Days (Harvest House Publishers, 1991), p. 82.

11
O Islã e o Terrorismo

Uma das mais intensas caçadas humanas internacionais já realizadas culminou em 7 de fevereiro de 1995 com a entrada fulminante de agentes paquistaneses e americanos no quarto 16 da estalagem Su-Casa em Islamabad, onde surpreenderam Ramzi Ahmed Yousef, na própria cama, e o prenderam, levando-o rapidamente dali sem que ele pudesse tentar a menor resistência. O jovem fugitivo, trinta anos incompletos, por quem o Departamento de Estado norte-americano oferecia uma recompensa de dois milhões de dólares, havia conseguido escapar de uma rede global por quase dois anos. Agora, de pés e mãos amarrados e olhos vendados, foi escamoteado para fora do Paquistão e em poucas horas, estava trancafiado numa ala de segurança máxima do Centro Penal Metropolitano de Nova Iorque, acusado de ser o mentor maligno da explosão no World Trade Center, em 26 de fevereiro de 1993, onde morreram seis pessoas e mais de mil ficaram feridas. Suspeita-se que ele tinha conexões com e apoio financeiro de pelo menos um país, e sua prisão pode levar a outros indivíduos em posições importantes, envolvidos com o terrorismo em escala mundial.[2]

A despeito da existência de substâncias químicas utilizadas na fabricação de bombas e de uma mala cheia de explosivos escondi

[2] Times [St. Petersburg, Florida], 13 de fevereiro de 1995, p. 3A.; Newsweek, 20 de fevereiro de 1995, pp. 36-38; Time, 20 de fevereiro de 1995, pp. 24-27.

dos em carrinhos de brinquedo em seu quarto no Holiday Inn de Islamabad, Yousef alegou inocência ao ser indiciado num tribunal federal em Nova Iorque em 9 de fevereiro. Oficiais de justiça americanos, no entanto, afirmam possuir provas de que além de ter planejado o atentado no Trade Center, Yousef "estava planejando ataques contra outros alvos americanos ao redor do mundo, incluindo a embaixada americana no Paquistão, diplomatas e aviões nas Filipinas". Funcionários paquistaneses alegam que Yousef admitiu diante deles o seu envolvimento com a explosão no Trade Center. Também relataram que ele envolveu o Iraque como o poder que ordenou o atentado à bomba. Yousef havia fugido dos Estados Unidos na noite do dia em que a bomba explodiu no Trade Center.[3]

De acordo com os promotores do governo americano:

> O atentado a bomba no World Trade Center. O fuzilamento de um rabino radical. Planos de explodir a sede das Nações Unidas e de assassinar o presidente egípcio num hotel da Park Avenue. Todas essas atividades eram partes de uma conspiração... deflagrar uma guerra santa contra o governo americano - prova de que o terrorismo do Oriente Médio já se enraizou em solo americano. Pelo menos desde 1989,... *um grupo islâmico radical* escolheu como alvo os Estados Unidos, um governo *infiel* que apoia outros *infiéis* como o Egito e Israel...[4] (ênfase acrescentada).

O Papel "Santo" do Islã

Observemos as palavras que colocamos em itálico: *guerra santa, grupo islâmico, infiel e infiéis.* O Islã está envolvido numa guerra santa para obter o controle do mundo! Essa guerra foi iniciada pelo próprio Maomé no século VII, e continua a ser executada hoje por seus seguidores fiéis por meio do terrorismo. Esses terroristas não são *radicais* ou *extremistas*, como os meios de comunicação constantemente os rotulam. São, antes, *fundamentalistas* islâmicos fiéis à sua religião e aos ensinos do Corão, seguindo fielmente nas pegadas de seu grande profeta, Maomé. Como um ex-muçulmano e erudito islâmico afirmou:

> Nunca devemos imaginar que tais muçulmanos estejam sendo desnecessariamente perversos. Eles estão simplesmente sendo fiéis à sua

[3] USA Today, 10 de fevereiro de 1995, p. 2A.
[4] The Orange County Register, 9 de janeiro de 1995, p. 8.

> religião. A atitude que um bom muçulmano deveria ter para com um judeu ou um cristão não é segredo para ninguém. Na verdade, muito do incitamento à violência e à guerra em todo o Corão é dirigido contra os judeus e os cristãos que rejeitaram o que pensavam ser o estranho deus que Maomé tentava pregar.[5]

O processo contra os envolvidos no ataque contra o World Trade Center continuou, mais de dois anos depois daquele ato infame, no mesmo tribunal onde quatro homens já foram condenados à prisão perpétua sem direito à liberdade condicional por sua participação no atentado.[6] Os outros 12 réus foram acusados de conspiração sediciosa num plano mais amplo de fazer explodir não apenas o World Trade Center, mas também a sede das Nações Unidas, a sede do FBI em Nova Iorque, dois túneis e uma ponte, bem como de assassinar o presidente egípcio, Hosni Mubarak, e várias outras personalidades da política mundial.[7]

O xeque Omar Abdel Rahman, um religioso muçulmano cego, foi acusado de ser o líder espiritual na suposta conspiração. O ex-Secretário de Justiça dos Estados Unidos, Ramsey Clark, faz parte do grupo de advogados que defendem Rahman. Falando sobre seu cliente, Clark afirmou: "Penso que ele está sendo processado pelo exercício de sua fé e de seus pontos de vista religiosos."[8] Aparentemente, Clark não percebe que a "fé e os pontos de vista religiosos" de seu cliente advogam a baderna e o assassinato com o propósito de propagar o Islã. A religião não pode justificar o assassinato daqueles que não a aceitam, mas essa tem sido a prática do Islã em toda a sua sangrenta história.

Alguns dos réus do julgamento dessa conspiração terrorista, acusados de obedecer às instruções religiosas de Rahman na execução de seus planos malignos, vinham sendo observados pelo FBI desde 1989. Já naquela ocasião distante, oficiais do serviço secreto tinham fotografado dois dos acusados praticando tiro-ao-alvo na região de Long Island, juntamente com três dos já condenados pela explosão no World Trade Center. Assim, o governo constatou um relacionamento duradouro entre os réus, comprovando sua tese de que existia uma "organização *jihad*", liderada por Abdel Rahman, cujo objetivo era "deflagrar uma 'guerra (santa) de terrorismo urbano contra os Estados Unidos', planejando destruir edifícios, túneis e pontes na área metropolitana de Nova Iorque.[9]

---

[5] G. J. O. Moshay, Who Is This Allah? (Dorchester House Publications, 1994), p. 24.
[6] The Bulletin (Bend, Oregon), texto da Associated Press, 6 de fevereiro de 1995, primeira página.
[7] The Orange County Register, 9 de janeiro de 1995, p. 8.
[8] Ibid.
[9] The New York Times, 8 de fevereiro de 1995, pp. A1, A9.

Num desdobramento surpreendente, um dos réus, Siddig Ibrahim Siddig Ali, supostamente o chefe da conspiração, abandonou as alegações de inocência e declarou-se culpado, apresentado à corte uma confissão detalhada. Os planos mais amplos da conspiração para a "guerra santa" incluíam também vários assassinatos. Os resultados desse plano deveriam ter sido mais destrutivos e aterrorizantes do que qualquer coisa "que este mundo já tenha testemunhado".[10] A confissão de Ali implicou seus companheiros de julgamento, incluindo o xeque Omar Abdel- Rahman. Segundo Ali, a trama deveria mostrar aos americanos que "nós podemos atingir vocês à hora que quisermos!"[11]

Uma Negação Esquizofrênica

Os próprios árabes são, muitas vezes, alvos do terrorismo islâmico. Conforme observamos, não há uma democracia sequer entre os 21 governos árabes no mundo. No entanto, esses regimes árabes ditatoriais, todos professando lealdade ao Islã, temem golpes de Estado arquitetados pelos fundamentalistas islâmicos, que têm regimes ainda mais opressivos. No começo de fevereiro de 1995, o governo argelino tirou de sua prisão domiciliar os líderes da Frente Islâmica de Salvação e os enviou para uma penitenciária. Uma implacável guerra de terror vem sendo desencadeada contra o governo argelino pela oposição islâmica - uma guerra em que 30.000 pessoas (a maioria argelinos, mas muitos estrangeiros também) foram mortas desde janeiro de 1992. Uma autoridade no Oriente Médio escreve:

> Hoje não há um governo no mundo árabe, incluindo o governo ultra-religioso da Arábia Saudita, que não tema a militância islâmica como o maior desafio à sua estabilidade.[12]

Numa tentativa esquizofrênica de negar a verdade, muitos muçulmanos, especialmente os que exercem liderança civil, insistem que o Islã é uma religião pacífica. No entanto, o terrorismo dirigido contra nações árabes com o fim de pressioná-las a adotar a lei islâmica está em perfeito acordo com as táticas que o próprio Maomé empregou para forçar a obediência ao Corão. Numa conferência de cúpula que durou três dias em Casablanca, no Marrocos, no início

[10] Ibid.
[11] The Bulletin (Bend, Oregon), texto da Associated Press, 6 de fevereiro de 1995, primeira página.
[12] Lamb, op. cit., pp. 102-04.

de 1995, líderes muçulmanos, embora advogando a "unidade islâmica", também se comprometeram a resistir juntos contra o que chamaram de "fanatismo religioso". Os 52 membros da Organização da Conferência Islâmica condenaram o e, ao mesmo tempo, feroz para denegrir o Islã.[13]

Denegrir o Islã? Na verdade é o próprio Islã que inspira grande parte do terrorismo mundial. Conforme vimos, a violência e o terrorismo têm sido os meios de expandir o Islã desde o princípio, com Maomé e seus sucessores. Esse é o ensino do Corão. Os ensinos do Islã, na verdade, inspiram o terrorismo árabe ao redor do mundo, terrorismo que é dirigido por grupos islâmicos como a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Hamas, *Jihad* Islâmico, Hezbollah, e outros.

Os atentados à bomba e os assassinatos vêm de uma motivação religiosa genuína: a destruição de Israel e a sujeição final de todo o mundo à lei islâmica. No entanto, de alguma forma, tudo é culpa de Israel. É culpa de Israel ser alvo dos ataques terroristas e também que seus aliados sofram ataques semelhantes. Conforme George Will escreveu em sua coluna:

> A tropa dos que "culpam Israel primeiro (por fim, e no meio)" é grande e está crescendo, aqui e no exterior... Hoje é especialmente claro que Israel é o álibi prático, mas implausível para as várias patologias que convulsionam muitas nações árabes e para as relações tensas entre elas.

TERRORISMO E TRAIÇÃO

A Organização para Libertação da Palestina, sustentada plenamente com o dinheiro do petróleo árabe e abençoada pelos líderes religiosos islâmicos foi, por muito tempo, a mais conhecida das organizações terroristas árabes, e a ponta-de-lança do terrorismo mundial. Quem poderá esquecer os rostos ferozes que identificaram os palestinos como terroristas aos olhos do mundo, "os matadores encapuzados das Olimpíadas de Munique, os sequestradores de Entebe, os assassinos do navio *Achille Lauro*"?[14] David Lamb escreveu com respeito à al-Fatah de Yasser Arafat, que assumiu a OLP depois da guerra de 1967:

[13] National & International Religious Report, 26 de dezembro de 1994, p. 7.
[14] Time, 4 de abril de 1988, p. 47.

> O meio que eles (Arafat e a al-Fatah) escolheram para levar a sua causa perante o mundo foi o terrorismo, e nisso eles se tornaram verdadeiros profissionais. Seus sequestros e assassinatos ganharam as manchetes em todo o mundo, e de repente ninguém mais precisava perguntar quem eram os palestinos. Todo mundo sabia. Eles eram os "terroristas"...
>
> O problema era que a plataforma da OLP era baseada na... destruição de Israel, um país universalmente admirado no Ocidente. O próprio objetivo ficou obscurecido pela retórica e pela carnificina usadas para alcançá-lo...
>
> Sob o comando de Arafat a OLP se transformou na mais conhecida, melhor armada e mais rica organização terrorista do mundo. Mais de um bilhão de dólares... encheram seus cofres durante os anos do petróleo caro... O ex-presidente Ronald Reagan caracterizou toda a organização como "um bando de criminosos".[15]

Agora que a OLP, por razões táticas, adotou uma nova postura de coexistência pacífica com Israel, está em divergência com outros grupos terroristas islâmicos. Os ocidentais costumam pensar que o mundo árabe é unido, quando na verdade há grandes divisões, animosidades, suspeitas e conflitos seculares entre os vários países. Mesmo o movimento fundamentalista está dividido em cerca de 200 grupos independentes que diferem em sua maneira e em seus métodos de revolução e terror, um fato que complica enormemente a tarefa de entender e rechaçar o terrorismo islâmico. Todos os grupos, é claro, estão unidos em seu ódio a Israel e em sua paixão por estabelecer o controle do Islã em todo o mundo.

O mundo islâmico é caracterizado por constante agitação, traição, revolução e guerra. Os líderes árabes desconfiam um do outro e lutam entre si. Somente o Islã e a gana pela destruição de Israel os unem. Embora tenha relações amistosas com as nações ocidentais, a Arábia Saudita tem atacado Israel com a mesma veemência de Saddam Hussein ou Yasser Arafat. A frase do rei Fahd é típica: "A mídia deve exortar os muçulmanos a lançar uma *jihad* [guerra santa]... e a se unirem na confrontação com os judeus e aqueles que os apoiam."[16]

O fundamentalismo islâmico está em alta em todo o Oriente Médio. Alcança até mesmo o Ocidente, onde o islamismo é a religião que cresce mais depressa. Suas mesquitas estão sendo construídas em número crescente por toda a Europa, Inglaterra e Estados Uni-

[15] Lamb, op. cit., pp. 214-17.
[16] Ibid., pp. 102-104.

dos. Esse fato tem implicações ameaçadoras no que diz respeito ao terrorismo mundial. Um especialista no Oriente Médio comenta:

> Na verdade, durante os três Ramadãs que passei no Oriente Médio, pareceu haver um aumento marcante, progressivo do número de árabes que, sem vacilar, obedecem a todas as restrições do Corão para a observância do mês sagrado... até mesmo diplomatas, professores e homens de negócios se ajuntaram à massa - pelo menos para consumo público. Esse movimento em direção à completa obediência religiosa é, no meu entender, a tendência mais significativa no mundo árabe hoje em dia. Nesse processo... o Oriente Médio está se tornando menos tolerante...[17]

Mesmo os governos árabes que financiaram o terrorismo islâmico podem acabar sendo alvo de agressão. O Kuwait foi o principal financiador da OLP durante seus dias mais destrutivos. Os terroristas da OLP haviam jurado "combater Israel" matando civis, incluindo cidadãos de qualquer país amigo de Israel. Depois que vários diplomatas, inclusive um embaixador norte-americano, foram assassinados, alguém perguntou ao Emir do Kuwait se ele continuaria a financiar a OLP. Ele respondeu que iria sim, "sem qualquer limite nos gastos".

Como foi que a OLP retribuiu ao Kuwait e à Arábia Saudita pelos bilhões de dólares que estes haviam contribuído em seu apoio ao terrorismo durante anos? Oferecendo ao Iraque informações secretas para sua invasão do Kuwait e sua tentativa de invadir a Arábia Saudita. Com os exércitos de Saddam Hussein estacionados na fronteira com a Arábia Saudita, Arafat, confiante na vitória do Iraque, declarou: "Dizemos ao irmão e líder Saddam Hussein, 'Avance com a bênção de Alá!'"

PROMESSA DO PARAÍSO

Eis aí uma fraternidade de assassinos! Que "deus" abençoaria o terrorismo e a matança de inocentes? Os terroristas islâmicos acreditam estar seguindo as instruções, e ter as bênçãos de Alá. É essa fé que dá aos terroristas islâmicos tamanho zelo e os faz dispostos a sacrificar as próprias vidas pela causa da conquista do mundo pelo Islã.

[17] Ibid.

Na verdade, o massacre de inocentes é uma prática honrada no Islã. Em sua guerra contra o Iraque, a república islâmica do Irã, sob a orientação dos líderes religiosos, limpou campos minados utilizando milhares de garotos de escolas primárias para andar à frente das tropas e dos tanques. Num único campo minado, em 1982, cerca de 5.000 crianças foram feitas em pedaços nas explosões das minas para que o exército marchasse pelo caminho aberto.[18] Tal sacrifício fanático de vidas é considerado a mais alta façanha no Islã. Como explicou o aiatolá Khomeini: "A mais pura alegria do Islã é matar ou morrer por Alá." Ambas as opções trazem consigo a promessa do paraíso.

Para a mente ocidental é impensável que "Deus" pudesse encorajar tal massacre. Para o muçulmano, todavia, violência e derramamento de sangue são a expressão máxima da religião e o caminho seguro para a recompensa eterna. Não é à toa que nos Estados Unidos se gasta muito mais com medidas mais severas de segurança contra o terrorismo do que com todas as formas tradicionais de policiamento.

A oferta de um lugar certo no paraíso feita pelo Islã aos que morrem na *jihad* estimula os terroristas mais eficazes: os bombardeiros suicidas. Escondendo explosivos em seu próprio corpo e sacrificando as próprias vidas, esses zelotes do Islã representam o terrorismo mais difícil de detectar e prevenir. David Lamb nos lembra de um exemplo incrível que ilustra o vasto abismo entre a moralidade judaico-cristã e a moralidade islâmica:

> Quando um soldado egípcio chamado Suleiman Khater perdeu o juízo no Sinai e matou cinco turistas israelenses, o que fez o Irã? Declarou-o um herói, deu seu nome a uma rua e escolheu um dia no ano para homenageá-lo...
>
> Os fanáticos do Oriente Médio consideram os terroristas como os espanhóis consideram seus toureiros famosos. Eles são jovens, charmosos, nacionalistas e ousados. Eles enfrentam a morte estoicamente, até mesmo buscam a morte... [pelo] reconhecimento [que ela traz]. Os rostos desses [heróis] martirizados contemplam você do alto de mil muros cheios de cartazes em Beirute e Teerã...[19]

A *Jihad* Islâmica foi responsável pela maioria dos ataques suicidas contra Israel. Seu dirigente em Damasco desde 1989 tem sido

[18] Ibid., p. 288.
[19] Ibid., pp. 87-88.

Fathi Shkaki. Entrevistado depois da explosão suicida em Beit Lid, em 19 de janeiro 1995, na qual morreram 21 pessoas, Shkaki expressou sua alegria pelo sucesso da operação. Ele ficou especialmente feliz pela competente execução dos dois bombardeiros suicidas de Gaza, que haviam usado um novo tipo de ataque cuidadosamente planejado. Shkaki explicou orgulhosamente:

> Na hora marcada, saíram de Gaza para Tel-Aviv, e de Tel-Aviv para a estação do ônibus militar, que estava bem protegida. Ao lado da estação militar havia um pequeno café frequentado por soldados. Os dois rapazes coordenaram o ataque: o primeiro iria entrar no café e explodir a si mesmo, enquanto o segundo esperava do lado de fora, aguardando que os soldados saíssem, para então correr para o meio da multidão e explodir a si mesmo.[20]

Uma das missões suicidas mais espetaculares, se tivesse sido bem sucedida, começou com o sequestro do voo 8969 da Air France, na hora da decolagem do aeroporto Houari Boumediene em Argel, com destino a Paris e 227 passageiros a bordo. Os quatro sequestradores muçulmanos, pertencentes ao Grupo Armado Islâmico, todos na faixa dos vinte e cinco anos de idade, liderados por Adbul Abdullah Yahia, assumiram o controle enquanto o avião ainda estava no solo. Colocaram explosivos em locais estratégicos do avião. Planejavam detonar essas cargas sobre Paris, matando a si mesmos, todos os passageiros e a tripulação, e despejando destroços flamejantes e quinze toneladas de combustível inflamado sobre a capital da França. No entanto, policiais anti-terrorismo tomaram o avião de assalto quando ele pousou para reabastecimento em Marselha. Todos os quatro terroristas foram mortos no ataque, e 16 passageiros e a tripulação foram feridos, mas a missão suicida foi abortada e centenas, talvez milhares, de vidas foram salvas. Ninguém sabe quando uma missão semelhante será empreendida de novo, mas é certo que outras ocorrerão.

CONFIAR EM ARAFAT?

A lei religiosa judaica exige que todo o corpo de uma pessoa falecida receba enterro apropriado. Os telespectadores israelenses em janeiro de 1995 viram essa lei em ação ao assistirem representantes

[20] Time, 6 de fevereiro de 1995, p. 34.

barbudos do rabinato usando espátulas para recuperar pedaços de carne humana na cena do ataque suicida da estação de Beit Lid. Vinte das vinte e uma vítimas eram soldados entre 18 e 24 anos de idade. Os israelitas ficaram chocados não só com a morte dos soldados, mas com o fato de que todos eram membros de uma tropa de elite cujo propósito é proteger o resto da nação contra tais ataques. A reação dos israelenses foi mais do que ira e angústia; ficou claro que já estavam fartos desse tipo de coisa.[21]

Israel está insistindo para que Arafat reprima os militantes islâmicos que operam em seu território, e Washington pressiona Arafat para condenar tal tipo de terrorismo. Mas como pode ele condenar os métodos que ele mesmo empregou por tanto tempo? A situação seria engraçada se não fosse tão trágica. Suponhamos que Arafat condenasse o terrorismo; como é que qualquer árabe poderia levar a sério tal condenação se o próprio Arafat foi o campeão mundial do terrorismo por vários anos (e ainda o apoia secretamente)? E se ele fosse levado a sério, perderia o apoio do mundo árabe.

Arafat nunca pediu desculpas a Israel ou ao resto do mundo por aqueles a quem matou e mutilou. Além disso, a carta de fundação da OLP mantém a cláusula que exige a destruição de Israel. Incrível! Como Israel pode imaginar que a OLP fala sério sobre uma "paz" justa e duradoura? Todas essas conversações não passam de um plano antigo de conquistar uma base territorial em Israel de onde lançar mais eficazmente a sua destruição final.

Como parte do acordo que entrega o controle da Cisjordânia e da Faixa de Gaza à OLP, Arafat prometeu retirar da Constituição da OLP a cláusula que exige a destruição de Israel. Agora que a OLP tem o controle dessas áreas, todavia, está dizendo a Israel que a constituição não pode ser mudada! O principal negociador da OLP, Nabil Shaath, afirmou no começo de janeiro de 1995 que "não é possível, nas atuais condições, mudar a constituição palestina, que exige a eliminação de Israel". Seis meses antes, ele havia expressado sua confiança de que "o Conselho Palestino logo se reuniria em Gaza para mudar a constituição".[22] Os líderes israelenses deveriam ter antecipado essa protelação desde o princípio. Abandonar o alvo de eliminar Israel seria renunciar ao Islã e admitir que seu ensino, que afirma que a terra pertence aos muçulmanos, não foi inspirado pelo Deus verdadeiro, afinal. Nenhum muçulmano permitiria tamanha heresia.

[21] Ibid., pp. 32-33.

[22] Sharek al-Awsat (um jornal saudita, publicado semanalmente em Londres), conforme citado pelo *Jerusalem Post International Edition*, semana terminada em 21 de janeiro de 1995, p. 13.

Uma Enorme Diferença

Israel, é claro, não deixa de ter sua parcela de culpa. Não se pode aceitar automaticamente tudo que os israelenses têm feito. Como afirmou um escritor:

> Tenho em meus arquivos uma cópia de um cartaz de PROCURA-SE, emitido pelas autoridades coloniais britânicas em 1943. Mostra fotos de frente e perfil de dez homens caçados como terroristas, apresentados em ordem alfabética; o primeiro retrato é de um funcionário da polícia, cujas "peculiaridades" são "usa óculos, tem pés chatos e dentes ruins". Seu nome era Menahem Begin, e ele e seu colega, Yitzhak Shamir, também suspeito de terrorismo, viriam a se tornar primeiros-ministros de Israel. Begin também viria a ganhar o Prêmio Nobel da Paz, compartilhando essa honraria com o presidente egípcio Anwar Sadat.[23]

O Mossad, a polícia secreta de Israel, como qualquer outro serviço secreto nacional, não está acima da tortura e da crueldade, nem mesmo de apoio ao terrorismo para sua própria proteção e para atingir os seus objetivos. Tais táticas são normais no mundo da intriga política internacional, e qualquer nação que deixe de usá-las logo estaria em séria desvantagem. Exatamente nesse ponto, todavia, observa-se uma enorme diferença entre Israel e seus vizinhos árabes.

A destruição de Israel é abertamente defendida, até mesmo alardeada, como política oficial dos países árabes. É parte de sua religião. Ouve-se o grito da *jihad* em cada mesquita e até de alto-falantes que berram palavras de ordem nas ruas dos países árabes. No entanto, nunca se ouvem gritos semelhantes em Israel. Os israelenses só querem ser deixados em paz, ser aceitos entre seus vizinhos com o direito legítimo de existir dentro de fronteiras nacionais seguras.

OBEDIÊNCIA AO CORÃO

Não é por acaso que grande parte do terrorismo internacional seja praticado por muçulmanos, nem é estranho que eles não sintam quaisquer remorsos pelo assassinato de mulheres e crianças inocentes. Afinal, todas as vítimas são vistas como infiéis. Também não pode ser negado que é o Corão que dá a um jovem muçulmano

[23] Lamb, op. cit., p. 85.

a coragem de amarrar uma bomba a seu próprio corpo e detoná-la para matar judeus em Israel. Tal ato, infame por qualquer outro padrão, conquista para o muçulmano a mais alta recompensa no céu. Diz-se que quando Abu Dharr perguntou a Maomé qual seria a mais nobre das ações, o profeta teria respondido: "Fé em Deus e *Jihad* em Seu caminho".

A Sura 9.19 claramente declara que crer em Alá e no Último Dia e lutar "pela causa de Alá"... obterá a mais alta dignidade junto a Alá, acima de qualquer outra pessoa no Islã. *Jihad* é a luta para promover o Islã por todo e qualquer meio, e é a obrigação de todos os muçulmanos. Além do mais, a *Jihad* foi usada pelo próprio Maomé para ganho próprio. A Sura 61.10-12 deixa claro que lutar por Alá, além de ser um dever religioso, é também um meio de adquirir riqueza. A Hadite, coletânea de tradições islâmicas, diz que a *Jihad* é:

> o melhor método de conquistar [bênçãos] espirituais e temporais. Se a vitória for ganha, há o enorme despojo do país conquistado, que não pode ser igualado por qualquer outro tipo de renda. Se acontecerem a derrota ou a morte, haverá o paraíso eterno.[24]

Exemplos da exigência de violência contra não-muçulmanos são tão numerosos, tanto no Corão quanto nas tradições islâmicas, que o assunto sequer admite debate. Maomé diz, por exemplo:

> Aquele que morre sem ter lutado, ou sem ter sentido que esse é seu dever, morre com a culpa de uma espécie de hipocrisia... Não há emigração depois da conquista, apenas a continuação da *jihad*... de modo que quando fores convocado para lutar, vai!... A última hora não virá antes que os muçulmanos lutem contra os judeus e os destruam.[25]

Lembre-se de que é Maomé quem está falando. Esta é a lei do Islã. Esta é a religião dos que agora, sob pretexto de desejarem a paz, estão ganhando territórios em Israel e assumindo posições para o ataque final. Como é que os líderes israelenses podem ignorar o óbvio?

REAVIVAMENTO DE ZELO RELIGIOSO

A ascendência do fundamentalismo islâmico pode ser datada da terrível derrota sofrida pelos árabes às mãos dos israelenses na

[24] *Mishkat Masabih*, Vol. II, p. 253.
[25] Ver especialmente *Mishkat* al *Masabih* Sh. M. Ashraf (1990), pp. 147, 721, 810-11, 1130, etc.

guerra de 1967. Gamal Abdel Nasser, [presidente da República Árabe Unida (Egito e Síria) - N.T.], tinha levado os árabes a crer que a vitória, depois de 19 anos de preparativos, estava assegurada. A derrota devastadora foi, por isso, duplamente humilhante. Foi essa derrota, todavia, que provocou o atual reavivamento do Islã.

Os líderes religiosos islâmicos começaram a pregar que Alá havia punido as nações árabes pela secularização da sociedade. A única esperança de vitória contra Israel seria um retorno sincero e completo à prática dedicada do Islã, em obediência ao Corão. As mesquitas começaram a se encher de adoradores ansiosos por livrar-se da culpa pela sua falta de fidelidade anterior, e pela derrota para Israel, que presumivelmente resultara dela.

Desse reavivamento de zelo religioso surgiu boa parte do terrorismo atual. A partir daí, os nomes que os grupos terroristas adotaram revelam a sua motivação religiosa e sua convicção de que estão ao lado de Maomé, cumprindo a vontade de Alá. Considere os nomes desses grupos: *Jihad* Islâmica (Guerra Santa Islâmica), al-Dawa (A Chamada) e Hezbollah (Partido de Deus). Como indicou um escritor que estudou a fundo o Islã e a cultura árabe:

> Há alguns anos, o grão-mufti de Jerusalém, xeque Saadeddin Alami, emitiu uma ordem religiosa para o assassinato do presidente Hafez Assad, da Síria, afirmando que o assassino dele teria um lugar assegurado no paraíso. Tal convocação por um líder espiritual em qualquer outra parte do mundo seria considerada um fato extraordinário; no Oriente Médio ela não provocou qualquer reação.[26]

ÓDIO MAL DIRECIONADO

Esses terroristas que se dispõem a dar suas vidas para tirar a vida de outras pessoas são motivados por um profundo sentimento de injustiça alimentado por anos de ódio islâmico contra os judeus, por terem eles "roubado a Terra Prometida". Qualquer pessoa ou nação que tenha ajudado Israel também é um alvo legítimo. AS vítimas desses terroristas, quase sempre são civis inocentes, incluindo mulheres e crianças, que não podem nem remotamente ser culpados pelas injustiças, reais ou imaginárias, contra as quais os terroristas lutam.

[26] Lamb, op. cit., 87-88.

Que conexão poderia haver entre a suposta conquista da Palestina por Israel e o massacre de turistas nos aeroportos de Roma ou Viena, ou qualquer outro lugar? Uma nota encontrada no bolso de um dos terroristas que atacaram o aeroporto internacional de Roma reflete o tipo de mentalidade distorcida produzida por anos de lavagem cerebral religiosa:

> Assim como vocês violaram nossa terra, nossa honra, nosso povo, nós iremos atingi-los em toda parte, até mesmo a seus filhos, para que vocês sintam a tristeza de nossos filhos. As lágrimas que temos derramado serão lavadas com o seu sangue.[27]

Entender um raciocínio tão demente é uma verdadeira luta. Como é que estrangeiros de países distantes, escolhidos e mortos ao acaso, pessoas que, provavelmente, jamais sequer visitaram o Oriente Médio, podem ser culpadas de violar "nossa terra, nossa honra, nosso povo"? Esse é o ódio mal dirigido que o Islã produz. A maior parte dos recrutas para tais missões foi criada nas condições horríveis que ainda predominam nos campos de refugiados palestinos, cujos habitantes são ensinados, desde a infância, a colocar toda a culpa de seu sofrimento nos ombros de Israel e seus aliados no Ocidente.

A verdade, entretanto, é que a Jordânia tomou muito mais terra dos palestinos do que Israel. Além do mais, essa gente infeliz vem sendo mantida em tais acampamentos por nações árabes que, com sua vultosa renda do petróleo, certamente possuíam os recursos para lhes oferecer uma vida melhor. Ao invés disso, os palestinos deslocados de seus lares vivem como verdadeiros reféns em condições sub- humanas para serem usados como peões no jogo de atrair apoio internacional na luta contra Israel. O escritor David Lamb fala de suas frustrações quando o chefe de uma delegação palestina deixou de chegar na hora certa para uma reunião no seu escritório em Washington. O assistente da delegação "se esquivou de responder a única pergunta que lhe foi feita: 'Com tanto dinheiro no mundo árabe, por que os palestinos ainda vivem em acampamentos de refugiados?'"[28] A razão é bem clara.

APOIO AMPLO AO TERRORISMO

O terrorismo árabe é muitas vezes justificado como um erro de uma pequena minoria de fanáticos fundamentalistas islâmicos

---

[27] Ibid., p. 92.

[28] Ibid., p. x.

que estão fora de sintonia com a vertente principal do islamismo e com o mundo árabe educado. Isso, todavia, não explica o fato de que tantas nações árabes ofereçam abrigo e apoio financeiro a esses terroristas. Durante a Guerra do Golfo, enquanto alguns Estados árabes se uniram na luta contra Saddam Hussein, muitos outros, assim como a Jordânia e a Síria, ofereceram-lhe apoio e aprovaram sua conduta infame, conduta que incluiu o assassinato brutal de milhares de civis e a criação deliberada, com o incêndio criminoso dos poços de petróleo do Kuwait, do pior acidente ecológico da história.

Na verdade, Hussein foi encarado como herói pela maioria dos árabes, incluindo os que vivem nos Estados Unidos. Uma pesquisa feita pelo jornal USA Today descobriu que apenas 18% dos árabes muçulmanos que viviam nos Estados Unidos na época permitiriam que seus filhos participassem do esforço de guerra americano contra Saddam, e que 62% não aprovaram a maneira pelo qual o presidente Bush lidou com a situação.[29]

O ditador da Líbia, Moammar Kadafi fala por milhões de muçulmanos quando afirma: "A solução para todos os problemas do homem é o Islã." E quando Kadafi exorta os muçulmanos do Zaire a promoverem uma *jihad* para derrubar o governo daquele país e diz: "Quem matar esse homem [Mobutu, presidente do Zaire] irá para o paraíso"[30], não está expressando meramente o fanatismo de um indivíduo, mas o ensino do próprio Islã.

O Islã não é uma mera religião, é um estilo de vida. A ideia de separação entre Igreja e Estado, tão comumente aceita no Ocidente, é anátema no Islã. Um governo secular é um escândalo para um muçulmano, e os fundamentalistas islâmicos estão ativamente envolvidos em derrubar tais governos nas nações árabes e instalar a Shari'a (Lei Islâmica) em seu lugar. O erudito islâmico Abd-al Masih explica:

> O Islã não significa apenas uma religião para a mente, a alma e o coração do homem; é uma cultura abrangente, uma sociedade teocêntrica em que cada área da vida, educação, economia, família e política estão relacionadas a Alá. Nem sequer se discute a separação entre o trono e o púlpito, ou entre a política e a religião.[31]

[29] USA Today, 6 de fevereiro de 1991.
[30] Nigerian Sunday Punch, 2 de janeiro de 1986.
[31] Abd-al-Masih, op. cit., p. 32.

FAZENDO O JOGO DO ISLÃ

O que faz o Ocidente jogar o jogo do Islã é mais do que ignorância da verdadeira natureza do islamismo. Muitas vezes, os benefícios comerciais e os lucros derivados das parcerias com os árabes seduzem os ocidentais a apoiarem o terrorismo em troca de lucros egoístas. Em 1986, quando o então Presidente Reagan apelava aos aliados europeus que não fizessem negócios com Moammar Kadafi, da Líbia, por causa de seu apoio ao terrorismo, "cinco companhias americanas de petróleo com mais de mil empregados americanos estavam baseadas na Líbia, extraindo 42% do petróleo líbio... E onde é que Kadafi conseguira os materiais mortíferos necessários para lançar seus ataques contra os americanos, europeus e árabes? De nenhum outro lugar, senão dos Estados Unidos. Edwin Wilson, comerciante americano e ex-agente da CIA, havia vendido à Líbia vinte e uma toneladas de explosivo C-4 e milhares de detonadores miniaturizados, além de oferecer treinamento especializado aos líbios na arte do terrorismo."[32]

A desinformação apresentada pela mídia ocidental também contribui para a confusão. A despeito da convocação do Corão a matar os infiéis, e do exemplo do próprio Maomé na expansão do Islã pela espada, comentaristas bem-intencionados persistem em negar a violência básica do Islã. Considere-se o exemplo do famoso colunista americano Charley Reese:

> Por razões que variam da ignorância e desleixo à maldade e manobras políticas, várias pessoas estão tentando fazer uma lavagem cerebral do público americano de modo a equacionar o fundamentalismo islâmico com terrorismo. Não permitam que isso aconteça...
>
> Não há nada no ensino islâmico que possa causar pânico a qualquer americano... O Islã adora o mesmo Deus que o cristianismo e o judaísmo... O conceito de *jihad*, ou guerra santa, não difere em nada do conceito cristão da guerra justa. Os muçulmanos só são obrigados a irem à guerra se o próprio Islã for atacado...
>
> Nossos conflitos políticos no Oriente Médio nada têm a ver com religião, por isso não permita que qualquer especialista em desinformação engane você.[33]

[32] Lamb, op. cit., p. 71.

[33] Charley Reese, "People Aren't that Different", em Brandon News & Shopper, 4 de agosto de 1993, pp. 10A, 15A.

O próprio Reese, como muitas outras pessoas em posições de influência, é que sofreu lavagem cerebral. Ele não poderia estar mais errado! Tanto o Corão quanto Maomé exigem guerra contra todos os não-muçulmanos. A Sura 5.33 (ver também 47.4) diz que todos os que se opõem a Alá (i.e., não-muçulmanos ou infiéis) devem ser "mortos ou crucificados ou ter os pés e as mãos decepados, alternadamente, ou ser exilados do país: uma desonra neste mundo e um suplício no Além". Já citamos o Corão quando diz:

> ...Matai os idólatras [os que não adoram a Alá] onde quer que os encontreis, e capturai-os e cercai-os e usai de emboscadas contra eles. Caso se arrependerem e recitarem a oração [i.e., converterem-se ao Islã], e pagarem o tributo, então libertai-os. Alá é perdoador e misericordioso [para com os muçulmanos]... Dos adeptos do Livro, combatei os que não creem em Alá nem no último dia... Marchai para o combate a pé ou montados e empenhai as vossas posses e vossa vida pela causa de Alá! (Suras 9.5,29,41).

Embora a Sura 2.190 diga: "... não sejais os primeiros a agredir. Alá não ama os agressores", outras passagens no Corão justificam a agressão na expansão do Islã. O próprio Maomé com frequência liderava seus seguidores na mais nítida e injustificada agressão contra caravanas, tribos e cidades. Os muçulmanos foram os agressores em batalhas por todo o Norte da África e até em território europeu. O que as forças do Islã estavam fazendo ao conquistar território na Espanha e na França, senão a mais pura agressão? Certamente não foi autodefesa! Aparentemente rejeitar o Islã é constituir-se agressor contra Alá e, assim, justificar a própria morte.

Como já observamos, os terroristas islâmicos geralmente são vistos como radicais ou extremistas, quando na verdade estão apenas obedecendo aos princípios do Islã. Um noticiário típico, datado de janeiro de 1995, afirmou:

> Mais de 500 pessoas já foram mortas na campanha que os radicais movem há três anos para derrubar o governo secular do presidente Hosni Mubarak e impor uma teocracia islâmica... Os ataques de segunda-feira [2 de janeiro de 1995, onde morreram oito policiais e três civis] pareceram ser coordenados, disse a polícia. Começaram quando os atacantes pararam um mini-ônibus e atiraram nos

ocupantes, matando cinco policiais e dois civis. Num segundo ataque, os atacantes mataram um policial e um civil num caminhão, além de ferir outro civil. Os outros dois policiais foram mortos em ataques contra um segundo ônibus e outro caminhão.[34]

Ataques terroristas semelhantes estão aumentando, mas a mídia continua evitando o fato de que o próprio Islã é o que inspira a determinação de destruir Israel e todos que o apoiam. O terrorismo persistirá em sua obediência ao Corão, que exige a conversão ou a subjugação forçada de todos os não-muçulmanos. A situação se torna ainda pior quando a verdade é suprimida e a desinformação é promovida.

A GRANDE DISSIMULAÇÃO DA MÍDIA

O preconceito da mídia ocidental contra Israel e a favor dos árabes é demonstrado quase que diariamente. Consideremos a sanitização da Hamas, uma organização terrorista, depois que um de seus agentes se explodiu dentro de um ônibus em Tel-Aviv, matando 22 pessoas e ferindo muitas outras.[35] Naquela mesma tarde a comentarista da CNN, Hilary Bowker, entrevistou uma "especialista", Rosemary Hollis, para esclarecer o incidente. Bowker comentou que apesar da maioria das pessoas pensarem numa organização terrorista ao ouvirem a palavra "Hamas", na realidade "o grupo faz muitas outras coisas além disso...".

Hollis apressou-se em "tomar posse da bola e marcar um gol de placa": "Eles fazem parte da comunidade. Muitos profissionais do Hamas... realizam atividades em prol da comunidade maior... nas escolas, ou nas clínicas ou por meio das mesquitas, oferecendo apoio geral à população pobre em suas necessidades." Bowker respondeu que nos primeiros dias na organização, quando estava envolvida apenas em ações humanitárias, Israel ajudara a sustentar o Hamas para dividir a comunidade árabe. A implicação era de que, por isso, Israel era tão culpado quanto os que cometeram o ato infame, porque parara de sustentar o Hamas e começara a lidar diretamente com a OLP.

Outras redes de televisão continuaram com a dissimulação. Dois dias mais tarde, uma distorção semelhante foi apresentada no programa de notícias mais assistido dos Estados Unidos, *World News*

[34] The Orange County Register, 3 de janeiro de 1995, p. 6.
[35] The Messianic Times, inverno de 1995, p. 13.

Tonight, da rede ABC, com o âncora Peter Jennings. O jornal *Jerusalem Post* descreveu assim o programa: "Quando se trata de transformar um massacre de israelenses em propaganda pró- palestina, não há pessoa mais hábil que Peter Jennings da rede ABC."[36] Não houve sequer uma palavra sobre o fato de que pessoas haviam morrido na explosão do ônibus, que Jennings explicou como um ato de vingança por um ataque anterior contra uma mesquita por um colono israelense. É claro que Jennings não distinguiu entre um ato impensado praticado por um indivíduo desequilibrado, agindo por conta própria, e um ataque cuidadosamente planejado e coordenado por uma organização terrorista que ano após ano se devotou a um terrorismo friamente calculado com o apoio e a bênção do mundo árabe/islâmico.

Jennings entrevistou longamente Arafat, mas não conversou com qualquer representante israelense. A maior parte do programa foi dedicada a justificar o Hamas, que segundo Jennings ganhou projeção "quando o governo israelense expulsou 400 de seus membros para o sul do Líbano no outono de 1992". Esses "muçulmanos devotos e politicamente atentos" foram elogiados como heróis que suportaram invernos frios em tendas e retornaram em triunfo "quando os israelenses foram pressionados a recebê-los de volta ao seu lar...".

Nenhuma culpa foi lançada contra o Hamas. Seus ataques terroristas, sequestros e assassinatos foram mencionados obliquamente como "ataques contra a polícia de fronteira de Israel", sem qualquer menção de vítimas israelenses. Israel chegou a ser acusado pela morte de um de seus soldados, Nahshon Wachsman, que foi sequestrado pelo Hamas e que, segundo Jennings, "morreu quando os israelenses tentaram libertá-lo à força". As ações de autodefesa dos israelenses foram postos na mesma categoria dos ataques de terroristas dedicados ao homicídio; a moral da história foi que as medidas repressivas de Israel em resposta ao terrorismo somente serviam para fortalecer esses dedicados combatentes da liberdade.

Mas o comentarista Tom Brokaw foi além. Ele viajou a Jerusalém, de onde transmitiu um programa chamado: "A História dos Pais Israelenses". O programa "apresentava entrevistas com o pai de Nahshon Wachsman, Yehuda Wachsman, e com Tyassir Natsche, 'um rico comerciante árabe', pai de um dos sequestradores de Nahshon. Comentou Brokaw: 'Dois pais no Oriente Médio, ambos

[36] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada em 26 de novembro de 1994, p. 13.

de luto... homens religiosos, unidos, por agora, apenas pelas mortes de seus filhos'."[37]

Fica-se imaginando através de que tipo de raciocínio a morte do homem assassinado poderia ser posta no mesmo nível da morte do homem que o sequestrara e matara. Tente fazer os pais da vítima de um assassino qualquer aceitarem esses valores e verá que mentira magistral Tom Brokaw perpetrou! O Hamas não podia sequer ser comparado a um assassino em série qualquer, que segue furtivamente suas vítimas uma por uma e as mata para satisfazer alguma paixão pervertida. O Hamas, no pacto que divulgou em 1988, deixou claro que a própria existência de Israel é ilegítima e que todos os muçulmanos estão obrigados a ajudar em sua destruição.

Uma Promessa Falsa de "Nenhuma Compulsão"

Embora nas primeiras partes do Corão se afirme: "Não há compulsão na religião" (Sura 2.256), essas palavras foram escritas quando Maomé ainda não tinha força suficiente para usar a violência contra cristãos ou judeus. Naquela ocasião o profeta ainda alegava crer na Bíblia - na verdade cria que estava pregando a mesma mensagem, não uma nova religião. Mais tarde, porém, quando tinha adquirido força militar suficiente, Maomé começou a guerrear contra os que se recusavam a aceitar sua religião. A mesma conduta agressiva contra não-muçulmanos é apoiada repetidamente na Hadite (coletânea de tradições islâmicas), e sem esse pano-de-fundo é impossível entender o motivo que subjaz a todo o terrorismo islâmico.

Além disso, não há liberdade religiosa para não-muçulmanos em países árabes, e outros direitos básicos também lhes são negados com frequência. É obrigatório ser muçulmano, por exemplo, para ser cidadão da Arábia Saudita. Reuniões cristãs, públicas ou particulares, são proibidas. Cinco cristãos das Filipinas foram há algum tempo aprisionados na Arábia Saudita por realizarem um estudo bíblico em sua casa.[38] No entanto, os muçulmanos que vi- vem no Ocidente exigem aqui a liberdade que é negada aos não-muçulmanos nos países árabes. Ao mesmo tempo, todavia, até mesmo os muçulmanos que vivem no Ocidente não permitem que qualquer pessoa critique o Islã. Veja-se o exemplo de Salman Rushdie que, por ter escrito um livro que criticava o Islã, foi colocado

[37] Ibid.

[38] The Baptist Challenge, dezembro de 1994, p. 8.

na lista internacional dos condenados à morte, com um alto preço por sua morte. O Islã é, assim, uma religião de terror que além de se impor sobre suas vítimas, vinga-se terrivelmente dos que discordam de seus princípios.

E foi dessa forma desde o princípio. Asma, uma poetisa de Medina que atacou Maomé em seus poemas, foi traspassada com uma lança enquanto dormia; Afak, um ancião de 100 anos de idade que escreveu uma sátira contra o profeta, foi morto em seu sono. A respeito de um terceiro poeta de Medina, Kab ibn al-Ashraf, que escrevera versos insultuosos, Maomé perguntou: "Quem vai me livrar desse homem?" "Naquela mesma noite a cabeça cortada do poeta foi deixada aos pés do profeta."[39]

A Imposição de Uma Mentalidade do Século VII

Onde quer que o Islã chegue ao poder extinguem-se as liberdades de consciência, de imprensa, de expressão e de religião. Nos Estados Unidos, milhares de cidadãos, incluindo muçulmanos, protestaram contra a participação na Guerra do Golfo. Na Arábia. Saudita, porém, que era um dos aliados por cuja liberdade os americanos lutaram, não houve liberdade para protestar. O governo advertiu que qualquer pessoa contrária ao esforço de guerra poderia ter uma perna ou mão amputada ou até mesmo ser executada.[40] Como disse um autor:

> Porque não havia o conceito de liberdade pessoal ou de direitos civis na vida tribal da Arábia do século VII, a lei islâmica não reconhece a liberdade de expressão, a liberdade de religião, liberdade de reunião, ou liberdade de imprensa. É por isso que não-muçulmanos, como cristãos ou bahais, são privados até mesmo dos direitos civis mais básicos.
>
> Os déspotas do Império Otomano, e os atuais ditadores da Líbia, Jordânia, Irã, Iraque, Síria, Sudão, Iêmen, etc.. são simplesmente exemplos da tirania árabe do século VII transplantados para tempos modernos...
>
> Prisão sem processo formal, uso de tortura, assassinatos políticos, mutilação de mãos, pés, orelhas, línguas e cabeças, extração de olhos - todas essas coisas são parte da lei islâmica hoje, porque eram parte da cultura árabe do século VII.
>
> Para os ocidentais essas ações são atos de barbárie e não deveriam acontecer no mundo moderno.

[39] Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 168-69. Conforme citado pelo Jerusalem Post International Edition, semana terminada em 21 de janeiro de 1995, p.3.
[40] Associated Press, 2 de fevereiro de 1991.

> O Islã é uma religião cultural distintamente árabe. A não ser que isso seja claramente entendido, é impossível compreender corretamente o Islã... [e os ocidentais] jamais entenderão, porque os muçulmanos pensam e agem como o fazem...
>
> A negação de direitos civis às mulheres, que está claramente no texto do Corão, reflete a cultura árabe do século VII e sua visão inferior das mulheres.
>
> Mesmo hoje, as mulheres muçulmanas podem ser mantidas prisioneiras em seus próprios lares. Se o marido assim ordenar, elas ficam proibidas de saírem de casa. Ainda lhes é negado o direito de voto em países islâmicos como o Kuwait.
>
> No Irã, as mulheres precisam levar consigo uma permissão por escrito, assinada pelo marido, para estarem fora de casa! Em lugares como a Arábia Saudita a mulher não tem sequer o direito de dirigir um automóvel.[41]

Que o terrorismo seja praticado por fanáticos muçulmanos hoje em dia para difundir a causa de Alá reflete apenas o fato de que a violência foi parte integral do Islã desde seu início. "Durante seus dez anos em Medina, Maomé planejou sessenta e cinco campanhas e ataques militares, e comandou pessoalmente vinte e sete deles."[42] Seguindo o exemplo do profeta, seu primeiro sucessor, Abu Bakr, comandou seus seguidores em muitas batalhas vitoriosas para difundir a nova fé. Os que recusavam tornar-se muçulmanos ou pagar tributo eram mortos. Will Durant escreve:

> À medida que os triunfantes exércitos árabes cresciam com recrutas famintos e ambiciosos, surgia o problema de lhes dar novas terras para conquistar, pelo menos para alimentá-los e pagar-lhes o soldo. O avanço criou seu próprio ímpeto; cada nova vitória exigia mais uma, até que as conquistas árabes - mais rápidas que as romanas, mais duradouras que as dos mongóis - se constituíram no mais impressionante feito da história militar...
>
> Em 635, Damasco foi capturada; em 636, Antioquia; em 638, Jerusalém; em 640, toda a Síria estava em mãos muçulmanas; em 641, a Pérsia e o Egito tinham sido conquistados.[43]

É absolutamente impossível explicar as conquistas árabes como "autodefesa"! Isso foi agressão da pior espécie. Com a vitória, po-

[41] Robert Morey, The Islamic Invasion, (Harvest House Publishers,1992), pp. 26, 32.
[42] Durant, op. cit., Vol. IV, p. 170.
[43] Ibid., p. 188.

rém, vieram a divisão, a intriga, guerras entre tribos e entre cidades, à medida que facções rivais disputavam entre si a liderança do Islã. Mais do que um califa teve seu reinado abreviado por sua morte violenta: Omar I (Umar Abn al-Khattab) foi morto por um escravo persa enquanto dirigia as orações numa mesquita; Othman ibn Affan morreu nas mãos de 500 seguidores de uma seita rebelde do Egito enquanto lia o Corão em seu palácio em Medina; Ali, genro de Maomé (casado com a filha favorita do profeta, Fátima), foi morto por um soldado carijita que traspassou seu cérebro com uma espada envenenada. Os xiitas até hoje fazem peregrinações ao seu túmulo, que consideram tão sagrado quanto a cidade de Meca.

O filho de Ali, Hasan, que se casou 100 vezes, foi envenenado, talvez por uma esposa ciumenta. Certamente ele não era um exemplo de caráter moral elevado. Talvez, a esta altura, já tenhamos dito o suficiente sobre essa ladainha do mal.

Para sempre, ó Senhor, está firmada a tua palavra no céu.
Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos.

— Salmo 119.89,105

Ele te humilhou... para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem.

— Deuteronômio 8.3

Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém.

— Isaías 2.3

Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente.

— Isaías 40.8

Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito... e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.

— Hebreus 4.12

12
A Bíblia ou o Corão?

Quer o governo israelense ou os governos árabes que se opõem a Israel gostem ou não, a controvérsia na qual eles estão envolvidos é religiosa em sua essência e só pode ter uma solução religiosa. Essa solução, se for alcançada, não dependerá de um voto nas Nações Unidas. Ela dependerá de qual autoridade religiosa será aceita como tendo a palavra final. Será que serão os imãs, os aiatolás, os rabinos, o papa, ou as Escrituras dessas religiões? No último caso, será a Bíblia ou o Corão?

Os líderes do Vaticano estão convencidos de que a sua igreja finalmente dará a resposta autorizada ao dilema mundial com relação a Jerusalém. É por isso que Roma se envolveu em seu acordo com Israel. O pontífice romano espera um dia presidir sobre uma parceria ecumênica entre judaísmo, islamismo e catolicismo romano (como o "verdadeiro cristianismo") - uma parceria na qual todos os três coexistirão pacificamente no mundo inteiro. O plano é que essas religiões tenham centros mundiais em Jerusalém sob a direção do Vaticano. Líderes israelenses aparentemente ignorantes das verdadeiras intenções do Vaticano, estão, infelizmente, participando desse esquema.

A Necessidade de Discussões Abertas

Devemos, pois, fazer uma comparação breve, mas do judaísmo e do cristianismo, entre catolicismo romano e cristianismo bíblico. Os assuntos envolvidos são realmente controversos e volúveis, mas devem ser encarados sem preconceitos. Para isso, deve haver uma sinceridade possível apenas pela falta de medo de ser atacado por aqueles que podem ficar ofendidos diante de uma opinião expressada francamente que não seja favorável à sua religião.

Existe pouco risco das depredações cruéis das guerras protestantes/católicas passadas serem, atualmente, repetidas. A ênfase hoje está no ecumenismo, apesar de ser por razões enganosas. Muçulmanos, porém, ainda ameaçam abertamente com a morte aqueles que não quiserem aceitar a sua religião; e o perigo de tornar-se vítima dos fundamentalistas islâmicos que praticam terrorismo mundial é muito real hoje. Alguém que já estudou o islamismo há anos e tem participado frequentemente de discussões e debates com muçulmanos, disse com sabedoria:

> Após anos lidando com muçulmanos, descobrimos que é essencial, no início, fazer com que concordem com o fato de que o Ocidente tem liberdade religiosa, o que significa que temos o direito de criticar a Bíblia, o Corão, o Hadith, os Vedas, o Livro de Mórmon e qualquer outro livro "sagrado".
>
> Tais discussões não devem ser vistas como um ataque pessoal ou difamação. Elas devem ser desenroladas de maneira objetiva e séria para que a verdade seja descoberta.
>
> Qualquer religião que se recusa a permitir que as pessoas examinem o seu livro sagrado usando as regras normais de pesquisa e lógica, evidentemente tem algo para esconder.[1]

Algumas Distinções Básicas

Os muçulmanos seguem o Corão, e os judeus, o Antigo Testamento. Os cristãos reconhecem o Antigo e o Novo Testamentos como inspirados por Deus e infalíveis; a autoridade final e suficiente em todos os assuntos da fé. Os muçulmanos acrescentaram o "Hadith", ou a tradição, com autoridade igual à do Corão, e o seguem

[1] Robert Morey, The Islamic Invasion: Confronting the World's Fastest Growing Religion (Harvest House Publishers, 1992), p. 132.

mesmo quando ele contradiz o Corão. O catolicismo romano, da mesma forma, adicionou as suas tradições à altura da autoridade da Bíblia e as segue mesmo quando contradizem a Palavra de Deus. A Igreja Católica Romana, com seus papas, cardeais e bispos, afirma representar Cristo no mundo, insiste que só ela pode interpretar a Bíblia, e exige obediência a seus próprios rituais e regulamentos.

A declaração de infalibilidade da Igreja Católica Romana impede que ela confesse publicamente e se arrependa de sua atitude antissemita por toda a história, de seu apoio a Hitler e Mussolini, e de sua política de genocídio através dos séculos com relação aos cristãos que não se curvavam à sua autoridade.

O islamismo reconhece Jesus Cristo como um grande profeta nascido da virgem (Sura 3.47; 21.91; etc..) que viveu uma vida perfeita, enquanto os judeus, por outro lado, tendem a vê-L0 como um charlatão. O Corão, porém, é ambivalente com relação tanto no Antigo quanto ao Novo Testamento, parecendo, às vezes, apoiá-los e, outras vezes, contradizê-los, o que em si é uma contradição dentro das páginas do Corão. Tanto judeus como cristãos rejeitam a declaração de que o Corão é inspirado por Deus e o veem como sendo composto pelo próprio Maomé e escrito por aqueles que o ouviram.

A Ambivalência do Islamismo em Relação à Bíblia

Na Sura 3.48 ("E ele [Alá] ensinará a ele [Jesus] a Escritura e sabedoria, e a Torá e o Evangelho"); na Sura 5.44 ("Nós revelamos o Torá, onde está orientação e uma luz"); na Sura 5.46 ("Nós derramamos sobre ele [Jesus] o Evangelho onde está orientação e uma luz"); e na Sura 5.48 ("Nós revelamos a Escritura com a verdade, confirmando qualquer Escritura que estava antes dela"), o Corão parece aceitar as Escrituras judaicas e cristãs. A Sura 40.53 declara claramente: "E nós verdadeiramente demos a Moisés a orientação, e nós causamos os Filhos de Israel a herdar as Escrituras.”.

No entanto, o islamismo na verdade aceita apenas a Torá (os primeiros cinco livros da Bíblia - Sura 2.87), os Salmos de Davi, e os quatro Evangelhos. Mais tarde, para evitar um conflito óbvio entre a Bíblia e o islamismo, o Corão afirma que essas Escrituras judaicas e cristãs foram pervertidas e substituídas pela nova revelação divina registrada no Corão.

Mas a evidência arqueológica é surpreendente, pelo fato de que hoje a nossa Bíblia, tanto o Velho como o Novo Testamentos, é exatamente a mesma de quando foi escrita originalmente e que ela, não o Corão, é um registro confiável. Certamente não houve mudanças na Bíblia durante a vida de Maomé e assim, não se justifica a sua aprovação inicial da Bíblia e, mais tarde, a rejeição ou contradição dela.

Mudanças no Corão

Além disso, é um fato muito conhecido e até reconhecido por estudiosos islâmicos de que várias mudanças foram feitas no Corão. Ali Dashti explica que um dos seguidores de Maomé, Abdollah Sarh, fez muitas sugestões ao profeta sobre como melhorar o Corão refraseando, adicionando, ou tirando algo dele, sugestões que Maomé seguiu. Finalmente, no entanto, Sarh deixou o islamismo, quando acabou chegando à conclusão óbvia de que se o Corão fosse realmente de Deus, não precisaria melhorar a sua linguagem e seus conceitos e não poderia ser mudado. Quando Meca foi conquistada, Abdollah Sarh foi um dos primeiros a ser sentenciado à morte por Maomé, um destino que o Corão impõe a todos que deixam o islamismo. No caso de Sarh, porém, havia uma razão convincente para sua morte: ele sabia demais.

Foi Caliph Uthman que, com muito trabalho, reuniu o texto padronizado do Corão normalmente aceito hoje. Não houve um "manuscrito original" do Corão, como os muçulmanos em geral acreditam. Na verdade, existiram muitas versões que foram copiadas das anotações em pedaços de folhas, cascas de árvore, ossos, e pedras. Essas versões se contradiziam em certos lugares, eram de comprimentos variados, e continham variações confusas de linguagem. Como um autor demonstrou:

> Quanto ao trabalho de Caliph Uthman, as seguintes perguntas históricas devem ser feitas:
>
> 1. Por que ele teve de padronizar um texto comum se um texto [original] padrão já existia?
> 2. Por que ele tentou destruir todos os "outros" manuscritos se não havia manuscritos que se contradiziam?

3. Por que ele teve de usar a pena de morte para forçar as pessoas a aceitarem o seu texto, se todos tinham o mesmo texto?
4. Por que muitas pessoas rejeitaram o seu texto em favor de seus próprios textos?

Essas quatro perguntas revelam o estado de confusão e contradição total que existia na época de Uthman por causa do texto do Quran [Corão].

O fato dele ter mandado todas as cópias antigas do Quran serem destruídas revela o seu medo de que tais cópias mostrassem que seu próprio texto era deficiente tanto por adição a ou subtração do que Maomé realmente disse.

Felizmente, alguns dos materiais antigos sobreviveram e foram recuperados por estudiosos como Arthur Jeffery.

Estudiosos ocidentais demonstraram sem sombra de dúvida que o texto de Uthman não contém todo o Quran. E o que contém não está correto em toda a sua linguagem.

Quanto à afirmação muçulmana de que o Quran não pode ser traduzido, é incrível para nós que o muçulmano inglês Mohammed Pick-thal pôde ser capaz de afirmar: "O Corão não pode ser traduzido" (p. vii), na própria introdução do Corão de sua excelente tradução!...

A verdadeira história da coleção e da criação do texto do Quran revela que as afirmações muçulmanas [de perfeição] são realmente fictícias e não estão de acordo com os fatos. As impressões digitais podem ser vistas em cada página como testemunhas de sua origem humana.[2]

Um Pecador Revelando a Palavra de Deus?

Mesmo o muçulmano que nega que o próprio Maomé escreveu o Corão, crendo que ele foi o profeta inspirado através do qual Alá deu essa nova revelação, deve se preocupar com as admitidas imperfeições morais de Maomé. Por que Alá não escolheria um instrumento santo pelo qual falar a sua palavra? A Bíblia declara que suas páginas não foram escritas **"por vontade humana, entretanto homens [*santos*] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1.21)**. Esse, obviamente, não foi o caso do Corão.

Historiadores árabes admitem que, ao contrário da vida perfeita de Jesus, Maomé mentiu, enganou, cobiçou, trapaceou, roubou, e matou, e, muitas vezes, fez tudo isso *em nome de Alá*. Ele tinha várias mulheres (pelo menos 16 são nomeadas - além das concubinas

[2] Ibid., pp. 125-27.

- quatro vezes as quatro esposas permitidas pelo Corão). Inclusive, uma das esposas de Maomé só tinha oito anos e ainda brincava com brinquedos (de acordo com o Hadith) quando ele a tirou de seus pais para a cama dele. É difícil sugerir que Maomé tenha deixado um exemplo de boa moral para seus seguidores! Na verdade, o Corão deixa claro que Maomé era um pecador que precisava do perdão de Alá (Sura 40.55; etc.).

Contradições, Contradições...

Em qualquer comparação entre a Bíblia e o Corão nota-se imediatamente numerosas contradições e sérios conflitos em alguns dos assuntos mais importantes. O fato óbvio de que ambos não podem estar corretos força o investigador a fazer uma escolha entre eles. O Corão conta algumas das mesmas histórias que a Bíblia, mas geralmente de um ângulo completamente diferente. Por exemplo, onde a Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, deixa claro que toda a família de Noé foi salva para repovoar a terra após o dilúvio, o Corão afirma que um dos filhos de Noé se recusou a entrar na arca e se afogou:

> Noé clamou para seu filho... Ó filho meu! Venha conosco, e não fique com os descrentes. Ele disse: Eu irei para alguma montanha que me salvará da água... então ele se afogou (Sura 11.42,43).

De acordo com a Bíblia, no entanto, "entrou Noé na arca, ele com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos" (Gênesis 7.7). Ambos, o Corão e a Bíblia, não podem ser verdadeiros. Como podemos decidir entre eles? A resposta a essa pergunta não é difícil.

No seu relatório impreciso, do qual os detalhes dados na Bíblia estão faltando, o Corão não nos dá o nome do filho que supostamente se afogou. Em contraste, a Bíblia não somente dá os nomes de todos os três filhos de Noé, mas uma genealogia e um registro historicamente verificáveis de seus descendentes (que repovoaram a terra) por muitas gerações após o dilúvio, incluindo nomes, locais, e características nacionais:

"São estas as gerações dos filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé; e nasceram-lhes filhos depois do dilúvio... São estas as famílias dos filhos de Noé... e destes foram disseminadas as

nações na terra depois do dilúvio [seguido de detalhes]" (Gênesis 10.1,32).

Não é razoável imaginar que na Bíblia tenha inventado a genealogia pós-dilúvio inteira e a história de um dos filhos de Noé que, na verdade, teria morrido no dilúvio. É muito mais provável que a contínua distorção que Maomé faz das histórias bíblicas reflita o fato dele ser iletrado (Sura 7.158) e por isso jamais tenha lido a Bíblia por si próprio. Acredita-se que o seu conhecimento falho resultou de memórias parciais e confusas de conversas com cristãos e judeus, alguns dos quais adulteraram as histórias bíblicas que contaram a Maomé. A *Encyclopedia Britannica* sugere que a distorção da narrativa bíblica –

> pode, na maioria dos casos, ser encontrada nas anedotas legendárias do Hagada judeu e dos Evangelhos Apócrifos... Não há evidências de que [Maomé] sabia ler e a sua dependência da comunicação oral pode explicar alguns de seus erros [e] confusões...[3]

Várias outras contradições demonstram que o Corão está errado. Um dos erros mais óbvios é sua afirmação de que Abraão e Ismael participaram da construção da Caába, um templo pagão. Essa afirmação obviamente não é verdadeira em vista da condenação da idolatria por Deus, a quem Abraão conhecia e adorava. Também a afirmação do Corão de que Abraão e sua descendência viveram no Vale de Meca (Sura 14.37) é indubitavelmente falsa, porque a Terra Prometida era Canaã, muito distante da Arábia Saudita. Mesmo os muçulmanos reconhecem que Abraão, Sara e outros parentes foram enterrados na Caverna de Macpela na terra de Israel. Toda evidência indica que o registro da Bíblia é o preciso. Ele coloca Abraão vivendo e morrendo na Terra Prometida de Canaã, onde foi sepultado ao lado dos ossos de Sara (Gênesis 23.19; 25.9).

Os Mal-Entendidos de Maomé

Há várias indicações no Corão dos mal-entendidos de Maomé com relação ao cristianismo. Por exemplo, Maria, a mãe de Jesus, é confundida com Miriam, a irmã de Moisés (Sura 19.28). Também há confusão entre as circunstâncias do nascimento de Jesus e a trágica fuga de Hagar quando ela foi expulsa da casa de Abraão. O

[3] Encyclopedia Britannica, Vol. 13, p. 479.

Corão conta que Maria deu à luz a Jesus, sozinha, sem o seu marido, José, sob uma palmeira, com fome e sede (Sura 19.22-28), mas não explica como ou o porquê de uma mãe grávida ter se tornado vítima de circunstâncias tão anormais.

A Bíblia, por outro lado, não só conta que no nascimento de Jesus Maria estava acompanhada por seu marido José numa estrebaria em Belém, mas também explica porquê. Um decreto de César Augusto fez com que todo o mundo deveria pagar impostos. José teve de voltar à cidade de sua linhagem para se registrar e pagar impostos, assim como multidões de outros, fazendo com que a pequena hospedaria de Belém fosse incapaz de acomodar a todos. A data e ocorrência verdadeira dessa coleta de impostos é comprovada historicamente por fontes independentes, enquanto o registro vago e improvável no Corão não tem tal apoio.

Obviamente ambos, o Corão e a Bíblia, não podem estar corretos. As várias contradições óbvias entre os dois registros nos forçam a escolher em qual acreditar. Uma consideração importante é o fato de que o Corão foi oralmente recontado por Maomé cerca de 600 anos depois de Cristo, enquanto que o registro do Velho Testamento foi escrito mais de 1000 anos (em alguns casos 2000 anos) antes. É simplesmente lógico deduzir, barrando outras evidências contrárias, que o registro escrito mais próximo dos eventos deve ser o mais preciso.

Que Evidência de Validade?

Porém, não é apenas sua maior antiguidade que aponta o Antigo Testamento como o registro mais preciso. Sua precisão e autenticidade perfeitas estão garantidas de maneira singular, inigualável em qualquer outro lugar do mundo em literatura ou escrituras sagradas. O Antigo Testamento contém centenas de profecias específicas a respeito dos judeus, sua terra, e seu Messias que foram precisamente cumpridas centenas e, em alguns casos, milhares de anos depois de serem registradas pela primeira vez.

A impossibilidade matemática dessas profecias terem se cumprido pelo acaso prova que elas foram inspiradas por Deus. Tal evidência dá segurança de que o resto da Bíblia também foi inspirado divinamente e, logo, é igualmente confiável.

O Corão, por outro lado (como os Vedas hindus ou as escrituras de Confúcio ou de qualquer outra religião), nem tem profecias vá-

lidas, portanto, não prova a sua inspiração. Inclusive, no seu conflito não só com a Bíblia, mas com a história estabelecida, o próprio Corão prova que não é de Deus. Ele não pode ser verificado por qualquer outro meio e carece, pois, de provas de sua veracidade através de evidências inquestionáveis, tais como a Bíblia oferece. Como consequência, o islamismo consistentemente achou necessário impor-se sobre seus "convertidos" através da espada e do terror, como ainda tenta fazer até hoje.

A força não é a solução. No entanto, fundamentalistas islâmicos estão determinados a sujeitar não só os países árabes, mas o mundo inteiro ao Corão, sob a ameaça de violência e morte. Embora Maomé, generosamente, tenha chamado cristãos e judeus a se unirem com os muçulmanos numa só religião (Sura 3.64), isso teria de ser feito em obediência a Alá e aceitando o Corão como a revelação mais recente que ultrapassava a Bíblia tanto dos cristãos como dos judeus.

Um Problema Básico

Ao contrário do Antigo e Novo Testamentos da Bíblia, não houve nenhum manuscrito original do qual o Corão foi derivado. Essa deficiência séria, naturalmente, gerou muita confusão. Maomé, sendo analfabeto, certamente não escreveu suas visões e revelações como elas ocorreram. Ele afirmou que o Corão existia no céu e que pedaços dele tinham sido revelados pelo anjo Gabriel, que o fazia decorar o que ouvia. Assim ele repetia essas revelações oralmente aos outros, que escreviam o que ouviam.

Foi somente depois da morte de Maomé que o Corão foi finalmente reunido. Isso foi realizado com base na memória daqueles que o ouviram falar e na reunião dos "pergaminhos, couro... folhas de palmeiras de tâmaras, cascas de árvore, ossos, etc.." em que seus ouvintes ávidos haviam escrito as revelações de Maomé.[4] Esse tipo de preservação pode explicar parcialmente o porque do Corão apresentar personagens e eventos bíblicos em contos obviamente fictícios.

O texto definitivo do Corão foi finalmente estabelecido em 933, *três séculos* depois da morte de Maomé. Os sunitas tiveram um papel importante nesse processo. Eles desenvolveram, também, e se tornaram seguidores do Hadith (tradição islâmica coletada do testemunho oral decorado e de aplicações de textos do Corão) que che-

[4] Abdullah Mandudi, The Meaning of the Quran (Islamic Publications, Ltd., 1967), p. 17; Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 164, 175, etc.

garam daqueles que conheceram o profeta. Os próprios sunitas estão divididos em várias escolas de interpretação atualmente.

Os xiitas, a segunda maior facção, rejeitam a tradição sunita e são fanáticos na sua adoração de Ali (o primeiro califa), que eles vieram a reverenciar como um mártir abençoado, sem pecado e infalível, e reconhecido por alguns como a encarnação de Alá: "O oitavo imã era Riza, cuja sepultura em Mashhad, no nordeste da Pérsia, é denominado de 'Glória do Mundo Xia'. Em 873, o décimo-segundo imã - Muhammad ibn Hasan - desapareceu no décimo segundo ano de sua vida; na crença xia, ele não morreu, mas espera sua hora de reaparecer e liderar os muçulmanos xiitas à supremacia e ao gozo universal."[5]

Contradições Internas

A sombra de dúvida que cai sobre o Corão é escurecida pelo fato de que, além de contradizer a Bíblia, ele se contradiz constante e seriamente. Essas discrepâncias são de natureza tal, que não podem nem ser desculpadas nem reconciliadas por qualquer racionalização. Por exemplo, a Sura 54.49-50 diz que Alá "criou tudo... num piscar de olhos". Mas de acordo com a Sura 41.9,12, Alá "criou a terra em dois Dias... [e] sete céus em dois Dias..." O verso 10 aumenta a confusão, dizendo que Alá "a abençoou [a terra] e mediu aí seu sustento em quatro Dias...

Numa contradição ainda maior, as Suras 7.54; 10.3; e 32.4 declaram: "Eis! seu Senhor é Alá Quem criou os céus e a terra em seis Dias... e o que há entre eles em Seis Dias." A Sura 32.5 explica que um dia é na verdade "mil anos do que vós conheceis", enquanto a Sura 70.4 declara que um dia com Alá "é Cinquenta mil anos". Nós ficamos imaginando, nesses casos e em outros, o que o Corão realmente quer dizer.

Há contradições demais no Corão para discuti-las todas aqui: erros de história, de lugar e de tempo, de nomes errados dados a muitos personagens bíblicos. Por exemplo, o Corão diz que o nome do pai de Abraão era Azar (Sura 6.75), quando a Bíblia diz que seu nome era Terah (Gênesis 11.26,31). Há também muitos erros científicos no Corão, enquanto na Bíblia não há nenhum. Até as lendas árabes são registradas como se realmente tivessem acontecido com pessoas reais. Para piorar a situação, muitos dos

[5] Durant, op. cit. Vol. IV, pp. 217-18.

erros no Corão foram enganosamente encobertos pelos tradutores. Robert Morey demonstrou:

> Maomé criou discursos fictícios de pessoas na Bíblia usando tais palavras como "muçulmano" e "islamismo" [Sura 5.3; 61.7; etc.] que não existiam nas línguas das pessoas supostamente citadas na época.
>
> Isso seria tão ridículo quanto afirmar que Maomé disse: "Eu prefiro hambúrgueres do MacDonalds".
>
> Obviamente, tal terminologia não existia na época de Maomé! E nem a terminologia de Maomé colocada nas bocas de personagens bíblicos [existia na sua época].
>
> Todas as afirmações atribuídas a Abraão, Isaque, Jacó, Noé, Moisés, Jesus, etc.. contêm palavras e frases que obviamente revelam que [nessas supostas conversas] são fraudes...[6]

O Conflito Mais Sério

Há uma contradição em particular entre o Corão e a Bíblia que merece nossa atenção especial por causa de sua grande importância, envolvendo a questão da identidade, crucificação e ressurreição de Cristo. O Corão admite o nascimento de Cristo de uma virgem (Sura 3.47; 19.20; 21.91; etc..) e que esse miraculoso evento tenha acontecido pelo Espírito de Deus (19.17,21). Já que não há pai humano, e Deus causou a concepção de Maria, a Bíblia chama Jesus de Filho de Deus. Ela nos diz que o anjo Gabriel disse a Maria "**Este** [Jesus] **será grande e será chamado Filho do Altíssimo** [de Deus]..." **(Lucas 1.32)**. Porém o Corão nega que Jesus seja o Filho de Deus (Sura 4.171), uma negação que parece contradizer a Sura 19.17-21.

O fundamento do cristianismo é Cristo ter morrido pelos nossos pecados na cruz. O Corão rejeita essa doutrina- chave. A Sura 4.157 declara que Jesus não foi crucificado: "Eles não o mataram nem crucificaram, mas isso parecia assim a eles... eles o mataram mas não com certeza." O versículo seguinte parece indicar que Jesus nem morreu, mas foi levado vivo por Deus ao céu: "Mas Alá o levou para Si". Porém a Sura 19.33 conta que Jesus falou (incrivelmente, como um bebê na manjedoura - ver versos 29-33) sobre o dia de Sua *morte e ressurreição*: "Paz sobre mim no dia que eu nasci, e no dia que eu morrer, e no dia que serei ressurreto!" Nova-

[6] Morey, op. cit., pp. 142-43.

mente, o Corão nos deixa confusos num ponto principal do qual a Bíblia e a história dão testemunho claro e que confirmam.

Qual o significado dos sacrifícios do Antigo Testamento? Obviamente, o sangue de animais não podia perdoar os pecados. Esses sacrifícios, no entanto, tinham que ser figuras de um sacrifício futuro verdadeiro que pagaria justamente o preço do pecado. Que sacrifício seria esse? Como já vimos, os profetas bíblicos previram a vinda do Messias e Seu sofrimento e morte por nós. Ele seria o Cordeiro que Abraão disse que Deus daria.

Jesus morreu na cruz, não morreu? Até mesmo na sua negação da cruz, o islamismo se contradiz. Se Cristo ainda está vivo no céu, então como é que Maomé pode ser Seu sucessor? Alguns estudiosos muçulmanos creem que as Suras 3.55 e 19.33 indicam que Cristo deve retornar a esta terra para morrer uma morte natural antes do dia da ressurreição. Mesmo se isso fosse verdade, obviamente ainda não aconteceu, o que mais uma vez cria a dúvida de como Maomé (que está inquestionavelmente morto) pode ser o sucessor de Cristo, que ainda não morreu. Ao contrário do túmulo vazio de Jesus fora de Jerusalém, a sepultura de Maomé em Medina, à qual muçulmanos devotos fazem peregrinações, contém os restos do profeta morto.

E os Milagres?

Os milagres são outra comparação interessante. A Bíblia está cheia de registros de numerosos milagres que o Corão reconhece que ocorreram. Porém, não há milagre registrado no Corão. Apesar de ser o profeta original do Islamismo, Maomé não previu sua própria morte e não tomou nenhuma providência para ela ao apontar seu sucessor. Além disso, o próprio Corão deixa claro que Maomé não era capaz de realizar milagres (Sura 17.90-96; 29.50-52, etc.).

Sim, a tradição recente atribui alguns milagres a Maomé, mas mesmo estudiosos islâmicos, tais como Ali Dashti, admitem que foram inventados mais tarde sem nenhum fundamento em fatos históricos. Dashti chama esses registros de milagres de "criação de mitos e fabricação de história dos muçulmanos".[7] No entanto, o islamismo afirma ser superior ao cristianismo e se opõe firmemente a ele tanto quanto ao judaísmo. Um escritor árabe declara:

[7] Ali Dashti, 23 years: A Study of the Prophetic Carrer of Mahammad (London, 1985), p. 3.

> Os muçulmanos afirmam que respeitam a Jesus. Mas muitos de nós sabemos através da experiência que o islamismo é a religião mais anticristã na terra. Ele é muito mais antagonista à fé cristã do que o comunismo jamais foi... Com todas as perseguições que os cristãos sofreram na antiga União Soviética, a Igreja de Cristo ainda prosseguiu, apesar de ser oculta. Na China Comunista hoje, o cristianismo cresce. Mas confessar a Cristo para uma nação islâmica é considerado alta traição [pela qual a penalidade é a morte.] Nenhuma igreja é permitida - nem mesmo uma igreja oficial, como as que eram autorizadas pelos governos comunistas, tem a permissão de operar abertamente num país islâmico![8]

Uma Escolha a Fazer

A Bíblia ou o Corão - qual é a revelação autorizada do verdadeiro Deus que criou o universo e a humanidade e a quem devemos prestar contas? Essa questão, obviamente, contém a chave da paz tanto no Oriente Médio como no resto do mundo. Conflitos de todos os tipos, tanto dentro de uma família, cidade, ou nação, ou guerras entre religiões, grupos étnicos ou nacionais, são todos causados pela busca de interesses egoístas.

O fato de um marido e sua esposa fazerem uma decisão sobre um acordo meio-a-meio não é solução para conflitos domésticos quando o egoísmo natural causa discussões para se definir o que é meio-a-meio. Só quando cada um ama o outro o suficiente para preferir o bem do outro antes de seus próprios desejos é que haverá harmonia real no lar. Assim são as coisas com irmãos e irmãs, pais e filhos, vizinhos e amigos.

De acordo com a Bíblia, o amor não é apenas uma emoção mas é mandamento de Deus. Então se decide, em obediência a Deus, amar mesmo os seus inimigos, e toda a humanidade como a si mesmo, como a Bíblia manda. Sem o reconhecimento de uma autoridade suprema e da disposição de obedecer a Seus mandamentos, esforços diplomáticos para alcançar a paz, com certeza, estão condenados ao fracasso.

A que autoridade o mundo deve se curvar? Será a Alá ou ao Deus da Bíblia? Esses dois não são o mesmo "Deus", tanto quanto o Corão através do qual Alá fala e a Bíblia através da qual Jeová fala não são o mesmo livro. Devemos obedecer ao Corão ou à Bíblia - ou a nenhum deles?

[8] Moshay, op. cit., p. 111.

Se não nos submetermos a nenhuma dessas autoridades rivais, estamos buscando nosso próprio caminho e o mundo está condenado. Se nos submetermos ao Corão, o ingrediente essencial de amor está faltando, porque tal relacionamento está totalmente ausente do islamismo. Se, contudo, todo homem obedecesse aos mandamentos gêmeos da Bíblia - de amar a Deus de todo o seu coração e entendimento e ao próximo como a si mesmo - certamente haveria paz, e só assim.

Alá, não há deus senão Ele, o Sempre-Vivo, o Eterno... A Ele pertence tudo o que está nos céus e tudo o que está na terra.

— Sura 2.255

Dize: Ó Deus... Tu tens poder sobre tudo.

— Sura 3.26

...Ele [Alá] castiga quem lhe apraz e perdoa a quem lhe apraz.

— Sura 5.40

Alá é a luz dos céus e da terra... Alá guia para a Sua luz quem lhe apraz...

— Sura 24.35

...O Senhor [Yahweh/Jeová] é Deus; nenhum outro há senão Ele.

— Deuteronômio 4.35

O que vendo todo o povo, caíram de rosto em terra, e disseram: O Senhor [Yahweh/Jeová] é Deus! O Senhor [Yahweh/Jeová] é Deus!

— 1 Reis 18.39

Mas o Senhor [Yahweh/Jeová] é verdadeiramente Deus; Ele é o Deus vivo e o rei eterno; do seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a Sua indignação.

— Jeremias 10. 10

13

Alá ou Yahweh?

Muçulmanos, cristãos, e judeus afirmam todos serem seguidores do Deus verdadeiro. O Corão diz: "Vosso Deus é o Deus único. Não há deus senão Ele, o Clemente, o Misericordioso" (Sura 2.163). Da mesma forma, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus da Bíblia, declara repetidamente: "**Olhai para mim, e sede salvos... porque eu sou Deus, e não há outro**" **(Isaías 45.22; etc.)**. Alá afirma ser o único que pode salvar a humanidade; mas assim diz o Deus da Bíblia: "**Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador**" **(Isaías 43.11; etc.)**.

Será que Alá é o mesmo que Yahweh/Jeová do Antigo Testamento, que os muçulmanos afirmam aceitar? Será que o conceito judeu do Deus de Abraão, Isaque e Jacó é o mesmo que o do cristão que crê no Pai, Filho e Espírito Santo? Numa aparente tentativa de seduzir os muçulmanos, a Igreja Católica Romana ensina que Alá é o Deus da Bíblia:

> O plano da salvação também inclui aqueles que reconhecem o Criador, primeiramente entre os quais estão os muçulmanos: esses professam ter a fé de Abraão, e juntamente conosco adoram o único, misericordioso Deus, o julgador da humanidade no último dia.[1]

O fato de muçulmanos, cristãos e judeus cada um ter uma opinião diferente de Deus, no entanto, está claro, apesar das tentativas de ecumênicos em afirmar o contrário. Tanto muçulmanos quanto ju-

[1] Austin Flannery, O.P., editor geral, Vatican Council II, The Conciliar and Post Conciliar Documents (Costello Publishing Company, 1988 Revised Edition), Vol. 1,p. 367).

deus negariam que adoram o Deus dos católicos romanos, que é uma trindade. Há, como veremos, diferenças sérias entre as percepções que muçulmanos, judeus e cristãos têm a respeito do "Deus" que cada um aceita. Obviamente, somente um desses três pode ser o único Deus verdadeiro. Qual é? Não há pergunta mais importante que essa.

Toda religião afirma oferecer as revelações do verdadeiro deus ou dos verdadeiros deuses. Porém mesmo nos seus conceitos básicos de divindade há contradições marcantes entre as religiões mundiais, o que significa que nem todas podem estar certas. O hinduísmo, por exemplo, tem multidões de deuses e envolve a adoração de ídolos que supostamente representam esses deuses, já que tudo é deus. Em comparação, o islamismo denuncia a adoração de ídolos e o panteísmo/politeísmo e afirma que Alá é o único Deus verdadeiro. O budismo, que tem filosofias conflitantes, variando desde "tudo existe" até "nem o ser nem os darmas existem", geralmente não possui um deus e é centralizado na "iluminação".

Algumas Distinções

O fato de Alá e o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus da Bíblia e do apóstolo Paulo, não serem um e o mesmo está bem claro, O Deus cristão é um ser triuno de Pai, Filho e Espírito Santo, enquanto Alá é uma entidade singular e individual que destrói ao invés de salvar pecadores como o Deus da Bíblia faz. Alá tem compaixão somente dos íntegros, não procede em graça, mas recompensa apenas as boas obras e, ao contrário do Deus da Bíblia, não tem nenhuma maneira de redimir os perdidos. Alá obviamente não é o Deus da Bíblia.

O Deus da Bíblia condena a idolatria. Porém Alá era o deus principal na Caaba, o templo pagão que Maomé "purificou" ao destruir os mais de 300 ídolos que continha. Então, por que Maomé colocou o mesmo nome de Alá no deus de sua nova religião? Muito provavelmente ele manteve o nome desse antigo deus pagão da Lua porque isso ajudaria a converter idólatras a sua nova religião se eles pudessem receber algo familiar. Porém, os muçulmanos de hoje não veem nenhuma contradição nessa estratégia.

O Deus da Bíblia pode ser conhecido (1 Crônicas 28.9; Isaías 19.21; 43.10; Jeremias 24.7; 31.34; João 17.3; etc.); Alá não pode

ser conhecido. Logo, Alá não pode ser pessoal no sentido verdadeiro, pelo fato de que isso o diminuiria ao nível de conhecimento de outros seres pessoais, tal como o homem. A consequência final é que enquanto o Corão atribui compaixão e misericórdia a Alá, essas emoções não têm explicação racional. Alá pode perdoar, ou pode condenar, como desejar e sem razão racional.

O Deus da Bíblia, por outro lado, é um Deus de justiça cujo perdão deve ter uma base justa. O castigo que a Sua justiça exige deve ser pago antes que Deus possa perdoar; e, porque nenhum humano poderia pagar esse preço, o próprio Deus veio ao mundo como um homem, por meio do nascimento de uma virgem e sofreu o castigo total merecido por um mundo de pecadores. Sua motivação é sempre o mais puro amor.

Há muitas outras diferenças entre Alá e o Deus da Bíblia, mas as mencionadas acima são suficientes para provar que os dois seres não são um e o mesmo, assim como sempre e incorretamente se imagina. Como é desonesto e desonroso para com o Deus bíblico, quando alguém afirma que "judeus, cristãos, e muçulmanos adoraram todos o único Deus"!

Amor Que Não me Deixa

Uma das qualidades mais óbvias que faltam ao islamismo é o amor. Não existe nenhuma entrada para a palavra "amor" no índice da famosa tradução que Marmaduke Pickthall fez do Corão. Obviamente, o amor não é de grande importância no islamismo, apesar dele dizer que "Alá ama os que combatem por Ele em fileiras semelhantes a uma parede bem construída" (Sura 61.4).

O Corão também diz que Alá ama "os benfeitores" (Sura 2.195; 3.148), "os que se mantêm limpos" (2.222), "os que perseveram" (3.146-7), etc., mas nunca que ele ame toda a humanidade, muito menos pecadores. Em comparação, o amor é o principal atributo do Deus da Bíblia, que ama todo o mundo de pecadores, e de quem se diz que Ele é amor. E Ele prova esse amor ao entrar pessoalmente na história para compartilhar nosso sofrimento. Alá, por outro lado, age apenas através de anjos e profetas.

O amor é o elemento principal no Cristianismo verdadeiro. A palavra "amor" aparece 310 vezes em 280 versículos na Bíblia, enquanto as palavras "ama", "amoroso", e "amou", ocorrem mais

179 vezes. O amor é a própria essência do caráter do Deus bíblico: "**Deus é amor" (1 João 4.8)**. O amor de Deus pela humanidade é um tema principal da Bíblia, que está cheia de evidências abundantes desse amor. Por exemplo:

"**Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16).**

"**Nisto se manifestou o amor de Deus em nós, em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4.9-10).**

De acordo com a Bíblia, o primeiro mandamento dado a Israel e a toda humanidade foi: "**Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força" (Deuteronômio 6.5)**. Jesus chamou este de "**o grande e primeiro mandamento" (Mateus 22.38)** e declarou que todos os outros mandamentos podiam ser resumidos como "**Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (v. 39)**. Ele continuou dizendo: "**Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (v. 40)**. Assim também disse o Velho Testamento: "**Mas amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Levítico 19.18)**.

Não pode haver dúvida que assim como o amor é a essência do caráter de Deus, também é a essência de tudo que a Bíblia ensina e exige. Primeira Coríntios 13 é conhecido como o capítulo do amor, e não há nada em toda a literatura mundial que se compare em beleza, como revela esta citação:

"**Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. O amor é paciente, é benigno... não se exaspera, não se ressente do mal... tudo sofre... tudo suporta. O amor jamais acaba... Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor".**

O cristianismo é muito mais que a prática de certos ensinamentos religiosos. Ele envolve um relacionamento amoroso e pessoal com Deus através de Jesus Cristo, que, pelo Seu Espírito, literalmente vive naqueles que abrem seus corações a Ele. Consequentemente, o amor de Deus através de Cristo deve ser expresso em tudo que um cristão pensa, diz e faz. Da mesma maneira que Deus nos amou quando éramos seus inimigos, Cristo espera de um cristão - na verdade ordena ao cristão - que ame também os seus inimigos:

"Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mateus 5.43-44).

A Bíblia declara inequivocamente: **"Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (1 João 4.8)**. Tal é o Deus da Bíblia (em contraste marcante com Alá), e tal deve ser o comportamento de um cristão. Em comparação com o muçulmano, que deve espalhar a mensagem do islamismo com a espada, o cristão deve dar sua vida para trazer a mensagem do amor de Deus, uma mensagem que a humanidade tem a liberdade de aceitar ou rejeitar, pois o amor não se impõe sobre o amado:

"Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós, também, amar uns aos outros... Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós... em que nos deu seu Espírito... E nós conhecemos e cremos o amor que Deus nos tem. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele... Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso... Ora, temos da parte dele este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão" (1 João 4.11-21).

Esse relacionamento de amor de que o cristão desfruta com Deus é desconhecido no islamismo ou em qualquer outra religião. Os versos seguintes de uma música demonstram uma expressão típica dessa intimidade maravilhosa que o cristão desfruta com Deus através de Cristo:

Amor que por amor desceste!
Amor que por amor morreste!
Ah, quanta dor não padeceste!
Minha alma vieste resgatar
e meu amor ganhar.

Amor sublime que perduras,
que em tua graça me seguras,
cercando-me de mil venturas!
Aceita agora, ó Salvador,
o meu humilde amor.

A Conexão Pagã

Geralmente os não-muçulmanos imaginam que Alá é simplesmente a palavra arábica para Deus, como Dieu em francês ou Dios em espanhol. Não é verdade. Alá é uma contração de al-Ilah, o nome pessoal do deus lunar, chefe dos deuses na antiga Caaba. Esse fato continua refletido na lua crescente nos minaretes, nos santuários, nas mesquitas e nas bandeiras nacionais de países islâmicos. Se Alá fosse simplesmente a palavra árabe para Deus, os muçulmanos não hesitariam em usar a palavra Deus em outras línguas. Mas em cada língua eles insistem que seja usado o nome de Alá; seria blasfêmia chamar o deus muçulmano de qualquer coisa exceto Alá.

Depois de várias visões, Maomé começou a se anunciar abertamente como o profeta de Alá e a pregar contra a adoração de outros deuses na Caaba. Essa mensagem radical levou Maomé a grandes conflitos com o povo de sua própria tribo, que lucrava com o fato da Caaba abrigar os deuses favoritos de todas as tribos vizinhas, de modo que os viajantes que estivessem passando por Meca com as caravanas mercantis pudessem adorá-los.

Um marco do islamismo hoje é a sua rejeição de adoração a ídolos. Que estranho, portanto, que seu deus seja Alá, anteriormente o deus favorito da tribo Quraish, bem antes do islamismo ser inventado. Além disso, beijar a Rocha Negra sagrada, um ato que estava no centro da idolatria da Caaba durante séculos, permanece parte integral do islamismo e da peregrinação que cada muçulmano é intimado a fazer a Meca pelo menos uma vez na vida.

A Caaba também continha outras divindades suficientes para satisfazer os impulsos religiosos dos muitos viajantes que passavam por Meca nas caravanas comerciais. Maomé quebrou todos esses ídolos. Mas ele manteve a Rocha Negra, que ainda é beijada hoje pelos muçulmanos. E ele manteve, também, o nome Alá para o deus do islamismo (seu símbolo era a lua crescente) para atrair sua própria tribo.

O Deus da Bíblia afirma inequivocamente: "**Antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador**" **(Isaías 43.10-11)**. E Yahweh também não ignora os deuses de outras religiões. Ele denuncia a todos - cada um (inclusive Alá) dos representados pelos ídolos na Caaba, e todos os outros - como impostores que, na verdade, representam Satanás e os seus demônios: "**Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus**" **(Deuteronômio 32.17)**. O Novo Testamento está de acordo: "**As cousas que eles** [não-judeus] **sacrificam** [a seus deuses], **é a demônios que as sacrificam**" **(1 Coríntios 10.20).**

É difícil imaginar o que um antigo costume pagão de beijar a Rocha Negra teria a ver com o que Maomé afirmava ser uma religião completamente nova que substituía a antiga. Nos dias pré-islâmicos, cada tribo adotava para sua proteção uma pedra sagrada e acreditava-se que ela possuía poderes mágicos. A Rocha Negra da Caaba de hoje foi aquela que a tribo Quraish de Maomé adotou muito antes de seu nascimento. Sua retenção prova que muito do islamismo, ao contrário do que os muçulmanos acreditam, não foi recebido como uma nova revelação do céu, como Maomé afirmava, mas foi simplesmente tomado de empréstimo de antigos costumes pagãos.

Antecipando Maomé

O mesmo acontece em outras áreas do islamismo. Por exemplo, muitas das leis de dieta e exigências de vestimentas ainda impostas sobre os muçulmanos de hoje, 1300 anos após o começo do islamismo, não surgiram da nova religião nem vieram como revelações de Alá, mas há séculos eram costumes de árabes que viviam na época. Porém, a essas exigências é atribuída significância religiosa rigorosa pelos muçulmanos fundamentalistas no presente. O mesmo acontece com o status das mulheres no islamismo: ele reflete a baixa consideração dada a elas na sociedade pré-islâmica, uma opinião já estabelecida antes do nascimento de Maomé. Tal tratamento das mulheres é considerado por não-muçulmanos como sendo não somente degradante, mas cruel e bárbaro pelos padrões atuais.

O fato de Alá ser uma divindade pagã que havia sido adorada há centenas de anos pelos ancestrais de Maomé, e que sacrifícios humanos também eram oferecidos a ele, é até admitido por Ibn Ishaq,

o primeiro biógrafo de Maomé. Em seu trabalho de 768 d.C., Surahtu'l, Ishaq conta como o avô de Maomé, Abdul Muttalib, após orar para Alá, estava prestes a sacrificar um de seus filhos, Abdullah. Foi uma feiticeira em Hijaz que lhe disse que não era a vontade de Alá sacrificar o menino a ele, mas em seu lugar vários camelos deveriam ser sacrificados.[2] Abdullah, tendo sua vida poupada, tornou-se o pai de Maomé.

O próprio nome do pai do profeta, Abdullah (Abd ul allah) significa "servo de Alá". Esse fato fornece mais provas de que Alá, como uma divindade pagã, fora adorado pelos ancestrais de Maomé antes dele ter nascido. Porém, há milhares de anos, o Deus da Bíblia e de Israel, cujo nome é Yahweh ou Jeová, havia proibido a adoração de qualquer outro deus. Certamente Alá e Yahweh não são o mesmo!

Conflito Irreconciliável

Longe de ser uma virtude ou benignidade, é puro cinismo e negação do significado da linguagem sugerir que todas as religiões sejam iguais. É uma afronta aos muçulmanos, por exemplo, sugerir que Alá é o equivalente a muitos deuses do hinduísmo, ou dizer a um cristão que o seu Deus, que deu Seu Filho para morrer por nossos pecados, é o mesmo que Alá, sobre quem foi especificamente afirmado que não tem filho:

> Acreditai, pois, em Alá e em seus mensageiros e não digais: "Trindade". Abstende-vos disso. É melhor para vós. Deus é um Deus único. Glorificado seja! Teria um filho? Como!... Basta-vos Deus por defensor (Sura 4.171).

Também não se pode negar o conflito irreconciliável entre a crença de que Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou (que é a própria alma do cristianismo), e a afirmação muçulmana de que outra pessoa morreu no lugar de Cristo. Esconder tais diferenças debaixo de um tapete ecumênico (como o catolicismo romano tenta fazer) claramente não é uma coisa boa. Também não é possível reconciliar a afirmação de todas as religiões não-cristãs de que o pecado é pago por boas obras (uma crença que o catolicismo também compartilha) com a de-

[2] A. Guillaume, The Life of Muhammad (Oxford University Press, 1955), pp. 66-68 como citado em Moshay, op. cit., p. 16.

claração da Bíblia: "**Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia" (Tito 3.5); "Porque pela graça sois salvos,... não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.8-9).**

Além disso, o cristianismo bíblico (em contraste com as tradições católicas romanas) está de um lado dum abismo teológico, com todas as outras religiões do outro lado. Esse abismo, na verdade, faz com que qualquer união ecumênica seja impossível sem destruir o próprio cristianismo. A própria alma do cristianismo é a afirmação de que Jesus Cristo está absolutamente sozinho, sem rival, na Sua vida perfeita e sem pecado, Sua morte pelos nossos pecados. Sua ressurreição e Sua volta.

A promessa da segunda vinda de Cristo apresenta outro aspecto singular do cristianismo, que o separa de todas as outras religiões do mundo por um abismo que não pode ser atravessado por qualquer truque ecumênico. Maomé jamais prometeu que voltaria, nem Buda ou qualquer outro líder religioso. Apenas Cristo se atreveu a fazer essa promessa. E tal afirmação feita por qualquer outra pessoa além de Cristo não iria receber nenhuma credibilidade, porque os restos mortais de todos os fundadores das religiões mundiais ocupam sepulturas. Eles permanecerão ali até o julgamento final.

Somente Cristo deixou para trás uma sepultura vazia. Esse fato incontestável, que já demonstramos completamente em outros livros, é razão suficiente para aceitar a Sua declaração de divindade e levar a sério Sua afirmação de que retornaria a esse mundo em poder e glória para executar o julgamento sobre os Seus inimigos. A afirmação singular de Cristo: "**Eu sou o caminho, a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14.6)**, é a mais forte possível rejeição de todas as outras religiões como falsas.

Qual a Importância de um Nome?

Uma séria confusão foi causada por algumas traduções da Bíblia (na língua Hausa no norte da Nigéria, por exemplo) usando Alá como uma designação para o Deus da Bíblia. Os tradutores, ao usarem o termo familiar aos muçulmanos do norte da Nigéria, sem dúvida acharam que estavam ajudando. Mas ao usar Alá para Deus na Bíblia Hausa, eles conseguiram, ao invés de ajudar, criar confusão.

Alá não é uma designação linguística genérica para Deus. Alá é o *nome* do deus do islamismo, um nome que, como já observamos, designava o principal deus entre os vários ídolos na Caaba em Meca.

O Deus de Israel, também, tem um *nome*: **YHWH**, tradicionalmente pronunciado Jeová, mas antigamente como Yahweh (ou Javé). A maioria dos cristãos não está ciente de que o *nome* de Deus em todo o Velho Testamento é traduzido *Senhor*, onde o hebraico traz YHWH. Em Êxodo 6.3, Deus diz: "**Pelo meu nome, YHWH, não lhes fui conhecido**"; e na sarça ardente quando Moisés perguntou Seu *nome*, Deus explicou o significado dele dizendo EU SOU O QUE SOU. Logo **YHWH** não significa apenas alguém que é, mas Aquele auto- existente que *é em e por si próprio* (Êxodo 3.13-14).

Unidade e Diversidade

Há dois conceitos gerais de Deus: 1) panteísmo/naturalismo, que o próprio universo é Deus; e 2) supernaturalismo, que o Criador está separado e é distinto de Sua criação. Dentro do segundo conceito estão mais duas maneiras de entender Deus: 1) politeísmo, onde existem muitos deuses; e 2) monoteísmo, que existe apenas um Deus verdadeiro. O próprio monoteísmo está dividido em dois conceitos rivais de Deus: 1) que Deus é uma única pessoa; e 2) que Deus sempre existiu em três Pessoas (não três Deuses diferentes, mas três pessoas que são separadas e distintas num só ser). Obviamente, os cristãos são os únicos que creem no último conceito (apesar de que mesmo alguns que se chamam de cristãos o rejeitem). Mesmo assim, esse é o único conceito lógica e filosoficamente coerente possível de Deus.

Há problemas óbvios e intransponíveis com qualquer outro conceito de Deus além do conceito cristão. O panteísmo tem falhas fatais. Se tudo é Deus, então Deus é mau e bom, doença e saúde, morte e vida. Tal "Deus" faz tanto mal quanto bem, ou talvez ainda mais mal que bem, e não é mais do que a própria natureza, à qual nenhum pedido de ajuda pode ser feito. Orar para um deus panteísta seria orar a uma árvore ou a um vulcão, ao vento, ou a si próprio – obviamente a maior estupidez.

Os problemas do politeísmo são igualmente óbvios. Não há Deus real no controle, de modo que os diversos deuses fazem guerras, roubam as mulheres uns dos outros, e brigam continuamente entre si. Não há paz no céu e, consequente, não existe base para a paz na terra. O problema fundamental do politeísmo é *diversidade sem unidade*.

No outro extremo da escala está a crença em um Deus e que Ele é um ser único. Esse conceito é crido não só por muçulmanos mas também, por causa de um mal-entendimento básico de suas próprias Escrituras, pelos judeus. Logo Alá e Jeová, apesar de diferentes em outros aspectos, são vistos cada um respectivamente por muçulmanos e judeus como entidades únicas. Um conceito semelhante também é crido por várias seitas pseudocristãs, tais como a Testemunhas de Jeová e o Mórmons, que rejeitam a doutrina da Trindade, e por vários grupos cristãos aberrantes que negam a divindade de Cristo. A crença de que Deus é um ser único apresenta o problema oposto do politeísmo: *unidade sem diversidade*. Essa também é uma falha fatal.

O fato de que Deus deve compreender *tanto a unidade quanto a diversidade* é bem fácil de ver. Por exemplo, Alá, sendo uma entidade única, pela própria definição seria um ser incompleto. Como uma entidade única completamente sozinha, Alá seria incapaz de experimentar o amor e a comunhão antes de criar os seres com quem compartilharia essas experiências. O mesmo é verdadeiro sobre o falso Jeová do entendimento imperfeito do judaísmo, assim como das Testemunhas de Jeová e da Igreja Pentecostal Unida.

A Bíblia deixa claro que em e por si próprio "**Deus é amor**" **(1 João 4.8,16)**. O Deus do islamismo e do judaísmo não poderia amar em e por si próprio. Ele teria que criar outros seres para ter a experiência de amar ou de ser amado. Mas consistentemente, de Gênesis até Apocalipse, a Bíblia apresenta um Deus que não precisou criar nenhum ser para experimentar amor e comunhão. *Esse Deus é totalmente completo em si próprio*, sendo Três Pessoas - Pai, Filho, e Espírito Santo - que são separadas e distintas mas ao mesmo tempo, eternamente, um Deus. Eles amavam e tinham comunhão um com o outro e se aconselhavam juntos antes do universo, dos anjos ou da humanidade serem criados. Até o Antigo Testamento reconhecido pelos judeus declara isso.

Pluralidade e Unidade

Moisés revelou o relacionamento íntimo da Divindade quando escreveu: "**Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...**" **(Gênesis 1.26)**; e nova mente: "**Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem**" **(Gênesis 11.7)**. Quem são esses nós e a quem Deus está falando se Deus é uma entidade única? Por que Deus diz: "**Eis que o homem se tornou como um de nós**" **(Gênesis 3.22)**?

Além disso, se Deus é um ser único, então por que a palavra hebraica *Elohim* é usada para Deus? *Elohim* é um substantivo plural que literalmente significa "Deuses". Somos confrontados com outra questão: já que *Elohim* é plural, por que tanto judeus quanto cristãos creem em um Deus, não em Deuses? E por que a Bíblia em toda língua traduz *Elohim*, um substantivo hebraico plural, como Deus e não Deuses? O unitarianismo, é claro, não tem resposta para tais questões; na verdade, nem se atreve a perguntá-las.

A resposta se encontra na língua hebraica antiga. Por todo o Antigo Testamento hebraico, quase sempre encontramos uma anomalia estranha de um verbo singular e um pronome singular sendo usado com *Elohim*, um substantivo plural. Na sarça ardente, por exemplo, foi *Elohim* (Deuses) que falou com Moisés e não disse, *"Nós somos o que somos"*, mas ***"EU SOU O QUE SOU"*** **(Êxodo 3.14)**. Ninguém pode escapar do fato de que por toda Bíblia, e tão claramente no Antigo quanto no Novo Testamento, Deus é apresentado como uma pluralidade e mesmo assim como um ser único, tendo tanto diversidade quanto unidade. Esse conceito de Deus é singular entre todas as religiões do mundo!

A mesma anomalia é apresentada no *Shema*. A famosa confissão de Israel da *unidade* de Deus também é, ao mesmo tempo, uma declaração clara e inegável de Sua *pluralidade*: "**Ouve, Israel, o Senhor [*Yahweh/Jeová*] nosso Deus [*Elohim*] é o único [*echad*] Senhor [*Yahweh/Jeová*]" (Deuteronômio 6.4; cf. Marcos 12.29)**. Aí está aquele substantivo plural, *Elohim/Deuses*, bem no meio da declaração da unidade de Deus! Como pode ser isso?

Deve-se entender que a palavra hebraica para "único" (*echad*) não indica singularidade, mas uma união de vários elementos que *se tornam um*. Por exemplo, *echad* é usado em Gênesis 2.24, quan-

do o homem e a mulher se tornam *uma* carne; em Êxodo 36.13, quando com suas várias partes "**o tabernáculo veio a ser *um* todo**"; em 2 Samuel 2.25, quando muitos soldados foram "**cerrados em *uma* tropa**"; e em Ezequiel 37.17, quando duas varas se tornaram "**apenas *uma***".

Unitarianismo ou Trinitarianismo?

O unitarianismo não tem explicação para essa constante apresentação da pluralidade em singularidade de Deus, não só no Novo Testamento, mas também por todo o Antigo Testamento. Somente o trinitarianismo pode explicá-lo. A própria palavra "trindade" não ocorre na Bíblia, mas o conceito está claramente ali e não pode ser descartado. Na verdade, esse conceito de um Deus triuno é a única explicação possível para a unidade e diversidade que possibilita o amor e a comunhão entre a Trindade.

A heresia de que Deus é uma entidade única e não três Pessoas que existem eternamente em um Deus, foi introduzida pela primeira vez na igreja primitiva por volta de 220 d.C. por um teólogo líbio chamado Sabélio. É claro que ele teve problemas ao tentar juntar a linguagem bíblica a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo sem reconhecer a natureza triúna de Deus. Sabélio afirmou que Deus existia como um Ser único que Se manifestou em três atividades, modos, ou aspectos: como Pai na criação, como Filho na redenção, e como Espírito Santo na profecia e santificação. Esse conceito foi condenado como heresia pela grande maioria dos líderes cristãos e tem sido considerado assim desde então, exceto entre grupos aberrantes, tais como os Pentecostais Unidos.

Jesus disse: "**O Pai ama ao Filho, e todas as cousas tem confiado às suas mãos**" **(João 3.35)**, e novamente em João 5.20: **"Porque o Pai ama ao Filho..."** O Deus da Bíblia verdadeiramente é amor, não só pela humanidade, mas acima de tudo entre os três Membros da Trindade. E eles devem ser três *Seres pessoais*. Não tem sentido sugerir que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são simples funções, ou títulos, ou modos em que Deus Se manifestou. Funções, ou títulos, ou modos não amam, não consultam e não têm comunhão uns com os outros. Não só Jesus Cristo, o Filho, é apresentado como uma Pessoa, mas o Pai e o Espírito Santo são apresentados no Novo Testamento como igualmente pessoais.

O Antigo Testamento concorda. Por exemplo, considere o seguinte: "**Dá-me ouvidos, ó Jacó, e tu, ó Israel, a quem chamei; eu sou o mesmo, sou o primeiro, e também o último. Também a minha mão fundou a terra, e a minha destra estendeu os céus... Eu, eu tenho falado... Chegai-vos a mim, ouvi isto: Não falei em segredo desde o princípio; desde o tempo em que isso vem acontecendo tenho estado lá. Agora o Senhor Deus me enviou a mim e o seu Espírito" (Isaías 48.12-13,15-16).**

Note que Aquele que está falando por meio de Isaías o profeta refere-se a si mesmo como "o primeiro e também o último" e Aquele que criou todas as coisas (v. 13), de modo que Ele deve ser Deus. Mas na mesma passagem Ele fala de dois Outros, que também devem ser Deus: "**o Senhor Deus... e o seu Espírito..." (v. 16).** Esses dois, que devem ser Deus, "me enviaram'", diz Aquele que fala, que também deve ser Deus. O Novo Testamento explica essa passagem, para a qual o judaísmo não tem explicação: "**O Pai enviou o Filho para ser o Salvador do mundo" (1 João 4.14).**

Em Mateus 22.41-46 Jesus apresentou uma passagem semelhante aos fariseus: "**Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-se à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (Salmo 110.1).** Em referência a esse versículo e em resposta a sua afirmação de que o Messias era o filho de Davi, Jesus perguntou aos rabinos: "**Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?**" Os fariseus ficaram sem palavras. Como é que o Messias poderia ser o Senhor de Davi se Ele não era Deus?

Uma Analogia Instrutiva

Sim, é um mistério como Deus pode existir em três Pessoas, mas ser um Deus; mas também é um mistério que Deus não tenha começo e tenha criado tudo do nada. É verdade que nenhum mortal pode explicar a Trindade; mas também ninguém pode explicar a alma ou o espírito ou a beleza ou justiça humanos. O fato da Pessoa e do poder de Deus estarem além da compreensão humana não é razão suficiente para ser um ateu. E o fato de não podermos entender como o único Deus verdadeiro possa consistir de três Pessoas distintas também não serve como razão válida para rejeitar o que a Bíblia nos apresenta tão claramente desde Gênesis até Apocalipse.

A Bíblia declara que o universo revela a glória de Deus. Na verdade, ele reflete a Sua natureza triúna. Vemos isso, em primeiro lugar, no fato do cosmo ter três partes. Ele consiste de espaço, matéria e tempo. Além disso, cada um desses divide-se em três. O espaço, por exemplo, é composto de comprimento, largura e altura, cada um separado e distinto por si mesmo, mas os três compondo um espaço unificado. Comprimento, largura e altura não são três espaços, nem são modos de manifestação do espaço, mas uma unidade de três dimensões que juntas compõem um espaço. Se linhas suficientes forem traçadas no comprimento, uma vai ocupar todo o espaço; o mesmo é verdadeiro na largura ou na altura. Cada um é separado e distinto dos outros, porém os três são um - assim como o Pai, o Filho, e o Espírito Santo são um Deus.

O tempo também é uma trindade. Considere seus elementos: passado, presente e futuro. Aqui novamente, cada um é separado e distinto, porém cada um é o inteiro e, juntos, eles compõem uma unidade que é um. Passado, presente e futuro não são três tempos. Cada um é todo o tempo. E tal como o Pai e o Espírito Santo são invisíveis, da mesma forma o futuro e o passado são invisíveis e o presente é visível. Poderíamos levar adiante a analogia, mas isso não é necessário. E nenhuma analogia é completa, especialmente se relacionada a Deus.

O "Deus" Que Falhou

O grande autor judeu e sobrevivente do Holocausto Elie Wiesel, conta como passou sua juventude na busca sincera de Deus e em jejum "para antecipar a vinda do Messias..."[3] Quando menino, Wiesel acreditava que o Deus de Israel existia e procurou conhecê-lO. Infelizmente, ele tinha buscado esse conhecimento não por meio da Palavra de Deus, mas da tradição, por meio do estudo do misticismo judeu, principalmente como ensinado na Cabala.

Em resposta às perguntas do persistente e ansioso jovem aluno, o professor de Wiesel disse-lhe: "Eliezer, você encontrará as verdadeiras respostas somente dentro de si próprio!"

"E por que você ora, Moshe?", Elie perguntou-lhe. Foi uma pergunta lógica diante da afirmação de que todas as respostas já estavam dentro de todos.

"Eu oro para o Deus dentro de mim...", foi a resposta mística.[4]

[3] Wiesel, op. cit., pp. 139-140.
[4] Ibid., pp. 2-3.

A teoria de que Deus está dentro de todos apresenta o mesmo problema da crença panteísta de que Deus é tudo. Se Deus é tudo - veneno e nutrição, mal e bem, morte e vida, objetos inanimados e animados - então, o próprio conceito de Deus perdeu seu sentido e nada é Deus. A mesma incongruência prevalece se Deus está dentro de todo mundo - dentro daqueles que matam e daqueles que salvam vidas, dentro daqueles que roubam e saqueiam, e daqueles que são generosos e auxiliadores, dentro daqueles que amam e daqueles que odeiam, dentro de inválidos e dentro dos saudáveis e fortes, dentro de imbecis e de gênios. Se esse é o caso, então ninguém pode demonstrar o que significa Deus estar dentro de qualquer pessoa. Então o próprio conceito de Deus perdeu o seu significado e, em última análise, nada é Deus. Se Deus está dentro de todos, então nós teríamos que culpar esse "deus" por todo comportamento aberrante e, logo, por todo o mal no mundo. Quem precisa de tal deus?

Esse "deus" a quem Elie Wiesel foi apresentado em sua juventude, que supostamente reside inato em todo ser humano, não foi capaz de sobreviver ao Holocausto. Wiesel testifica que foi ao entrar pela primeira vez em Birkenau, centro de recepção de Auschwitz, quando ele viu mulheres e crianças sendo jogadas vivas numa fogueira, que a sua fé morreu. É compreensível que o deus de Wiesel não pudesse sobreviver àquelas chamas.

O Deus Que se Importa

No prefácio do veemente livro de Elie Wiesel, Night (Noite), François Mauriac se refere ao tempo quando ele conheceu Wiesel. O jovem disse a Mauriac como o Deus em que acreditava morreu na sua alma, enquanto as vítimas das chamas em Birkenau foram imoladas,

Wiesel perdeu seu pai, sua mãe, sua irmã, seus parentes e amigos no Holocausto. Como consequência, ele não podia mais acreditar no Deus que supostamente havia escolhido os judeus como Seu povo especial e mesmo assim os abandonou a um destino tão horrível. Vale a pena refletir sobre a reação de Mauriac:

> E eu, que creio que Deus é amor, que resposta poderia dar a meu jovem interrogador, cujos olhos escuros ainda tinham o reflexo daquela tristeza angelical que havia aparecido um dia na face da criança enforcada [a cuja execução os detentos foram obrigados a

> assistir]? O que eu disse a ele? Será que falei daquele outro judeu, seu irmão, que talvez se parecia com ele - o Crucificado, cuja Cruz conquistou o mundo?
>
> Será que afirmei que a pedra de tropeço para sua fé era a pedra fundamental da minha, e que a semelhança entre a Cruz e o sofrimento dos homens era, a meu ver, a chave daquele mistério impenetrável aonde a fé de sua infância tinha perecido...? Nós não sabemos o valor de um único pingo de sangue, de uma única lágrima.
>
> Tudo é graça. Se o Eterno é Eterno, a última palavra para cada um de nós pertence a Ele. Isso é o que eu deveria ter dito a esse jovem judeu. Mas eu só pude abraçá-lo, chorando.[5]

Aqui nós encontramos a grande diferença entre todos os deuses e o Deus da Bíblia. Ele não fica alheio ao nosso sofrimento, mas na verdade entrou nele, tornando-se homem, sofrendo a crucificação nas mãos de Suas criaturas e morrendo em seu lugar para salvá-las do castigo que a Sua própria justiça exigia pelo pecado delas.

[5] Ibid., pp. x, xi.

Chegaram ao lugar que Deus lhe havia designado; ali edificou Abraão um altar... amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar...

— Gênesis 22.9

Também cada dia prepararás... oferta pelo pecado para as expiações...

— Êxodo 29.36

Pelo que intento [eu, Salomão] edificar uma casa [Templo] ao nome do Senhor meu Deus, como falou o Senhor a Davi, meu pai, dizendo: Teu filho, que porei em teu lugar no teu trono, esse edificará uma casa [Templo] ao meu nome [em Jerusalém].

— 1 Reis 5.5

Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos.

— Marcos 15.32

A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.

— Filipenses 2.8

14

Altares, Templos e Uma Cruz

Nem o cristão, o muçulmano, o judeu ou o ateu podem negar que numerosas Escrituras no Antigo Testamento (algumas das quais já citamos previamente) afirmam claramente que Deus prometeu a terra de Israel (e muito mais territórios do que Israel ocupa agora) aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. A crise do Oriente Médio com que o mundo se confronta surge do fato de que tanto judeus (que sem dúvida são descendentes de Isaque e Jacó) quanto árabes (que ignoram a qualificação de que a descendência deve ser através de Isaque e Jacó) afirmam que Abraão é seu pai. É essa afirmação comum que cria um impasse a respeito de Jerusalém e da terra de Israel que ameaça o mundo com a guerra mais destrutiva até agora.

A história e as Escrituras registram que Abraão teve dois filhos durante a vida de sua esposa Sara: Ismael e Isaque. O segundo filho fora prometido por Deus; o primeiro, não. A promessa solene de Deus parecia impossível porque Sara, esposa de Abraão, era estéril. Logo, para ajudar a cumprir a promessa, Abraão e Sara resolveram o problema sozinhos. Sara sugeriu que Abraão tivesse um filho pela sua empregada egípcia, Hagar, para prover o herdeiro das promessas de Deus. O resultado desse ato de descrença, um dos poucos de

que Abraão, "**o pai de todos que creem**" **(Romanos 4.11)**, teve culpa, foi o nascimento de Ismael. De Abraão, apesar de haver evidências ao contrário, os árabes afirmam ser descendentes.

Isaque, o filho prometido, nasceu milagrosamente a Sara e Abraão 14 anos depois do nascimento de Ismael. Ele nasceu numa época em que Sara, além de ter sido estéril por toda a sua vida, "**já lhe havia cessado o costume das mulheres**" **(Gênesis 18.11)**. Somente então, quando já era fisicamente impossível para ela ter um filho e, logo, aparentemente impossível que a promessa de Deus fosse cumprida, Isaque nasceu. Aqui estava outra indicação de que o nascimento do Messias, que descenderia de Abraão, seria milagroso, mas de maneira ainda mais significante e marcante que o nascimento de Isaque. Como os profetas declararam, o Messias nasceria de uma virgem.

Um Estranho Altar

Após o nascimento de Isaque, nós temos uma das histórias mais estranhas da Bíblia. Para testar a fé de Abraão, Deus ordenou que ele oferecesse Isaque como sacrifício sobre um altar num local específico na Terra Prometida. Mais uma vez essa era uma indicação de que o Messias, que seria o Filho de Deus como Isaque era de Abraão, seria sacrificado pelas mãos de Seu Pai em favor da humanidade:

"Depois dessas cousas pôs Deus Abraão à prova e lhe disse... Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei. Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado o seu jumento, tomou consigo... a Isaque, seu filho ...[e] lenha para o holocausto, e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado..." (Gênesis 22.1-3).

É evidente que Abraão sabia que Deus estava testando tanto a sua obediência quanto sua fé. Todas as promessas de Deus para o futuro estavam contidas em Isaque, o filho milagroso da promessa. Se Isaque morresse antes de ter filhos, as promessas de Deus falhariam. Portanto, Abraão estava confiante de que Isaque seria de alguma forma, pela graça de Deus, trazido de volta à vida; "**Porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos**" **(Hebreus 11.19).** Aqui estava outra figura do Messias, que, após ser entregue como sacrifício por Seu Pai, ressuscitaria dos mortos:

"Isaque disse... Meu pai! ...Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto... Chegaram ao lugar... ali edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha; e, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho. Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor... não estendas a mão sobre o rapaz... pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho... Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres [uma figura do Cordeiro de Deus, o único que tinha o poder infinito de pagar o preço do pecado] **entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho" (Gênesis 22.7-13).**

O Local Singular do Templo

Deus decretou mais tarde que o Templo com seus sacrifícios de animais, cada um dos quais também previa o sacrifício do Messias pelos pecados do mundo, seria construído no mesmo lugar onde Abraão oferecera Isaque. Esse local, porém, não pertencia a Abraão e, durante séculos, permaneceu nas mãos dos jebuseus, que ocuparam a fortaleza no Monte Sião, uma fortaleza que os israelitas foram incapazes de conquistar após a sua entrada na Terra Prometida. A conquista do Monte Sião foi deixada para Davi, cerca de 400 anos mais tarde, estabelecendo Jerusalém como a Cidade de Davi. Como o local para o Templo no topo do Monte Sião foi apontado a Davi subsequentemente e comprado por ele, é outra história instrutiva.

Pelo fato de Davi (e Israel com ele), no final do seu reinado, começarem orgulhosamente a confiar na força numérica e na capacidade dos guerreiros de Israel, ao invés de somente em Deus, um anjo veio para cumprir julgamento sobre Davi e Israel pelo seu orgulho. Davi viu o anjo com a espada desembainhada em sua mão sobre o mesmo lugar onde Isaque havia sido oferecido num altar. Esse lugar estava sendo usado como eira por Ornã, um sobrevivente dos jebuseus que Davi havia derrotado na captura da fortaleza de Sião.

Davi se inclinou com o rosto em terra diante do anjo, confessou seu pecado, e suplicou que seu povo fosse poupado. O anjo mandou que no lugar onde estava a eira Davi edificasse "um altar ao

Senhor" e oferecesse sacrifícios ali. Para fazer isso, Davi teve que comprar o local, ensinando- nos que a verdadeira adoração é cara:

"Disse Davi a Ornã: Dá-me este lugar da eira a fim de edificar nele um altar ao Senhor... Davi deu a Ornã por aquele lugar a soma de seiscentos siclos de ouro. Edificou ali um altar ao Senhor, ofereceu nele holocaustos e sacrifícios pacíficos e invocou o Senhor, o qual lhe respondeu com fogo do céu sobre o altar..." (1 Crônicas 21.22,25-26).

Mais tarde Deus revelou a Davi que, sem saber, ele havia comprado o local onde o Templo seria construído pelo seu filho, Salomão. Sacrifícios de animais continuariam desde então no Templo, com breves interrupções durante períodos em que o Templo seria destruído por forças invasoras, até a sua destruição final em 70 d.C.

Uma grossa cortina bloqueava o acesso normal ao último compartimento do Templo, conhecido como o **"Santo dos Santos" (Hebreus 9.3)**. Atrás daquele véu somente o sumo sacerdote podia passar, e somente uma vez por ano (Êxodo 30.10; Hebreus 9.25). Quando Cristo morreu na cruz, aquele véu de separação foi rasgado milagrosamente pela mão de Deus **"de alto a baixo" (Marcos 15.38)**. O milagre era um sinal claro de Deus que o sacrifício de Cristo abriu de uma vez por todas o caminho para a presença de Deus no céu. Os sacrifícios de animais, agora cumpridos em Cristo, não eram mais necessários, mas os sacerdotes continuaram a oferecê-los até a destruição do Templo.

Um Templo Rival em Meca

O islamismo, como já vimos, ensina que o Templo de Deus, ao invés de ter sido construído originalmente por Salomão em Jerusalém, foi, na verdade, a Caaba em Meca. Essa estrutura foi supostamente construída por ordem de Deus e reconstruída e purificada por Abraão e Ismael séculos antes do nascimento de Salomão: "E quando Abraão e Ismael levantaram os alicerces da Casa dizendo: 'Senhor nosso, aceita-a de nós. És quem ouve tudo e sabe tudo'" (Sura 2.127). O fato histórico, no entanto, é que a Caaba sempre foi um templo pagão cheio de ídolos, cuja adoração era uma abominação a Deus e proibida a Abraão e seus descendentes. E Abraão jamais esteve a menos de centenas de quilômetros de distância de Meca.

O Alcorão afirma apresentar a revelação idêntica àquela dada na Bíblia: "O que revelamos a Ti, revelamos a Noé, e aos Profetas que o seguiram e a Abraão e a Ismael e a Isaac e a Jacó, e às tribos e a Jesus e a Jó e a Jonas e a Arão e a Salomão - e outorgamos os Salmos a Davi" (Sura 4.163); "Nós revelamos a Torá na qual há orientação e luz" (Sura 5.44); "... e guiamo-los, como havíamos guiado... Davi, Salomão... e Moisés e Arão... e Zacarias e João e Jesus e Elias" (Sura 6.84-85). Porém o islamismo se tornou o inimigo tanto de judeus quanto de cristãos, que o Alcorão designa como "o Povo das Escrituras [Bíblia]" (Sura 2.105,144; 3.23, 64ss., 110ss., 186;4.123; etc.).

Além disso, ao afirmar que um templo idólatra em Meca é o Templo de Deus, o islamismo intencionalmente bloqueia o caminho para a reconstrução do Templo em Jerusalém, um Templo que Salomão construiu, para o qual Davi deu a maior parte do material, para o qual Moisés deu, na Torá, as instruções de adoração, no qual Arão serviu como o primeiro sumo sacerdote, e no qual Zacarias serviu e Jesus ensinou. O Corão diz que Alá inspirou todos esses homens, porém ele se opõe a essa inspiração. A contradição não poderia ser maior!

Anteriormente, citamos alguns dos vários versículos na Bíblia que deixam claro que em Jerusalém, e especialmente no seu Templo, Deus colocou Seu nome para sempre: "**Nesta casa** [Templo] **e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, porei o meu nome para sempre" (2 Reis 21.7; 23.27; 2 Crônicas 6.34; 7.12,16; 33.7; etc.).** Esse é o Templo que será reconstruído apesar de todos os esforços muçulmanos para impedir a sua reconstrução. Infelizmente para os judeus e o mundo, o Anticristo irá profanar o Templo com a sua imagem e fará o mundo adorá-lo como Deus (Daniel 9.27; 12.11; Marcos 13.14; 2 Tessalonicenses 2.4; Apocalipse 13.6,14-15).

Mistério, Babilônia

Os sacrifícios do Velho Testamento tinham que ser oferecidos no Templo de acordo com as instruções precisas de Deus que indicavam a redenção que o próprio Deus efetuaria na morte sacrificial do Messias na cruz. O Deus da Bíblia, ao contrário de Alá, não age impulsivamente, mas somente em harmonia com a Sua divina natu-

reza, Sua justiça e Suas leis perfeitas. Êxodo 20.24-26 exigia que nenhuma das pedras usadas no altar poderia ser lavrada e o altar não podia ter escadas. Em outras palavras, nenhum esforço humano poderia estar envolvido na redenção do homem; ela deve ser proporcionada somente pelo poder e pela graça de Deus.

A Torre de Babel fora a rejeição total dessa exigência; **"Vinde, edifiquemos... uma torre cujo tope chegue aos céus" (Gênesis 11.4)**. O homem tentaria, por seus próprios meios, subir até o céu. Babel mais tarde se tornou Babilônia e representa a religião humana de obras. "MISTÉRIO, BABILÔNIA" está escrito na fronte da mulher montada na besta em Apocalipse 17, mostrando a persistência, até os últimos dias, do esforço humano de alcançar a salvação.

Identificando-se com a Babilônia, o Catolicismo Romano ensina no Vaticano II que os "santos", pelas suas boas obras, "alcançaram sua própria salvação e ao mesmo tempo cooperaram para salvar seus irmãos..." Esse documento Pós-Conciliar assinado pelo Papa Paulo VI continua apresentando a doutrina católica romana oficial de alcançar o céu através de obras humanas:

> Desde os tempos mais antigos na Igreja, as boas obras também eram oferecidas a Deus para a salvação dos pecadores, principalmente as obras que a fraqueza humana acha difícil... Realmente, as orações e boas obras do povo santo eram consideradas tão valiosas que podia afirmar-se que o penitente estava lavado, limpo e redimido com a ajuda de todo o povo cristão.[1]

Essa Igreja, que afirma representar o verdadeiro cristianismo, não poderia declarar mais claramente que continua a religião das obras de MISTÉRIO, BABILÔNIA! O judaísmo, também, forçado a funcionar sem os sacrifícios do Templo durante 1900 anos, e tendo rejeitado o seu cumprimento no sacrifício de Cristo na cruz, acabou se tornando uma religião de boas obras. E o mesmo acontece com o islamismo, porque o Corão impõe regras e deveres sobre os muçulmanos, desde orações diárias e o jejum do Ramadã até a peregrinação a Meca, para merecer a bênção de Alá. A obra mais importante, é claro, é a *Jihad*. "Matar ou ser morto" no serviço de Alá é caminho certo para o Paraíso, proporcionando a motivação fanática, como já vimos, por trás de grande parte do terrorismo que ameaça o mundo.

[1] Austin Flannery, O.P., editor geral, Vatican Council II, The Conciliar and Post Conciliar Documents (Costello Publishing Company, 1988 Revised Edition), Vol.1,pp. 66,68.

Lei e Perdão Islâmicos

Poucos muçulmanos morrem na *Jihad* e nenhum vive uma vida perfeita. O Corão declara que Alá sempre é misericordioso e perdoa. Ao contrário do Deus da Bíblia, no entanto, Alá não perdoa com base na justiça satisfeita, mas simplesmente por decidir fazê-lo. Que a penalidade do pecado tem que ser paga para que o pecador seja perdoado, é uma ideia estranha ao islamismo. Sem haver razão objetiva pela qual ele deva ou não perdoar, o perdão de Alá, como apresentado no Alcorão, gera incerteza e confusão:

"Alá perdoa a quem peca por ignorância [como definir isso?] e logo depois se arrepende [quão logo?]. Alá é conhecedor e sábio.

E implora o perdão de Alá. Ele é perdoador e clemente [até mesmo para aqueles que não pecaram por ignorância?] E não intercedas a favor daqueles que são traidores para consigo mesmos. Alá não ama os traidores e os criminosos.

Aquele que pratica o mal ou falha para consigo mesmo e, depois, implora o perdão de Alá, encontrará Alá perdoador e clemente [mesmo para aqueles que não pecam por ignorância, que são traidores e falham consigo mesmos?]... Quem comete pecado, o comete somente contra si próprio [não contra Alá?]...

Alá não perdoa a quem Lhe atribui semelhantes e perdoa os delitos menores a quem Lhe apraz [por quê? por que não?]" (Sura 4.17, 106, 107, 110, 116).

"Ao ladrão e à ladra, cortai as duas mãos em pagamento pelo que tiverem lucrado: um exemplo imposto por Alá... Quem se arrepender e se emendar após cometer uma prevaricação, por Alá será perdoado. Alá é clemente e misericordioso... [mas as mãos não são restauradas!]... Ele castiga quem Lhe apraz e perdoa a quem Lhe apraz [em que base?]" (Sura 5.38-40).

O islamismo ignora completamente a necessidade de pagar o preço do pecado para que o pecador seja perdoado. Alá simplesmente perdoa ou se recusa a perdoar, de acordo com a sua vontade. Embora o Corão declare repetidamente que Alá é sempre gracioso e misericordioso, não há nenhuma base racional ou justa sobre a qual sua misericórdia seja oferecida. Nenhuma razão é dada pela qual Alá perdoa ou não perdoa.

Além disso, o Corão é inconsistente. Ele diz que Alá perdoa apenas aqueles que pecam por causa da ignorância - e mesmo as-

sim apenas se eles se arrependerem rapidamente. Mas nem a "ignorância" nem "rapidamente" são definidos; e, mais tarde, ele diz que Alá pode perdoar qualquer pessoa que ele decidir perdoar. Isso presumidamente significa *qualquer um*, não importa que pecado ou circunstância – simplesmente se Alá o deseja.

Na vida real, porém, o perdão de Alá nunca chega a tempo de resgatar o acusado de ter uma mão, ou pé, ou orelha cortados. A prática da Shari'a (lei islâmica) é especialmente cruel no Iraque, onde as sanções das Nações Unidas levaram iraquianos a cometer crimes para conseguirem as necessidades básicas da vida. No fim de janeiro de 1995, a TV Bagdá mostrou os detalhes claros da Shari'a a seus espectadores: "Um *close* numa mão humana decepada, depois um homem segurando seu braço ensanguentado, uma cruz negra marcada com ferro quente na sua testa. O repórter disse que o homem havia sido punido por roubar... De acordo com fontes das Nações Unidas e do Departamento de Estado Americano, mãos, pés ou orelhas de centenas e talvez milhares de iraquianos são amputados, sem anestesia... [e] aparecem regularmente em campos ao longo da fronteira com o Irã."[2]

Uma Religião de Medo

Os muçulmanos justificam as mutilações exigidas pela Shari'a como um meio de diminuir a incidência do crime. Na opinião ocidental, porém, cortar fora a mão de um ladrão e marcá-lo na testa é considerado uma "punição estranha e cruel", uma violação dura e maldosa dos direitos humanos. Está além da razão marcar pelo resto da vida alguém que de outra maneira poderia ser reabilitado. Certamente tal tratamento não auxilia a restauração do criminoso como membro útil à sociedade.

O muçulmano fica inseguro e com medo, sem saber se alguma vez será perdoado por Alá e assim alcançará o Paraíso. Como Alá pode perdoar sem que a justiça seja satisfeita através do pagamento do preço do pecado continua sendo uma questão sem resposta e impossível de ser respondida para os muçulmanos. Por isso o conceito de graça, ao invés de ser fonte de segurança e esperança no islamismo, traz incerteza e medo. Como alguém pode ter certeza de ter alcançado essa graça? E se realmente for graça, não se pode merecê-la. Porém Alá oferece sua graça somente àqueles que a merecem.

[2] Time, 6 de fevereiro de 1995, p. 46.

O islamismo é claramente uma religião de medo; o medo de ofender Alá, de quebrar um mandamento, de ser condenado por não ter atingido seus padrões, e de ficar aleijado ou ser morto por atrever-se a seguir sua consciência e o Evangelho ensinado por Jesus Cristo, que o Corão afirma honrar. O islamismo é uma religião sem esperança certa. Qualquer pessoa racional sabe que nenhuma quantidade de boas obras pode corrigir erros passados. A lei, uma vez violada, não pode ser consertada por sua observância, mesmo que perfeita, no futuro. Passar pelo banco sem roubá-lo amanhã não pode compensar o fato de tê-lo roubado hoje. E o ato pecaminoso também não pode ser anulado mesmo que uma restituição completa fosse feita em casos em que isso fosse possível.

Perdão e Justiça

A Bíblia afirma claramente o que o Corão ignora completamente: "**Ninguém será justificado diante dele [de Deus] por obras da lei" (Romanos 3.20).** É por isso que Cristo teve que morrer: o preço tinha que ser pago por inteiro. Mas não foi pelo que o homem fez a Cristo que se alcança a nossa salvação. A humilhação, o cuspe e o ódio, o açoitamento e as pancadas de pregos nas Suas mãos e Seus pés, a lança enfiada no Seu lado - todas essas coisas demonstraram quão grande é o mal do coração humano. Longe de salvar a humanidade, esses crimes contra o Filho de Deus apenas provaram que a humanidade merecia o eterno julgamento de Deus.

Incrivelmente, no entanto, ao mesmo tempo que a cruz de Cristo revela o horror do pecado no coração humano, ela também revela a grandiosidade do amor e da misericórdia de Deus. Que maravilhoso que os próprios pregos e a própria lança que furaram o Messias com ira, desprezo, e ódio derramaram o sangue que nos salva! Ao mesmo tempo que o homem liberava sua hostilidade contra o Criador, Yahweh fez o Messias aguentar a punição infinita pelos nossos pecados, como os profetas hebreus haviam previsto:

"Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos... Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fa-

zendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado..." **(Isaías 53.5-6,10).**

Da mesma forma que com o judaísmo, assim é com o islamismo: a crucificação de Cristo não se encaixa nos conceitos morais de nenhum dos dois. Não é de se admirar, pois, que escritores muçulmanos estejam muito confusos na questão da morte e ressurreição de Cristo. Alguns creem que Cristo foi levado milagrosamente da cruz até o céu por Alá e que outra pessoa que se tornou como Ele (talvez Judas) foi instantaneamente colocado ali e morreu em Seu lugar. Outros dizem que Jesus apenas desmaiou na cruz, acordou na sepultura, e escapou para a Índia, onde morreu de velhice.

Como os judeus, os muçulmanos não têm conhecimento de muitas das profecias do Antigo Testamento de que o Messias morreria pelos pecados do mundo e que Sua morte cumpriria os sacrifícios de animais. Assim não há lugar nem no islamismo nem no judaísmo para o pagamento do preço do pecado, efetuado por Cristo na cruz. E é por isso que muitos judeus se voltaram contra o Deus que não compreendiam quando foram confrontados com o Holocausto.

Ao contrário do Alcorão, que declara que o pecado é apenas contra o indivíduo que peca, a Bíblia diz que o pecado é uma ofensa antes de mais nada contra Deus (Gênesis 39.9; Deuteronômio 20.18; 1 Samuel 12.23; Salmo 51.4; etc.). Deve ser assim, porque são as leis *de Deus* que estão sendo desobedecidas, e são o *Seu* caráter perfeito e a *Sua* pureza imaculada que o pecado ofende. Logo, *somente Deus* pode ser o Salvador do homem, como a Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, repetidamente declara. Somente Ele pode pagar o preço exigido por Sua lei.

O caráter santo de Deus exige que o preço do pecado deve ser pago por inteiro para que o pecado seja perdoado. Esse preço é a morte eterna da alma e do espírito assim como do corpo: "**A alma que pecar, essa morrerá**" **(Ezequiel 18.4).** A epístola aos Romanos é como a exposição de um advogado, na qual todo o mundo é declarado culpado diante de Deus e depois recebe uma oferta de perdão, mas somente porque Cristo satisfez as justas exigências da lei:

"**Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus... tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus**" **(Romanos 3.24,26).**

Um Infinito Preço Pago

O fato de outra pessoa de santidade perfeita e poder infinito ter que morrer no lugar do homem para pagar seus pecados era a mensagem óbvia do sacrifício de animais no Antigo Testamento: "**Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Levítico 17.11).** O Novo Testamento concorda: "**Sem derramamento de sangue não há remissão [de pecado]" (Hebreus 9.22).** No entanto, era evidente que o sangue de nenhum *animal* poderia pagar o preço do pecado do homem, ou aqueles sacrifícios não teriam que ser repetidos dia após dia:

"Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das cousas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem. Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados? Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus... Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados... Ora, onde há remissão destes [pecados], já não há oferta pelo pecado" (Hebreus 10.1-2,12,14,18).

Por uma revelação de Deus, João Batista apresentou Jesus a Israel com estas palavras impressionantes: "**Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (João 1.29).** Aqui estava o Cordeiro sacrificial que Deus prometera. Como os profetas previram, Deus finalmente veio em carne por meio de um nascimento virginal para pagar o preço do pecado. A crucificação de Cristo foi o grande evento cósmico para o qual todos os altares do Velho Testamento e os sacrifícios do Templo apontavam. Foi ao mesmo tempo o pior crime da história e a completa redenção dos pecadores, não importa quão maus. O fato de Suas criaturas pregarem o Criador na cruz foi uma afronta de proporções imensuráveis. Porém, Cristo clamou da cruz: "**Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23.34)** - e a Sua oferta de Si mesmo como um sacrifício sem pecado fez esse perdão possível.

Foi o pecado de desobediência ao mandamento divino de não comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal que levou Deus a expulsar Adão e Eva do Jardim do Éden no qual Ele os colocara com tanto amor. Esse único pecado também começou o processo de morte física: "**Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram" (Romanos 5.12).**

A terrível consequência do pecado - a separação da alma e do espírito do corpo e de Deus - não podia ser colocada de lado, mesmo por ordem de Deus. Fazer isso seria uma contradição do julgamento que Deus declarou e, logo, violaria tanto Seu caráter como Sua justiça. O preço deve ser pago por inteiro. O homem pecador, sendo finito e incapaz de pagar um preço infinito, estaria separado de Deus para sempre na morte eterna.

Somente Deus Pode Salvar

O fato de somente Deus poder se tornar Salvador da humanidade foi clara e repetidamente afirmado no Antigo Testamento em versículos tais como os seguintes:

"**Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu salvador...**" **(Isaías 43.3).**

"**Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador...**" **(Isaías 43.11).**

"... não há outro Deus senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim. Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro" (Isaías 45.21-22).

"... Todo homem saberá que eu sou o Senhor, o teu Salvador e o teu Redentor, o Poderoso de Jacó" (Isaías 49.26).

Deus, sendo infinito, era o único que poderia pagar o preço infinito que a Sua própria justiça exigia. Porém não seria justo Deus fazer esse pagamento, pois Ele não é um de nós. Para nos salvar, Deus teria que se tornar um homem. E foi exatamente isso que os profetas do Antigo Testamento previram. O Messias prometido seria o próprio Deus vindo à terra como membro da raça humana para sofrer o julgamento que todos nós merecíamos por causa do pecado. O profeta Isaías, por exemplo, declarou a respeito do Messias:

"Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel" (Isaías 7.14).

"Porque um menino nos nasceu [filho do homem], um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre..." (Isaías 9.6-7).

"Emanuel" é a palavra hebraica que significa literalmente "Deus conosco". Isaías afirma claramente que o "filho nascido" também é "o Deus poderoso, o Pai eterno". E não se pode discutir que esse Prometido é o Messias porque Ele sentará no trono de Davi e "seu reino e paz não terão fim". Esses versículos e outros afirmam claramente que o Messias, o Salvador, deve ser Deus. Além disso, é evidente que Deus tem um Filho de acordo com as seguintes Escrituras do Antigo Testamento:

"Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu Filho... Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam" (Salmo 2.7,12).

"Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu as extremidades da terra [obviamente só Deus tem esse poder]**? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho...?" (Provérbios 30.4).**

Outro Problema Confuso

Em alguns casos o Corão vai além do Novo Testamento nos seus elogios a Cristo. Enquanto o último não atribui nenhum milagre a Cristo antes de ter sido batizado por João Batista (**"Com este deu Jesus *princípio* a seus sinais, em Caná da Galiléia" - João 2.11**), o Corão diz que Ele falava quando ainda bebê no berço (Sura 3.46; 19.29ss.) e até fazia milagres quando criança.

O Corão elogia Cristo como um grande profeta de Deus que viveu uma vida melhor que Maomé. O último é apresentado como um homem comum (Sura 18.110; etc..) que precisou se arrepender dos seus pecados (Sura 40.55; 48.1-2; etc.). Mas na sua negação de que

Cristo morreu na cruz por nossos pecados, o Corão rejeita a única esperança da humanidade, a própria salvação que Deus oferece.

Havia outro problema óbvio envolvido na salvação do homem: mesmo se Deus perdoasse o pecador, ele finalmente pecaria de novo e assim mereceria o julgamento de Deus... vez após vez. Deus tinha a resposta para isso também. A morte de Cristo não seria simplesmente uma *substituição*, mas um meio pelo qual aqueles que cressem nEle também seriam, pela fé, mortos e ressurretos com Ele. Daí por diante Ele seria sua nova vida. Fé em Cristo significa aceitar a Sua morte como sua própria e daí por diante depender dEle completamente para sua vida, agora e eternamente. Paulo explicou isso assim:

“... um morreu por todos, logo todos morreram [nEle]. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou... E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo..." (2 Coríntios 5.14-15,17-18).

"Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2.19-20).

Profecias Messiânicas Cumpridas

Os quatro evangelhos e o primeiro capítulo de Atos dão o registro detalhado da vinda a este mundo do Messias profetizado precisamente na época prevista pelos profetas. Paulo, ex-rabino que se tornou apóstolo de Jesus Cristo após encontrar o Salvador ressurreto no caminho para Damasco, pregou o que ele chamava **"o evangelho de Deus, o qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras" (Romanos 1.1-2).** E ele pregou esse evangelho nas sinagogas judaicas abrindo suas próprias Escrituras, demonstrando o que os profetas disseram sobre o Messias e que tudo foi cumprido nos menores detalhes na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Aqui estava a prova completa de que Jesus era o Messias previsto pelos profetas.

Setenta anos depois da destruição da Cidade de Jerusalém e de seu Templo por Nabucodonosor em 587 a.C., os cativos judeus começaram a retornar a Israel, o Templo foi reconstruído, e a cidade foi restaurada, como Deus havia misericordiosamente prometido. Ao mesmo tempo que Ele fez essa promessa, porém, Deus avisou Seu povo que o Templo e a cidade seriam destruídos novamente. Dessa vez isso seria causado pela sua rejeição e assassinato do Messias. Mesmo que há muito prometido e muito esperado, Seu próprio povo crucificaria o Messias, e por causa dessa rejeição o julgamento de Deus cairia novamente sobre eles. A profecia de Daniel foi clara:

"Sabe, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas [de anos] e sessenta e duas semanas [de anos - um total de 69 semanas de anos, ou 483 anos]... Depois das sessenta e duas semanas [i.e. no fim das 62 semanas que seguem as 7] será morto o Ungido, e já não estará" (Daniel 9.25-26).

Nós já lidamos com essa profecia em detalhes em outros livros. Em resumo, a ordem que autorizava a reconstrução de Jerusalém foi dada a Neemias no dia 1 do mês de Nisan, 445 a.C. (o vigésimo ano do reinado de Artaxerxes Longimanus, que reinou de 465 a.C. a 425 a.C. - ver Neemias 2.1-8). Desde essa data até 6 de abril de 32 d.C., o dia em que Jesus entrou em Jerusalém montado num jumento e foi aclamado como o Messias profetizado por Zacarias (9.9) - agora celebrado como Domingo de Ramos - passaram-se exatamente 69 semanas de anos, ou 483 anos! Quatro dias mais tarde, ao mesmo tempo que os cordeiros da Páscoa estavam sendo sacrificados em todo o Israel, Jesus, **"o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1.29)**, estava na cruz, rejeitado e humilhado pelos judeus exatamente como profetizado: **"Todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde" (Êxodo 12.6).**

Ali Ele morreu pelos pecados dos judeus, árabes, e de todo o mundo - não só nas mãos daqueles que O crucificaram, mas nas mãos do próprio Deus:

"Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e... dele não fizemos caso. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si... Mas ele foi traspassado pelas

nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades... e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos... Todavia, ao Senhor agradou moê-lo... quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado" (Isaías 53.3-6,10).

Nós já documentamos em outros lugares as várias profecias específicas que foram cumpridas na vida, morte, no sepultamento e na ressurreição de Jesus, por isso não entraremos em detalhes novamente aqui. É suficiente dizer que entre aquelas profecias cumpridas em Jesus Cristo estavam as seguintes: que o Messias seria traído por 30 moedas de prata e que o suborno seria lançado no Templo e usado para comprar o campo de um oleiro para cemitério de forasteiros (Zacarias 11.12-13; Mateus 27.3-10); que os soldados dividiriam suas roupas e apostariam por suas vestes (Salmo 22.18; Mateus 27.35); que aqueles que O crucificaram Lhe dariam de beber vinagre misturado com fel para Sua sede (Salmo 69.21; Mateus 27.34); que ao invés de quebrar suas pernas, como sempre faziam às vítimas de crucificação, eles abririam o Seu lado com uma lança (Êxodo 12.46; Números 9.12; Salmo 34.20; Zacarias 12.10; João 19.31-37).

Prova Inegável

Não se pode negar que a evidência prova que Jesus é o Messias que os profetas prometeram a Israel. O próprio lugar e horário da vinda do Messias foi previsto. Seria em Belém (Miquéias 5.2) e tinha que acontecer antes que o cetro partisse de Judá (Gênesis 49.10), enquanto o Templo ainda estivesse de pé ("**De repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais" - Malaquias 3.1**), enquanto os registros genealógicos estivessem disponíveis para provar a Sua linhagem (2 Samuel 7.12; Salmo 89; etc.), e pouco antes que o Templo e Jerusalém fossem destruídos: "[Depois] **será morto o Ungido, e já não estará; e o povo de um príncipe** [Anticristo], **que há de vir, destruirá a cidade e o santuário" (Daniel 9.26).**

É um fato histórico que Jesus Cristo tenha nascido em Belém e vivido durante esse estreito espaço de tempo. O cetro partiu de Judá por volta de 7 d.C., quando os rabinos perderam o direito de

executar a pena de morte (João 18.31), um direito que era vital à prática do judaísmo. O Templo estava funcionando durante a vida de Cristo, mas na mesma geração, 70 d.C., Jerusalém e o Templo foram destruídos e com eles os registros genealógicos. Agora é muito tarde para qualquer Messias aspirante provar que é da linhagem de Davi, como o Novo Testamento prova que Jesus era.

A estreita janela de tempo em que o Messias tinha que vir já passou há muito tempo. Não é de se admirar que Paulo escreveu: "**Vindo, porém, a plenitude do tempo [o tempo exato], Deus enviou seu Filho...**" **(Gálatas 4.4)**! Mas tragicamente Seu povo, Israel, O rejeitou exatamente como os profetas a uma voz disseram que ele iria fazer - e continua a rejeitá-lO até hoje. Alguns judeus ainda aguardam o Messias, ignorando as Escrituras que deixam claro que Ele já veio, mas a maioria dos judeus desistiu dessa espera há muito tempo.

Nenhum crítico honesto, seja ele ateu, budista, muçulmano, ou judeu, pode negar que a vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré cumpriram nos mínimos detalhes tudo o que foi previsto sobre a primeira vinda do Messias no Antigo Testamento. Matematicamente, todas essas profecias específicas jamais poderiam ser cumpridas em um indivíduo. Mas elas foram. Logo, ninguém pode continuar sendo um ateu honesto, e ninguém pode negar que Jesus é o Filho de Deus, o Salvador dos pecadores, e que só através dEle o perdão dos pecados e a vida eterna na presença de Deus são oferecidos gratuitamente a todos que creem nEle.

Deus e o Mal

Muitos judeus perderam sua fé no Deus de Abraão e se tornaram ateus por causa do sofrimento e da morte de parentes no Holocausto. Como é que um Deus amoroso permitiria que 6 milhões do Seu povo prometido fossem sacrificados por Hitler? Sem a cruz de Cristo, e diante do Holocausto, não seria mais possível crer em Deus. Como é que um Deus digno de confiança poderia ficar calado e distante enquanto o Seu povo escolhido era torturado e sacrificado? Realmente, daria a impressão de que Deus ficara de lado e não fizera nada enquanto o mundo inteiro que Ele criou estava cheio de violência e injustiça. Tal Deus, mesmo se existisse, certamente não mereceria nossa fé e confiança.

O Deus da Bíblia, porém, ao contrário de Alá ou qualquer outro deus de qualquer religião, não está distante do sofrimento humano. Na verdade, através do nascimento de uma virgem, Ele mesmo veio ao mundo como um homem para morrer por nossos pecados. Apesar do sofrimento nas mãos de Suas criaturas e de sua rejeição, Ele pagou o preço infinito que a Sua justiça decretou para o pecado. Esse Deus, o único que é tanto luz quanto amor, é o único que merece a fé, a confiança e o amor da humanidade. Porém a maioria dos muçulmanos (e muitos judeus também) reagem a esse amor com o ódio mais mordaz imaginável.

A Perseguição e o Martírio Hoje

Todo mundo sabe que nos países muçulmanos tornar- se cristão é o mesmo que aceitar a pena de morte, que deve ser efetuada por um dos membros da sua própria família para purgar a vergonha do nome da família. Converter-se ao judaísmo também é igualmente impensável. Tal mudança de fé é legalmente impossível em países completamente islâmicos; e naqueles em que o islamismo está chegando ao poder, apesar de ainda não estar completamente no controle, os resultados têm sido trágicos. Considere a seguinte evidência apenas da Nigéria:

> [Houve] o tumulto islâmico maitatsino de 1980 em Kano durante o qual, segundo dados oficiais, 4.177 pessoas foram sacrificadas, e propriedades no valor de milhões de dólares foram destruídas. Dois anos mais tarde, no dia 30 de outubro de 1982, oito igrejas foram queimadas em Kano. Naquele mesmo ano os muçulmanos atacaram em Kaduna, e os relatos oficiais indicaram que 400 pessoas foram mortas... Em 1984, muçulmanos em Yola e Jimeta... mataram 700, inclusive policiais, e 5.913 pessoas ficarem desabrigadas. Eles também cercaram Gombe e mais de 100 pessoas foram mortas...
>
> [Em] 6 de Março de 1987... muçulmanos [novamente] começaram a violência... De todas as 150 igrejas apenas em Zaria, somente uma escapou de ser queimada em três dias de *Jihad* naquela cidade. Muitos cristãos foram mortos a sangue frio enquanto alguns foram queimados vivos... A causa imediata da confusão: uma estudante muçulmana acusou... um ex-muçulmano de "interpretar mal o Alcorão" du-

> rante sua pregação. Nenhum não-muçulmano deve citar o Alcorão, apesar de um muçulmano poder citar a Bíblia...
>
> Em 1991 e 1992, houve mais três revoltas de muçulmanos em Katsina, Bauchi e Kano durante as quais milhares perderam suas vidas. [Poderíamos começar a relatar as muitas atrocidades cometidas em nome de Alá contra não-muçulmanos!][3]

No Sudão, cristãos foram literalmente crucificados por muçulmanos. As notícias de mais cinco crucificações chegaram enquanto estas linhas estavam sendo escritas. Mais de 100.000 refugiados cristãos foram forçados a sair de Khartoum pelo governo islâmico e a ficar confinados em acampamentos improvisados nos primeiros meses de 1995.[4] Fanatismo? Não, é isso que Alá ordena no Alcorão: "Se virarem as costas [ao islamismo] e se afastarem, capturai-os e matai-os onde quer que os acheis" (Sura 4.89). Não é de se admirar que os muçulmanos tenham medo de deixar o islamismo mesmo quando não creem mais nele! Um ex-muçulmano escreve:

> Em termos simples, portanto, Maomé ou Alá (ou seja lá quem for que está falando no Alcorão) diz: "Ó vós que credes, não tomeis por aliados os judeus e os cristãos. Que sejam aliados uns dos outros. Quem de vós os tomar por aliados é deles" (Sura 5.51, al Hil-ali. Verso 54, Jusuf Ali.)[5]

E Israel espera fazer um acordo de paz justo e duradouro com os muçulmanos? Isso é um engano que só pode levar ao maior derramamento de sangue! Paz com o islamismo exige total submissão a Alá. Respeito pelos direitos dos outros não existe. Não há direitos - apenas submissão a Alá.

É claro que agora a OLP não está exigindo tal submissão, mas só está pedindo "direitos razoáveis". Porém isso sempre foi verdade nos primeiros estágios do domínio islâmico. Até Maomé não revelou seu plano total até que já tivesse o poder de executar completa submissão. Aqueles que lastimavelmente repetem o bem-intencionado e inocente refrão "Dê uma chance à paz", são terrivelmente ignorantes, e talvez sejam assim intencionalmente, com relação aos ensinamentos do islamismo.

O jihadista muçulmano sul-africano Ahmed Deedat encoraja os muçulmanos modernos a retornarem fielmente aos princípios ori-

---

[3] Moshay, op. cit., pp. 40-44.
[4] UPLOOK, Novembro de 1994, p. 11.
[5] Moshay, op. cit., pp. 24-25.

ginais de Maomé como encontrados no Alcorão: "Nossa armadura, espada e nosso escudo nessa batalha se acham no Corão, nós temos cantado isso há séculos... agora devemos levá-los até o campo de batalha."[6] Um autor ex-muçulmano que citamos várias vezes é forçado a escrever sob um pseudônimo para se proteger. Ele lembra aos ocidentais o que eles deveriam saber, mas ignoram despreocupadamente:

> Existem tantas instigações contra cristãos e não-muçulmanos pelas páginas do Alcorão que achamos difícil acreditar que alguém possa ser um verdadeiro muçulmano praticante... e não odiar cristãos [e judeus]. É impossível. Qualquer muçulmano que não seja violento (secreta ou abertamente) [contra não-muçulmanos] dificilmente é um muçulmano verdadeiro, pelo menos no sentido do Alcorão...
>
> Se as palavras têm algum significado, então nós podemos dizer confidencialmente... que a submissão a Alá (islamismo) não se dá simplesmente em orações e zakat como alguns gostariam que acreditássemos, mas em obediência à ordem de matar para propagar o islamismo. Esse é o islamismo de Maomé. Temos um monumento impressionante de evidências tanto do Alcorão e da Hadite para provar nossas afirmações.[7]

O Islamismo na Prática Diária

É instrutivo observar o islamismo na prática numa nação como a Arábia Saudita, onde a religião é tão importante que 10.000 anciãos religiosos têm um papel importante no governo do país. Esta, a décima-segunda maior nação geograficamente, foi criada através da união de tribos previamente inimigas sob a liderança de Ibn Saud. Ele declarou essa aliança como o reino da Arábia Saudita em 1932, com ele mesmo sendo o rei. Um muçulmano devoto, Saud confessou que seus "três maiores prazeres na vida eram mulheres, perfume e orações..."[8]

Ele provou os dois primeiros ao casar-se com mais de 120 mulheres, mas se manteve sob a lei do Corão, que permite ao homem ter no máximo quatro mulheres, ao se divorciar e mandar de volta à sua vila cada nova esposa após ela ter-lhe dado um filho.

Um homem pode ter "quatro mulheres e ainda manter concubinas; até hoje são as mulheres que devem se manter castas, não os homens".[9] E uma mulher que deixar de cumprir essa exigência

---

[6] Ahmed Deedat, What is his Name? (Islamic Propagation Centre, Durban, 1986), p. 14.
[7] Ibid., pp. 25-26.
[8] Lamb, op. cit., p. 254.
[9] The Catholic World Report, Fevereiro de 1995, p. 22.

(apenas sendo vista de mãos dadas, ou mesmo tendo sido estuprada), provavelmente será morta pelo pai ou pelos irmãos para salvar a "honra da família".[10]

Tal é a prática do islamismo num país onde nenhuma outra religião é permitida. É crime sob pena de morte na Arábia Saudita converter-se do islamismo a outra fé. Não é difícil entender, no entanto, que a fé deve vir espontaneamente, do coração. Aqueles que são forçados a professar fé em Alá através do medo de represálias ou da morte não creem de verdade. Até aqui o islamismo tem se espalhado pela espada desde o princípio, e milhões de pessoas permanecem muçulmanas nominais somente pelo medo por suas vidas. Ao contrário, multidões são ganhas para Cristo pelo poder irresistível de Seu amor, demonstrado na cruz.

Considere as multidões de "inimigos do islamismo" que foram sacrificadas pelo aiatolá Khomeini em nome de Alá. Desses massacres o aiatolá declarou: "Na Pérsia [Irã] nenhum povo foi morto até agora - somente animais!" Anwar Sadat também foi morto por militantes muçulmanos porque ele ordenou a prisão dos muçulmanos que mataram 50 cristãos coptas. Os mesmos grupos fundamentalistas islâmicos estão matando turistas ocidentais que visitam o Egito: em meados de outubro de 1992, um turista britânico foi metralhado, um navio cruzeiro do Nilo com 140 turistas alemães levou tiros, três turistas russos foram esfaqueados, e assim por diante. Esses não são atos de indivíduos loucos, mas um programa cuidadosamente planejado e executado por muçulmanos que são fiéis às instruções dadas no Corão e ao exemplo dado pelo seu grande profeta Maomé.

Um Contraste Revelador

Que contraste o islamismo apresenta em relação ao amor de Cristo e a Sua ordem de que cristãos devem **"amar seus inimigos e orar pelos que os perseguem" (Mateus 5.44)**! O apóstolo Paulo escreveu: "**Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gálatas 5.14).** Nada dessa natureza é encontrado no Corão! Que contradição os ensinamentos e o exemplo de Maomé apresentam em relação à Torá, que ele afirma honrar, e que ordena a todos nós:

"Não te vingarás nem guardarás ira... mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: Eu sou o Senhor... Se o estrangeiro pe-

[10] Laura Rosen Cohen, "Death in the Family: Killing Women who bring 'shame' to their families remains a Mid-Eastern tradition", The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada em 10 de setembro de 1994, p. 14.

regrinar na vossa terra, não o oprimireis. Como o natural será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos" (Levítico 19.18,33-34).

Como são diferentes as ações de Maomé e dos seus seguidores para com aqueles que não se submetem à sua tirania! Já notamos que Maomé mandara vários escritores de sua época serem mortos por discordarem de sua nova religião. O mesmo padrão de ameaças e violência continua hoje. Também nos referimos a Salman Rushdie, que está se escondendo há anos, sob ameaça de morte, por dar uma má impressão do Islamismo em um de seus livros. No começo de 1992, Farag Fouda, um escritor egípcio, foi assassinado pelos muçulmanos por criticar a militância islâmica. Dois anos antes, o presidente do Parlamento do Egito foi assassinado por tomar uma atitude anti-islâmica.[11] O fato do islamismo continuar com tais medidas sugere um medo de que o seu número diminuiria se todos tivessem livre escolha. Que trágico!

Muçulmanos exigem liberdade de praticar sua religião em outros países enquanto negam o mesmo direito a não-muçulmanos em países árabes. Tomando vantagem da liberdade em países não-muçulmanos, o islamismo se tornou a religião que cresce mais depressa no mundo. Existem mais muçulmanos que metodistas em Chicago. De acordo com uma pesquisa recente, a mais precisa na história (conduzida pelo Instituto de Recursos Islâmicos), existem atualmente mais de mil centros islâmicos nos Estados Unidos e Canadá. Quase meio milhão de seguidores de Maomé são ativos e seu número está crescendo rapidamente. Estima-se que o número total de muçulmanos na América do Norte seja de quase 5 milhões e eles esperam ultrapassar os quase 6 milhões de judeus na América do Norte por volta do início do próximo século.[12]

Altares, templos e uma cruz. Apenas a cruz pode reconciliar Deus e o homem. E apenas através da cruz de Cristo cristãos, judeus e muçulmanos podem se reunir em fraternidade e reconciliação.

[11] Moshay, op. cit., pp. 30-31.
[12] National Catholic Reporter, 20 de janeiro de 1995, p. 5.

Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam.
— Salmo 122.6

Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz, quando não há paz.
— Jeremias 8.11

E destruirá a muitos que vivem despreocupadamente...
— Daniel 8.25

Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão.
— 1 Tessalonicenses 5.3

A verdadeira causa do conflito contínuo no Oriente Médio é o desejo persistente da maioria dos Estados árabes-muçulmanos de destruir Israel, sua inabilidade de chegar a um acordo com a própria existência desse país. Esse ódio e essa intolerância são gerados pelo fanatismo árabe-muçulmanos e pela intransigência e falta de vontade de aceitar a diversidade na região. Somente quando isso for ultrapassado é que a paz e a tranquilidade chegarão ao Oriente Médio.
— FLAME: (Facts and Logic about the Middle East)[1]

[1] De uma propaganda de FLAME no The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 23.

15

Paz, Paz...

Paz no Oriente Médio? Será que o sonho aparentemente impossível se realizará afinal? Sim, apesar de difíceis obstáculos no caminho, no futuro não muito distante, um acordo de paz envolvendo todos os lados do conflito no Oriente Médio será estabelecido. Além disso, essa conquista provará ser um passo importante em direção à paz mundial, que também será estabelecida! O Antigo e o Novo Testamento dão testemunho de que esses objetivos serão alcançados.

Infelizmente, ambas as partes da Bíblia também concordam que ao invés de buscar o Messias de Israel, somente sob cujo reinado a verdadeira paz pode ser estabelecida, o mundo forjará uma pseudo-paz de sua própria autoria, uma paz enganadora que será garantida pelo Anticristo e, finalmente, explodirá em Armagedom, a guerra mais destrutiva da história humana. Poucos dos líderes mundiais envolvidos no processo de paz atual, no entanto, creem nas profecias bíblicas, e por isso se lançam ao desastre numa descrença orgulhosa apesar de bem- intencionada.

De acordo com uma pesquisa conduzida no fim de março de 1995 pelo Centro Palestino de Estudos e Pesquisas, sediado em Nablus, "o apoio ao processo de paz entre os palestinos atingiu o seu nível mais alto desde a assinatura do acordo de Oslo... A pesquisa... mostrou que 67% apoiam a continuação das negociações, muito mais que os 50% ou menos em meses recentes."[2] Isso significa que 67 por cento dos palestinos agora desejam paz real com Israel? Ou

[2] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 3.

significa que mais palestinos estão finalmente reconhecendo o que muitos israelenses suspeitam - que afinal de contas o líder da OLP, Yasser Arafat, não traiu a causa muçulmana de exterminar Israel?

Um Engano Mortal

Como já demonstramos, o atual processo de paz entre israelenses e palestinos é um subterfúgio que Arafat está usando como caminho para a destruição final de Israel. Mesmo após Oslo, a própria Al-Fatah de Arafat esteve envolvida em ataques terroristas.[3] Esse terrorista que se tornou pacifista não só convenceu os líderes de Israel de suas boas intenções, mas conseguiu também enganar a maioria dos árabes. O islamismo permite mentir para alcançar os seus objetivos, e é exatamente isso que Arafat está fazendo. Ele enganou o mundo de tal maneira que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1994.

Kaare Kristiansen, ex-líder do Partido Popular Cristão da Noruega e que por muito tempo apoiou Israel, demitiu-se da comissão do Prêmio Nobel da Paz após servir apenas três anos do seu mandato de 6 anos. Ele o fez imediatamente após se anunciar que o presidente da OLP Yasser Arafat receberia o Prêmio da Paz junto com o [falecido] primeiro- ministro israelense, Yitzhak Rabin, e o [então] ministro de Relações Exteriores Shimon Peres. Kristiansen disse: "[Minha demissão] foi o único argumento que me restou. O passado de Arafat é muito manchado de violência, terrorismo e derramamento de sangue e o seu futuro muito imprevisível para fazer dele um vencedor do Prêmio Nobel da Paz. É uma degradação [do prêmio] dá-lo a alguém tão desqualificado."[4]

Como o *U.S. News & World Report* comentou: "Yitzhak Rabin, Shimon Peres e Yasser Arafat buscaram seus prêmios Nobel na hora certa, porque seu 'processo' de paz está se desfazendo rapidamente. Arafat deixou de cumprir a parte mais essencial de seu acordo com os israelenses: restringir o terrorismo e aumentar a sensação de segurança israelense. Sua vigilância na fronteira foi tão relaxada que um terrorista suicida palestino envolto com explosivos pôde passar por vários pontos de revista palestinos no dia 4 de dezembro [de 1994] e só foi impedido por israelenses na passagem principal da fronteira entre Israel e Gaza. Pior que isso, Arafat deixou os radicais do Hamas operarem debaixo do seu nariz em Gaza. Ele ainda se refere a Israel como 'o inimigo' e ainda fala so-

[3] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 11 de fevereiro de 1995, p.7.

[4] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p. 8B.

bre o plano em fases de 1974 dos árabes para fazer 'paz' por qualquer pedaço de terra que proporcione uma base para destruir Israel."[5] Por outro lado, Arafat está zangado com as organizações terroristas além da sua própria Fatah porque as operações delas minam sua autoridade de resolver o acordo atual com Israel.

Enquanto está claro, segundo o registro histórico, que a única razão pela qual a OLP se envolveu com o dito "processo de paz" é para conquistar o controle de territórios dentro de Israel de onde lançar mais terrorismo e finalmente destruí-lo, outros muçulmanos, porém, ainda têm medo que uma paz genuína possa ser alcançada e assim enfraqueça sua solenemente jurada guerra de extermínio contra Israel. Em um discurso de outubro de 1994, um líder religioso iraniano, o aiatolá Sayed Ali Khamenei, avisou que qualquer líder árabe que fizesse a paz com Israel seria assassinado. Ele pediu que o povo se levantasse contra seus líderes e cuidasse deles como os egípcios fizeram com Anwar Sadat em outubro de 1981. Seguindo a liderança do aiatolá, o jornal em inglês *Tehran Times* escreveu: "Sem dúvida, o traidor Sadat espera os seus semelhantes no inferno. Qualquer árabe que apertar as mãos de sionistas deve lembrar-se do destino que se abateu sobre Sadat."[6]

Uma Parceria de Trapaça

As afirmações públicas enganosas de Arafat realmente deram a seus companheiros árabes e muçulmanos razão para acreditar que ele estava traindo a sua causa. Na assinatura do acordo de Oslo e em várias ocasiões desde então, Arafat prometeu abolir os longos artigos no Pacto da OLP que pedem a destruição do Estado de Israel. As mudanças, é claro, não foram feitas. Sua última desculpa pelo fracasso de suas promessas solenes veio no fim de março de 1995, quando ele disse que as mudanças não poderiam ser feitas até que "a Autoridade Palestina seja eleita na Judéia, em Samaria e em Gaza".

Na verdade, Arafat não pode fazer tal promessa, e ele sabe disso. Qualquer mudança deve ser aprovada por uma maioria de votos dos mais de 500 membros do Conselho Nacional Palestino. Eles teriam que renunciar ao islamismo para permitir que os judeus tenham soberania sobre qualquer parte de Israel. Afinal, o islamismo ensina, em direta contradição à Torá, que toda aquela terra foi dada aos árabes por Alá.

[5] U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, p. 84.
[6] International Herald Tribune, 28 de outubro de 1994.

A Declaração dos Princípios assinada com a OLP no final de 1993, no começo das negociações, estabeleceu dois objetivos para o processo de paz: 1) Os palestinos alcançariam uma autodeterminação final e, assim, a liberação do governo israelense; e 2) em troca, os israelenses alcançariam segurança e não estariam mais sujeitos ao terrorismo. Bem claramente, Arafat tem pouca intenção de trabalhar conscientemente em prol do segundo ponto.

O governo israelense acompanhou o engano de Arafat e seguiu uma linha de concessões e desonestidade próprias na qual escondeu do público certas informações que possuía, mostrando que nem tudo era como Arafat apresentava. Como o ex-comandante do exército, Ariel Sharon, reclamou: "Há mais de um ano, relatórios de inteligência diziam que Yasser Arafat não combateria o terror... Mas o terror tem aumentado, levando muitas vidas". Sharon continuou dizendo:

> Relatórios do serviço secreto indicavam que Arafat não tinha intenções de, ou não podia abolir o Pacto Palestino que exige a destruição de Israel. Mas o que o primeiro-ministro e ministro de Relações Exteriores dizem às pessoas? Que Arafat prometeu que acabaria com o pacto logo. Eles não só ignoraram a informação dos serviços de inteligência, mas, além disso, deram uma falsa impressão ao público.
>
> Ao invés de apresentar os fatos como são, alguns oficiais de inteligência provavelmente omitem fatos ou simplesmente não os passam adiante, com medo de prejudicar as necessidades político-partidárias de nossos líderes. Ou... eles adaptam avaliações às situações, sem recorrer aos fatos, para satisfazer o humor dos políticos.[7]

A Dura Realidade

Números crescentes de israelenses estão chocados com a dura realidade do que realmente tem acontecido desde o acordo de Oslo. Eli Landau, um prefeito local que apoiou o processo de paz, declarou: "Se o processo de paz é construído com corpos de judeus mortos, então eu retiro o meu apoio." Como a revista Time relatou em fevereiro de 1995:

> Quando deu um passo corajoso ao entrar num acordo de autodeterminação com Yasser Arafat e a Organização para Libertação da Palestina há 16 meses, o primeiro-ministro Yitzhak Rabin pro-

[7] The Jerusalem Post International Edition, Semana terminada no dia 29 de abril de 1995, p. 7.

> meteu a seus conterrâneos paz e segurança. Desde então, os israelenses gozaram de pouca paz e menos segurança. O cacife político de Rabin tem caído, e muitos cidadãos duvidam que a experiência de pacificação deva continuar... Como os terroristas tomam a iniciativa psicológica, o espaço de manobra para ambos, Rabin e Arafat, está se esgotando...
>
> Desde que Rabin e Arafat assinaram o primeiro acordo em setembro de 1993, 112 israelenses já foram mortos por radicais palestinos inclinados a destruir o acordo. No mesmo período, 195 palestinos morreram nas mãos de israelenses. Muitos deles eram civis inocentes, tais como Mohamed Abed Ghani, de 14 anos, que morreu na semana passada na cidade de Nablus, na Cisjordânia, quando soldados israelenses atiraram num grupo de estudantes que os ridicularizava...
>
> Como já tem feito em todos os ataques, [Rabin] temporariamente fechou as fronteiras de Israel a trabalhadores palestinos, impedindo a passagem diária de 40.000 deles da Cisjordânia e da Faixa de Gaza - uma forma de punição coletiva que serve apenas para inflamar o ódio palestino.[8]

O terrorismo crescente prova que o elemento terrorista não tem intenções de parar antes de aniquilar Israel. Prova também que não há união entre os árabes, e que as várias facções que trabalham em prol da destruição de Israel estão cada uma lutando pelo seu próprio domínio. Não pode haver paz real com Israel enquanto os árabes estiverem divididos entre si. Realmente, os árabes sempre lutaram um contra o outro. A Guerra do Golfo foi apenas um exemplo. O conflito entre Estados árabes existia há muito tempo e continua hoje.

Existem moderados entre os árabes, mas os fundamentalistas parecem ter maior poder. Isso é por causa do controle da religião muçulmana sobre o povo - e essa religião coloca os muçulmanos não apenas contra Israel, mas contra toda a humanidade. O islamismo exige a submissão de todos os povos a Alá e à Shari'a (a lei santa do islamismo). É uma busca que deve ser continuada até o triunfo final do islamismo no mundo inteiro. Logo, qualquer "paz" com Israel é estabelecida apenas como um passo na direção de sua destruição final.

Como Shlomo Gazit, um ex-chefe de Inteligência das Forças de Defesa de Israel e depois chefe de pesquisas no Centro Jafee para Estudos Estratégicos da Universidade de Tel Aviv, lembrou há algum tempo:

[8] Time, 6 de fevereiro de 1995, pp. 32-33.

> Muitos israelitas, eu sei, não estão prontos para uma concessão. Eles querem o bolo inteiro... O lado palestino, também, abriga muitos extremistas... eles não querem saber de concessões. Eles também querem o bolo inteiro... toda a Palestina do Mandato Britânico, desde o Jordão até o mar...
>
> O que eles precisam entender são as consequências. O processo de paz não pode continuar se isso significa que apenas o lado árabe atinge seus objetivos. Nesse caso, nenhuma concessão política seria possível. Não haveria alternativa à guerra total, a um conflito que deixaria um lado segurando o bolo inteiro.[9]

O Desacordo Fundamental

Desde a assinatura do acordo de Oslo e mais tarde o do Cairo, a Autoridade Palestina, que comanda os territórios que alcançarão autonomia e independência de Israel, "não conseguiu ancorar sua conduta na autoridade da lei". Tal é a conclusão da Vigilância de Direitos Humanos, uma organização com base em Nova Iorque, criada para monitorar violações aos direitos humanos. De acordo com seu relatório, a AP "sempre agiu de maneira arbitrária e repressiva... [e] o estado lastimável dos direitos humanos nas áreas de autodeterminação palestinas apresenta uma grave ameaça às perspectivas de uma paz durável na região". O relatório afirmava que "autoridades palestinas espancam e maltratam detentos durante os interrogatórios, especialmente aqueles acusados de colaborar com Israel".[10]

A Autoridade Palestina foi estabelecida para implementar o Acordo de Oslo. Ao invés disso, ela está continuamente violando numerosas cláusulas contidas nele. Com tantas brechas do acordo até agora, por que alguém imaginaria que a promessa de remover as cláusulas que exigem a destruição de Israel do Acordo da OLP seriam mantidas? A destruição de Israel está tão profundamente arraigada na consciência e na resolução palestina que seria preciso um milagre para reverter essa atitude. Considere estas poucas citações do Pacto Palestino original de 1968:

> A partilha da Palestina em 1947 e o estabelecimento do Estado do Israel são completamente ilegais, apesar da passagem do tempo, porque eles eram contra a vontade do povo palestino e seu direito

[9] Shlomo Gazit, "Arafat's end of the bargain" (O lado de Arafat no acordo), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 5 de novembro de 1994, p. 7.
[10] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 25 de fevereiro de 1995, p. 2.

natural à sua terra natal, e incoerentes com os princípios incorporados na Carta das Nações Unidas, particularmente o direito de autodeterminação.

A Declaração Balfour, o Mandato da Palestina e tudo que foi baseado neles, são considerados nulos e sem efeito...

Alegações de ligações históricas ou religiosas dos judeus com a Palestina são incompatíveis com os fatos da história e o verdadeiro conceito do que constitui um Estado. O judaísmo, sendo uma religião, não é uma nacionalidade independente. E os judeus também não constituem uma única nação com uma identidade própria; eles são cidadãos dos Estados a que pertencem."[11]

Não importa quantos acordos de paz sejam assinados, esse desacordo fundamental entre judeus e árabes sobre fatos básicos permanece, um desacordo que causou anos de derramamento de sangue. Ecoando a doutrina islâmica, a OLP nega que os judeus possuíram alguma vez a Terra Prometida, mesmo sob Josué e Davi, e afirma que ela sempre pertenceu aos árabes. Não é de se admirar que o islamismo ache necessário afirmar que o Antigo Testamento foi mudado, porque está cheio dos detalhes da conquista da Terra Prometida por Israel e dos 15 séculos de vivência ali até a Diáspora de 70 d.C.!

Porém, essa incrível negação dos fatos incontestáveis da história foi implantada tão profundamente na consciência árabe que só um milagre poderia trocá-la pela verdade. Mesmo o fato de que os judeus tenham existido como uma nação é negado! Eles nem ao menos são reconhecidos como um grupo nacional e étnico de pessoas, mas simplesmente como seguidores de uma religião. Logo, eles jamais podem tomar posse de um Estado próprio, só podendo ser cidadãos do país que habitam individualmente. Aqui temos um desacordo tão fundamental que parece um obstáculo intransponível na direção de uma paz genuína no Oriente Médio.

Um Retorno ao Dilema Pós-Holocausto?

Os árabes realmente têm a intenção de mandar os judeus de volta aos lugares onde estavam após o Holocausto, sem nenhuma pátria. Houve uma onda de "ataques contra judeus em vários países sul-americanos" por terroristas islâmicos.[12] Esses e outros judeus que enfrentam condições semelhantes ficarão sem pátria neste

[11] Dos artigos 19 e 20 do Acordo da Organização de Liberação da Palestina.

[12] David Miller, Correspondente do NNI, "Jewish Community in South America Fears Rising Wave of Persecution" (Comunidade Judaica na América do Sul Teme Onda Crescente de Perseguição), em This Week In Bible Profecy Magazine (Revista Essa Semana na Profecia Bíblica), fevereiro de 1995, p. 20.

mundo? Se ser um judeu não é uma identidade nacional, mas apenas uma religião por natureza, então qual é o status de 30 por cento dos israelenses que afirmam ser ateus? Eles não devem ser nem mesmo judeus. A ideia, claro, é absolutamente absurda, e mesmo assim essa fraude é levada a sério por milhões de árabes. Considere a seguinte frase do artigo 4 do Pacto de 1968:

> A identidade palestina é uma característica genuína, essencial e inerente; ela é transmitida de pai para filho. A ocupação sionista e a dispersão do povo árabe palestino, através dos desastres que se abateram sobre eles, não os faz perder sua identidade palestina e sua parte na comunidade palestina, e eles nem as negam.[13]

Então, qualquer afirmação judaica de que seus ancestrais eram cidadãos da nação de Israel, uma nação que existiu sob uma série de reis durante 1500 anos na própria terra que Deus deu a eles, é rejeitada como se jamais tivesse acontecido. Árabes, no entanto, que subsequentemente ocuparam aquela terra ao lado dos judeus quando nenhum deles tinha soberania, mas ambos eram sujeitos a poderes estrangeiros, são declarados como sendo os verdadeiros donos. E hoje eles afirmam soberania sobre ela, uma soberania que jamais tiveram. Lembre-se, jamais existiu um Estado palestino. Os israelenses estão "devolvendo" aos palestinos algo que *jamais* pertenceu a eles.

A situação relacionada às Colinas de Golã é semelhante. Essa região se situa dentro das fronteiras da "Terra Prometida" dada por Deus aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, e foi historicamente parte de Israel. Logo, o direito de Israel ao Golã data de mais de 3000 anos, enquanto o direito da Síria é de origem bem recente e é, no máximo, tênue. Na verdade, a Síria nem existia como uma entidade política até depois da Primeira Guerra Mundial. Como FLAME demonstrou:

> Até então ela era apenas outra província do império otomano, com suas fronteiras mal definidas. Em 1923, numa grande jogada de poder anglo/francesa, a fronteira entre a Síria e Israel foi estabelecida. As Colinas de Golã foram cedidas à Síria...
>
> O Golã é do tamanho do bairro de Queens em Nova Iorque, com cerca de 10 milhas de largura, com um planalto de cada lado de um

[13] Do artigo 4 do Acordo da OLP.

> cume. Se fosse parte da Síria seria menos que 1% de seu território. Mas ele é de suprema importância estratégica para Israel.[14]

Chave da Paz, Chave da Guerra

Essa importância estratégica é a única razão pela qual Israel capturou o Golã. Não foi porque ele cobiçava o território; ele foi atacado e tinha que fortalecer as suas linhas de defesa. Mesmo antes de Israel se tornar um Estado em 1948, os sírios já estavam lançando bombas quase diariamente do Golã, extremamente fortificado, sobre as vilas judaicas abaixo, tornando impossível uma vida normal. Tanto na Guerra dos Seis Dias em 1967 como na Guerra de Yom Kippur em 1973, centenas de tanques sírios cobriram o Golã em direção a Israel, mas foram repelidos com grande custo de vidas israelenses e sírias. Israel ocupou o território capturado, e em 1981 anexou-o para manter os sírios longe do planalto estratégico que vê Israel de cima e também para manter suas forças mais longe, para dar tempo de reagir caso houvesse outro ataque. FLAME comenta ainda:

> Portanto, ao devolver o Golã, Israel estará se colocando numa posição perigosamente vulnerável. Seu planalto proporciona capacidade de aviso-prévio, sem a qual Israel - assim como em 1948, 1967 e 1973 - estaria sujeito a ataques-surpresa por parte dos sírios. Essa perda obrigaria Israel a ficar em alerta constante e a manter um estado de prontidão e mobilização que seria econômica e socialmente impossível de ser mantido.
>
> O Golã, que chega a uma altura de 800 metros, domina o Vale do Jordão, o ponto mais baixo da terra, cerca de 250 metros abaixo do nível do mar. No Golã propriamente dito existem dois vales naturais pelos quais tanques podem avançar. Esses pontos de estrangulamento são defensíveis e possibilitaram o rechaçamento de 1.400 tanques sírios que atacaram Israel na guerra de 1973.
>
> Mas com o Golã nas mãos dos sírios, e sem as instalações de radar que avisariam Israel de qualquer movimento militar, milhares de tanques - auxiliados por mísseis e aviões - poderiam arrasar Israel em poucas horas. Seria uma situação estrategicamente impossível, especialmente para um país pequeno como Israel - menor que o Lago Michigan, metade do município de San Bernadino na

[14] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 12 de novembro de 1994, p. 23.

> Califórnia. O Golã não oferece defesa perfeita, mas dá a Israel tempo para mobilização.
>
> O Golã é a fonte de mais de um terço da água fresca de Israel. Em 1964, com o Golã nas mãos dos sírios, a Síria tentou desviar essas fontes e debilitar o fornecimento de água de Israel. É mais que provável, dada outra oportunidade, que a Síria tentaria mais uma vez destruir o fornecimento de água de Israel.[15]

Pesquisas mostram constantemente que "mais de dois terços do público israelense se opõe à retirada do Golã... Mais de 30 comandantes e oficiais aposentados das FDI... disseram numa conferência jornalística no kibbutz Merom Golã [no começo de janeiro de 1995] que reter as Colinas era a melhor e única maneira de garantir a segurança do país... [Yitzhak Hofi] enfatizou que seria impossível defender o norte de Israel da base do Golã, especialmente após um ataque surpresa. Os sírios têm mais de 4.000 tanques e grande número de peças de artilharia móvel, ele acrescentou."[16]

Uma organização judaica influente nos Estados Unidos expressou grave preocupação sobre a possibilidade de entregar o Golã:

> O governo israelense, com seu forte desejo de trazer paz a seu povo, após quase Cinquenta anos de guerra e derramamento de sangue, estaria disposto a abrir mão da segurança estratégica limitada de que goza agora com a sua posição no planalto - as montanhas da Judéia/Samaria (a Cisjordânia) e o Golã. Mas Israel não deve voltar às fronteiras de 1967, verdadeiras armadilhas, ou a qualquer coisa semelhante a elas.
>
> Para sobreviver dentro destas fronteiras, Israel teria que depender da boa-vontade dos Estados árabes, todos os quais - com exceção da paz fria com o Egito - ainda estão num Estado de guerra declarada contra Israel. Um agressor atacará somente quando confiante na vitória. Com o Golã nas mãos dos israelenses, os árabes atacantes teriam certeza da derrota e a paz seria preservada. Entregar o Golã à Síria é uma receita para a guerra e para a destruição de Israel...
>
> O público israelense vê a Síria como o seu oponente mais feroz nos últimos 50 anos e teme que evacuar o Golã daria ao presidente Assad uma opção para a guerra que ele não tem agora. Após 25 anos ouvindo quão importante é o Golã, não só como uma barreira

[15] Ibid., de uma propaganda para a revista FLAME - Facts and Logic about the Middle East (Fatos e Lógica sobre o Oriente Médio), P.O. Box 590359, San Francisco, CA 94159.

[16] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 3.

defensiva mas também como meio para dissuadir um ataque sírio, o público israelense está relutante em assumir novos riscos.[17]

Não é de admirar, portanto, que Israel seja cauteloso nos seus contatos com o presidente sírio Hafez Assad, com relação à devolução do Golã. Há outras razões convincentes também. Como a mesma organização judaica com conhecimento profundo do Oriente Médio avisou: "A Síria é a influência mais desestabilizadora no Oriente Médio. Ela é classificada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos como um país que trafica drogas e pratica o terrorismo. Sua fúria maior está direcionada contra Israel, que é considerado um baluarte da influência e da civilização ocidental, ambas as quais a Síria rejeita totalmente."[18]

Cuidado com Hafez Assad!

Deve estar claro para qualquer observador do Oriente Médio, durante os últimos anos, que "o presidente da Síria, Hafez Assad, é um tirano, tão cruel e traiçoeiro quanto seu equivalente iraquiano, Saddam Hussein. Sob Assad, a Síria é um centro mundial do terrorismo. Ele ainda hospeda manda-chuvas nazistas, que foram bem-vindos após a Segunda Guerra Mundial. Poucos duvidam que foi ele [Assad] quem planejou e autorizou o ataque suicida sobre os alojamentos da marinha em Beirute, no qual morreram 241 americanos... Ele comanda uma das maiores operações de narcóticos do mundo."[19]

O então ministro de Relações Exteriores Shimon Peres "acusou a Síria de hospedar 10 organizações terroristas que se opõem ao acordo de paz no Oriente Médio. 'Como a Síria pode buscar a paz enquanto permite operações terroristas?', disse Peres em Washington."[20] Apesar das óbvias intenções malignas da Síria, Israel continuou suas negociações para a retirada do Golã. Na época, Rabin até comprometeu Israel a uma retirada em fases durante quatro anos "para a fronteira internacional" nas colinas.[21]

Quanto às verdadeiras intenções de Assad, Arafat e outros líderes árabes, não deveria haver dúvida de que todos concordam com os ensinamentos do islamismo. Seguindo o islamismo, Assad, Arafat e vários outros líderes árabes repetidamente declararam ao longo dos anos que o seu objetivo imutável é a destruição de Israel.

---

[17] Uma propaganda "publicada e paga pela FLAME, Fatos e Lógica sobre o Oriente Médio, P.O. Box 590359, San Francisco, CA 94159" em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 12 de novembro de 1994, p. 23.
[18] Ibid.
[19] Ibid.
[20] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 2.
[21] Ibid.

Não houve qualquer desculpa por essas afirmações (nem mesmo por parte de Arafat desde a assinatura dos acordos de Oslo), nem pela agressão passada, nem pelo terrorismo atual.

Na verdade, não há qualquer indicação de uma mudança no objetivo final. O que estamos vendo no processo de paz é simplesmente um ajuste estratégico de como a destruição de Israel será alcançada. Em janeiro de 1995 o presidente iraquiano, Saddam Hussein, mais uma vez "convocou os países árabes a começarem ataques de mísseis sobre Israel, semelhantes aos ataques do Iraque durante a Guerra do Golfo... [Disse Saddam], 'Os países árabes deveriam estar se perguntando quem lançará o 40° míssil contra Israel!' O Iraque lançou 39 mísseis Scud contra Israel durante a guerra [do Golfo]."[22]

Mesmo enquanto ele negocia com Israel para devolver o Golã, Assad aumentou seu apoio aos terroristas do Hezbollah. Não é segredo que suas operações são supervisionadas de bases em Beirute e no Vale de Beka'a, que estão completamente sob controle sírio. Enquanto o Irã é o principal patrocinador do Hezbollah em dinheiro e armamentos militares, esse apoio não podia chegar ao Hezbollah para seus ataques contra Israel sem a total cooperação e aprovação da Síria. E também não é segredo que toda a paixão da existência do Hezbollah não é meramente a interrupção do "processo de paz", mas a destruição total de Israel. A duplicidade de Assad é óbvia, porém Israel continua as negociações como se o presidente sírio estivesse agindo de boa fé, mesmo apesar de não ter renunciado à sua intenção frequentemente repetida de destruir Israel.

Parece ainda mais surpreendente que os comandantes das Forças de Defesa israelenses não consigam concordar se Assad é "sincero sobre fazer as pazes com Israel ou [está] usando as negociações para ganhar o Golã e adquirir superioridade estratégica... O [então] Chefe de Inteligência Major-General Uri Saguy, acredita que Assad mudou, mas seu [então] vice-chefe, Brigadeiro-General Ya'acov Anidror, acredita que Assad está continuando a se preparar para a guerra."[23] Mesmo se Assad esteja sendo sincero, como afirma Yitzhak Hofi, ex-chefe do Mossad, ele não é imortal, e quando as inevitáveis "mudanças no regime sírio" vierem, "isso viraria tudo de pernas para o ar".

---

[22] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 3.

[23] Ibid., p.9.

Negação e Omissão

Em seus planos e negociações com relação ao Golã, a liderança israelense foi pouco honesta com o público. Na véspera das eleições para o Knesset em 1992, sem dúvida para ganhar votos, Yitzhak Rabin declarou: "quem se retirar do Golã abandonará a segurança de Israel". Então começaram a se espalhar rumores, logo após as eleições, de que um acordo secreto de abandono do Golã fora feito. Na sua primeira viagem ao Golã após as eleições, Rabin se reuniu com líderes na sala de jantar do kibbutz Ortal. A expectativa de que o [então] primeiro-ministro desmentiria os rumores foi frustrada. Um membro do Ortal, Uri Heitner, citou as palavras de Rabin: "[Quem] disse que você pode ter paz com todo o Golã [ainda nas mãos de israelenses] está mentindo. Eu olho para vocês e digo que haverá uma retirada dolorosa, mas não será uma retirada completa."[24]

Rabin ainda manteve em público sua oposição a uma retirada total. No entanto, fontes diplomáticas confiáveis, não só dentro da Síria, mas do Egito, dos Estados Unidos e até de Israel, concordam que durante reuniões secretas mantidas com a Síria já em 1992, Rabin concordou com uma retirada total em troca de reconhecimento e paz genuínos, mesmo quando oficiais israelenses continuavam a negá-lo. Em reuniões secretas no Cairo, representantes israelenses garantiram a seus anfitriões egípcios e a representantes sírios que o governo liderado pelos trabalhistas, ao contrário da aliança encabeçada pelo partido Likud que Rabin derrotara, "via Israel como sendo comprometido com as resoluções 242 e 338 da ONU de retirada do Golã".[25] Então, o que tinha impedido o acordo? Aparentemente, apesar da concordância de Israel com quase tudo que a Síria exigia, aquele país ainda não estava disposto a definir o que queria dizer com "paz".

Antigos altos diplomatas e oficiais de defesa americanos formaram e lideram ativamente uma organização em Washington chamada *"Search for Common Ground"* ("Busca de uma Base Comum"), que há alguns anos vem "tentando recrutar líderes árabes e israelenses próximos a seus governos para dialogar sobre uma solução para o conflito no Oriente Médio". Um dos personagens principais nesse diálogo nos bastidores tem sido Tahsin Bashir, um diplomata egípcio que ajudou a negociar os Acordos de Camp David. Sem dar detalhes da longa e árdua jornada até agora e das muitas frus-

[24] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 10 de dezembro de 1994, p. 10.
[25] Ibid.

trações ao longo do caminho, pode-se dizer, apesar das negativas do presidente sírio Assad e de altas autoridades israelenses, que um pequeno progresso foi feito em direção a uma retirada total do Golã, da paz total e de relações diplomáticas entre a Síria e Israel.

Necessidade ou Engano Mortal?

Apesar dos perigos, à primeira vista Israel parece não ter nenhuma opção melhor do que buscar a paz com seus vizinhos. O ex-ministro de Relações Exteriores Abba Eban argumentou: "Longe de impedir outras guerras, nossa vitória em 1967 [Guerra dos Seis Dias] foi seguida por mais três guerras, que terminaram sem termos alcançado a segurança."[26] Mas será que o atual suposto processo de paz é realmente uma necessidade ou um engano mortal?

Um colunista israelense comparou o "processo de paz" a um falso Messias que cativou a imaginação do [então] primeiro-ministro Yitzhak Rabin e do [então] ministro de Relações Exteriores Shimon Peres, e fascinou grande parte dos judeus pelo mundo afora. Ele escreveu:

> Nossos pseudo-parceiros árabes sabem que em nome desse processo, Rabin, Peres & Cia. estão ignorando a história e as aspirações judaicas, ignorando a história das atitudes islâmicas clássicas e árabes modernas em relação aos judeus e ao judaísmo em geral e à soberania judaica em particular; e estão se deixando hipnotizar por sorrisos árabes ocasionais.
>
> Rabin, Peres e Cia. também estão ignorando a longa história de governantes árabes como especialistas da prática da arte, arraigada no pensamento religioso islâmico, de mentir e sorrir para o inimigo a fim de deixá-lo desprevenido, desviá-lo de seus objetivos, enfraquecê-lo e destruí-lo.
>
> Rabin, Peres e Cia. estão liderando o Estado judeu pelo deserto do ódio muçulmano/árabe para uma terra ilusória, e nosso ministro de Relações Exteriores parece sentir um prazer erótico ao chamá-la de "Novo Oriente Médio".
>
> Nossos falsos parceiros árabes gostam da ideia de que assim como miragens comuns pairam acima de terra firme ou do mar, essa terra ilusória paire sobre um abismo, além do precipício, e cada passo adiante nos traga mais perto da beirada e, finalmente, que Deus não o permita, nos lance no abismo.[27]

[26] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 26 de novembro de 1994, p. 7.

[27] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 13.

Deveria estar claro agora que o dito processo de paz é uma fraude que só pode levar, em última análise, à guerra. Embora os israelenses sejam sinceros no seu desejo por uma co-existência pacífica com seus vizinhos árabes, os últimos juraram a si mesmos destruir um Estado israelense sem se importar com suas dimensões, porque creem que sua existência é fundamentalmente injusta. Os acordos de Oslo e do Cairo são meramente passos em direção da destruição final do Estado de Israel. Como um editorial do *Jerusalem Post* afirmou com precisão:

> [Enquanto] o perigo da militância islâmica pairar no ar, todas as conversas sobre uma mudança positiva e significativa nas atitudes do mundo árabe e muçulmano para com Israel são cruéis e perigosamente prematuras.[28]

Israel Também é Culpado

A culpa não pode ser colocada somente sobre os árabes. Israel, através de sua descrença e desobediência, trouxe sobre si mesmo as atuais circunstâncias intoleráveis. Embora a maioria deles tenha um senso de tradição, apenas uma pequena fração dos judeus no mundo de hoje realmente creem que a Bíblia é a Palavra de Deus. E uma fração ainda menor crê que Yahweh, o Deus de Israel e único Deus verdadeiro, deu pessoalmente a terra de Israel a Seu "povo escolhido" *para sempre* - e que eles são esse povo. E uma fração menor ainda e literalmente bem pequena crê que as fronteiras da terra que receberam estão descritas em Gênesis 15.18-21 ("desde o rio do Egito até ao... rio Eufrates", etc.).

Nós já vimos documentada a afirmação da Bíblia de que essa terra foi prometida por Deus a Israel *para sempre*. Ela *jamais* foi vendida, e muito menos foi desfeito o trato. Foi Deus quem, por Sua graça e Seu poder, concedeu a terra a Israel. Os israelitas não a conquistariam nem a reteriam por seu próprio esforço ou engenhosidade, mas se obedecessem a seu Senhor, Ele os protegeria.

É óbvio que o Israel moderno, como seus antepassados, violou a Torá não só moralmente, mas com relação à Terra Prometida. Em desobediência e descrença, ao invés de depender das promessas e da proteção de Deus, está trocando terra por "paz". Ele deu parte da Terra Prometida de volta ao Egito pelo acordo de paz com aque-

[28] "The Iranian Threat" (A Ameaça Iraniana), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 8.

la nação; ele está no processo de dar terra para a OLP em troca de paz com essa organização terrorista; ele recentemente deu terra à Jordânia em troca de prometidas relações melhoradas com esse vizinho; e ele está no processo de entrar num acordo para dar o estratégico Golã de volta à Síria em troca de uma promessa de paz com aquele inimigo jurado.

Obviamente, o "povo escolhido" de Deus não está confiando no Senhor que disse que daria a terra a eles e que Ele os protegeria e os estabeleceria. Parece haver por parte dos líderes de Israel uma ausência total de fé nas promessas de Deus. Eles não precisam fazer um acordo com ninguém se apenas permanecerem fiéis a Deus e Sua Palavra. Infelizmente, eles sofrerão as consequências de sua desobediência e descrença.

"Paz", Destruição e Oração

O mundo quer "paz", e a terá. A razão pela qual essa paz não durará, no entanto, mas finalmente levará à destruição mundial, é clara. A política dos Estados Unidos e de outros países ocidentais com relação a Israel ignora o fato de que os judeus são o povo escolhido de Deus e que a terra de Israel é a sua justa herança. Enquanto muitas pessoas no Ocidente, e mesmo alguns líderes nacionais, afirmam ser cristãos, o que a Bíblia diz claramente sobre o Oriente Médio é ignorado por não ser prático.

No entanto, estamos indo na direção que a Bíblia diz que será seguida. É uma estrada para o desastre, para o Armagedom, mas no caminho há um desvio que passa por uma paz temporária. "**Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição**", escreveu Paulo. Essa afirmação nos diz que o mundo deve chegar a um ponto onde acreditará que a paz foi alcançada - e, é claro, isso deve envolver o Oriente Médio. Séculos antes disso, Daniel, inspirado pelo Espírito Santo, escreveu que se- ria por meio da paz que o Anticristo destruiria a muitos. Obviamente não seria uma paz genuína, mas uma pseudo-paz que enfraqueceria as defesas e a proteção estratégica de Israel, deixando-o vulnerável à destruição e incentivando seus inimigos ao ataque.

A promessa de Deus a Abraão ainda está em vigor: "**Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem" (Gênesis 12.3)**. Desde a derrota na Guerra do Golfo e do

boicote subsequente contra o Iraque, Saddam Hussein, ainda que nem tanto quanto Hitler, agora sabe o que isso significa.

Vamos fazer tudo que podemos para abençoar Israel em obediência a Deus. Aquele pequeno país precisa de nossas orações. Ele certamente encolherá ainda mais nos próximos tempos à medida em que os árabes conseguirem seu Estado palestino, e os israelenses brigarem entre si sobre como responder à pressão mundial para fazer concessões perigosas. E vamos continuar a "**orar pela paz de Jerusalém**" **(Salmo 122.6)**, como Deus ordenou.

Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor, e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém. Naquele dia farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a erguerem se ferirão gravemente; e, contra ela, se ajuntarão todas as nações da terra... Naquele dia porei os chefes de Judá como um braseiro ardente debaixo da lenha, e como uma tocha entre paveias; eles devorarão à direita e à esquerda... o Senhor [Yahweh] protegerá os habitantes de Jerusalém... e o mais fraco dentre eles nesse dia será como Davi... [Eu, Yahweh] procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém.

— Zacarias 12.2-3,6,8-9

Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados.

— Mateus 24.21-22

Congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá; e ali entrarei em juízo contra elas por causa do meu povo, e da minha herança, Israel, a quem elas espalharam por entre os povos, repartindo a minha terra entre si.

— Joel 3.2

16
Um Cálice de Tontear

Após ser espalhado durante 2500 anos por toda nação na terra, odiado, caçado, perseguido, e perpetuamente feito alvo das tentativas de genocídio mais sistemáticas da His- tória, o povo judeu surpreendentemente sobreviveu como um grupo étnico e nacional identificável e retornou a sua antiga terra! Só isso já seria milagroso o suficiente, mas os profetas têm mais a dizer: que nos últimos dias logo antes do retorno do Messias à terra, Jerusalém seria um "cálice de tontear... uma pedra pesada" para todas as nações da terra. Nós documentamos várias profecias sendo cumpridas em nossos dias, mas essa é sem dúvida a mais surpreendente de todas.

No cumprimento das profecias que já documentamos, nós vemos milagres que ninguém pode negar. Os noticiários diários nos lembram que as profecias a respeito de Israel tornando-se "um cálice de tontear" e "uma pedra pesada" ainda estão no processo de se realizarem completamente. É de se desejar que as outras profecias sobre a Grande Tribulação e todas as nações do mundo se voltando contra Jerusalém em destruição mútua não se realizassem. Porém, a precisão de 100 por cento das profecias bíblicas relacionadas ao passado nos avisa que os eventos ainda futuros certamente devem

acontecer. Inclusive, seria preciso ser cego para não perceber que estamos caminhando nessa direção.

É verdade que nenhuma guerra total foi realizada por Jerusalém por mais de 20 anos, enquanto existem outras zonas de guerra no mundo desde a Bósnia até a África e o Sudeste Asiático para tirar a atenção de Jerusalém. Mais uma vez, no entanto, exatamente como Jesus previu, esses conflitos estão acontecendo "nação contra nação" (Mateus 24.7; Marcos 13.8; Lucas 21.20) e são um perigo grave para o mundo. Porém, a pedra mais pesada pendurada nos pescoços das Nações Unidas é, sem dúvida, Jerusalém. O que deve ser feito a respeito dessa cidade e do Estado de Israel? Essa questão perturbadora deve ser resolvida para impedir o começo da guerra mais destrutiva da história mundial.

Uma Introspecção Chocante

Enquanto a OLP *fala* sobre paz com Israel, as suas ações falam mais alto que as palavras. No capítulo anterior citamos algumas cláusulas do Pacto da OLP de 1968 que exigia a destruição do Estado de Israel e que Yasser Arafat prometeu abolir. Ao invés disso, "a OLP preparou uma nova versão de seu pacto, que não é menos cruel que o original".[1] A nova versão oficial foi publicada em março de 1995 em inglês e árabe pelo Ministério de Informação da Autoridade Nacional Palestina. Mas ao invés de ir em direção ao que Arafat prometeu, ela reafirmou em linguagem ainda mais clara e dura tudo o que o Pacto de 1968 declarou. Considere este parágrafo da nova versão:

> A Resolução de 1947 sobre a divisão da Palestina somente complementou as leis e ordens militares injustas implementadas pelo governo administrativo britânico. O povo palestino não aceitou a Declaração Balfour em tempo algum. A Inglaterra prometeu sob essa declaração dar aos judeus terras que não lhe pertenciam [à Inglaterra], para estabelecer um Estado judeu, uma ação ilegal e moralmente inaceitável.
>
> A divisão da Palestina também foi infundada e ilegal, porque ela deixara de consultar a maioria dos palestinos, na época aproximadamente 90% da população total...
>
> O objetivo do movimento sionista com relação a essas iniciativas, era estabelecer o seu próprio Estado às custas dos habitantes origi-

[1] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 6.

> nais da Palestina. Os judeus recusaram todos os pedidos de coexistência pacífica e de governo autônomo na Palestina e Jordânia. Todas as tentativas árabes e internacionais que procuraram convencer os judeus a aceitarem um governo autônomo na Palestina estavam destinadas ao fracasso.[2]

Os árabes são os "habitantes *originais* da Palestina"? Os judeus recusaram "os pedidos árabes de coexistência pacífica" e de governo autônomo palestino? Os palestinos receberam 82 por cento da terra. Eles tinham seu Estado palestino. Não foram os judeus que atacaram os árabes, mas foram os árabes que atacaram os judeus. Como é possível ter uma discussão razoável com aqueles que desrespeitam a verdade tão descaradamente?

Um engano atual é a falsa impressão dada de que o ressentimento dos palestinos contra os judeus se estendia apenas às áreas supostamente "ocupadas" da Cisjordânia e de Gaza. A verdade é que os árabes realmente pretendem recuperar toda a terra de Israel. Esse fato fica claro repetidamente tanto na nova quanto na antiga versão do Pacto. Veja o seguinte comentário sobre essa questão:

> Diante dos fatos e números acima, agora está claro que os refugiados palestinos estão profundamente ligados a sua terra - uma terra que foram forçados a abandonar, para levar uma vida nos acampamentos.
>
> Os refugiados palestinos demonstraram através de mais de quatro décadas de ocupação israelense a sua convicção inabalável de alcançar seus direitos legítimos [ênfase adicionada].[3]

O significado não poderia ser mais óbvio. No mínimo, o novo Pacto da OLP, ao invés de deixar de lado aqueles artigos que no pacto de 1968 exigiam a destruição do Estado de Israel, defende ainda mais explicitamente o mesmo objetivo. Como Ze'ev Begin, um membro do Partido Likud no Knesset (Parlamento) israelense, declarou ao comentar esse novo Pacto: "A Judéia, Samaria, e Gaza estão sob controle israelense há menos de três décadas. Mas para a OLP, é o Estado de Israel dentro das fronteiras de 1949 que constitui injustiça durante 'mais de quatro décadas de ocupação israelense'. Na opinião da OLP, tal injustiça deve ser removida, e o acordo de Oslo é só mais uma fase nos esforços para alcançar esse objetivo."[4]

---

[2] Palestinian Refugees and the Right to Return (Refugiados Palestinos e o Direito de Retornar) - Autoridade Nacional Palestina, Publicação do Ministério de Informação Número 6, Março de 1995), pp. 4, 8, como citado em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p.6.

[3] Ibid.

[4] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 6. "PLO covenant: alive and snarling" (Pacto da OLP: vivo e rosnando), de Ze'ev Begin.

Vê-se a falsidade do acordo de paz da OLP pelo fato de que, desde que o suposto "processo de paz" começou, aproximadamente 5.000 a 10.000 palestinos fugiram da OLP e do Hamas e se mudaram para Israel. Em sua maioria tornaram-se cidadãos israelenses e estão escondidos por todo o Israel. Esses chamados "colaboradores" fizeram um pacto de paz real com Israel anos antes dos acordos de Oslo e agora estão sendo caçados por seus camaradas árabes apesar da exigência de perdão aos colaboradores naquele acordo. A realidade foi resumida assim:

> Pelo menos 73 supostos colaboradores foram mortos desde os acordos de Oslo há 18 meses atrás [alguns por suas próprias famílias]... Mais de 830 morreram como supostos colaboradores desde que a intifada começou sete anos atrás.
>
> Alguns israelenses ficaram preocupados que a presença dos agentes do Estado ameaçados em seu território agora ameace os próprios israelenses. "E se um rapaz de 18 anos, filho de um colaborador, decidir purificar seu nome matando um judeu?", perguntou um morador de Jerusalém que descobriu uma dessas famílias morando anonimamente no andar de cima. "E se o Hamas atacar a pré-escola frequentada pelo filho de um suposto colaborador?", perguntou uma comissão de pais em Afula...
>
> "Se eu trabalhar numa construção e um dos trabalhadores árabes me reconhecer, estou morto", [diz um colaborador que se mudou de Jericó para Jerusalém].[5]

Divisão da Terra Prometida

É claro que o mundo acredita que o objetivo da OLP é uma paz genuína, e a ONU está fazendo o que pode para trazer os dois lados a esse ponto. Infelizmente, as nações do mundo estão tentando estabelecer a paz da maneira errada e estão fazendo isso, mais uma vez, precisamente como a Bíblia disse que aconteceria. Deus deu a Terra Prometida a Israel, mas os árabes e o resto das outras nações do mundo não admitirão esse fato. Ao invés de reconhecer a posse de Israel sobre a terra que Deus lhe dera, as nações do mundo, desafiando a Deus, estão dividindo a terra de Israel, aquela terra que Deus disse que não poderia ser dividida.

[5] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 25 de março de 1995, p. 8A.

Zacarias previu que Jerusalém se tornaria um peso incômodo sobre todas as nações do mundo (12.3). Considere quão notável é essa profecia. Quem poderia imaginar, quando o Antigo Testamento foi escrito, que todas as nações do mundo estariam envolvidas na decisão do destino de Israel? Isso seria impossível até a formação da Liga das Nações depois da Primeira Guerra Mundial, e da sua sucessora, as Nações Unidas, depois da Segunda Guerra Mundial. E esse envolvimento de todas as nações na divisão de Israel ocorreu exatamente como profetizado e ainda está no processo de ser implementado. O próprio Anticristo terá a palavra final na divisão da "**terra por prêmio**" **(Daniel 11.39)**.

Lembre-se, foram as Nações Unidas que, em novembro de 1947, votaram em favor da divisão da "terra da Palestina", como a chamavam (não a "terra de Israel", como a Bíblia a denomina), dando uma pequena porção a Israel ao invés daquilo Deus lhe havia prometido. A nova e pequena nação de Israel foi imediatamente atacada cruelmente por forças árabes surpreendentes. Como previamente explicado, Israel se defendeu contra a ameaça de extinção na época, e numa série de guerras que foram travadas mais tarde para preservar a sua própria existência, tomando território adicional por causa de sua necessidade estratégica de autodefesa. Israel precisava desesperadamente daquele território por causa do medo constante de um ataque- surpresa por parte de seus vizinhos árabes que continuaram a ameaçá-lo com extermínio.

As Nações Unidas imediatamente exigiram que Israel devolvesse as terras que havia tomado. Após a Guerra dos Seis Dias em 1967, o Conselho de Segurança da ONU aprovou sua Resolução 242. Ela exigia a devolução por Israel dos territórios capturados em troca de reconhecimento pelos árabes do direito de Israel de viver em paz, um reconhecimento que os árabes se recusaram a dar. Após a guerra de Yom Kippur em 1973, veio a Resolução 338 que exigia mais uma vez o reconhecimento árabe do direito de Israel existir e do reconhecimento israelense do direito dos palestinos a alguma forma de autodeterminação pelo menos em parte de sua pátria.

É compreensível que Israel hesite em obedecer à ONU enquanto seus vizinhos têm negado o seu direito de viver entre eles em paz e continuem a ameaçá-lo de aniquilação. Israel devolveu terras ao Egito como parte do acordo de paz com essa nação; no começo de 1995, devolveu terras à Jordânia, e agora está no processo de de-

volver mais terras aos palestinos. O Artigo I da "Declaração dos Princípios sobre Acordos Governamentais Temporários" entre Israel e a OLP afirma:

> Entende-se que os acordos temporários são uma parte integral de todo o processo de paz e que as negociações sobre o status permanente levarão à implementação das Resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança.[6]

As profecias relacionadas a Israel estão na Bíblia há milhares de anos. A Bíblia é lida diariamente por milhões de cristãos e, pelo menos a cada domingo, em milhares de igrejas em todo o mundo. Muitos membros do Congresso dos Estados Unidos e líderes militares, e até alguns líderes nas Nações Unidas e da OTAN, afirmam crer na Bíblia. No entanto, como os profetas previram, as nações do mundo, desafiando a Deus e Sua Palavra, estão encaminhando a partilha da terra de Israel. É como se eles desafiassem Deus a julgá-los - e Ele certamente fará isso, exatamente como Seus profetas avisaram.

Todos os lados envolvidos nessa entrega anti-bíblica, inclusive o próprio Israel pela sua permissão, serão punidos severamente. Assim dizem os profetas. Não estamos sugerindo que os árabes ou palestinos devam ser expulsos da terra; essa não deve ser a intenção de Israel. O que a Bíblia diz é que a terra que lhe foi dada por Deus deveria estar sob o *governo* de Israel e aberta aos imigrantes judeus de todo o mundo, que enfrentam um antissemitismo crescente e precisam de um lugar de refúgio.

Nenhuma Explicação Racional

Para entender quão surpreendentes são essas profecias, deve-se perceber que 2.500 anos atrás, quando Zacarias fez sob a inspiração de Deus a impressionante alusão a Jerusalém como "cálice de tontear" e "pedra pesada", aquela capital antiga de Israel estava em ruínas e cercada pelo deserto. Ela permaneceu destruída por séculos, e mesmo quando reconstruída jamais alcançou sua antiga glória para os judeus. Somente um profeta inspirado pelo verdadeiro Deus que conhece o futuro poderia ter feito tal previsão a respeito do papel central de Jerusalém na atual busca pela paz! Es-

[6] Da Declaração, assinada em Washington D.C. no dia 13 de setembro de 1993, por Shimon Peres pelo Governo de Israel e Mahmoud Abbas pela OLP e testemunhada por Warren Christopher dos Estados Unidos da América e Andrei Kozyrev pela Federação Russa, conforme citado em Shlomo Gazit-Zeev Eytan, Editado por Shlomo Gazit, The Middle East Military Balance 1993-94 [O Balanço Militar do Oriente Médio 1993-94] (Universidade de Tel Aviv, Centro Jaffee de Estudos Estratégicos, 1994), p. 43.

sa poderia ter sido uma profecia incrível mesmo há 50 anos atrás. Não é nem possível explicar isso racionalmente com base nas informações que temos hoje.

Jerusalém é de pequena importância comercial e científica. Ela não tem nem uma localização estratégica, nem recursos naturais, nem uma beleza incomum (comparada com outras cidades) para atrair turistas. Cada um dos centros Disney de turismo na Califórnia e na Flórida atraem muito mais turistas anualmente (assim como os santuários católicos romanos de Maria) do que todo o país de Israel. No entanto, precisamente como Zacarias previu, a população mundial atual de 5.6 bilhões está de olho em Jerusalém com medo e temor, sabendo que quando a próxima guerra mundial estourar será sobre essa aparentemente insignificante capital de um dos menores países do mundo. Uma profecia incrível realmente está sendo cumprida diante de nossos olhos!

Um Fogo Consumidor

Ainda mais impressionante, porém, foi a explicação de Zacarias do porquê de Jerusalém ser um cálice de tontear: "**Naquele dia porei os chefes de Judá como um braseiro ardente debaixo da lenha, e como uma tocha entre paveias; eles devorarão à direita e à esquerda... o Senhor protegerá os habitantes de Jerusalém ...o mais fraco dentre eles nesse dia será como Davi** [o maior guerreiro e líder militar de Israel]..." **(Zacarias 12.6,8)**.

Se Israel fosse facilmente derrotado, não seria um "cálice de tontear". Mas essa pequena nação repetida e decisivamente derrotou forças árabes de superioridade numérica surpreendente apoiadas pelo poderio soviético, deixando os árabes - e o resto do mundo - sem alternativa nesse ponto a não ser negociar.

Não se pode negar que o pequeno Israel, como Zacarias notavelmente previu, contra probabilidades intransponíveis, foi e continua sendo como um fogo devorador para as nações ao seu redor. Comparado com os Estados Unidos, a nação mais poderosa do mundo (cuja tentativa de resgatar seus reféns no Irã se tornou numa embaraçosa derrota), Israel trouxe decisivamente e com sucesso seus reféns do centro da África com a perda de apenas um homem. Quando o Iraque construiu um centro nuclear, Israel, agindo para sua própria preservação, mandou seus aviões e bombardeou com preci-

são as esperanças iraquianas. Como George Will disse: "O Ocidente deveria se lembrar com gratidão do ato mais eficaz e benéfico da história recente, o bombardeio israelense do embrião do programa de armas nucleares do Iraque em 1981."

Em uma batalha aérea, cerca de 200 caças sírios MIG avançados foram derrubados enquanto Israel só perdeu algumas unidades. Não há dúvida de que, nas guerras com seus vizinhos, a Força Aérea israelense poderia ter bombardeado o Cairo e Damasco, e o exército israelense poderia ter capturado essas cidades se quisessem. Os árabes aprenderam do jeito difícil que a afirmação inacreditável de Zacarias há 2500 anos atrás se tornou verdade para assombrá-los. Eles realmente têm um "fogo consumidor" em seu meio que nem Alá nem todo o poder militar árabe unido pode controlar.

Tendo rejeitado o que os profetas do Antigo Testamento disseram, a única estratégia que resta aos árabes é o subterfúgio e as falsas promessas de paz em preparação para o ataque final a fim de exterminar Israel quando chegar a hora certa. E nessa hora, como veremos, sob a liderança do Anticristo, o mundo inteiro se unirá aos árabes na "solução final" para o problema judeu.

O Desequilíbrio Militar

Quando se considera as estatísticas do desequilíbrio militar no Oriente Médio, mais uma vez não faz sentido que Israel fosse vitorioso, muito menos que viesse a ser hoje um "cálice de tontear" para as nações do mundo e um "fogo consumidor" para os seus vizinhos árabes. Atualmente o exército e os reservistas israelenses juntos, que chegam a 500.000, estão cercados por exércitos árabes que chegam a quase 2.500.000, uma proporção de 5 para 1. Seus 3.850 tanques de guerra são poucos comparados com os 15.000 tanques árabes, uma proporção impossível de 4 para 1. Em mísseis e foguetes Israel tem 1 para cada 20, e no total de aviões de combate tem 1 para cada 3 (750 contra 2.350).[7]

Baseados nos números, e com os milhares de especialistas militares soviéticos para aconselhá-los e treiná-los, os árabes deveriam ter sido capazes de derrotar Israel facilmente. Mas não o conseguiram. Esta pequena nação tem o terceiro exército mais poderoso do mundo e sem dúvida o mais eficiente e eficaz. Certamente a antiga União Soviética não tinha interesse em enfrentar Israel, nem os Es-

[7] Estatísticas de Shlomo Gazit-Zeev Eytan, Editado por Shlomo Gazit, The Middle East Military Balance 1993-94 [O Balanço Militar do Oriente Médio 1993-94] (Universidade de Tel Aviv, Centro Jaffee de Estudos Estratégicos, 1994), pp. 482-87.

tados Unidos considerariam enfrentar Israel sozinhos. Ele é realmente uma "tocha entre paveias" e capaz de devorar todas as nações ao seu redor, como os profetas bíblicos incrivelmente previram.

Foi, na verdade, a eficiência das Forças de Defesa de Israel (FDI) que estabilizou a região e levou os árabes à mesa de negociações. Israel é acusado por começar a Guerra dos Seis Dias em 1967, mas o fato é que lançou um ataque preventivo porque estava prestes a ser atacado por todos os lados. "Nos quatro meses anteriores à Guerra dos Seis Dias, Gamal Nasser lançou 37 ataques contra Israel, enquanto os sírios bombardearam tratores israelenses na margem do Mar da Galiléia dos seus poleiros militares perfeitos sobre o Golã. Encorajado pelo seu sucesso, Nasser proibiu o embarque de mercadorias israelenses através das águas internacionais do Estreito de Tiran..."[8] Israel não tinha escolha senão surpreender os árabes antes que eles executassem o seu ataque bem planejado.

O Fator Nuclear

Outra razão pela qual Jerusalém é um "cálice de tontear" para o mundo inteiro hoje é sua capacidade nuclear. Exatamente qual seja essa capacidade permanece um segredo, mas ninguém duvida que está ali e pronta para ser usada se necessário. Esse fato explica ainda melhor a profecia de Zacarias a respeito de Israel como um fogo consumidor! Como consequência, ele está sob pressão para assinar um tratado de não-proliferação com outras nações naquela região. A Síria ameaçou não assinar qualquer tratado de paz com Israel enquanto ele não assinar o pacto nuclear. O Egito também pôs pressão sobre Israel para fazer isso. O presidente egípcio, Hosni Mubarak, disse no começo de 1995: "Se formos assinar um acordo [de não-proliferação], todos [inclusive Israel] devem assinar."[9]

Essa afirmação procede da recente posição radical do presidente egípcio Mubarak em parceria com Assad da Síria. Mubarak e Assad fizeram uma reunião secreta em Damasco em novembro de 1993, que fontes de inteligência ocidentais "agora consideram como o encontro mais importante entre as duas nações desde a Guerra do Yom Kippur" 20 anos antes. O Egito e a Síria estão procurando trazer nova liderança ao mundo árabe e estão forjando "novas alianças com a Europa, Japão, China e Rússia". O resultado foi um endurecimento da posição da Síria, também em negociações com Israel.[10]

[8] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 31 de dezembro de 1994, p. 22.
[9] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 21 de janeiro de 1995, p. 1.
[10] Shmuel Segev, "'New Middle East' is dead" (O 'Novo Oriente Médio' está Morto), The Jerusalem Post, International Edition, semana terminada no dia 28 de janeiro de 1995, p. 7.

Israel, por razões óbvias, se recusa a abrir mão de sua capacidade nuclear até que seus vizinhos árabes reconheçam seu direito de existir e jurem viver em paz com ele. Ao lado do vice-presidente americano Al Gore numa entrevista coletiva durante a visita a Israel no fim de março de 1995, Rabin declarou que Israel "só começará negociações no Oriente Médio sobre uma zona sem armas nucleares quando tiver assinado tratados de paz com todos os seus vizinhos árabes e o Irã", uma decisão que Gore deu a impressão de ser justificada.[11]

Há outras razões para a relutância de Israel em diminuir suas capacidades defensivas. As nações árabes não são conhecidas pela sua integridade. O islamismo permite a mentira e o engano pela causa de Alá, e não há causa islâmica maior que a destruição de Israel. Além disso, não é fácil controlar se uma nação está concordando com uma proibição nuclear. Apesar de equipes das nações vitoriosas da Guerra do Golfo fazerem numerosas inspeções locais no Iraque, ainda não temos certeza que ele não tem um programa nuclear secreto encaminhado que escapou de ser detectado.

A Ameaça do Irã

O Irã é uma ameaça ainda maior que o Iraque no Oriente Médio, e especificamente a Israel. Também não é fácil determinar a extensão exata dessa ameaça. Israel e os Estados Unidos estão atualmente envolvidos num debate sobre o mesmo assunto. Israel pediu certos tipos de auxílio baseados na sua avaliação da ameaça iraniana, enquanto os Estados Unidos pretendem rejeitar tais pedidos por causa das diferentes estimativas das capacidades do Irã. "O diretor da CIA, James Woolsey, deu uma estimativa, sob juramento, diante de uma comissão do Senado americano, de que o Irã está gastando mais de 1 bilhão por ano no seu programa nuclear."[12] Os israelenses creem que esse número irá aumentar constantemente.

A melhor estimativa americana baseada na informação fornecida pela CIA é que o Irã levará de 7 a 15 anos para desenvolver bombas nucleares operacionais próprias. Na verdade, no entanto, ele já está recebendo auxílio no seu esforço da China, da Coréia do Norte e da Rússia, e tecnologia civil adaptável a usos militares fornecida pela Alemanha... Nessa época o Irã provavelmente já terá bombas nucleares operacionais do tipo utilizado contra Hiroshima.

[11] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 2.
[12] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p.9.

Até os oficiais americanos admitiram finalmente que "Teerã recebeu da Coréia do Norte o míssil Nodong de médio alcance, capaz de acertar Israel a partir do Irã... [e que] o contrabando de material nuclear da antiga União Soviética para o Irã e [para] outros países com ambições nucleares foi mais fácil que se esperava... [e que] seus esforços para impedir que mesmo um aliado como a Alemanha fornecesse tecnologia dual ao Irã falharam."[13] Outra fonte de inteligência indica que sob a tutela da Coréia do Norte, o Irã agora é auto-produtor de mísseis Nodong-1 de longo-alcance com um suposto raio de ação de mais de 1.000 quilômetros.[14]

Mísseis Scud estão operando na região há dez anos, e não só no Irã. O Irã lançou Scuds contra o Iraque já no começo de março de 1985, e em 1988 fez chover 325 mísseis sobre uma dezena de cidades iraquianas, inclusive 61 Scuds que acertaram Bagdá. Ameaçadoramente, tais mísseis estão sendo usados de novo. O Iêmen do Sul os usou na sua guerra civil em 1994 e o Irã lançou vários "contra os mujahedin que operavam no norte do Iraque contra o governo fundamentalista iraniano". Esses eventos recentes revelam o fato de que as ditaduras não somente são capazes, mas estão cada vez mais dispostas a usar mísseis na busca de seus objetivos.[15]

A nova maioria republicana no Senado americano prometeu tomar medidas para ir de encontro a essa ameaça. O item seis de seu "Contrato com a América" exige "um sistema de defesa de mísseis contra ditaduras cruéis". Israel vem desenvolvendo desde a metade da década de 80 seu interceptor de mísseis Arrow, e compromissos dos Estados Unidos fornecem fundos contínuos a longo-prazo. Antecipa- se que o sistema será operacional em alguns anos.[16]

Não é necessário dizer que as previsões para o Oriente Médio não são encorajadoras. Enquanto os vizinhos próximos de Israel estão pelo menos fingindo reconhecer seu direito de existir e estão entrando no "processo de paz", o Irã permanece inflexível na sua determinação de apagar o insulto a Alá e ao islamismo que a simples existência de Israel representa.

Os israelenses concluíram que deveriam, mais uma vez por contra própria, acertar o Irã da mesma forma que acertaram o reator nuclear Osirak do Iraque em 1981. Caso contrário, o Irã terá armas com as quais ameaçar toda a região. O risco é grande e o jogo está cada vez mais complexo.

[13] Steve Rodan, "Is it time to worry about a nuclear Iran?" (Está na hora de se preocupar com um Irã nuclear?), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 21 de janeiro de 1995, p. 16A.
[14] Ibid.
[15] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p.7.
[16] Ibid.

O Irã e o Terrorismo

O Irã também está apoiando as organizações terroristas que operam do Líbano com a bênção da Síria. Comandantes das FDI chamam a situação com o Líbano de "uma guerra constante e infinita. Emboscadas, bombardeios, lançamentos de foguetes, ataques contra posições militares e explosões ao longo de estradas são ocorrências quase diárias". De acordo com a Peace Watch (Vigilância da Paz), "o terror custou as vidas de 123 israelenses durante os 18 meses desde que os acordos de Oslo foram assinados - 85% a mais do que durante os 18 meses antes dos acordos..."[17]

Normalmente, Israel revidaria com mais vigor atacando as posições terroristas no Líbano, mas não pode fazê-lo com medo de que "uma ofensiva efetiva contra o Hezbollah prejudicaria as chances de um acordo com a Síria".[18] Certamente Israel é inteligente o suficiente para não se colocar nessa posição, posição que a Síria explora para o seu próprio benefício. Por que negociar com Hafez Assad, conhecendo a sua motivação real? Só se pode concluir que Israel se encontra sem outra alternativa por causa da pressão da ONU, dos E.U.A., e da Europa.

O Irã fornece 80 milhões de dólares anuais ao Hezbollah e anualmente cerca de 30 milhões de dólares tanto para o Hamas como para a *Jihad* Islâmica. "Fundamentalistas argelinos e sudaneses recebem ainda mais, e cumprem os objetivos do Irã sabotando os regimes [dessas nações]", de acordo com uma fonte do Ministério de Relações Exteriores israelense. No início de dezembro de 1994, o General John Shalikashvili, presidente da Junta de Chefes do Estado-Maior dos Estados Unidos, acompanhado por um alto funcionário não-identificado da CIA, visitou Israel para discutir com o [então] primeiro-ministro Rabin e altos oficiais das FDI sobre o que fazer com a política problemática. Os israelenses disseram claramente aos E.U.A. que o Irã deve ser contido a qualquer custo antes que desestabilize completamente todo o Oriente Médio.

Na época, o Irã espalhou 6.000 soldados armados com mísseis anti-navio nas ilhas no Estreito de Hormuz, pelo qual tem que passar grande parte do suprimento mundial de petróleo. Essas tropas também estavam equipadas com armamentos químicos, um sinal ainda mais ameaçador. Com relação ao papel do Irã, um editorial em The *Jerusalem Post* disse o seguinte:

---

[17] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 25 de março de 1995, p. 3.

[18] Editorial, "The Lebanon dead-end" (O beco sem saída no Líbano), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 24 de dezembro de 1994, p. 8.

> Tal qual a União Soviética, que exportava a revolução ao assumir o patronato dos oprimidos do mundo, Teerã exporta militância islâmica fingindo sustentar a integridade do islamismo e liderar a causa das massas muçulmanas. A paixão e o fervor que inspirou em seus seguidores não é diferente do que aqueles primeiros comunistas causaram nos seus.
>
> E, tal como os comunistas, militantes islâmicos guiados pelo Irã parecem acreditar que seu fim justifica todos os meios. Mesmo Muammar Kaddafi da Líbia e Yasser Arafat da OLP não são responsáveis por tanto derramamento de sangue quanto os aiatolás [iranianos]. Somente Saddam Hussein e Hafez Assad são competidores dignos...
>
> E embora neste ponto tais sonhos de influência global possam parecer ridículos, o fato é que a Argélia está na agonia de uma guerra civil cujo resultado pode ser o triunfo dos fundamentalistas militantes. E outros países norte-africanos, do Marrocos ao Egito, não estão imunes a desenvolvimentos na mesma direção.
>
> O Irã também herdou da União Soviética o manto de capital de terrorismo internacional. Através do Hezbollah e do Hamas (ambos financiados por Teerã) e com a ajuda de fanáticos em grandes centros muçulmanos [mundialmente], o braço comprido da militância islâmica já alcança praticamente todas as cidades ocidentais. Os vários bombardeios no Ocidente nos dois anos passados: da Embaixada Israelense e do centro judaico de convivência em Buenos Aires, do World Trade Center em Nova Iorque, e da Embaixada Israelense e do centro israelita em Londres, foram todos operações do terrorismo patrocinado pelo Irã.[19]

Os objetivos básicos do Irã são duplos: aumentar seu poderio militar para fazer dele o poder dominante na região e assim colocar-se no vácuo deixado pela derrota do Iraque na Guerra do Golfo, e "controlar a política do petróleo no Golfo, que é a razão pela qual o Irã é considerado uma ameaça pelos Estados do Golfo, especialmente a Arábia Saudita."[20] Os principais fornecedores militares do Irã são a Rússia, a República Tcheca e a Polônia, cada qual desesperada por dinheiro vivo, que obtém com tais vendas.

Na edição de fevereiro de 1994 de *Foreign Affairs (Assuntos Internacionais)*, Anthony Lake, consultor de segurança nacional do presidente Clinton, pediu o estabelecimento de uma política de contenção dupla" para controlar ao mesmo tempo o Iraque e o Irã.

---

[19] "The Iranian Threat" (A Ameaça Iraniana) em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p.8.

[20] Ibid.

Ele criticou os ex-presidentes Reagan e Bush por tentarem esse controle através de "moderados" no Irã, onde era impossível que tais pessoas existissem. "Esses mesmos 'moderados' são responsáveis pelas mesmas políticas [de agressão e terrorismo] que achamos tão condenáveis", escreveu Lake. Lake propôs uma cooperação entre os Estados Unidos e seus aliados "para impedir que material para armas químicas e nucleares chegasse ao Irã... [e] para impedir que o Irã recebesse mísseis terra-ar de fornecedores como a Coréia do Norte". A reação de Israel a essas afirmações foi entusiasmada, mas depois "observava enquanto o Irã continuava seu crescimento militar e implementava sua política pela subversão através de agentes tais como o Hezbollah, o Hamas e a *Jihad* Islâmica".[21]

Uma Alternativa de Esperança

Uma esperança de paz é desenvolver comércio entre Israel, que é muito mais avançado na agricultura e indústria, e seus vizinhos árabes, para o benefício de ambos os lados. Isso encorajaria o contato amigável entre antigos inimigos e forneceria um motivo lucrativo para a estabilidade contínua na região. No final de outubro de 1994, 1.200 participantes de 80 nações se reuniram em Casablanca, Marrocos, para o Congresso Econômico entre Oriente Médio e África do Norte. Essa reunião foi o "maior esforço até agora por parte dos israelenses e árabes no sentido de fortalecer a estabilidade regional através de investimento e desenvolvimento".[22]

Os palestinos são tão dependentes da economia de Israel que não sobreviveriam sem ela. A atividade terrorista leva Israel a fechar suas fronteiras a milhares de palestinos que trabalham dentro de Israel, e esses bloqueios são muito caros para a fraca economia palestina. Por isso, "palestinos na área de Hebrom estão se divorciando de suas mulheres para casar com mulheres árabes israelenses e assim conseguir permissão para trabalhar em Israel. O xeque Taysir Tamimi, superintendente dos Tribunais Islâmicos, disse a jornalistas de Hebrom que 'um grupo de homens se divorciou de suas mulheres para se casarem com meninas que vivem dentro da Linha Verde para conseguir permissão para trabalhar'. Ele disse que os homens faziam isso 'só no papel', porque a poligamia é permitida na lei islâmica, mas o 'divórcio' era necessário para casar-se de acordo com a lei israelense, que não permite a poligamia."[23]

---

[21] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p.9.
[22] The Evansville Courier, Domingo, 30 de outubro de 1994, p. A10.
[23] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p.4.

A dependência dos palestinos da economia israelense é um problema que precisa ser superado para que se chegue a qualquer acordo pacífico. Na verdade, Israel está tomando medidas para substituir os palestinos por trabalhadores estrangeiros não-árabes. Israel sente que se os palestinos devem formar um Estado independente, eles devem demonstrar sua independência criando empregos para seu próprio povo. Os israelenses já estão argumentando que não deveria haver nenhum "direito de volta" a Israel para palestinos. "Quando os palestinos tiverem seu próprio Estado, eles terão que incorporar nele os seus irmãos. Eles não podem exigir autodeterminação enquanto mandarem exilados palestinos para Israel."[24]

No início de fevereiro de 1995, por causa de uma onda de ataques terroristas de muçulmanos fundamentalistas contra Israel que tiveram origem em Gaza, e por causa da retaliação israelense de fechar a Faixa de Gaza, o processo de paz emperrou. Com o incentivo dos Estados Unidos, os lados voltaram a se reunir. O [então] ministro de Relações Exteriores, Shimon Peres, e Nabil Shaath, consultor do líder da OLP Yasser Arafat, juraram mais uma vez continuar o processo de paz e autodeterminação palestina na Cisjordânia. O [então] secretário de Estado Warren Christopher, que organizou a reunião, disse que os dois lados "deixaram claro que a busca pela paz não tem volta", apesar de todos terem reconhecido que seria um processo difícil. A reunião de três horas, que também teve a presença de Amre Mousa do Egito e Karim al-Kabariti da Jordânia, "produziu um acordo para estabelecer novas zonas industriais de livre comércio na região".[25]

Profecias Sobre os "Muitos"

Israel exporta muitos de seus produtos para fora do Oriente Médio - cerca de 15 bilhões de dólares anualmente para a Europa Ocidental. São vendidos até flores para a Holanda e eletroeletrônicos para o Japão! Obviamente, uma grande fonte de pressão sobre Israel para trocar terra por "paz" é causada pelo fato dele depender dessas exportações para a sua sobrevivência econômica. Quando as nações às quais vende seus produtos exercem pressões nos bastidores para que faça a "paz" com os palestinos, Israel fica sem muita escolha. Ele não pode se manter sozinho no mundo.

[24] Ibid., p. 7.

[25] Artigo da Associated Press como relatado no St. Petersburg Times, 13 de Fevereiro de 1995, p. 2A.

Mais uma vez vemos a precisão da profecia bíblica. No início de sua obtenção de poder, o Anticristo garantirá "paz" para Israel e até permitirá que o Templo seja reconstruído e os sacrifícios do Templo sejam reiniciados. Voltaremos a esses incríveis eventos mais tarde. Agora é interessante o fato de que a profecia que lida com essas ocorrências afirma: **"Ele fará firme aliança com muitos..."** **(Daniel 9.27)**. Por que com muitos? Por que os profetas não disseram que o Anticristo confirmaria o pacto com Israel, já que ele é o principal interessado?

Apenas recentemente é que as circunstâncias se desenvolveram para esclarecer essa profecia, uma profecia que confundiu estudiosos da Bíblia durante séculos. Agora está claro que qualquer negócio que afete Jerusalém e o Templo deve envolver muitos países além do próprio Israel. Seus vizinhos árabes, é claro, estariam envolvidos, assim como a OTAN e a ONU. Sim, por causa de sua importância estratégica para a paz mundial, qualquer pacto importante com Israel, como os atuais acordos relacionados ao processo de paz no Oriente Médio, assim como aqueles que promovem a estabilidade regional através do comércio, só podem ser com muitos - exatamente como os profetas previram.

A Guerra de Quarenta e Sete Anos

Que incrível é que a rivalidade por essa "Terra Santa", por essa "Terra Prometida", continue hoje com ferocidade animalesca. Os árabes a chamam de guerra, e ela tem continuado sem armistício desde que começou em 1948. Como já disse, quando nossa família estava viajando pelo Egito em maio de 1967, logo antes da Guerra dos Seis Dias estourar, ficamos confusos ao ouvir uma frase várias vezes: "a guerra de 19 anos". Finalmente percebemos que 1967 marcava 19 anos desde o começo das hostilidades em 1948. Para o mundo árabe, aquela guerra não havia terminado e ainda estava acontecendo 19 anos mais tarde. Hoje é a Guerra de 47 anos e no ano que vem será a Guerra de 48 anos. Como é que isso poderá ser resolvido sem a exterminação de Israel? Na verdade, esse extermínio é justamente o que o Anticristo finalmente tentará.

A maioria dos mortos nessa guerra sem trégua que continua até hoje são civis inocentes, inclusive mulheres e crianças, que os árabes veem como alvos legítimos, embora casuais. Considere, por

exemplo, Alisa Flatow, americana de 20 anos de idade, estudante num seminário em Jerusalém, uma das vítimas que andava num ônibus em Gaza que foi atingido, no início de abril de 1995, por uma caminhonete carregada de explosivos e dirigida por um terrorista suicida islâmico. Ironicamente, sua morte salvou a vida de vários israelenses aos quais sua família doou seu coração, pulmões, fígado e rins.[26] Ofra Felix, também estudante de 20 anos, foi outra vítima. Seu carro, aparentemente um alvo de ocasião, foi perfurado por balas terroristas que a mataram e feriram seu cunhado, Amichai Remer, mas de forma surpreendente não acertaram os dois filhos de Remer. A lista comovente continua.

A "culpa" pelo assassinato bárbaro de Ofra foi assumida pela Frente Popular para a Libertação da Palestina, liderada por George Habash. A razão? Foi para "vingar a morte de quatro de seus membros pelas FDI na semana anterior".[27] É claro que aqueles quatro não foram assassinatos a sangue frio como Ofra Felix, mas foram surpreendidos num ato de terrorismo e reagiram com suas armas. Se tivessem se entregado quando receberam voz de prisão, eles não teriam sido mortos.

Propaganda Anti-Israelense na Mídia Ocidental

Terroristas que atacam israelenses são heróis no mundo árabe. Até a mídia ocidental segue esse pensamento distorcido. A revista *Time* de 5 de dezembro de 1994 deu a lista dos nomes do que chama de "os 100 líderes globais de amanhã" com uma breve descrição biográfica de cada um. Entre os escolhidos estavam Bashar, o filho do ditador sírio Hafez Assad; Ali Belhadj, líder do movimento fundamentalista islâmico na Argélia, responsável por sequestros de aviões e assassinatos de milhares de inocentes; Mohammed Dahlan, idealizador de vários ataques terroristas; e outros maquinadores do mal. O comentário do *Jerusalem Post* sobre essa lista infame e sobre o tratamento gentil e até elogioso da revista *Time* foi certeiro:

> Porém, de todas as 15.000 palavras que Time devotou a esses 100 futuros líderes, a palavra "terrorista" apareceu só uma vez - ao descrever os pais do [líder do Likud israelense Tzahi Hanegbi [como]... [tendo sidos] membros do grupo terrorista Stern...

---

[26] The Bulletin (Bend, Oregon), 1 de abril de 1995, p. 1A.

[27] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada em 14 de janeiro de 1995 p. 3.

> Por outro lado, Dahlan... é descrito como um ex-escoteiro, um exemplo de boas maneiras: "Homens com reputação de bons meninos são raridade na maioria das agências internas de segurança. Dahlan é um deles - um ex- combatente guerrilheiro amigável e até bondoso... confiável e justo."
>
> A descrição da *intifada* é tão doce quanto a anterior. É "a rebelião promovida por jovens que lançavam pedras e que finalmente ajudou a persuadir Israel a começar uma retirada dos territórios ocupados". É incrível como essa "rebelião de jovens" conseguiu matar mais de 1.000 árabes e 300 judeus sem nada além de pedras. Deve ser porque rapazes amigáveis como Dahlan a lideraram tão bondosamente.[28]

Em qualquer guerra, a propaganda política tem um papel importante. Na atual guerra de palavras sobre quem tem o direito à Terra Prometida, a mídia mundial parece não dar ouvidos a Israel e ser excessivamente simpática a qualquer reclamação que os palestinos façam. Israel é o monstro que roubou sua terra e os leva à pobreza. A verdade é, como já vimos, que apesar dos bilhões de dólares de impostos do petróleo, foram os Estados árabes que mantiveram os palestinos nos acampamentos deploráveis e não os integraram à sua sociedade. Esquecidos também estão os benefícios que Israel trouxe à terra.

A desinformação é promovida continuamente na imprensa internacional para voltar o mundo contra o direito de Israel a Jerusalém. Recentemente *The Guardian* relatou que Israel construiu seu novo Supremo Tribunal "no setor leste de Jerusalém... onde os palestinos desejam fazer sua capital". Foi sugerido que isso tinha sido feito para desafiar o acordo de Oslo, em 1993. Na verdade, o prédio do Supremo Tribunal foi construído *antes* dos acordos de Oslo - e na parte ocidental de Jerusalém. Quando o assunto é Jerusalém, a ficção é mais aceitável que a realidade - e, certamente, mais útil na manutenção e no aumento dos preconceitos.

Ninguém esperaria encontrar exemplos de mentiras promovidas pela mídia em tais lugares como *Worldview*, uma publicação trimestral de "The National Peace Corps Association" ("Associação Nacional da Força pela Paz"). Porém, essa publicação prova ser uma fonte de desinformação tão rica quanto qualquer outra. Como David Bar-Illan demonstrou recentemente, em apenas um exemplar de *Worldview* havia vários erros: que a lei israelense havia

[28] Ibid., p. 13.

imposto maliciosamente uma proibição do plantio da erva nacional palestina, *za'atar* (na verdade os árabes praticamente acabaram com a *za'atar*, e por isso a lei israelense proíbe a colheita da planta nativa, e incentiva o seu cultivo); que "escavações em 'locais de herança palestina' são proibidas por lei" (na verdade, o cuidado meticuloso com que Israel preservou locais arqueológicos e incentivou a escavação apropriada não tem precedentes); que a Palestina era um paraíso primordial antes da ocupação israelense destruir o ambiente e especialmente a agricultura. Bar-Illan lida com a última acusação em detalhes:

> [Na verdade], antes da era sionista, a agricultura palestina era tão primitiva que o país jamais poderia sustentar mais de 200.000 pessoas. A expectativa de vida era de menos de 50 anos. Sob os jordanianos, um terço da população da Judéia-Samaria e metade dos árabes de Jerusalém deixaram o país. Não havia escolas de ensino superior e nenhuma indústria.
>
> Israel transformou uma população atingida pela pobreza, doente, e atrasada numa sociedade progressista, industrial, educada, computadorizada, de agricultura sofisticada, atraente à imigração, possuidora de televisões. É um crime pelo qual Israel jamais será perdoado.[29]

"Pacificadores" das Nações Unidas?

É impressionante que o [falecido] primeiro-ministro Rabin tenha tentado aquietar os receios dos israelenses com relação à retirada do Golã ao assegurar-lhes que isso não seria feito sem uma garantia de que as forças de paz das Nações Unidas estariam posicionadas ali para a proteção de Israel. O fato dessas "forças de paz" serem historicamente tão ineficientes não parecia preocupar Rabin. O que ele queria era o valor propagandístico ao evocar a presença dessas tropas.

Numa carta ao *Jerusalem Post*, um médico judeu que mora na América relembrou a Rabin que logo antes da Guerra dos Seis Dias em 1967, Nasser "mandou a Força de Emergência da ONU no Sinai retirar-se de seus postos de observação ao longo da fronteira entre Israel e o Egito. Sem ao menos levar a questão à atenção da Assembléia Geral, o Secretário-Geral U Thant concordou com a

[29] David Bar-Illan, "Peace Corps message of hate", em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 11 de março de 1995, p. 14.

exigência e as forças da ONU se retiraram em 48 horas, deixando Israel sozinho". Sua carta continua:

> O que poderia ser de interesse ao Sr. Rabin é a ação dos sérvios [na guerra da Bósnia-Herzegovina-Sarajevo] frente a frente com o grande poder da ONU. Eles o trataram com total desprezo. Apesar de todos os avisos drásticos vindo dessa entidade todo-poderosa, os sérvios persistiram nos seus objetivos letais. Nos últimos dias, eles pioraram a situação e tomaram 400 soldados da força de paz da ONU como reféns políticos. É claro que o papel dos EUA nesses acontecimentos é ainda menos admirável.
>
> São essas as forças que o Sr. Rabin esperava que protegessem Israel da Síria, dos árabes palestinos, do Iraque, do Irã e da Arábia Saudita quando ele abrisse mão das posições vitais de defesa no Golã e nas montanhas da Judéia e Samaria?[30]

De Olho em Jerusalém

Jerusalém é o prêmio máximo num conflito irreconciliável entre os judeus e árabes pela "terra da promessa". Como disse um especialista em islamismo, o professor Gideon Kressel da Universidade Ben Gurion de Beersheva, um muçulmano está convencido pela sua religião de que "uma vez que a terra seja controlada pelo islamismo ela deve ser devolvida ao islamismo". Essa convicção religiosa exige posse total islâmica e, Consequentemente, não pode ser satisfeita com a divisão da terra.

A paz genuína não pode ser alcançada, não importa que percentagem de território de Israel seja colocada sob controle árabe, enquanto o Estado de Israel existir. FLAME explica:

> A obsessão dos árabes muçulmanos com Israel é totalmente irracional. Ter Israel, uma base ocidental altamente civilizada e avançada como um país independente no meio do mundo árabe-muçulmano é absolutamente intolerável para eles. Essa é a razão pela qual, deixando de lado a própria paz fria com o Egito e a recente paz concluída com a Jordânia, os 21 Estados árabes, entre eles os países mais ricos do mundo, com uma população total de mais de 200 milhões e com uma área maior que os EUA, têm concentrado, desde o começo do século, uma ferocidade obsessiva através de meios milita-

[30] Dr. J.S. Kaufman, Bloomfield, Michigan, "The Bosnian Lesson" (A Lição Bósnia) em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 31 de dezembro de 1994, p.22.

> res, econômicos, ideológicos, políticos, diplomáticos, etc.. para destruir a pequena comunidade judaica da Palestina, e seu sucessor, Estado judeu de Israel...
>
> O falso foco do sofrimento palestino foi criado para desviar a atenção dos muitos problemas domésticos e conflitos interárabes, e direcionar a frustração árabe- muçulmana contra Israel, "o infiel estrangeiro ocidental". Para Israel, abrir mão do coração histórico de sua terra, os 6.000 quilômetros quadrados da Cisjordânia, e das Colinas de Golã seria... suicídio estratégico.[31]

Muitas das profecias bíblicas pareciam ridículas quando foram feitas. Certamente as profecias sobre a importância de Jerusalém pareceram loucura quando Jerusalém era destruída repetidamente e depois ficava em ruínas e praticamente abandonada durante séculos. Mas hoje, em cumprimento contínuo, à medida que mais profecias se desenrolam, Jerusalém realmente tem se tornado um "cálice de tontear" e uma "pedra pesada" presa aos pescoços de todas as nações. Os olhos do mundo estão sobre Jerusalém, sabendo que não importa quão absurdo pareça, aquela pequena cidade, com suas raízes tão profundas no passado, tem a chave da paz mundial no futuro. Quem além de Deus poderia ter previsto esse fato incrível há 2500 anos atrás?

---

[31] De uma propaganda da FLAME em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 23.

Quem há como o teu povo, como Israel, gente única na terra? a quem tu, ó Deus, foste resgatar para ser teu povo; e fazer a ti mesmo um nome, e fazer a teu povo estas grandes e tremendas cousas, para a tua terra, diante do teu povo, que tu resgataste do Egito, desterrando as nações e a seus deuses. Estabeleceste a teu povo Israel por teu povo para sempre, e tu, ó Senhor, te fizeste o seu Deus.

— 2 Samuel 7.23-24

Assim diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia, e as leis fixas à lua e às estrelas para a luz da noite, que agita o mar e faz bramir as suas ondas; o Senhor dos Exércitos é o seu nome. Se falharem estas leis fixas diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel de ser uma nação diante de mim para sempre.

Assim diz o Senhor: Se puderem ser medidos os céus lá em cima, e sondados os fundamentos da terra cá em baixo, também eu rejeitarei toda a descendência de Israel, por tudo quanto fizeram, diz o Senhor.

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que esta cidade será reedificada para o Senhor... Esta Jerusalém jamais será desarraigada ou destruída.

— Jeremias 31.35-40

Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! desça da cruz, e creremos nele.

— Mateus 27.42

Qual Israel? O Israel — a igreja... Este é o Israel de Deus, não aquele alho no Mar Mediterrâneo!

— Rick Godwin, famoso líder carismático[1]

[1] Rick Godwin, sermão de domingo à noite na Metro Church, Edmond, Oklahoma, 11 de abril de 1988; fita cassete "Rick Godwin No. 2."

17

Cristãos a Favor – e Contra – Israel

Jesus de Nazaré nasceu judeu da tribo de Judá e da casa de Davi, de acordo com a genealogia de Sua mãe (dada através do sogro de José, i.e., pai de Maria - Lucas 3.23-31). A genealogia de José, que apesar de não ser o pai de Cristo foi o cabeça da família, é dada a partir de Davi em Mateus 1.6-16. Como o próprio Jesus, os doze primeiros discípulos eram todos genuinamente judeus, assim como a igreja primitiva.

Os primeiros gentios não se converteram até alguns anos após Pentecostes (Atos 10). Os gentios não chegaram à Igreja em números significativos senão anos mais tarde, quando "um grande número [de gregos] creu e se voltou ao Senhor" na cidade de Antioquia. Esses crentes gentios foram os primeiros que se chamaram de "cristãos" (Atos 11.19-26). Mesmo nessa época, durante muitos anos, a liderança da igreja continuou sendo judia e estava centrada em Jerusalém. Em vista desses fatos, parece estranho que os judeus geralmente considerem o cristianismo co-

mo sendo anti-judaico e considerem os judeus que creem em Jesus como traidores do seu povo.

Um Pedido de Tolerância aos Judeus

Um judeu que, com base no que os profetas hebreus disseram e no testemunho daqueles que melhor conheceram Jesus, decidir que Jesus realmente era o Messias é quase sempre expulso de sua família e abandonado pelos amigos. Por que um judeu não pode fazer tal escolha sem sofrer essa rejeição? Em Israel, um país que se orgulha de sua tolerância, os judeus que creem em Jesus já foram apedrejados, tiveram seus lugares de adoração queimados e perderam seus empregos. Às vezes, eles sofrem discriminação e perseguição comparáveis àquelas que os judeus sofreram na Alemanha nazista antes do Holocausto. Hoje um judeu que, em outro país, mesmo onde o antissemitismo é comum, confesse crer em Jesus não recebe o direito de imigrar em Israel. Por que tal preconceito numa terra onde judeus que se converteram a qualquer outra religião, desde o ateísmo até a Nova Era e o zen-budismo, são aceitos?

"Bem, Jesus não foi o Messias", é a justificativa oferecida. "Ele não trouxe a paz." Exatamente como, e quando e que tipo de paz o Messias deve trazer tem que ser decidido com base no que os profetas hebreus disseram. Além disso, os profetas previram muito mais que uma paz universal em referência ao Messias vindouro e, como já demonstramos, Jesus cumpriu todas as profecias messiânicas. Mas mesmo que Jesus não fosse o Messias, isso justificaria o rancor demonstrado pelos judeus com relação a seus irmãos e irmãs que creem nEle?

Houve vários judeus, desde Judas Macabeu a Judas, o Galileu, até Teudas e Simão Bar-Cochba, cujos seguidores criam que eles fossem o Messias. Mas nenhum desses supostos messias, obviamente falsos, é lembrado com a hostilidade que os judeus expressam contra Jesus. Na verdade, muitos desses messias são lembrados com carinho. Então, por que Jesus Cristo é odiado entre os judeus de hoje? Será que é por que o número daqueles que creem nEle continua a crescer? Ele é amaldiçoado pelo Seu sucesso?

Há certamente razão suficiente com base no que os profetas disseram sobre a vinda do Messias para, no mínimo, considerar as afirmações de Cristo e respeitar aqueles que sinceramente creem

que Ele cumpriu aquelas profecias na Sua vida, morte e ressurreição. Além disso, apenas uma afirmação de Daniel de que a vinda do Messias seria 69 semanas de anos (483 anos) após a ordem da reconstrução de Jerusalém (que ocorreu em 445 a.C.) seria argumento suficiente para se crer que o tempo para o aparecimento do Messias já se esgotou há mais de 1900 anos, e não faz sentido esperar mais. Se Jesus, que veio na hora exata e cumpriu todas as profecias, não foi o Messias, então os profetas mentiram e toda a ideia de um Messias que irá resgatar Israel de seus inimigos deve ser abandonada. No mínimo, os judeus devem dar a seus patrícios judeus que creem em Jesus o reconhecimento devido à sua sinceridade e abandonar a hostilidade contra eles!

Mal-Entendidos Comuns Entre os Judeus

Na época de Jesus, "a grande multidão o ouvia com prazer" (Marcos 12.37). Multidões O seguiam e, de acordo com testemunhos de Seus discípulos, foram milagrosamente curadas e alimentadas por Ele. Então, por que Ele foi crucificado? Invejosos porque Sua fama excedia a deles, os rabinos atiçaram o povo para exigirem a Sua crucificação. A justificativa teológica deles era dupla: 1) Ele violou a lei ao curar no sábado (Lucas 13.14; etc.); e 2) Ele blasfemou ao afirmar ser Deus (João 8.58; 10.33; etc.). Mas, como já vimos, os profetas hebreus declararam que o Messias devia ser Deus (Salmo 110.1; Isaías 7.14; 9.6; Malaquias 3.1; etc.). Os rabinos simplesmente não conseguiam acreditar nisso. E também não conseguiam entender as outras profecias messiânicas nem perceber que eles estavam cumprindo algumas delas ao rejeitar e crucificar Jesus.

Os mal-entendidos e preconceitos sobre Jesus criados pelos rabinos na Sua época foram conservados pelo povo judeu até hoje. Esses mal-entendidos motivam livros tais como *The Myth-Maker (O Criador de Mitos)*, do estudioso do Talmude Hyam Maccoby.[2] O autor procura provar seus preconceitos que o cegam tanto, que seria possível passar com uma frota de caminhões pelos furos em seus fracos argumentos. Sua tese central é que Paulo inventou o cristianismo. Mas o próprio Paulo argumentou que ele pregava "o evangelho de Deus" que o próprio Deus havia "prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras" (Romanos 1.1-4). Toda a abordagem de Paulo foi abrir as Escrituras dos profetas hebreus na

[2] Hyam Maccoby, The Myth-Maker, Paul and the Invention of Christianity (O Criador de Mitos, Paulo e a Invenção do Cristianismo). Harper & Row, 1986.

sinagoga, demonstrar o que eles profetizaram com relação ao Messias, e provar que Jesus cumpriu as profecias messiânicas. Maccohy não consegue tratar Paulo nessa base e mostra sua ignorância do cristianismo ao propor ideias e oferecer argumentos que são tão absurdos que não precisamos perder tempo contestando-os.

Encorajados pelos seus líderes religiosos, os judeus perseguiram os cristãos primitivos tal qual fizeram os imperadores romanos. Lembre-se, pelo menos nos primeiros cem anos não foram os cristãos que perseguiram os judeus, mas os judeus que perseguiram os cristãos. Seria só no quarto século que aqueles que se chamavam "cristãos" começariam a perseguir e matar judeus. Esses maus tratos começaram apenas depois que o catolicismo romano se tornou o único "cristianismo" que era permitido oficialmente, como já explicamos.

Só a essa altura, quando a Igreja Católica Romana começou a dominar o império e o sistema papal se estabeleceu, que a perseguição aos judeus começou por esses que afirmavam ser cristãos, e que os judeus pensavam que realmente fossem. Nem podemos culpar os judeus pelo fato de um grande medo e desconfiança de "cristãos" ter se tornado parte da psique judaica como resultado de séculos de tal perseguição. Por essa tragédia, o catolicismo romano é culpado, mas nunca se desculpou ou admitiu o grande mal pelo qual foi responsável. O papa de hoje sugere que deve desculpas, mas somente por causa do que alguns "filhos e filhas", desviados e zelosos demais, fizeram, deixando sem culpa a Igreja em si, que é infalível. "Durante sua mensagem do *Angelus* no domingo, dia 12 de fevereiro [1995], João Paulo II referiu-se às Cruzadas medievais contra os muçulmanos na Terra Prometida como 'um meio não apropriado de defender os lugares santos'"[3], mas ele não especificou os horrores das Cruzadas nem mencionou os crimes contra os judeus.

Foram os próprios papas, como já vimos, que conceberam e executaram a perseguição "cristã" dos judeus, isolando-os em guetos, forçando-os a usar um emblema ou chapéu distintivo, destruindo suas sinagogas, torturando-os nas inquisições, e forçando-os a se converterem ou serem expulsos ou mortos. Todo judeu já ouviu sobre a Inquisição em que seus ancestrais sofreram. Um historiador católico escreve:

> Dos oitenta papas seguidos desde o século treze, nenhum desaprovou a teologia e os aparatos da Inquisição. Pelo contrário, um

[3] Inside the Vatican (Dentro do Vaticano), março de 1995, p. 7.

após o outro acrescentou as suas próprias crueldades aos trabalhos dessa máquina mortífera.[4]

Hitler era um católico romano e nunca foi excomungado pela Igreja, por isso o Holocausto é visto como mais uma evidência contra o "cristianismo". Os Ustashi, católicos croatas, liderados por Ante Pavelic, foram responsáveis pelas mortes de dezenas de milhares de judeus no início da década de 40, e também pelos assassinatos sádicos de centenas de milhares de fiéis ortodoxos sérvios que igualmente afirmavam, como os católicos, serem cristãos.

Uma Noção Confusa do Cristianismo

A maioria dos judeus não está ciente de que a Inquisição consumiu provavelmente 100 vezes mais cristãos que judeus. Durante 15 séculos (durante 1.200 anos *antes* da Reforma) a Igreja Católica Romana, ao mesmo tempo em que estava matando judeus aos milhares, torturava e matava cristãos aos milhões. Um dos historiadores católicos mais respeitados do século dezenove escreveu:

> Através da... atividade incansável dos papas e seus legados... a posição da Igreja era... [que] todo desvio do ensinamento da Igreja, e toda oposição importante a qualquer ordenança eclesiástica, deviam ser punidos com morte, e a mais cruel das mortes, pelo fogo...
>
> Eram os papas que incentivavam bispos e padres a condenar os heterodoxos à tortura, confisco de seus bens, aprisionamento, e morte, e impor a execução dessa sentença às autoridades civis, sob pena de excomunhão... Todo papa confirmava ou acrescentava aos artifícios de seu antecessor... [envolvendo] a Inquisição, que contradizia os princípios mais simples da justiça cristã e o amor ao próximo, e teria sido rejeitada com horror universal na igreja primitiva.[5]

A maioria dessas vítimas foram verdadeiros seguidores de Cristo, que através dos séculos recusaram aliar-se ao papa ou sua Igreja e que ao invés disso procuraram seguir a Bíblia como seu guia em todos os assuntos de fé e prática. Como resultado eles foram odiados, caçados, perseguidos, torturados, e massacrados pela Igreja Católica Romana *em nome de Cristo*, em completa oposição a tudo que Cristo ensinou. Esse falso "cristianismo" sediado em Roma se

[4] Peter de Rosa, Vicars of Christ: The Dark Side of the Papacy (Vigários de Cristo: O Lado Negro do Papado). Crown Publishers, 1988, pp. 175-76.
[5] J.H. Ignaz von Dollinger, The Pope and the Council (O Papa e o Concílio). Londres, 1869, pp. 190-93.

tornou tão sanguinário quanto o islamismo, e em muitos casos, pior. É necessário reconhecer com toda justiça que os ocupantes mouros de Israel foram muitas vezes mais honrados e misericordiosos que as Cruzadas "cristãs" invasoras.

Apesar dos judeus terem ouvido falar da Reforma que ocorreu no século dezesseis sob a liderança de Martim Lutero, a maioria não sabe de sua importância. Multidões começaram a ler a Bíblia por conta própria e como resultado foram libertos do engano de que a Igreja Católica Romana tinha as chaves do céu. Ao invés de seguirem o papa, eles se tornaram seguidores de Jesus Cristo.

Os Que Amam Israel e os Judeus

Como resultado da Reforma, existem milhões de cristãos hoje, conhecidos como evangélicos, que rejeitam totalmente o catolicismo como um sistema religioso falso (mais pagão que cristão) de obras, rituais, purgatório, indulgências, e o sacrifício perpétuo de Cristo na missa. Desde a Reforma, esses seguidores de Jesus foram perseguidos e queimados na fogueira pelos católicos romanos às centenas de milhares. A perseguição aos protestantes ainda continua até onde for possível no mundo atual onde o catolicismo romano esteja firmemente no controle.

Esses seguidores não-católicos de Cristo amam Israel e oram pela paz de Jerusalém. Longe de se envolverem em antissemitismo ou perseguição de judeus, eles dariam suas vidas por aqueles que por nascimento físico são os irmãos de Jesus Cristo. Por exemplo, considere Kaare Kristiansen, antigo líder do Partido Popular Cristão da Noruega. Quando perguntaram sobre seu antigo amor e apoio a Israel, ele respondeu: "Ele veio com o leite de minha mãe." Ele "nasceu numa família evangélica luterana profundamente religiosa [e| cresceu ouvindo seu pai ler a Bíblia."[6] Tal amor por Israel e os judeus no mundo inteiro é ensinado não só no Antigo Testamento mas também no Novo e caracteriza todos os verdadeiros cristãos.

Preconceitos judeus contra Jesus Cristo e os cristãos resultam, em grande parte, da noção errada de que o catolicismo romano é o cristianismo e do não-reconhecimento de que há milhões de cristãos que recusam prestar lealdade a Roma. Os maus tratos da Igreja Católica aos judeus foram criados pelo ensinamento herético de que os judeus deviam ser mortos por matarem Cristo. (Nenhum em-

[6] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p. 8B.

sinamento desses pode ser encontrado no Novo Testamento, e jamais foi praticado pela igreja primitiva). Esqueceram-se do fato de que os romanos, não os judeus, estavam no poder e poderiam ter libertado Jesus ao invés de executá-10. Ensinava-se que os judeus não eram mais o Povo Escolhido, mas estavam sob a ira de Deus.

O "Novo" e o "Antigo" Israel

Aos poucos desenvolveu-se a crença de que a Igreja Católica Romana era o Novo Israel e Roma a Nova Jerusalém. Roma afirmava ser o centro espiritual do mundo e tomou o lugar de Jerusalém como "a cidade onde Deus colocou Seu nome". A Roma católica tomou posse de todos os títulos que pertenciam a Jerusalém: a Cidade Santa, a Cidade Eterna, a Cidade de Deus. A terra de Israel era vista como posse da Igreja e os papas organizaram Cruzadas para recuperarem a Terra Santa não só dos turcos, mas dos próprios judeus. Haveria "guerra santa" contra os judeus até que o "cristianismo" triunfasse.

Para competir com a promessa islâmica do paraíso aos muçulmanos que morressem lutando contra infiéis, o papa Urbano II, organizador da Primeira Cruzada, prometeu uma indulgência plenária (entrada instantânea no céu sem nenhum tempo no purgatório) para os soldados das Cruzadas que morressem naquela grande causa. Os cavaleiros e valetes que responderam com entusiasmo à promessa enganosa deixaram um rastro de destruição, saques, e morte no caminho para Jerusalém, procurando todo judeu que pudessem encontrar e dando-lhes a escolha entre o batismo no catolicismo romano ou a morte. Uma das primeiras ações das Cruzadas ao "libertar" Jerusalém foi juntar os judeus na sinagoga e incendiá-la.

O papa Gregório XIII declarou que a culpa dos judeus pela crucificação de Cristo "apenas aumenta a cada geração, exigindo escravidão perpétua". Uma sucessão de papas continuou a perseguição até Pio IX (1846-78). Em 1862, *La Civilta*, a voz semi-oficial do Vaticano, ecoou uma crença mantida há séculos e que continua sendo a doutrina católica romana oficial até hoje: "Como os judeus foram no passado o povo de Deus, assim são os [católicos] romanos sob a Nova Aliança."[7] Cansado da tirania despótica dos papas, o povo italiano finalmente se levantou contra eles. As forças da nova Itália unida lutaram até a independência e libertaram os últimos

[7] La Civilta, Vol. iii, 1862, p. 11.

estados papais de Pio IX, tomando finalmente a própria Roma e forçando o papa a se refugiar atrás dos muros do Vaticano. Um ex-padre que se tornou historiador escreve:

> Onze dias após a queda de Roma, no dia 2 de outubro de 1870, os judeus, por decreto real, receberam a liberdade que o papado negara a eles durante mais de mil e quinhentos anos. O último gueto da Europa [na época] foi desmontado.[8]

Quando os judeus finalmente conseguiram a sua própria pátria, foram necessários 46 anos para o Vaticano reconhecer o direito de Israel existir. Relações diplomáticas foram estabelecidas apenas quando ficou claro que Israel estava encaminhado um processo de "paz" com os palestinos e seus vizinhos árabes e que o destino de Jerusalém faria parte do trato. Roma precisava de algum relacionamento oficial para participar desse processo. Agora ela está se preparando para ser a guardiã espiritual de Jerusalém. Muitos líderes de Israel estão tão intoxicados com a possibilidade de paz que fecham seus olhos à longa história do antissemitismo católico e aos juramentos islâmicos de destruir Israel. Eles fingem que tanto Roma quanto Meca finalmente decidiram deixar Israel viver em paz.

Teologia da Reposição

Hoje, mais de 400 anos após a Reforma, e repudiando os mártires que deram suas vidas para se libertar de Roma, estamos vendo protestantes de mãos dadas com a mesma Igreja que mandou os seus ancestrais para as fogueiras. Como parte dessa união ecumênica, cada vez mais protestantes estão assimilando as mesmas crenças católicas romanas que eram anátema para seus antepassados. Até mesmo a heresia de que a Igreja é Israel, também conhecida como Movimento de Identidade ou Restauração, foi aceita por grande parte dos protestantes. Uma carta enviada por membros de uma igreja conservadora evangélica explica:

> A escatologia da Igreja Luterana, dos Concílios do Missouri e Winconsin, é católica por natureza: nenhum arrebatamento, nenhum milênio. A igreja é Israel e as Escrituras são espiritualizadas para dar à

[8] Peter de Rosa, Vicars of Christ (Vigários de Cristo). Crown Publishers, Inc., 1988, pp. 194-95.

Igreja a posse das promessas feitas a Israel. Israel como uma nação foi desprovido de qualquer importância.[9]

Um líder carismático influente, Earl Paulk, chegou a dizer que aqueles que dizem: "Se abençoares Israel, Deus o abençoará", estão promovendo "o espírito do anticristo"[10], atribuindo o que Deus disse ("Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem" - Gênesis 12.3) a Satanás! Paulk afirma que "tudo que foi escrito a respeito da lei e profecias sobre Israel como uma nação, agora, foi transferido ao Israel espiritual, que é o povo de Deus [i.e., a igreja]..."[11] David Chilton, um famoso teólogo reformado e autor reconstrucionista, escreve: "[Com] a excomunhão final de Israel em 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída... o Reino foi transferido para Seu novo povo, a Igreja... O Reino... jamais pertencerá a um Israel nacional novamente."[12] Outro líder cristão influente, James McKeever, escreve no seu boletim:

> Nós amamos os hebreus que vivem... na nação de Israel... Mas o Senhor nos mostrou claramente que, de forma alguma, eles são Israel. Israel é composto por todos os crentes em Jesus Cristo...
>
> É vitalmente importante que o corpo de Cristo perceba que ele é Israel e que as profecias não-cumpridas a respeito de Israel são dele para delas participar. As promessas não- cumpridas a Israel existem para que a igreja as receba.[13]

Ele não poderia contradizer a Bíblia mais claramente. Não é possível que as promessas feitas por Deus a Israel possam agora ser usurpadas pela Igreja. E esses homens que querem as *promessas* que Deus fez a Israel jamais sugerem que a Igreja também herdou as *maldições* que os profetas lançaram sobre Israel. No entanto, outro autor muito bem conceituado escreve: "[Todas as promessas futuras de glória e bênção para Israel e Sião devem pertencer ao verdadeiro Israel [a Igreja] e a Sião celestial."[14] Ele conclui seu estudo de *The Hope of Israel (A Esperança de Israel)* com a negação firme de que exista em toda a Escritura "o menor apoio à doutrina da restauração da nação judaica no futuro e sua exaltação a uma posição de senhorio sobre as nações do mundo."[15] Uma outra citação deve ser suficiente para documentar essa aplicação errada crescente e explícita das Escrituras:

---

[9] Carta arquivada datava de 28 de julho de 1991.

[10] Earl Paulk, The Handwriting on the Wall (A Escrita na Parede), livreto auto-publicado pela Chapel Hill Harvester Church de Paulk, Decatur, GA 30034); ver pp. 17, 19-20.

[11] Ibid.

[12] David Chilton, Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation (Dominion Press, 1987), pp. 410, 443, 575.

[13] End-Times News Digest, dezembro de 1987 (James McKeever Ministries Newsletter), p. 3.

[14] Philip Mauro, The Hope of Israel (A Esperança de Israel). Grace Abounding Ministries, Inc., 1988, pp. 17.

[15] Mauro, op. cit., p. 261.

Muita gente, sincera, mas erroneamente... descreve a nação de Israel do século vinte como "o povo escolhido de Deus". No entanto, aqueles que creem no Novo Testamento não podem acreditar nisso. A Versão Autorizada (King James) da Bíblia inglesa usa a palavra "escolhido" 30 vezes no Novo Testamento - mas nunca para se referir à nação de Israel...

O ensinamento do Novo Testamento não mudou nos últimos 1900 anos, e se ignorarmos sua verdade corremos grande risco. A Igreja foi o Israel escolhido por Deus no primeiro século e ainda hoje é o Israel de sua escolha...

É o Israel espiritual, o único que ele escolheu "para ser seu próprio povo" (Êx 19.5; Dt 26.18; Tt 2.14; 1 Pedro 2.9).[16]

Diferenciando a Igreja de Israel

Pelo contrário, a verdadeira Igreja é celestial, não terrena, e nenhuma terra no mundo jamais foi prometida a ela. A promessa de Cristo claramente foi: **"Na casa de meu Pai** [céu] **há muitas moradas... voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também" (João 14.2-3).** O entendimento de Paulo sobre a revelação de Cristo foi igualmente claro: **"Porquanto o Senhor mesmo... descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor" (1 Tessalonicenses 4.16-17).**

A principal promessa a Israel para os últimos dias é que ele será reunido dentre as nações onde Deus o espalhou para morar novamente na Terra Prometida e que Cristo reinará sobre ele de Jerusalém - uma promessa que não teria qualquer sentido para a Igreja. A Igreja jamais foi expulsa de qualquer terra, e jamais recebeu a promessa de que voltaria à terra de onde foi lançada fora, como Deus prometeu a Israel.

Israel é eternamente diferenciado da Igreja pela terra que Deus lhe deu. São essas repetidas profecias de uma terra específica que deveriam impedir Israel de negociar aquela terra em troca de uma falsa "paz" prometida por aqueles que juraram inimizade eterna contra ele. Infelizmente, os líderes de Israel, e a grande maioria

[16] R.B. Yerby, The Once and Future Israel (O Israel Passado e Futuro), Grace Abounding Ministries, Inc., 1988, pp. 96-97.

dos israelenses, não acredita nas promessas de Deus na Bíblia, e nem ouvem os Seus avisos.

A Síndrome da "Espiritualização"

Para a Igreja tomar para si as promessas que Deus deu a Israel, é preciso desliteralizar ou "espiritualizar" o Antigo Testamento. Isso o torna uma alegoria ao invés de história factual de um povo verdadeiro conhecido como Israel. Considere, por exemplo, uma grande conferência carismática realizada em Phoenix, Arizona, alguns anos atrás intitulada "Conquiste Pela Força". O versículo-tema foi a ordem de Deus a Josué: **"entreis a terra... para a possuirdes" (Josué 1.11).**

Mês após mês, os anúncios de cinco páginas na revista *Charisma* declaravam que Deus estava levantando uma "geração de Josué" que "entraria na terra para possuí-la", i.e., os Estados Unidos. A aplicação era que os crentes precisavam se firmar nas promessas de Deus e transformar os Estados Unidos num país cristão controlando a mídia, os conselhos de escolas, e posições governamentais federais, estaduais e locais - tudo isso por causa de promessas e ordens dadas a Josué e ao povo de Israel há 3500 anos. No show "Louve ao Senhor" da sua rede de transmissão Trinity Broadcasting Network, Paul Crouch disse a milhões de crentes que o assistiam no mundo inteiro, que a Igreja iria tomar conta da mídia e das ondas de rádio e fazê-lo "pela força" se necessário.

Se, no entanto, os israelitas foram pessoas reais, escravos no Egito, libertadas e lideradas pelo deserto por Moisés e levados por Josué a um lugar real conhecido como a terra de Israel, então devemos entender esses versículos nesse contexto. A terra que Josué devia possuir tinha fronteiras que estão descritas em Gênesis 15.18-21. Foi essa terra específica, e nenhuma outra, que Josué e o povo de Israel tinham ordens para possuir. Não houve ordem a Josué de tomar posse dos Estados Unidos ou de qualquer outro país - apenas a terra prometida a Abraão, Isaque e Jacó. Que distorção das Escrituras é tomar uma promessa dada a Josué e Israel a respeito da terra de Israel e aplicá-la à Igreja como sua ordem de tomar conta do mundo, e até mesmo "pela força"! Aqueles que promovem essas ideias, se-

jam católicos ou protestantes, fazem o cristianismo parecer-se com o islamismo militante, que também está decidido a conquistar o mundo, e fazê-lo pela força.

Considere outra passagem favorita: **"Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra" (2 Crônicas 7.14).** Mais uma vez, virou moda para os crentes usar esse versículo como uma fórmula que a Igreja pode aplicar para cristianizar uma nação, sejam os Estados Unidos, o Canadá, a Inglaterra, a Alemanha, ou qualquer outra. Tal versículo ajuda os cristãos na oração e arrependimento, mas a aplicação principal é para Israel apenas, não para a Igreja. No entanto, desafiando a lógica e o bom senso exegético, tanto a Igreja Católica Romana quanto muitas igrejas protestantes insistem hoje:

> As promessas e profecias do Antigo Testamento sobre o retorno a Jerusalém, e a reconstrução da antiga cidade, foram cumpridas há milhares de anos... Todas as profecias restantes a respeito da cidade de Jerusalém se referem à Jerusalém espiritual, a Igreja.[17]

Tal raciocínio, é claro, dita a atitude que os cristãos têm com relação a Israel e especialmente com relação a Jerusalém. Católicos e protestantes estão se unindo em oposição a Israel. Considere a seguinte notícia alarmante, de dezembro de 1994:

> Num pronunciamento conjunto inédito, líderes de todos os principais grupos cristãos em Jerusalém pediram um status "legal e político" especial para Jerusalém. A cidade é "muito preciosa" ao mundo para ser dependente somente das autoridades políticas municipais ou nacionais, "não importa quem sejam", eles disseram.
>
> (Israel insiste que Jerusalém permaneça sob soberania israelense em qualquer acordo final árabe-israelense. Ele deu à Jordânia direito a opinião na supervisão de monumentos religiosos. Os palestinos exigem que Jerusalém Oriental seja colocada sob seu governo.)
>
> Signatários das declarações incluíram católicos, ortodoxos, anglicanos, e líderes luteranos preocupados com a possibilidade de serem deixados de fora de um acordo que afeta seus interesses.[18]

---

[17] Ibid., p. 117.

[18] National & International Religion Report, 26 de dezembro de 1994, p.2.

A Restauração de Israel

A Igreja jamais recebeu a tarefa de estabelecer um reino terreno. Após passar 40 dias com seu Senhor ressurreto, durante os quais Ele lhes falou "**das cousas concernentes ao reino de Deus**" **(Atos 1.3)**, os discípulos sabiam a questão certa para perguntar: "***Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?***" **(v. 6).** As palavras em itálico apresentam quatro verdades básicas: (1) é Cristo (Senhor), não a Igreja, que fará essa obra especial; (2) ela será feita num *tempo futuro* predeterminado pelo Pai (versículo 7); (3) um reino que existiu devia ser *restaurado*; e (4) a restauração de um reino que já existiu será para *Israel* (não para a Igreja). A Igreja não tem nada a ver com tudo isso.

Pedro apresenta novamente (Atos 3.19-26) as mesmas quatro verdades poucos dias depois no seu segundo sermão: 1) Há um tempo futuro e específico 2) para a "*restauração* de todas as coisas", e 3) apenas quando chegar o tempo para a restauração é que Cristo, o único que pode fazer a restauração, retornará do céu 4) a fim de *restaurar* para "os filhos dos profetas" i.e., os judeus - v. 25), o que "todos os profetas... falaram" (i.e., restauração do reino davídico e ocupação do trono de Davi - v. 24).

O chamado "movimento da Restauração" faria esses versículos ensinarem uma restauração da pureza e poder da igreja primitiva nos últimos dias. Mais uma vez essa é uma aplicação obviamente errada. Não há nada sobre a Igreja no sermão de Pedro. Ele está falando para *judeus* e deixa claro que o assunto de seu sermão diz respeito somente a eles como "filhos dos profetas". Essa designação desqualifica não-judeus. O assunto não é a Igreja nem a restauração futura de seu status no primeiro século, mas a restauração do reino a Israel.

Que fique claramente entendido que verdadeiros evangélicos, sem ignorar seus erros e suas falhas, apoiam Israel porque sabem que os judeus continuam sendo o povo escolhido de Deus, apesar de espalhados e sob Seu julgamento. Esses cristãos sempre esperaram ver Israel se tornando uma nação novamente. Eu me lembro de quando era um menino na década de 30, os pastores falavam do renascimento de Israel. Até mesmo no século dezenove, sermões eram pregados e livros escritos antecipando o dia quando Deus traria os judeus de volta a sua terra e a nação de Israel existiria mais

uma vez. Havia confiança absoluta nesse evento, não importava quão impossível parecesse na época, porque os profetas previram que o Messias voltaria a Seu povo na sua terra. Realmente Ele resgataria Israel em Armagedom dos exércitos do mundo prestes a destruí-lo, por isso, para acontecer a Segunda Vinda (uma doutrina cristã central), os judeus tinham que estar de volta na sua terra.

Uma Diferença Importante

Alguns muçulmanos tentam justificar sua militância e até mesmo seu terrorismo argumentando que os cristãos os atacaram nas Cruzadas e que, nos primeiros séculos, os missionários católicos nas Américas tentaram converter os nativos sob ameaça de morte. Carlos Magno e outros imperadores romanos espalharam o catolicismo romano pela espada ao mesmo tempo que os muçulmanos espalhavam o islamismo pelo mesmo meio. Qualquer "cristianismo", no entanto, que tenha sido difundido pela espada foi uma fraude. Qualquer pessoa que afirmou ser um cristão e agiu com violência contra outra pessoa, tanto para defender ou difundir a fé cristã, estava agindo em clara oposição aos ensinamentos da Bíblia e de Cristo e Seu exemplo. Isso não é cristianismo!

Há uma diferença clara entre o islamismo e o cristianismo que deve ser entendida. O muçulmano que prega explosivos a seu corpo e se explode para matar outros, ou que sequestra um avião, ou que mata um ex-muçulmano que se converteu ao cristianismo, é um verdadeiro muçulmano. Ele está seguindo os ensinamentos do Alcorão e o exemplo deixado por Maomé e seus sucessores até hoje. Ele está sendo fiel aos ensinamentos oficiais do islamismo no Corão, e como é ensinado em mesquitas no mundo inteiro.

É o verdadeiro ensinamento do islamismo que inspira terroristas suicidas tais como Saleh Abdel Rahim al-Souwi, de 27 anos. Para glória de Alá, Souwi detonou uma mala que carregava contendo 25 quilos de TNT, explodindo a si mesmo e passageiros de um ônibus em Tel Aviv no dia 26 de outubro de 1994, matando 22 e ferindo 47. No dia seguinte, uma fita de vídeo liberada em Nablus pelo Hamas mostrou o rapaz se despedindo de sua família e amigos e avisando sobre futuros ataques suicidas do Hamas.[19] A polícia palestina, que deveria evitar tais incidentes, não consegue cumprir essa tarefa sem trair sua religião. Quando essa polícia entrou em Jericó

[19] The Jerusalem Post International Edition, 29 de outubro de 1994, pp. 1,10.

pela primeira vez, seu grito de guerra foi ouvido nos alto-falantes: "Através da violência e do sangue vamos libertar toda a Palestina!" Enquanto a bandeira palestina era hasteada pela primeira vez, um grande brado soou: "Hoje Gaza e Jericó - amanhã Jerusalém!"[20] Esse será sempre o sonho de um verdadeiro muçulmano. Esse fato revela a fraude que o "processo de paz" atual realmente é.

Um "cristão", por outro lado, que participou das Cruzadas e matou judeus para tomar a Terra Santa para a Igreja, ou qualquer pessoa que se uniu às cruzadas ainda mais violentas e extensas contra os albigenses, valdenses, hussitas, ou huguenotes, e massacrou esses e outros cristãos que recusaram a aliança com a Igreja Católica Romana, não era um verdadeiro cristão. Tal pessoa estava agindo em oposição direta tanto ao ensino quanto ao exemplo de Jesus Cristo. Lembre-se da acusação citada acima por aquele historiador católico do século dezenove contra a sua própria igreja pela tortura e pelo assassinato daqueles que se opuseram a ela: "[A Inquisição] contradizia os princípios mais simples da justiça cristã e do amor ao próximo, e teria sido rejeitada com horror universal na Igreja primitiva."[21]

Um cristão é motivado pelo amor de Cristo por Israel e toda a humanidade. Esse amor, por necessidade, deseja o melhor para aqueles que são o seu objeto. Nós somos todos culpados pela morte de Cristo, porque foi nosso pecado que exigiu a Sua morte para nos salvar. Paulo, o ex-rabino que conheceu Cristo após Sua ressurreição, amava tanto seus "compatriotas, segundo a carne" que estava disposto a renunciar à sua própria salvação para salvá-los (Romanos 9.1-5). Ele declarou: **"Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles é para que sejam salvos" (Romanos 10.1).**

Tal é o desejo de todo cristão verdadeiro para os judeus, os muçulmanos e toda a humanidade. Por isso, nenhum judeu, ou muçulmano, ou ateu, nem o seguidor de qualquer religião, deve sentir-se ofendido por cristãos que tentam persuadi-lo a crer em Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Mesmo aqueles que discordam deles podem pelo menos agradecer aos evangélicos por sua preocupação sincera.

Quem pode ler as seguintes palavras de Cristo enquanto Ele chorava por Jerusalém logo antes de Sua crucificação sem ficar comovido pelo Seu amor pelo Seu povo? Ele conhecia as terríveis consequências de Sua rejeição por Israel, que todos os profetas previram e que Ele repetiu - consequências que se tornaram parcialmente

[20] News from Israel, abril de 1995, p. 10.
[21] J.H. Ignaz von Dollinger, op. cit., pp. 190-93.

verdade em 70 d.C., quando a cidade foi destruída, e consequências muito piores que ainda esperam Jerusalém e o povo de Israel:

"Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou, e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma ainda hoje o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos.

Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação" (Lucas 19.41-44).

"Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Declaro-vos, pois, que desde agora já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Mateus 23.37-39).

Ele *[Anticristo]* ***fará firme aliança com muitos por uma semana*** *[de anos; i.e., sete anos]* ***; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares...***

— Daniel 9.27

Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto [o dia do Senhor] não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição [Anticristo], o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus... Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.

— 2 Tessalonicenses 2.3-4,9-12

E [os homens] adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta [Anticristo]... E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo... e lhe [ao falso profeta] foi dado comunicar fôlego à imagem da besta [Anticristo], para que, não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta.

— Apocalipse 13.4,8,15

18
O Anticristo e o Templo Reconstruído

O Templo judeu será reconstruído no Monte do Templo em Jerusalém e os sacrifícios diários começarão novamente! Como sabemos disso? Porque tanto o Antigo quanto o Novo Testamento testificam sobre esse fato. E com base nos 100 por cento de precisão que já documentamos de profecias passadas, temos confiança absoluta de que essas profecias relacionadas com o futuro também se cumprirão. Não sabemos quando essa transformação surpreendente do Monte do Templo acontecerá, mas pelo que tudo indica isso pode ser muito em breve. Na verdade, o Templo deve ser reconstruído para que outros eventos profetizados ocorram.

Paulo conta que o Anticristo "se assentará no templo de Deus" quando declarar ao mundo que ele é Deus. Obviamente, o Templo deve existir nesse futuro não especificado. João nos conta que "o mundo inteiro o adorará" e que toda a humanidade será forçada, sob pena de morte, a se curvar perante a sua imagem. E não há dúvida de que essa imagem será colocada no Templo em Jerusalém.

Uma imagem do ditador mundial, que todas as pessoas deverão adorar, seria certamente exposta no lugar mais sagrado do mundo, o Templo de Salomão, reconstruído e funcionando mais de 1900 anos após a sua destruição. A pior afronta ao Deus de Israel, que será a intenção dessa imagem de um homem adorado como Deus, só poderia ser concretizada ao colocá-la no Templo do Deus de Israel. A profecia de Daniel sobre a "abominação desoladora" não poderia ser cumprida de outra forma. Nenhuma abominação pior poderia ser imaginada do que profanar o Templo de Deus com uma imagem feita para um homem que tanto é possuído por Satanás quanto afirma ser Deus. Aqui está o aviso de Daniel sobre esse evento nos últimos dias:

"Dele sairão forças que profanarão o santuário [templo]... tirarão o sacrifício costumado, estabelecendo a abominação desoladora... Este rei ...se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses... Vai, Daniel, porque estas palavras estão en- cerradas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purifica- dos, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão. Depois do tempo em que o costumado sacrifício for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil, duzentos e noventa dias [até o fim]**" (Daniel 11.31,36; 12.9-11).**

Não há necessidade de buscar uma interpretação misteriosa ou complicada para a passagem acima. A linguagem de Daniel ("ele se engrandecerá sobre todo deus") é tão semelhante à de Paulo ("o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto") que eles devem estar se referindo ao mesmo homem. E não pode haver dúvida de que a referência é ao Anticristo.

Um "Anjo de Luz"

Provavelmente nenhum conceito tem sido tão mal- interpretado quanto o do Anticristo. Apesar do fato de que ele será a encarnação de Satanás, esse líder mundial vindouro não será o monstro facilmente reconhecido e obviamente maligno que geralmente se retrata. Pelo contrário, ele será uma figura muito atraente, projetando a imagem de "anjo de luz" de Satanás (2 Coríntios 11.14), alguém que o mundo não só admirará mas também adorará. Ele será aceito por Israel como seu Messias, pelos muçulmanos como seu muito

esperado Imã, pelos budistas como Maitreya, e como Cristo pelos "cristãos" nominais (todos os *verdadeiros* cristãos terão partido da terra no arrebatamento). Nesse enganador incrivelmente carismático, todas as religiões (e governos) do mundo serão unidas.

Será que o mundo poderá ser enganado de tal forma que literalmente adorará um homem tão maligno? Hitler proporciona uma ideia prévia das possibilidades. Retrospectivamente, a sua maldade é facilmente reconhecida, exceto por alguns neonazistas. Mas, na sua época, quase todo mundo foi enganado. William Shirer escreveu a respeito da Alemanha em 1934: "Um observador recém-chegado ficou um tanto surpreso ao ver que o povo nesse país não parecia sentir que estava sendo manipulado e oprimido por uma ditadura brutal e sem escrúpulos. Pelo contrário, eles a apoiavam com entusiasmo genuíno. De alguma forma ela os enchia com uma nova esperança." Havia aparentemente boas razões para essa esperança.

É claro que a ascensão de Hitler ao poder aconteceu há 60 anos, e o povo não é tão facilmente enganado hoje. Será mesmo? E a adoração fanática do aiatolá Khomeini no Irã, e a lealdade contínua a ele, mesmo quando as condições pioraram? E observe as multidões delirantes, não só no Iraque, mas em todo o mundo árabe, que ainda vão às ruas clamando lealdade ao "Hitler árabe", Saddam Hussein.

Nicolae Ceausescu, ditador romeno durante 24 anos até o fim de 1989, foi tão perverso quanto Hitler; ele apenas não teve a oportunidade de operar numa escala tão grande. Mas ele era aclamado como a "suprema encarnação do bem", "Herói dos heróis", "trabalhador dos trabalhadores", e "Primeira Personalidade do Mundo". Sua esposa Elena, igualmente má, foi chamada de "um modelo para ser seguido por todas as mulheres dos E.U.A.", a "mãe legendária", e "a mulher mais justa do mundo". Que engano!

E não foram só as massas que foram enganadas. Mesmo quando os olhos do povo romeno foram abertos e eles começaram a chamar Ceausescu muito apropriadamente de "anticristo", ele continuou durante anos a enganar líderes mundiais. Os ocidentais esbanjavam louvores a ele. A mídia relatou: "A rainha Elizabeth o fez cavaleiro, e os Estados Unidos estenderam ao país dele o status comercial de nação favorecida... O então primeiro-ministro israelense, Menahem Begin, atribuiu ao líder romeno o crédito pela mediação da histórica missão de paz do falecido presidente egípcio Anwar Sadat a Jerusalém em 1977."[1]

[1] Los Angeles Times, 26 de dezembro de 1989, p. A13.

O Cristo Cósmico

Há engano até mesmo na palavra "Anticristo". Geralmente entende-se que esse homem incorporará inimizade total contra Cristo. O prefixo grego *anti*, porém, não significa somente "oposto ou contra", mas também "em lugar de, ou um substituto de". É claro que o Anticristo incorporará ambas as definições. Ele realmente irá se opor a Cristo, mas da maneira mais diabolicamente esperta possível (qualquer coisa menos não seria digna da inteligência de Satanás): fingindo realmente *ser* Cristo.

Por isso Daniel, que chama o Messias de "o Príncipe" (Daniel 9.25), refere-se ao Anticristo como o "príncipe que há de vir" (versículo 26), i.e., o pretenso príncipe. Israel rejeitou seu Messias, apesar dEle ter vindo na hora exata prevista (veja o capítulo 14) e em cumprimento às dezenas de profecias messiânicas específicas (já mencionadas), porque Ele não trouxe o tipo de paz que Israel esperava. Os judeus rejeitam Jesus Cristo até hoje com base nisso.

Tragicamente, Israel aceitará o falso messias, o Anticristo, que chegará sem credenciais bíblicas mas que aparentemente trará paz e possibilitará a reconstrução do Templo. Qualquer pessoa que conseguir isso *deve* ser o Messias, acreditará Israel por engano em seu entusiasmo por causa da "salvação" que ele lhe trará.

Os imperadores romanos controlavam o sacerdócio pagão e os festivais pagãos, e eram adorados como deuses sob o título *Pontifex Maximus (Pontífice Máximo)*. Quando o imperador Constantino, por volta de 313 d.C., decidiu por razões táticas se chamar de "cristão" (não verdadeiro, como a evidência deixa claro) e deu ao cristianismo status de religião preferencial, ele foi automaticamente reconhecido como cabeça da igreja cristã. Como tal, tomou para si mesmo o novo título *Vicarius Christi*, ou Vigário de Cristo (Substituto de Cristo). *Vicarius* é o equivalente latino do grego *anti*. Quando traduzido para o grego, Vigário de Cristo significa literalmente Anticristo.

É claro que Constantino não queria dizer que era contra Cristo. Ele seria Cristo no sentido de tomar o Seu lugar na terra. Os papas usaram ambos os títulos por quase 1500 anos: *Pontifex Maximus*, título obviamente pagão, assim como o título blasfemo *Vicarius Christi*, que eles afirmam ter herdado de Constantino. Esse fato levou alguns críticos a dizer que o Anticristo será um papa. Na verdade, o Anticristo vindouro será o novo Constantino, o governante

do Império Romano restabelecido, que abrangerá todo o mundo. O papa da época será o seu braço direito, exercendo poder imenso nos bastidores, um relacionamento que os papas tiveram com os imperadores durante séculos.

Aliança por uma "Semana"

Quando analisamos as profecias de Daniel como um todo (o que os limites de espaço nos impedem de fazer aqui), fica claro que há uma aplicação dupla daquilo que é dito do Anticristo: primeiro a Antíoco Epifânio, que, apesar de ter cumprido grande parte da profecia, não era o Anticristo mas uma pré-figura ou tipo; e, em segundo lugar, o próprio Anticristo, que cumprirá tudo que foi profetizado. Antíoco interrompeu os sacrifícios do Templo e, em seu lugar, fez oferecer carne de porco num altar grego erguido no Templo. Ele rededicou o Templo de Yahweh a Zeus e colocou dentro dele uma imagem dessa divindade principal do panteão grego. Aqui estava realmente uma "abominação desoladora", como Daniel previu - mas não a abominação.

Qual parte da profecia Antíoco não cumpriu? Ele não fez "firme aliança com muitos por uma semana", cessando "na metade da semana... o sacrifício e a oferta de manjares" (Daniel 9.27). (E ninguém mais o fez, inclusive Nero, Hitler ou qualquer tirano do passado identificado por vários grupos como o Anticristo. Pelo contrário, o Anticristo ainda está por vir.)

A "uma semana" pela qual o Anticristo "fará firme aliança" só pode ser a última das 70 semanas que Gabriel disse a Daniel estarem **"determinadas sobre o teu povo** [Israel], **e sobre a santa cidade** [Jerusalém] **para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos" (Daniel 9.24).** Em outras palavras, esse período de tempo verá o cumprimento das profecias restantes referentes a Israel.

Semanas de Anos

Nós entendemos que as "70 semanas" são semanas de anos e, portanto, não representam 490 dias, mas 490 anos. Há várias razões para essa interpretação. Vimos anteriormente que Israel ocu-

pou a Terra Prometida por um período de 490 anos (70 semanas de anos) antes do cativeiro babilônico. Durante esse período, ele deixou de guardar, como ordenado, todo sétimo ano como Sábado especial. (Aqui temos claramente o conceito de semanas de anos.) Por causa dessa desobediência, Israel devia à terra 70 anos de descanso, uma dívida que foi paga enquanto seu povo penava como cativo na Babilônia. Foi imediatamente depois que Daniel entendeu a relação entre o cativeiro babilônico e as 70 semanas de anos anteriores, que o anjo Gabriel revelou-lhe que outras 70 semanas de anos completariam os propósitos de Deus para o futuro de Israel. Seria estranho se esse último período também não fosse composto de semanas de anos, o que na verdade ele é.

Em Apocalipse 11.3, João indica que 1260 dias (três anos e meio) depois do começo do período da Grande Tribulação o Anticristo poderá matar as "duas testemunhas" que estarão profetizando em Jerusalém. A partir daí os não-judeus controlarão Jerusalém, calcando "aos pés a cidade santa... por quarenta e dois meses" (v. 2), ou seja, por outros três anos e meio, completando os sete anos do período total da Tribulação. É razoável admitir que a tomada gentílica de Jerusalém coincidirá com a quebra da aliança do Anticristo no meio de septuagésima semana de Daniel, o que confirma, dessa forma, que a semana deve ser de sete anos.

Em Apocalipse 11.2-3 e 12.6, João parece estar definindo a metade da septuagésima semana de Daniel de outra forma. A mulher no capítulo 12 obviamente representa Israel dando à luz ao Messias. Ela (Israel) tem que fugir de Satanás durante 1260 dias (três anos e meio). Novamente faz sentido associar a ira de Satanás sobre Israel com a quebra da aliança "na metade da semana". Então, temos novamente 1260 dias (três anos e meio) passados da metade da semana até o fim do reinado do Anticristo, provando mais uma vez que a duração da "semana" é de sete anos.

A cronologia de Daniel é só um pouco diferente. Ele afirma em Daniel 12.11 que o fim chegará "mil duzentos e *noventa* dias" depois que o Anticristo cessar os sacrifícios do Templo levítico e colocar "a abominação desoladora" no Templo. Se supormos uns 30 dias adicionais após Armagedom por algum motivo especial, talvez para purificar a terra, ficaremos mais uma vez com 1260 dias ou três anos e meio da metade da semana até seu fim. No versículo seguinte, Daniel nos surpreende ainda mais: **"Bem-aventurado o que**

espera e chega até mil, trezentos e trinta e cinco dias." Os estudiosos das profecias ficam confusos pelos 30 dias adicionais no versículo 11 e esses 45 dias adicionais no versículo 12. No entanto, nenhuma das adições contradiz, antes confirma a conclusão de que a septuagésima semana é um período de sete anos e não de sete dias.

Observando o Antigo e o Novo Testamentos juntos, fica claro que a septuagésima semana de Daniel representa um período de sete anos que coincide com a Grande Tribulação de sete anos descrita detalhadamente no livro de Apocalipse, um período que ainda virá e durante o qual o mundo estará sob o controle do Anticristo.

Messias Rejeitado, Bênção Adiada

Além disso, o Messias não entrou em Jerusalém para ser aclamado pelas multidões no fim de 69 semanas literais (483 *dias*) após a ordem de restaurar Jerusalém. Não havia nem um candidato a Messias que a história registre esperando nos bastidores na época. Mas Jesus realmente entrou em Jerusalém montado num jumentinho e foi aclamado pela multidão como o Messias exatamente 69 semanas de anos (483 *anos*) depois da data que nos é dada em Neemias 2. Novamente, "semanas de anos", não semanas literais, encaixam-se na profecia.

Obviamente, nem todos os propósitos de Deus para Israel já foram cumpridos. O Messias certamente não está reinando no trono de Davi em Jerusalém. Logo, sabemos que as 70 semanas ainda não terminaram. Tudo que Deus pretendia realizar até o final das 69 semanas de anos, no entanto, foi cumprido na pessoa de Jesus Cristo. Se não foi nEle, não pode haver cumprimento, porque o tempo indicado já passou. Jesus Cristo é literalmente o único candidato a Messias disponível para Israel - *o único*.

Ou o livro de Daniel mente - e, logo, o Antigo Testamento inteiro não é confiável - ou o Messias veio na hora prevista. Deve-se aceitar uma conclusão ou outra. Não há uma terceira alternativa.

Não há dúvida de que as bênçãos que foram profetizadas para marcar a culminância da septuagésima semana não ocorreram. Aqui está uma razão para concluir que a septuagésima semana, que foi adiada porque Israel rejeitara o seu Messias, acontecerá simultaneamente com o período da tribulação de sete anos, que está no futuro.

Cristo foi crucificado, e a salvação (através do pagamento da penalidade do pecado por Ele) veio para o mundo inteiro. Como resultado, a Igreja foi formada, uma nova entidade composta de judeus e gentios (Efésios 2). Nos últimos 1900 anos, Israel ficou de lado e a Igreja assumiu o papel principal. Com Israel finalmente de volta em sua terra, a Igreja está em declínio, sofrendo crescente apostasia, e deve ser removida para que a septuagésima semana de Daniel (que se refere apenas a Israel) finalmente aconteça.

Por que a Aliança?

Enquanto isso, precisamos entender algo mais sobre o Anticristo e a natureza da "aliança" que ele fará com "muitos". A aliança que ele fará, certamente, permitirá a reconstrução do Templo e o restabelecimento dos sacrifícios de animais. Esse fato não poderia ser mais claro porque a quebra dessa aliança "fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares". Questiona-se imediatamente por que o Anticristo estaria interessado em permitir a reconstrução do Templo judeu. Isso parece que seria uma loucura.

A decisão do Anticristo obviamente não é para promover a paz mundial, muito menos fazer amizade com o bilhão de árabes que controlam a maior parte do petróleo do mundo. Tal decisão certamente os inflamaria. Um especialista no Oriente Médio denomina os governantes dos Estados árabes do Golfo de "os guardiões das duas maiores forças no mundo árabe - o islamismo e os petrodólares..."[2] Mesmo os árabes que são muçulmanos moderados não podem suavizar sua posição com relação a Jerusalém. A seguinte reportagem dá uma ideia do ambiente que o Anticristo enfrentará, a não ser que aconteça algo incrível capaz de mudar a opinião árabe:

> [Em abril de 1995] o rei Hassan do Marrocos endureceu sua posição sobre Jerusalém, e se uniu ao presidente do Egito, Hosni Mubarak, e ao rei Hussein da Jordânia numa tentativa conjunta de desencorajar os Estados Unidos de mudar sua embaixada para a capital [israelense, i.e. Jerusalém]. Hassan disse que tal mudança "afetaria seriamente" o mundo árabe e islâmico, e seria interpretada como uma grande mudança na política americana.[3]

---

[2] Lamb, op. cit., p. 226.

[3] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 4.

O Anticristo também não tentará ganhar o favor de Israel; Israel não é importante para ele. Só se pode concluir que esse emissário de Satanás, que foi subitamente elevado ao poder, quer a reconstrução do Templo por suas próprias razões egoístas. Desde o começo ele quer usá-lo para se promover como Deus e fazer o mundo adorá-lo. E aqui, mais uma vez, chegamos à conclusão de que algum cataclismo deverá ocorrer para dar ao Anticristo tanto poder e fazer os árabes se submeterem a esse surpreendente decreto de transformar o Monte do Templo, um decreto que de outra forma seria desobedecido por todo o mundo muçulmano.

Certamente qualquer tentativa de reconstruir o Templo hoje traria guerra instantânea com os árabes, uma guerra que provavelmente envolveria o mundo inteiro. O islamismo, a religião que cresce mais rápido no mundo, está passando por um reavivamento intenso no momento. É possível ver isso até entre os beduínos. Eles foram cidadãos israelenses desde o começo e prestam serviço militar, e alguns até chegam ao posto de oficiais. Refletindo o crescimento do islamismo, no entanto, uma mudança assustadora vem acontecendo recentemente na sua atitude para com Israel:

> Durante os últimos cinco anos, os beduínos, 50% dos quais são menores de 18 anos, têm sido envolvidos num reavivamento islâmico. Considere Rahat, por exemplo, a maior cidade beduína no norte do Neguev. Em 1988, a cidade tinha uma mesquita, com apenas 50 pessoas frequentando as orações da sexta-feira. Hoje, Rahat tem cinco mesquitas lotadas de adoradores.[4]
>
> E agora, pela primeira vez, os beduínos se envolveram no terrorismo: uma tentativa de explodir um caminhão carregado com 200 quilos de explosivos no meio de Beersheva em 21 de março de 1995.[5]

Novamente parece óbvio que algo não previsto deverá suavizar a atitude belicosa do Islã se o Templo for reconstruído. Pelo fato do Anticristo fazer sua aliança por "uma semana", ele deve ser reconhecido como autoridade por todo o mundo no início da septuagésima semana de Daniel. Há várias razões para crer que ele subirá ao poder tão repentinamente quanto a septuagésima semana se abaterá sobre o mundo, e pela mesma razão misteriosa.

Enquanto algumas traduções dizem que o Anticristo "firmará" a aliança, o hebraico literalmente indica que ele a imporá sobre o

[4] Ibid., p. 11.

[5] Ibid., p. 2,8,11.

mundo. A própria natureza da aliança, à qual os árabes iriam se opor violentamente, indica que algum evento incrível deve ter ocorrido, algo tão extraordinário e misterioso que mesmo os muçulmanos mais fanáticos, que resistiriam à reconstrução do Templo judeu até a morte, ficarão maleáveis como argila nas mãos do Anticristo. Analisaremos no fim deste capítulo que evento poderá ser esse.

Um Movimento Ecumênico Impressionante

Ao mesmo tempo que o islamismo está crescendo, estamos testemunhando o mais impressionante movimento ecumênico que o mundo já viu. Uma reportagem recente afirmou: "Religiões estão se encaminhando na direção do que finalmente constituirá uma Organização das Religiões Unidas (ORU), estruturada quase da mesma maneira que as Nações Unidas e compartilhando dos mesmos objetivos... [oferecendo] um canal para que o poder divino traga cura e inspiração para a Terra". Um artigo de destaque em *The Futurist* revelou que "religiões do mundo estão cada vez mais preparando a base teórica de uma teologia mundial... A união de dois ou mais impulsos religiosos, tais como hinduísmo e cristianismo, está produzindo cada vez mais híbridos, tais como ioga cristã." O artigo continuava dizendo:

> Religiões mundiais estão começando a trabalhar juntas para resolver problemas globais tais como poluição. Algumas religiões mundiais estão usando cada vez mais computadores para unir e desenvolver missões... [Os] japoneses reconquistaram a doutrina da divindade do Imperador. Nós provavelmente veremos uma grande contribuição oriental à doutrina global de Deus, ou o conceito de mundo-integral do teísmo, no século vinte e um...
>
> O Movimento Verde e as religiões mundiais estão convergindo... O feminino está cada vez mais se tornando parceiro do masculino no pensamento religioso, levando a uma teologia mundial masculina/feminina totalmente integrada.[6]

No espírito do novo e crescente ecumenismo, católicos e protestantes entusiasmados estão se unindo mundialmente sob a bandeira de "Evangelismo A. D. 2000", um desafio atraente de que todos os cristãos deveriam esquecer suas diferenças e aliar-se para evangeli-

[6] Richard Kirby and Earl D.C. Brewer, "Temples of Tomorrow: Toward a United Religions Organization" (Templos de Amanhã: Em Direção a uma Organização das Religiões Unidas), em The Futurist, setembro e outubro de pp.26-28.

zar o mundo até o ano 2000. Qualquer preocupação com a pureza doutrinária foi deixada de lado para dar lugar ao "evangelho positivo", criado para atrair um mundo muito preocupado com ecologia e paz. Advertências bíblicas de um falso evangelho e da apostasia vindoura nos "últimos dias" são consideradas como obstáculos negativos a um "cristianismo" novo e mais atraente.

Aclamada como "a década do evangelismo", espera-se que a década de 90 culmine com a apresentação "a Jesus Cristo, em Seu 2000° aniversário", do que será "um mundo essencialmente cristão", conforme se gabam os líderes cristãos.[7] O fato desse objetivo ser alcançado pela adoção sutil de uma nova definição de "cristão", que criará uma noiva apóstata para o Anticristo, parece despertar pouca preocupação no entusiasmo pela nova unidade." Robert Runcie, enquanto foi Arcebispo de Canterbury, argumentava que os cristãos devem reconhecer que "a nossa fé é incompleta", e devem iniciar uma Nova Era de entendimento mútuo em que reconheçamos a verdade em todas as religiões. Aqui está o novo "cristianismo" do Anticristo, aceitável a todas as religiões.

Como já documentamos exaustivamente em outra parte, o papa João Paulo II é o líder desse movimento para unir as religiões do mundo. Ele afirmou: "É meu desejo profundo que os líderes religiosos do mundo embarquem numa peregrinação a Jerusalém para orarem juntos ao Deus misericordioso para a dádiva da paz, do entendimento e da colaboração entre todas as religiões do mundo."[8] O ecumenista mais surpreendente que o mundo já viu, o papa viajou para mais de 100 países na sua busca do ecumenismo.[9] Seus esforços estão dando frutos, como mostra a seguinte reportagem:

> No dia 3 de novembro de 1994, no Salão Conciliar no Vaticano em Roma, o papa João Paulo II abriu a Sexta Assembléia da Conferência Mundial sobre Religião e Paz [que]... reuniu 900 líderes e delegados religiosos para um diálogo inter-religioso sobre a prevenção da guerra e o fim da injustiça...
>
> Monges budistas vestidos de amarelo, sikhs com turbantes brancos, mulás muçulmanos com capas fluídas, e até índios americanos em trajes típicos ouviram durante três horas, enquanto o papa deu as boas-vindas a cada um, dizendo: 'O Vaticano está aberto a vocês. Eu espero que retornem em breve'. O acordo - dentro e fora do Vati-

[7] Chalcedon Report, julho de 1988, p. 1.
[8] Inside the Vatican, outubro de 1993, p. 18.
[9] Ibid., p. 4.

cano - foi uma ocasião histórica, a primeira vez que uma organização inter-religiosa oficial se reuniu na Santa Sé...

[O] Santo Padre foi acompanhado no pódio do saguão do concílio pelo Cardeal Francis Arinze, presidente do Concílio Inter-Religioso do Vaticano, pelo secretário da Liga Islâmica Mundial, Ahmed Muhammed Ali, pelo rabino David Rosen de Jerusalém, pelo parlamentar hindu Dr. M. Aram, e por Nikkyo Niwano, um budista japonês fundador da CMRP. Juntos eles ouviram versos do Corão, seguidos por invocações judaicas, xintoístas, budistas e hindus pela paz.

Uma nova iniciativa pela paz foi anunciada na conferência intitulada "Serviço Para a Religião e Construção da Paz". Ela será patrocinada pela Fundação Rockefeller e "oferecerá serviços a comunidades locais interconfessionais: treinamento legal na resolução de conflitos, prédios para pesquisa e publicações, e estruturas para diálogo inter-religioso local."[10]

Diálogo com Muçulmanos?

Tais esforços podem parecer impressionantes, mas jamais levariam os árabes a permitir a reconstrução do Templo, mesmo se o Domo na Rocha e a mesquita Al Aqsa permanecessem onde estão. Durante 30 anos, o Vaticano II tem pedido aos muçulmanos que esqueçam os conflitos do passado e tem incentivado todas as religiões a fazerem "um esforço sincero para alcançar um entendimento mútuo..."[11] Esse é um sentimento nobre, mas inútil. O islamismo, como já vimos, é uma religião que não faz concessões. Ela deve dominar, e faz isso pela força se for necessário.

Os católicos e judeus que entram num diálogo esperançoso com os muçulmanos estão se enganando. E qualquer muçulmano que entrar em tal diálogo pelo "entendimento mútuo" não é um verdadeiro muçulmano ou, o que é mais provável, está fingindo concordar com o ecumenismo ingênuo do mundo não-muçulmano até que o Islamismo obtenha a supremacia. Então todo "diálogo" e "liberdade de consciência e religião" desaparecerão. Já citamos o Corão especificamente proibindo um muçulmano até mesmo de fazer amizade com cristãos ou judeus.

O simples fato de que muçulmanos no Ocidente exigem liberdade para praticar o islamismo enquanto negam liberdade semelhante nos seus países a qualquer fé além do islamismo, deve ser suficien-

[10] Inside the Vatican, dezembro de 1994, p. 14.
[11] Flannery, op. cit., Vol.1, p. 740.

te para revelar seus verdadeiros interesses em qualquer diálogo. É óbvio, pelas doutrinas do islamismo, que não poderia haver coexistência pacífica entre as três religiões de Jerusalém (islamismo, judaísmo e cristianismo). Muito menos poderiam o Templo e uma mesquita ficar lado a lado no mesmo local sagrado. Prova-se que tal ecumenismo é impossível pelas próprias leis que o Corão impõe a muçulmanos devotos. Um observador árabe, conhecendo bem o Corão e o cenário mundial, escreve:

> Assim, todos os líderes islâmicos que vão aos líderes britânicos e americanos da Igreja propondo cooperação inter-religiosa estão desobedecendo às instruções de Alá ou então têm uma agenda desconhecida... Essa é a mesma tática, "não há compulsão na religião", que Maomé adotou pela primeira vez com cristãos e judeus, e que os muçulmanos estão usando no mundo Ocidental hoje em dia.
>
> Emigrem para áreas cristãs porque eles são tolerantes. Finjam ser pacíficos, amigáveis e acolhedores; comecem a clamar por direitos e privilégios religiosos, políticos e sociais que vocês não permitirão aos cristãos num país islâmico; multipliquem-se rapidamente ali e criem raízes; não deve haver nenhuma atividade cristã na sua comunidade; vocês devem falar ou escrever para desacreditar a religião deles, mas eles não podem falar sobre o islamismo; comecem a expandir sua comunidade; atividades cristãs devem ser restritas em todos os lugares em que vocês se expandirem; na hora em que tiverem poder militar suficiente contra esses "descrentes", esses kaferis trinitarianos, vão em frente, eliminem todos eles ou reprimam-nos o quanto puderem, e assumam o controle.[12]

Uma Pergunta Persistente

Mesmo assim, todas as religiões do mundo, inclusive o islamismo militante, serão unidas sob o Anticristo. Além disso, o Anticristo fará o que parece absolutamente impossível na perspectiva de hoje: ele reconstruirá o Templo e trará a paz mundial ao mesmo tempo. Não é de se admirar que os judeus o aceitarão como o seu Messias! Embora demonstre ser uma paz falsa que destruirá muitos (Daniel 8.25), mesmo assim ela é uma "paz", e durará por um certo período de tempo, provavelmente a maior parte dos primeiros três anos e meio depois do Anticristo subir ao poder.

[12] Moshay, op. cit., p. 25.

O que poderia levar um bilhão de muçulmanos a concordar com a construção do Templo judeu onde o Domo da Rocha está agora, ou mesmo do lado dele? Nós sabemos, de acordo com as Escrituras, que isso acontecerá, por isso somos levados mais uma vez a concluir que algum acontecimento cataclísmico nesse planeta deverá acontecer, um evento de magnitude tão incrível e de consequências tão impressionantes que irá por si próprio unir o mundo e transformar completamente o pensamento de toda a humanidade. Nenhuma outra conclusão pode ser alcançada tendo-se em vista a concretização dos objetivos do Anticristo, que será impossível por qualquer outro meio.

Os árabes não só lutariam até a morte para impedir a reconstrução do Templo em qualquer lugar do Monte do Templo, mas um grande número de judeus, mesmo os religiosos, não apoiariam tal projeto porque não veem nenhum sentido em restaurar o antigo Templo e seus rituais. Tanto os judeus conservadores quanto os reformados querem que o judaísmo seja progressivo, não que regresse à tradição antiga. Além disso, 30 por cento dos israelenses negam qualquer crença em Deus ou na Bíblia e se oporiam a retornar à adoração no Templo. Mesmo os rabinos ortodoxos foram forçados a minimizar a importância dos sacrifícios do Templo diante de sua ausência do judaísmo nos últimos 1900 anos. Certamente, reconstruir o Templo não é vital para o judaísmo como este é praticado atualmente.

Uma Intuição Inevitável

Após dizer tudo o que foi dito acima, há mesmo assim uma atração emocional poderosa relacionada ao Templo, que surpreende quase todo judeu de vez em quando, mesmo aos ateus entre eles. O professor Gershon Salomon, da Universidade Hebraica de Jerusalém, descreve um pouco dessa emoção cada vez que se lembra do dia em que os judeus recapturaram o antigo local do Templo:

> Eu estava na primeira unidade israelense de paraquedistas que conseguiu chegar ao Monte do Templo no quarto dia da Guerra [dos Seis Dias em 1967]. Minha sensação, e a de todos os soldados foi a mesma, ao entrarmos nesse lugar pela primeira vez... todos os soldados... começaram a chorar. Não podíamos nos conter.

> Ficamos no Monte do Templo por várias horas - não conseguíamos nos mexer. Não se pode entender este momento para nós! Este lugar era o lugar do Templo, o coração e a alma do povo judeu.
>
> Eu sentia que estava bem perto de Abraão, Isaque e Jacó, do rei Davi e dos profetas. Foi o dia mais importante da minha vida, e ele me acompanha a todo momento... Eu sentia que completáramos uma missão especial que todas as gerações desde a destruição do Templo em 70 d.C. pediram que cumpríssemos.[13]

Como resultado dessa experiência, Salomon fundou e dirige até hoje o "Movimento Fiéis do Monte do Templo e Eretz Yisrael", que é dedicado à reconstrução do Templo. Os planos já foram traçados, levitas estão sendo treinados, e vestes sacerdotais sendo feitas, assim como instrumentos musicais especiais necessários para o Templo. O *U.S. News & World Report* publicou um artigo sobre o assunto da reconstrução do Templo:

> A reconstrução do Templo de Salomão na Cidade Velha de Jerusalém tem sido tão importante para os judeus que eles têm orado por isso há séculos e encerram toda festa de casamento quebrando uma taça para lembrar a destruição do Templo - primeiro pelos babilônios há mais de 2500 anos, e novamente 656 anos mais tarde por Roma, depois de ter sido reconstruído. Sua reconstrução [porém] é impensável porque ele fica no mesmo local que a mesquita do Domo na Rocha, o lugar donde os muçulmanos creem ter Maomé subido ao céu no início do século sete.
>
> Ao mesmo tempo que não têm planos de remover a mesquita, um pequeno grupo crê que, se os preparativos apropriados forem feitos, um milagre acontecerá, possibilitando a reconstrução do Templo. O primeiro passo, diz Chaim Richman do Instituto do Templo, é fazer as réplicas, nos mínimos detalhes, dos objetos do Templo, metade dos quais já está pronta. Além disso, um fazendeiro do Mississippi concordou em fornecer novilhas vermelhas sem qualquer defeito, cujas cinzas são necessárias para um ritual de purificação.
>
> Outros também se preparam para o milagre. O rabino Nehman Kahane da Cidade Velha criou um banco de dados de todos os judeus descendentes de Arão, o sacerdote irmão de Moisés. Eles serão chamados para o serviço se o Templo for reconstruído.
>
> Richman diz que não é messiânico: "[Nós esperamos] que o Templo seja novamente um centro espiritual para toda a humanidade."[14]

[13] De uma entrevista com Gershon Salomon, 24 de junho de 1991, como relatado em Thomas Ice & Randall Price, Ready To Rebuild: The Imminent Plan to Rebuild the Last Days Temple (Prontos para Reconstruir: O Plano Eminente para Reconstruir o Templo dos Últimos Dias), Harvest House Pu- blishers, 1992, p. 121.
[14] U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, p. 70.

Que ideia inovadora - o Templo como um centro ecumênico para todas as religiões! O propósito de Deus para o Templo parece estar esquecido. Mesmo que fosse possível reconstruir o Templo, no entanto, vários problemas impedem esse acontecimento.

Uma Solução Surpreendente

Há discórdia entre os principais rabinos a respeito de onde o antigo Templo se localizava. Alguns estão convencidos de que o Domo na Rocha é o próprio local e teria que ser removido. Outros acham que o Templo era adjacente ao Domo e poderia ser reconstruído do seu lado. Essa ideia, porém, não seria satisfatória nem para judeus nem para muçulmanos.

Vamos acabar com a especulação: ambos, o Domo da Rocha e a mesquita Al-Aqsa serão removidos, e com a permissão dos árabes. Não pode ser de outra maneira. Os judeus não poderiam permitir que um lugar sagrado muçulmano, tal como o Domo na Rocha ou a mesquita Al-Aqsa, ficasse no local do Templo, e os muçulmanos não poderiam permitir um Templo judeu no mesmo local que seus lugares sagrados.

Lembre-se, o monumento do Domo na Rocha não foi construído originalmente pelo motivo que é apresentado hoje: que este local seria Al-Aqsa, o "lugar distante" a que Maomé, numa visão, foi supostamente "levado à noite sobre um cavalo celestial... [e] elevado pelos sete céus até a presença de Alá."[15] Com base nos versos do Corão escritos dentro do Domo, fica evidente que esse monumento ao islamismo foi construído primariamente para se destacar como mais imponente do que os monumentos cristãos e judeus em Jerusalém, e como reprovação do judaísmo e cristianismo. Ali se encontram denúncias contra o Deus da Bíblia semelhantes a estas:

> Por que Alá teria tomado para Si um filho? Exaltado seja! (Sura 19:35)
>
> Ó adeptos do Livro [cristãos e judeus], não vos excedais em vossa religião, e não digais de Alá senão a verdade. O Messias, Jesus, o filho de Maria, nada mais era que o Mensageiro de Deus e Sua palavra e um sopro de Seu espírito que Ele fez descer sobre Maria. Acreditai, pois, em Alá e Seus mensageiros e não digais "Trindade". Abstende- vos disso. É melhor para vós. Alá é um Deus

[15] Marmaduke Pickthall, The Meaning of The Glorious Koran: An explanatory translation (O Significado do Glorioso Corão: Uma tradução explicativa). Alfred A. Knopf, 1992, Anotações introdutórias no começo de Sura 17.

único. Glorificado seja! Teria Ele um Filho? Como?... Basta-vos Alá por defensor. (Sura 4:171)

Na verdade, Sura 17.1, que contém a única menção do Al-Aqsa, o "Lugar Distante", é notável pela sua ausência entre as citações do Corão encontradas em abundância por todo o interior desse domo hoje. Esse verso, que já citamos, está longe de ser conclusivo: "Em nome de Alá, o Clemente, o Misericordioso. Glorificado seja Aquele que, certa noite, levou seu Servo da Mesquita sagrada à distante mesquita de Al-Aqsa, cujos arredores abençoamos, para que pudéssemos mostrar-lhe alguns de nossos sinais. Alá ouve tudo e vê tudo." O Anticristo pode muito bem apontar outro local como sendo o verdadeiro Al-Aqsa ao qual se refere o Corão, levando os árabes a mudar seu monumento para lá e deixando o local em Jerusalém vago para a reconstrução do templo.

Talvez haja também alguma moderação do islamismo no futuro próximo, o que ajudaria a preparar o caminho para o Anticristo. Um conflito sério já existe no mundo do islamismo. Enquanto a grande maioria dos árabes jura lealdade ao islamismo, a maioria rejeita o que chamam de "fundamentalismo islâmico" ou "extremismo/radicalismo islâmico". O Irã, por exemplo, é acusado de exportar o que o resto do mundo chama de "revolução islâmica". Essa revolução é temida tanto pelos países árabes que professam o islamismo quanto pelo Ocidente. Uma vez que árabes pensantes suficientes encararem o fato de que o fundamentalismo, ou radicalismo, que eles temem é, na verdade, exatamente o que o Corão ensina e que Maomé exemplificou, talvez eles decidam que o próprio islamismo deva ser revisto.

Embora existam várias seitas menores, há duas divisões principais no islamismo: os xiitas e os sunitas. Os xiitas são predominantes no Irã (cerca de 95 por cento de sua população de 60 milhões) e uma maioria no Iraque (cerca de 55 por cento), enquanto os sunitas são a maioria nos outros lugares (99 por cento na Argélia, 94 por cento no Egito, 98,7 por cento no Marrocos, 92,1 por cento na Arábia Saudita, etc.). Os xiitas são os principais proponentes da revolução islâmica, que é simplesmente a obediência fundamental ao Corão. Aí novamente há esperança de alguma moderação diante da maioria numérica dos sunitas.

Fatores Favoráveis

O fato que está a favor do Anticristo é que o mundo reconhece sua necessidade urgente de união, paz e desarmamento. Alguns passos concretos, apesar de pequenos, e muitos gestos sinceros, estão sendo feitos nessa direção. Num discurso na ONU no final de setembro de 1993, o presidente Clinton se ofereceu para colocar as armas nucleares americanas "sob supervisão internacional".[16] A ideia de "supervisão internacional" está ganhando adeptos e está sendo aplicada também a Jerusalém. No dia 19 de novembro de 1994, João Paulo II recebeu "o primeiro embaixador da Jordânia na Santa Sé, Mutasim Bilbeisi, [e] reiterou a insistência do Vaticano quanto a garantias internacionais para os lugares sagrados de Jerusalém. O Vaticano estabeleceu relações diplomáticas formais com a Jordânia em março [1994], logo após ter feito o mesmo com Israel, como parte do esforço de obter participação no processo do Oriente Médio."[17]

A comunidade mundial certamente aprovaria um Templo judeu no Monte do Templo em troca da internacionalização de Jerusalém, removendo-a assim do controle judeu. Para restaurar seu templo, os judeus provavelmente terão que aceitar tal negociação. Já se fala há algum tempo que os primeiros passos já foram tomados secretamente e a evidência está apontando para tal negociação. Um editorial numa publicação judaica revelou o conteúdo de uma carta secreta (à qual nos referimos em parte anteriormente) do então ministro de Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres:

> De acordo com Mark Halter, um amigo chegado de Peres, que... entregou a carta ao papa, "Peres se ofereceu para entregar o governo da Cidade Velha de Jerusalém para o Vaticano. Jerusalém deve continuar sendo a capital de Israel, mas a Cidade Velha será administrada pelo Vaticano... a cidade teria um prefeito israelense e um prefeito palestino, ambos sob o controle do Vaticano..."
>
> A OLP viu o Plano de Vaticanização logo antes de assinar a Declaração de Princípios. Na época, Arafat concordou em não se opor ao plano. Arafat também consultou vários palestinos influentes que ficaram encantados com o plano...
>
> Jerusalém deverá se tornar o segundo Vaticano do mundo, com as três religiões principais representadas sob a autoridade do Vaticano.

[16] Spokesman Review, 17 de setembro de 1993, coluna "National Digest."

[17] Inside the Vatican, dezembro de 1994, p. 19.

> Um Estado palestino surgiria em confederação com a Jordânia, sua capital religiosa seria Jerusalém, mas a sua capital administrativa seria situada em outro lugar, provavelmente Nablus.
>
> Um membro do Ministério de Relações Exteriores afirma que o plano é bom porque as relações de Israel com o mundo católico levarão ao comércio, turismo e prosperidade. Além disso, Peres acredita que com uma autoridade governante poderosa, futuros conflitos entre árabes e israelenses serão resolvidos facilmente.
>
> Apesar de toda essa informação que foi publicada, o governo israelense continua negando que o futuro de Jerusalém esteja sendo negociado.[18]

Embora uma imagem do Anticristo no Templo viesse a ser uma ofensa para os judeus, essa abominação não será apresentada até a metade dos sete anos da Tribulação. Por outro lado, imagens são aceitas por católicos romanos e cristãos ortodoxos orientais, fazendo de uma imagem do Anticristo no Templo algo normal pelo menos para grande parte da população. Quanto à adoração de um homem como Deus, essa ideia, no passado vista como a pior superstição no Ocidente, não choca mais ninguém.

Uma Mentira Muito Atraente

Ninguém faz a ideia de homens se tornando deuses mais atraentes à massas quanto "Sua Santidade, o Dalai Lama", que recebeu há alguns anos atrás o Prêmio Nobel da Paz. E ninguém (talvez com exceção do papa João Paulo II) é mais conceituado e confiável como um "líder espiritual" trabalhando pela paz no mundo de hoje. A missão principal do Dalai Lama, que ele está buscando realizar diligentemente em todo o mundo, é ensinar a todos como se tornar um deus. Ele faz isso ao iniciar aspirantes no que chama de "Ioga Divina Budista Tântrica Tibetana." Em Los Angeles, por exemplo, no verão de 1989, ele liderou uma platéia de 3.000 pessoas, muitas dos quais vieram de lugares distantes do mundo, num "ritual Kalachakra de três dias pela paz mundial" no Auditório Cívico de Santa Mônica. Reportagens dessa conferência afirmavam com toda a seriedade:

> O Dalai Lama ensinou em Santa Mônica que era possível para todos os seres humanos finalmente se tornarem um Buda, um ser da maior sabedoria e compaixão e todo poder. O budismo tibetano...

[18] Editorial, Jewish Press, 2 de setembro de 1994.

> propõe uma série de caminhos especiais para que alguém se transforme rapidamente num Buda... [o que] de acordo com o Dalai Lama, geralmente envolve um método chamado Ioga Divina...
>
> Ioga Divina... é um ato consciente de criar, visualizar a ilusão de que nós já somos seres perfeitos, já somos semelhantes a Deus. Se conseguirmos... ser completamente uma ilusão aparentemente permanente, então saberemos os procedimentos para criar a nossa própria realidade. Seres que são desenvolvidos o bastante para criar a sua própria realidade são Budas.[19]

Aqui temos uma ilusão surpreendente sendo amplamente aceita em todo o mundo, uma ilusão que está no centro da maioria dos cursos de auto-aperfeiçoamento e atitude mental positiva ensinados no mundo dos negócios de hoje (que através do poder da mente a pessoa pode criar o seu próprio mundo por meio da visualização e do pensamento positivo). Paulo nos diz que o Anticristo será aparentemente capaz de demonstrar ao mundo tais habilidades através do poder de Satanás, e que o próprio Deus fará essas pessoas iludidas acreditar na própria mentira em que querem acreditar e pela qual rejeitaram a Deus e sua responsabilidade moral para com Ele:

"Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira" (2 Tessalonicenses 2.9-11).

O mundo espiritual é bem real e cheio de perigos. A ciência não sabe nada sobre ele e não tem instrumentos ou fórmulas para avaliá-lo. O mundo de hoje está adotando e buscando uma pretensa "espiritualidade" enquanto rejeita quaisquer normas para avaliá-la. O "poder" espiritual está sendo buscado por razões egoístas, enquanto a própria ideia de submissão à autoridade de Deus é rejeitada.

A crença num "poder maior" é aceita, mas somente como definida pela preferência individual (o ecumênico "Deus como você imagina que ele seja" dos Alcoólicos Anônimos e da Maçonaria, por exemplo). Ao mesmo tempo o Deus da Bíblia é rejeitado porque Ele faz exigências morais que os caçadores de poder não estão dispostos a reconhecer, muito menos a obedecer. O único "deus" que essas pessoas desejam é um deus cujo poder possam usar para seus próprios

[19] Art Kunkin, Whole Life Times, agosto de 1979, "The Dalai Lama in Los Angeles: What Does Kalachakra Have To Do With World Peace?" (O Dalai Lama em Los Angeles: O Que Kalachakra Tem a Ver Com a Paz Mundial?), p. 8

fins, transformando-se assim em deuses. Essa aceitação moderna do mundo "espiritual" devido ao poder que ele oferece, certamente ajudará a preparar o mundo para cair em adoração aos pés do Anticristo quando seus incríveis poderes satânicos forem demonstrados.

Um Catalisador Necessário

Apesar de todas as tendências atuais, porém, desde o ecumenismo até uma aceitação ingênua de "espiritualidade" (que estão, sem dúvida, preparando importante terreno para a vinda da religião e do governo mundial), algo mais é necessário. É inconcebível que um mundo tão dividido possa ser repentinamente (ou mesmo gradualmente) unido por um simples homem, não importa quão talentoso, carismático, ou movido por Satanás ele seja. Com isso a Bíblia concorda. Ela declara que o Anticristo não pode ser revelado (i.e., o mundo não o aceitará) até que aconteça um evento específico, conhecido como arrebatamento: "**sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria**" **(2 Tessalonicenses 2.6).**

Logo antes da crucificação, Jesus disse aos Seus discípulos que Ele os estava deixando para reunir-se a Seu Pai no céu ("**Na casa de meu Pai há muitas moradas... Vou preparar-vos lugar**" **- João 14.2**). Ele lhes garantiu, porém, que voltaria: "**Voltarei e vos receberei para mim mesmo** [no céu], **para que onde eu estou estejais vós também**" **(João 14.3).** Somente Jesus se atreveu a fazer tal promessa. Nem Buda, nem Maomé, nem Confúcio, nem qualquer outro líder religioso jamais prometeu retornar após sua morte para levar seus discípulos corporalmente para o céu sem que morressem. Só essa faceta do cristianismo o separa de toda religião que o mundo já conheceu.

Ser levado deste mundo para o céu era a "**bendita esperança**" **(Tito 2.13)** da igreja primitiva. Paulo nos conta que quando os adoradores de ídolos pagãos em Tessalônica ouviram o Evangelho, um grande número creu nele. Como resultado, eles se "**converteram a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardarem dos céus o seu Filho**" **(1 Tessalonicenses 1.9-10).** Os crentes filipenses já se consideravam cidadãos do céu, "de onde", escreveu Paulo, "aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Filipenses 3.20). O autor da epístola aos Hebreus assegurou seus leitores de que "**Cristo... aparecerá segunda vez... aos**

que o aguardam para a salvação" (Hebreus 9.28). Paulo descreve esse evento incrível, tão maravilhoso para os crentes, mas tão terrível para os que ficarem para trás:

"Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem... descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (1 Tessalonicenses 4.16-18).

Muito em breve, milhões e milhões dos que vivem nesta terra serão misteriosamente arrebatados do planeta e levados ao céu! Apenas então o Anticristo poderá ser revelado. Na verdade, esse evento será o catalisador que o catapultará ao poder no início da septuagésima semana de Daniel. Nada mais poderia fazer isso acontecer.

Terror e União

Tal evento, envolvendo o desaparecimento misterioso e repentino de aproximadamente 200 milhões de pessoas, está além da nossa habilidade de imaginação. Não é difícil, porém, imaginar qual será a reação do mundo. Este mundo ficará absolutamente aterrorizado! Os Chefes do Estado-Maior, o Gabinete do Presidente, o Congresso, as Nações Unidas, e todos os grupos de governo, negócios e educação, irão reunir-se numa sessão de emergência - admirados, devastados, tentando entender o que aconteceu com os milhões de desaparecidos. "Para onde eles foram? Quem os levou? Quem serão os próximos?", serão as perguntas nos lábios trêmulos por todo o mundo.

Nada além de tal desastre poderia unir o mundo. Mesmo hoje, quando há sobreviventes num acidente de avião isolado na selva, apesar de se tratar de inimigos, há uma união repentina na busca comum pela sobrevivência. Após o arrebatamento, a "sobrevivência" a esse evento unirá aqueles restantes que não terão mais nada a fazer. Ambições islâmicas de conquistar o mundo, o ódio mútuo entre os sérvios ortodoxos e os croatas católicos, a inimizade e desconfiança entre coreanos do norte e do sul - essas e outras inimizades serão esquecidas no terror comum e na necessidade de cooperarem entre si.

Com todos os crentes removidos, a grande oportunidade de Satanás de conquistar o mundo terá chegado. Aterrorizados e confusos, aqueles que ficarem adorarão qualquer um que traga ordem e sentido para o caos. Imediatamente, no auge desse terror, o homem de Satanás, o Anticristo, surgirá. Ele afirmará saber para onde todos foram levados. Alguma civilização cruel a alguns anos luz de distância os raptou como escravos. Mas ele assegura ao mundo que está negociando com um concílio intergaláctico para trazer todos de volta. E para demonstrar que não é mentira o que diz, ele realiza aparentes milagres pelo poder de Satanás.

Não duvide - o mundo vai cair aos pés do Anticristo. E no seu desespero o mundo estará disposto a aceitar as medidas mais tirânicas para sua sobrevivência. O Anticristo declara que todos devem receber sua marca na mão ou na testa para comprar ou vender (Apocalipse 13.16-18). Isso será um sinal para manter supostos alienígenas à distância. Além disso, o desaparecimento em massa, que desorganizou totalmente os registros bancários e de seguro e estabeleceu o caos financeiro, cria a necessidade de uma nova ordem econômica.

Isso pode parecer ficção científica, mas o arrebatamento de todos os verdadeiros cristãos é a promessa de Deus há mais de 2000 anos, e certamente acontecerá. Na verdade, ele poderá acontecer a qualquer momento. Não há outra maneira concebível pela qual o Anticristo poderia subir ao poder como governante mundial, nenhuma outra maneira pela qual todas as religiões do mundo, inclusive um bilhão de muçulmanos, cujas escrituras proíbem tal união, poderiam se unir.

Embora o aspecto extraterreno do que foi descrito acima não apareça na Bíblia, todas as outras questões que discutimos neste capítulo são nitidamente ensinadas nela. Será que UFOs (OVNIs) e inteligências extraterrenas (IETs) terão um papel importante a exercer? É o que vamos examinar com mais detalhes no próximo capítulo.

No princípio criou Deus os céus e a terra... Criou Deus, pois, o homem à sua imagem... homem e mulher os criou. E Deus... lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra... Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom.

— Gênesis 1.1,27-28,31

Nos céus estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo. Bendizei ao Senhor todos os anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens, e lhe obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade. Bendizei ao Senhor, vós, todas as suas obras, em todos os lugares do seu domínio. Bendize, ó minha alma, ao Senhor.

— Salmo 103.19-22

E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és... porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação... toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra... estava dizendo: Aquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos.

— Apocalipse 5.9,13

19

Onde Estão os Alienígenas?

Extraterrestres raptaram milhões de pessoas desta terra e as levaram para algum planeta distante? Fantasia? Ficção científica? Especulação desenfreada? Não é especulação o fato de que a qualquer momento milhões desaparecerão da terra num evento chamado o arrebatamento. Os versículos da Bíblia citados no capítulo anterior (e muitos outros) deixam isso muito claro. Se milhões sumissem repentinamente, que outra explicação poderia haver? Certamente não o arrebatamento, que apenas poucos cristãos evangélicos estão esperando, e que os católicos e a maioria dos protestantes tradicionais rejeitam.

Aqueles que não forem levados se acharão afortunados por terem escapado desse destino horrível. Certamente eles não acreditarão no que ocorreu como sendo o arrebatamento. As únicas pessoas que levavam a sério esse absurdo ensinamento radical sumiram. Além disso, aqueles que ficarem, por terem rejeitado o Evangelho, irão receber "a operação do erro" de Deus para acreditarem na mentira de Satanás. Assim diz a Bíblia (2 Tessalonicenses 2.11-12).

Uma Antiga Mentira Retorna

A mentira que o mundo aceitará certamente não é nova. Ela tem suas raízes na evolução. Já faz tempo que essa teoria é matéria exigida de professores de escolas públicas e é imposta aos alunos apesar das objeções de pais preocupados. Apesar de não poder ser provada pela informação disponível e nunca ter sido observada, no entanto a evolução é a base do currículo de ciências em quase todas as escolas públicas nos países ocidentais. Nessas mesmas escolas, a possibilidade de Deus ter criado o universo não é admitida nem como alternativa. É claro que uma crença em inteligências extraterrenas "em algum lugar do espaço" segue logicamente a evolução.

Não há razão para crer que a terra seja única como planeta habitado, a não ser que tenha sido *criada* assim. Se a vida é um simples produto de forças aleatórias naturais do universo e não precisa de um Criador, então as mesmas forças ativas na terra poderiam estar ativas em toda parte no cosmos. Se a vida evoluiu na terra por acaso, então poderia ter se desenvolvido da mesma forma em outros planetas. Além disso, tais seres poderiam até possuir ciência e tecnologia muito superiores às capacidades humanas. A possibilidade de não estarmos sozinhos no universo é extremamente instigante para a maioria das pessoas e é apresentada em muitos dos livros, filmes, e programas de TV mais famosos e influentes.

O que poderia ser mais apropriado do que essa mentira voltar para assediar a mente daqueles que rejeitaram a Deus como Criador? Depois de escolherem acreditar que a vida aconteceu por acaso, é justo que eles encarem o terror do que isso significa. Não há razão para crer que seres "altamente desenvolvidos" devam ser benevolentes. Por que se importariam com os sentimentos de meros humanos? Talvez eles nos considerem criaturas tão inferiores que façam experiências conosco como nós fazemos com ratos. Por que não, se não há Deus que estabelece padrões morais para Seu universo? Nesse caso, a força estabelece o direito.

A Nova Esperança: IETs Altamente Desenvolvidos

Robert Jastrow, fundador e, por vários anos, diretor do Instituto Goddard de Estudos Espaciais (que teve um papel importante na produção das sondas espaciais Pioneer, Voyager, e Galileu), decla-

ra que a vida poderia estar evoluindo em outros planetas por 10 bilhões de anos a mais que na terra. Jastrow sugere que esses seres poderiam então estar muito além do homem na escala evolutiva, na mesma proporção que o homem está além do verme. Eles pareceriam deuses aos nossos olhos se os encontrássemos - uma possibilidade empolgante mas também assustadora.

É incrível que a humanidade prefira procurar ajuda e conselho em outros seres mortais, mesmo naqueles que poderiam ser extremamente cruéis, em vez de buscá-los com o Deus de amor e justiça infinitos que nos criou. O grande rei Davi de Israel era mais sábio. Quando o profeta Gade lhe deu, pelas palavras de Deus, a escolha entre ser julgado pelo seu pecado através do homem ou por Deus, Davi respondeu:

"Caia eu, pois, nas mãos do Senhor, porque são muitíssimas as suas misericórdias: mas nas mãos dos homens não caia eu" (1 Crônicas 21.13).

Os líderes de hoje preferem cair nas mãos de inteligências extraterrenas (IETs) do que confiar na misericórdia de Deus. Sérios esforços internacionais estão em operação há anos para contatar IETs. Nos Estados Unidos, o programa tem o título de *Search for Extraterrestrial Intelligence (SETI) [Procura por Inteligências Extraterrenas]*. Os Estados Unidos e outros grandes países investem muito dinheiro nessa busca, enviando sinais de rádio para o espaço e tentando ouvir alguma mensagem coerente de lá, convencidos de que tais seres existem e que é só uma questão de tempo até fazermos contato com eles para nosso grande benefício.

A sonda espacial Voyager, que está constantemente indo mais longe no espaço, carrega uma mensagem num disco de ouro afixado no seu exterior. Espera-se que alguma vida inteligente e amistosa possa interceptar e decifrar a mensagem e assim contatar a terra:

> Esta sonda espacial, a Voyager, foi construída pelos Estados Unidos da América. Nós somos uma comunidade de 240 milhões de seres humanos entre os mais de 4 bilhões que habitam o planeta Terra... ainda dividido em nações, mas... rapidamente se transformando numa única civilização global.
>
> Nós lançamos essa mensagem no cosmos... Dos 200 milhões de estrelas na Via Láctea, algumas - talvez várias - podem ter planetas habitados e civilizações que navegam no espaço. Se

uma dessas civilizações interceptar a Voyager... aqui está a nossa mensagem:

> 'Este é um presente de um mundo pequeno e distante, uma recordação dos nossos sons, nossa ciência, nossas imagens, nossa música, nossos pensamentos e nossos sen*time*ntos. Nós estamos tentando sobreviver à nossa época para podermos chegar à sua. Esperamos algum dia, quando resolvermos os problemas que enfrentamos, unir-nos a uma comunidade de civilizações galácticas. Esse registro representa nossa esperança e nossa determinação, e nossa boa vontade num Universo vasto e espantoso.'
>
> Jimmy Carter
> Presidente dos Estados Unidos da América
> CASA BRANCA, 16 de junho de 1977

Seres Não-Físicos?

Levando a teoria da evolução um passo adiante, Robert Jastrow sugere que a vida fora da terra pode estar "além da forma de carne e osso que reconheceríamos. Ela pode [ter]... escapado de sua carne mortal e se tornado algo que as pessoas antiquadas chamam de espíritos. E então, como é que sabemos que está lá? Talvez ela pode se materializar e depois desmaterializar. Eu tenho certeza de que, em nossa concepção, teria poderes mágicos..."[1] Assim como muitos cientistas importantes hoje, Jastrow, apesar de ser um agnóstico, rejeita o materialismo científico e reconhece que o universo pode se estender além da matéria até uma dimensão não-física de seres espirituais. E ele não está sozinho nessa convicção; Jastrow está acompanhado por muitos dos mais eminentes cientistas de todas as áreas no mundo.

John Gliedman, professor de filosofia da ciência, entrevistou cientistas importantes em toda a Europa e América e, como resultado, publicou na revista *Science Digest*: "Desde Berkeley até Paris e de Londres a Princeton, cientistas renomados de áreas tão diversas como neurofisiologia e física quântica estão ...admitindo que creem na possibilidade, no mínimo, do... espírito humano imortal e da criação divina."[2] Concordam com ele cientistas famosos como Eugene Wigner, que recebeu o Nobel, conhecido como "um dos maiores físicos do século", Sir Karl Popper, que foi chamado de "o mais famoso filósofo da ciência da nossa era", e o fa-

[1] GEO, fevereiro de 1982, "Geo conversation", uma entrevista com Dr. Robert Jastrow, p. 14.
[2] John Gliedman, "Scientists in Search for God" (Cientistas à Procura de Deus) em Science Digest, julho de 1982, p. 78.

lecido matemático e teórico de mecânica quântica John von Neumann, que foi descrito como provavelmente "o homem mais inteligente que já viveu". Sir John Eccles, que também ganhou o Nobel, declarou de forma sucinta:

> Mas se existem eventos mentais genuínos - eventos que não são materiais ou físicos - então todo o programa do materialismo filosófico cai por terra.
>
> O universo não é mais composto de "matéria e vácuo" mas agora deve abrir espaço (não-espacial) para entidades (sem massa) [i.e., inteligências não-físicas].[3]

Em *Science and the Unseen World (A Ciência e o Mundo Invisível)*, Sir Arthur Eddington, um dos maiores físicos de todos os tempos, escreveu que imaginar a consciência sendo governada por leis da física e química "é tão absurdo quanto a sugestão de que uma nação possa ser governada pelas... leis da gramática".[4] Ken Wilbur resenhou os livros dos maiores físicos deste século e descobriu que praticamente todos eles acreditavam numa dimensão não-física da realidade. Baseado nos seus livros, ele concluiu: "Não existe mais qualquer grande objeção físico-teórica a realidades espirituais... [Essa] opinião... ao que tudo indica, marca o fim daquele aspecto irritante do antigo debate entre as ciências físicas e a religião..."[5] De pleno acordo, Arthur Koestler afirmou:

> O modelo cósmico do mecanismo universal construído no século dezenove está desmoronando e, já que a própria matéria foi desmaterializada, o materialismo não pode mais alegar ser uma filosofia científica.[6]

Uma Aplicação Perigosa

Quando se aplica esses desenvolvimentos à procura por inteligências extraterrenas, as conclusões são surpreendentes. Não só médiuns espiritualistas, adivinhadores, iogues, e excêntricos, mas agora também cientistas notáveis estão seriamente tentando contatar "seres espirituais" que eles acreditam ser entidades divinas altamente desenvolvidas com conhecimento e poderes maiores do que os que os humanos possuem. Certamente se algum contato fos-

---

[3] Sir John Eccles, com Daniel N. Robinson, The Wonder of Being Human - Our Brain & Our Mind (A Maravilha de Ser Humano - Nosso Cérebro e Nossa Mente). New Science Library, 1985, p. 54.

[4] Sir Arthur Eddington, Science and the Unseen World (A Ciência e o Mundo Invisível). Macmillan, 1937, pp. 53,54.

[5] Ken Wilbur, Quantum Questions: The Mystical Writings of the World's Great Physicists (Questões Quânticas: Os Documentos Místicos dos Maiores Físicos do Mundo). Shambhala Publications, 1984, p. 170.

[6] Research in parapsychology 1972 (Pesquisa em Parapsicologia), discurso de banquete especial por Arthur Koestler, p. 203.

se feito com IETs amistosas, os líderes do mundo agarrariam a oportunidade de se beneficiarem de seus conselhos e de sua ajuda! Mas como saberíamos quem são esses seres espirituais, e como poderíamos ter certeza de suas verdadeiras intenções e motivos? Na verdade, não o poderíamos. Não é preciso raciocinar muito para perceber que a tentativa de contatar entidades não-físicas abre a brecha para todo tipo de engano satânico que pode ser usado na elevação do Anticristo ao poder!

Não só o ex-presidente Carter, mas também outros grandes líderes políticos têm esperanças de que o contato com IETs levaria a uma solução para os problemas da terra. Na verdade, o presidente sírio Hafez Assad, numa entrevista à revista *Time*, expressou a crença de que *apenas* um poder extraterreno poderia trazer paz real a este mundo. Ele tem interesse antigo em OVNIs e leva a sério esses objetos voadores não-identificados, acreditando que são naves espaciais exploradoras de outros planetas. *Time* perguntou a Assad: "Suponha que, como discutimos antes, houvesse uma potência extraterrestre e que ela tentasse resolver os problemas do Oriente Médio. O que você gostaria que fizesse?" Hafez respondeu: "Certamente seria uma grande potência, e nós esperaríamos que fosse imparcial."[7] Imparcial, sim, com relação aos interesses competitivos da terra, mas por que seria altruísta com relação a seus próprios interesses?

O presidente sírio, é claro, não está sozinho nas suas crenças, apesar de nem todos serem tão esperançosos. Personalidades importantes em muitas áreas de todo o mundo se reuniram em Washington de 27 a 29 de maio de 1995, numa conferência intitulada "Quando Culturas Cósmicas se Encontram". A conferência tentou resolver a questão do que fazer quando o esperado contato com IETs finalmente acontecer (talvez mais cedo do que esperamos).

É interessante notar que a ideia de contato com IETs costumava causar medo. O programa de rádio Invasão dos Marcianos criou pânico nacional nos Estados Unidos no fim dos anos 30. Mas desde então, filmes famosos como *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* e *ET* apresentaram IETs que possuíam poderes mágicos, mas disposição bondosa. Certamente essa expectativa é amplamente aceita pelo público em geral. Seria muito assustador pensar de outro modo.

[7] "An Interview with Hafez Assad" ("Uma Entrevista com Hafez Assad") em *Time*, 20 de outubro de 1986, pp. 56-57.

Um Fenômeno Inexplicado

Embora os cientistas sejam quase unânimes na sua crença de que IETs estão "lá fora", eles discordam do que os OVNIs realmente representam. Pesquisadores altamente conceituados de UFOs, no entanto, acumularam muitas provas que parecem indicar que seres de outros planetas têm visitado a terra há algum tempo em veículos espaciais. Pelo fato de nossos cientistas serem incapazes de identificar a composição, o método de propulsão, e a origem desses veículos misteriosos (se é isso que são), eles foram denominados *Unidentified Flying Objects (UFOs) - Objetos Voa- dores Não-Identificados (OVNIs)*. Milhares de visões são relata- das anualmente em todo o mundo, a grande maioria das quais existe apenas na imaginação ou tem alguma explicação terrena. Ainda sobram, porém, numerosas visões que, sob investigação cuidadosa, parecem indicar que algo "que não é deste mundo" está nos visitando por razões desconhecidas.

Várias investigações governamentais de OVNIs foram feitas, cujos resultados exatos continuam secretos. De acordo com arquivos liberados sob a Lei de Liberdade de Informação, o FBI chegou a se envolver por algum tempo na busca de provas em supostos locais de queda de OVNIs. Numa carta datada de 27 de setembro de 1947, o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, escreveu para o Major-General George C. McDonald: "Eu estou aconselhando as Divisões de Campo do FBI a interromper toda atividade de investigação relacionada às aparições de discos voadores, e estou sugerindo que transfiram todas as ocorrências recebidas para o representante da Força Aérea na sua área."[8] No entanto, o FBI continuou tendo certo envolvimento, de acordo com memorandos anuais entre seções, tal como o seguinte de W.R. Wannall para W.C. Sullivan, datado de 2/10/62, que informa: "Parece não haver mais necessidade de instruções adicionais para o campo ou inclusão nos manuais do FBI relacionadas a discos voadores. Esse assunto será revisado novamente no dia ou por volta de 1/10/63."[9] O FBI não descartou OVNIs completamente como algo indigno de atenção.

Os arquivos do FBI, na verdade, incluem vários relatórios de objetos voadores misteriosos, avistados em várias partes do país por observadores competentes, inclusive pilotos e instrutores de voo da Força Aérea bem como funcionários do FBI. Há referências à alta

[8] Cópia de carta em arquivo.
[9] Cópia de memorando em arquivo.

velocidade dos objetos, à ausência de qualquer meio de propulsão conhecido na terra, a manobras impossíveis para naves terrestres, todas indicando uma origem fora deste planeta. Os relatórios também incluem observações de evidência física no chão, tais como afundamentos causados por um objeto pesado e também áreas radioativas onde supostamente ele teria aterrissado. Um memorando da CIA, do Diretor Representante para o Diretor de Inteligência Central, (data removida) afirma:

> Até agora, os relatórios de incidentes nos convencem de que algo está acontecendo que deve receber atenção imediata. Os detalhes de alguns desses incidentes foram discutidos comigo pelo diretor adjunto. Visões de objetos inexplicados a grandes altitudes e viajando em alta velocidade nas proximidades de grandes instalações de defesa americanas são de tal natureza que não podem ser atribuídas a fenômenos naturais ou tipos conhecidos de veículos aéreos.[10]

A Religião Impossível

Existem apenas duas explicações possíveis para vida inteligente fora da terra, se é que ela existe. Ou ela evoluiu por acaso (a única teoria aceita nas escolas públicas), ou Deus a criou. A primeira possibilidade, apesar de seu status oficial, pode ser rapidamente descartada só com base na matemática. O eminente astrônomo britânico Sir Alfred Hoyle demonstra que "mesmo que o universo inteiro fosse constituído da sopa orgânica" da qual a vida é feita, as chances de produzir as enzimas básicas da vida por processos aleatórios sem direção inteligente seria de aproximadamente uma em 10 seguido de 40 mil zeros.

Tal número está além da compreensão, mas uma comparação pode ser feita. A probabilidade de escolher por acaso um átomo específico do universo seria de aproximadamente 1 em 10 seguido de 80 zeros. Se todo átomo neste universo se tornasse outro universo, as chances de se escolher aleatoriamente um átomo dentre todos esses universos seria de 1 em 10 seguido de 160 zeros.

Lembre-se que há apenas 1 chance em 10 seguido de 40.000 zeros (que é obviamente impossível) de obter só as enzimas básicas. Apenas como consequência das leis matemáticas [das probabilidades], Hoyle conclui que "a evolução darwiniana é totalmente inca-

[10] Cópia de memorando em arquivo.

paz de conseguir um polipeptídeo [sequência] correto, muito menos os milhares de que as células dependem para sobreviver". Mas mesmo se isso acontecesse, o acaso teria que continuar desenvolvendo milhões de tipos de células, cada uma com milhares de processos químicos complexos em andamento ao mesmo tempo e em equilíbrio delicado um com o outro. Além disso, essas células (existem trilhões no corpo humano) devem ser reunidas em nervos, olhos, coração, rins, estômago, intestinos, pulmões, cérebro, unhas, etc., todos no mesmo lugar e cada uma funcionando em perfeita harmonia com o resto do corpo. As chances de que tudo isso pudesse acontecer por acaso são incalculáveis!

A verdade é que a evolução é matematicamente impossível, e esse fato pode ser facilmente provado. Então, por que essa teoria persiste? Ela devia ter sido abandonada há muito tempo! Hoyle acusa os evolucionistas de agir em interesse próprio, de exercer pressões injustas, de desonestidade para manter sua teoria viva, e de proibir a única alternativa, a criação divina, de ser ouvida:

Essa situação [impossibilidade matemática] é bem conhecida por estudiosos da genética, mas ninguém parece dar o tiro de misericórdia nessa teoria...

A maioria dos cientistas ainda aceita o darwinismo por causa de sua popularidade no sistema educacional... Ou você aceita os conceitos, ou é taxado de herege.[11]

"Herege" é um termo apropriado, porque a evolução, assim como a psicoterapia, é uma religião - uma religião à qual o próprio Hoyle continua sendo estranhamente fiel. Embora tenha abandonado o campo darwiniano, Hoyle simplesmente mudou sua membresia para outra "denominação" de evolucionistas que tem a crença igualmente bizarra de que a vida veio do espaço. É claro que essa teoria apenas cria mais uma questão: onde e como essa vida se originou? Nós estamos obviamente de volta ao começo.

Evolução ou Criação: Acaso ou Deus?

Hoyle admite que talvez foi "Deus" quem mandou vida do espaço, mas quem ou o que é "Deus"? Essa questão não pode ser respondida pela ciência. Infelizmente, os popularizadores da ciência

[11] De uma entrevista pelo correspondente AP George Cornall, citado do *Times*-Advocate, Escondido, California, 10 de dezembro de 1982, pp. A-10-11.

convenceram nossa geração de que a ciência dará finalmente a resposta para todas as perguntas. Esse é um engano que os maiores cientistas do mundo denunciaram há muito tempo, mas quase ninguém ouve. Sir Arthur Eddington escreveu que "o 'dever' [moralidade] nos leva além da química e física."[12] O ganhador do Nobel Erwin Schroedinger, que teve um papel importante em dar ao mundo a nova física de hoje, lembra:

> A [ciência] é terrivelmente silenciosa sobre tudo... que está bem perto do coração, que realmente nos interessa... [Ela] não sabe nada do belo e do feio, bem ou mal, Deus e eternidade...
>
> De onde vim e para onde vou? Essa é a grande pergunta sem resposta, a mesma para todos nós. A ciência não tem resposta para isso."[13]

Em *Chance and Necessity (Acaso e Necessidade)*, o biólogo molecular Jacques Monod, premiado com o Nobel, dá uma dúzia ou mais de razões sobre a total impossibilidade de ocorrência da evolução. Ele explica, por exemplo, que a característica essencial do DNA é sua perfeita reprodução de si mesmo; essa evolução só poderia ocorrer através de um erro nessa operação; e que é um absurdo imaginar o desenvolvimento de uma única célula, muito menos do cérebro humano, a partir de uma série de erros aleatórios e prejudiciais no mecanismo do DNA. Mas após dar várias razões por que a vida jamais poderia ser o produto do acaso e porque a evolução não poderia funcionar, Monod conclui que ela deve, no entanto, ter surgido dessa maneira.

Monod não tem nenhuma razão válida para essa "fé". Ele simplesmente se recusa a aceitar a criação por Deus e, ao invés disso, confia no "acaso". O paleontólogo-chefe do Museu Britânico de História Natural, Colin Patterson, declara: "Evolucionistas assim como os criacionistas com quem periodicamente lutam não são nada mais que crentes. Eu estava trabalhando nesse assunto [evolução] por mais de vinte anos, e não havia nada [fatos reais] de que eu tivesse certeza sobre ele. É um choque tremendo perceber que alguém pode ser enganado por tanto tempo."[14] Falando a um grupo de seus colegas biólogos, D.M.S. Watson, que popularizou a evolução na televisão britânica (assim como Carl Sagan na TV americana), lembrou-os da fé religiosa comum que todos compartilhavam:

---

[12] Sir Arthur Eddington, The Nature of the Physical World (A Natureza do Mundo Físico). MacMillan, . 345.

[13] Erwin Schroedinger, citado em Wilbur, Quantum Questions (Questões Quânticas), pp. 81-83.

[14] Harpers, fevereiro de 1985, pp. 49-50.

> A própria evolução é aceita por zoólogos não porque observou-se sua ocorrência ou... por poder ser provada como verdadeira pela evidência logicamente coerente, mas porque a única alternativa, a criação especial, é obviamente inacreditável.[15]

As Consequências Irracionais

Além disso, os evolucionistas não podem viver com as consequências de sua teoria sem Deus. Se a evolução, e não Deus, é responsável pela nossa existência, então devemos fechar todos os hospitais, postos médicos e ambulatórios e deixar os fracos morrerem naturalmente. Prolongar medicamente a vida de pessoas com defeitos ou doenças genéticas permite que tais pessoas passem seus defeitos para gerações subsequentes e que, assim, enfraqueçam a raça e minem a sobrevivência dos mais fortes. Temos que parar de procurar uma cura para a AIDS e deixar que suas vítimas morram. Já que a AIDS é em grande parte uma doença homossexual, só se pode concluir que é a maneira da natureza eliminar aqueles que praticam o que é, sem dúvida, sexo improdutivo e artificial. O quanto antes aqueles com deficiências morrerem, melhor para nossa espécie. Essa é a maneira como a evolução funciona!

Se parece duro acabar com toda a assistência para os doentes para que apenas os mais fortes sobrevivam, então culpe a natureza (essa é sua maneira); e culpe a teoria da evolução (é assim que supostamente funciona). A natureza não tem nem moral nem compaixão, mas simplesmente envolve um processo inexorável. Seres humanos, porém, têm compaixão dos fracos, dos doentes e dos moribundos; eles se sentem constrangidos a ajudar os desamparados mesmo quando isso lhes causa prejuízo. Esse fato não pode ser explicado pela evolução. Ele prova que o homem foi criado por um Criador pessoal, amoroso e gracioso, que nos deu a capacidade de ter compaixão. Certamente a lei da selva, de unhas e dentes, da sobrevivência do mais forte, jamais nos levaria a ter compaixão dos outros.

Se a natureza é deus, então deixemos a natureza atuar sem qualquer interferência humana. Não há nada mais natural que doença, dor, morte, e aquelas calamidades conhecidas como "desastres naturais" (furacões, terremotos, raios, seca, e fome, por exemplo). Gaia ou "Mãe Natureza" é tudo, menos bondosa. A tentativa dos

[15] Douglas Dewar and L.M. Davies, "Science and the BBC" ("Ciência e a BBC"), em The Nineteenth Century and After, abril de 1943, p. 167

evolucionistas de ter as duas coisas ao mesmo tempo - negar um Criador pessoal e ao mesmo tempo insistir em moral e compaixão que não podem vir da natureza - revela a mentira que é ensinada como fato em nossas instituições educacionais.

Contradições Irreconciliáveis

As contradições que passam despercebidas ou são ignoradas de propósito revelam o preconceito da humanidade contra Deus. Se a evolução for verdade, então o homem é parte da natureza da mesma forma que os animais e não se pode reclamar de qualquer coisa que ele faz, como não se pode com qualquer outra parte da natureza. Como não é "errado" para um vulcão expelir gases venenosos, certamente não é errado que uma fábrica feita por homens faça o mesmo. E quanto a todo o furor por causa da possível extinção de uma espécie tal como a coruja pintada, isso não é o que a evolução vem fazendo há milhões de anos? Se o homem quer cortar árvores para fazer seu lar, isso é menos natural do que um pássaro colher grama e galhos para fazer seu ninho? Então, impedir os madeireiros de derrubar árvores porque isso pode causar a extinção da coruja pintada é desafiar as forças naturais da evolução!

Não se pode acreditar na evolução e na preservação ecológica das espécies e dos habitats ao mesmo tempo. Se a evolução é um fato, então qualquer coisa que o homem, como produto desse processo, fizer é natural. Se ele, como resultado de uma evolução de seu cérebro e sistemas nervoso e psíquico, conseguir destruir a terra num holocausto nuclear ou em algum desastre ecológico, então isso deve ser aceito como progresso no panorama amplo do universo em evolução, já que foi realizado pela evolução.

Por outro lado, o simples fato de que o homem pode raciocinar sobre e interferir na ecologia e sobrevivência de espécies, inclusive na sua própria, indica que ele não é o produto de tais forças. Pelo contrário, ele deve ter uma origem mais elevada. Obviamente ele não se criou, de modo que, assim como todo o universo, deve ter sido criado por um Criador inteligente a quem tem que prestar contas. Se isso for verdade, então a solução de seus problemas não é abraçar árvores, entrar em contato com a natureza e ouvir a terra, como andam dizendo, mas entrar em contato com o Deus que o fez e submeter-se à Sua vontade.

Ao contrário dos animais, o homem lamenta a morte de seus semelhantes durante dias e anos. Não é só porque sente falta da pessoa amada, mas há algo tangível além disso. Há uma raiva interior contra a morte, a sensação de que ela é uma inimiga da vida e tudo que existe. Em nível mais profundo, o homem percebe que a morte não é natural; não é assim que as coisas deveriam ser, pois ela é uma inimiga que invadiu nossas vidas por causa de algo que foi perdido e que está além do nosso alcance.

É aqui que entra a religião - para oferecer algo além da morte - o lugar de caça abundante para o índio americano, o paraíso cheio de belas donzelas para o muçulmano, o nirvana do budista e do hindu. Apesar dessas esperanças vãs, o além é muitas vezes um lugar de escuridão e medo que é assombrado por uma sensação inevitável de perda. Alguma coisa deu errado. Nós não fomos criados para morrer, e esse fato parece estar embutido na psique humana. A esperança de vida após a morte é vã, porém, sem uma ressurreição. E foi isso que Jesus Cristo veio proporcionar.

Esperança ou Desespero

Se a vida evoluiu por acaso, então Deus, mesmo se existisse um Deus, não se preocupa com a humanidade. Se Ele nem se importou em criar o homem, mas simplesmente deixou que ele se tornasse o que a evolução pudesse fazer dele, então Ele certamente não está interessado nos assuntos do homem. A Bíblia é uma fraude, escrita pelo homem. Deus não escolheu os judeus, não se interessa por Jerusalém ou Israel, e não se importaria se os árabes ou os judeus estivessem no controle. Esse "Deus" não se importa se eles brigarem e nem se o mundo se destruir.

As profecias que analisamos, porém, provam que Deus existe e que Ele inspirou Seus profetas a escreverem a Bíblia. O testemunho desse Livro é de confiança. Quando ele diz que Deus deu Israel aos judeus e tem um plano para Seu povo escolhido, para sua terra e para Jerusalém, o mundo precisa agir de acordo. E o que Deus tem a dizer sobre Jerusalém nos revela que não existem IETs lá fora. Como já vimos, Deus repetidas vezes afirma que Jerusalém é a cidade que Ele escolheu para Seu Templo e onde Ele colocou Seu nome para sempre. Ela é o centro do universo. Nós voltaremos a falar a respeito no último capítulo.

Apesar da impotência da ciência quando realmente importa e da admissão desse fato pelos maiores cientistas do mundo, pessoas religiosas continuam a se curvar diante dessa vaca sagrada e assim tentam alcançar certa credibilidade. Para serem "científicos", uma crença híbrida está ficando popular entre os cristãos: que Deus permitiu que a evolução acontecesse, e aí interferiu para transformar uma criatura como um macaco em Adão quando ela evoluiu o bastante. Mas a evolução é uma fraude. E a Bíblia diz que na hora em que Deus soprou vida na forma que moldou do barro, ela era um homem, Adão (Gênesis 2.7), de modo que ele não poderia existir numa forma prévia. Além disso, a morte não invadiu a terra até que Adão pecou ("por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte" - Romanos 5.12), por isso não poderia haver espécies anteriores morrendo e evoluindo.

E as IETs?

Sim, mas por que Deus não poderia ter criado vida inteligente em outros planetas assim como na terra? Ele poderia, mas por que faria isso? Qualquer ser inteligente criado com o poder de escolha, sendo inferior a Deus, buscaria fazer sua própria vontade tornando-se rebelde no universo de Deus. A Bíblia chama essa rebelião de pecado. Deus não precisa fazer experiências ("O homem pecou, mas deixa-me tentar em outro planeta... etc."). Assim, se há outros pecadores espalhados pelo universo, Deus os colocou ali de propósito. Mas por quê? Certamente um só planeta de rebeldes é suficiente!

Os pecadores precisam de redenção e um Criador amoroso providenciaria isso. Na verdade, a redenção do universo inteiro foi proporcionada neste planeta através do sacrifício de Cristo na cruz. Nós terráqueos temos o depoimento de testemunhas oculares, evidências arqueológicas, evidências históricas e profecias cumpridas neste planeta. Tais provas não estariam disponíveis a outros seres que tivessem que crer num Cristo que morreu num planeta distante.

Foi a este planeta que Satanás veio para espalhar sua rebelião, e foi a esta terra que Cristo veio para morrer pelo pecado do homem. A batalha entre Deus e Satanás pelo universo está centrada aqui. O sacrifício de Cristo na cruz purificou do pecado as próprias "cousas

celestiais" (Hb 9.23). A morte e ressurreição de Cristo neste planeta pagaram definitivamente pelo pecado em favor de todo o Universo, tal como as Escrituras declaram:

"No qual temos redenção, pelo seu sangue... de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas, tanto as do céu como as da terra;..." (Efésios 1.7,10).

"Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra..." (Filipenses 2.10).

"Havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus" (Colossenses 1.20).

"E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és... porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação... Então ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra... estava dizendo: Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 5.9,13).

"...todas as cousas lhe [Cristo] estiverem sujeitas... para que Deus seja tudo em todos" (1 Coríntios 15.28).

De Gênesis a Apocalipse, a Bíblia deixa claro que, na consumação final dos propósitos de Deus, o Universo inteiro será reconciliado com Ele através do sacrifício único de Cristo na cruz. Para que Cristo nos redimisse, Ele teve que se tornar um de nós através do nascimento de uma virgem, um homem genuíno que morreu em nosso lugar. Da mesma forma, para redimir outros seres "lá fora" Ele teria que se tornar um deles também. Mas a Bíblia diz que Cristo não morreu em mais nenhum lugar. Cristo morreu somente uma vez, e aqui na terra. Sabemos que o sacrifício de Cristo não foi repetido em qualquer outro planeta:

“... pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção... porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado... Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus... Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados [e]... já não há oferta pelo pecado" (Hebreus 9.12,26; 10.12,14,18).

Engano e Desastre

É nesta terra que Satanás tentará estabelecer seu reino falsificado através do Anticristo. Como já vimos, é muito possível que OVNIs e a crença em IETs tenham seu papel para enganar a humanidade a fim de levá-la a seguir o Anticristo, apesar de não termos certeza de qual será esse papel. O que realmente sabemos, porém, tanto do testemunho da Bíblia e da impossibilidade matemática da vida acontecer pelo acaso, é que não existem IETs físicos. A única vida inteligente, além do homem, é a que tem forma espiritual: Deus, anjos, Satanás e demônios.

Espíritos, inclusive Satanás e seus auxiliares, infelizmente, são capazes de invadir o mundo físico. O livro de Jó no Antigo Testamento deixa isso claro. Satanás causou feridas em Jó, fez os sabeus e os caldeus roubarem Jó e matarem seus servos, e fez um "grande vento" destruir uma casa e matar os filhos de Jó - e em cada caso uma pessoa ficou viva para trazer as notícias a Jó. Satanás levou Cristo ao topo de uma montanha e ao pináculo do Templo. Janes e Jambres (2 Timóteo 3.8), os feiticeiros da corte de Faraó, foram capazes de reproduzir pelo poder de Satanás muitos dos milagres que Moisés e Arão fizeram pelo poder de Deus.

Não conhecemos os limites do "poder e sinais e prodígios da mentira" satânicos que o Anticristo usará para enganar o mundo (2 Tessalonicenses 2.9). O que sabemos é que o engano será suficiente para fazer o mundo inteiro adorar o Anticristo como "Deus" (Apocalipse 13.8). E o fato da humanidade estar aberta a contatos e receber conselhos e ajuda de IETs, que só podem ser demônios disfarçados, prepara o cenário para a "operação do erro" dos últimos dias (2 Tessalonicenses 2.11), à qual nos referimos anteriormente e sobre a qual a Bíblia adverte a humanidade repetidas vezes.

Tragicamente, Israel rejeitou o testemunho de seus profetas a respeito de seu Messias. Israel está cumprindo essas profecias com tal rejeição, e continuará cumprindo-as ao aceitar o Anticristo como seu Salvador. Essa aliança acabará em destruição para Israel, a pior destruição que já sofreu. Todos os profetas hebreus falaram dela como "o dia do Senhor" (Isaías 2.12; 13.9; Jeremias 46.10; Ezequiel 30.3; Joel 1.15; Amós 5.18; etc.). O grande profeta Jeremias a chamou de "tempo de angústia para Jacó" (30.7). Esse dia ainda aguarda Israel.

Depois de muitos dias serás visitado; no fim dos anos [tempos finais] virás à terra que se recuperou da espada, ao povo que se congregou dentre muitos povos sobre os montes de Israel que sempre estavam desolados; este povo foi tirado de entre os povos... Então subirás, virás como tempestade, far-te-ás como nuvem que cobre a terra, tu e todas as tuas tropas, e muitos povos contigo... a fim de tomar o despojo, arrebatar a presa e levantar a tua mão contra as terras desertas que se acham habitadas, e contra o povo que se congregou dentre as nações... e subirás contra o meu povo Israel, como nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias hei de trazer-te contra a minha terra, para que as nações me conheçam a mim... e todos os homens que estão sobre a face da terra, tremerão diante da minha presença... e saberão que eu sou o Senhor.

— Ezequiel 38.8-9,12,16,23

Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada... Então sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha. Naquele dia estarão os seus pés sobre o Monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente...

— Zacarias 14.2-4

E vi a besta [Anticristo] e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra [Cristo que volta em poder e glória para resgatar Israel]... Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo...

— Apocalipse 19.19-20

20

Traição e Armagedom!

As profecias que preveem a maior batalha do mundo são muito específicas para que sua exatidão seja negada. A situação como apresentada pelos profetas há cerca de 2500 anos atrás com respeito aos "últimos dias" (também chamados de "dias vindouros" - Gênesis 49.1; Isaías 2.2; Atos 2.17; etc..) encaixa-se precisamente em nossos dias: a terra de Israel, após ficar desolada durante séculos, é novamente habitada pelo "povo que se congregou dentre muitos povos". Isso certamente descreve a situação atual.

A precisão inegável e milagrosa da profecia até esse ponto exige que levemos a sério tudo mais o que ela diz sobre os eventos futuros. Não está especificado nas Escrituras o papel que a ilusão demoníaca dos OVNIs poderá ter, se de fato tiver algum, no desenrolar das profecias a respeito de Israel. É interessante, no entanto, que numa reunião na África do Sul, "um grupo internacional de ufólogos incentivou a abertura de uma embaixada para extraterrestres – em Jerusalém - para dar-lhes 'um lugar seguro' para pousar".[1] Mais uma vez o papel de destaque de Jerusalém nos eventos vindouros parece ser amplamente reconhecido.

Continuando com o que parece ser o futuro próximo, a profecia declara que Israel estará num estado de complacência, sentindo-se

[1] U.S. News & World Report, 10 de abril de 1995, p. 14.

seguro (como aqueles que "**estão em repouso, que vivem seguros**" - **Ezequiel 38.11).** A aliança de sete anos com o Anticristo, que permitirá a reconstrução do Templo, uma concessão inesperada para Israel, terá sido aceita por um mundo unificado pela catástrofe. À medida em que esquece o terror, ainda esperando que o Anticristo seja capaz de conseguir o retorno de vários milhões de desaparecidos, o mundo entrará numa época de prosperidade internacional inédita na sua história. É então que o julgamento de Deus começará a cair sobre os rebeldes da terra numa série de calamidades cósmicas, como descritas no livro de Apocalipse. Israel, porém, será como uma pequena ilha intocada pelos desastres naturais que devastarão outras partes do planeta em sua volta.

Ironicamente, Israel terá entrado involuntariamente na sua hora de maior perigo, "o tempo de angústia para Jacó" (Jeremias 30.7). Atraído por uma falsa sensação de paz e segurança sob acordos com seus vizinhos (garantidos pelo Anticristo como parte da aliança que ele confirma com Israel durante a septuagésima semana de Daniel), Israel estará mal preparado para o ataque surpreendente que será montado contra ele. Nessa hora todas as nações do mundo se unirão aos vizinhos árabes de Israel para executarem uma última tentativa de solução da questão judaica.

A Bíblia chama isso de guerra de Armagedom. Ela resulta de uma traição pelo Anticristo, que quebra sua aliança e se volta contra Israel. Para salvar Seu povo, Cristo intervém do céu e destrói o Anticristo e seus exércitos, impedindo assim a destruição de Israel. Paulo escreveu a respeito do Anticristo: **"A quem o Senhor Jesus... destruirá, pela manifestação de sua vinda" (2 Tessalonicences 2.8).** No próximo capítulo analisaremos em detalhes como Cristo salvará Israel.

O Arrebatamento Virá Antes

A intervenção de Cristo em Armagedom é conhecida como "a segunda vinda de Cristo", que muitos cristãos erroneamente creem ser o mesmo evento que o arrebatamento. No arrebatamento, porém, Cristo virá *para* Seus santos (Seus verdadeiros seguidores), enquanto, na segunda vinda, Ele virá *com* Seus santos e *para Israel*, para resgatá-lo em meio a Armagedom. A Bíblia nos diz claramente que "naquele dia estarão os Seus pés sobre o Monte das

Oliveiras" (quando Ele intervirá em Armagedom); Ele trará "todos os santos" do céu com Ele (Zacarias 14.4-5; Judas 14-15). Logo, só se pode concluir que anteriormente Ele deve ter levado a Igreja, Sua noiva, para o céu. Portanto, a segunda vinda e o arrebatamento, que a precede, são dois eventos distintos.

Separados por sete anos, o arrebatamento acontece no começo da septuagésima semana de Daniel, e a segunda vinda, no fim dela. Nós sabemos que Cristo vem para resgatar Israel no final da Grande Tribulação em meio a Armagedom, quando Seu povo estará prestes a ser aniquilado. Também sabemos que Ele vem para arrebatar Seus santos ao céu numa época de paz e prosperidade. A Bíblia claramente afirma que antes que lhe sobrevenha "repentina destruição" em Armagedom, o mundo deve se sentir confiante de que alcançou "paz e segurança" (1 Tessalonicenses 5.3). Nesse ponto o arrebatamento acontecerá, num ambiente mundial de complacência orgulhosa e rebelião contínua contra Deus e nenhum medo de Seu julgamento - a mesma atitude da humanidade logo antes do dilúvio nos dias de Noé.

Os cristãos também serão pegos de surpresa no arrebatamento, a menos que estejam andando em íntima comunhão com Cristo. Ele nos advertiu; **"Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá" (Mateus 24.44).** Certamente isso não está descrevendo a segunda vinda, porque em meio a Armagedom todos saberão que Cristo está prestes a voltar. Até o Anticristo saberá disso, e será forçado a recuar de seu ataque contra Israel "para pelejarem contra [Cristo]" (Apocalipse 19.19).

Como nos Dias de Noé e Ló

Ao contrário do caos e destruição de Armagedom, Cristo descreveu detalhadamente as condições mundiais na época de Sua vinda para levar os redimidos da terra para o céu. Isso ocorrerá não em meio a guerra e devastação, e sim numa época de aparente mas falsa "paz e segurança":

"Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem: Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos. O mesmo aconteceu nos dias de Ló: Co-

miam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, e destruiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar" (Lucas 17.26-30).

A facilidade e segurança, a prosperidade, o curso natural da vida e dos negócios descritos nesses versículos simplesmente não podem nem irão existir no fim da Grande Tribulação em meio de Armagedom. Em contraste com o quadro otimista retratado acima, logo no capítulo 6 de Apocalipse vemos que um quarto dos habitantes da terra já foi morto (v.8) e aconteceram chuvas de meteoros e terremotos devastadores (vv.12-14) que tiraram até montanhas e ilhas do lugar. Os habitantes da terra terão uma sensação tão opressora do julgamento de Deus nesses desastres que clamarão –

"... aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?" (vv. 16-17).

Não há maneira de reconciliar o mundo próspero, cheio de prazeres, e pacífico "como foi nos dias de Noé... [e] Ló", com as condições no fim da Tribulação, quando o mundo já estará devastado e em meio à guerra mais destrutiva na história. Um arrebatamento pós-tribulacional não se encaixa nesse cenário. Obviamente, esse arrebatamento ao céu (**"Então dois estarão no campo; um será tomado, e deixado o outro" - Mateus 24.40; etc.**) deve acontecer no começo da septuagésima semana de Daniel.

Como já vimos, o terror que cairá sobre o mundo como resultado do arrebatamento é o único catalisador que poderia repentinamente colocar o Anticristo no poder como ditador de um mundo unificado. Assim o dia do Senhor virá quando o mundo menos espera ("como ladrão de noite" – 1 Tessalonicenses 5.2; 2 Pedro 3.10) e será introduzido com o desaparecimento em massa de milhões e milhões do planeta Terra numa época quando o mundo estará exultando com a "paz e segurança" que conseguiu pelos seus próprios esforços, sem "o Príncipe da Paz".

O Preço da Amoralidade

O fato do governo do Anticristo ser arbitrário, despótico e completamente amoral (uma troca feita voluntariamente pela "paz"),

facilitará a justificação mundial da "solução final" em Armagedom quando chegar a hora. Só um cego não perceberia que estamos nos direcionando a uma sociedade amoral em preparação para esse dia. Natan Sharansky lembra de sua época como um refusenik na URSS com uma certa sensação de nostalgia, como "uma época em que havia uma escolha definida entre o bem e o mal".

Sharansky vê o mundo de hoje como "confuso" em relação a assuntos morais e acredita que os princípios estabelecidos pelo falecido senador Henry Jackson quando ele apresentou a emenda Jackson deveriam ser seguidos na busca de paz de Israel com seus vizinhos árabes e especialmente com a OLP. "Se Jackson estivesse vivo hoje", sugere Sharansky, "ele diria que a Síria deveria primeiro abrir suas fronteiras e depois discutir suas novas fronteiras... Com os palestinos, também, não deveríamos discutir detalhes enquanto eles não tomassem conta de seus problemas internos... você não deve ir para o próximo passo de um acordo sem garantir obediência ao anterior."[2]

Ao deixar de seguir seu conselho, Israel optou por uma amoralidade muito perigosa. Como resultado, o processo de paz apenas criou problemas crescentes e mais vítimas. Sob a administração palestina os ataques terroristas prosseguiram, tais como a missão suicida de militantes islâmicos contra um grupo de soldados numa lanchonete no dia 22 de janeiro de 1995 (aniversário de Cinquenta anos da libertação de Auschwitz), que matou 19 israelenses e feriu cerca de 60 outros. Uma nova tática foi aplicada pelos terroristas pela primeira vez: detonando uma pequena explosão primeiro e a seguir uma grande explosão após a chegada do resgate.

Em resposta, o presidente israelense Ezer Weizman "propôs que Israel parasse as negociações de paz para uma revisão extensa antes de expandir a administração palestina independente na Cisjordânia." Previsivelmente, seu conselho não foi seguido. Com todos os outros ataques, o Gabinete, reunido em sessão de emergência, fechou os territórios ocupados, "bloqueando o movimento de palestinos para Israel [e mantendo] dezenas de milhares de palestinos longe do trabalho em Israel".[3] Era uma questão de, mais uma vez, fechar o portão do curral depois do cavalo ter fugido.

A reação do então primeiro-ministro Yitzhak Rabin ao conselho de Weizman foi uma negação da verdade: "Não há dúvida na minha mente de que essa ação agora é outra tentativa dos grupos ter-

[2] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 12.

[3] Associated Press, 23 de janeiro de 1995, como relatado em The Bulletin, 23 de janeiro de 1995, primeira página.

roristas islâmicos extremistas de alcançar seu duplo objetivo de matar israelenses e parar o processo de paz."[4] É impressionante como o "processo de paz" tem hipnotizado líderes israelenses e grande parte da população para acreditarem em enganos e mentiras árabes. Então os "militantes extremistas" querem interromper os passos em direção a uma suposta normalização de relações com Israel? Entretanto, essa "normalização" finalmente deixará os inimigos jurados de Israel - que prometeram solenemente sua destruição - controlando territórios dentro de suas fronteiras de onde poderão dar o golpe fatal!

Um Caminho Estranho para a "Paz"

No seu desespero para declarar paz com seus vizinhos árabes, Israel admitiu dentro de suas fronteiras não só inimigos jurados, mas soldados treinados que foram mobilizados há muito tempo para a sua destruição. Por exemplo, um acordo foi alcançado entre Israel e a OLP no começo de 1995 "para permitir que 1.500 soldados pró-Arafat deixassem os campos de refugiados para se unirem à Polícia Palestina nos territórios", de acordo com o jornal *Ad-Diyar* de Beirute. O "primeiro grupo de 900 soldados [estava] marcado para sair do porto de Sidon [em fevereiro de 1995]."[5]

Um dos perigos mais evidentes no processo de paz é que Israel terá que fazer muitas concessões e finalmente dar aos palestinos e sírios tantos territórios e poder, que eles não serão capazes de resistir à oportunidade de atacar Israel em mais uma tentativa de aniquilá-lo. Assim o processo de paz finalmente levará à guerra. A estrada em que Israel está viajando não permite retornos. É uma estrada que leva para onde Israel não quer ir e sobre a qual agora não tem controle. Como afirmou um editorial do *Jerusalem Post*:

> Quando foi divulgado o acordo de Oslo, ele foi apoiado totalmente por muitos oficiais do exército. Cansados de perseguir terroristas e jovens lançadores de pedras em Gaza, eles disseram que havia pouco risco em evacuar a Faixa [de Gaza]. Como um deles disse: "Se eles apenas espirrarem para o lado errado, nós voltaremos e lhes ensinaremos uma lição que jamais esquecerão."
>
> Tal arrogância não é mais ouvida. Finalmente percebeu-se que não importa quão flagrante a violação do acordo por parte da AP

---

[4] Ibid.

[5] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 24 de janeiro de 1995, p. 3.

> [Autoridade Palestina]; voltar à força para Gaza é virtualmente uma impossibilidade política.[6]

Arafat simplesmente mentiu quando disse que mudaria a Constituição da OLP, removendo a provisão para a destruição de Israel. O parágrafo 33 da Aliança Palestina (Constituição da OLP) diz: "Essa Constituição não será mudada exceto por [um voto de] maioria de dois terços de todos os membros do congresso nacional da Organização de Libertação da Palestina [dado] numa sessão especial reunida para esse propósito." No dia 10 de agosto de 1994, a rádio Monte Carlo citou uma carta de Yasser Arafat para o representante do AL Fatah: "Eu jamais ajudarei a alterar um só parágrafo da Aliança Palestina." Por que, então, os líderes israelenses continuam a participar dessa mentira?

Terrorismo e Antissemitismo Renovado

Mesmo quando, "no meio da semana", o Anticristo numa traição óbvia da aliança de sete anos, colocar sua imagem no Templo e exigir que o mundo o adore, os líderes de Israel não desconfiarão do perigo - ou pelo menos vão ignorá-lo. Judeus ortodoxos irão se opor fortemente e muitos fugirão "para as montanhas", como alguns fizeram durante o sítio de Jerusalém em 70 d.C., talvez dessa vez eles irão para Petra, na Jordânia (Zacarias 14.5; Marcos 13.14; Lucas 21.21). Como resultado, Israel será visto novamente como obstinado e indisposto a se encaixar na nova religião mundial.

Após uma trégua, talvez até de vários anos, o terrorismo contra Israel, e provavelmente em todo o mundo, terá começado de novo. Um dos piores perigos que Israel enfrenta hoje e no futuro previsível é de mísseis balísticos lançados do solo. Essas armas agora são desenvolvidas e produzidas em vários países[7] e, por um certo preço, estão à disposição de organizações terroristas para serem lançados contra Israel de Estados vizinhos. É verdade que a Força Aérea sofisticada de Israel demonstrou sua capacidade ao destruir quase todas as baterias de mísseis sírios de defesa antiaérea no Vale de Bekaa durante a Guerra do Líbano em 1982, e sem a perda de um único avião de ataque.[8] Mas encontrar lançadores *móveis* é outra história.

Em caso de ataques de mísseis balísticos superfície-a-superfície, a sofisticada superioridade aérea de Israel é de pouco valor exceto

[6] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 8.
[7] Shomo Gazit – Zeev Eytan, editado por Shlomo Gazit, The Middle Esat Military Balance [O Equilíbrio Militar do Oriente Médio] (Universidade de Tel Aviv, 1994), p. 153.
[8] Ibid., pp. 150-51.

em contra-ataques aos locais de lançamento fixos. A Guerra do Golfo provou a dificuldade em localizar e destruir lançadores móveis. E quando mísseis são lançados de um país vizinho que assinou um tratado de paz e expressa condolências aparentemente sinceras, enquanto afirma ao mesmo tempo ser incapaz de evitar tal atividade terrorista, será muito difícil revidar. Afinal, se os Estados Unidos não puderam impedir terroristas de destruir um prédio federal na sua própria pátria, como foi demonstrado na explosão em Oklahoma City, como é que a Síria ou o Líbano ou a Jordânia podem ser responsabilizados pela mesma incapacidade de controlar terroristas que atacam Israel?

O antissemitismo será abafado temporariamente pelos tratados de paz e a aliança do Anticristo permitindo a reconstrução do Templo. O propósito satânico por trás do antissemitismo, porém, não será mudado, e esse mal voltará a despertar nos corações de milhões. Lembre-se, Satanás *deve* destruir Israel para impedir que o Messias retorne para governar o mundo do trono de Davi em Jerusalém. Com a destruição de Israel (e *somente* através dela), Satanás teria impedido o cumprimento das profecias bíblicas, teria provado que Deus é mentiroso, e assim escapado da sua própria derrota.

Satanás tem muito em jogo - não só sua própria sobrevivência mas também o controle do universo - e usará toda a sua astúcia e seu poder para destruir Israel. Este estará no centro de uma batalha violenta entre Deus e Satanás pelo destino do planeta Terra e do universo. A aliança do Anticristo com Israel e a falsa paz que finalmente "destruirá a muitos" (Daniel 8.25), são apenas passos estratégicos em direção à planejada aniquilação de Israel.

Deus disse através de Seus profetas que nos últimos dias Jerusalém seria um "cálice de tontear" para o mundo inteiro. Nenhum tratado pode mudar esse fato. Líderes mundiais gradualmente concordarão em reuniões secretas que a única maneira de remover esse "cálice de tontear" será efetivar a destruição de Israel. Cuidadosamente eles começarão a planejá-la.

O Vaticano, o Islamismo e a OLP

O Vaticano, é claro, fará parte da trama. Para ele essa é uma simples questão de interesse próprio que envolve suas altas apostas no Oriente Médio. Apesar da afirmação do Vaticano II de que Alá é o

Deus da Bíblia, até agora as relações católicas com o islamismo não têm sido aquilo que o Vaticano esperava. O Cardeal Achille Silvestrini, um dos principais diplomatas do Vaticano, disse que o "desejo mais ardente" do papa João Paulo II, depois do "ecumenismo entre os cristãos" e "um diálogo maior entre cristãos e judeus", é o "diálogo com o islamismo". Ele admite, porém, que após muitos anos de tentativas de dialogar, pouco progresso foi feito para melhorar relacionamentos.[9] Assim também o Padre Maurice Boormans, "um dos especialistas em islamismo mais respeitados do Vaticano", categoriza o "diálogo cristão-islâmico" como "extremamente delicado e difícil".[10]

Após o arrebatamento e com o Anticristo firmemente no poder, o Vaticano finalmente alcançará um relacionamento íntimo com o islamismo que tem sido buscado há anos. Tudo será mudado sob a nova religião mundial. João Paulo II vem colocando o fundamento ecumênico para essa mistura de todas as religiões sob a liderança do Vaticano há quase duas décadas. O islamismo e o Vaticano estarão trabalhando em cooperação um com o outro e com todas as outras religiões do mundo. Só Israel será estranho à "unidade espiritual" mundial.

O papa João Paulo II recebeu Yasser Arafat no Vaticano já em 1982. Sua reunião foi cordial mesmo apesar de Arafat, naquela época, não ter feito nenhuma tentativa de esconder o fato de que comandava o terrorismo internacional do tipo mais brutal. Após cultivar a amizade de Arafat durante 12 anos, o Vaticano estabeleceu relações oficiais com a OLP no dia 25 de outubro de 1994.[11] O fato de que o antissemitismo não morrerá, como mencionamos acima, mesmo com a nova promoção de "paz", é visto em Arafat e seus auxiliares, tal como em seu lugar-tenente Jibril Rajoub. Preso no passado por vários assassinatos de israelenses, Rajoub foi liberado por Israel como um gesto de boa fé para promover o novo "processo de paz" com o islamismo.

Anteriormente citamos o discurso de Arafat em 15 de maio de 1994, no qual ele disse: "Eu invoco todos os muçulmanos a fazer *jihad* contra Jerusalém." Lembre-se, isso foi oito meses depois do aperto de mãos entre o então primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin e o presidente da OLP Yasser Arafat, na dramática assinatura do acordo de Oslo nos jardins da Casa Branca no dia 23 de setembro de 1993. Lembre-se também que, apesar de

[9] Inside The Vatican, março de 1995, pp. 8-10.
[10] Ibid., p. 11.
[11] The Washington Post, 26 de outubro de 1994, p. A26.

tais afirmações, mais tarde Arafat recebeu o Prêmio Nobel da Paz junto com Rabin.

Demonstrando sua gratidão por ter sido liberado da prisão, e seu compromisso com a "paz" (e deixando o mundo saber que Arafat falava sério), Rajoub declarou desafiadoramente: "A batalha por causa da Palestina chegou ao fim. A batalha por Jerusalém começou."[12] Nesse pedido de *jihad*, Arafat chamou Jerusalém de "a capital do islamismo!". A cegueira dos funcionários israelenses que, apesar disso, continuam o "processo de paz", é incompreensível!

João Paulo II e Mikhail Gorbachev

O plano final do Anticristo de destruir Israel não poderia ser completado com sucesso sem a cumplicidade e o apoio total do Vaticano. O papa João Paulo II é o líder mais influente na terra, e os agentes mundiais do Vaticano são tão eficientes quanto os de qualquer serviço secreto nacional em qualquer outro lugar. Esse fato foi demonstrado em várias ocasiões - por exemplo, na parceria entre Reagan e o papa, que desmantelou o comunismo e derrubou o Muro de Berlim.

A capa da revista *Time* do dia 24 de fevereiro de 1993 apresentava as fotos do ex-presidente Ronald Reagan e do papa João Paulo II juntos com esta frase surpreendente: "SANTA ALIANÇA: Como Reagan e o Papa conspiraram para auxiliar o movimento Solidariedade da Polônia e para apressar o fim do comunismo." A reportagem principal contava como Reagan havia "acreditado fervorosamente nos benefícios e nas aplicações práticas do relacionamento de Washington com o Vaticano. Um dos primeiros objetivos como presidente, diz Reagan, foi reconhecer o Vaticano como um Estado, 'e fazer dele um aliado'." O Anticristo verá a necessidade e sabedoria de um relacionamento ainda mais chegado com o papa.

Time contou a história de intriga e cooperação entre a CIA e os agentes aparentemente ainda mais eficientes do Vaticano. A estratégia de cinco partes, "que foi direcionada a causar o colapso da economia soviética, enfraquecendo as relações que ligavam a URSS a seus Estados satélites no Pacto de Varsóvia e forçando uma reforma dentro do império soviético", foi de-

[12] News From Israel, abril de 1995, pp. 6,9.

senvolvida em 1982. Na realização do plano, o ex-secretário de Estado, Alexander Haig, reconheceu que "a informação do Vaticano era absolutamente melhor e mais rápida que a nossa [da CIA] em todos os aspectos. [O] intermediário entre o Vaticano e a Casa Branca, arcebispo Pio Laghi, ficava lembrando aos funcionários americanos: 'Ouçam o Santo Padre. Nós temos 2000 anos de experiência nisso [intriga internacional]'."[13] Essa experiência será colocada à disposição do Anticristo, como prediz claramente Apocalipse 17.

O ex-presidente soviético Mikhail Gorbachev escreveu em sua coluna de 3 de março de 1992: "O papa João Paulo tornou possível a mudança." Gorbachev havia "enviado uma cópia desse artigo para o papa antes dele ser publicado. Nele Gorbachev disse: 'Tudo que aconteceu no Leste Europeu nos últimos anos não seria possível sem os esforços do papa'."[14] Numa entrevista em resposta ao artigo, o papa disse a respeito de Gorbachev: "Ele não professa ser um cristão, mas comigo eu lembro que ele falou da grande importância da oração e do aspecto interior da vida do homem. Eu verdadeiramente creio que nossa reunião foi preparada por Deus..."[15]

Não é difícil imaginar uma justificação semelhante para o relacionamento próximo com o governante mundial vindouro. O Anticristo também apoiará uma "espiritualidade" universal que, como a de Gorbachev, não estará relacionada ao cristianismo de que o papa afirma ser o cabeça na terra, mas que ele, na verdade, mina enquanto promove uma religião aceitável a todos.

E Gorbachev também não deve ser descartado de um futuro papel de liderança mundial, apesar de ter perdido a presidência russa. A sua amizade com o papa continua. Gorbachev agora comanda a Cruz Verde, que "anseia ser para a crise ecológica o que a Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho já são para o resgate nas calamidades."[16] Um general de três estrelas do exército americano entregou a Gorbachev as chaves dos novos escritórios americanos da Fundação Gorbachev, com vista para a entrada do porto de San Francisco, junto à ponte Golden Gate. Onde é que as chaves foram entregues? Numa importante base militar americana que está sendo f*echad*a.[17] Por incrível que pareça, Gorbachev, através de sua fundação, agiu como consultor principal no fechamento de bases militares americanas em 36 comunidades.[18]

---

[13] Time, 24 de fevereiro de 1992, pp. 28-35.
[14] The Catholic World Report, março de 1994, p. 23.
[15] Ibid.
[16] New York Times, 15 de abril de 1993.
[17] San José Mercury News, 17 de abril de 1993.
[18] San José Mercury News, 16 de abril de 1993.

Em Nome de Deus

Será possível que o Vaticano, que afirma ser a sede da única igreja verdadeira, e o papa, que afirma ser o Vigário de Cristo, poderiam cooperar na destruição de Israel? Na verdade, essa tem sido a atitude do catolicismo romano ao longo da história. Não apresentaremos mais evidências aqui porque já documentamos esse fato detalhadamente no livro *A Woman Rides the Beast (A Mulher Montada na Besta, a ser publicado em português no ano 2000 - N. R).*

Dissemos anteriormente que Hitler, que foi elogiado pelos papas Pio XI e XII e outros integrantes do alto clero católico romano, mostra alguns paralelos interessantes com o Anticristo, pelos quais podemos aprender valiosas lições. Hitler afirmou estar agindo para Deus e frequentemente invocava a bênção de Deus. A seguir estão apenas alguns extratos de seus discursos, demonstrando a sua perversidade e a cegueira daqueles que o seguiram:

> 1940: Oramos ao nosso Senhor para que Ele continue a nos abençoar em nossa batalha pela liberdade.
>
> 1941: Cremos que ganharemos a bênção do líder supremo. O Senhor Deus deu a Sua aprovação à nossa batalha. Ele estará conosco em nossa batalha. Ele estará conosco no futuro.
>
> 1942: E iremos orar para o Senhor Deus por isso, a salvação da nação...
>
> 1943: Continuaremos a dar toda a nossa força para nossa nação neste ano. Só então poderemos crer, como geralmente oramos para nosso Senhor Deus, que Ele nos ajudará como sempre ajudou...

A religião terá um papel vital sob o Anticristo. Lembre-se de que os líderes nazistas estavam todos convencidos de que o Nacional-Socialismo era uma nova religião destinada a governar o mundo e assim estabelecer uma era dourada comparável ao milênio bíblico profetizado. As contradições eram muitas, mas eram aparentemente ignoradas. Hitler matou judeus mas afirmava ser um seguidor de Jesus Cristo, cuja origem judaica ele negava. Ao mesmo tempo ele odiava o cristianismo, declarando: "Nós eliminaremos a aparência cristã e produziremos uma religião exclusiva de nossa raça!"[19] Mas ele também disse: "O Nacional-Socialismo é o Cristianismo Positivo." Esse foi um exemplo claro do "cristianis-

[19] Gerald-Suster, Hitler: The Occult Messiah [Hitler: O Messias Oculto] (New York, 1981), pp. 100, 107.

mo" do Anticristo. Sobre o Nacional-Socialismo, o acadêmico francês Louis Bertrand disse entusiasticamente: "Isso é religião!"[20]

O Anticristo não será apenas o líder político mundial, mas também seu líder religioso. Inclusive, como já vimos, o mundo irá adorá-lo como "Deus". Ele parecerá, no princípio, o auge do homem humanista e será admirado por todos. Quando o julgamento de Deus começar a ser derramado sobre esta terra, no entanto, ficará claro para aqueles que têm olhos para ver que o Anticristo está completamente possuído pelo próprio Satanás! Esse homem não é repetidamente chamado sem motivo de "besta" no livro de Apocalipse (13.1-4,15,18; 14.9; 15.2; 16.2; 17.3; 19.19; etc.).

Um novo Hitler (por enquanto, sem o poder do outro) está ganhando importância na Rússia. Ele é um líder político que representa outro modelo do Anticristo: Vladimir Zhirinovsky. Ele apresenta, mais uma vez, tanto o apoio que um lunático aparentemente fanático pode despertar, quanto a promoção de mentiras sobre os judeus e a pomposa linguagem antissemita que ainda atrai seguidores. Da mesma forma que Hitler, Zhirinovsky é um poço de contradições. Ele afirma que sionistas americanos lhe ofereceram "100 milhões de dólares para largar a política", e que só a Rússia pode "salvar o mundo da propagação do islamismo".[21] Considere esse antissemitismo feroz em uma entrevista de 90 minutos com editores da *Time* na cidade de Nova Iorque em meados de novembro de 1994:

> Todo mundo sabe que as finanças e a imprensa na América - e também no Leste Europeu e na Rússia - são controlados pelos judeus. A difícil situação econômica na Rússia foi resultado de atividades dessas forças. Não existe um judeu pobre na Rússia... a maioria das pessoas que tornaram possível a Revolução [bolchevique], assim como a perestroika, eram de origem judaica. Na verdade, o primeiro governo soviético era quase 90% judeu. Aqueles que começaram os campos de concentração do sistema Gulag eram quase todos judeus...
>
> Certos sentimentos antissemitas foram criados porque existem pessoas que ocupam [posições importantes] que estão vivendo muito melhor [que antes] sob as condições atuais na Rússia... Há uma grande possibilidade de um golpe militar nos próximos seis meses, e novamente os judeus vão ter influência nisso.[22]

[20] Jean-Michel Angebert, The Occult and the Third Reich [O Ocultismo e o Terceiro Reich] (New York, 1974), p. 20.
[21] Time, 11 de julho de 1994, p. 41.
[22] Time, 21 de novembro de 1994, pp. 82-83.

Complacência Numa Hora Dessas?

Mais uma vez devemos dizer que o antissemitismo não está morto nem morrerá. Apesar do reinício das ameaças e da atividade terrorista, entretanto, as garantias de paz e sua nova aceitação entre a família de nações irão causar em Israel uma sensação de complacência ao mesmo tempo que as nações estarão preparando o seu ataque. Será que isso realmente poderá acontecer? Na verdade já aconteceu antes e sem as garantias de paz que Israel terá naquela época sob o Anticristo.

No começo de janeiro de 1995, o relatório da Comissão Agranat finalmente foi liberado para o público. Ele contém informações chocantes sobre a falta de preparo israelense e a incompetência que quase custou a perda de toda a terra de Israel durante a Guerra do Yom Kippur em 1973. O legendário herói de guerra Moshe Dayan, na época ministro da Defesa, foi descrito pelo ex-presidente Chaim Herzog como "aparentemente paralisado" durante os primeiros dias da guerra. O relatório afirma que Dayan disse:

> O que mais temo em meu coração é que, no final, o Estado de Israel não tenha armamentos suficientes para se defender. Não importa onde a linha esteja. Nós não teremos tanques e aviões suficientes. Ninguém vai lutar essa guerra por nós.[23]

Mas antes do ataque-surpresa, os líderes militares de Israel, confiantes em sua superioridade, estavam convencidos de que os árabes não se atreveriam a começar uma guerra. Três vezes - em novembro de 1972, janeiro de 1973 e em maio de 1973 - o Egito mobilizou tropas ao longo do Canal de Suez. Cada vez o Major-General Eliahu Zeira, então chefe da Inteligência, insistiu que o Cairo estava blefando. O fato de que não houve ataques naquelas ocasiões parecia validar a sua opinião. Então "quando a Síria mobilizou dezenas de milhares de soldados e centenas de tanques ao longo do Golã em meados de setembro de 1973, Zeira tinha certeza que o presidente Hafez Assad estava simplesmente blefando."[24]

A Inteligência das Forças de Defesa de Israel (FDI) relatou enormes concentrações de tropas egípcias ao longo do Suez, juntamente com outras evidências convincentes de que um gigantesco ataque coordenado era iminente. Como se isso não fosse prova sufi-

[23] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 9.
[24] Ibid.

ciente para no mínimo fazer o exército israelense se preparar, começaram a chegar relatórios sobre a partida do Oriente Médio de famílias de milhares de consultores soviéticos no Egito e na Síria. O Mossad preveniu que a guerra era iminente.

Mesmo assim, Zeira ignorou tais avisos e até chamou a evacuação das famílias russas de 'um exercício'! Olhando para trás agora, parece impossível compreender a complacência totalmente cega e incompetente numa hora dessas:

> Os que estavam na FDI e discordavam de Zeira sofreram represálias. Aviezer Ya'ari - na época um tenente- coronel... foi repreendido duas vezes por avisar o Comando Norte... de um possível ataque sírio no Golã...

A crença de que os Estados árabes estavam incapacitados para a guerra levou a um declínio acentuado no preparo das FDI, que provou ser desastroso quando as tropas finalmente chegaram para enfrentar as invasões egípcias e sírias.[25]

A Guerra Para Acabar com a Vida

Os profetas declaram que uma complacência semelhante tomará conta de Israel novamente. No entanto, dessa vez o fato de Israel estar preparado ou não fará pouca diferença no resultado. Finalmente acontecerá essa grande batalha, a respeito da qual os profetas preveniram: Armagedom! Levando-se em consideração as probabilidades esmagadoras contra Israel, não há possibilidade de vencer. Mas Israel terá a capacidade de causar grande destruição a seus inimigos ao se defender.

De acordo com uma reportagem na revista de armamentos *Jane's Intelligence Review*, Israel deve ter até 200 armas nucleares. Ele não será destruído em Armagedom sem usar a sua capacidade nuclear. Parece certo que uma guerra nuclear terá começado e poderá envolver o mundo, com base nestas palavras de Cristo:

"Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados" (Mateus 24.21-22).

[25] Ibid.

Essa profecia confundiu estudantes das Escrituras durante quase 2000 anos. Que tipo de guerra poderia destruir toda vida? Tal capacidade destrutiva era desconhecida até a nossa geração. E agora nós temos não só bombas de hidrogênio e neutrons, mas uma vasta gama de armas incríveis que poderiam destruir esta terra várias vezes, deixando-a vagando pelo espaço sem ao menos uma barata ou micróbio vivos. Mais uma vez vemos a incrível precisão da profecia bíblica e o fato de que nossa geração se encaixa na descrição precisamente.

Israel enfrentará o poder militar de todas as nações do mundo num ataque coordenado contra ele. A situação será desesperadora desde o começo. No entanto, Israel não se renderá. Ele jurou: "Nunca mais!" Ele usará sua arma principal em autodefesa, e Cristo intervirá para evitar um holocausto nuclear.

Se a Bíblia é verdadeira - e o desenrolar da história em cumprimento às profecias certamente prova isso - então, como os versículos que citamos declaram, o próprio Deus defenderá Israel de seus inimigos. Deus não permitirá que Israel seja destruído, pois isso provaria que a Bíblia e o próprio Deus são falsos. Não só os árabes, mas todas as nações do mundo precisam ser lembrados do fato de que "**aquele que tocar em vós** [Israel] **toca na menina do seu [de Deus] olho**" **(Zacarias 2.8).**

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém... que já é findo o tempo da sua milícia... sua iniquidade está perdoada... ó Sião... não temas, e dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus. Eis que o Senhor Deus virá com poder...

— Isaías 40.1,2,9-10

E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, a quem traspassaram; pranteá-lo-ão... Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nos teus braços? responderá ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos.

— Zacarias 12.10; 13.6

Assim voltarão os resgatados do Senhor, e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria lhes coroará as cabeças; o regozijo e a alegria os alcançarão, e deles fugirão a dor e o gemido.

— Isaías 51.11

As cidades serão habitadas, e os lugares devastados serão edificados... e vos tratarei melhor do que outrora; e sabereis que eu sou o Senhor.

— Ezequiel 36.10-11

Será que os restantes de Sião e os que ficarem em Jerusalém serão chamados santos; todos os que estão inscritos em Jerusalém para a vida.

— Isaías 4.3

Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

— Mateus 24.13

E assim todo o Israel será salvo...

— Romanos 11.26

21
“Todo o Israel Será Salvo”

Ouça a gloriosa declaração: "**Eis que o Senhor Deus virá** [para resgatar Israel] **com poder**" e "**Todo Israel será Salvo".** Que promessa maravilhosa e ao mesmo tempo ameaçadora! A intervenção milagrosa de Deus será necessária para evitar a destruição total de Israel! A profecia da salvação de Israel nos mostra, mais uma vez, que no final todos os tratados de paz e juramentos solenes de boa-vontade e reconhecimento de Israel, não importa quem os assine, não servirão para nada.

Não é nossa intenção criar uma sensação de pessimismo sem saída, mas fazer um apelo ao realismo. Também não estamos tentando sabotar o processo de paz, mas apenas oferecendo um lembrete de que Deus e Sua Palavra estão sendo ignorados. Os líderes mundiais (e isso inclui os líderes de Israel e do Vaticano) escolheram ignorar o que os profetas disseram claramente. E eles fizeram essa escolha intencional apesar do fato de que as declarações dos profetas são apoiadas por evidências surpreendentes e pela lógica.

Com base na Palavra de Deus e nas provas abundantes, que só os cegos intencionais deixam de ver, devemos afirmar novamente que o denominado "processo de paz" em que Israel embarcou só pode levar finalmente a um desastre. Não só a profecia mas

também a História pode ser consultada para apoiar essa afirmação. O processo de paz atual realmente começa com o histórico acordo de paz entre o Egito e Israel assinado por Anwar Sadat e Menahem Begin em 1977. Quão genuíno era o desejo do Egito por uma paz verdadeira? As ações traem a verdade que as palavras no papel escondem.

Da mesma forma que a OLP, que quebrou sua promessa de mudar o Pacto Palestino que exige a destruição de Israel, o Egito, quando declarou "paz" com Israel, jamais renunciou ao fato de ter assinado aquele Pacto em Rabat em 1974. E nos 18 anos de "paz" desde 1977, o Egito mal tentou esconder a sua hostilidade contra a própria existência de Israel. Apesar de convites repetidos e insistentes de visitar Israel, o presidente egípcio Hosni Mubarak tem evitado essa simples cortesia por 17 anos.

Um Registro Revelador

Um editorial no *The Jerusalem Post International Edition* lembrou seus leitores da antiga "afirmação muçulmana-árabe de que nenhum Estado judeu (ou cristão) deve existir no 'mundo árabe'." E continuou demonstrando o seguinte:

> Aos olhos egípcios, a obtenção do Sinai [pelo Egito como parte do "tratado de paz"] foi a consumação de uma fase no desmantelamento de Israel... Anwar Sadat (sim, o pacificador) disse numa mesquita do Cairo em 1971, referindo-se aos judeus de Medina: "A coisa mais esplêndida que o profeta Maomé fez foi expulsá-los de toda a península árabe... Nós não vamos abrir mão de uma polegada do nosso território... Nós não... negociaremos com eles por um único direito do povo palestino." [Ele jamais retirou essas afirmações.]
>
> ...No simpósio de 1975 da comunidade intelectual egípcia... Boutros-Ghali (depois secretário-geral da ONU) disse que os judeus devem abrir mão de seu status de nação, e Israel de sua condição de Estado, e [ser] assimilados como uma comunidade no mundo árabe... [Mais uma vez uma afirmação que não foi retirada.]
>
> Você se lembra da negativa feroz de Sadat [após a "paz"] de permitir que um único judeu permanecesse no Sinai? Lembra-se da não-implementação dos vários acordos que estavam no tratado de paz?... Do apoio egípcio a resoluções anti-israelenses da ONU - que fize-

> ram do acordo de Camp David e do tratado de paz uma simples balela? Da propaganda contínua e ininterrupta, em estilo nazista, contra Israel e o povo judeu na mídia censurada do Egito?...
> O presidente Mubarak... colocou um avião à disposição dos assassinos de Leon Klinghoffer [refém judeu paralítico, lançado no mar pelos sequestradores do navio Achille Lauro[1]] e lhes ofereceu asilo... Quando lhe falaram do assassinato a sangue frio de sete turistas israelenses no Sinai, ele descartou o incidente como um assunto sem importância.[2]

Os palestinos reclamam há muito tempo de que a polícia israelense é brutal na sua reação às ameaças (é claro que os terroristas não são). Agora que os palestinos têm a sua própria polícia e estão fazendo o que querem, estão descobrindo com quantos paus se faz uma canoa. A Vigilância de Direitos Humanos, com sede em Nova Iorque, avisou que "a incapacidade da... Autoridade Palestina de proteger os direitos humanos na Faixa de Gaza ameaça seriamente o estabelecimento de uma democracia palestina e as perspectivas de uma paz estável no Oriente Médio." Ela acusou a entidade que deveria manter a "paz" de "numerosas prisões políticas, maus tratos a prisioneiros, censura de imprensa e falhas no controle de abusos de poder em Gaza e em Jericó, na Cisjordânia." O grupo denunciou que "um palestino suspeito de colaborar com Israel durante os 27 anos de sua ocupação da Faixa de Gaza foi torturado até a morte em julho [1994]... e outro morreu sob circunstâncias aparentemente semelhantes."

"O relatório de 50 páginas também atacou o uso de medidas letais da polícia palestina para controlar a desordem na Cidade de Gaza no dia 18 de novembro [1994], em que 13 pessoas foram mortas. O problema mais alarmante, de acordo com o relatório, é o uso crescente de aprisionamentos políticos em massa pela Autoridade Palestina, em resposta aos ataques contínuos de militantes islâmicos a soldados e civis israelenses. O grupo denunciou que os aprisionamentos estão levando à detenção sem julgamento e ao espancamento de prisioneiros. Terroristas suicidas do Movimento de Resistência Islâmica, conhecido como Hamas, e do *Jihad* Islâmico, os quais se opõem ao acordo de autodeterminação que a OLP assinou com Israel em setembro de 1993, mataram

---

[1] Newsweek, 12 de dezembro de 1994, p. 54.

[2] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 4 de março de 1995, p. 6, Shmuel Katz, "Answers blowing in the ill wind."

mais de 50 israelenses no ano passado. Eric Goldstein, diretor de pesquisa do Oriente Médio para a Vigilância de Direitos Humanos, disse que a ordem de Arafat, na semana passada [começo de fevereiro de 1995], de montar um tribunal de segurança de Estado dirigido por pessoal militar, em grande parte em resposta à pressão israelense, é preocupante. Isso é 'uma negação dos direitos básicos e dos processos jurídicos legais, uma rejeição do governo da lei', disse ele."[3]

Uma explicação para violações tão descaradas e repetidas dos direitos humanos pode estar no fato de que a polícia palestina é constituída em grande parte por homens que estão acostumados a violar a lei e os direitos dos outros no seu papel de "lutadores da liberdade" e terroristas. Por exemplo, Abu Samahdaneh, que matou abertamente um suposto "colaborador" "diante das câmaras na Faixa de Gaza", recebeu "um alto cargo no serviço de segurança da Polícia Palestina. Centenas de residentes jubilantes" o receberam em Rafia após ele ter passado pela vigilância israelense.[4] Ou considere ainda Ziad Abu Ain, culpado num tribunal americano de matar dois jovens de 16 anos com uma bomba terrorista em Israel (defendido sem sucesso pelo ex-Secretário da Justiça americano, Ramsey Clark) e extraditado para Israel. Libertado na troca de prisioneiros de Jibril, Ziad foi designado para a "controladoria da Autoridade Palestina."[5]

Um Relance do Mundo Islâmico

Enquanto primeiro a OLP, depois a Jordânia e talvez até a Síria estão envolvidas no estabelecimento de "paz" com Israel, a observação do restante do mundo árabe e islâmico proporciona mais evidências de que nada mudou. O Iraque e o Irã certamente não mudaram sua atitude para com Israel. Nem a retórica cheia de ódio que emana das mesquitas em todo o mundo islâmico, que continua a clamar por *Jihad* contra Israel. A verdade é que a batalha não é entre árabes e judeus, mas entre o islamismo e o mundo inteiro. Israel é especialmente importuno, porque fica bem no meio dos países islâmicos.

Para entender o que o islamismo significa, é preciso ver uma sociedade islâmica tal como o Sudão, onde cristãos estão sendo literalmente crucificados. O Sudão é uma sociedade fechada, total-

[3] St. Petersburg Times, 13 de fevereiro de 1995, p. 2A.
[4] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 4 de março de 1995, p. 24.
[5] Alon Liel, "Killer today, oficial tomorrow" ("Assassino hoje, oficial amanhã"). The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 4 de março de 1995, p. 7.

mente controlada por seu regime islâmico. Do dia 23 de janeiro até 2 de fevereiro de 1995, um grupo americano-holandês de investigações de direitos humanos do Instituto Puebla e do Auxílio Internacional Dorcas revelou evidências de um plano digno do Anticristo. Crianças de pais não-muçulmanos são raptadas e levadas a acampamentos f*echad*os de segurança máxima em áreas remotas onde recebem novos nomes árabes, são doutrinadas no islamismo, e forçadas a passar por treinamento em estilo militar."[6]

Entregue por seus supostos amigos e patrocinadores, o líder terrorista internacional Ramirez Sanchez (o infame Carlos) foi capturado em Khartoum no fim de agosto de 1994.

O presidente sírio Hafez Assad havia oferecido a cabeça de Carlos ao presidente americano Bill Clinton em troca de pressão americana sobre Israel para devolver as colinas de Golã à Síria. Buscando vingança contra seus antigos amigos que o traíram, Carlos contou aos EUA a respeito de uma "unidade terrorista [islâmica] até aqui desconhecida, chamada Allahu Akhbar (Alá é grande) instalada num velho forte fora de Khartoum." Um especialista de inteligência em Paris comentou: "Não é segredo que o Sudão, patrocinado pelo Irã, é o principal centro de treinamento do Hamas, do Hezbollah, e do *Jihad* Islâmico, bem como de recrutas fundamentalistas egípcios e argelinos. Os candidatos mais inteligentes, versáteis e fanáticos são selecionados para se unir ao Allahu Akhbar. Nós suspeitamos que eles tenham assassinado o presidente egípcio Sadat e Bashir Jemayel, o líder cristão libanês. Eles lideraram o grupo que quase matou George Bush numa visita ao Kuwait após a Guerra do Golfo."[7]

Poderíamos dar muitos outros exemplos específicos, apesar de nenhum ser necessário, para demonstrar que tratados de paz jamais removerão a determinação profunda de exterminar judeus e acabar com o Estado judeu. Tais acordos são apenas fases na direção daqueles objetivos irreversíveis, fases que são ditadas pela força do poder militar de Israel. Mas um dia, os exércitos do mundo inteiro se voltarão contra Israel para destruí-lo. A respeito desse dia vindouro Jeremias escreveu: **"Ah! que é grande aquele dia, e não há outro semelhante! é tempo de angústia para Jacó; *ele, porém, será livre dela*" (Jeremias 30.7).** Apesar da terrível perda de vidas, Paulo declarou que "todo o Israel será salvo." O que ele quis dizer com isso?

---

[6] The Catholic World Report, abril de 1995, pp. 41-43.

[7] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 3 de setembro de 1994, p. 6, Uri Dan e Dennis Eisenberg, "Syria offered Carlos' head for the Golan" (A Síria ofereceu a cabeça de Carlos em troca do Golã).

Ressurreição e Salvação de Todos?

Alguns intérpretes da Bíblia conectam essa profecia com aquela dada em Ezequiel 37.1-14, a respeito do vale de ossos secos que se "**ajuntavam, cada osso ao seu osso... cresceram as carnes e se estendeu a pele sobre eles... o espírito entrou neles e viveram e se puseram em pé... toda a casa de Israel... Eis que abrirei as vossas sepulturas... ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel.**" Isso significa, como alguns creem, que todo judeu que viveu, não importa quão perverso e rebelde contra Deus (mesmo Coré, que a terra engoliu vivo, ou Judas, que traiu Cristo), será ressuscitado como um santo e habitará eternamente na presença de Deus?

Pelo contrário, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento da Bíblia deixam claro que há certas condições para a salvação, que devem ser respeitadas nesta vida ou será tarde demais. Davi escreveu: "**Os perversos serão lançados no inferno" (Salmo 9.17),** e João nos conta que "a morte e o inferno" serão "lançados para dentro do lago de fogo", chamado de "segunda morte" (Apocalipse 20.14), do qual não há retorno. Jesus preveniu repetidas vezes sobre a punição eterna no inferno (Mateus 25.46; Marcos 3.29; 9.43-48; etc.). Lemos claramente que "**aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo" (Hebreus 9.27).**

É claro que há um conforto quase místico e tragicamente vazio que alguns buscam diante da morte. Sim, por um lado os mortos vivem na memória e nos objetos que deixam para trás. Mas ninguém sugere que tais memórias são o mesmo que a pessoa. A perda que a morte impõe é real, apesar de negações como a do rabino Byron Sherwin, diretor do Centro de Estudos de Judeus do Leste Europeu em Chicago.

Sherwin consola seus amigos judeus com a filosofia de que "existem espíritos judeus na Polônia católica, feitos de flocos de cinzas negras, selados no céu silencioso com as lágrimas de memórias perdidas. Na Polônia, um judeu jamais está sozinho. As almas de nossos ancestrais nos envolvem, nos recebem, nos abraçam." Será? O que isso significa? Na verdade, os ancestrais estão mortos, assim como a cultura judaica da Polônia que somente floresceu no passado. Considerando-se que essa retórica tão vazia é o único consolo que seus líderes religiosos podem oferecer, não é de admirar que o rabino admita:

Os judeus têm se tornado cada vez mais "secularizados" desde o Holocausto, e muitos perderam o sentido de sua aliança especial com Deus e sua missão ética para o mundo. Ao invés disso, muitos agora se identificam como parte de um grupo étnico, e se comprometem apenas com a sobrevivência e o fortalecimento desse grupo e sua expressão nacional - o Estado de Israel.[8]

Quem é um Judeu?

No início de 1995, a revista *Parade* fez a importante pergunta a estudantes: "Você acredita em Deus?" A resposta confusa de uma moça judia refletiu a futilidade da "fé" oferecida por rabinos tais como Byron Sherwin:

> Eu sou uma judia praticante. O que significa que eu sempre vou para o templo, e nos feriados é muito importante para mim separar um tempo para celebrar... Eu oro bastante... porque essa é uma tradição do povo judeu. Mas eu não tenho certeza para quem estou orando.
> Não acredito necessariamente em Deus agora. Eu sou mais dedicada ao judaísmo como um todo... o judaísmo permite que eu crie meus próprios valores.
> Eu ainda estou muito confusa... Eu acho que estou orando para Deus. Mas eu não sei bem o que Deus é.[9]

"Orando" para um "Deus" que ela não conhece e nem tem certeza que existe? O judaísmo, para ela, deixa que ela escolha seus próprios valores? Não é de se admirar que Paulo escreveu: **"... porque nem todos os de Israel são de fato israelitas" (Romanos 9.6)!**

O simples fato de que uma pessoa é um judeu de nascimento não significa que toda promessa dada a Israel se aplique a ele ou a ela. A terra de Israel foi prometida aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. Mas essa promessa foi negada a toda a geração (exceto de Calebe e Josué) que saiu do Egito, por causa de seu pecado e descrença. Paulo explicou que **"não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração, no espírito" (Romanos 2.28-29).**

---

[8] Our Sunday Visitor, 7 de setembro de 1993, pp. 6-7.
[9] Parade Magazine, 9 de abril de 1995, p. 8.

Tais Escrituras levaram alguns cristãos de hoje, como já vimos, a afirmar que a Igreja é Israel e que os cristãos são os únicos judeus verdadeiros por causa de seu relacionamento espiritual com Deus através de Jesus Cristo. Nesse ponto há muita confusão. Deve ficar claro: existem aqueles que são judeus físicos por causa de um nascimento *físico*. Paulo se referiu a eles como "**meus compatriotas, segundo a carne**" **(Romanos 9.3).** Esses descendentes físicos de Jacó são o "povo escolhido" de Deus de uma maneira que nenhum gentio jamais será. Consequentemente, eles têm certas promessas a respeito da terra de Israel e da restauração do reino de Israel sob o Messias que se aplicam somente a eles e a mais ninguém.

Essas promessas exigem um relacionamento *físico* com Abraão (logo nenhum gentio se qualifica), mas que por si só não é o suficiente. Deve haver também esse relacionamento *espiritual* com o Deus de Israel de que Abraão gozava. A ausência desse relacionamento *espiritual* de fé em Deus e obediência a Seus mandamentos desqualificou gerações de judeus *físicos* de viver sob o Messias na Terra Prometida.

Duas exigências devem ser satisfeitas por aqueles que viverão na terra de Israel durante o reinado milenar de Cristo: 1) Eles devem ser judeus *físicos*, e 2) eles devem ter aquele relacionamento *espiritual* com Deus que Abraão teve. O que significa, portanto, que *todo* o Israel será salvo? Quando isso acontecerá? Jesus declarou que "**aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo**" **(Mateus 10.22).** O fim do quê? Salvo de quê?

Armagedom ou Não?

O profeta Zacarias explica que em meio a Armagedom, quando Israel estiver cercado pelas forças armadas de todas as nações do mundo e prestes a ser destruído, o Messias chegará de repente do céu para resgatá-lo. Há marcas de cravos nas Suas mãos e pés e uma cicatriz de lança no Seu lado. O maior choro de luto na história começará quando Israel perceber que durante 19 séculos, tal como seus profetas avisaram, os judeus desprezaram e rejeitaram Aquele que morreu por seus pecados. No entanto, Seu amor por eles, apesar de seu ódio e de sua rejeição, O trouxe para seu resgate. Esse fato moverá seus corações e os levará ao arrependimento

e à fé no seu Salvador. Todos os judeus que estiverem vivos nessa hora, ao vê-lo, crerão e serão salvos:

"E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia será grande o pranto em Jerusalém... a terra pranteará, cada família à parte... [e] haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza... O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor" (Zacarias 12.10-12; 13.1; 14.9).

Essa batalha de Armagedom, na qual o Senhor intervirá para salvar Seu povo, é descrita com certos detalhes em Ezequiel 38 e 39. Mas nesse ponto novamente há discórdia entre os estudiosos de profecia. A opinião da maioria é que Ezequiel 38 e 39 descrevem uma guerra devastadora que precederá Armagedom em vários anos e provavelmente precederá até o arrebatamento dos verdadeiros seguidores de Cristo. Vários livros e fitas de estudiosos da Bíblia especializados em profecia têm declarado durante anos que um ataque sobre Israel pela Rússia e seus aliados árabes viria a qualquer momento, levando à Terceira Guerra Mundial e uma derrota devastadora da Rússia na terra de Israel. Essa guerra deverá ser o próximo evento a acontecer na cronologia profética da Bíblia.

O fato de interpretações não terem se realizado na hora certa criou um ceticismo crescente, até mesmo em escolas evangélicas conservadoras tais como o Seminário Teológico de Dallas e o Instituto Bíblico Moody. Em seu livro, *Doomsday Delusions (Ilusões do Juízo Final)*, os professores C. Marvin Pate e Calvin B. Haines Jr. do Instituto Bíblico Moody discutem que "passagens em Ezequiel que pré-milenistas dizem prever o futuro Armagedom provavelmente se referem à invasão de Israel por bandos de citas em tempos pré- cristãos, de acordo com os estudiosos. Pregadores apocalípticos criativos ignoram isso."[10] Infelizmente, os professores também ignoram o fato de que essas profecias contêm elementos (como veremos) que jamais poderiam ter acontecido no passado, mas que sem dúvida indicam um cumprimento futuro.

[10] U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, pp. 62-71.

Gogue e Magogue

É verdade que houve certa especulação sem base e até mesmo sensacionalismo barato nas tentativas de aplicar profecias apocalípticas. Esse fato, no entanto, não permite que essas profecias sejam descartadas, mas ao invés disso exige mais cuidado na sua interpretação. Ezequiel 38 e 39 dá uma lista de certos líderes, povos e nações que estarão envolvidos no futuro ataque sobre Israel. "A Pérsia, Etiópia, e Líbia" são nomeadas especificamente. Outros não são tão facilmente identificados: **"Gogue, da terra de Magogue... Meseque e Tubal... Gômer, e... Togarma, da banda do norte" (38.2,5,6).** Alguns escritores de livros sobre profecia supostamente estabeleceram ligações entre esses nomes e povos da Rússia e europeus do norte. É difícil, no entanto, verificar a precisão de tais afirmações, o que não é necessário.

Não há razão para crer que a lista de Ezequiel tenha como objetivo nomear *todas* as nações que estarão envolvidas no ataque dos últimos dias sobre Israel. Além disso, nós vemos "Gogue e Magogue" mencionados novamente em Apocalipse 20.8, representando *todas as nações do mundo* vindo contra Israel e Cristo no final do Milênio. Evidentemente essa batalha final não é a mesma mencionada em Ezequiel 38 e 39. Se "Gogue e Magogue" representam *todas as nações* em Apocalipse, então podemos supor que o mesmo se aplica a Ezequiel. Há duas batalhas que envolvem todas as nações: Armagedom logo antes, e a batalha de Apocalipse 20 no final do reinado milenar de Cristo. Essa é uma entre várias razões para concluir que Ezequiel 38 e 39 se referem a Armagedom e não a alguma Terceira Guerra Mundial anterior.

Outra razão para essa conclusão é a presença pessoal de Deus no clímax da batalha descrita em Ezequiel, precisamente como será em Armagedom. Sem dúvida é Yahweh, o Deus de Israel, falando a Seu povo através do profeta Zacarias, a quem citamos no começo do capítulo: "[os habitantes de Israel]... **olharão para mim, a quem trespassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito" (Zacarias 12.10).** Essa é uma profecia incrível sem comparação em qualquer das religiões mundiais e que o judaísmo jamais foi capaz de explicar satisfatoriamente. Além disso, esse elemento da profecia claramente não aconteceu em qualquer lugar do passado.

O Traspassado Retorna

A palavra "traspassado" em Zacarias vem do hebraico *dakar*, que significa atravessar com espada, enquanto que no Salmo 22.16 a palavra hebraica *aryi* é usada: "Trespassaram- me as mãos e os pés." A Bíblia prevê, portanto, que o Messias será traspassado de duas maneiras: traspassado nas mãos e nos pés na crucificação (profetizado séculos antes da crucificação ser conhecida), e traspassado com a espada ou lança para a morte, que não era parte normal da crucificação, mas que Jesus sofreu.

Um propósito principal da crucificação era torturar o criminoso com uma morte lenta. Traspassar com uma lança acabaria com o tormento; desse modo, as duas maneiras com que foi traspassado raramente ou nunca aconteceriam juntas como aconteceu com Jesus. Mais uma vez vemos quão específicas as profecias eram em relação ao Messias e quão notáveis seus cumprimentos foram em Cristo, sem deixar dúvidas de que Ele era o Messias de Israel. Marcas nas mãos e pés poderiam ser falsificadas, então o profeta deixou claro que Aquele que resgataria Israel em Armagedom teria uma cicatriz letal de lança no seu lado e teria ressuscitado dos mortos.

O judeu dedicado, que espera hoje o Messias, deve se perguntar honestamente quando seu Messias será traspassado. Da mesma forma, os Testemunhas de Jeová, que negam que Jesus é Deus, devem se perguntar quando seu Jeová, que é puro Espírito sem um corpo, foi traspassado com espada ou lança. Aquele que Zacarias disse que aparecerá para resgatar Israel foi traspassado e morto, mas está vivo hoje. Obviamente, o Messias ressurreto não apareceu para resgatar Israel de "bandos citas invasores em tempos pré-cristãos" antes dEle ter sido crucificado, como os dois professores do Moody sugerem erroneamente!

O fato dAquele que está falando através de Zacarias ser Yahweh, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, é evidente. Mas Ele vem a Israel como um homem que foi crucificado por afirmar ser Yahweh e que ressurgiu dos mortos. O "mim" que foi traspassado e o "ele" por quem Israel chora são evidentemente um e o mesmo. Jesus disse: **"Eu e o Pai somos um" (João 10.30)**, não só em trabalho e propósito, como as seitas ensinam, mas em essência.

Ao invés de quebrar as pernas de Jesus, o procedimento normal em qualquer crucificação, um soldado traspassou Seu lado com

uma lança. Por que esse impulso repentino (que cumpriu uma profecia desconhecida por esse romano)? Talvez foi por raiva porque Jesus já estava morto muito antes do que deveria estar e assim não sofreu toda a dor física que aquele meio de morte fora criado para produzir. Pilatos, inclusive, ficou admirado porque Cristo "já estava morto" (Marcos 15.44). Nossa redenção não veio pelo sofrimento físico, mas através da agonia mais profunda que Ele sofreu para pagar o castigo eterno que a justiça infinita de Deus exigia pelo nosso pecado.

Jesus disse: **"Porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la" (João 10.17-18).** O apóstolo João, que testemunhou tudo, escreveu:

"Aquele que isto viu, testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho... para que também vós creiais. E isto aconteceu para se cumprir a Escritura [Êxodo 12.46; Números 9.12; Salmo 34.20]: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura [Zacarias 12.10]: Eles verão aquele a quem traspassaram" (João 19.35-37).

"Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém" (Apocalipse 1.7).

A Prova Bíblica

Não há dúvida, com base em Zacarias 12 e Apocalipse 1 e 19, de que essa vinda pessoal de Yahweh para resgatar Seu povo e destruir o Anticristo e seus exércitos acontecerá em Armagedom. É importante, então, que linguagem semelhante a respeito da presença pessoal de Deus seja encontrada em Ezequiel 38 e 39, também identificando assim o evento descrito com o Armagedom:

"Todos os homens que estão sobre a face da terra, tremerão diante da minha presença... e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor" (Ezequiel 38.20,23).

"Manifestarei a minha glória entre as nações, e todas as nações verão o meu juízo, que eu tiver executado, e a minha mão, que sobre elas tiver descarregado" (Ezequiel 39.21).

Além disso, vemos semelhanças impressionantes de linguagem entre essa passagem em Ezequiel e a descrição que João faz de Armagedom em Apocalipse 19.17-18. João escreve: "**Um anjo... clamou... a todas as aves que voam... Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos...**"; obviamente referindo-se ao mesmo evento, o profeta do Antigo Testamento escreveu:

"**Dize às aves de toda espécie... ajuntai-vos de toda parte para o meu sacrifício... grande nos montes de Israel... Comereis a carne de poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra... À mesa vós vos fartareis de cavalos... de valentes e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Deus" (Ezequiel 39.17-18,20).**

Além dessas semelhanças descritivas, nós temos afirmações conclusivas a respeito dos resultados dessa batalha entre Israel e as nações. Todo o Israel, agora salvo através da fé em seu Messias, jamais será maltratado de novo pelas nações, jamais desagradará a Deus, ou será abandonado por Ele, ou sofrerá Seu julgamento; e as nações finalmente saberão que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus da Bíblia, é o único Deus verdadeiro.

Essa transformação, como já vimos, tanto para Israel como para o mundo, não acontecerá até Armagedom, quando Yahweh intervirá do céu. Mas Ezequiel 38 e 39 descrevem essa mesma salvação de Israel e o reconhecimento do Deus verdadeiro pelas nações. Ambos, Zacarias e Ezequiel, pois, devem estar falando do mesmo evento, um evento que claramente está no futuro, pois nada dessa natureza jamais aconteceu no passado.

Até que Cristo apareça e seja reconhecido pelo Seu povo, Israel continuará a desagradar a Deus, a ser maltratado pelas nações incrédulas (que o atacarão em Armagedom) e sofrerá o julgamento de Deus. Logo as afirmações seguintes jamais poderiam se referir a uma guerra anterior, mas só poderiam descrever os resultados do reinado milenar do Messias no trono de Seu pai Davi. Note a finalidade dos resultados, que mais uma vez provam que essa profecia ainda é futura e, na verdade, só pode ser cumprida no final da Grande Tribulação, quando Cristo retornar para resgatar Israel e estabelecer Seu reino milenar:

"**Farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo Israel, e nunca mais deixarei profanar o meu santo nome; e as nações saberão que eu sou o Senhor, o Santo em Israel. Eis que**

vem, e se cumprirá, diz o Senhor Deus; este é o dia de que tenho falado... Desse dia em diante os da casa de Israel saberão que eu sou o Senhor seu Deus. Saberão as nações que os da casa de Israel, por causa da sua iniquidade, foram levados para o exílio... Saberão [os de Israel] que eu sou o Senhor seu Deus, quando virem que eu os fiz ir para o cativeiro entre as nações, e os tornei a ajuntar para voltarem à sua terra, e que lá não deixarei a nenhum deles. Já não esconderei deles o meu rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus" (Ezequiel 39.7-8,22-23,28-29).

Esse derramamento do Espírito de Deus sobre Israel claramente não acontece até Deus resgatar Seu povo em Armagedom, como Zacarias 12.10-13.1 nos diz. E o fato do próprio Deus de Israel resgatá-lo é especificado novamente para nós: "**Então sairá o Senhor** [Yahweh] **e pelejará contra essas nações** [que atacam Israel], **como pelejou no dia da batalha. Naquele dia estarão os seus pés sobre o Monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém" (Zacarias 14.3-4).** Outro evento que certamente não aconteceu ainda, mas acontecerá.

Desilusão e Ceticismo

Obviamente, essa profecia não poderia ter sido cumprida até que Israel tivesse voltado para sua terra. Naturalmente, portanto, quando a nação de Israel voltou a existir após 1900 anos de dispersão, houve grande entusiasmo entre cristãos e grande expectativa. O *U.S. News & World Report* recentemente focalizou o principal evangelista do mundo para nos lembrar como o entusiasmo diminuiu:

> Quando as Nações Unidas criaram Israel, os pré-milenistas exultaram porque a contagem regressiva havia começado. Em 1950, o jovem e exuberante Billy Graham disse numa convenção em Los Angeles: "Mais dois anos e tudo acabará." Desde então Graham ficou mais cauteloso com relação a cronologias apocalípticas.[11]

Não havia justificativa bíblica para a designação de "dois anos". Tais expectativas sem garantia apenas criam embaraço e novas previsões. Apesar da demora de mais de 47 anos desde o renascimento de Israel, há uma convicção crescente por parte de uma grande por-

[11] Ibid., p. 67.

centagem das pessoas, não só entre cristãos evangélicos, mas da população em geral, de que o fim do mundo está chegando, e talvez muito em breve. De acordo com uma pesquisa recente da Market Facts, Inc., aproximadamente 60 por cento dos americanos acha que o mundo acabará em algum momento do futuro e quase um terço deles acredita que ele acabará nas próximas décadas. Mais de 61 por cento dizem acreditar numa segunda vinda de Cristo e 49 por cento acreditam que um Anticristo literal subirá ao poder.[12]

É claro, opiniões não estabelecem a verdade, já que um terço de todos os americanos duvida que houve um Holocausto.[13] Existe um ceticismo considerável também de que uma personalidade tipo Anticristo poderia subir ao poder e que as pessoas o adorariam. Afinal, já se passaram 50 anos desde que o mundo foi enganado por Hitler. Certamente o cidadão comum é muito mais sofisticado para não ser facilmente enganado hoje. Mas poderíamos dar exemplos atuais. Considere mais uma vez Vladimir Zhirinovsky, que obteve 25 por cento dos votos da Rússia. Sua popularidade apenas aumentou quando ele disse:

> Eu digo claramente. Quando eu subir ao poder, haverá uma ditadura... Eu terei que fuzilar 100.000 pessoas, mas os 300 milhões restantes viverão pacificamente.[14]

O *U.S. News & World Report* relatou recentemente: "Em quase toda geração, evangélicos tentam identificar o Anticristo dentre seus inimigos contemporâneos, desde o assassino imperador romano Nero no primeiro século até Napoleão Bonaparte, Benito Mussolini e Saddam Hussein. Mais recentemente, alguns evangélicos suspeitaram de Ronald Wilson Reagan, em parte porque cada um de seus nomes tem seis letras... Professores em fortalezas do pré- milenismo tais como o Seminário Teológico de Dallas, Instituto Bíblico Moody em Chicago e Faculdade Wheaton em Wheaton, Illinois, recentemente levantaram fortes objeções à interpretação literal de alguns textos apocalípticos e à busca intensa de 'sinais dos tempos' em eventos atuais."[15] Mas a profecia é essencialmente sobre eventos futuros!

Deus Falou Através de Seus Profetas

Pate e Haines argumentam que "pregadores apocalípticos pré-milenistas geralmente 'interpretam e aplicam mal' profecias bíbli-

[12] Ibid., p. 62; Bend Bulletin, 11 de dezembro de 1994, p. 2.
[13] Los Angeles Times, 20 de abril de 1993, p. A17.
[14] Editorial, "Mainstreaming Madmen", em Israel My Glory, Junho/Julho de 1994, p. 4.
[15] U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, pp. 62-71.

cas ao ignorar seu contexto histórico... O Anticristo no Apocalipse, por exemplo, diz Pate, sem dúvida 'queria dizer Nero', um perseguidor de cristãos que cometeu suicídio jogando-se sobre uma espada."[16] Pelo contrário, as profecias sobre o Anticristo especificam, como já vimos, atos definidos praticados por ele, que nem Nero nem qualquer outra personalidade do passado cumpriu: afirmar uma aliança com Israel durante sete anos, quebrar a aliança no meio desse período, colocar no Templo uma imagem que fala, a "marca 666" de algum tipo na mão e na testa sem a qual ninguém poderia comprar ou vender, etc. A sugestão de Pate e Haines é o mesmo que negar a inspiração da Bíblia, pois se João quis se referir a Nero, ou qualquer outra personalidade no passado, então ele cometeu um grave erro.

Aparentemente cegos às consequências profundas de seu ceticismo, professores em tais fortalezas do evangelicalismo como a Faculdade Wheaton estão se unindo àqueles que rejeitam a profecia como uma previsão literal de eventos dos últimos dias. *U.S. News* continua sua reportagem dizendo que "até na fundamentalista Universidade Liberty de Jerry Falwell, em Lynchburg, VA, o professor de Novo Testamento, D. Brent Sandy, desafia a noção de que detalhes de eventos futuros possam ser extraídos da Bíblia. O propósito principal da profecia, Sandy escreve na revista evangélica *Christianity Today*, é simplesmente "assegurar aos leitores que Deus irá cumprir seus planos de maneiras singulares e incríveis'."[17]

O que é realmente incrível é que tal contradição absurda tanto da Bíblia quanto da lógica pudesse ser afirmada por um professor universitário e então ser repetida na revista *Christianity Today*. Como histórias simbólicas de eventos fictícios, que fingem prever o futuro mas nunca acontecerão, poderiam "assegurar aos leitores que Deus vai cumprir seus planos de maneiras singulares e incríveis" não é explicado! Além disso, a Bíblia está cheia de profecias específicas a respeito de eventos futuros que *realmente* aconteceram (aquelas a respeito de Israel, por exemplo, que já documentamos), um fato que a distingue de todas as outras escrituras religiosas. Como já vimos, a profecia cumprida é o tema principal da Bíblia e o meio mais poderoso e eficaz que Deus usa para provar Sua própria existência.

O fato inegável é que a Bíblia realmente previne sobre o Anticristo, e continua apresentando profecias específicas para os últimos dias, algumas das quais já foram cumpridas sem dúvida, em-

[16] Ibid.
[17] Ibid.

quanto outras ainda se cumprirão. Os profetas de Israel previram precisamente sua história e seu retorno à sua terra nos últimos dias. Eles preveniram que a destruição de Armagedom está se aproximando. Mas todos de Israel que estiverem vivos quando Cristo retornar O verão por si próprios e crerão nAquele que foi traspassado e ressurreto e "serão salvos".

Uma pesquisa realizada entre 2 e 4 de dezembro de 1994, envolvendo 1.000 americanos, revelou que 59% dos entrevistados creem que o mundo terá um fim; 60% creem que a Bíblia deve ser interpretada literalmente quando ela fala de um dia do Juízo Final; 49%, quando ela fala do Anticristo; 44%, quando ela fala sobre a batalha de Armagedom e o Arrebatamento da Igreja; ao mesmo tempo, surpreendentemente, 53% creem que "alguns eventos mundiais nesse século cumprem profecias bíblicas". Mas do último grupo, apenas 6% veem o estabelecimento de Israel como cumprimento de profecias bíblicas![1]

Assim dirás ao meu servo Davi: Assim diz o Senhor dos Exércitos... farei levantar depois de ti o teu descendente [Messias]... e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino.

— 2 Samuel 7.8,12-13

...Para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.

— Isaías 9.7

Eis que eu tomo da tua mão o cálice de atordoamento, o cálice do meu furor, jamais dele beberás... Desperta, desperta, reveste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa; porque não mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo.

— Isaías 51.22; 52.1

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram... Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.

— Apocalipse 21.1-2

[1] U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, p. 64.

22
A
Nova Jerusalém

Uma nova Jerusalém, uma nova terra, habitada por um novo povo, num universo novo! Essa é a promessa de Deus! Além disso, Ele declarou solene e repetidamente através de Seus profetas que Ele mesmo cuidará para que esse final glorioso seja cumprido. Será que isto é necessário? Realmente é. Deve estar claro agora que nada menos que a intervenção direta de Deus poderia solucionar a crise atual do Oriente Médio. Basta ter um pequeno conhecimento de história geral para convencer-se desse fato. O conflito árabe- israelense não é mais que um reflexo do conflito constante que caracteriza a natureza humana e que prevalece em todo o mundo em todas as eras. Que impressionante, pois, que os líderes mundiais continuem a perseguir a vã esperança de estabelecerem eles mesmos sobre a terra uma paz que escapou à humanidade durante todos os seus milhares de anos de história!

No dia 23 de fevereiro de 1995, Elie Wiesel, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1986, disse a uma platéia admirada e aparentemente convencida na Universidade de Houston que "somente a educação oferece a esperança de que [o Holocausto] não acontecerá novamente".[2] É mesmo? Foi a falta de educação que levou o povo alemão a seguir Hitler? A Alemanha era o país mais altamente

[2] Houston Chronicle, 24 de fevereiro de 1995, como relatado em The Christian News, 17 de abril de 1995, p. 2.

educado do mundo na década de 1930 e, mesmo assim, provocou o Holocausto. Jamais foram dadas provas de que a educação faz alguém ficar dócil e bondoso ou menos egoísta ou que livra alguém do antissemitismo.

Talvez por "educação" Wiesel queira dizer um conhecimento e entendimento dos verdadeiros fatos. Mas quem conhecia os fatos melhor senão os nazistas que torturaram e mataram, e alimentaram as chamas com os judeus? Eles não precisavam de um memorial *Yad Vashem* (monumento e museu existentes em Israel, que relembram a tragédia e as vítimas do Holocausto [N.T.]) para lembrá-los do que estava acontecendo. Nem os terroristas islâmicos não precisam de alguém para mostrar-lhes o que estão fazendo. Eles o sabem muito bem.

A prevenção do mal não é uma questão de *educação* mas de *consciência* e de integridade moral para segui-la. E de onde vem a consciência? Ela pode ser distorcida ou calejada ou pervertida pela criação paternal ou pela educação, mas ela não é criada por tais circunstâncias. Em todas as culturas há uma coerência no reconhecimento do que é certo ou errado. A consciência é implantada em todo ser humano por Deus, da mesma maneira como Ele concedeu instintos individuais a cada espécie de animais.

Os animais automaticamente seguem seus instintos, mas o homem está livre para rejeitar a consciência, e o faz. É claro que há sempre uma "boa" razão. É possível permitir que uma causa aparentemente justa, tal como sionismo ou anti-sionismo, "poder negro" ou "poder branco", ou alguma outra paixão, prevaleça sobre a consciência. Em última análise, porém, é o egoísmo básico dentro do coração humano que é a raiz de todos os males do mundo. Pôr a culpa em qualquer outro lugar é nos cegarmos à dolorosa verdade.

Encarando a Verdade

O problema não é a opressão dos brancos sobre os negros como muitos nos Estados Unidos tentam nos persuadir. Olhe para o que os negros fazem na África: o desprezível massacre dos hutus pelos tutsis e dos tutsis pelos hutus em Ruanda, por exemplo; ou veja o que os zulus e o Congresso Nacional Africano de Mandela fizeram uns com os outros na África do Sul. Os negros estavam vendendo

negros para a escravidão, enfrentando guerras contra negros e torturando e matando negros muito antes do homem branco pôr os pés no continente africano. Negros aos milhares, entre eles várias personalidades esportivas importantes, estão se convertendo ao islamismo no Ocidente como se fosse uma religião negra, aparentemente esquecendo de que foram os árabes na África do Norte, bons muçulmanos, os primeiros comerciantes a exportar escravos da África.

Olhe para a História do mundo. Os brancos torturaram e mataram e lutaram em guerras contra brancos muito antes que tivessem qualquer contato com negros, e a violência interna é dominante em todas as culturas e nações. Certamente a América é prova desse fato. E o problema no Oriente Médio também não pode ser explicado como judeu contra árabe. Só é preciso observar a guerra entre Irã e Iraque ou a recente Guerra do Golfo para ver o que os árabes fazem com os árabes, e os muçulmanos com muçulmanos. Também não adianta Israel se gabar de que torturou e matou menos e foi mais provocado do que seus vizinhos árabes. Há maldades em ambos os lados. Enquanto estas linhas estavam sendo escritas, uma notícia chegou:

> Um militante islâmico morreu hoje após um interrogatório por agentes de segurança israelenses; parentes e organizações de direitos humanos denunciam que ele foi torturado até a morte. Abdel-Samad Hassan Harizat, 30 anos, foi hospitalizado no Hospital Hadassah de Jerusalém no sábado, um dia após ser detido por agentes de segurança do Shin Bet, como disse sua família. Ele estava inconsciente e em estado crítico, e morreu na UTI hoje cedo, informou Eliat Tal, porta-voz do hospital.[3]

Dois dias depois, a mídia israelense confirmou que Harizat fora "torturado até a morte... por cinco colaboradores palestinos que agiram sob ordens de interrogadores da polícia secreta Shin Bet".[4] O homem está contra o homem porque ele está contra si mesmo; e ele está contra si mesmo porque se rebelou contra o Deus que o criou. Inspirados por Deus, os profetas hebreus disseram muito bem - e não se encontra nada parecido no Corão ou nas palavras de Buda ou Confúcio ou nas escrituras sagradas de qualquer outra religião:

"Enganoso é o coração [humano], mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? Eu, o

[3] The Bulletin (Bend, Oregon), 25 de abril, 1995, p. A-2.
[4] Ibid., 28 de abril de 1995, p. A-2.

Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos [secretos]; **e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações (Jeremias 17.9-10).**

“Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça. Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue, e os vossos dedos de iniquidades; e os vossos lábios falam mentiras, a vossa língua profere maldade. Ninguém há que clame pela justiça, ninguém que compareça em juízo pela verdade; confiam no que é nulo, e andam falando mentiras; concebem o mal, e dão à luz a iniquidades... Os seus pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente; os seus pensamentos são pensamentos de iniquidade; nos seus caminhos há desolação e abatimento. Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos; fizeram para si veredas tortuosas; quem andar por elas não conhece a paz... Conhecemos as nossas iniquidades; como o prevaricar, o mentir contra o Senhor, o retirarmo-nos do nosso Deus, o pregar opressão e rebeldia, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade. Pelo que o direito se retirou e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças e a retidão não pode entrar. Sim, a verdade sumiu...” (Isaías 59.1-4; 7-8; 12-15).

"Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz" (Isaías 57.20-21).

Tantas Racionalizações

O dia 12 de abril de 1995 foi um dia histórico para Israel. Ele viu o lançamento bem-sucedido do primeiro satélite espião operacional de Israel, o Ofek-3. Supostamente capaz de ler placas de carro em Bagdá, o satélite foi criado para munir Israel de inteligência militar vital para propósitos de defesa.[5] Assim prossegue uma corrida tecnológica para manter-se na frente dos inimigos, que é no máximo uma prevenção temporária de guerra ou uma defesa no meio dela, mas não um caminho seguro para a paz duradoura.

[5] “Ofek-3 in orbit, ‘Can read license plates in Baghdad’” (“Ofek-3 em órbita, ‘Pode ler placas de carro em Bagdá’”) em The Jerusalem post International Edition, semana terminada no dia 15 de abril de 1995, p. 1.

O atual "processo de paz" sequer começa a nos levar na direção certa. Até agora ele só fez aumentar o terrorismo. Em resposta às críticas, Shimon Peres disse ao Knesset no começo de abril de 1995 que o "processo de paz" é para evitar a guerra, não para parar o terrorismo e para preservar o "caráter moral" do povo judeu. "Nós faremos de Israel uma ilha de paz, de verdade, e de herança moral do povo judeu", ele acrescentou. "O povo judeu jamais acreditou na força, mas sim no espírito. Mas nós temos a força para manter o espírito."[6] Que contradição!

Uma "ilha" de paz? Dificilmente! Isso só é mais retórica para levantar muros de auto-ilusão - para fingir, para ter esperança, mas, no final, em vão. A "força" justifica tudo? Isso soa como Hitler. A "força" israelense pode ser suficiente para "manter o espírito" diante de ameaças de seus vizinhos árabes, mas não é suficiente para enfrentar o mundo inteiro quando a hora chegar. E essa hora chegará. Os profetas hebreus a previram e eles nunca erraram. Será que não é prudente ouvi-los?

No entanto, há muitas racionalizações. Se isso simplesmente fosse testado ou se aquilo fosse feito ou não. A última é imaginar que se Arafat fosse substituído tudo ficaria bem. Os chefes de Estado árabes numa visita a Washington supostamente "encorajaram a Administração Clinton a descartar Yasser Arafat e apoiar Mahmoud Abbas como novo presidente da OLP... [porque] Arafat provou ser incapaz de se transformar de revolucionário em homem de Estado..."[7]

Realmente importa quem lidera a OLP? Será que o homem certo no leme dessa organização terrorista supostamente reformada pode ser a chave para a paz? Por mais maligno que Arafat tenha provado ser, seu coração só reflete o de qualquer judeu ou árabe - na verdade, de toda a humanidade. Salomão, cujo coração também não era perfeito, disse muito bem para todos nós, sob a inspiração de Deus:

"Como na água o rosto [reflete] **[...] o rosto, assim o coração do homem [reflete o coração do]... homem" (Provérbios 27.19).**

'O mundo se regozijou porque a Rússia e os Estados Unidos iniciaram um novo relacionamento de confiança mútua e, como resultado, arsenais nucleares estariam diminuindo. Ao mesmo tempo, a capacidade nuclear está se espalhando em regimes fanáticos islâmicos tais como o Iraque e o Irã, e logo chegará aos terroristas que eles patrocinam. Entre maio e agosto de 1994, a polí-

[6] The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 15 de abril de 1995, p. 2.
[7] Shlomo Gazit - Zeev Eytan, editado por Shlomo Gazit, The Middle East Mili-tary Balance [O Equilíbrio Militar do Oriente Médio] (Universidade de Tel Aviv, 1994), p. 153.

cia alemã fez quatro apreensões de "armamentos tipo plutônio 239 contrabandeados... [e] a ameaça de terrorismo nuclear alcançou uma fase alarmante".[8] A revista *Time* relatou que "os primeiros sintomas de uma epidemia nuclear estão se espalhando na Europa... O maior transporte [de material de bomba contrabandeado] aconteceu no dia 10 de agosto [1994], quando o voo 3369 da Lufthansa, vindo de Moscou, aterrissou em Munique com 350 gramas de combustível atômico [ilícito] a bordo."[9] E os contrabandistas que não são detectados?

Muitos depositam sua esperança de paz total numa "força pacificadora das Nações Unidas". Infelizmente, temos exemplos de sobra para provar a insuficiência de tal solução. Até Mikhail Gorbachev admite que paz e harmonia social entre palestinos e israelenses "teria que estar fundada no espírito de Jesus".[10] Isso parece encorajador até lembrarmos sua afirmação de que os comunistas "promovem a causa de Cristo".[11] Parece que ele nunca leu a Bíblia. Certamente ele não sabe nada do Cristo bíblico.

Apostando num Cavalo Morto

A Bíblia apresenta a única base para a paz mundial. Ela deve estar em harmonia com a justiça: **"A justiça e a paz se beijaram" (Salmo 85.10); "o reino de Deus** [é] **[...] justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14.17).** Verdadeira paz mundial só pode ser estabelecida pelo "Deus da paz" (Romanos 15.33; 16.20; 1 Tessalonicenses 5.23; Hebreus 13.20; etc..) através do poder transformador do "evangelho da paz" (Romanos 10.15). De nenhuma outra maneira pode o homem reconciliar-se com Deus - e sem essa reconciliação não pode haver paz genuína no coração de uma pessoa ou no mundo.

Suponha que uma pessoa vá ao hipódromo diariamente e aposte sempre no mesmo pangaré que mal consegue tropeçar para fora do portão de largada e sempre termina em último lugar. Pode-se deduzir logicamente que sua ligação com aquele cavalo excede em muito o seu bom senso. Então o que devemos dizer sobre aqueles que, apesar do registro de milhares de anos de fracasso do homem em eliminar a guerra, continuam a apostar que a humanidade resolverá de alguma maneira os seus problemas e trará paz a este planeta? Esse cavalo está *morto*!

---

[8] Ibid., pp. 150-51.
[9] Inside the Vatican, março de 1995, pp. 8-10.
[10] Ibid., p. 11.
[11] The Washington Post, 26 de outubro de 1994, p. A26.

Obviamente, precisamos de ajuda de fora deste planeta. Assim como Hafez Assad, muitas pessoas esperam pela ajuda de inteligências extraterrestres. Enquanto isso, é claro, Assad não está sentado esperando os IETs chegarem. Ele está assumindo a responsabilidade. Como um editorial no *Jerusalem Post* lembrou aos seus leitores:

> [A Síria] vem se armando freneticamente. Seu exército, sua força aérea e força de mísseis são muito maiores que os de Israel. E ela desenvolveu um arsenal impressionante de armas químicas e biológicas.
>
> Supor que a força nuclear supostamente em mãos de Israel possa servir para deter as ambições sírias, especialmente quando o aliado da Síria, o Irã, se juntar ao clube nuclear, é se entregar ao tipo de esperança que nenhuma liderança responsável pode se permitir.[12]

Rabin provavelmente ganhou a última eleição de que participou ao prometer, em junho de 1992, que jamais entregaria de volta à Síria as estratégicas colinas de Golã. Depois, porém, o [então] ministro de Relações Externas, Shimon Peres, declarou que "não existe a menor chance de assinar um tratado de paz com a Síria sem deixar o Golã". E é evidente que um tratado de paz com a Síria será inútil quando ela decidir atacar, pelo fato de que, sempre que quis, Assad violou vários tratados com Estados árabes e com a Turquia. Nada mudou.

Uma História de Duas Cidades

A inimizade dos árabes e sua alegação de que Israel ocupa a terra que lhes pertence é mais que evidente. Mas há outro rival mais sinistro que continua em grande parte nos bastidores, e se esconde debaixo da aparência de zelo religioso. Nós estamos nos referindo, é claro, ao antigo conflito entre Roma e Jerusalém, um conflito que está destinado a ter um papel importante na guerra mais destrutiva que o mundo já viu.

A presunção de Roma em substituir Jerusalém, e a afirmação da Igreja Católica de ser o verdadeiro Israel, explicam a atitude que a igreja tem mantido em relação a Israel e Jerusalém durante os séculos: as Cruzadas para tomar a Terra Santa para a igreja, o massacre periódico de judeus durante a História, a negativa do

[12] Editorial, "The peace of the naive" ("A paz dos ingênuos"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 3 de setembro de 1994, p. 8.

Vaticano em admitir o direito de Israel existir durante 46 anos após seu nascimento em 1948, a duplicidade do interesse atual do Vaticano e sua insistência contínua de que Jerusalém fique sob controle não-judeu.

A Roma católica afirma ser a "Cidade Eterna", a "Cidade Santa", e mesmo "Sião", títulos que a Bíblia deu apenas a Jerusalém. Roma também afirma ser a "Nova Jerusalém", colocando-se em conflito direto com as promessas de Deus a respeito da verdadeira Cidade de Davi. O Vaticano afirma ser a sede do reino de Deus e ser guiado pelos papas que são os verdadeiros representantes de Deus na terra. Uma história popular ilustrada de Roma é intitulada *Rome Eternal (Roma Eterna)*. Ela apresenta em texto e figuras a "importância de Roma e do papado na história do Cristianismo e da civilização ocidental", dando a ela crédito pelo papel principal[13], como se houvesse algo de que se orgulhar.

Com precisão surpreendente, a Bíblia não especifica Damasco ou Cairo, Londres ou Paris, Washington ou Moscou como centros de ação nos últimos dias. Ela aponta para duas outras cidades específicas: Jerusalém e Roma. Elas são diferentes, têm sido inimigas desde os dias dos Césares, e, notavelmente, ainda são rivais hoje pela supremacia espiritual e pela devoção religiosa, lealdade, e afeto do mundo.

Passaram-se 2000 anos de tensão e antagonismo entre Roma - tanto a pagã quanto a "cristã" - e Jerusalém. Essa inimizade não foi apagada por recentes propostas que o Vaticano achou conveniente fazer a Israel. Com o passado supostamente perdoado e esquecido, Israel mandou seu primeiro representante para o Vaticano em setembro de 1994. O embaixador Shmuel Hadas foi recebido pelo papa numa cerimônia especial: "Formalmente completando o estabelecimento histórico das relações entre a Santa Sé e o Estado judeu."[14]

Finalmente Um Novo Relacionamento?

Por que Roma finalmente estabeleceu relações diplomáticas com Israel? Ela quer influenciar o futuro de Jerusalém, insistindo ainda que esta não deve ser a capital de Israel ou ficar sob seu controle. A desculpa do Vaticano para essa inacreditável negação de Jerusalém a Israel é que os "lugares santos" em Jerusalém são tão importantes para muçulmanos e cristãos que a liberdade de acesso a es-

[13] Paul Horgan, Rome Eternal [Roma Eterna] (Nova Iorque, 1959).
[14] The Orange County Register, 30 de setembro de 1993, p. NEWS 24.

ses lugares deve ser garantida aos seguidores dessas religiões - e, supostamente, apenas um corpo internacional pode fazer isso.

A falsidade do argumento é facilmente provada. Forças jordanianas ocuparam Jerusalém de 1948 a 1967. Sob seu controle, sinagogas judaicas foram destruídas, lugares sagrados judeus foram desecrados, e judeus não podiam ir para Jerusalém Oriental. Durante esse período o Vaticano não pediu controle internacional sobre Jerusalém nenhuma vez. Desde que Israel tomou a Cidade Velha de Jerusalém em 1967, cristãos e muçulmanos tiveram acesso livre garantido aos lugares sagrados, e os árabes receberam o controle do Monte do Templo. Mas por incrível que pareça, o Vaticano agora quer garantias internacionais de acesso a Jerusalém.

Obviamente a questão não é acesso livre aos lugares sagrados, mas o fato de que a possessão de Israel sobre Jerusalém desafia diretamente a afirmação que o Vaticano faz há 1500 anos, de que Roma substituiu Jerusalém como a Cidade Santa, a Cidade Eterna, a Cidade de Deus, o verdadeiro centro espiritual da terra. Recentemente, o Vaticano pareceu abrir mão de suas exigências para a internacionalização de Jerusalém e está apoiando a afirmação da OLP sobre a Cidade Santa como capital do Estado palestino. Isso ainda deixaria Israel sem direitos exclusivos a Jerusalém e pareceria legitimizar a afirmação de que Roma substituiu Jerusalém como centro espiritual do mundo.

Duas Prostitutas Sem Vergonha

Ambas, Jerusalém e Roma, foram acusadas por Deus de adultério espiritual. A respeito de Jerusalém Deus disse: "**Como se fez prostituta a cidade fiel!**" **(Isaías 1.21).** Israel, que Deus separou de todos os outros povos para ser santo para Seus propósitos, entrou em alianças impuras e adúlteras com nações pagãs ao seu redor. Israel "**adulterou com a pedra e com o pau** [ídolos]" **(Jeremias 3.9)**; e "**com seus ídolos adulteraram**" **(Ezequiel 23.37).**

A Roma católica, também, é acusada de imoralidade espiritual. Ela é a "grande meretriz" sentada sobre a besta em Apocalipse 17, "**com que se prostituíram os reis da terra**" e "**com o vinho de sua devassidão foi que se embebedaram os que habitam na terra**" **(v. 2).** Ela afirma ser a sede da verdadeira igreja, a noiva de Cristo, cujo reino está no céu; mas ela, como Jerusalém (que conti-

nua seu adultério hoje), tem feito alianças impuras com nações pagãs na sua tentativa de construir um reino terreno.

Ambas, Jerusalém e Roma, receberão sua cota do julgamento de Deus. (Sim, e Damasco e o Cairo, e todo o resto do mundo também pagarão por sua rebelião contra Deus.) É necessário pouco mais que atenção casual às notícias diárias para reconhecer a precisão de tais profecias antigas. A falsidade da afirmação de Roma de ser a "Cidade Eterna" será provada com sua terrível destruição prevista em Apocalipse 17 e 18.

Todo Mundo Tem Planos

Por incrível que pareça, os judeus ultra-ortodoxos de Jerusalém, dos quais existem cerca de 130.000 hoje, também se opõem a Jerusalém como capital de Israel. Esses anti-sionistas, como às vezes são chamados, consideram o presente Estado de Israel como uma falsificação estabelecida contra a vontade de Deus. Eles creem que apenas o Messias pode estabelecer o verdadeiro Israel e que Ele ainda não veio. Se eles se unissem aos palestinos residentes em Jerusalém, essas duas facções bem poderiam assumir o controle da cidade dividida.

Os protestantes, também, querem tirar Jerusalém das mãos dos judeus. O Conselho Mundial de Igrejas, uma organização que representa milhares de denominações protestantes no mundo inteiro (cerca de 80 por cento de todas as igrejas cristãs), é o aliado da Igreja Católica Romana na batalha por Jerusalém. O CMI se opõe à adoção israelense de Jerusalém como sua capital, afirmando que tal ação "mina perigosamente todos os esforços de uma solução justa do problema do Oriente Médio e assim prejudica a paz regional e mundial."[15] Essa opinião surpreendente foi expressa na "Afirmação sobre Jerusalém" adotada na reunião do CMI em agosto de 1980, que também incluiu o seguinte:

> O Comitê Central reitera a afirmação sobre Jerusalém publicada pela Assembléia do CMI em Nairobi em 1975, que enfatizou que o... destino de Jerusalém deveria ser visto em termos de... cristãos bem como de judeus e muçulmanos e... considerado [como] parte do destino do povo palestino... dentro do contexto geral da solução do conflito do Oriente Médio na sua totalidade.

[15] Da "Afirmação sobre Jerusalém" adotada pelo Concílio Central do Conselho Mundial de Igrejas na sua reunião entre 14 e 22 de agosto de 1980, parágrafos 1 e 2.

> O Comitê Central exorta as igrejas associadas a pressionar Israel, através de seus respectivos governos, a cessar toda ação em Jerusalém... [e] incentiva o CMI a assumir um papel ativo na expressão da voz cristã unida e a ajudar igrejas a assumir seu papel total como parceiras na decisão do futuro caráter de Jerusalém.
>
> O Comitê Central também incentiva o secretário-geral a explorar, juntamente com igrejas-membros na área e com o Vaticano, possibilidades de tentar encontrar a melhor solução do problema de Jerusalém por todos os meios e maneiras apropriados e eficazes tais como assembléias... consultas internacionais... sobre Jerusalém.[16]

Católicos, protestantes e muçulmanos não são os únicos com planos para Jerusalém. Todo o mundo religioso está obcecado com a Cidade Santa, assim como também está a liderança política secular. Que notável que essa antiga cidade, pequena e aparentemente insignificante, ocupe o centro das atenções do mundo moderno exatamente como os profetas previram! Sem considerar as Escrituras, até a ONU reconhece que Jerusalém é a chave da paz. Realmente, durante 4000 anos essa vila, depois cidade, leva o nome que significa "Cidade de Paz". Alguém poderia descartar esse fato como coincidência se não fossem as muitas profecias cumpridas a respeito de Jerusalém que testificam do lugar singular que tem nos planos de Deus para o mundo.

Deus Também Tem Planos

Esses planos incluem o Messias reinando sobre Seu povo Israel e o mundo inteiro do trono de Davi em Jerusalém. Nós já vimos que simplesmente ser um descendente físico de Abraão, Isaque e Jacó não qualifica alguém para ser cidadão desse reino. Aqui novamente há confusão quanto a quem viverá na terra durante o reino milenar de Cristo.

Antes da cruz, a humanidade estava dividida em dois grupos: judeus e gentios. Desde a cruz, há três divisões: judeus, gentios e a Igreja (1 Coríntios 10.32). O plano de Deus para cada um é bem diferente. A terceira entidade, a Igreja, é composta tanto de judeus quanto de gentios:

[16] Ibid., seções 3-6.

"**Mas agora, em Cristo Jesus, vós** [gentios], **que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele** [Cristo] **é a nossa paz, o qual de ambos** [judeus e gentios] **fez um; e tendo derrubado a parede da separação que estava no meio** [deles], **a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos... para que dos dois** [judeu e gentio] **criasse em si mesmo um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. E, vindo, evangelizou paz a vós outros** [gentios] **que estáveis longe, e paz também aos** [judeus] **que estavam perto; porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito" (Efésios 2.13-18).**

Todos que se arrependerem de seus pecados e crerem em Cristo como o Salvador que pagou a penalidade que eles mereciam, são graciosamente perdoados por Deus e recebem vida eterna como presente gratuito. Aqueles que, sejam judeus ou gentios, chegam à fé em Cristo antes de Armagedom estão na Igreja e reinarão nos seus corpos glorificados com Cristo sobre este mundo durante Seu reino milenar. Aqueles que não crerem em Cristo até que Ele intervenha do céu em Armagedom, mas que crerem então, viverão em seus corpos físicos na terra durante o Milênio. Caso sejam judeus, viverão em Israel; se forem gentios, eles constituirão as nações que sobreviverem em todo o mundo.

Zacarias 12-14 ("**olharão para mim, a quem traspassaram; pranteá-lo-ão...**") refere-se estritamente aos judeus vivos nessa época. Outras passagens das Escrituras, no entanto, indicam que os gentios em todo o mundo, também testemunharão a intervenção miraculosa de Cristo em Armagedom e crerão: "**Eis que** [Cristo] **vem com as nuvens, e todo olho** [judeu e gentio] **o verá, até quantos o traspassaram** [judeus]. **E todas as tribos da terra** [judeus e gentios] **se lamentarão sobre ele" (Apocalipse 1.7).**

A lamentação equivale ao arrependimento e salvação em Zacarias 12-14 e, sem dúvida, significa o mesmo em Apocalipse. Podemos assumir, portanto, que os gentios também serão salvos nessa época. Esses são apresentados nas Escrituras como vivendo na terra, com acesso à Nova Jerusalém, no estado eterno de novos céus e nova terra:

"**As nações andarão mediante a sua luz [da Nova Jerusalém], e os reis da terra lhe trazem a sua glória" (Apocalipse 21.24).**

A Parceria da OLP na "Paz"

A paz de Jerusalém é a chave para a paz do mundo. Serão necessárias mais evidências até que o mundo inteiro admita que não pode fazer essa paz através de "tratados de paz" concebidos pela sua própria sabedoria e garantidos pela sua própria integridade e força? A suposta paz entre Israel e a OLP está em vigor (no papel) há muitos meses, mas a situação é pior agora do que antes. Ataques terroristas contra Israel continuaram e não há sinais de uma paz real em parte alguma.

Tendo recebido autodeterminação sobre a Cisjordânia, "a OLP tem liberado suas energias no... estabelecimento de um reinado de terror, um estado policial... [e] os falcões da Fatah [facção própria de Arafat na OLP] mataram dúzias de 'colaboradores'... Arafat proibiu a circulação de dois jornais que deixaram de elogiá-lo com entusiasmo suficiente... O aparecimento desse Estado policial [aumenta] a ameaça nas fronteiras de Israel, e [faz] o perigo de agressão de um Estado palestino em aliança com outras ditaduras quase inevitável."[17]

Todos os esforços pela paz só provaram a inutilidade de tais esforços. Este era um resumo da situação no começo de abril de 1995, por um membro do Knesset que sugeriu que "premiar Yitzhak Rabin, Shimon Peres e seu parceiro Yasser Arafat com o Nobel da Paz foi uma farsa":

> O acordo de Oslo está sendo realizado de acordo com nossas piores previsões, e... maiores medos. A realidade desmanchou cruelmente todas as suposições básicas dos acordos com a OLP. O Sr. Rabin reclamou com o vice-presidente Gore que os israelenses o acusam de prometer paz, e no entanto ainda há terror...
>
> Eles também relembram outras promessas ao primeiro-ministro: que o Pacto Palestino seria abolido (a OLP criou uma nova edição no mês passado); que o boicote árabe contra Israel seria cancelado (na semana passada, a Liga Árabe decidiu que ele continuará); e que a questão de Jerusalém seria adiada (a OLP está alegremente construindo instituições governamentais em Jerusalém)...
>
> Nas áreas de Gaza e Jericó, o Hamas goza de liberdade de ação, tanto para recrutar pessoas como para treiná-las. A atividade da Autoridade Palestina contra essa organização é mínima... [a polícia palestina não quer arriscar uma "guerra civil" ao usar

[17] Editorial, "The emerging police state" ("O surgimento de um estado policial") em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 3 de setembro de 1994, p. 8.

> sua autoridade e armas contra o Hamas, mas tentará "persuadi-los" a se comportarem].[18]
>
> Nós fomos informados de que o próprio Hamas manteria a área de Gaza tranquila, porque estaria interessado em provar que o terrorismo existe apenas onde o governo árabe ainda não estava estabelecido. Porém, quase nenhum dia se passa sem um ataque terrorista na área de Gaza...
>
> Até o ministro Yossi Sarid [campeão de defesa do Estado palestino], confessou numa entrevista na semana passada que seria "impossível assegurar o fim do terrorismo após o estabelecimento do Estado palestino."
>
> O fracasso da experiência em Gaza e Jericó prova que estendê-la para a Judéia e Samaria só pode assegurar ainda mais terrorismo. E o primeiro-ministro não será capaz de afirmar que ele não sabia.[19]

Essa estrada rochosa e perigosa, como vimos na profecia bíblica, finalmente levará a algo que parecerá "paz".

O mundo se gabará de "paz e segurança" (1 Tessalonicenses 5.3) e sob o Anticristo parecerá seguro por algum tempo. Então virá a pior destruição que este mundo já conheceu ou conhecerá. Ainda assim, o mundo continuará a perseguir essa orgulhosa ilusão.

Confusões entre Cristãos

Cristãos em números cada vez maiores parecem estar aceitando uma falsa ideia da paz que Cristo trará a este mundo e como ela será alcançada. A Trinity Broadcasting Network, a maior rede de televisão cristã no mundo, com mais de 450 estações, tentou sem sucesso durante anos conseguir permissão para uma estação de TV no Oriente Médio. Mesmo após assegurar aos líderes israelenses e a Anwar Sadat que "não haveria nenhuma conversão" (apesar do mandamento de Cristo de "ir a todo mundo e fazer discípulos"), o pedido foi negado.

Mais tarde Paul Crouch, presidente da TBN, declarou entusiasticamente que recebeu a permissão do líder da OLP, Yasser Arafat, para construir uma estação de TV "para cobrir todo o Oriente Médio a partir do território palestino conhecido como a Cisjordânia!"[20] Relatando sobre aquela reunião com Arafat e "vários outros líderes no Movimento Palestino", Crouch escreveu:

---

[18] "Gaza Police Chief: We Don't shoot at Hamas" ("Chefe de Polícia de Gaza: Nós Não atiramos no Hamas"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 27 de agosto de 1994.

[19] Ze'ev B. Begin, "A vital reassessment" ("Uma reconsideração vital"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 8 de abril de 1995, p. 6.

[20] Praise the Lord (Deus seja Louvado), Trinity Broadcasting Network Newslet-ter, agosto de 1994.

> Deus seja louvado, haverá paz no Oriente Médio de acordo com a Palavra de Deus. Ele ama os árabes e judeus igualmente. Ele tem um plano abençoado para ambos e nós estamos a caminho da Terra Prometida!... Deus seja louvado!
> A paz está chegando para a Terra Santa e, talvez, tenhamos uma pequena parte em transformar isso numa realidade abençoada![21]

Como é incrível que um líder cristão possa ficar tão animado com uma suposta "paz" sendo criada entre uma organização terrorista muçulmana e uma liderança israelense descrente que está desobedecendo a Deus e barganhando a terra que Ele deu a Israel e que nunca deveria ser abandonada! O fato de Crouch poder igualar esse plano à paz que foi prometida na Bíblia para Israel sob seu Messias demonstra quão longe os cristãos se afastaram do que os profetas bíblicos declararam tão claramente. O pior de tudo é que essa ilusão está sendo espalhada entre milhões que assistem a TBN regularmente em todo o mundo. Um boletim cristão fez este comentário:

> Enquanto a Arábia Saudita enforcaria Paul Crouch se ele se atrevesse a falar de Cristo naquele país, e enquanto no Sudão muçulmano fundamentalista... cristãos estão sendo assassinados por sua fé, e nenhum cristão está seguro no Irã e em várias outras regiões pouco conhecidas do mundo sob o controle do islamismo, iria Arafat honrar a sua palavra, permitindo que o "evangelho" seja pregado em ondas de rádio que emanam de seu território?
>
> Podemos sugerir... que pelo fato de um bom muçulmano, de acordo com o Corão, não ser obrigado a cumprir suas promessas feitas a um "infiel", Arafat receberá a estação construída com dinheiro cristão, e depois criará uma lei permitindo apenas programas religiosos... que promovam a opinião da OLP condenando Israel por sua atitude em relação a Jerusalém![22]

Ao contrário de todos os planos da humanidade, que estão destinados a fracassar, a Bíblia diz que o próprio Jesus deve retornar a este planeta - dessa vez não como um Cordeiro a ser crucificado mas em poder e glória para estabelecer Seu reino. E Ele realmente fará isso, mas com um propósito diferente do que a maioria das pessoas imagina.

[21] Ibid.

[22] The Good Olive Tree, setembro/outubro de 1994, p. 17

Resposta a Uma Reclamação Antiga

Muitas pessoas reclamam que não é justo que todos os descendentes de Adão e Eva devam sofrer as consequências do pecado desse casal culpado. Afinal, argumenta-se, quem pode ter certeza de que o resto de nós, se estivéssemos no Jardim do Éden, desobedeceria a Deus? Essa pergunta será respondida por toda eternidade durante o Milênio.

Durante o reinado de mil anos de Cristo a terra inteira será novamente um paraíso edênico. Melhor ainda, Satanás estará encarcerado, para livrar os habitantes da terra de sua má influência. Cristo reinará com um "cetro de ferro" (Salmo 2.9; Apocalipse 2.27; 12.5; 19.15), impondo assim as Suas leis. Nenhuma tentação terá permissão para florescer e o menor crime será punido na hora. Além disso, os santos que reinarão com Cristo em seus corpos ressurretos serão prova da salvação que Cristo oferece. Jerusalém será um lugar de alegria, o centro do mundo e do universo:

"Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido... e para ele afluirão todos os povos... porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém. Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra" (Isaías 2.2-4).

"Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém [em Armagedom]**, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos... O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor, e um só será o seu nome" (Zacarias 14.16,9).**

"Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos... para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos" (Apocalipse 20.2-3).

Mesmo com todas essas vantagens, porém, o coração humano não terá mudado. Aqueles que estiverem vivos na terra provarão eles mesmos que são filhos de Adão e Eva rebelando-se exatamente como os progenitores da raça se rebelaram e sob condições que farão os habitantes do Milênio ainda mais responsáveis por suas ações. Quando Satanás for libertado no final do Milênio, o paraíso na terra será quebrado no momento em que as nações do mundo,

tal como Adão e Eva, se unirem àquele enganador em rebelião aberta para destruir Cristo e a Cidade Santa:

"As nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue... reuni-los... para a peleja. O número desses é como a areia do mar. Marcharam então pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos [Israel]**, e a cidade querida** [Jerusalém]**; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu" (Apocalipse 20.8-9).**

A Prova Final

Aqueles que atacarem Jerusalém e Cristo na batalha final do mundo serão descendentes dos crentes nascidos e criados no reino milenar idílico! O Milênio será a prova final de que educação, psicologia, sociologia, teologia, terapia de grupo, promessas, e tratados de paz - até mesmo uma polícia forte e julgamento rápido nos tribunais - jamais podem resolver os problemas que contaminam o mundo. Ao invés de ser o reino final que Deus prometeu pelos profetas, o Milênio será a prova final da natureza incorrigível do coração humano! Enquanto o homem não estiver bem com Deus individualmente, também não pode estar bem consigo mesmo ou com seus semelhantes.

Não será suficiente mesmo a presença do próprio Cristo na terra, reinando de Jerusalém, impondo uma justiça externa e julgando rápida e imparcialmente. No interior, o homem continuará sob o controle de si próprio em rebelião contra o seu Criador. Somente quando sua fé é colocada em Cristo como seu Salvador, que morreu pelos seus pecados, e Ele é convidado para reinar no seu coração como Senhor, é que haverá paz.

Quão trágico que, com essa rebelião e destruição final, sem esperanças, liderada por Satanás, a história da humanidade e o universo atual chegarão a um fim. Nenhuma outra prova será necessária de que a única esperança do homem é se transformar em nova criatura por meio de Cristo. Apenas essas novas criaturas em Cristo terão a permissão de viver no novo universo que Ele criar. Pedro escreveu:

"Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas cousas hão de ser assim desfei-

tas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando... a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pedro 3.10-13).

Vida a Partir da Morte

Sim, toda a raça humana na terra deve morrer. Esse mundo e o universo de que faz parte devem ser completamente destruídos. Deus terá que começar tudo de novo com uma nova raça. Mas não seria o suficiente apenas criar outro Adão e Eva e começar o ciclo novamente. O mal e a tragédia que inevitavelmente contaminam qualquer ser racional com o poder da escolha foram completamente demonstrados. É por isso que o próprio Deus veio a esta terra como o homem Cristo Jesus para morrer em nosso lugar pelos nossos pecados. Aqueles que aceitam a Sua morte como sua própria experimentam a razão pela qual Paulo se regozijou:

"Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2.20).

"E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura [criação]: as cousas antigas já passaram, eis que se fizeram novas" (2 Coríntios 5.17).

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé... não de obras... Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Efésios 2.8-10).

Cristo é chamado de "o último Adão" (1 Coríntios 15.45). Ele é o progenitor de uma nova raça de pessoas "renascidas" que morreram nEle e que agora compartilham de Sua vida de ressurreição. A vida que Deus oferece é através do novo e último "Adão". E a vida que esse novo "Adão" possui e que Ele dá àqueles que pertencem a Ele é vida de ressurreição. Obviamente os únicos que podem receber vida de ressurreição são pessoas mortas - aquelas que morreram nEle. Feitas novas criaturas em Cristo, somente elas habitarão no novo universo que Deus fará quando destruir este antigo. João viu esse dia glorioso numa visão dada por Deus:

"Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as cousas... A cidade [nova Jerusalém] **não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro** [que foi crucificado] **é a sua lâmpada. As nações andarão mediante a sua luz... Nela nunca jamais penetrará cousa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro." (Apocalipse 21.1-5,23,24,27).**

Um Apelo ao Bom Senso

Se a Bíblia é verdadeira, então é a maior tolice o judeu ou árabe ou cristão não obedecer ao que está escrito a respeito de Israel e Jerusalém. Se ela não for verdadeira, como os líderes israelenses, a hierarquia da Igreja Católica Romana, o Concílio Mundial de Igrejas, e os líderes muçulmanos comprovariam pelas suas ações, então qual é o motivo de católicos e protestantes brincarem de igreja ou de judeus e muçulmanos irem automaticamente para a sinagoga e a mesquita? Vamos abandonar essa farsa.

Pelo contrário, vimos em profecias específicas sobre Israel e o seu cumprimento em detalhes centenas e até milhares de anos mais tarde, todas as provas necessárias de que Deus existe e que Sua Palavra é verdadeira. Então as nações do mundo devem se curvar diante do que a Bíblia diz sobre Israel e Jerusalém - e sobre Jesus Cristo.

Deus veio a este mundo como um homem para Se revelar em amor e misericórdia e para carregar sobre Si o ódio e as falsas acusações de Suas criaturas e morrer pelos seus pecados. O homem rejeitou essa proposta de amor. Ainda não é tarde demais para convidar Cristo de volta. Ele *está* vindo, quer o mundo O convide ou não. Será em julgamento ou em misericórdia?

As profecias não apresentam um quadro sem esperanças. Antes de mais nada, para a pessoa, individualmente, seja judeu ou gentio, "**o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus** [Cristo]" **(Atos 20.21)**, trazem salvação pessoal. E para o mundo, o arrependimento traria paz. Não há nenhuma profecia mais definida e inflexível do que: "**Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida** [destruída]" **(Jonas 3.4).** Esse foi o julgamento determinado que Deus fez Jonas proclamar contra aquela cidade perversa. Porém Nínive não foi destruída em 40 dias nem em 40 anos. Somente 250 anos mais tarde, em 612 a.C. Nínive foi finalmente e tão completamente destruída que a sua própria existência como apresentada na Bíblia era considerada um mito. Isso permaneceu assim até o século dezenove, quando arqueólogos descobriram suas antigas ruínas.

Por que Nínive foi poupada na época de Jonas? Nós não somos deixados em dúvida: o povo de Nínive se arrependeu - não só com os seus lábios, mas em ação também. O rei de Nínive –

"**tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco, e assentou-se sobre cinza. E fez-se proclamar e divulgar em Nínive:... nem homens, nem animais... provem cousa alguma... mas sejam cobertos de pano de saco, assim os homens como os animais, e clamarão fortemente a Deus; e se converterão, cada um do seu mau caminho, e a violência que há nas suas mãos... Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito que lhes faria, e não o fez**" **(Jonas 3.6-10).**

O que aconteceu com Nínive não foi um caso especial que não pode se repetir. Nem foi uma contradição da Palavra de Deus, mas um cumprimento dela. Deus disse: "**No momento em que eu falar acerca de uma nação, ou de um reino, para o arrancar, derribar e destruir, se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe**" **(Jeremias 18.7-8).** Se isso é verdadeiro com relação a uma nação, quanto mais seria verdadeiro com relação a Israel e ao mundo inteiro!

Israel precisa se arrepender. Seus mais de um milhão de ateus precisam se arrepender. Os líderes políticos e todo o mundo precisam se arrepender por imaginar que poderiam trazer paz através de seus próprios esforços; todos eles precisam se arrepender de nego-

ciar a terra que Deus disse que jamais poderia ser trocada ou vendida, e ainda mais trocá-la por uma paz falsa. A Corte Suprema de Israel precisa se arrepender de sancionar "casamentos" homossexuais e seus outros julgamentos injustos. O povo de Israel precisa se arrepender de seu egoísmo e maldade e desprezo a Deus e Sua Palavra. Os rabinos devem se arrepender de seu orgulho e de anular a Palavra de Deus pelas suas tradições.

Os árabes precisam se arrepender de sua rejeição da dádiva divina da Terra Prometida aos judeus. Eles precisam se arrepender do ódio em seus corações pelos judeus, de fazerem assassinos virarem heróis e de sua determinação de expulsar o povo escolhido de Deus da terra que Deus lhes deu.

O mundo inteiro precisa se arrepender dos muitos males que tem sido cometidos diariamente pelos bilhões de habitantes rebeldes da terra. Ainda não é tarde demais. Nós precisamos cair com o rosto em terra perante Deus, o verdadeiro Deus da Bíblia - não algum vago "poder superior" ou outro deus de nossa própria imaginação, mas o Deus da profecia que provou quem Ele é ao nos dizer o que aconteceria a Seu povo Israel antes que acontecesse.

Haverá uma Nova Jerusalém, numa nova terra, num novo universo, que durará por toda a eternidade! Seus habitantes viverão em alegria ilimitada e satisfação eterna. Inspirado por Deus, o rei Davi escreveu para nosso incentivo: **"Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente" (Salmo 16.11).** Essa é a promessa de Deus a todos que a aceitam nos Seus termos graciosos.

Notas

Capítulo 1 - Jerusalém, Cidade do Nosso Deus

1. Will Durant, The Story of Civilization: The Age of Faith (Simon and Schuster, 1950), Vol. IV, p. 229.
2. *The Jerusalem Post Internacional Edition*, semana terminada em 31 de dezembro, 1994, p. 6.
3. Parade, 3 de abril, 1994, primeira capa.
4. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada em 8 de outubro, 1994, p. 2.
5. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada em 1 de outubro, 1994, p. 8B.
6. Ibid.
7. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada em 27 de maio, 1994.

Capítulo 2 - Terra da Promessa

1. Uma coletânea de estatísticas de várias fontes.
2. *The Jerusalem Post International*, Semana terminada em 31 de dezembro, 1994, p. 15.
3. *Time*, 6 de fevereiro, 1995, pp. 36-40.
4. Ibid.
5. Ibid. Ver também *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada em 1 de outubro, 1994, pp. 12-15.
6. *The Jerusalem International Edition*, Semana terminada em 8 de outubro, 1994, p. 23.
7. *The Jerusalem International Edition*, Semana terminada em 11 de fevereiro, 1995.
8. *The Jerusalem International Edition*, Semana terminada em 26 de novembro, 1994, p. 12A.
9. Elishua Davidson, Islam, Israel and the Last Days (Harvest House Publishers, 1991), pp. 92-94.

Capítulo 3 - A Cidade de Davi

1. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 7 de janeiro, 1995, Moshe Kohn, "Which David?", p. 13.
2. Will Durant, The Story of Civilization (Simon and Schuster, 1950), Vol. III, p. 543.
3. Ibid., p. 542.
4. Ibid., pp. 542-45.
5. Ibid., pp. 545-46.

6. Ibid.
7. Ibid., p. 548.

Capítulo 4 - A Terra Santa

1. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 21 de janeiro de 1995, "Por que mimamos assassinos de mulheres?", p. 7.
2. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 5.
3. Israel My Glory, Dezembro de 1994/Janeiro de 1995, p. 19.
4. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 24 de dezembro, 1994, p. 6.
5. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 7 de janeiro de 1995, p. 16A.
6. Ibid.
7. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 24 de dezembro, 1994, p. 6.
8. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 7 de janeiro de 1995, p. 24.
9. Herb Keinon, "Mortes de terrorismo aumentam muito desde acordo em Oslo", no *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 24 de setembro de 1994, p. 24.
10. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 4.
11. Austin Flannery, O. P., Gen. Ed., Vatican Council II, The Conciliar and *Post* Conciliar Documents (Costello Publishing Company, 1988 Revised Edition), Vol. 1, p. 359.
12. Ibid., p. 360.
13. Ibid., p. 357.
14. *Inside the Vatican*, Abril de 1994, p. 24.
15. Flannery, op. cit., Vol. 1, p.367.
16. Ibid., p. 740.
17. Rabino Meir Zlotowitz e Rabino Nosson Scherman, gen. eds., SHOAH, A Jewish Perspective or Tragedy in the Context of the Holocaust (Mesorah Publications, Ltd., 1990), p. 161.
18. *Washington Post*, 9 de agosto de 1994.
19. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 29 de outubro de 1994, p. 6.
20. Spotlight on Israel, citado em UPLOOK, novembro de 1994, p. 11.

Capítulo 5 - Conflito e Amargura

1. Lance Lambert, "Israel e as Nações," uma palestra dada em Jerusalém em 1986.
2. Robert Morey, The Islamic Invasion (Harvest House, 1992), p. 24.
3. Ver Gênesis 50.24; Êxodo 2.24; 6.8; 33.1; Levítico 26.42; Números 32.4; Deuteronômio 1.8; 6.10; 9.5, 27; 30.20; 34.4; 2 Reis 13.23; etc..
4. Ver Êxodo 3.6,15-16; 4.5; Deuteronômio 29.13; Mateus 22.32; Marcos 12.26; Lucas 20.37; Atos 3.13; 7.32; etc.

5. John Mcclintock e James Strong, Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature (Baker Book House, 1981), I: 339.
6. Jon Immanuel, "Alimentando os cães da guerra," *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 25 de fevereiro de 1995, p. 9.
7. Toronto Star, 8 de novembro de 1994.
8. O Corão, Suras 125-27.
9. Will Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 160-61. 10. Ibid., p. 170.

Capítulo 6 - Profecia se Torna História

1. Guenter Lewy, The Catholic Church and Nazi Germany (Mc Graw-Hill, 1964) p. 274.
2. Will Durant, The Story of Civilization, The Reformation (Simon and Schuser, 1950), Vol. IV, p. 727.
3. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 7 de janeiro, 1995, p.24.
4. National & *International* Religion Report, 26 de dezembro de 1994, p. 2.
5. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 14 de janeiro, 1995, p. 12.
6. *Time*, 4 de abril, 1988, p. 46.

Capítulo 7 - A Luta Para Sobreviver

1. David Lamb, The Arabs (Vintage Books, 1987), p. 212.
2. *Time*, 4 de abril, 1988, p. 47.
3. *London Economist*, 2 de outubro de 1948.
4. Al Difaa, 6 de setembro de 1948.
5. *Time*, 4 de abril de 1988, p. 50.
6. *The Jerusalem* Report, 15 de dezembro de 1994, p.8.
7. *Time*, 4 de abril de 1988, p. 40.
8. *Time*, 4 de abril de 1944, p. 46.
9. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 26 de novembro de 1994, p. 7.
10. Newsweek, 5 de junho de 1967, p. 48.
11. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995.
12. *The Orange County Register*, 4 de janeiro de 1995, NEWS 3.
13. Newsweek, 19 de junho de 1967, p. 29.

Capítulo 8 - Um Povo Escolhido?

1. Penny Rosenwater, Vozes de Uma "Terra Prometida": Ativistas Palestinos e Israelenses da Paz Falam do Coração (Curbstone Press, 1992), p. 100.
2. Ibid., p. 73.
3. Ibid., p. 217.
4. Ibid., p. 204.
5. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 7 de janeiro de 1995, p.24.

6. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 5 de novembro de 1994, p. 7.
7. Elie Wiesel, Night (Bantam Books, 1986), p. 64.

Capítulo 9 - O Mistério do Antissemitismo

1. Will Durant, The History of Civilization: Part III, Caesar and Christ (Simon and Schuster, 1944), p. 546.
2. *Time*, 6 de fevereiro de 1995, p. 40.
3. William Whiston, tradutor, The Life and Works of Flavius Josephus (The John C. Winston Company, 1957) p. 607.
4. Will Durant, The Story of Civilization: Part II, The Life of Greece (Simon and Schuster, 1966), pp. 582-83.
5. Ibid., p. 584.
6. Ibid.
7. Ibid.
8. Ibid., Vol. III, pp. 542-45.
9. Ibid., Vol. III, pp. 548-49.
10. Ver Dave Hunt, A Woman Rides the Beast (Harvest House, 1994), pp. 243-62.
11. Sidney Z. Ehler e John B. Morrall, tradutores e editores desses documentos antigos, Church and State Through the Centuries (Londres, 1954), p.7.
12. R.W. Thompson, The Papacy and the Civil Power (New York, 1876), p. 553.
13. Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 385-389.
14. R. Tudor Jones, The Great Reformation (InterVarsity Press), p. 164.
15. Durant, op. cit., Vol. IV, p. 391.
16. Guenter Lewy, The Catholic Church and Nazi Germany (McGraw-Hill, 1964), pp. 272-273.
17. Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 391,393-94.
18. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 10 de dezembro de 1994, p. 16.
19. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 26 de novembro, 1994, p. 16A.
20. *Time*, 6 de fevereiro de 1995, p. 40.
21. Ibid.
22. Da *Associated Press*, conforme relatado em This Week In Bible Prophecy, janeiro de 1995, p. 13.
23. Flannery, op. cit., Vol.1, p. 741.
24. St. Michael's News, A Publication of St. Michael's Legion, março de 1968, pp. 1-2.
25. John C. Landau, "Textbook case of propaganda", em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 5 de novembro de 1994, p. 13.
26. Religion News Service, conforme relatado em The Christian News, 20 de fevereiro de 1995, p. 18.
27. Ibid.

Capítulo 10 - A "Solução Final"

1. Elie Wiesel, Night (Bantam Books, 1986), do Prefácio para edição do Vigésimo-quinto Aniversário, escrito por Robert McAfee Brown, p. v.

2. Ibid., pp.32, 34.
3. Frederic V. Grunfeld, The Hitler File: A Social History of Germany and the Nazis, 1918-45 (Bonanza Books, 1979), p. 308.
4. Ibid., p. 165.
5. National Catholic Reporter, 29 de julho de 1994, p. 13.
6. Lewy, op. cit., pp. 272, 279.
7. Ibid., p. 16.
8. Peter Vierick, Meta-Politics: The Roots of the Nazi Mind (Alfred A. Knopf, Inc., 1941, 1961, edition), p. 319.
9. Durant, op. cit., Vol. IV, p. 727; ver também Martim Lutero, Von den Juden und ihren Lügen ("Sobre os Judeus e suas Mentiras"), Wittenberg, 1543.
10. Martim Gilbert, The Holocaust: A History of the Jews of Europe During the Second World War (Henry Holt and Company, Inc. 1985), pp. 19-22.
11. Ibid., p. 18.
12. Ibid., pp. 36-37.
13. Ibid., p. 41.
14. Ibid., p. 64.
15. Ibid.
16. Dos arquivos do *Yad Vashem*, conforme citado em Gilbert, op. cit., p. 65.
17. William L. Shirer, The Rise and Fall of the Third Reich (Fawcett Publications, Inc., 1959), pp. 580-87.
18. Citado por Rabino Yoel Schwartz e Rabino Yitzschak Goldstein, SHOAH: A Jewish Perspective on tragedy in the context of the Holocaust (Mesorah Publications, Ltd., 1990), p. 161.
19. Wiesel, op. cit., pp. 4-6.
20. The Christian News, 30 de janeiro de 1995, p. 16.
21. Ibid., p. 17.
22. Ibid., pp. 16-17; ver também o mesmo jornal, 6 de fevereiro de 1995, pp. 9-11.
23. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 28 de janeiro de 1995, p. 11.
24. Gilbert, op. cit., pp. 821-22.
25. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 28 de janeiro de 1995, p. 5.
26. Gilbert, op. cit., pp. 437-48.
27. Bend Bulletin, 30 de janeiro de 1995.
28. National Catholic Reporter, 29 de julho de 1994, p. 12.
29. *Jerusalem Post International* Edition, semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 13.

Capítulo 11 - O Islã e o Terrorismo

1. Abd-al-Masih, Wer Ist Allah im Islam? (Villach), p. 32, conforme citado por Elishua Davidson em Islam, Israel and the Last Days (Harvest House Publishers, 1991), p. 82.
2. *Times* [St. Petersburg, Florida], 13 de fevereiro de 1995, p. 3A.; Newsweek, 20 de fevereiro de 1995, pp. 36-38; *Time*, 20 de fevereiro de 1995, pp. 24-27.

3. USA Today, 10 de fevereiro de 1995, p. 2A.
4. *The Orange County Register*, 9 de janeiro de 1995, p. 8.
5. G. J. O. Moshay, Who Is This Allah? (Dorchester House Publications, 1994), p. 24.
6. The Bulletin (Bend, Oregon), texto da *Associated Press*, 6 de fevereiro de 1995, primeira página.
7. *The Orange County Register*, 9 de janeiro de 1995, p. 8.
8. Ibid.
9. The New York *Times*, 8 de fevereiro de 1995, pp. A1, A9.
10. Ibid.
11. The Bulletin (Bend, Oregon), texto da *Associated Press*, 6 de fevereiro de 1995, primeira página.
12. Lamb, op.cit., pp. 102-04.
13. National & *International Religious Report*, 26 de dezembro de 1994, p. 7.
14. *Time*, 4 de abril de 1988, p. 47.
15. Lamb, op.cit., pp. 214-17.
16. Ibid., pp. 102-104.
17. Ibid.
18. Ibid., p. 288.
19. Ibid., pp. 87-88.
20. *Time*, 6 de fevereiro de 1995, p. 34.
21. Ibid., pp. 32-33.
22. Sharek al-Awsat (um jornal saudita, publicado semanalmente em Londres), conforme citado pelo *Jerusalem Post International Edition*, semana terminada em 21 de janeiro de 1995, p. 3.
23. Lamb, op. cit., 85.
24. *Mishkat Masabith*, Vol. II, p. 253.
25. Ver especialmente *Mishkat al masabih* Sh. M. Ashraf (1990), pp. 147, 721, 810-11, 1130, etc.
26. Lamb, op.cit., 87-88.
27. Ibid., p. 92.
28. Ibid., p. x.
29. USA Today, 6 de fevereiro de 1991.
30. Nigerian Sunday Punch, 2 de janeiro de 1986.
31. Abd-al-Masih, op.cit., p. 32.
32. Lamb, op.cit., p. 71.
33. Charley Reese, "People Aren't that Different", em Brandon News & Shop-per, 4 de agosto de 1993, pp. 10A, 15A.
34. *The Orange County Register*, 3 de janeiro de 1995, p. 6.
35. *The Messianic Times*, inverno de 1995, p. 13.
36. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada em 26 de novembro de 1994, p. 13.
37. Ibid.
38. The Baptist Challenge, dezembro de 1994, p. 8.
39. Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 168-69. conforme citado pelo *Jerusalem Post International* Edition, semana terminada em 21 de janeiro de 1995, p.3.

40.*Associated Press*, 2 de fevereiro de 1991.
41.Robert Morey, The Islamic Invasion, (Harvest House Publishers,1992), pp. 26, 32.
42.Durant, op.cit., Vol.IV, p. 170.
43.Ibid., p. 188.

Capítulo 12 - A Bíblia ou o Corão?

1. Robert Morey, The Islamic Invasion: Confronting the World's Fastest Growing Religion (Harvest House Publishers, 1992), p. 132.
2. Ibid., pp. 125-27.
3. Encyclopedia Britannica, Vol. 13, p. 479.
4. Abdullah Mandudi, The Meaning of the Quran (Islamic Publications, Ltd., 1967), p. 17; Durant, op. cit., Vol. IV, pp. 164, 175, etc..
5. Durant, op. cit. Vol. IV, pp. 217-18.
6. Morey, op. cit., pp. 142-43.
7. Ali Dashti, 23 years: A Study of the Prophetic Carrer of Mahammad (London, 1985), p. 3.
8. Moshay, op. cit., p. 111.

Capítulo 13 - Alá ou Yahweh?

1. Austin Flannery, O.P., editor geral, Vatican Council II, The Conciliar and *Post* Conciliar Documents (Costello Publishing Company, 1988 Revised Edition), Vol. 1,p. 367).
2. A. Guillaume, The Life of Muhammad (Oxford University Press, 1955), pp. 66-68 como citado em Moshay, op. cit., p. 16.
3. Wiesel, op. cit., pp. 139-140.
4. Ibid., pp. 2-3.
5. Ibid., pp. x, xi.

Capítulo 14 - Altares, Templos e Uma Cruz

1. Austin Flannery, O.P., editor geral, Vatican Council II, The Conciliar and *Post* Conciliar Documents (Costello Publishing Company, 1988 Revised Edition), Vol.1,pp. 66,68.
2. *Time*, 6 de fevereiro de 1995, p. 46.
3. Moshay, op. cit., pp. 40-44.
4. UPLOOK, Novembro de 1994, p. 11.
5. Moshay, op. cit., pp. 24-25.
6. Ahmed Deedat, What is his Name? (Islamic Propagation Centre, Durban, 1986), p. 14.
7. Ibid., pp. 25-26.
8. Lamb, op. cit., p. 254.
9. The Catholic World Report, Fevereiro de 1995, p. 22.
10. Laura Rosen Cohen, "Death in the Family: Killing Women who bring 'shame' to their families remains a Mid-Eastern tradition", *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada em 10 de setembro de 1994, p. 14.
11. Moshay, op. cit., pp. 30-31.
12. National Catholic Reporter, 20 de janeiro de 1995, p. 5.

Capítulo 15 - Paz, Paz...

1. De uma propaganda de FLAME no *The Jerusalem Post International* Edition, Semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 23.
2. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 3.
3. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 11 de fevereiro de 1995, p.7.
4. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p. 8B.
5. U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, p. 84.
6. *International* Herald Tribune, 28 de outubro de 1994.
7. *The Jerusalem Post International Edition*, Semana terminada no dia 29 de abril de 1995, p. 7.
8. *Time*, 6 de fevereiro de 1995, pp. 32-33.
9. Shlomo Gazit, "Arafat's end of the bargain" (O lado de Arafat no acordo), em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 5 de novembro de 1994, p. 7.
10. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 25 de fevereiro de 1995, p. 2.
11. Dos artigos 19 e 20 do Acordo da Organização de Liberação da Palestina.
12. David Miller, Correspondente do NNI, "*Jewish Community in South America Fears Rising Wave of Persecution*" (Comunidade Judaica na América do Sul Teme Onda Crescente de Perseguição), em This Week In Bible Profecy Magazine (Revista Essa Semana na Profecia Bíblica), fevereiro de 1995, p. 20.
13. Do artigo 4 do Acordo da OLP.
14. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 12 de novembro de 1994, p. 23.
15. Ibid., de uma propaganda para a revista FLAME – Facts and Logic about the Middle East (Fatos e Lógica sobre o Oriente Médio), P.O. Box 590359, San Francisco, CA 94159.
16. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 3.
17. Uma propaganda "publicada e paga pela FLAME, Fatos e Lógica sobre o Oriente Médio, P.O. Box 590359, San Francisco, CA 94159" em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 12 de novembro de 1994, p. 23.
18. Ibid.
19. Ibid.
20. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 18 de fevereiro de 1995, p. 2.
21. Ibid.
22. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 3.
23. Ibid., p.9.
24. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 10 de dezembro de 1994, p. 10.
25. Ibid.
26. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 26 de novembro de 1994, p. 7.

27. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 13.
28. "The Iranian Threat" (A Ameaça Iraniana), em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 8.

Capítulo 16 - Um Cálice de Tontear

1. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 6.
2. Palestinian Refugees and the Right to Return (Refugiados Palestinos e o Direito de Retornar) - Autoridade Nacional Palestina, Publicação do Ministério de Informação Número 6, Março de 1995), pp. 4, 8, como citado em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p.6.
3. Ibid.
4. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 6. "PLO covenant: alive and snarling" (Pacto da OLP: vivo e rosnando), de Ze'ev Begin.
5. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 25 de março de 1995, p. 8A.
6. Da Declaração, assinada em Washington D.C. no dia 13 de setembro de 1993, por Shimon Peres pelo Governo de Israel e Mahmoud Abbas pela OLP e testemunhada por Warren Christopher dos Estados Unidos da América e Andrei Kozyrev pela Federação Russa, conforme citado em Shlomo Gazit-Zeev Eytan, Editado por Shlomo Gazit, The Middle East Military Balance 1993-94 [O Balanço Militar do Oriente Médio 1993-94] (Universidade de Tel Aviv, Centro Jaffee de Estudos Estratégicos, 1994), p. 43.
7. Estatísticas de Shlomo Gazit-Zeev Eytan, Editado por Shlomo Gazit, The Middle East Military Balance 1993-94 [O Balanço Militar do Oriente Médio 1993-94] (Universidade de Tel Aviv, Centro Jaffee de Estudos Estratégicos, 1994), pp. 482-87.
8. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 31 de dezembro de 1994, p. 22.
9. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 21 de janeiro de 1995, p. 1.
10. Shmuel Segev, "'New Middle East' is dead" (O 'Novo Oriente Médio' está Morto), *The Jerusalem Post*, *International* Edition, semana terminada no dia 28 de janeiro de 1995, p. 7.
11. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 2.
12. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p.9.
13. Steve Rodan, "Is it *Time* to worry about a nuclear Iran?" (Está na hora de se preocupar com um Irã nuclear?), em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 21 de janeiro de 1995, p. 16A.
14. Ibid.
15. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p.7.
16. Ibid.
17. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 25 de março de 1995, p. 3.

18. Editorial, "The Lebanon dead-end" (O beco sem saída no Líbano), em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 24 de dezembro de 1994, p. 8.
19. "The Iranian Threat" (A Ameaça Iraniana) em The *Jerusalem Post International* Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p.8.
20. Ibid.
21. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p.9.
22. The Evansville Courier, Domingo, 30 de outubro de 1994, p. A10.
23. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p.4.
24. Ibid., p. 7.
25. Artigo da *Associated Press* como relatado no St. Petersburg *Times*, 13 de Fevereiro de 1995, p. 2A.
26. The Bulletin (Bend, Oregon), 1 de abril de 1995, p. 1A.
27. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada em 14 de janeiro de 1995 p. 3.
28. Ibid., p. 13.
29. David Bar-Illan, "Peace Corps message of hate", em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 11 de março de 1995, p. 14.
30. Dr. J.S. Kaufman, Bloomfield, Michigan, "The Bosnian Lesson" (A Lição Bósnia) em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 31 de dezembro de 1994, p.22.
31. De uma propaganda da FLAME em *The Jerusalem Post International* Edition, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 23.

Capítulo 17 - Cristãos a Favor - e Contra - Israel

1. Rick Godwin, sermão de domingo à noite na Metro Church, Edmond, Oklahoma, 11 de abril de 1988; fita cassete "Rick Godwin No. 2."
2. Hyam Maccoby, The Myth-Maker, Paul and the Invention of Christianity (O Criador de Mitos, Paulo e a Invenção do Cristianismo). Harper & Row, 1986.
3. *Inside the Vatican* (Dentro do Vaticano), março de 1995, p. 7.
4. Peter de Rosa, Vicars of Christ: The Dark Side of the Papacy (Vigários de Cristo: O Lado Negro do Papado). Crown Publishers, 1988, pp. 175-76.
5. J.H. Ignaz von Dollinger, The Pope and the Council (O Papa e o Concílio). Londres, 1869, pp. 190-93.
6. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 17 de dezembro de 1994, p. 8B.
7. La Civilta, Vol. iii, 1862, p. 11.
8. Peter de Rosa, Vicars of Christ (Vigários de Cristo). Crown Publishers, Inc., 1988, pp. 194-95.
9. Carta arquivada datava de 28 de julho de 1991.
10. Earl Paulk, The Handwriting on the Wall (A Escrita na Parede), livreto auto-publicado pela Chapel Hill Harvester Church de Paulk, Decatur, GA 30034); ver pp. 17, 19-20.
11. Ibid.
12. David Chilton, Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation (Dominion Press, 1987), pp. 410, 443, 575.

13. End-*Times* News Digest, dezembro de 1987 (James McKeever Ministries Newsletter), p. 3.
14. Philip Mauro, The Hope of Israel (A Esperança de Israel). Grace Abounding Ministries, Inc., 1988, pp. 17.
15. Mauro, op. cit., p. 261.
16. R.B. Yerby, The Once and Future Israel (O Israel Passado e Futuro), Grace Abounding Ministries, Inc., 1988, pp. 96-97.
17. Ibid.,p. 117.
18. National & *International* Religion Report, 26 de dezembro de 1994, p.2.
19. *The Jerusalem Post International Edition*, 29 de outubro de 1994, pp. 1,10.
20. News from Israel, abril de 1995, p. 10.
21. J.H. Ignaz von Dollinger, op. cit., pp. 190-93.

Capítulo 18 - O Anticristo e o Templo Reconstruído

1. Los Angeles *Times*, 26 de dezembro de 1989, p. A13.
2. Lamb, op. cit., p. 226.
3. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 4.
4. Ibid., p. 11.
5. Ibid., p. 2,8,11.
6. Richard Kirby and Earl D.C. Brewer, "Temples of Tomorrow: Toward a United Religions Organization" (Templos de Amanhã: Em Direção a uma Organização das Religiões Unidas), em The Futurist, setembro e outubro de pp.26-28.
7. Chalcedon Report, julho de 1988, p. 1.
8. *Inside the Vatican*, outubro de 1993, p. 18.
9. Ibid., p. 4.
10. *Inside the Vatican*, dezembro de 1994, p. 14.
11. Flannery, op. cit., Vol.1, p. 740.
12. Moshay, op. cit., p. 25.
13. De uma entrevista com Gershon Salomon, 24 de junho de 1991, como relatado em Thomas Ice & Randall Price, Ready To Rebuild: The Imminent Plan to Rebuild the Last Days Temple (Prontos para Reconstruir: O Plano Eminente para Reconstruir o Templo dos Últimos Dias), Harvest House Pu- blishers, 1992, p. 121.
14. U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, p. 70.
15. Marmaduke Pickthall, The Meaning of The Glorious Koran: An explanatory translation (O Significado do Glorioso Corão: Uma tradução explicativa). Alfred A. Knopf, 1992, Anotações introdutórias no começo de Sura 17.
16. Spokesman Review, 17 de setembro de 1993, coluna "National Digest."
17. *Inside the Vatican*, dezembro de 1994, p. 19.
18. Editorial, Jewish Press, 2 de setembro de 1994.
19. Art Kunkin, Whole Life *Times*, agosto de 1979, "The Dalai Lama in Los Angeles: What Does Kalachakra Have To Do With World Peace?" (O Dalai Lama em Los Angeles: O Que Kalachakra Tem a Ver Com a Paz Mundial?), p. 8

Capítulo 19 - Onde Estão os Alienígenas?

1. GEO, fevereiro de 1982, "Geo conversation", uma entrevista com Dr. Robert Jastrow, p. 14.
2. John Gliedman, "Scientists in Search for God" (Cientistas à Procura de Deus) em Science Digest, julho de 1982, p. 78.
3. Sir John Eccles, com Daniel N. Robinson, The Wonder of Being Human - Our Brain & Our Mind (A Maravilha de Ser Humano - Nosso Cérebro e Nossa Mente). New Science Library, 1985, p. 54.
4. Sir Arthur Eddington, Science and the Unseen World (A Ciência e o Mundo Invisível). Macmillan, 1937, pp. 53,54.
5. Ken Wilbur, Quantum Questions: The Mystical Writings of the World's Great Physicists (Questões Quânticas: Os Documentos Místicos dos Maiores Físicos do Mundo). Shambhala Publications, 1984, p. 170.
6. Research in parapsychology 1972 (Pesquisa em Parapsicologia), discurso de banquete especial por Arthur Koestler, p. 203.
7. "An Interview with Hafez Assad" ("Uma Entrevista com Hafez Assad") em *Time*, 20 de outubro de 1986, pp. 56-57.
8. Cópia de carta em arquivo.
9. Cópia de memorando em arquivo.
10. Cópia de memorando em arquivo.
11. De uma entrevista pelo correspondente AP George Cornall, citado do *Times*-Advocate, Escondido, California, 10 de dezembro de 1982, pp. A-10-11.
12. Sir Arthur Eddington, The Nature of the Physical World (A Natureza do Mundo Físico). MacMillan, . 345.
13. Erwin Schroedinger, citado em Wilbur, Quantum Questions (Questões Quânticas), pp. 81-83.
14. Harpers, fevereiro de 1985, pp. 49-50.
15. Douglas Dewar and L.M. Davies, "Science and the BBC" ("Ciência e a BBC"), em The Nineteenth Century and After, abril de 1943, p. 167.

Capítulo 20 - Traição e Armagedom!

1. U.S. News & World Report, 10 de abril de 1995, p. 14.
2. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 12.
3. *Associated Press*, 23 de janeiro de 1995, como relatado em The Bulletin, 23 de janeiro de 1995, primeira página.
4. Ibid.
5. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 24 de janeiro de 1995, p. 3.
6. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 1 de abril de 1995, p. 8.
7. Shomo Gazit – Zeev Eytan, editado por Shlomo Gazit, The Middle Esat Military Balance [O Equilíbrio Militar do Oriente Médio] (Universidade de Tel Aviv, 1994), p. 153.
8. Ibid., pp. 150-51.
9. Inside The Vatican, março de 1995, pp. 8-10.
10. Ibid., p. 11.
11. The Washington Post, 26 de outubro de 1994, p. A26.

12.News From Israel, abril de 1995, pp. 6,9.
13.*Time*, 24 de fevereiro de 1992, pp. 28-35.
14.The Catholic World Report, março de 1994, p. 23.
15.Ibid.
16.New York *Times*, 15 de abril de 1993.
17.San José Mercury News, 17 de abril de 1993.
18.San José Mercury News, 16 de abril de 1993.
19.Gerald-Suster, Hitler: The Occult Messiah [Hitler: O Messias Oculto] (New York, 1981), pp. 100, 107.
20.Jean-Michel Angebert, The Occult and the Third Reich [O Ocultismo e o Terceiro Reich] (New York, 1974), p. 20.
21.*Time*, 11 de julho de 1994, p. 41.
22.*Time*, 21 de novembro de 1994, pp. 82-83.
23.*The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 14 de janeiro de 1995, p. 9.
24.Ibid.
25.Ibid.

Capítulo 21 - "Todo o Israel Será Salvo"

1. Newsweek, 12 de dezembro de 1994, p. 54.
2. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 4 de março de 1995, p. 6, Shmuel Katz, "Answers blowing in the ill wind."
3. St. Petersburg *Times*, 13 de fevereiro de 1995, p. 2A.
4. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 4 de março de 1995, p. 24.
5. Alon Liel, "Killer today, oficial tomorrow" ("Assassino hoje, oficial amanhã"). *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 4 de março de 1995, p. 7.
6. The Catholic World Report, abril de 1995, pp. 41-43.
7. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 3 de setembro de 1994, p. 6, Uri Dan e Dennis Eisenberg, "Syria offered Carlos' head for the Golan" (A Síria ofereceu a cabeça de Carlos em troca do Golã).
8. Our Sunday Visitor, 7 de setembro de 1993, pp. 6-7.
9. Parade Magazine, 9 de abril de 1995, p. 8.
10.U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, pp. 62-71.
11.Ibid., p. 67.
12.Ibid., p. 62; Bend Bulletin, 11 de dezembro de 1994, p. 2.
13.Los Angeles *Times*, 20 de abril de 1993, p. A17.
14.Editorial, "Mainstreaming Madmen", em Israel My Glory, Junho/Julho de 1994, p. 4.
15.U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, pp. 62-71.
16.Ibid.
17.Ibid.

Capítulo 22 - A Nova Jerusalém

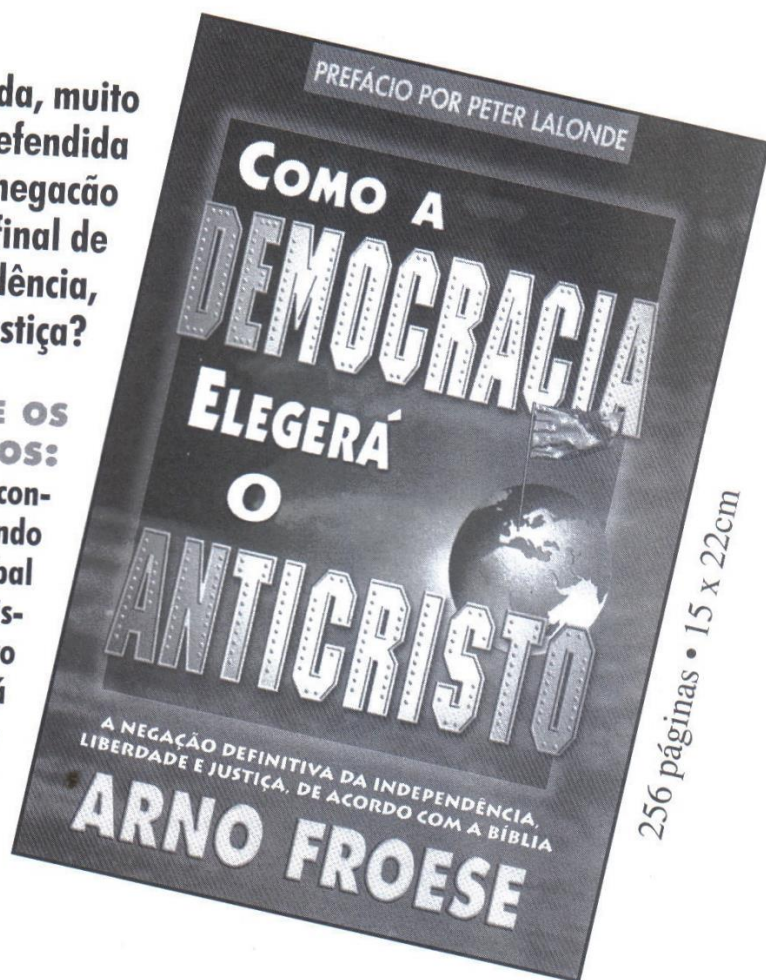
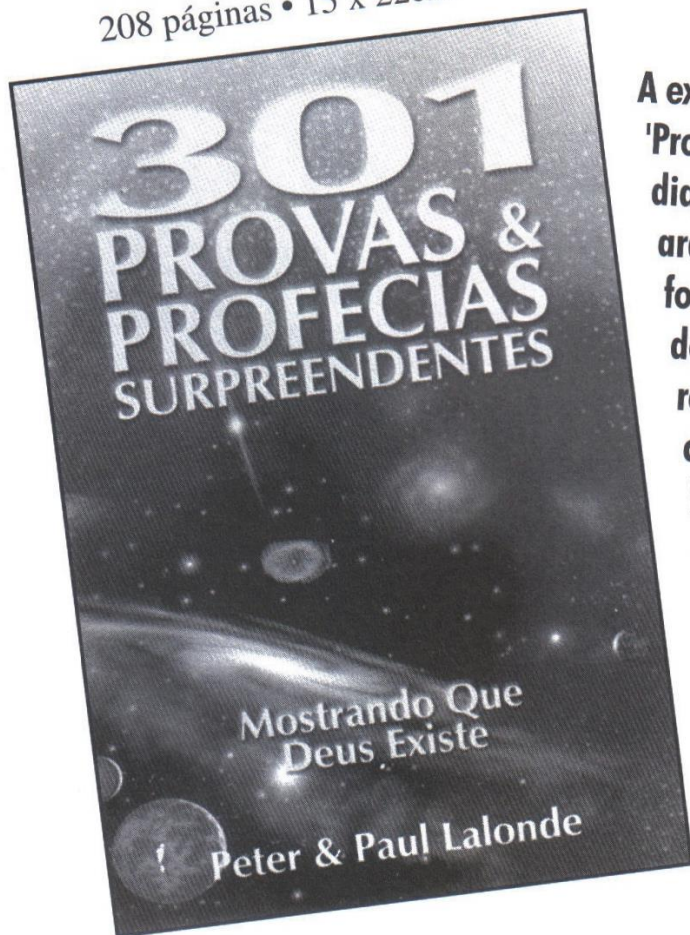
1. U.S. News & World Report, 19 de dezembro de 1994, p. 64.

2. Houston Chronicle, 24 de fevereiro de 1995, como relatado em The Christian News, 17 de abril de 1995, p.2.
3. The Bulletin (Bend, Oregon), 25 de abril, 1995, p. A-2.
4. Ibid., 28 de abril de 1995, p. A-2.
5. "Ofek-3 in orbit, 'Can read license plates in Baghdad'" ("Ofek-3 em órbita, 'Pode ler placas de carro em Bagdá'") em *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 15 de abril de 1995, p. 1.
6. *The Jerusalem Post International Edition*, semana terminada no dia 15 de abril de 1995, p.2.
7. Ibid., p.3.
8. Editorial, "Nuclear terroristis" ("Terroristas nucleares"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 27 de agosto de 1994.
9. *Time*, 28 de agosto de 1994, p. 47.
10. *The Orange County Register*, 5 de setembro de 1992.
11. Ibid.
12. Editorial, "The peace of the naive" ("A paz dos ingênuos"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 3 de setembro de 1994, p. 8.
13. Paul Horgan, Rome Eternal [Roma Eterna] (Nova Iorque, 1959).
14. The Orange County Register, 30 de setembro de 1993, p. NEWS 24.
15. Da "Afirmação sobre Jerusalém" adotada pelo Concílio Central do Conselho Mundial de Igrejas na sua reunião entre 14 e 22 de agosto de 1980, parágrafos 1 e 2.
16. Ibid., seções 3-6.
17. Editorial, "The emerging police state" ("O surgimento de um estado policial") em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 3 de setembro de 1994, p. 8.
18. "Gaza Police Chief: We Don't shoot at Hamas" ("Chefe de Polícia de Gaza: Nós Não atiramos no Hamas"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 27 de agosto de 1994.
19. Ze'ev B. Begin, "A vital reassessment" ("Uma reconsideração vital"), em The Jerusalem Post International Edition, semana terminada no dia 8 de abril de 1995, p. 6.
20. Praise the Lord (Deus seja Louvado), Trinity Broadcasting Network Newsletter, agosto de 1994.
21. Ibid.
22. The Good Olive Tree, setembro/outubro de 1994, p. 17

É possível que a nossa amada, muito decantada e tão defendida Democracia conduzirá à negacão final de independência, liberdade e justiça?

CONSIDERE OS SEGUINTES FATOS:

- A Democracia é agora a líder inconteste em todo o mundo
- Já existe uma economia global
- A comunicação instantânea está disponível para o planeta inteiro
- Uma religião mundial está apenas a um passo de existir

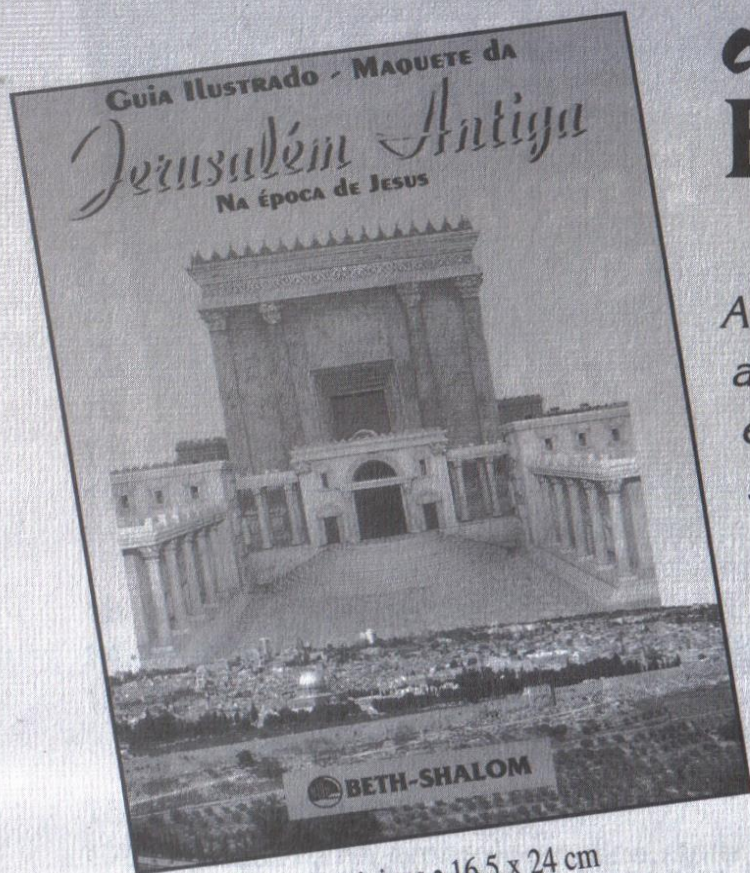
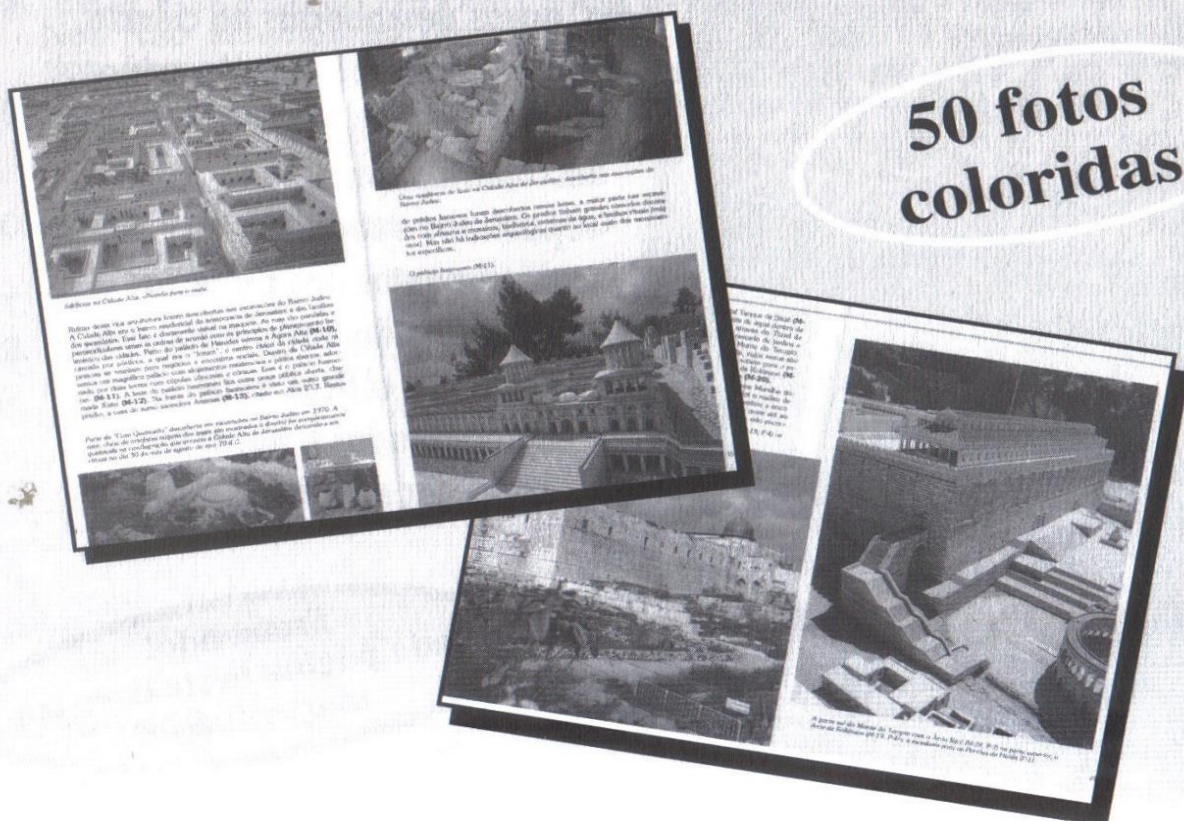
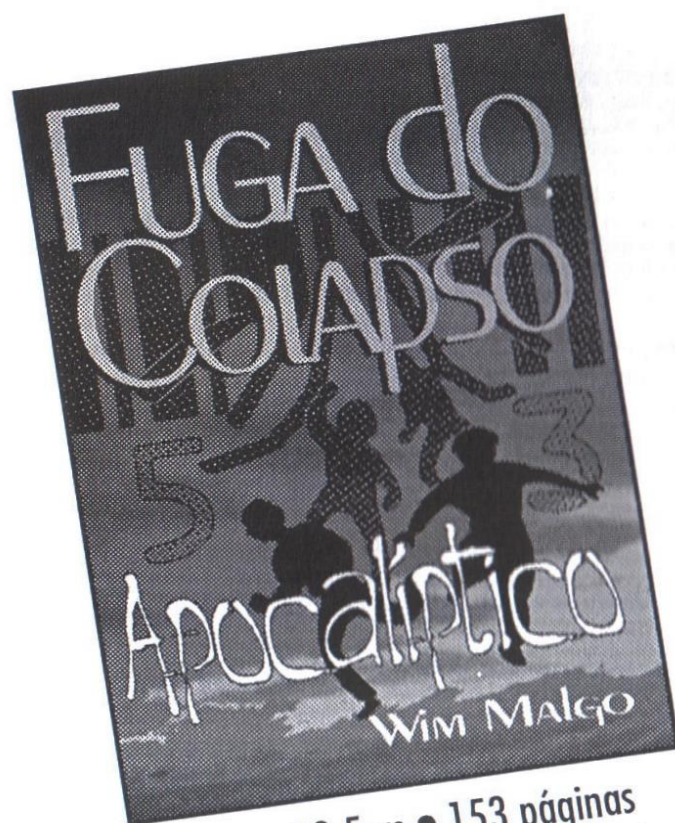
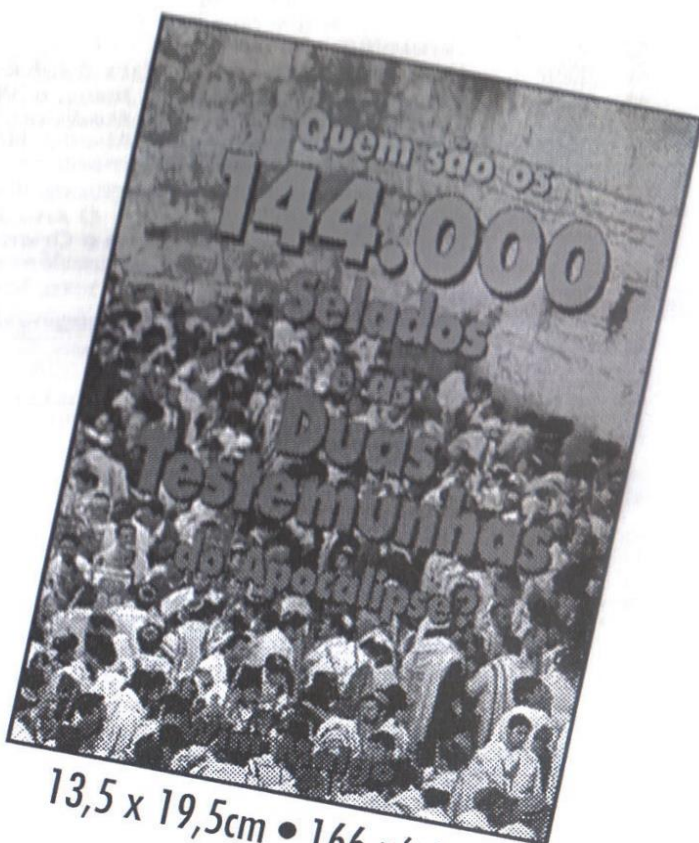
256 páginas • 15 x 22cm

208 páginas • 15 x 22cm

A exigência de todo cético é: 'Prove-me que Deus existe'. Hoje em dia, novas descobertas na ciência, arqueologia e astronomia estão fornecendo essa prova. Aliás, essas descobertas combinadas com os repentinos e rápidos cumprimentos das profecias bíblicas estão desafiando até mesmo os céticos mais determinados a parar e repensar as coisas.

Tremendo!
Cada página neste livro irá maravilhá-lo!

Conheça Israel

com a Beth-Shalom

32 páginas • 16,5 x 24 cm

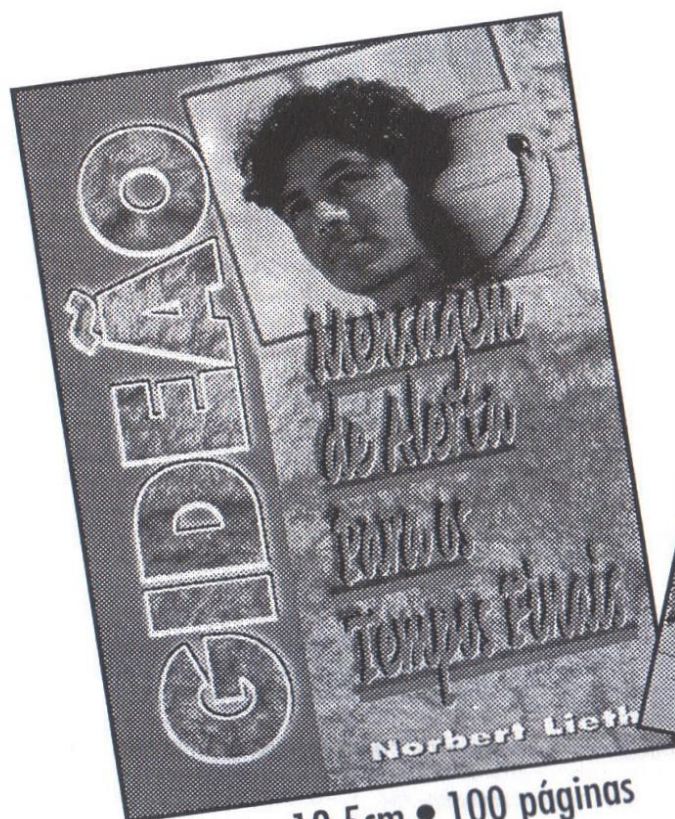
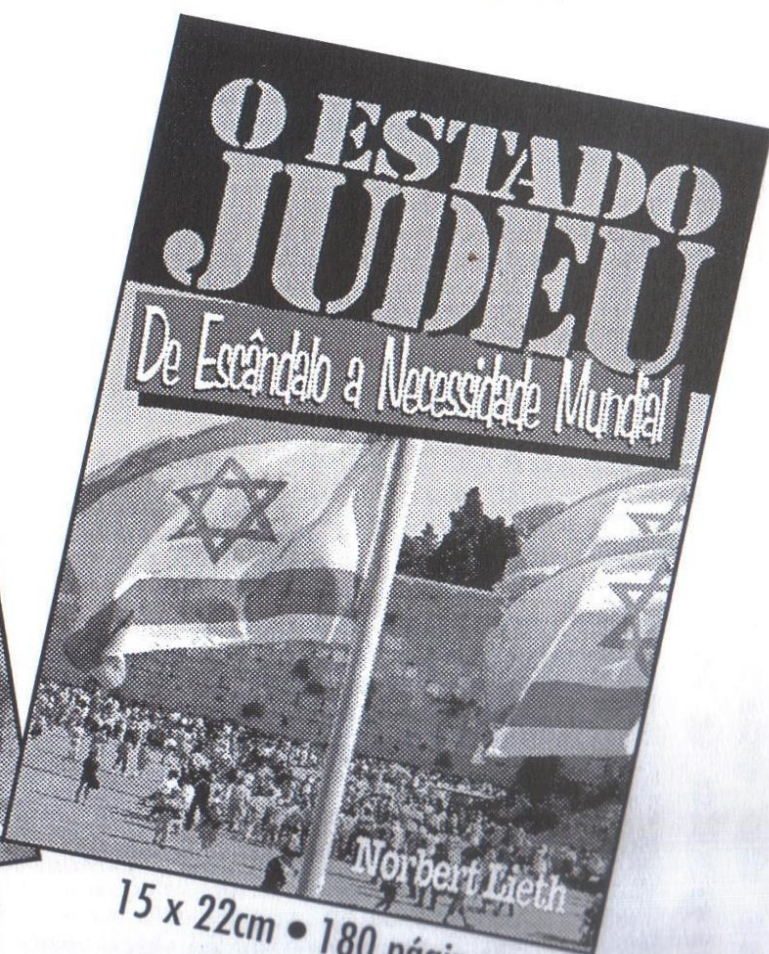
A maquete da Jerusalém antiga permite que se estude a cidade de Jerusalém, a sua topografia e arquitetura, e imagine a vida na cidade no período do Segundo Templo.

50 fotos coloridas

13,5 x 19,5cm • 153 páginas

13,5 x 19,5cm • 166 páginas

Gideão
Mensagem de Alerta para os Tempos Finais
Norbert Lieth

13,5 x 19,5cm • 100 páginas

O Estado Judeu
De Escândalo a Necessidade Mundial
Norbert Lieth

15 x 22cm • 180 páginas

Meios de comunicação bíblicos num tempo agitado e instável - mostrando a resposta e realidade de Deus para o mundo de hoje!

• Livros e Livretes

De autoria de Dave Hunt:

A Sedução do Cristianismo (272 páginas) · **Escapando da Sedução** (308 páginas)
Quanto Tempo Nos Resta? (320 páginas) · **Hitler, o Quase Anticristo** (88 páginas)
Jerusalém Um Cálice de Tontear (436 páginas)

De autoria de John Ankerberg e John Weldon:

Série "Os Fatos Sobre..." Jesus, o Messias, Maçonaria, Evolução e Criação, Saúde Holística e a Nova Medicina, Psicologia, Anjos, OVNIs, Nova Era, Espíritos-Guias, Movimento da Fé, Aborto, Homossexualidade, Catolicismo Romano, Vida Após a Morte, Astrologia e Mormonismo (80-112 páginas)

De autoria de Thomas Ice e Timothy Demy:

Série "A Verdade Sobre..." O Ano 2000 e as Previsões da Volta de Cristo, Os Sinais dos Tempos, Armagedom e o Oriente Médio, O Anticristo e o Seu Reino, O Templo dos Últimos Dias, O Milênio, Jerusalém na Profecia Bíblica (80 páginas)

De autoria de Thomas Ice e Robert Dean Jr:

Triunfando na Batalha (224 páginas)

De autoria de Charles C. Ryrie

Vem Depressa, Senhor Jesus (128 páginas)

De autoria de Hal Lindsey

O Messias, Esperança Para o Futuro (180 páginas)

De autoria de J. Dwight Pentecost

Manual de Escatologia (624 páginas)

De autoria de Wim Malgo:

Pérolas Diárias (384 páginas)
Fuga do Colapso Apocalíptico (152 páginas) · **A Iluminação do Coração** (128 páginas)
Quem São os 144.000 Selados e as Duas Testemunhas do Apocalipse? (168 páginas)
O Poder do Sangue (112 páginas) · **A Fidelidade das Profecias** (96 páginas)
Jesus nos Cinco Sacrifícios do Antigo Testamento (48 páginas)
Vem a Manhã, e Também a Noite (88 páginas)
Apocalipse de Jesus Cristo - Um comentário para a nossa época
Vol. I – cap. 1-5 (128 pgs.) – Vol. II – cap. 6-11 (116 pgs.) – Vol. III – cap. 11-17 (152 pgs.)
Vol. IV – cap. 18-22 (144 pgs.)
Oração e Despertamento (112 páginas)
Medo, Problemas, Depressões, Desespero – Para Onde Ir Com Isso? (88 páginas)
Chamado a Orar (128 páginas) · **Na Fronteira Entre Dois Mundos** (76 páginas)
Esperança na Depressão (32 páginas) · **Como Devo Educar os Meus Filhos?** (24 páginas)
Deus Ainda Cura Enfermos Atualmente? (40 páginas)
A Espada do Senhor (48 páginas) · **Decisão Inevitável** (32 páginas)
O Arrebatamento – O Que É E Quando Acontecerá? (32 páginas)
Sete Características de um Verdadeiro Cristão (40 páginas)
Vitória na Provação (24 páginas) · **Jesus Continua Sendo Maior** (24 páginas)

De autoria de Norbert Lieth:

Conheça Jesus – Único, Incomparável, Maravilhoso (80 páginas)
A Esperança do Arrebatamento (138 páginas)
365x Jesus Voltará (208 páginas)
Gideão - Mensagem de Alerta Para os Tempos Finais (98 páginas)
A Última Mensagem de Jesus à Sua Igreja (104 páginas)
O Estado Judeu - De Escândalo a Necessidade Mundial (144 páginas)
O Futuro do Cristão (190 pág.) · **Parábolas Proféticas** (120 páginas)
Jonas - Mensagem Profética Para as Nações Israel e a Igreja (80 páginas)
Rute - À Luz do Plano de Salvação (80 páginas)

De autoria de Marcel Malgo:

Confiança no Deus Todo-Poderoso (104 páginas)

De autoria de Gertrud Wasserzug, Ph. D., D. D.:

Auxílio para o Estudo Bíblico – 1 Tessalonicenses (48 páginas)
O Significado dos Dez Mandamentos Para o Homem de Hoje (72 páginas)

De autoria de Samuel F. Magalhães Costa:

A Nova Era (200 páginas)
Os Anos Obscuros da Mocidade de Jesus Cristo (140 páginas)

De autoria de outros autores:

O Último Herói do Titanic (176 pág.) · **Como a Democracia Elegerá o Anticristo** (250 pág.)
301 Provas & Profecias Surpreendentes Mostrando que Deus Existe (208 pág.)

• Bíblias de Estudo

• Editamos ainda:

O Calendário de Israel (anualmente 7 belas fotos típicas coloridas e grandes)
Guia Ilustrado - Qumran, Os Rolos do Mar Morto (18 páginas)
Guia Ilustrado - Maquete da Jerusalém Antiga (32 páginas)
A Casa de Ouro (52 páginas)
Blocos de carta com fotos coloridas de Israel
Os Mais Belos Salmos com maravilhosas fotos da Terra Santa (96 páginas)
CD's "Jerusalem Israeli Folk", "Hevenu Shalom Alechem", "Songs from Israel", "Shalu Shalom Yerushalaim", "Pianíssimo", "Momentos de Harmonia", "Sob Suas Asas" e "Tears of Joy"
Posters "Os Dois Caminhos", "O Muro das Lamentações", "Bandeiras diante do Muro das Lamentações", "Humanidade, donde vens - para onde vais?"

Adquira-os em sua livraria evangélica, ou através de Reembolso Postal!

Escreva-nos se você tiver perguntas de natureza espiritual, **se quiser** saber mais sobre a salvação em Cristo Jesus, **desejar** exemplares de amostra das nossas publicações mensais, **ou fazer um** curso bíblico por correspondência (grátis).

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite
Caixa Postal, 1688 - 90001-970 PORTO ALEGRE RS - Brasil
Fone: (51) 3241-5050 · Fax: (51) 3249-7385
mail@chamada.com.br · www.chamada.com.br

JERUSALÉM

Um Cálice de Tontear

Está sendo montado o palco para o Grande Final?

As profecias dizem que Jerusalém, espantosamente mencionada em torno de 800 vezes na Bíblia, desempenhará um papel fundamental no destino do mundo. Grande número de profecias bíblicas a respeito de Jerusalém já se realizou, como acontecerá com aquelas que ainda estão por se cumprir.

A história mais assombrosa de Jerusalém ainda está por ser escrita. O rápido desenrolar dos eventos no Oriente Médio aponta quase diariamente em direção ao Grande Final – o tempo de maior sofrimento para o povo judeu em todo o mundo, que terá seu clímax na terrível batalha do Armagedom e no retorno glorioso do Messias que resgatará Israel e reinará sobre o mundo a partir do trono restabelecido de Davi em Jerusalém.

Em ***Jerusalém – Um Cálice de Tontear***, o expert em profecias Dave Hunt mostra...

- porque o "processo de paz" só pode levar à destruição
- porque é impossível para esta cidade conhecer a paz em nosso tempo
- como o Anticristo irá liderar os exércitos do mundo numa tentativa de destruir Israel
- a verdade sobre as traiçoeiras intenções do Vaticano
- uma visão antecipada da Nova Jerusalém

Descubra excitantes revelações sobre o que acontecerá nos dias que virão!

Dave Hunt começou a escrever em tempo integral após trabalhar por 20 anos como consultor em Administração e na direção de várias empresas. Ele escreveu mais de 20 livros com vendas totais de mais de 3.000.000 de exemplares. Dave Hunt faz muitas conferências nos EUA e em outros países, sendo também freqüentemente entrevistado no rádio e na televisão por causa das suas profundas pesquisas e da sua experiência em áreas como misticismo oriental, fenômenos psíquicos, seitas e ocultismo. Seus livros já publicados em português são: *A Sedução do Cristianismo*, *Escapando da Sedução*, *Hitler, o Quase-Anticristo* e *Quanto Tempo Nos Resta?*

Fone: (51) 241.5050 • Fax: (51) 249.7385
www.chamada.com.br • mail@chamada.com.br
Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL